

**Carta Arqueológica do Concelho de Estremoz: da época romana à  
época moderna**

**Maria Rita Xarepe Laranjo**

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia**

**Abril, 2014**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Doutora Catarina Tente



*À minha Família*



## Agradecimentos

A realização desta dissertação marca o fim de uma importante etapa da minha vida. A sua realização e concretização só foram possíveis graças ao contributo de um conjunto fundamental de pessoas, que ao longo de todo o processo de investigação e elaboração desta tese, me ajudaram com o seu incentivo, apoio, tempo e sabedoria, e a quem naturalmente devo uma sincera palavra de reconhecimento e agradecimento.

Em primeiro lugar, à minha orientadora, a professora Dr.<sup>a</sup> Catarina Tente, não só pelo facto de ter aceite, desde o início, o desafio de orientar este trabalho, mas também pela disponibilidade, paciência, confiança e encorajamento ao longo de todo este processo.

Um obrigado muito especial aos meus colegas de mestrado e amigos que me acompanharam desde sempre nesta "caminhada", nomeadamente, ao Márcio Beatriz, ao Edgar Matos e à Adriana Bento, que me ajudaram em algumas prospeções arqueológicas que realizei. Ao Márcio e ao Edgar, quero agradecer também o apoio moral, a amizade, o companheirismo, a paciência, as sugestões, os ensinamentos e a ajuda técnica, mas especialmente o incentivo e empenho que me deram ao longo deste tempo, nos momentos mais desmoralizantes e de mais dificuldade.

Ao Duarte Freire, a quem agradeço o apoio a nível fotográfico e o facto de ter estado comigo em tudo desde o início, cujo apoio foi incondicional, mas sem dúvida o que mais sofreu com a falta dos momentos de lazer, mas que sempre me acompanhou entusiasticamente em todas as situações, mesmo nos momentos mais difíceis e me incentivou do início ao fim.

À Tânia Costa, agradeço o apoio, a paciência e a amizade; à Lídia Cortes, devo uma palavra especial de agradecimento pelas "aulas" de Excel e pela sua amizade; à Catarina Bolila, agradeço os desenhos dos materiais arqueológicos; ao Filipe Fonseca pelo resumo em inglês.

Cumprimento também agradecer à Câmara Municipal de Estremoz, a todos os funcionários dos diferentes departamentos desta instituição com quem tive oportunidade de privar e que me ajudaram e facultaram importantes informações. A todos os habitantes do concelho de Estremoz que me ajudaram na identificação e relocalização

de muitos dos sítios arqueológicos, especialmente à família Vieira do Vale de Infante, pela preciosa ajuda, na identificação dos Eremitérios da Serra d'Ossa.

Por último, um agradecimento muito especial aos meus pais, ao meu irmão e aos meus avós, a quem dedico este trabalho. Quaisquer que sejam as palavras de agradecimento que possa usar para lhes expressar a minha gratidão serão insignificantes, comparadas com grandeza da sua confiança e apoio incansável.

A todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a concretização do atual trabalho de investigação, aqui expresso o meu sincero muito obrigada.

# **Carta Arqueológica do Concelho de Estremoz: da Época Romana à Época Moderna**

**Maria Rita Xarepe Laranjo**

## **Resumo**

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia, Prospecção arqueológica, Toponímia, Alto-Alentejo, Património arqueológico, Inventário.

A presente dissertação constitui-se como uma proposta de carta arqueológica do concelho de Estremoz nas Épocas Romana, Medieval e Moderna, na qual se aborda igualmente uma análise sobre ao território e respetivo povoamento.

Este projeto teve em vista a compilação e revisão da informação sobre o património já conhecida e publicada, bem como a identificação/relocalização e caracterização de novos sítios arqueológicos.

O trabalho de investigação desenvolvido assentou fundamentalmente na investigação arqueológica, através de trabalhos de prospecção de superfície. O inventário aqui proposto é o resultado de uma investigação prévia em função das referências documentais, bibliográficas e toponímicas que indiciavam a presença de eventuais vestígios arqueológicos.

A investigação desenvolvida no âmbito deste trabalho académico permitiu identificar um número bastante significativo de sítios arqueológicos novos e relocalizar outros já conhecidos. Esta base informativa permitiu a sistematização e o aprofundamento do conhecimento do património arqueológico deste concelho, o que possibilita uma melhor preservação, salvaguarda, promoção e valorização do mesmo. Simultaneamente, divulga-se desta forma o conhecimento adquirido e que serve quer aos investigadores quer ao público não especializado.

## **Abstract**

**KEYWORDS:** Keywords : Archaeology, Archaeological Prospection, Toponymy, Upper-Alentejo, Archaeological Heritage, Inventory.

The present dissertation constitutes itself as an archaeological mapping of the Estremoz municipality in the Roman, Medieval and Modern Ages, considering also an analysis on the territory and its settlements .

This project aims at compiling and reviewing the information about the known and published heritage, as well as the identification/re location and characterization of new archaeological sites.

The identification work developed was founded mainly on archeological investigation, through surface prospection survey. The inventory here presented results from the investigation from documented sources, bibliographical and toponymical references that indicated possible archeological vestiges.

The researched carried out within the framework of this academic essay allowed to identify a rather large number of new archeological sites and to relocate others already known. Grounded with this informative base it allowed for a systematic and a further development of the known archeological heritage of the municipality, allowing for a better preservation, safeguarding, promotion and valorization. While simultaneously, publishing the acquired knowledge so that it may benefit both investigators and the general public.

# ÍNDICE

<b>PARTE I. Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>1.1. Apresentação.....</b>	<b>3</b>
<b>1.2. Justificação do tema e objetivos.....</b>	<b>4</b>
<b>PARTE II. Metodologia .....</b>	<b>7</b>
<b>2.1. Trabalho de campo e tratamento de dados.....</b>	<b>9</b>
2.1.1. Condicionantes à execução dos trabalhos de campo.....	17
<b>2.2. Critérios para um inventário.....</b>	<b>20</b>
<b>PARTE III. O Tempo, a Terra e o Homem.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1. Quadro físico.....</b>	<b>25</b>
3.1.1. Território, hidrografia, geologia, orografia e clima.....	25
<b>3.2. Quadro ambiental.....</b>	<b>32</b>
3.2.1. Paisagem vegetal e recursos faunísticos.....	32
<b>PARTE IV. Lugares de Estremoz .....</b>	<b>35</b>
<b>4.1. História da investigação arqueológica.....</b>	<b>37</b>
<b>PARTE V. Resultados: os dados da arqueologia.....</b>	<b>49</b>
<b>PARTE VI. Compreender o passado: o povoamento em terras Estremocenses....</b>	<b>59</b>
<b>6.1. A Época Romana.....</b>	<b>62</b>
6.1.1. Povoamento tardo-romano .....	71
<b>6.2. A Idade Média.....</b>	<b>74</b>
6.2.1. O povoamento Alto-Medieval .....	74
6.2.2. Época Medieval Muçulmana.....	77
6.2.3. O povoamento Baixo-Medieval.....	78
6.2.3.1 O final da Idade Média: comunidades eremíticas .....	84

<b>6.3. A Época Moderna.....</b>	<b>89</b>
6.3.1 Edifícios Religiosos .....	93
6.3.2 Edifícios Urbanos/ Edifícios Rurais .....	96
6.3.3 Engenhos rurais .....	97
6.3.3.1. Moinhos de água (rodízio) e azenhas .....	97
6.3.3.2 Moinhos de vento .....	102

<b>PARTE VII. Considerações Finais.....</b>	<b>107</b>
---	------------

<b>Bibliografia .....</b>	<b>115</b>
---------------------------	------------

#### **Anexos**

##### **I. Modelos de fichas de registo**

##### **II. Catálogo de sítios**

##### **III. Cartografia**

##### **IV. Documentação gráfica e fotográfica**

## **Lista de Abreviaturas**

A.M.E - Arquivo Municipal de Estremoz

CMP - Carta Militar de Portugal

CNS - Código Nacional de Sítio

EN- Estrada Nacional

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

IHRU - Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

IPMA - Instituto Português do Mar e da Atmosfera

KM - Quilómetro

M- Metros

N.º IPA - Número do Inventário do Património Arquitectónico

PDM - Plano Diretor Municipal

PNTA - Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos

SIG - Sistemas de Informação Geográfica

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

WGS84 - World Geodetic System 1984



**PARTE I.**  
**Introdução**



## 1.1 Apresentação

A presente dissertação encontra-se organizada em oito partes distintas. Esta primeira, corresponde ao capítulo introdutório, na qual se trata a sua organização, ou como se encontra estruturada, e se definem os objetivos que tiveram na base do seu desenvolvimento. No segundo capítulo são enumeradas e explicadas todas as questões metodológicas que serviam de orientação no que diz respeito à prospeção arqueológica efetuada, à análise toponímica e à pesquisa documental, bem como todas as problemáticas a elas inerentes. Por último abordam-se todos os pontos que caracterizam o inventário e as respetivas fichas de sítio.

A Parte III, diz respeito ao território e encontra-se subdividida em duas partes: uma refere-se às condições geomorfológicas, hidrográficas, geológicas, orográficas e climáticas e na segunda parte é feita uma descrição dos dados sobre a paisagem vegetal e os recursos faunísticos do concelho.

Na Parte IV, inicia-se a abordagem ao tema com o habitual estado da arte, passando em revista a investigação arqueológica já realizada para o espaço de Estremoz.

A parte do desenvolvimento, quinto capítulo, diz respeito aos dados da arqueologia. Neste capítulo são apresentados todos os resultados obtidos com esta investigação. Na Parte VI, é feita uma leitura/análise sobre o povoamento entre as épocas romana e moderna, na tentativa de construir uma imagem daqueles que povoaram o espaço do concelho de Estremoz. As conclusões constituem o sétimo capítulo.

Após as conclusões seguem-se as referências bibliográficas mencionadas ao longo dos capítulos anteriores. O trabalho é finalizado pelos anexos, organizados em quatro partes: o anexo I reúne todos os modelos de fichas de registo; no anexo II, elaborou-se um inventário de todos os sítios arqueológicos conhecidos desde a época romana até à moderna no concelho de Estremoz, onde se apresentam informações relativas à localização geográfica e administrativa de cada sítio, bem como se descrevem as suas características genéricas, apresentando-se igualmente as referências bibliográficas associadas; o anexo III reúne toda a informação cartográfica e o anexo IV, toda a informação gráfica e fotográfica.

## 1.2 Justificação do tema e objetivos

O concelho de Estremoz não possui até ao momento, um documento-síntese do património arqueológico, que permita dar uma leitura geral da ocupação humana do território. A ausência deste documento dificulta qualquer que seja o processo de controlo territorial de sítios, no sentido de se tomarem medidas que minimizem eventuais impactos negativos sobre o património concelhio.

Este trabalho resulta da crescente necessidade de se criar uma ferramenta sólida que contribuísse para o conhecimento e divulgação, proteção e gestão do património histórico e arqueológico do concelho de Estremoz.

A escolha da atual área do concelho de Estremoz, para tema desta dissertação deveu-se a várias circunstâncias. Em primeiro lugar, pelo facto de Estremoz ser a minha terra natal, que determinou em muito a minha opção por este espaço, visto que pretendia realizar prospeções arqueológicas com alguma frequência no concelho. Em segundo lugar, pelo particular gosto pela zona envolvente, e pelo fascínio e curiosidade pela História deste concelho, ainda tão pouco aprofundada, apesar de bastante importante, e pelo facto de existirem alguns, mas poucos, estudos sobre esta região em particular.

O investimento no conhecimento arqueológico no concelho de Estremoz tem sido por norma bastante reduzido. Praticamente, desde as intervenções arqueológicas da iniciativa do Museu Etnográfico Português (atual Museu Nacional de Arqueologia), na *villa* de Santa Vitória do Ameixial e no conjunto funerário de Silveirona, que não se desenvolveram "grandes" projetos de investigação<sup>1</sup>. Estes dois momentos que poderiam funcionar como "ponte" para um melhor conhecimento do passado deste território, acabaram por não deixar quaisquer frutos à época. Enquanto outros concelhos assistiam à realização de escavações arqueológicas, recuperando do esquecimento materiais e estruturas, em alguns casos devidamente expostas em museus e coleções, Estremoz acomodava-se ao vazio, no que diz respeito ao conhecimento do passado.

---

<sup>1</sup> O projeto de intervenção arqueológica na *villa* de Santa Vitória do Ameixial iniciou-se em 1915/1916 e a escavação do complexo funerário da Silveirona em 1934.

Só mais recentemente e ainda muito timidamente, arqueólogos integrados em empresas/equipas de estudos de impacto ambiental ou a título particular têm contribuído com novos dados sobre o património arqueológico deste concelho<sup>2</sup>.

Assim, reconhecendo a importância do passado histórico no território referente ao Município de Estremoz, do seu potencial e valor patrimonial, o principal objetivo desta dissertação consiste na elaboração de um inventário, mantido sob forma de carta que compare os valores arqueológicos das épocas históricas. A escolha desta baliza cronológica entre a época romana e o século XVIII, deveu-se ao facto da investigadora ter uma maior aptidão nos trabalhos de prospeção, para a identificação de vestígios e estruturas enquadráveis nestas épocas. Ao englobarmos a Época Moderna neste documento, não será de estranhar a inclusão de edifícios de carácter religioso que apesar de ainda se manterem abertos ao culto e da sua reconstrução não corresponder com fidelidade aos seus aspetos arquitetónicos de origem, todavia preservam o seu valor patrimonial. Foram igualmente incluídos no inventário elementos, cuja cronologia é indeterminada.

Pretendeu-se reunir todos os dados já existentes e, simultaneamente, com a realização de prospeção arqueológica, identificar novos sítios de interesse arqueológico que pudessem acrescentar mais algum conhecimento sobre o património do concelho de Estremoz.

Para cumprir tal propósito, outros objetivos secundários foram definidos:

1. contribuir com um documento que garantisse a salvaguarda, a valorização e a divulgação do património do concelho;
2. obtenção de dados que permitam fazer uma análise do modelo de ocupação e de povoamento do território de Estremoz;
3. integração do património arqueológico no Plano Diretor Municipal (em revisão).

---

<sup>2</sup> A título de exemplo: Mélanie Cunha (2004), na sua tese de Mestrado, recupera do esquecimento algum do espólio que se encontrava nos acervos do Museu Nacional de Arqueologia, provenientes dos dois conjuntos funerários, escavados no sítio da Silveirona; André Carneiro (2011), na sua tese de Doutoramento faz uma análise do povoamento rural em época romana para o concelho de Estremoz, dando a conhecer novos sítios.

O documento aqui elaborado "Carta Arqueológica do concelho de Estremoz", não será de todo, interpretado como algo acabado, pois tal como todas as Cartas Arqueológicas, representa apenas uma primeira visão, do potencial do território concelhio no domínio da arqueologia. Ano após ano, novos testemunhos podem ser revelados, novas áreas de potencial patrimonial serão definidas, o ritmo e a diversidade da intervenção do homem na alteração dos solos, será suscetível de provocar o aparecimento de novos vestígios arqueológicos, justificando uma atualização sistemática da imagem aqui esboçada. Contudo, este documento será sempre de grande utilidade na medida em que constituirá uma base significativa para investigações futuras.

Pretende-se com esta dissertação, dar a conhecer o passado de Estremoz e compreender as suas origens, ajudando a evitar erros antigos e a encontrar soluções para problemas atuais.

Conhecer é a melhor forma de preservar e defender o nosso património!

**PARTE II.**  
**Metodologia**



## 2.1 Trabalho de campo e tratamento de dados

Um dos aspetos mais importante na arqueologia é o trabalho de campo. Schafer propõe para o trabalho de campo, um conjunto de sete fases, começando pela formulação do problema, à qual se segue a implementação, a aquisição de dados e o seu processamento, a análise e interpretação e por último, a publicação dos resultados obtidos (Schafer, 1997, p. 22).

Tal como em projetos de escavações, também os trabalhos de prospeção arqueológica exigem a elaboração cuidada de um plano de trabalhos, no qual a problemática de enquadramento, a metodologia a seguir e os objetivos a atingir estejam claramente planificados.

Este tipo de trabalhos de campo alcançaram uma enorme relevância, antes de mais, pelo facto de serem trabalhos de carácter não destrutivo, de permitirem a identificação de sítios arqueológicos e de constituírem para a maioria deles, a única forma de lhes serem atribuídas cronologias e tipologias. Neste sentido, os trabalhos de prospeção assumem hoje um particular destaque, no que diz respeito, quer à prática arqueológica de cariz preventivo, quer na elaboração de cartas arqueológicas concelhias, quer mesmo ao nível dos estudos de Arqueologia da Paisagem (Carvalho, 2006, p. 58-59).

No entanto, convém referir que só a partir do advento da escola da "*Nova Arqueologia*" e dos estudos de "*Arqueologia Espacial*", desenvolvidos a partir da década de 70 do século XX, que contribuíram para o desenvolvimento de novas metodologias e teorias no seio arqueológico, é que este tipo de trabalhos se começaram verdadeiramente a planear. Foi no âmbito deste novo quadro ideológico e metodológico da investigação em arqueologia, que as prospeções, passaram a ser parte integrante do corpo metodológico de muitos projetos de investigação (Renfrew e Bahn, 1991, p. 431-432).

Os trabalhos de prospeção não podem ser consequência de meros improvisos, necessitando antecipadamente de todo um processo preparatório, o qual implica, a delimitação da área de estudo, a definição clara dos objetivos, a recolha de informações e a definição da metodologia de campo mais adequada (Carvalho, 2006, p. 59).

Nesse sentido, o projeto da carta arqueológica de Estremoz tem por objetivos, não só identificar sítios arqueológicos, mas também compreender como é que o espaço e a paisagem foram utilizados e explorados pelo homem, no passado.

Para chegar a estes objetivos tentou-se organizar de uma forma bastante coerente todos os passos necessários para que nenhuma informação fosse ignorada.

De forma a possibilitar uma abordagem padronizada e sistematizada à totalidade da área concelhia (513,7 km<sup>2</sup>), composta segundo os novos limites administrativos, decorrentes da Reorganização Administrativa Territorial Autárquica do concelho de Estremoz, por nove freguesias (uma urbana e as restantes rurais), optou-se por dividir o território a prospetar em unidades territoriais, compostas por conjuntos de freguesias que serão trabalhadas individualmente ao longo da dissertação (Tabela 1).

Sector	Área geográfica	Freguesias
Sector 1	Zona Norte do concelho	Veiros e União das freguesias de São Lourenço de Mamporcão e São Bento de Ana Loura
Sector 2	Zona Oeste do concelho	União das freguesias do Ameixial (Santa Vitória e São Bento) e União das freguesias de São Bento do Cortiço e Santo Estêvão
Sector 3	Zona Este do concelho	São Domingos de Ana Loura e Arcos
Sector 4	Zona Centro do concelho	União das freguesias de Estremoz (Santa Maria e Santo André)
Sector 5	Zona Sul do concelho	Evoramonte e Glória

**Tabela 1.** Zonas das áreas de prospeção no decurso dos trabalhos de campo

Apesar desta divisão ter sido uma mera delimitação político-administrativa da área em estudo foram tidas em conta outras unidades de prospeção, procedendo-se à análise morfológica e topográfica da paisagem, nomeadamente, a existência de

elevações anómalas do terreno; existência de irregularidades topográficas ou da vegetação; existência de recursos hídricos (cursos ou fontes de água), proximidade a pontos de passagem ou vias naturais, referências antigas e nunca descurando os topónimos e micro-topónimos.

Após estarem definidos os critérios que contribuíram para a delimitação dos sectores espaciais de prospeção, foi importante definir o que classificamos por sítio arqueológico: "a classificação de sítio arqueológico é empregue sempre que no terreno se encontrou uma concentração de materiais ou estruturas que determinassem ocupação humana pretérita" (Carneiro, 2005, p. 26). Em algumas situações foram considerados como ocorrências arqueológicas alguns achados avulsos deslocados do seu local original, e desprovidos de contexto arqueológico (nomeadamente mós, marcos miliários, inscrições, entre outros).

A recolha de documentação das mais diversas temáticas sobre a zona de estudo constitui também uma etapa fundamental no processo preparatório dos trabalhos de campo. Antes de mais, no âmbito da nossa investigação, procurámos reunir todas as informações, resultantes da recolha exaustiva da documentação bibliográfica sobre a região, com o objetivo de identificar todos os dados com interesse arqueológico já publicados em fontes documentais e bibliográficas. Dentro do conjunto de fontes consultadas, merecem, desde logo, um particular destaque: as informações constantes, nas "*Memórias Paroquiais*" de 1758, no "*Inventário Artístico de Portugal*" da autoria de Túlio Espanca, alguns textos publicados em jornais e monografias locais, de autores como Marques Crespo e Joaquim Vermelho; o inventário de sítios romanos no trabalho académico de André Carneiro; o "Inventário Nacional de Sítios Arqueológicos – *Endovélico*," do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR) - (em 2014 com precisamente cento e sessenta e seis sítios referenciados); a base de dados do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico), acessível via Internet pelo site ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)); a base de dados disponibilizada pelo sítio web da Câmara Municipal de Estremoz ([www.cm-estremoz.pt](http://www.cm-estremoz.pt)), referente ao Património Arquitectónico do concelho; e o Plano Diretor Municipal (anos noventa, com cerca de cinquenta e duas ocorrências registadas).

Para além disso, foram realizadas visitas a diversos Museus, nomeadamente: Museu Municipal Joaquim Vermelho em Estremoz, Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa, com o propósito de analisar as peças oriundas do concelho de Estremoz.

Nesta fase prévia aos trabalhos de prospeção, foi igualmente fundamental a recolha de toda a documentação cartográfica existente sobre o concelho de Estremoz, com vista à determinação das características orográficas da região e à possibilidade de delimitação de áreas de prospeção com potencial arqueológico, que poderiam revelar-se particularmente úteis para o desenrolar dos trabalhos de prospeção: desde as Cartas Militares à escala 1:25000 e toda a cartografia antiga, às Cartas Geológicas à escala 1:50000, às plantas topográfico-cadastrais à escala 1:2000 ou 1:5000, aos ortofotomapas à escala 1:10000, e às Cartas de Capacidade de Uso dos Solos à escala 1:50000. Embora esta região não se encontre ainda coberta na totalidade por algumas dessas cartas, a cartografia existente, no seu conjunto, revelou-se fundamental tanto nos processos de definição das áreas a prospectar, orientação no terreno e localização dos sítios, como no processo posterior de interpretação dos dados.

Outro dos pontos, igualmente explorado ao longo do processo de preparação dos trabalhos de campo, foi a recolha de testemunhos orais junto da população rural local e da população mais idosa do Município de Estremoz. Este tipo de informação proporciona muitas vezes dados sobre a localização de eventuais sítios arqueológicos. Efetivamente é comum que memórias antigas relacionadas com a paisagem, com lendas, com eventuais achados fortuitos ocorridos durante trabalhos agrícolas ou durante obras de infraestruturização ou, até mesmo, memórias relacionadas com o património entretanto desaparecido, possam constituir informações úteis para o conhecimento de um passado mais ou menos remoto e do qual, por algum motivo, essas pessoas tenham testemunhado a sua existência.

Após a definição dos objetivos a cumprir, da delimitação do quadro geográfico e cronológico de estudo e da recolha de documentação, procurou-se, em seguida, definir a metodologia de prospeção mais adequada para a realização deste projeto de investigação.

Atualmente, de uma forma geral, em arqueologia, os trabalhos de campo podem ser levados a cabo segundo dois tipos de metodologia: a prospeção extensiva ou, seletiva e a prospeção intensiva.

A escolha a fazer, entre estas duas metodologias, depende fundamentalmente, dos objetivos do trabalho de campo, do tamanho da área a prospectar e dos recursos humanos e financeiros disponíveis para este tipo de trabalho.

Nas prospeções de tipo extensivo, prospeitam-se apenas as zonas selecionadas, como indicadoras de potencial arqueológico, tendo por base as informações previamente recolhidas, como por exemplo, do inquérito à população oral, as referências bibliográficas e documentais, os indícios de natureza toponímica, as características geomorfológicas do terreno e a observação direta da paisagem. Este tipo de metodologia de trabalho de campo é normalmente utilizado na elaboração de cartas arqueológicas concelhias.

Nas prospeções de tipo intensivo, toda a superfície de uma determinada zona deve ser inteiramente observada de forma direta e exaustiva. Neste sentido, os prospectores, formando uma equipa, devem percorrer o terreno espaçados em intervalos regulares e equidistantes, avançando, portanto, em linhas paralelas e com um rumo constante. A escala de espaçamento entre prospectores é variável, podendo ser considerada uma prospeção com um grau alto de intensidade quando a distância entre cada elemento da equipa ronda os 5 ou 10 metros. Em contrapartida, uma prospeção com baixo grau de intensidade é quando a distância entre cada pessoa se fixa em torno dos 100 metros (Bicho, 2006, p. 98). A intensidade da malha de prospeção a adotar deverá ser decidida em função das características da região e do âmbito do projeto. No entanto, "quanto maior for a intensidade de uma prospeção, maior será a possibilidade de se encontrarem sítios arqueológicos" (Bicho, 2006, p. 98).

O tipo de terreno e a visibilidade sobre a sua superfície poderão exigir uma readaptação permanente das malhas de prospeção, aumentando-se a intensidade naqueles terrenos que apresentam uma vegetação rasteira e diminuindo-se em terrenos limpos ou que conservam ainda as marcas de lavras.

Todavia, a intensidade não é o único fator importante na descoberta de sítios arqueológicos durante uma prospeção pedestre. Existem outros fatores igualmente importantes, como a visibilidade do solo, o realce dos artefactos e a acessibilidade da área (Bicho, 2006, p. 98). A acessibilidade é um elemento importante quando nos referimos a prospeções, pois fatores como, o tipo, a qualidade e o número de estradas; o tipo de coberto vegetal que nos permite (ou não) chegar a todos os pontos da área em consideração; a presença de animais (principalmente, gado taurino), que impeçam o acesso a determinadas zonas; e as propriedades vedadas, podem alterar radicalmente os resultados dos nossos trabalhos.

Como referimos, as prospeções de tipo sistemático, à partida, apresentam a vantagem de possibilitarem a identificação de um maior número de sítios, incluindo aqueles de menores dimensões, alcançando-se desta forma uma imagem mais aproximada da realidade do povoamento antigo. Todavia, na prática, encerram um inconveniente: estas são um processo lento e demorado, o que reduz a sua aplicabilidade a unidades geográficas mais pequenas.

Ora, perante o que foi exposto, parece-nos que a escolha de uma metodologia de prospeção deverá resultar, fundamentalmente, de uma reflexão que tenha em consideração os objetivos da investigação, as características da região e balizas cronológicas em que se enquadre o trabalho delineado. Neste processo de escolha, e face às vantagens e desvantagens que cada uma dos métodos de prospeção encerra, deve-se ponderar a possibilidade de se combinar as diferentes metodologias de prospeção (Carvalho, 2006, p. 71).

Foi precisamente com base na articulação deste conjunto de fatores que planeámos a estratégia de prospeção do nosso projeto, encaminhando-a no sentido de conjugar as prospeções de tipo extensivo com as prospeções de tipo sistemático. Este processo foi realizado em duas fases.

A primeira fase dos trabalhos de campo, que decorreu entre novembro e dezembro de 2012, teve como ponto de partida os sítios arqueológicos já inventariados/identificados, nomeadamente através do *Endovélico* disponibilizado no Portal do Arqueólogo (IGESPAR)<sup>3</sup>; na base de dados do SIPA<sup>4</sup>; na base de dados disponibilizada pelo site da Câmara Municipal de Estremoz, referente ao Património Arquitetónico do concelho<sup>5</sup>; no Plano Diretor Municipal de 1995; no *Inventário Artístico de Portugal*, da autoria de Túlio Espanca<sup>6</sup>, e na tese de doutoramento *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*, da autoria de André Carneiro<sup>7</sup>. Esta fase de trabalhos teve como principal objetivo a relocalização dos sítios referenciados nas diversas bases de dados mencionadas, recorrendo a uma prospeção de tipo extensivo.

---

<sup>3</sup> URL: <http://arqueologia.igespar.pt>

<sup>4</sup> URL: <http://www.monumentos.pt>

<sup>5</sup> URL: <http://www.cm-estremoz.pt>

<sup>6</sup> Vide Espanca, 1975.

<sup>7</sup> Vide Carneiro, 2011.

Na segunda fase dos trabalhos, que decorreu entre julho, agosto e setembro de 2013, assumiu-se o objetivo de cobrir a maior área possível, recorrendo a uma prospeção intensiva, de modo a obtermos o maior número de resultados.

De um modo geral, a prospeção foi realizada a pé, individualmente ou em equipa sempre que tal se revelou possível ou justificado, partindo de percursos antecipadamente definidos sobre a cartografia existente. Sempre que existia uma equipa no campo, os trabalhos eram realizados em linha, formando um "pente", percorrendo a área com um espaçamento de cinco ou dez metros, dependendo do grau de visibilidade.

Quando nos deparávamos com acidentes topográficos, a área era prospectada com maior intensidade, em malha muito fina (cerca de 1/2 metros de espaçamento entre os elementos), o mesmo acontecia quando se encontravam vestígios durante os trabalhos de campo, de forma a definir a área de dispersão dos vestígios arqueológicos e a tentar caracterizar o tipo de ocupação e sua cronologia. Para além disso, sempre que se identificou algum vestígio arqueológico móvel, tais como por exemplo, telhas, cerâmicas, entre outros elementos, a prospeção era realizada de uma forma mais sistemática também para tentar definir a sua proveniência.

Para todos os sítios descobertos, e por isso inéditos<sup>8</sup>, e "relocalizados", foi realizada uma avaliação da sua extensão espacial e procedeu-se à sua localização na Carta Militar de Portugal 1:25000, utilizando-se como sistema de georreferenciação, as coordenadas geográficas no sistema WGS84 (World Geodetic System de 1984). O registo dessas coordenadas foi feito, com recurso a aparelho GPS (modelo *Etrex H*).

Os sítios foram registados fotograficamente sempre que se incluíssem num enquadramento paisagístico suscetível de fornecer alguns indicadores interpretativos sobre o nível da implantação do povoamento. Foram também obtidas algumas fotografias de pormenor sempre que eram visíveis algumas estruturas *in situ* ou certos materiais (como elementos arquitetónicos) que o justificassem, ou que não fossem objeto de recolha.

Por último, após a avaliação geral do sítio, fosse qual fosse a metodologia de prospeção utilizada, procedia-se sempre ao preenchimento da respetiva ficha de

---

<sup>8</sup> O caso de monumentos como igrejas, capelas, ermida, azenhas e moinhos, foram considerados inéditos quando não constam em publicações de carácter científico, apesar de documentas em outro tipo de publicações.

registo/ficha de sítio. No terreno procurava-se sobretudo preencher os campos relativos à designação a atribuir ao sítio, à descrição geomorfológica e a sua área de dispersão.

Depois de se ter recolhido todas as informações existentes e se ter prospetado toda a área em causa, retomámos o trabalho de gabinete. Procedeu-se a uma informatização total de todos os dados obtidos na prospeção terrestre, reunindo todos os dados num sistema de informação geográfica, que permite o cruzamento de dados gráficos e alfanuméricos e estabelecer relações geográficas e espaciais. A georreferenciação dos sítios será feita em SIG, mais precisamente com o programa ArcGIS 10, onde os sítios/vestigios serão identificados num mapa do concelho, segundo o seu número de inventário.

Toda a informação foi armazenada em ficheiros de base de dados com valências específicas, em ficheiros de texto (caderno de campo) e imagens (fotografias digitais e analógicas), sendo posteriormente a informação essencial condensada no modelo de ficha apresentado no ponto 2.2..

Em algumas situações as referências bibliográficas, sugerem-nos sítios que depois do terreno batido, nada foi encontrado. Nesses casos, optou-se por incluir na base de dados e na ficha de sítio, estas indicações como *sítios arqueológicos não relocizados*, confiando na fonte informativa. A dificuldade na localização, deve-se muito provavelmente à alteração da paisagem e à destruição dos vestígios.

Nas prospeções de superfície optou-se por efetuar a recolha de alguns materiais arqueológicos, mas apenas nos sítios considerados como *inéditos*, pois estes elementos potencializaram a obtenção de cronologias. Os fragmentos de recipientes cerâmicos, do tipo bojo não decorado apenas foram recolhidos quando não havia mais nenhum elemento passível de obter mais dados de superfície sobre o sítio. Estas situações ocorreram quer devido a uma real escassez de vestígios, quer devido a fenómenos pós-deposicionais ou ainda às más condições de visibilidade do solo.

As cerâmicas recolhidas foram objeto de registo gráfico. No caso das cerâmicas sem decoração, apenas foram desenhadas as que possibilitavam uma reconstituição da forma do recipiente. Não foram efetuados desenhos de cerâmicas decoradas, pelo facto de não terem sido identificadas durante os trabalhos de prospeção.

Relativamente à metodologia adotada na análise de sepulturas escavadas na rocha (apenas uma identificada), optou-se por seguir o mesmo modelo de ficha de

campo utilizado para todos os sítios identificados. No entanto, o campo da descrição, teve por base as fichas de campo apresentadas por Catarina Tente e Sandra Lourenço (2002) (modelo 1, anexo I). Desta descrição constam as características dominantes das sepulturas, no que se refere às suas dimensões, orientação, localização, integração ou não num núcleo/necrópole, estado de conservação, etc. Procedeu-se ainda ao desenho do plano e perfil da sepultura, à escala 1:20, bem como à sua implantação na Carta Militar de Portugal 1:25000.

Relativamente à metodologia utilizada no levantamento de estruturas como por exemplo, grutas, procedeu-se sempre ao registo, no que se refere às suas dimensões (comprimento, largura, altura), à sua localização cartográfica e ao registo fotográfico. Na análise de grutas (apenas um conjunto identificado) optou-se por criar um modelo de ficha de campo, semelhante ao das sepulturas escavadas na rocha, para facilitar o preenchimento dos dados recolhidos no local (modelo 2, anexo I).

### 2.1.1 Condicionantes à execução dos trabalhos de campo

Durante a realização dos trabalhos de campo no concelho de Estremoz, foram inúmeros os obstáculos que influenciaram de uma forma negativa todo o processo de investigação.

Torna-se bastante difícil proceder à inventariação do património arqueológico, num território onde a tradição de estudo e investigação em arqueologia é muito reduzida. Recordemos que no território estremocense decorreram apenas duas grandes intervenções arqueológicas: em 1915/1916 por ação de Luís Chaves na *villa* de Santa Vitória do Ameixial, e em 1934 nos conjuntos funerários de Silveirona (Santo Estêvão), e só nos últimos anos têm vindo a surgir alguns trabalhos de prospeção arqueológica que permitem ter uma ideia concreta da riqueza existente em termos de vestígios arqueológicos neste território.

Para além disso, além das dificuldades tradicionais, como por exemplo, a vegetação intensa, outras se somam:

- A mecanização agrícola dos campos e as grandes campanhas de "despedrega" para plantio de cereais, que a partir dos anos

quarenta/cinquenta do século passado, contribuíram para uma forte alteração dos traços da paisagem antiga alentejana, destruindo e eliminando por completo vestígios e lugares com ocupação antiga e que até aí permaneciam "intocáveis" e "inamovíveis";

Todavia, a lavra mecânica possui um efeito contraditório e ao mesmo tempo ambíguo para a prospeção arqueológica: ao mesmo tempo que representa um carácter destrutivo sobre os sítios, pois uma lavoura intensiva pode contribuir para a destruição e eliminação por completo de sítios e vestígios arqueológicos, quanto mais revolvida se encontra a superfície, maior é a visibilidade e mais facilmente se reúnem condições para encontrar materiais e sítios arqueológicos no terreno. Aliás, quanto mais um sítio arqueológico se encontra destruído, mais vestígios poderá proporcionar numa prospeção arqueológica (Carneiro, 2004, p. 38);

- O progressivo aumento do abandono dos campos: sítios em área de muito mato, são muito difíceis de identificar, devido ao crescimento da vegetação que impede uma normal progressão e/ou visualização do terreno. Torna-se também difícil delimitar o sítio com precisão, e material importante pode passar despercebido;
- Os impactos mais recentes na paisagem, como por exemplo, na zona da Serra d'Ossa, onde a eucaliptização do território exigiu revolvimentos muito profundos no solo, a construção de barragens e charcas de água, a ampliação da rede viária e a construção de pedreiras de mármore são exemplos de fenómenos muito agressivos para o património arqueológico que se verificaram a partir dos anos setenta, e em especial nas duas últimas décadas neste concelho;
- O desaparecimento da sociedade de uma faixa etária vital que ajudava na transmissão de memórias antigas relacionadas com a paisagem, através da atribuição de topónimos, lendas e memórias de onde se tinha encontrado algo durante trabalhos agrícolas ou em achados fortuitos;
- A acessibilidade durante a prospeção: em alguns casos, as áreas a prospear encontravam-se vedadas e, portanto, houve a necessidade de entrar em contacto com os proprietários para se conseguir autorização para se realizar o trabalho, o que nem sempre foi pacífico a cedência

dessas autorizações, acabando por na maioria das vezes, não termos acessos aos terrenos.

Outro ponto que criou obstáculos à realização dos trabalhos de campo foi constituído pela ligação entre o tipo de trabalho planeado e os meios humanos disponíveis para esta investigação. Ora, é sabido que a "qualidade da prospecção depende da quantidade de pessoas envolvidas mas, sobretudo, da sua preparação teórica e experiência anterior." (Carneiro, 2005, p. 24). Não havendo qualquer apoio financeiro para esta investigação, e não existindo a possibilidade de contratação de pessoal com experiência neste tipo de trabalho de campo, sempre que foi possível as equipas eram constituídas por colegas que foram alunos de licenciaturas em Arqueologia, e que apesar da pouca experiência em prospeção arqueológica, foram essenciais para a concretização deste projeto, garantindo assim uma credibilidade acrescida nos resultados possíveis/finais.

Outro fator importante, apesar de não ser necessariamente uma condicionante no trabalho de prospeção, é a característica climática da região. A eficiência de uma equipa de prospeção depende parcialmente, das condições climáticas durante o trabalho de campo: as altas temperaturas ou muita precipitação são fatores destabilizadores e que implicam necessariamente uma diminuição da qualidade e eficiência do trabalho de prospeção. Devido aos elevados níveis de pluviosidade ocorridos durante todo o Inverno, a realização de grandes batidas de campo ficou mais confinada aos tempos de Verão, e que, como é sabido, pelas condições de luminosidade e de vegetação (restolho e folhagem seca nos campos, época em que não há lavras) está longe de ser a melhor época para prospetar.

Desde logo, portanto, definiram-se duas estratégias que iriam ser mantidas durante o tempo de realização deste projeto: sempre que existia a possibilidade de formar equipas, optava-se por percorrer largas áreas. Durante o resto do ano, realizavam-se saídas de campo individuais, percorrendo pequenas áreas mais sugestivas para a implantação humana. Como expectável, a primeira estratégia permitiu a identificação de sítios inéditos, enquanto que a segunda opção possibilitou a realocação de alguns sítios e confirmação de informação incerta.

## 2.2. Critérios para um Inventário

Relativamente ao inventário, desde o primeiro momento que se optou pela "arrumação" dos sítios por freguesias, organizadas no sentido Noroeste-Nordeste, que à partida seria o modelo mais lógico de organização da informação<sup>9</sup>. Respeitando o critério utilizado, é provável que sítios que estejam contíguos no terreno, ou a curta distância, possam aqui ser apresentados com algum afastamento entre si.

Para cada freguesia os sítios são apresentados de acordo com períodos cronológicos (do mais antigo, para o mais recente). O âmbito cronológico estabelecido situou-se entre a época romana e o século XVIII. No entanto, foram incluídos no inventário elementos, cuja cronologia é indeterminada e "achados isolados", sendo mencionado sempre esse dado.

Todo o registo dos vestígios de superfície, encontra-se subordinado a uma ficha de sítio, com campos pré-estabelecidos, funcionando em estreita relação com uma base de dados informática criada em Microsoft Office Access 2007, ambas concebidas especificamente para esta dissertação de mestrado. Estes suportes básicos de registo foram essencialmente criados em função dos objetivos definidos, mas também tendo em consideração, não só a necessidade de uniformizar o processo de recolha das informações, mas também com vista a facilitar as consultas posteriores e o tratamento quantitativo de toda a informação reunida (modelo 4, anexo I).

Para a composição do Inventário foram utilizadas fichas de sítio tendo por base as fichas do IGESPAR, no entanto com algumas modificações (modelo 3, anexo I). A esta base de dados está associada a localização cartográfica de cada ocorrência, bem como o registo fotográfico e gráfico, sempre que existente.

Para cada entrada do catálogo dos sítios são registados os seguintes itens:

- *Número de entrada do registo/ número da ficha*: número atribuído a cada sítio/monumento ou achado arqueológico na base de dados e na ficha de sítio;

---

<sup>9</sup> A ordem utilizada foi a seguinte: Veiros, União das freguesias de São Bento do Cortiço e Santo Estêvão, União das freguesias de São Lourenço de Mamporcão e São Bento de Ana Loura, União das freguesias do Ameixial (Santa Vitória e São Bento), União das freguesias de Estremoz (Santa Maria e Santo André), São Domingos de Ana Loura, Arcos, Evoramonte e Glória.

- *Designação*: identificação do sítio/monumento ou achado, com o nome mais comum pelo qual é conhecido;

- *Distrito*;

- *Concelho*;

- *Freguesia / lugar*: transcreve a designação do lugar mais próximo do sítio, dentro da área da freguesia a que pertence;

- *Topónimo*: reproduz os nomes referidos na cartografia ou resultantes da informação oral;

- *CNS/ N° IPA*: sempre que exista uma referência do sítio na base de dados do Instituto de tutela é mencionado o número do código Nacional de Sítio – CNS, ou o N.º IPA (Inventário do Património Arquitectónico) referenciado pelo SIPA, gerido pelo Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P. (IHRU);

- *Número da Carta Militar de Portugal (CMP, escala 1:25000)*;

- *Altitude (apresentado na unidade metros)*;

- *Coordenadas*: identificação das coordenadas geográficas (latitude e longitude) no sistema WGS84 (World Geodetic System de 1984);

- *Tipo de sítio*: preenchimento feito de acordo com o campo "Tipo de Sítio" do *thesaurus* do Sistema de Informação Arqueológica (*Endovélico*), usado pelo IGESPAR. Poderá ser preenchido por mais do que uma entrada;

- *Período Cronológico*: preenchimento feito de acordo com o campo "Período Histórico" do *thesaurus* do Sistema de Informação Arqueológica (*Endovélico*), usado pelo IGESPAR. Poderá ser preenchido por mais do que uma entrada;

- *Descrição*: neste campo é feita uma breve descrição das características de implantação geográfica do sítio, dos vestígios visíveis à superfície e quando possível, apresenta-se uma estimativa da dimensão do sítio;

- *Acessos*: acessos possíveis ao sítio ou ocorrência;

- *Uso do Solo*: preenchimento feito de acordo com o campo "Uso de Solo" do *thesaurus* do Sistema de Informação Arqueológica (*Endovélico*), usado pelo IGESPAR. Poderá ser preenchido por mais do que uma entrada;

- *Conservação e ameaças*: identificação do estado de conservação do sítio e possíveis ameaças a que pode estar sujeito, à data da última deslocação ao local;

- *Bibliografia*: regista as referências bibliográficas principais referentes aos sítios ou vestígios assinalados;

- *Observações*: trata-se de um campo abrangente, que serve para acrescentar dados relativos ao sítio, que não tenham lugar em mais nenhum dos campos (ex.: cronologias paralelas; achados paralelos; curiosidades, etc.);

- *Registo Fotográfico*;

- *Registo Gráfico*;

- *Registo Cartográfico*.

**PARTE III.**  
**O Tempo, a Terra e o Homem**



### 3.1. Quadro físico

#### 3.1.1. Território, hidrografia, geologia, orografia e clima

*“A villa de Estremoz está situada no sentro da provincia do Alentejo, cercada por muitas villas pouco distantes; o seu terreno he fertilissimo, ameno, e regado de huma prodigioza abundancia de ágoas. O clima della he diliciozo, e saluberrimo (...)”.*

*(Fonseca, 2003, p.291)*

Os limites espaciais definidos para este estudo correspondem, *grosso modo*, aos novos limites administrativos decorrentes da Reorganização Administrativa Territorial Autárquica do concelho de Estremoz expressa na Lei nº 11-A/2013 de 28 de Janeiro: as oito freguesias rurais do concelho - Arcos, Evoramonte, Glória, São Domingos de Ana Loura, União das Freguesias de São Bento do Cortiço e Santo Estêvão, União das Freguesias do Ameixial (Santa Vitória e São Bento), União das Freguesias de São Lourenço de Mamporcão e São Bento de Ana Loura, Veiros; e a freguesia urbana do concelho - União das Freguesias de Estremoz (Santa Maria e Santo André) (Mapa 1, anexo III).



**Figura 1-** Município de Estremoz.

O concelho de Estremoz encontra-se cartografado na Carta Militar de Portugal, à escala 1:25000, com a freguesia de Veiros nas folhas n.º 398 e 412; União das Freguesias do Ameixial (Santa Vitória e São Bento) nas folhas n.º 411 e 425; União das Freguesias de São Bento do Cortiço e Santo Estêvão nas folhas n.º 398, 411 e 412; União das Freguesias de São Lourenço de Mamporcão e São Bento de Ana Loura nas folhas n.º 398, 411 e 412; Arcos nas folhas n.º 412 e 426; Glória nas folhas n.º 425, 426, 439 e 440; Evoramonte nas folhas n.º 424, 425, 438 e 439; União das Freguesias de Estremoz (Santo André e Santa Maria) nas folhas n.º 411, 412, 425 e 426.

Em termos administrativos, o Município de Estremoz pertence ao distrito de Évora, e integra-se no subgrupo de municípios do Alentejo Central (NUT III, que por sua vez pertence à NUT II-Alentejo). Situando-se sobre uma das mais importantes jazidas de pedras ornamentais do país, está inserido na denominada "zona dos mármore", de que fazem parte também os municípios do Alandroal, Borba e Vila Viçosa.

Estremoz, conhecida pela "cidade branca", goza de uma posição geográfica privilegiada, devido à sua localização na intersecção de duas vias importantes, a estrada de Elvas e a estrada de Portalegre em direção a Évora ou Lisboa, ambas antigas estradas romanas, o que lhe confere uma posição vantajosa associada a uma fácil acessibilidade (Vala, 2007, p.873).

O concelho de Estremoz que ocupa uma área de 513,7 Km<sup>2</sup>, é delimitado a Norte pelos concelhos de Fronteira, Sousel e Monforte, a Este pelo concelho de Borba, a Sul pelos concelhos de Redondo e Évora, e a Oeste pelo concelho de Arraiolos.

Estremoz implantou-se na sua primeira fase, num outeiro com grande dominância de vista sobre um vasto território. Do alto de Evoramonte, com os seus 479m, ou de São Gens (653m), ou ainda do seu castelo (466m) é possível admirar a bela e vasta paisagem rural em seu redor. Podem avistar-se algumas localidades limítrofes, os campos e montes alentejanos.

Em termos geomorfológicos, o território do atual concelho de Estremoz, bem como a quase totalidade da área do "Alentejo Central", integram a realidade geomorfológica do Maciço Antigo Ibérico, e em particular a zona paleogeográfica e tectónica de Ossa-Morena. É atravessado pela chamada falha da Messejana, ou do Alentejo, a grande fratura geológica que percorre no sentido SW-NE, todo o Alentejo,

expandindo-se, a partir de Campo Maior, por terras de Espanha, onde é conhecida como falha de Plasencia (Calado, 2001, p.17).

Geologicamente, integra-se numa estrutura denominada Anticlinal. Esta é uma das principais unidades "tectono-estratigráficas do orógeno hercínico que se desenvolveu entre o Devónico e o Carbónico" (Ribeiro et al., 1979; Oliveira et al., 1991) e corresponde à maior e mais importante jazida de mármore continental, apresentando por isso uma maior intensidade de exploração destes recursos no que ao atual território português diz respeito. Para além disto, o Anticlinal de Estremoz, integra também um importante sistema aquífero denominado de Estremoz-Cano. O Anticlinal de Estremoz, que se insere no Sector de Estremoz-Barrancos (Lopes, 2007, p.7), é uma estrutura que se formou por atuação de forças tectónicas, ou seja, as camadas rochosas foram submetidas a pressões muito elevadas, dobrando-se e fraturando-se. O tipo de estrutura resultante depende das propriedades físicas das rochas e do meio em que se produzem as deformações (Lopes, 2007, p. 8-9).

As formações dominantes no concelho, segundo a Carta Geológica, são: as rochas do tipo gnaisses-migmatíticas, xistos, quartzitos, grauvaques, calcários cristalinos, metavulcanitos (Silúrico), entre outras. São estas as rochas que vão ser exploradas como materiais de construção que se observam no património edificado, com destaque para os granitos, que surgem mais amiúde na arquitetura erudita, e os xistos, na arquitetura vernacular (Gonçalves, 1974) (Mapa 2, anexo III).

O relevo é bastante acidentado, caracterizado pela existência de algumas massas montanhosas de baixa altitude a par da peneplanície alentejana, que ocupa mais de  $\frac{3}{4}$  da superfície do concelho. As massas montanhosas que mais sobressaem são os contrafortes da Serra d'Ossa, com uns escassos 650m de altitude e as elevações ocupadas pelos calcários dolomíticos do anticlinal de Estremoz, em especial para NW da cidade, até ao limite com o concelho de Sousel (Mapa 3, anexo III).

O papel da Serra d'Ossa enquanto fronteira natural, é o de separar ambos os lados da região (Bacia do Guadiana e Bacia do Tejo), em contrapartida no seu núcleo central juntam-se os concelhos de Estremoz, Borba e Redondo.

A litologia estremocense é marcada por uma assinalável heterogeneidade. Ao mesmo tempo que verificamos a presença de áreas xistosas, muito acidentadas, onde os recursos hídricos são, de uma forma geral escassos, contribuindo para uma paisagem

desértica e desprotegida, onde apenas os arbustos, como é o caso da esteva, conseguem irromper, temos outras áreas em que a paisagem se transforma por completo, gerando peneplanícies graníticas, onde os solos se tornam mais fáceis de trabalhar (Carneiro, 2011, p.163).

Relativamente aos solos, o potencial agrícola junto à Serra d'Ossa é praticamente nulo; excetuando-se alguns vales bastante encaixados, especialmente o vale do Canal, ou fosso da Portucel, tratando-se de um vale de fundo plano, de origem tectónica, onde a sedimentação originou solos de matriz argilosa, relativamente férteis (Calado, 2001, p. 21). Nos restantes terrenos que agrupam todo o concelho de Estremoz, onde a sua relativa fertilidade advém da abundância de água, com numerosas fontes (Vala, 2007, p.873), encontramos solos de tipo magros e delgados, propícios para o plantio da vinha que atualmente concede uma reputação mundial a Estremoz. No entanto, este tipo de solos são de pouca aptidão para as produções agrícolas intensivas (Mapa 5, anexo III).

De uma forma geral, Estremoz é dominado pelo substrato calcáreo, "onde na maior parte da paisagem predomina um tipo de solo argiloso, que se torna muito enlameado com as primeiras chuvas, dado o seu carácter barrento (...). Os solos são de tipo delgado pardo ou delgado vermelho, sendo a espessura arável muito reduzida, apenas se ampliando em áreas de deposição que, no entanto, não ocorrem frequentemente, pois o relevo é genericamente aplanado. Desta forma, não ocorre transporte sedimentar, pelo que a paisagem apresenta-se pontuada de afloramentos brancos ou amarelados. Este quadro torna-se pouco propício para a prática de uma agricultura extensiva, pois o terreno torna-se difícil de trabalhar, muito rochoso em geral e muito variável ao longo do ano, oscilando entre a secura extrema, fracturante, e o toque barrento e muito pesado. Em contrapartida, é nestas reservas de argila que ao longo dos tempos se colheu a matéria-prima para a elaboração dos conhecidos "Barros de Estremoz", com produções cerâmicas muito específicas mas também características pela sua qualidade" (Carneiro, 2011, p.163-164).

Na ocupação dos solos, como já foi referido predomina a cultura extensiva e de sequeiro, com especial relevância para os cereais, ainda que muitas já estejam reconvertidas em áreas de aproveitamento agro-silvo-pastoril. De uma forma geral, no termo de Estremoz, junto à zona da Serra d'Ossa os solos agrícolas são na sua maioria das classes D e E, com fraco potencial agrícola - litossolos êutricos associados a

luvissoles e solos mediterrâneos pardos, de gneisses com declives que vão de 9% a 25%. (Calado, 2001, p.17) (Mapa 4, anexo III).

A rede hidrográfica é marcada pela presença de alguns grandes cursos de água, embora o concelho não possua um rio marcante que sirva como elemento estruturante do território (Mapa 6, anexo III). Os recursos hidrográficos de Estremoz fazem parte da Bacia do Tejo, sendo o seu principal leito de água a ribeira de Tera, importante curso de água do Norte do Alentejo, correndo no sopé dos contrafortes da Serra d'Ossa. Para além deste curso de água, a norte do concelho, corre com um caudal considerável, a ribeira de Ana Loura que rega espaçosas vargens das freguesias de São Domingos de Ana Loura e São Bento de Ana Loura, cruzando-se com a ribeira da Alcaraviça, assume um papel fundamental na economia dos terrenos por onde circula, proporcionando uma prática hortícola muito intensa, sendo responsável também pela implementação de inúmeros engenhos de água ao longo do seu leito.

Para além destes dois cursos de água, que são as mais compridos, existe uma enorme quantidade de pequenas ribeiras que lavram toda a área do concelho: o ribeiro dos Proveitos, que tem a sua origem numa fonte pública que nasce junto ao lugar de Mamporcão, fertiliza os campos da Freguesia de São Lourenço de Mamporcão, e divide a freguesia de São Bento do Cortiço da freguesia de Santo Estêvão; o ribeiro de Montalvo; o ribeiro de Alagoa, cuja sua nascente deriva de uma fonte do mesmo nome; e a ribeira de Veiros.

Inúmeras são também as fontes e lagoas desta cidade, rica em abundantes cursos de água, facto que pode ser comprovado com a seguinte passagem: "*São muitas as Copiozas fontes, que fazem moer Azenhas, e trabalhar diferentes Pizoens; e só no termo de Estremoz trabalham cento e doze (...)*" (Fonseca, 2003, p.123). Na freguesia de Arcos temos a fonte do Morgado "*(...) que dá principio aos moinhos da ribeira da Alcaraviça; a de Val de Zebro, com a quall moe um moinho; a da Pinheira, de agoas frigidissimas; a da Fonte Nova, que rega sem haver mister de ser reprezada em tanque; e a celebrada da herdade das Espadas, a que outros chamão lagoa das Espadas*" (Costa, 1961, p. 94), única em todo o Alentejo, rebenta nos inícios do Verão e seca quando o Inverno chega.

Embora não existam grandes cursos de água em termos hidrográficos, como já verificámos, o concelho está pontuado por recursos estratégicos, que são possibilitados pela porosidade do subsolo geológico. A ocorrência de poços e de reservas de água é

por isso abundante, escasseando apenas nas zonas onde encontramos substratos xistosos (Veiros), ou de granitos e gnaisses.

O Município de Estremoz apresenta de uma maneira geral, um clima de influência mediterrânica caracterizado por elevadas amplitudes térmicas, uma estação quente e seca e invernos frescos de baixa pluviosidade.

Segundo M. Roxo (1994), a temperatura do ar condiciona a distribuição dos elementos florísticos e das comunidades vegetais no território e é considerada um dos elementos climáticos fundamentais na descrição do clima de um local, sendo condicionante de todos os processos biológicos. Na sua dependência estão também vários processos físicos e químicos de meteorização.

Por não existir em Estremoz uma estação climatológica, para a análise climática da região em estudo foram utilizados os valores (provisórios) publicados nas "Normais Climatológicas, correspondentes a 1981-2010" pelo IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera), para as Estações Climatológicas de Évora.

Na Estação Climatológica analisada foram registados os seguintes valores de temperatura: a temperatura média anual registada na estação de Évora foi de 16,5°C. Quanto à temperatura média máxima e mínima registada, estas foram de 31,1°C nos meses de julho e agosto e 5,8°C no mês de janeiro, respetivamente.

Verificamos também, que existem grandes amplitudes térmicas nesta região, o que está relacionado com o facto de estarmos perante um clima marcadamente Mediterrânico. A precipitação tem um papel essencial no mundo vegetal, sendo um dos fatores ambientais mais importantes na distribuição dos vegetais.

Na estação climatológica de Évora há uma precipitação média anual de 585,3 mm. Observa-se a existência de uma estação seca, que se inicia no mês de junho, estendendo-se até setembro, período que coincide com o verão. As quedas pluviométricas dos meses de julho e agosto são insignificantes, registando apenas valores na ordem de 8,2 e 4,1 mm, respetivamente. Este período coincide ainda, com os meses de maior temperatura.

As precipitações mais elevadas concentram-se nos meses de outubro a fevereiro, coincidindo com as estações de outono e inverno. Deste modo, observa-se que a pluviosidade se distribui de forma variável ao longo do ano.

Posto isto, podemos classificar o clima do concelho de Estremoz, como temperado, com amplitudes térmicas moderadas, com aquecimento acentuado no verão e precipitação total anual pouco significativa em relação ao resto do país, mas um pouco mais elevada, se a relacionarmos com a região do Alentejo.

No que diz respeito à exploração dos solos, aparte dos recursos proporcionados pelos mármore, o substrato de Estremoz não é rico em jazidas mineiras. Destaca-se contudo o caso das Minas da Mostardeira<sup>10</sup>.

Segundo Manuel Calado " (...) o sistema de falhas e desligamentos que recorta e delimita o relevo da serra d'Ossa traduz-se topograficamente na existência de vertentes muito acentuadas, com declives que atingem os 40%, o que em termos de defensabilidade natural representa um dado muito interessante a reter" (Calado, 2001, p.21).

Na aba setentrional da Serra d'Ossa, próximo da margem esquerda da ribeira de Tera, conhecem-se importantes filões de cobre, hoje em dia abandonados, nas Minas da Mostardeira, e cuja exploração já em "époças antigas" é referida pelo casal Leisner (Leisner e Leisner, 1955, p. 3, 19, 29).

Henriques da Silveira relata ocorrências de ouro de aluvião: "*No Ribeiro de S.Braz, junto da villa de Evora Monte, se achão no tempo do Inverno, folhetas e grãos de ouro de vinte e quatro quilates, que os curiozos vendem aos ourives de Estremoz, do que sou testemunha ocular*" (Fonseca, 2003, p.127). Até ao momento estas ocorrências, não foram confirmadas pela investigação moderna.

---

<sup>10</sup> Cujá exploração se iniciou por alvará de 7/8/1862.

## 3.2. Quadro ambiental

### 3.2.1. Paisagem vegetal e recursos faunísticos

A zona de Estremoz, insere-se na região florística do Alentejo Oriental, uma zona ecológica submediterrânea, caracterizando-se esta por apresentar uma enorme diversidade de espécies mediterrâneas.

A região em estudo apresenta-se hoje coberta com um enorme manto de sobreiros, azinheiras, e oliveiras. Em alguns casos, os pomares estendem-se também pela paisagem, invadindo as zonas de solos xistosos menos propícios à agricultura. A grande exceção vai para a zona da Serra d'Ossa, área dominada por uma macha de eucaliptos por serem mais rentáveis.

Aqui e além vêem-se ainda resquícios de uma floresta mais primitiva, composta por carvalhos e figueiras. Ao contrário de outros concelhos, aqui raramente encontramos o montado de sobreiro, sobretudo na mancha ocidental. O coberto arbustivo é composto por urze, alecrim, piorno branco, rosmaninho, giesta, carrasco, esteva e medronheiro.

Quanto às espécies agrícolas sobressaem as culturas de sequeiro: trigo, cevada, aveia, milho e girassol, bem adaptados a “*terrenos acidentados e secos, clima rigoroso e com grandes oscilações térmicas (...)*” (Girão, 1960, p. 324).

A riqueza faunística de uma região contribui tanto para a manutenção dos ecossistemas, como para o turismo na região devido à prática cinegética.

A aptidão de um habitat para uma dada espécie anda em função da adequação do meio para satisfazer as suas diferentes necessidades vitais, designadamente: alimento, abrigo (refúgio, conforto térmico, tranquilidade) e água. A composição fito-estrutural da paisagem, considerados cobertos arbóreo, arbustivo e herbáceo, pode ser expressa através de variáveis contínuas quantitativas.

Na área em estudo, e tendo em conta o coberto existente é de realçar a aptidão cinegética, com as seguintes espécies sedentárias: Perdiz Vermelha (*Alectoris rufa*), Lebre (*Lepus capensis*); Coelho Bravo (*Oryctolagus cuniculus*), Faisão (*Phasianus*

*colchicus*), Raposa (*Vulpes vulpes*) e os Saca-Rabos (*Herpestes ichneumon*); quanto às espécies migradoras: Codorniz (*Coturnix coturnix*), Rola Comum (*Streptopelia turtur*), Tordos (*Turdus* sp.), Pombos (*Columba* sp.), e a Narceja Comum (*Gallinago gallinago*); quanto às aves aquáticas: Patos (*Anās* sp.), Zarros (*Aythya* sp.), Abibes (*Vanellus vanellus*) e Tarambolas (*Pluvialis apricaria*).

A zona de matos também pode ser favorável à população de Javali (*Sus Scrofa*), que normalmente vive em zonas de floresta autóctone, preferindo áreas com algum declive, com existência de coberto de refúgio em abundância e de água livre nas imediações próximas.

Para além destas espécies, de aptidão cinegética, em termos de fauna terrestre na zona de Estremoz, encontramos também uma grande diversidade de aves e mamíferos: a águia-real, a alveola-branca, coruja-das-torres, cotovia, cuco, falcão peneireiro, gaio comum, gralha, milhafre preto, pega azul, andorinha, pica-pau, pisco-de-peito ruivo, estorninho, corvo, cegonha-branca, melro, pintassilgo, chapim, mocho, pardal, poupa, entre muitos outros. No que se refere aos mamíferos, para além dos que já foram referidos no parágrafo anterior, destacam-se também o gato-bravo e o ouriço-cacheiro.

No que se refere à fauna aquática, existente nos pequenos cursos de água e barragens do concelho de Estremoz, temos a achigã, a carpa, o barbo, etc. Na proximidade das linhas de água é frequente encontrar alguns anfíbios como o Tritão-marmorado, a Salamandra, o Tritão-de-ventre-laranja, o Sapo-parteiro-ibérico, o Sapo, a Relã, entre outros.



**PARTE IV.**  
**Lugares de Estremoz**



## 4.1 História da investigação arqueológica

Estremoz tem uma história que se pode contar pelos acontecimentos que aqui tiveram lugar, pelas personagens ilustres que aqui viveram e morreram, pelos monumentos que são testemunhos do seu passado, pelos modos de vida, tradições e costumes da sua população ou pelos movimentos políticos, sociais e religiosos que marcaram o seu desenvolvimento. Todavia, dos seus sítios arqueológicos e do espólio que lhes foi sendo retirado pouco se sabe, por não terem sido convenientemente divulgados.

Até ao momento, não foram identificados no território estremocense, sítios paleolíticos<sup>11</sup>, sabe-se apenas, que as primeiras instalações humanas neste concelho terão sido preconizadas pelas comunidades agro-pastoris e dos primeiros metalurgistas (IV e III milénios a.C.)<sup>12</sup>. Segundo documentos da Chancelaria de D. João II, o testemunho desta relação ancestral está patente na utilização, em 1482 de um monumento funerário (anta), como ponto de delimitação de uma herdade, junto à Ribeira de Ana Loura<sup>13</sup>. Exemplo de uma estrutura similar, é a capela de Nossa Senhora da Conceição, localizada a cerca de dois quilómetros da cidade de Estremoz, numa zona que durante toda a Idade Média era denominada precisamente por *Antas*<sup>14</sup>. Na obra "*Estremoz e o seu Termo Regional*", Marques Crespo faz também referência a este monumento, denominado pela tradição oral de Pedra da Ronca, e que segundo a lenda "(...) a ela encostam os ouvidos os incautos que acreditam que se ouve roncar o mar sendo postado na extremidade oposta um engraçado que troça dos que caem na arriosa." (Crespo, 1950, p.4).

No capítulo do megalitismo estremocense, houve uma extensa e intensa ação de investigadores como Manuel Heleno, Georg e Vera Leisner.

Dos extensos trabalhos realizados pelo arqueólogo Manuel Heleno no concelho de Estremoz, nas décadas de 30/40 do século XX, pouco se sabe. Tal, deve-se ao facto

---

<sup>11</sup> Jean Roche, Luciano Ribeiro e Maxime Vaultier, publicam para a revista *Arqueólogo Português*, um artigo onde dizem terem sido identificados na envolvente da freguesia de Evoramonte, vestígios datáveis do Paleolítico Superior, mais concretamente do período Solutrense. *Vide* Roche, Ribeiro e Vaultier, 1969, p. 8.

<sup>12</sup> *Vide* Gonçalves, 1999, p. 31.

<sup>13</sup> Cf. IAN-TT, Chanc., D. João II, liv. 2, fl. 152vº.

<sup>14</sup> Sobre a anta junto à capela de Nossa Senhora da Conceição, *vide* Oliveira, Sarantopoulos e Balesteros, 1997, p. 31.

deste investigador nunca ter publicado as intervenções que efetuou em monumentos megalíticos do Alentejo Central, no entanto, existem alguns autores que salientam a importância desses trabalhos. De entre esses autores, destaca-se uma passagem do Fernando Castelo-Branco, em que se afirma que este arqueólogo terá explorado "quinze dolmens na zona de Estremoz, alguns com pinturas e gravuras" (Castelo-Branco, 1979, p.10), mas Leonor Rocha, na sua tese de doutoramento sobre os cadernos de campo deste investigador, apresenta novos dados sobre o megalitismo estremocense, afirmando que no concelho de Estremoz, Manuel Heleno terá efetuado escavações apenas nos monumentos localizados na área Norte/Noroeste do concelho. Dos 24 monumentos registados nos cadernos de Manuel Heleno, Leonor Rocha realçou apenas 19 monumentos; "os restantes cinco ou estão destruídos ou encobertos na paisagem" (Rocha, 2005, p.114).

Na década de 50 do século XX, Octávio da Veiga Ferreira, numa passagem por Estremoz, faz referência a dois monumentos megalíticos situados na Serra d'Ossa (Ferreira, 1950). Ainda na mesma década, são as obras dos arqueólogos alemães Georg e Vera Leisner (Leisner, 1955, 1949, 1959), que merecem um maior destaque; não só pelos numerosos estudos efetuados, mas também pela metodologia aplicada<sup>15</sup>. A obra deixada pelo casal Leisner tornou-se a principal referência no megalitismo peninsular e, ainda nos nossos dias, continua a ser uma fonte imprescindível de informação sobre o mundo funerário megalítico. Apesar de utilizarem uma cartografia de pequena escala, que se torna pouco precisa (1:100000), as indicações avançadas nos textos destes investigadores, referentes à localização de grande parte dos monumentos, são ainda hoje, bastante úteis para a maior parte dos arqueólogos que se interessam pelo megalitismo. Por outro lado, o casal Leisner contribuiu para a localização e descrição de um elevado número de monumentos megalíticos, até então, inéditos.

O casal Leisner intervencionou inúmeras construções funerárias localizadas na encosta setentrional da Serra d'Ossa, numa zona onde era comum a extração de cobre, já em "épocas antigas", sendo a mina da Mostardeira um testemunho (Leisner, 1955, p. 3). Os resultados obtidos nestas intervenções, em termos materiais permitiram a identificação de um "elemento estranho à cultura megalítica", uma taça campaniforme, característica de outras regiões e culturas e datável dos momentos finais do III ou dos

---

<sup>15</sup> O casal Leisner identificou e publicou entre os anos 40 e 60 do século XX, centenas de monumentos megalíticos no Alentejo Central, apresentando uma descrição bastante exaustiva das suas plantas, espólios e estados de conservação (Leisner, 1949 e 1959).

inícios do II milénio a.C. (Idem, p. 6 e 19). Na sua opinião tratar-se-iam de objetos de prestígio penetrando nos gostos das populações calcolíticas locais, mas refletindo a existência de comunidades em que se generalizara uma importante inovação tecnológica: a extração e o trabalho do cobre. Esta descoberta veio reforçar a sua ideia de que a disponibilidade mineral estaria intimamente relacionada com a ocupação precoce do espaço.

Apesar dos escassos elementos conhecidos é, no entanto, provável que a exploração dos recursos mineiros na área de Estremoz, tenha continuado ao longo da Proto-História, como comprovam o machado e a ponta de lança, datados do Bronze Final, descobertos fortuitamente nos arredores da vila, nos inícios do segundo quartel do século XX (Vasconcelos, 1929, p. 201).

Nos primeiros anos da década de 40 do século XX, Francisco Álvarez-Ossorio, investigador de nacionalidade espanhola, faz referência a uma joia (bracelete em ouro), descoberta em Estremoz, cedida ao Museu Arqueológico Nacional de Madrid em 1921, por um banqueiro espanhol (Álvarez-Ossorio, 1941, p. 35), e que ainda hoje se encontra exposta no mesmo Museu (Madrid). Posteriormente, nos anos 50, também F. Russel Cortez (Cortez, 1954), publica para a Revista da Sociedade Portuguesa de Numismática, um artigo, referente a esta mesma peça, ao que tudo indica, encontrada por volta de 1871, nos arredores de Estremoz, por um lavrador, e possivelmente, datável de 1300-900 a.C (Bronze Final) (figura 1, anexo IV). Junto a esta peça de ourivesaria, terá sido também descoberto uma "*couraça*" feita do mesmo material, que terá sido derretida por um ourives da zona (Cortez, 1954, p. 1-4). Não existe, todavia, qualquer referência à localização exata do sítio onde terão sido feitas estas descobertas.

Dentro da mesma área cronológica, já desde os inícios do século XX que se conhece a ocupação antiga de Evoramonte, nomeadamente de época pré-romana e romana, dada a conhecer por José Leite Vasconcelos (1918), onde nos apresenta algumas "*antigualhas*" que foram remetidas para o então Museu Etnológico pelo ilustre evoramontense António Maria do Carmo. Entre elas contam-se diversos cossoiros, moedas e uma bala de funda, encontrados dispersamente ao redor de Evoramonte, e que facilmente se integrariam nas tipologias disponíveis para este tipo de objetos de origem pré-romana (Vasconcelos, 1918, p.78-81). Bastante mais tarde, J. Alarcão, compreende a relevância estratégica do local, em termos de transitabilidade, e propõe a sua associação à cidade pré-romana e romana de *Dipo*, hipótese reafirmada recentemente

(Alarcão, 2002, p.98) e que tem sido seguida por vários autores (Fabião, 1998, p.51; Guerra, 2010, p. 90).

Em 1918, voltam a surgir vestígios de ocupação antiga em Evoramonte, citados por José Leite Vasconcelos, destacando-se a identificação de uma "*glans latericia*" e uma moeda associada a cunhagens de *Salacia*, que nos remete para a presença de uma ocupação tarso-republicana no local (Vasconcelos, 1918, p.78-81).

Em meados dos anos 90, os arqueólogos Manuel Calado e Leonor Rocha (1997) apontam para que a ocupação de Evoramonte seja do final da Idade do Bronze e não da Idade do Ferro. Todavia, apenas no ano de 2008, se produziria uma alteração assinalável na perceção sobre as antigas ocupações do cabeço de Evoramonte, resultante de uma campanha arqueológica, levada a cabo pelo arqueólogo Rui Mataloto e que permitiu consolidar os conhecimentos sobre a ocupação da Idade do Bronze nesta terra. Os dados disponíveis permitem assinalar a presença de um extenso povoado do final da Idade do Bronze que ocuparia grande parte do topo e encostas de Evoramonte. Segundo Rui Mataloto, seria "um dos maiores, senão mesmo o maior povoado desta cronologia documentado em território alentejano" (Mataloto e Alves, 2009). Tendo em conta os materiais arqueológicos recolhidos até ao momento, ao final da Idade do Bronze parece suceder-se um momento de abandono ou acentuado declínio, ou seja assiste-se a um abandono do povoado central em benefício de várias unidades de povoamento menores (Mataloto, 2004). Rui Mataloto, com o apoio da Câmara Municipal de Estremoz, continua a desenvolver a sua investigação, neste local (figura 2, anexo IV).

Na obra "*Jóias Pré-Romanas*", da autoria de Manuel Heleno apresenta-se um estudo de uma argola lisa de ouro, datada da Idade do Ferro, que se referencia como sendo dos arredores da cidade de Estremoz (Heleno, 1935, p. 229-258). Ainda nesta obra menciona-se a existência de antas no concelho, onde teriam sido encontradas algumas contas de colar (Heleno, 1935, p. 231).

Contudo, é na década de 60 que José Morais Arnaud, dá a conhecer à Arqueologia Portuguesa, uma importante povoação de tipo castrejo, situada numa herdade da freguesia de São Bento de Ana Loura. Este sítio arqueológico, denominado de *Castelo Velho de Veiros*, situa-se a quatro quilómetros a Sul da freguesia de Veiros, no cimo de um outeiro que se encontra ladeado pelas ribeiras da Orada e Ana Loura. Este castro que conta com um recinto amuralhado, terá de área cerca de quatro hectares. A sua ocupação remonta à Idade do Ferro e prolonga-se até ao início da época imperial

romana. Para além de muitos fragmentos cerâmicos à superfície, são ainda hoje visíveis alguns moroiços em pedra solta de xisto<sup>16</sup> (Arnaud, 1968 e 1970) (figura 3, anexo IV).

O período romano no atual concelho de Estremoz é talvez, do ponto de vista arqueológico, um dos melhores documentados, uma vez que são numerosos os dados e informações relativas a sítios desta época. A destacar a descoberta da *villa* romana de Santa Vitória do Ameixial, intervencionada pelo arqueólogo Luís Chaves em 1915/16<sup>17</sup>, e das necrópoles da Silveirona (uma romana e a outra tardo-romana) pelo investigador Manuel Heleno em 1934.

Em relação às publicações sobre Estremoz, anteriores ao séc. XX, os dados são muito vagos, sobretudo no que diz respeito à localização dos sítios arqueológicos. No entanto, apesar de escassas e pouco específicas, desde cedo que começaram a surgir referências a vestígios de ruínas, em contextos bastante distintos, e que a tradição oral, atribuída na maioria das vezes, aos mouros, como iremos verificar.

São de destacar as notícias sobre os vestígios identificados em Santa Vitória do Ameixial publicadas, pelo Padre Luís Cardoso entre 1747 e 1752, no seu "*Diccionario Geografico*":

*"Da Igreja para a parte do Occidente, e a Norte no mais alto sitio, se conserva ainda hum pedaço de parede fortissima, a que chamão Torrião, em altura de vinte palmos, e mais de cinco de grossura, que mostra ser hobreira de porta, que teria huma vara de largura, e de algum grande edificio, e dão a entender (como tambem corrobora este sentir, as muitas pedras soltas, e espalhadas, que por alli se vem, alem das que se tem já aproveitado os moradores para as suas casas) haver alli nos tempos antigos povoação, ou ser palacio de alguma grande personagem; porém disto não há memória ou tradição: ainda que o vulgo diz ser povoação de mouros, que talvez por isso que a fonte que está no baixo se chama da Moura. Existe mais hum, que parece foy lago, ou tanque de parede fortissima com espigão por cima (...); e junto a este está outro mais pequeno demolido: e entre a Igreja e o Torrião, outros dous alicerces de canos, e arquetas tudo destruído, por onde parece lhe vinha a água das fontes da Granja, e Ruivinhos, o que só poderia ser por aquedutos de arcos, de que não há vestígios (...)"* (Cardoso, 1747-52, p. 437-440).

---

<sup>16</sup> Vide Mataloto e Roque, 2010.

<sup>17</sup> Vide Chaves, 1938.

Também o Prior Manuel Rodrigues Damião, na obra "*Memórias Paroquiais de 1758*", escreveu algumas referências sobre esta *villa*. "(...) a igreja de Santa Vitória do Ameixial se encontra entre ruínas que, pela multidão de pedras avulsas, alicerces de paredes fortíssimas por bem argamassadas, de tanques, canos, aquedutos, ossos humanos, dão a entender que houve no sítio alguma povoação tão antiga que não há memória nem tradição de como se chamava, nem de que nação de gente foi habitada, ainda que o vulgo a diga obra de mouros." (Apud Costa, 1961, p. 8).

José Leite Vasconcelos, menciona-a igualmente em diversas alusões e anotações realizadas em 1896, avançando, pela primeira vez, uma cronologia romana para a *villa* de Santa Vitória do Ameixial (Vasconcelos, 1912, p. 284).

Os trabalhos arqueológicos neste sítio foram iniciados em 1915 por Luís Chaves (1938) e só então se começa a conhecer a verdadeira dimensão das ruínas, bem como a natureza dos vestígios encontrados<sup>18</sup>. Mais recentemente foram realizados novos trabalhos de escavação arqueológica pela empresa *Era-Arqueologia* (1997), onde foi posta a descoberto uma parte da *pars urbana* da *villa*, nomeadamente "um conjunto de espaços utilitários que funcionavam em torno do peristilo". Foi ainda identificada uma "área das cozinhas", na parte nordeste do *peristilo*, constituída por três compartimentos, um deles com evidentes sinais de utilização, que indica ser um espaço de confeção de alimentos, visto que as "unidades associadas a esta estrutura forneceram uma grande quantidade de cinzas, fragmentos de cerâmica comum e fauna mamalógica". Pelas características, supõe-se que esta estrutura esteja associada ao que terá restado de um fogão. Na ala noroeste do *peristilo*, identificou-se um hipocausto, possivelmente para aquecimento de um compartimento (sala). Os materiais recolhidos nesta intervenção, balizam-se cronologicamente entre o primeiro quartel do século I a.C e o século V d.C. (Macedo e Gomes, 2000, p. 51-67).

Na obra "*Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*", o Pr. Fernando Roberto Gouveia, ao referir-se à freguesia de Santo André de Estremoz menciona, junto da igreja de Nossa Senhora dos Mártires, o aparecimento de uma ara funerária romana (Fonseca, 2003, p.180) e dois túmulos de pedra, um em 1732, e outro em 1744, o último ainda tinha preservado um esqueleto e junto deste, encontrava-se uma espécie de almotolia e um prego. As fontes escritas apontam para a provável

---

<sup>18</sup> Para além desta publicação, Luís Chaves, escreveu várias vezes sobre o tema. *Vide* respetivamente, Chaves, 1922, 1932, p. 250 e 1936.

existência, junto da Ermida de Nossa Senhora dos Mártires, de uma necrópole, realidade consistente com o topónimo usado noutros locais para sacralizar espaços onde ao longo dos séculos foram surgindo sepulturas<sup>19</sup>.

Para além das descobertas referidas anteriormente, o prior Fernando Gouveia refere-se também a um tanque, situado nas proximidades da igreja (Apud Costa, 1961, p.7). Passa-se a citar: "*Não longe desta igreja ha hum famozo lago antigo, que terá mais de quatrocentos passos de circuito e vinte e cinco palmos de alto. O vulgo lhe chama o tanque dos Mouros - nome que o povo costuma dar a todo o edeficio cuja antiguidade se ignora. Este lago he quadrado e alguns pensarão serem banhos dos romanos, porem com serteza so se sabe que a agoa lhe vinha de huma fonte publica que o povo deu aos religiosos de Santo Antonio, que fica pouco distante. (...)*" (Apud Costa, p.130-131).

Atualmente, o ainda denominado Tanque dos Mouros, é uma estrutura romana de planta retangular, com grande capacidade de armazenamento de água, com dimensões de 90 x 45m. A sua construção parece estar ligada ao aproveitamento de água para rega e para abastecimento de uma eventual *villa* (Quintela, Cardoso e Mascaranhas, 1987) (figura 5, anexo IV).

Também Marques Crespo, na sua obra intitulada de "*Estremoz e o seu Termo Regional*", refere que nas proximidades do referido Tanque e da Ermida de Nossa Senhora dos Mártires, terá sido encontrada uma coluna de mármore inscrita com caracteres latinos, moedas em grande quantidade, aparentemente romanas (Crespo, 1950, p.5).

Ainda no decorrer do século XVIII, há referência à identificação de duas lápides, na Igreja de Nossa Senhora do Mileu (Veiros). O prior da terra, Francisco Ribeiro Fernandes, menciona que as mesma estão integradas na parte fronteira da igreja e considera que uma delas será romana e a outra tinha "*(...) huas letras latinas muito antigas, que suposto se lem alguas não se lem todas quantas erão, por estar a pedra partida de hum lado, o qual lhe falta.*". (Costa, 1961, p.159) Mais tarde, Luís Chaves confere veracidade a esta informação, publicando um artigo sobre a lápide romana de *Sextus Aebutius Rufinus* (Chaves, 1916, p.90-91).

---

<sup>19</sup> No século XVIII são referidas "*muitas medalhas Romanas, muitas sepulturas*" junto a esta igreja. Na década de 80 do século passado é recenseada uma ara funerária romana com a mesma proveniência (Fonseca, 2003, p. 180).

Da presença romana em Estremoz são também testemunha alguns achados arqueológicos da freguesia de São Domingos de Ana Loura, mencionados por Marques Crespo, nomeadamente a existência de ruínas de um tanque, que segundo o autor " (...) *se fosse posto a descoberto nos daria talvez demonstrações claras de uma piscina*". Para além desse vestígio, o autor refere ainda, terem sido encontradas algumas sepulturas quando se procedia a trabalhos agrícolas nas proximidades do Monte do Reguengo (São Domingos de Ana Loura) (Crespo, 1950, p.9). Marques Crespo refere também que na freguesia de Arcos foram encontradas em 1775, várias "sepulturas gentilícias (...), alguns ladrilhos, sepulturas com campas de mármore, um martelinho, uma tesourinha, duas urnas lacrimais - um de vidro verde e outra de barro (...)", objectos arqueológicos que ao longo dos tempos acabaram por se extraviar (Crespo, 1950, p.230).

Em pleno século XXI, Rui Mataloto, identifica na encosta Norte da serra d'Ossa, mais precisamente no Fortim das Cortes, materiais arqueológicos que apontam para uma ocupação romana em torno do século I a.C., nomeadamente "contentores de bordo extrovertido, por vezes decorados com linhas incisivas ondulantes" e cerâmicas de importação, como "ânforas de produção bética, possivelmente da Classe 15 (Haltern 70)." (Mataloto, 2002, p.172-173).

Ainda relativamente à época romana, Saavedra Machado, num artigo, enumera um conjunto de intervenções arqueológicas realizadas em várias estações romanas, nos arredores de Estremoz: "Monte da Boa Vista, Eira da Madruga, S. Bento do Cortiço, "Villa" da Coelha, Malpique, S. Lourenço, Mourinhos, Cerca, St.º Estêvão, Freixeirinha" (Machado, 1964, p. 112-113).

Em maio de 1934 foram descobertas na freguesia de Santo Estêvão (Herdade da Silveirona) por Manuel Heleno, duas necrópoles<sup>20</sup>. As escavações destes dois conjuntos funerários decorreram entre maio e julho de 1934. A primeira necrópole, do qual 35 sepulturas foram escavadas, foi datada da primeira metade do século VI d.C., com base nas inscrições paleocristãs ali identificadas; a segunda, com mais de 80 sepulturas identificadas, baliza-se entre os séculos II e V d. C., e foi datada pelo espólio cerâmico e vítreo. A particularidade destes dois sítios é a de terem sido escavados, descritos (em 8 cadernos de campo) e fotografados (mais de 150 fotografias) por Manuel Heleno, no início da sua carreira de arqueólogo. Também foram aí realizadas as primeiras

---

<sup>20</sup> Foi usado pela primeira vez em Portugal, nas escavações do conjunto funerário da Herdade da Silveirona a fotografia aérea.

fotografias aéreas da história da arqueologia portuguesa, que permanecem infelizmente, até hoje, em paradeiro desconhecido. Esta descoberta teve um grande impacto do ponto de vista nacional e internacional, como o ilustram os inúmeros artigos de jornais, correspondências e, até, poemas guardados no Arquivo de Manuel Heleno no Museu Nacional de Arqueologia. O espólio destes dois conjuntos encontra-se preservado nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia<sup>21</sup>, e tem vindo a ser alvo de interesse por parte de vários investigadores, nomeadamente Mélanie Cunha, que em 2004, na sua tese de mestrado, recupera do esquecimento algum do espólio que se encontrava nos acervos do Museu, provenientes destes dois conjuntos funerários (Cunha, 2004); Alberto Cunha e Maria Neto elaboram um estudo sobre os materiais osteológicos, fazendo a análise das características da população visigótica da Silveirona (Cunha e Neto, 1953).

Relativamente à época medieval, em meados do século XVIII, na obra *Crónica dos Eremitas da Serra de Ossa* (1745), refere-se um conjunto de 22 cenóbios dispersos pela serra, alguns já desaparecidos na época em que o texto foi redigido, assim como inúmeros eremitérios escavados na rocha, de que hoje se conhece apenas um conjunto de três grutas, abertas no xisto, e localizadas no concelho de Estremoz.

Entrando na primeira década do século XXI, arqueólogos integrados em empresas/equipas de estudos de impacto ambiental ou a título particular têm contribuído com novos dados sobre o património arqueológico deste concelho. Para tal contribuíram os trabalhos de acompanhamento das valas abertas para a colocação de infraestruturas de drenagem na praça Rossio Marquês de Pombal, dirigido por Adélia Garcia Morais e Maria Teresa Pereira (2001), onde foram identificadas três sepulturas de época medieval. Também nos trabalhos de prospeção no âmbito do estudo de impacto a nível patrimonial da construção da barragem de Veiros foram identificados dois dormentes de moinho manual em granito, vestígios de barro de cabana e vários fragmentos de cerâmica manual dispersos no topo e no sopé norte do cabeço do sítio conhecido como Bacoreira.

Para além destes, o Projeto de Requalificação da Envolvente da Torre de Evoramonte, dirigido por Teresa Monteiro Ramos da Costa (2004), que teve como principal objetivo, verificar se a Torre assentava diretamente sobre o afloramento, cujo espólio recolhido sugere uma ocupação da área balizada entre a Proto-História até à Época Moderna; os trabalhos inseridos no âmbito do PNTA (Plano Nacional de

---

<sup>21</sup> Para mais informações sobre as necrópoles da Herdade da Silveirona, veja-se também: Fabião, Dias e Cunha, 2008.

Trabalhos Arqueológicos do Instituto Português de Arqueologia), que decorreram em outubro de 2006, sob a direção de Marco Liberato em parceria com a arqueóloga Helena Santos, onde foi feita uma pequena intervenção arqueológica no núcleo medieval da vila, junto das portas de Santarém. Segundo Marco Liberato, na área intervencionada foi identificada uma "intensa campanha de transportes de entulho, que preencheram as irregularidades do substrato rochoso, criando uma superfície nivelada", que os investigadores acreditam estar relacionada com as renovações das muralhas, durante a Guerra da Restauração (figura 5, anexo IV). De realidades anteriores, pouco sobreviveu, com exceção de alguns materiais tardo-medievais, depositados numa depressão da rocha de base (Liberato, Santos, 2009, p. 1546-1557).

Os trabalhos arqueológicos e antropológicos realizados na Herdade do Bota Fora e Sequeiras dirigidos pela arqueóloga Cláudia Romão (2007) revelaram a existência de quatro enterramentos integrados num cemitério anexo à Igreja de São Tiago<sup>22</sup>. André Carneiro, Dina Pereira e Ulrico Galamba, em 2009, realizam trabalhos arqueológicos no espaço destinado ao novo mercado coberto de Estremoz, onde detetam ossos humanos, alguns remexidos por anteriores obras ocorridas no local, mas outros ainda *in situ*. Aparentemente pertencem à necrópole da antiga Misericórdia de Estremoz. Foi também identificado nesta intervenção, um túnel de abastecimento de águas escavado no subsolo rochoso, com comunicação direta com poços-cisterna associados ao atual edifício da Câmara Municipal de Estremoz, que era o antigo Convento dos Congregados. Este túnel, parte dos antigos anéis de água da cidade, e possivelmente deve remontar à data da construção do convento, ou seja balizado entre 1697-1703.

Infelizmente, alguns destes trabalhos não chegaram a ser objeto de publicação integral, encontrando-se disponíveis apenas sob a forma de relatórios inéditos.

Relativamente à época moderna, a cerca de quatro quilómetros do limite da freguesia dos Arcos, em terras circunvizinhas com o concelho de Borba, documenta-se na obra "*Estremoz e o seu concelho nas Memórias Paroquias de 1758*" que tenham existido duas ermidas, uma na herdade da Foupana, pertencente ao património das religiosas das Chagas de Vila Viçosa, sendo uma pequena ermida " (...) chamada de São Dominginhos (...), a qual tem hum só altar;" (Costa, 1961, p. 94). Segundo Túlio

---

<sup>22</sup> Mário Alberto Costa menciona que na década de 60, próximo da zona referida, terá sido encontrada num quintal da residência n.º23 da calçada da Frandina, em Estremoz, uma sepultura com ossadas e uma cabeceira com representações fitomórficas: *Vide* Costa, 1961, p. 12.

Espanca, na capela, existiam vestígios de colunas de mármore, toscanas, e um espaçoso pavimento de placas do mesmo material. Na entrada da quinta, havia um magnífico portal, revestido em mármore branco, datado do reinado de D. João V, que possuía um nicho central, onde existiu possivelmente a imagem de um santo. (Espanca, 1975, p. 216). Perdida no tempo, atualmente, da ermida conservam-se apenas, para além da tradição locativa, vestígios dos seus alicerces. A outra ermida, era propriedade "*(...) dos reverendos padres da Congregação do Oratorio desta villa de Estremoz, a qual tem por orago Nossa Senhora da Assumpção, com tres altares; está cituada nhum quinta dos mesmos reverendos padres, donde elles tem hum bello hospicio, por modo de convento*" (Costa, 1961, p. 94).

Ao longo da pesquisa bibliográfica vamos encontrando pequenas referências, pobres no seu discurso, limitando-nos à mera indicação toponímica de locais com ocupação antiga - veja-se a título de exemplo as referências a vestígios avulsos encontrados dispersamente em algumas freguesias do concelho de Estremoz, publicadas numa das maiores fontes arqueológicas, a revista *Arqueólogo Português*, por José Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1916, p. 155-157). Este relata o aparecimento de um instrumento neolítico, na Herdade da Terça da Duquesa, na freguesia de Santa Maria; ainda no mesmo volume, Luís Chaves (Chaves, 1916, p.150-152), descreve uma asa de sítula, proveniente dos arredores da freguesia de São Domingos de Ana Loura. Em *Hierologia Lusitana*, Luís Chaves, descreve um amuleto romano de carácter fálico, feito em ouro, encontrado nos arredores de Estremoz (Vasconcelos, 1925/26, p. 23-24). Para além destas publicações, José Leite Vasconcelos, refere a aquisição para o Museu Etnológico de um machado de pedra, aparentemente "com muito uso"; uma parte metálica de um machado e de um "ferro" de lança, oco e com expansões laterais laminiformes, ambas de bronze, provenientes dos arredores de Veiros (Vasconcelos, 1927/28, p. 170).

A falta de informações sobre as condições de achado deste tipo de artefactos é muito comum. Correspondem, quase sempre a achados isolados que vão passando muitas vezes, de geração em geração, acabando por se perder a memória da sua proveniência.

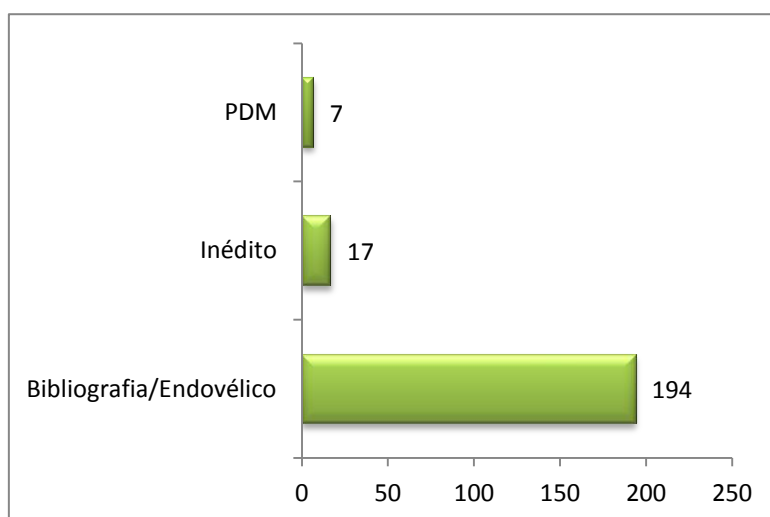


## **PARTE V.**

### **Resultados: os dados da arqueologia**

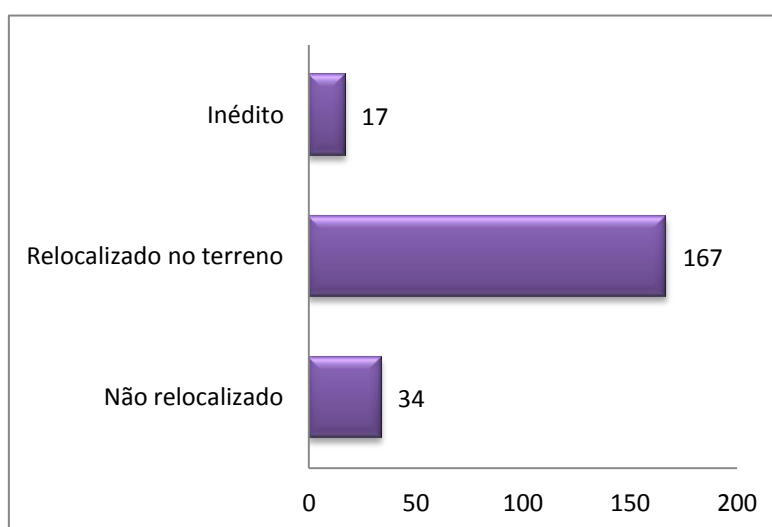


Os trabalhos de prospeção arqueológica levados a cabo no âmbito desta dissertação, permitiram identificar e relocalizar um total de 218 ocorrências arqueológicas<sup>23</sup>, sendo destas 17 novos sítios. Os restantes resultam da relocalização de sítios já identificados quer na bibliografia, quer no inventário nacional de sítios arqueológicos (Endovélico) e no PDM (gráfico 1).



**Gráfico 1-** Origem dos dados sobre sítios arqueológicos

Deste conjunto, foram relocalizados 167 sítios arqueológicos. Todavia, não foi possível determinar a localização *in situ* de 34 ocorrências, devido à alteração da paisagem e à destruição dos vestígios (gráfico 2).



**Gráfico 2-** Identificação dos sítios nos trabalhos de campo

<sup>23</sup> Importa referir que do número total de sítios identificados, 24 encontravam-se destruídos à data do seu recenseamento neste inventário.

Do total de sítios identificados, verifica-se que a sua distribuição na área concelhia não é uniforme (gráfico 3), havendo significativas desigualdades entre freguesias. A União de Freguesias de Estremoz (Santa Maria e Santo André), ultrapassa a meia centena de sítios identificados, enquanto que a freguesia de Arcos, apenas apresenta seis sítios referenciados.

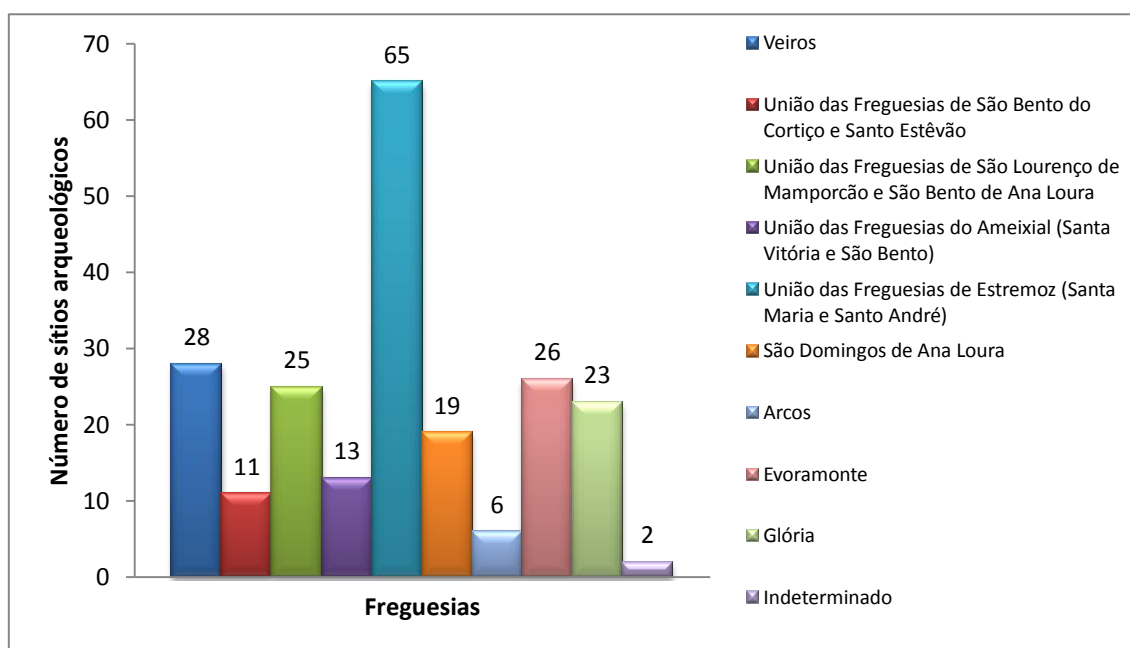
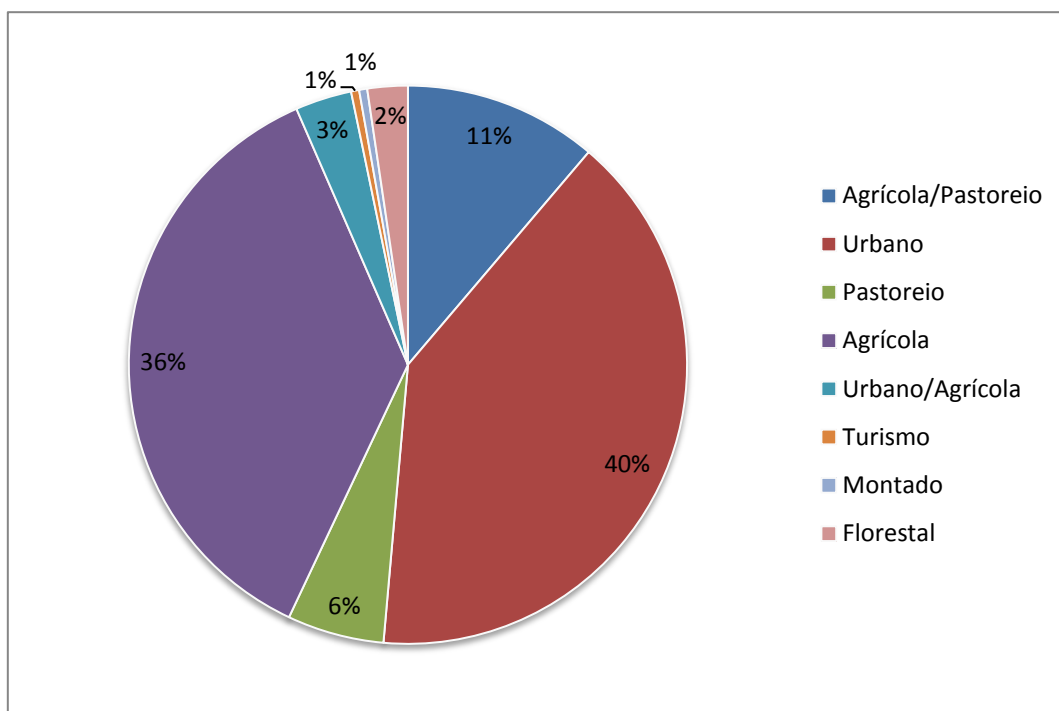


Gráfico 3- Número total de sítios por freguesia

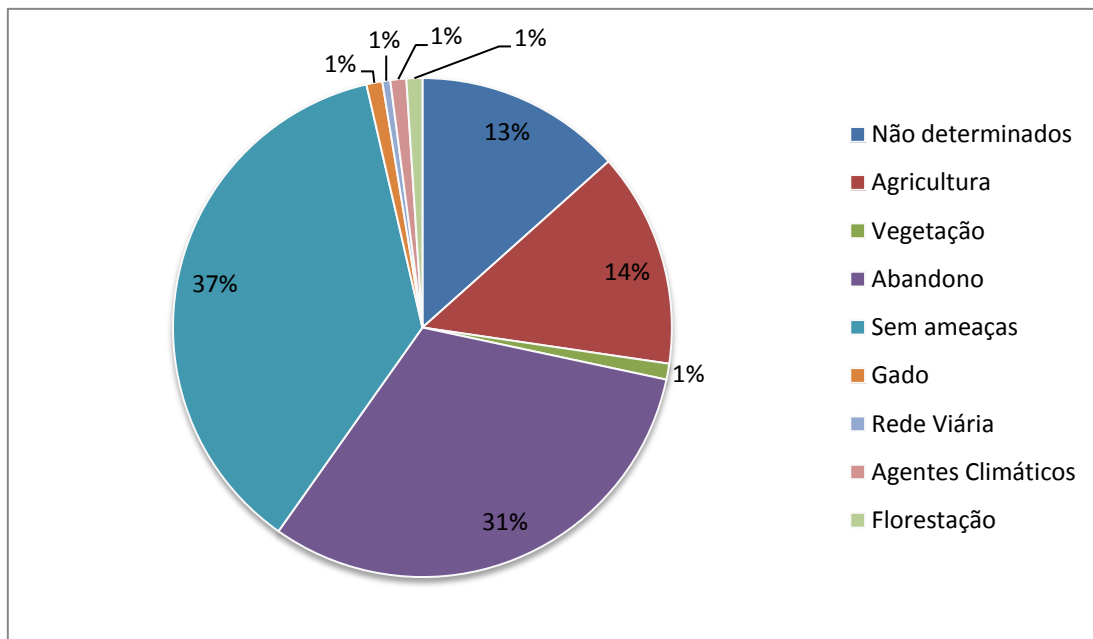
Esta acentuada disparidade em termos de resultados resulta, em primeiro lugar, da metodologia utilizada durante os trabalhos de campo, uma vez optámos pela organização dos sítios arqueológicos em termos administrativos, considerando as freguesias, ou conjuntos de freguesias, como unidades a prospetar. Por outro lado, o esforço de prospeção foi mais intenso e continuado nas freguesias para as quais havia mais referências bibliográficas, toponímicas ou orais, indicadoras de potenciais áreas de interesse arqueológico. Devemos também ter em conta que de uma forma geral, as freguesias que apresentam uma maior concentração de estações arqueológicas são também aquelas que apresentam uma área territorial mais vasta, sendo o inverso igualmente válido. Ainda assim, e considerando o número total de sítios registados (218) e a área total do território prospetado (513,7 km<sup>2</sup>), verifica-se, em média, uma concentração superior a duas ocorrências de interesse arqueológico por km<sup>2</sup>.

No que diz respeito à distribuição dos sítios pela área concelhia, nomeadamente no que concerne aos índices de ocupação do solo, verifica-se que 47% dos sítios com potencial arqueológico se inserem em áreas rurais e 40% localizam-se em áreas afetadas aos espaços urbanos de cada freguesia (gráfico 4).



**Gráfico 4-** Distribuição dos sítios arqueológicos por tipos de ocupação de solo.

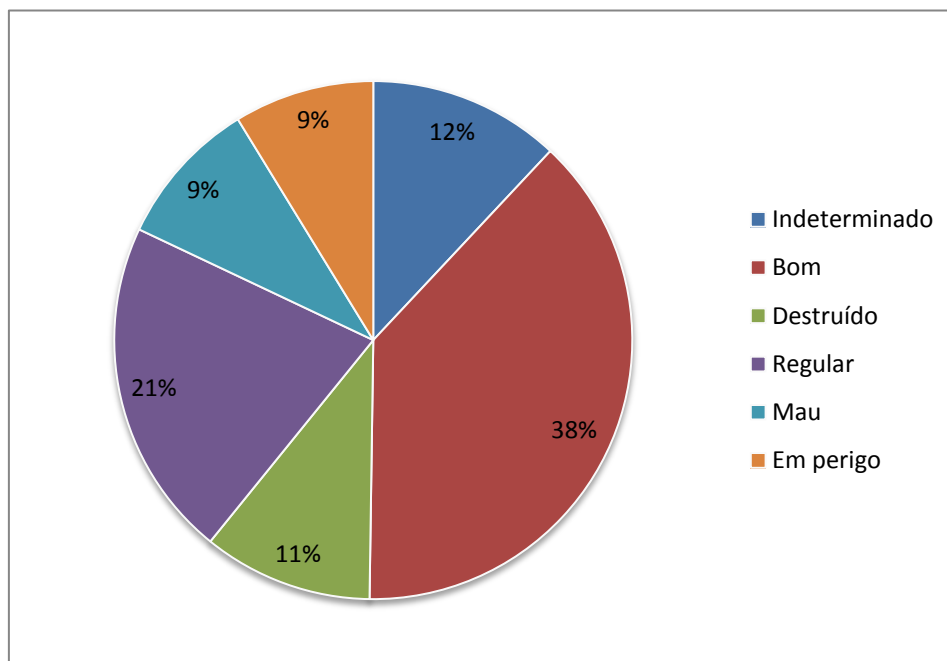
Se cruzarmos os dados da distribuição das ocorrências arqueológicas com a informação relativa ao historial da ocupação do solo, verificamos que é nas áreas que sofreram uma expansão urbana e nas que foram sujeitas ao desenvolvimento de uma atividade agrícola cada vez mais mecanizada, que se referenciam mais ocorrências. Tal explica-se porque esta atividade económica e construtiva implica uma maior remobilização de solos, o que acarreta a identificação de vestígios e, por vezes, a sua destruição. Isso implica naturalmente, uma maior facilidade na sua identificação, mas simultaneamente, representa também um aumento significativo das ameaças à salvaguarda dos mesmos, pois por exemplo, uma lavoura intensiva pode contribuir para a destruição e eliminação por completo de sítios e vestígios arqueológicos (gráfico 5).



**Gráfico 5-** Incidência dos tipos de ameaças detetadas nos sítios arqueológicos identificados.

Efetivamente, 48% das ameaças detetadas resultam diretamente ou indiretamente da atividade humana (abandono, agricultura, florestação, rede viária e gado), cabendo 14% desse total à agricultura. Apenas 2% das ameaças dizem respeito a fatores de ordem natural, como o crescimento da vegetação e a ação dos agentes climáticos.

Com o aumento do número de ameaças, alguns sítios arqueológicos têm vindo a sofrer um processo de degradação bastante acelerado, o que infelizmente ditou mesmo, a destruição de alguns (gráfico 6). De uma forma geral, verificamos que 59% dos sítios arqueológicos evidencia um estado de conservação considerado como "Bom" (38%) ou "Regular" (21%). Todavia, 29% os restantes sítios apresentam um estado de manutenção que varia entre "Mau" (9%), "Em perigo" (9%) e "Destruído" (11%). Não foi possível determinar o estado de conservação de 12% dos sítios.



**Gráfico 6-** Estado de conservação dos sítios arqueológicos identificados.

No que diz respeito ao tipo de sítios, foram consideradas para o conjunto de 218 sítios arqueológicos, 33 tipos diferentes de ocorrências (tabela 2). Em alguns casos, optou-se por criar tipologias que agregassem vários tipos de ocorrência, tais como "Engenho rural", "Edifício religioso" e "Núcleo de povoamento rural", para desta forma facilitar a leitura final dos dados e não espartilhar em demasia a informação.

Tipo de Sítio	N.º total de sítios	Tipo de sítio	N.º total de sítios
Inscrição/Epígrafe	6	Portal	5
Núcleo de povoamento rural (Povoado/Habitat/Casal)	6	Vestígios Diversos	25
Gruta Artificial	1	Forno cerâmico	2
Via/calçada	2	Sepultura	2
Castelo/Muralha	4	Padrão	1
Edifício religioso (Capela/Convento/Ermida/Igreja)	63	Núcleo de povoamento urbano	2
Ponte	1	Represa/Tanque	1
Fonte	8	Paço	1
Pelourinho	4	Silo	2
Palácio	3	Atalaia	1
Quinta	4	Cadeia	1
Edifício urbano	7	Cruzeiro	2
Engenho rural (Moinhos de água/Moinhos de vento/Azenhas)	43	Miliário	1
<i>Villa</i>	4	Cisterna	1
Necrópole	6	Fortim	1
Achado Isolado	4	Indeterminado	3
Povoado Fortificado	1		

**Tabela 2-** Síntese da tipologia de sítios arqueológicos identificados.

Antes de procedermos à análise da tabela 2, convém explicar alguns dos termos tipológicos escolhidos que possam suscitar algumas dúvidas.

Núcleo de povoamento rural: conjunto de edificações localizadas de forma dispersa no território, com funções residenciais ou económicas, em meio rural. Dentro desta designação, decidimos agrupar, sítios como "povoado", "habitat" e "casal". Tal ocorre porque, muitas vezes não é fácil através dos dados de superfície, distinguir uns dos outros.

Núcleo de povoamento urbano: concentração de edifícios habitacionais e de serviços, que consubstanciam relações e comportamentos socioeconómicos, tais como atividades religiosas, comerciais, judiciais e administrativas, funcionando como pólos aglutinadores de populações.

Edifício urbano: construção destinada à habitação ou moradia, comércio, indústria, exercício de profissões, e assim por diante, quer esteja situado em zona rural ou urbana.

Gruta Artificial: conjunto de espaços escavados na rocha, que na maioria dos casos se tratam de pequenos abrigos.

Necrópole: conjunto de várias sepulturas, conhecido também por cemitério.

Sepultura: local onde são depositados os restos mortais de um indivíduo. Neste caso, trata-se de sepulturas em contexto isolado, uma delas escavada na rocha e a outra constituída por lajes.

Portal: designa as antigas entradas de propriedades, que normalmente possuem um enquadramento arquitetónico e são típicas da época moderna.

Forno cerâmico: agrupam-se nesta categoria os espaços que servem para cozer telhas e tijolos, datáveis possivelmente de época moderna.

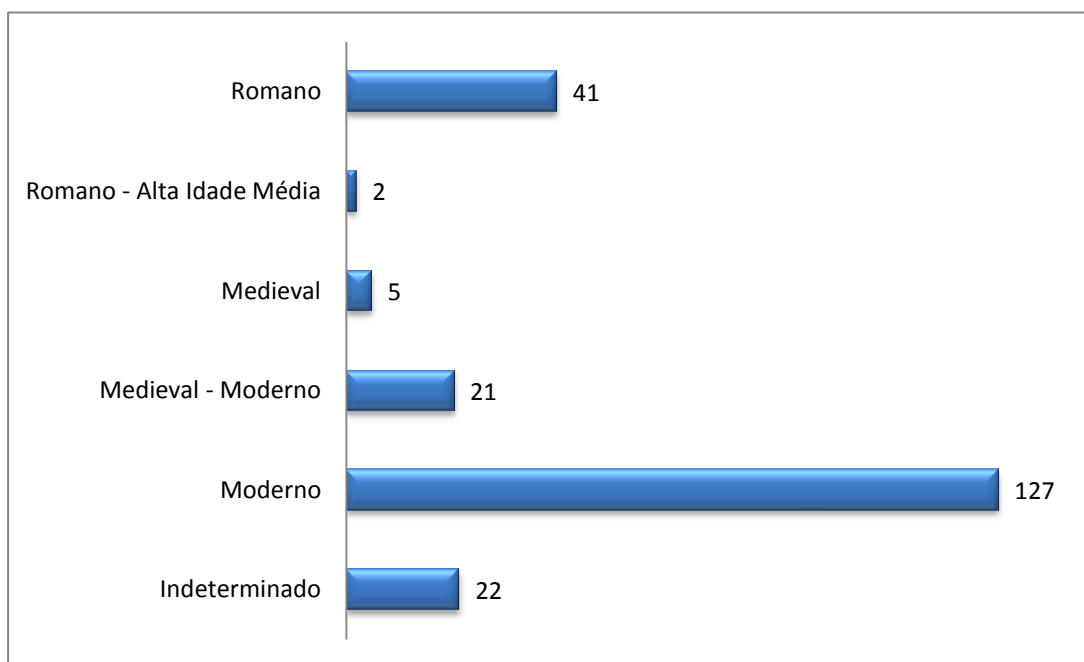
Vestígios Diversos: integram-se aqui todos os vestígios encontrados à superfície e em escavações, mas cuja interpretação sobre o tipo de sítio que lhes dá origem não é passível de ser claramente identificado.

De acordo com esta tipologia de categorias de ocorrências patrimoniais, verifica-se que predominam os "edifícios religiosos" (63), os "engenhos rurais" (43) e os

"vestígios diversos" (25). Estas tipologias destacam-se pelo elevado número de sítios que reúnem. Todavia, a título de curiosidade, é nas tipologias menos representadas em termos de números, que se incluem a maior parte dos sítios classificados ou em vias de classificação.

As razões que justificam a presença de um maior número de tipologias em detrimento de outras não é de todo clara, pois o trabalho de campo, nunca foi orientado apenas para as ocorrências de um determinado período ou para determinados tipos de sítios. Contudo, a realidade é que há ocorrências como os edifícios religiosos ou os engenhos que são particularmente mais fáceis de identificar, por estarem melhor conservados na sua generalidade em relação a outros sítios. Por outro lado, o facto de na sua larga maioria serem de cronologias mais recentes, ajuda a essa conservação e também de, mesmo quando estão em menor grau de conservação, haver memória oral dos mesmos, tornando a sua localização e inventariação muito mais facilitada. Há ainda a considerar que a concentração de ocupação humana na época moderna é igualmente maior, o que implica naturalmente, um maior número de ocorrências relativas.

Quanto à balização cronológica dos sítios identificados e à representação de cada um dos períodos em termos de número total de sítios, optou-se por dividir as cronologias em sub-cronologias, tal como é apresentado nas Fichas de sítio (gráfico 7).



**Gráfico 7-** Distribuição dos sítios arqueológicos por períodos históricos.

Verifica-se que existem significativas desigualdades em termos da distribuição dos sítios pelos diferentes períodos históricos. A Época Moderna é claramente a época predominante com 127 sítios, pelos argumentos que acima já se apresentaram. Por outro lado, a alguns destes sítios de épocas mais recentes cabe, com frequência, uma cronologia fechada, circunstância que favorece o seu enquadramento e que acaba por relegar para o campo dos "Indeterminados" alguns sítios que, efetivamente, poderão apresentar cronologias mais antigas.

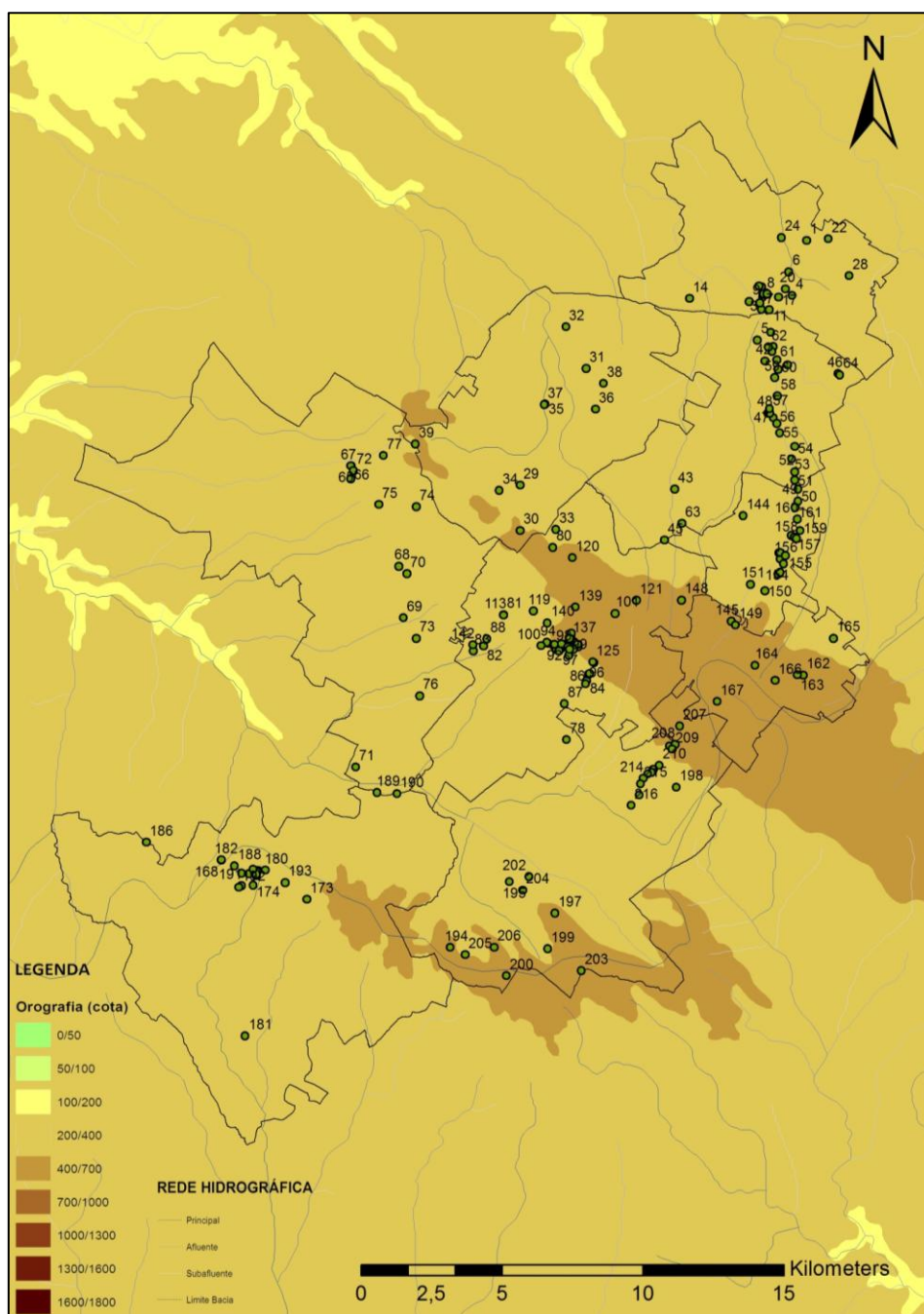
## **PARTE VI.**

*Compreender o passado: o povoamento em terras  
Estremocenses*



Antes de mais, importa referir que praticamente todos os dados relativos ao povoamento antigo do concelho de Estremoz são provenientes de prospeções de superfície.

Interpretar dados, com o objetivo de compreender as características e a evolução da presença humana de um determinado território, tendo por base apenas este tipo de informações, acarreta-nos uma série de dificuldades e imprecisões. Para termos uma imagem mais clara de todo este conjunto, necessitávamos, evidentemente, de escavações e de outros tipos de estudos que não são de todo o objetivo deste trabalho.



**Mapa 1** - Sítios Arqueológicos no Concelho de Estremoz entre a Época Romana e a Época Medieval.

Tal como foi referido nos objetivos desta dissertação, a análise apresentada encontra-se organizada por épocas históricas. O estudo do povoamento aqui apresentado inicia-se na época romana e, obrigatoriamente, tem presente a realidade pré-romana. Só uma incursão nos padrões de povoamento anteriores à implantação do poder romano permite, explicar os seus contornos de implantação.

## 6.1 A Época Romana

À semelhança do que se verifica em toda a região, também o concelho de Estremoz foi alvo de uma intensa romanização.

As prospeções arqueológicas efetuadas no concelho de Estremoz, no âmbito desta dissertação, permitiram identificar e relocalizar um número considerável de sítios atribuíveis a este período histórico.

O facto de estarmos perante um estudo que, no que diz respeito à totalidade informativa, se apoia essencialmente em dados recolhidos em trabalhos de prospeção, será importante referir em que tipo de conceito nos baseámos para atribuir a cronologia de "época romana" a um determinado sítio arqueológico identificado. Para essa atribuição recorreu-se ao conceito conhecido como "fóssil diretor", ou seja, um objeto arqueológico que possa identificar a presença ou ausência de características que são indiscutivelmente atribuíveis a um determinado período histórico.

Na ausência de moedas, epígrafes ou até mesmo de cerâmica fina de importação (nomeadamente a *terra sigillata*) nos sítios identificados, que permitissem atribuir de uma forma fiável a ocupação de um sítio à época romana, considerou-se como relevante um outro conjunto de dados: a *tegulae*, a cerâmica comum e o tipo de implantação do sítio. Assim, qualquer sítio que apresentasse à superfície fragmentos cerâmicos de tipo comum e *tegulae*, e cuja implantação privilegiasse os locais próximos de linhas de água, em zonas baixas e onde os solos fossem propícios a uma boa prática agrícola, foi considerado como sendo enquadrável no *modus vivendi* romano entre os séculos I e V d.C..

A ambiguidade do conceito "época romana" passa pela questão da definição do momento de transição entre o mundo indígena e aquele a que podemos chamar de

"mundo romanizado". Durante o período republicano, o sul do território atualmente português, contemplaria uma diversidade de conjunturas com "romanos e indígenas vivendo lado a lado, se não mesmo em conjunto; romanos instalados em novas fundações; romanos instalados em núcleos indígenas, integrados em guarnições militares, indígenas assimilados e integrados nos contingentes militares de conquista, e os indígenas que, embora vivendo nos seus povoados e mantendo os seus modos de vida tradicionais, recebem e usam artigos típicos dos contextos itálicos" (Fabião, 1998, p.546). Possivelmente uma das grandes diferenças que encontramos entre essas duas épocas é a nível do *corpus* teórico de uma agricultura orientada para a produção em larga escala e da transposição de ideais de cultura urbana para os modos de vida no campo.

Os primeiros sinais da presença romana efetiva em terras do atual concelho de Estremoz remontarão ainda ao século I a.C. Este terá sido um século de mudança, de confrontos e de temores, caracterizado pelo "definhar" do mundo indígena, proto-histórico, e pela génese de um outro, marcado pelos interesses e desígnios do invasor romano. À época da chegada dos romanos imaginamos estas terras de Estremoz ocupadas por gentes que residiam sobretudo em povoados de altura amuralhados (Mataloto e Roque, 2010).

Com a romanização verifica-se um abandono progressivo dos povoados de altura, por não se adaptarem às exigências dos novos tempos. Outros, pelo contrário, terão continuado habitados durante o período romano, como será o caso do Castelo Velho de Veiros (Ficha de sítio n.º 40, anexo II). Outros ainda, embora tenham deixado de ser habitados, continuam a carregar o peso da memória, distinguindo-se na paisagem como marcos territoriais de referência.

O número de sítios relativos a este momento é muito escasso, no entanto bastante rico em informação: Castelo Velho de Veiros e Fortim das Cortes (Ficha de sítio n.º 194, anexo II). Ambos possuem alguns traços comuns, como a posição de destaque na paisagem e o controlo do território e de zonas de passagem, que a sua localização permite. Todavia, no caso do Fortim das Cortes, os materiais recolhidos são escassos, e principalmente, de tradição pré-romana. Tudo indica que, contrariamente, o povoado fortificado Castelo Velho de Veiros, continuou a ser ocupado com o advento da romanização. Tal deve-se certamente às suas grandes dimensões e ao facto de se integrar nos melhores terrenos circundantes. A sua posição permitia ainda um

enquadramento paisagístico de relevo, beneficiando também das rotas naturais de passagem que "interligam a bacia do Guadiana ao fundo do estuário ou à foz do Tejo, sobre as quais, se implantaram, posteriormente, as vias romanas de ligação entre *Olisipo e Emerita Augusta*" (Mataloto e Roque, 2010, p. 670).

Não devemos associar diretamente estes sítios a movimentações militares, nem muito menos elegê-los como zonas de confrontos. Contudo, é bastante evidente o aparato bélico e as preocupações defensivas expressas na arquitetura das suas muralhas. Não sabemos até que ponto as comunidades indígenas aqui residentes, quando confrontadas com o invasor romano, se opuseram ou não ao avanço dessas tropas. Efetivamente, decorridos os últimos episódios das guerras civis, assistimos a um momento particularmente instável, o que justificaria a propagação destas pequenas fortificações (Mataloto e Roque, 2010, p. 680).

Tal como foi referido anteriormente, o abandono progressivo dos povoados de altura, terá sido motivado sobretudo pelo facto de estes, não se adaptarem às exigências dos novos tempos, ou por, simplesmente, as populações terem sido influenciadas pela nova organização sócio-económica e atraídas pela proliferação de novas estruturas fundiárias (*villae* e casais agrícolas), como foi exemplo, Santa Vitória do Ameixial (Ficha de sítio n.º 65, anexo II).

Prevalecendo o *modus vivendi* romano, este implicava uma nova arquitetura doméstica, condizente com o modelo sócio-cultural trazido pelos romanos. A dimensão e a organização dos novos espaços habitacionais revelavam profundas mudanças, caracterizando-se pela utilização de novas técnicas e materiais, como a pedra aparelhada, a argamassa, o estuque, a cerâmica de construção (*tegulae*, *imbrices* e tijolos) e diversos elementos decorativos (mosaicos, mármore, capitéis e esculturas).

A fundação das primeiras *villae* neste território, que ocorre a partir da primeira metade do séc. I d.C., são o marco de uma nova Era, onde povoados como o Castelo Velho de Veiros parecem já não ter lugar.

Do ponto de vista das estratégias de implantação, a maioria dos sítios identificados no concelho de Estremoz, e interpretados como *villae*, apresentam um conjunto de elementos constantes entre si e que as individualizam, face a outros locais. Localizam-se em espaços de menor altitude, virados a Sul/Este e próximos de recursos

hídricos. Aqui a apetência dos solos e a existência de água garantiam as melhores colheitas (Perestrelo, 2003, p.152).

A interpretação dos dados relativos à ocupação do território concelhio, em época romana, deve ter em consideração também algumas condicionantes de ordem regional, nomeadamente a proximidade do concelho em relação a *Liberalitas Iulia Ebora*, atualmente capital do Distrito de Évora (cerca de 45 Km), e à via que ligava *Olisipo* a *Augusta Emérita* (Mérida), passando por *Ebora*.

Segundo Mário Saa, esta via teria dois ramais, um deles passava por Evoramonte e Estremoz, e o outro pelo Redondo e Vila Viçosa. As investigações mais recentes avançam com a hipótese de se tratar de um caminho de grande relevância, uma vez que atravessa a zona dos mármore, contudo inúmeras interrogações têm surgido, uma vez que não é "fácil conciliar a presença de um miliário em Evoramonte com a rarefacção de informação arqueológica a Norte de Évora e com o relevo mais acidentado" (Carneiro, 2009, p. 53).

Jorge Alarcão admite, que caso seja este o trajeto, Evoramonte pode corresponder a *Dipo*, um dos três aglomerados urbanos, mencionado no Itinerário (*Ad Adrum Flumen, Evandriana e Dipone*) (Alarcão, 2002, p. 98). André Carneiro defende ainda outra perspectiva, segundo a qual a via alcançaria o sopé de Evoramonte, contornando "a elevação por Oeste, junto à capela de São Marcos, onde se encontra um sítio romano e existiam festividades ligadas à transumância. A projecção para Norte é desconhecida. Possivelmente a antiga ponte existente no pego do Sino faria parte deste itinerário. Idealmente, a via deverá aproximar-se da actual cidade de Estremoz, onde nas imediações foi encontrado um outro marco miliário. (...) A grande concentração de sítios rurais a Norte de Estremoz leva a supor a necessária presença de itinerários que servissem os sítios de Silveirona/Herdade da Coelha, Santo Estêvão, Teixeira ou São Bento do Cortiço. No entanto, o itinerário certamente contornaria Estremoz por Sul, como a actual E.N. n.º 4, herdeira da antiga Estrada Militar, em direcção a Borba, inflectindo depois para Norte (como Saa propõe), junto a Orada, onde existe um troço de calçada e um marco miliário" (Carneiro, 2009, p. 54-56).

No que diz respeito ao presente trabalho, embora nos trabalhos de prospeção realizados não tenha sido identificado nenhum troço distintivo, o estudo da rede viária é importante no que concerne às relações económicas entre os diferentes territórios e na

definição de centros abastecedores e/ou distribuidores, como se irá ver nos parágrafos mais à frente.

A existência de vias de comunicação nas proximidades das *villae* (cerca de 500m a um quilómetro de distância média) tornou-se também um fator de atracção preferencial para a implementação deste tipo de sítio de exploração agrícola, visto que as vias facilitam os acessos e o escoamento dos produtos para os mercados urbanos. O facto de se encontrarem ainda a uma distância considerável destes eixos viários permitiu-lhes, ter também uma maior segurança e tranquilidade (Carneiro, 2004, p.44).

No caso estremoense, a via XII do Itinerário de Antonino, foi impulsionador para a implementação de sítios de apoio à via ou unidades de povoamento de grande relevância estratégica (ex.: *mansiones* e *mutationes*<sup>24</sup>). A ausência de indicadores de monumentalidade nas construções, tão característicos das grandes *villae*, nomeadamente, silhares de grandes dimensões, mosaicos, colunas, indícios de existência de edifícios termiais, bem como de bens de luxo, é comum em todos eles. Trata-se dos casos de São Marcos (Ficha de sítio n.º 168, anexo II), possível *mansio*; de Fonte do Imperador (Ficha de sítio n.º 82, anexo II), classificado como *villa*, mas poderá ter uma categoria inferior, possível casal ou *mansio*; da Senhora dos Mártires, com grande dispersão de vestígios, eventual *vicus* (Ficha de sítio n.º 84, anexo II); e de Alpalhão (Ficha de sítio n.º 196, anexo II), classificado como *villa* mas que poderá ter uma categoria de (casal?) (Carneiro, 2011, p.185).

Com isto, podemos afirmar que a estratégia de povoamento romano em Estremoz, procurava essencialmente que as *villae* estivessem posicionadas sempre em torno dos melhores solos agrícolas, possibilitando a constituição de grandes explorações fundiárias. Porém, simultaneamente existia também uma preocupação em manter sítios meramente funcionais, próximo de vias, de modo a que permitissem dar apoio ao comércio e, principalmente, dar apoio à atividade de extração e transformação de mármore. No presente trabalho não foram identificados testemunhos arqueológicos, para a extração de mármore em época romana, contudo Justino Maciel, indica a

---

<sup>24</sup> *Mansiones/Mutationes* - "As *mansiones* designavam estações viárias importantes do *cursus publicus*, providenciando uma paragem diária, devendo estar apetrechadas para albergar altos funcionários do Estado, incluindo o próprio imperador, para além dos serviços necessários aos correios oficiais. Assim, uma *mansio* implicava um conjunto complexo de equipamentos, que incluíam cavalariças, oficinas, alpendres e alojamentos preparados para receber grupos numerosos. (...) Por sua vez, o termo *mutatio* designava uma estação viária de menores dimensões, sendo, por conseguinte, mais frequente ao longo das vias. Compreendia serviços e acomodações mais simples, embora pudesse incluir termas." (Carvalho, 2008, p. 44).

existência de "uma pedreira explorada já na Antiguidade, junto a Estremoz" (Maciel, 1998, p. 235-236). O mármore de Estremoz é aquele que na Hispânia apresenta melhor qualidade e uma grande pureza, daí a sua distinção em relação às rochas provenientes de outras regiões. A maioria dos monumentos e estátuas emeritenses e de outras cidades da Lusitânia foram esculpidos em mármore, atribuível maioritariamente às pedreiras lusitanas da região de Borba- Estremoz, chamado anticlinal de Estremoz (Gonçalves e Sarantopoulos, 2010, p.37-45).

Uma questão fundamental para a tentativa de compreensão dos modelos de povoamento rural<sup>25</sup> é o estabelecimento de uma tipologia de sítios com base nos dados de campo e principalmente de prospeção. Assim, e considerando apenas os sítios de carácter agrícola/pecuário identificados nos trabalhos de prospeção arqueológica, chegámos aos seguintes conceitos, indicados na bibliografia portuguesa:

- *Villa* - "elemento urbano da paisagem rural" (Carneiro, 2005, p.49); As *villae* são "propriedades agrícolas que exploram um território mais ou menos vasto e que se caracterizam sobretudo pela transposição dos ideais da cultura urbana para o campo, materializados na estrutura arquitectónica da sua área residencial" (Almeida, 2000, p.43); "A *villa* é um modelo arquitectónico rural, produtivo, que se pode articular em duas ou três partes - *pars urbana*, *rustica* e *pars fructuaria*" (Carvalho, 1993, p.275); "o nível socioeconómico e sociocultural do grande proprietário traduziam-se num maior conforto da casa (por exemplo, com mosaicos, esculturas decorativas, termas) e em maior riqueza e diversidade dos objectos da vida quotidiana (por exemplo, cerâmicas finas como *sigillata* e *sigillata* clara, vidros, etc)" (Alarcão, 1990, p.421).
- Casal - "sítio onde não são identificados elementos que permitem identificar uma *villa*" (Almeida, 2000, p. 41); Os casais são "unidades de exploração de média dimensão e com esporádica utilização de bens de prestígio - sobretudo móveis" (Carneiro, 2005, p. 49). "No registo arqueológico, estes sítios correspondem a *habitats* abertos, de dimensão média ou pequena, observando-se à superfície do solo, numerosos fragmentos de *tegulae*, ímbrices, cerâmicas comuns, pesos de tear, mós,

---

<sup>25</sup> Na definição de povoamento rural, vd. Orlando Ribeiro: "Por povoamento rural entenda-se o conjunto de locais de habitação o campo, em que a maioria dos habitantes se ocupa da exploração da terra sob forma de agricultura e pastoreio" (Ribeiro, 1991, p.300).

escórias de ferro, e por vezes, mas raramente, fragmentos de terra sigillata. Destaca-se a total ausência de estelas funerárias, por um lado, e por outro, a de elementos arquitectónicos relacionáveis com edifícios de impacte, como fustes de coluna, bases ou capitéis." (Lemos, 1993, p. 417-418).

Os critérios utilizados no presente estudo, para a classificação de um determinado sítio arqueológico como *villa*, alicerçaram-se essencialmente por: ampla área de dispersão de vestígios à superfície (superior a meio hectare); identificação de cerâmica de importação, vidros e cerâmica fina (*sigillata*); identificação de elementos arquitectónicos e decorativos notáveis, nomeadamente restos de mosaicos, de colunas e indícios de existência de edifícios termais (Gorges, 1979, p.13-17).

De uma forma geral, as *villae*, eram propriedades rurais romanas muito semelhantes aos "montes" alentejanos atuais. Tal como a "*villa*" o monte alentejano é constituído por um conjunto de construções para habitação dos proprietários e dos trabalhadores, além de instalações destinadas a guardar instrumentos e produtos agrícolas, abrigar gado, etc.

No caso estremocense, a *villa* de Santa Vitória do Ameixial (Ficha de sítio n.º 65, anexo II) iria marcar definitivamente a paisagem e a história desta região. Se relativamente a Santa Vitória do Ameixial estaremos perante uma *villa* de grande dimensão e riqueza em todos os aspetos, o mesmo certamente, não se poderá dizer do caso de São Bento de Ana Loura (Ficha de sítio n.º 41, anexo II), e Monte do Reguengo (Ficha de sítio n.º 143, anexo II) (São Domingos de Ana Loura), que poderão encontrar-se num nível intermédio, apesar de também nestes dois sítios terem sido encontrados elementos arquitectónicos de prestígio, como capitéis de mármore.

Estas três *villae* identificadas no concelho de Estremoz, contribuíram de algum modo para a estruturação de uma nova paisagem, nomeadamente para "o crescimento de núcleos urbanos e/ou ermidas em seu torno" (Carneiro, 2011, p.186). A *villa* da Coelha (Ficha de sítio n.º 29, anexo II) apesar de ter o mesmo tipo de implantação que as outras *villae* anteriormente referidas, ou seja, localiza-se na proximidade de algumas linhas de água, o que garante as melhores colheitas, possibilitando assim o desfrutar de uma boa base económica, no entanto ao contrário do que acontece nas restantes *villae*, não se vem a estruturar em seu torno um núcleo urbano com alguma importância jurídica. Não

sabemos ao certo que tipo de *villa* aqui terá existido, mas foi um local com alguma importância, uma vez que a cantaria apresenta bastante qualidade, e pelo facto de se terem identificado peças arquitetónicas decorativas reaproveitadas na necrópole da Silveirona. Estar-se-á perante um núcleo de exploração agrária de época romana de grande dimensão? Estarão as necrópoles da Silveirona relacionadas com a *villa*? Infelizmente, a imprecisão das informações e a ausência de um caderno de campo com informação descrita e sistematizada sobre as intervenções realizadas na *villa* da Coelha, impedem uma avaliação mais concreta, pelo que por agora todas as hipóteses interpretativas podem ser levantadas.

Para além das *villae*, existiriam outras unidades de exploração agrária que, apesar de serem propriedades de média e pequena dimensão com habitações de características mais modestas e formas de exploração agrária diversas, merecem também destaque na investigação.

Neste conjunto de sítios de menor dimensão deve-se ter em consideração as granjas, que diferem das *villae* no que diz respeito ao tamanho, uma vez que são habitações mais modestas ocupando uma área de dispersão entre os 1000 e os 5000 m<sup>2</sup>. Nestes locais a superfície pode revelar fragmentos de *opus signinum*, tijolos de colunas, fustes toscos de pedra local, simples capitéis toscanos e alguma *sigillata*. (Alarcão, 1998a, p.95-96).

No presente estudo, não foi possível identificar sítios arqueológicos que possuam estas características. Provavelmente deve-se a dois fatores distintos: a um problema de amostragem, ou seja dificuldades de visibilidade da superfície do terreno, devido ao coberto vegetal, o que condicionou uma correta caracterização dos dados arqueológicos de superfície. É também possível que não existissem de todo, pois o modelo das *villae* poderia ser o modelo dominante, explicando-se, a ausência de outras formas de exploração agrária.

Os casais agrícolas, por seu turno, seriam pequenos complexos direcionados exclusivamente para a prática agrária, sendo explorados e habitados por agricultores e suas famílias. Para a classificação de um determinado sítio arqueológico como casal, usamos os critérios definidos por André Carneiro: identificação à superfície de "*tegulae*, *imbrices* e cerâmica comum, pesos de tear, mós, escórias de ferro e ocasionalmente (e em percentagem reduzida) cerâmica de importação, não ocorrendo elementos arquitectónicos reveladores de estatuto sociocultural, e numa área de dispersão

relativamente limitada, inferior a meio hectare" (Carneiro, 2004, p.44). Os materiais provenientes destes locais são normalmente mais pobres (cerâmica comum e *tegulae*).

Os sítios seguintes apresentam manchas de dispersão de espólios escassos e fundamentalmente constituídos por cerâmica comum e *tegulae*. Têm em comum o facto de se localizarem em locais abertos onde a prática agrícola não é tão boa e próximos de linhas de água. Certamente que estes representam estruturas de apoio à exploração agrícola dos vários *fundi* ou mesmo casais.

Entre estes, destacamos o sítio de Alpalhão, Glória (Ficha de sítio n.º 196, anexo II) que se implanta no topo de uma pequena encosta. Aquando da realização de obras nesta área foram encontrados aqui, vestígios arqueológicos de época romana. Apesar de ter sido interpretado como *villa*, os materiais identificados (cerâmica comum, cerâmica de construção, *sigillata* e inexistência de estruturas à superfície),<sup>26</sup> apontam para a possibilidade de se tratar de um local de categoria inferior (casal) ou parte de uma estrutura que serviam de apoio a uma *villa*, os denominados *tegoria* ou *campanna* (Alarcão, 1998b, p.95). Alia-se ainda, o facto de não se ter referido qualquer existência de material de cobertura "tipicamente" romano, como *tegulae* e/ou *imbrices*, remetendo-nos para uma estrutura bastante pequena e pobre, como por exemplo um casebre de apoio à exploração agrícola.

O sítio de Espírito Santo (Ficha de sítio n.º 33, anexo II) apresenta material anfórico e material associado à exploração agrícola, concretamente um peso de tear. Tratar-se-á possivelmente, de uma unidade de exploração agrária de pequena dimensão.

O sítio de Horta da Pinheira (Ficha de sítio n.º 163, anexo II) apresenta características que poderão revelar-se úteis, quando analisadas contextualmente com outros sítios imediatos. Todavia, deverá corresponder a um pequeno casal agrícola.

Não queríamos em particular, deixar de realçar que estas atribuições funcionais são meramente especulativas, na medida em que alguns dos sítios carecem de estudos mais aprofundados. Remetemo-nos exclusivamente para dados provenientes dos vários trabalhos de prospeção, pelo que as relações entre as formas de povoamento do Alto e do Baixo-Império poderão vir a revelar-se desfasadas da realidade.

Para além dos sítios de povoamento rural, foram considerados na leitura que se faz da ocupação romana do concelho de Estremoz também os aglomerados urbanos

---

<sup>26</sup> Processo IPA 99/1(99): EIA - A6 - sublanços Estremoz/Borba e Elvas - Ecossistema, 1996 (p. 88).

secundários, mais concretamente os *vici*<sup>27</sup>. O caso mais evidente é o sítio de Senhora dos Mártires (Ficha de sítio n.º 84, anexo II). André Carneiro considera a hipótese de se tratar de um *vicus*, "pela implantação, pelos indicadores e pela relação com a rede viária, o sítio parece de dimensões superiores a uma *villa*, estando também ausentes os elementos de monumentalidade" (Carneiro, 2011, p.183). A hipótese de um *vicus marmorarius*, ou seja, de um "povoado dedicado à laboração e exportação do mármore", pode ser também tida em conta, ou é possível que se trate de um sítio de grandes dimensões relacionado com a passagem da via XII do Itinerário de Antonino (Carneiro, 2011, p. 183).

Entre os dados da arqueologia de Estremoz foram ainda identificados achados isolados, cujo contexto não é possível precisar. São maioritariamente constituídos por achados epigráficos. Entre estes distingue-se o conjunto epigráfico funerário da Senhora dos Mártires II (Ficha de sítio n.º 85, anexo II). Também foram identificadas epígrafes em Santa Vitória do Ameixial e na Silveirona, aqui associadas diretamente a uma *villa* e a uma necrópole.

### 6.1.1. Povoamento tardo-romano

A partir do século V, o sistema de povoamento romano desagrega-se progressivamente. Por um lado verifica-se uma transformação das estruturas agrícolas, "deixando de servir unicamente para a laboração da propriedade em que estão inseridas para passarem a receber produções de outros sítios". Por outro lado, assiste-se também a transformações nos modos de vida e morte (Carneiro, 2013, p. 275), que surgem na sequência da introdução progressiva do cristianismo nos espaços rurais durante os séculos IV a VIII. Tal implicou a construção de edifícios de culto reaproveitando dependências de *villae* e o surgimento de cemitérios junto aos espaços funerários

---

<sup>27</sup> Segundo Pérez Losada, os *vici* podem ser definidos como uma forma de habitat agrupado, minimamente urbanizado, dependente de uma cidade capital, mas gozando de alguma autonomia, com uma organização política própria, uma população maioritariamente peregrina e uma génese indígena. Seriam característicos das províncias ocidentais, muito embora se encontrem difundidos por todo o Império, comportando formas variadas e desempenhando funções diversificadas. O *vicus* rural encontra então semelhanças com o *vicus* urbano, ou seja, um agrupamento de casas individualizado, sem sistema defensivo, mas localizado num território rural (Pérez Losada, 2002, p. 26-34).

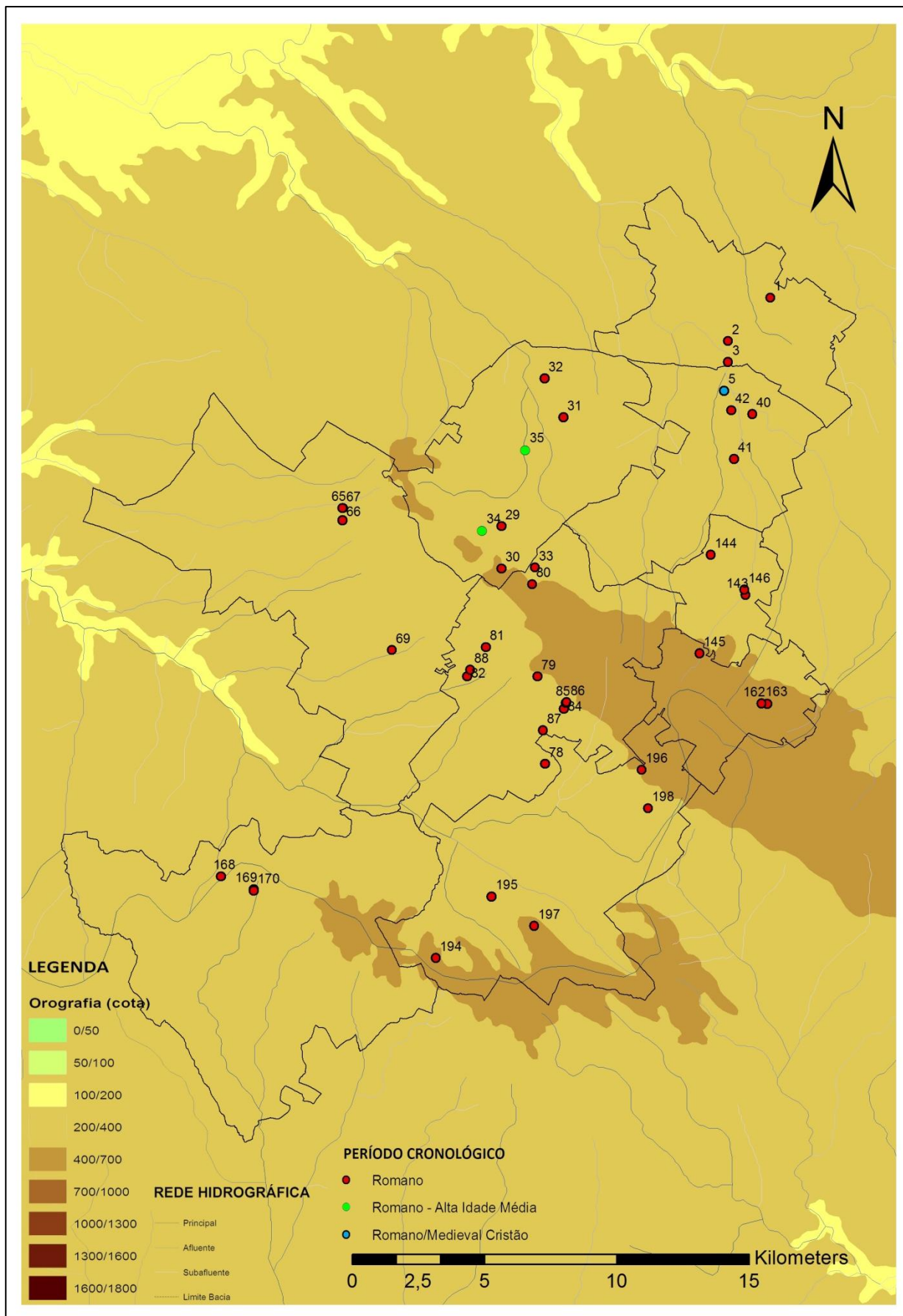
romanos. No que diz respeito à cultura material, as formas de cerâmica comum tendem à simplificação e a uma rudimentaridade, possivelmente pela falta de domínio das técnicas e pela progressiva redução dos mercados de abastecimento desses produtos. Os materiais de construção são sistematicamente reutilizados nas novas construções, tal como se observa na necrópole da Silveirona.

O Império havia desaparecido e uma nova época surgia. Para este período não há a identificação em Estremoz de sítios ex novo, existem sim é espaços onde essa ocupação se sobrepõe à romana, sugerindo uma continuidade de ocupação.

As inscrições paleocristãs de Silveirona (Ficha de sítio n.º 34, anexo II) mostram claramente a interseção destes dois mundos que se vão progressivamente combinando. A Silveirona expressa essa transformação, como refere Mélanie Cunha, "se por um lado a cristianização da população parece clara, os rituais funerários e o próprio espólio revelam paradoxalmente diferenças e continuidades no seio de uma população com raízes hispano-romanas evidentes." (Cunha, 2007, p. 678).

É esta a imagem que podemos traçar para as terras do atual concelho de Estremoz em época romana. Denota-se uma continuidade na ocupação, que se reflete ainda na passagem para o período pós Império.

Aos olhos das gentes que viveram nestas terras durante este período o seu "mundo", inevitavelmente, estava a mudar. Estes foram, seguramente, tempos de angústia e incerteza. Mas a presença romana foi de tal forma expressiva e importante que as suas marcas não desapareceram por completo. Antes pelo contrário, muitas das suas principais "obras" sobreviveram mesmo aos tempos mais conturbados, ao ponto de continuarem de algum modo vivas até aos dias de hoje, marcando as nossas próprias vidas.



**Mapa 2 - Sítios Arqueológicos de ocupação romana e tar-do-romana no Concelho de Estremoz.**

## 6.2 A Idade Média

### 6.2.1 O povoamento Alto-Medieval

A rutura com o modelo civilizacional tipicamente romano ter-se-á iniciado durante o século III, na sequência de uma crise prolongada que se manifestava nos mais diversos domínios. Esta intensificada exponencialmente pela entrada dos povos germânicos na Península Ibérica, pelo conseqüente desaparecimento do poder romano, e pela implantação progressiva do cristianismo. Estes fatores marcam o ponto de partida para o período Medieval, que termina em meados do século XV.

Um outro clima de tensão e de instabilidade refletiu-se nesta região, e tal pode ser demonstrado pela identificação do tesouro de 3500 moedas escondidas em meados de 400<sup>28</sup>, na *villa* de Santa Vitória do Ameixial. Este é um sinal evidente de que as perturbações ou pelo menos a presença de uma certa insegurança, levou alguém a esconder o seu dinheiro como forma de escapar a pilhagens, assegurando assim a sua estabilidade financeira num futuro menos conturbado.

As mudanças político-administrativas desta época não implicaram o abandono total da região. A demonstrá-lo, estão os enterramentos da Herdade da Silveirona que embora reafirmem o fim do mundo romano, materializado na dessacralização das suas placas funerárias reduzidas agora a materiais de construção, ilustram a continuidade de povoamento em meados do século VI, portanto em pleno domínio político visigodo<sup>29</sup>.

Não se pode deixar de sublinhar a dificuldade que há em identificar em prospeção sítios destas centúrias. Vários autores apontam uma maior "invisibilidade" do registo arqueológico devido a uma menor densidade populacional na época, à utilização sistemática de materiais de construção perecíveis, ao predomínio da cerâmica de fabrico local e à quebra da comercialização de bens que anteriormente circulavam por todo o império (Chapelot e Fossier, 1980, p.57, 134-135; Barker, 1991, p.3), e ao facto da maior parte das estruturas serem reutilizadas. Por vezes, mais do que a "invisibilidade" destes sítios que, sem dúvida, é um facto incontornável, há uma "camuflagem" dos mesmos sob aparência romana, e as simples prospeções de superfície dificilmente conseguem distingui-los. Por outro lado o desaparecimento ou rarefação do trabalho

---

<sup>28</sup> Vide Milagros, 2000, p. 46.

<sup>29</sup> Vide respetivamente sobre as necrópoles da Silveirona: Cunha, 2004, p. 67.

especializado leva a que desapareçam pedreiros especializados e se reutilize sistematicamente os antigos materiais de construção romanos nas novas construções que então se erguem.

Por todas estas razões, este vasto período é uma incógnita na área deste estudo. Os dados arqueológicos são raros e incertos, pelo que existe um grande vazio de conhecimento deste território entre o fim do domínio Romano e o período da Conquista cristã.

Os escassos dados arqueológicos obtidos em prospeção, apontam para a continuidade de ocupação dos sítios romanos por parte de pequenas comunidades. Em paralelo continuam a ser ocupadas parte das antigas *villae* o que aponta para uma continuidade em termos espaciais<sup>30</sup>. Esta ocupação está bem presente na necrópole da Silveirona, associada à possível *villa* da Coelha, e na qual se identificou uma necrópole romana, e a 300m desta, a necrópole paleocristã. Simultaneamente aparecem alguns pequenos núcleos populacionais que emergem em redor desta *villa*, definindo aparentemente um povoamento mais disperso, disso é exemplo, o Monte do Campo e o Monte dos Penedos 1 (Fichas de sítio n.º 36 e 71, anexo II).

Apesar dos poucos dados que temos, podemos considerar estas ocupações alto-medievais como algo residual e que aqui aparecem não tanto por uma questão de tradição, mas sim pelos recursos que os antigos sítios romanos ofereciam. Os recursos dos antigos estabelecimentos romanos são, de facto, um forte atrativo, quer pela sua localização em vertentes e vales de bom potencial agrícola, quer ainda por as ruínas aí existentes poderem proporcionar condições de abrigo ou, pelo menos, uma boa fonte de matéria prima para as construções.

Mas as maiores alterações na paisagem rural resultam certamente do importante papel que a Igreja vai desempenhar nesta época. As preocupações pela cristianização dos campos e a necessidade de edificar templos que sirvam de apoio à propagação da mensagem de Deus, marcam este novo mundo (Maciel, 1996, p.76). O edifício religioso apresenta então um papel fundamental: "servindo como espelho de poder na vida (pela sua construção e manutenção) e na morte (podendo a família ser enterrada no seu interior ou na sua proximidade, e servindo o culto para manter a memória do

---

<sup>30</sup> Vide, a título de exemplo, o trabalho de A. Chavarría que equaciona as alterações nas *villae* com novos povoadores: Chavarría, 2004, p. 67-102.

proprietário)" (Carneiro, 2002, p.9). Especialmente fruto dos grandes proprietários. São eles principalmente que levam o cristianismo para o espaço rural.

A religiosidade característica das ocupações alto-medievais, encontra-se também patente nos vários topónimos espalhados pelo concelho. Nesta região é muito frequente a existência de topónimos referentes a mártires ou santos dos primeiros tempos do cristianismo. A existência de igrejas e ermidas com o nome destes santos ou mártires, estão na maioria das vezes relacionadas com sítios arqueológicos: Santo Estêvão (igreja, junto a sítio romano, possível *villa*), São Domingos (igreja, junto a *villa* ). Estes edifícios religiosos estão situados nas proximidades de antigos sítios romanos, isolados das povoações mais próximas.

Não havendo dados de escavação que possibilitem saber se a ocupação romana e medieval destes espaços é contínua, apenas certos elementos atestam a ocupação medieval dos antigos espaços romanos, sem que, todavia, se possa comprovar a sua continuidade. São as necrópoles e as sepulturas escavadas na rocha que constituem o melhor indício da existência de ocupação medieval. No entanto, este tipo de vestígios funerários é reconhecidamente balizado entre os séculos VI a XI, o que levanta problemas de datação mais precisa e não possibilitou aferir a continuidade ocupacional de sítios romanos.

Ora no concelho de Estremoz apenas foi possível identificar uma única sepultura escavada na rocha (Ficha de sítio n.º 70, anexo II). Esta, encontra-se próximo de um sítio que apresenta vestígios de superfície romanos. Apresenta-se assim, uma coincidência de espaços, neste caso com uma ligeira deslocação da sepultura relativamente ao sítio onde se detetam os vestígios de superfície (cerca de 400m). Mas tal não comprova a efetiva continuidade no povoamento, ou os medievais situavam-se junto às antigas ruínas para aproveitarem também as terras antes exploradas e para aproveitarem os restos de materiais construtivos ali disponíveis? A presença de sepulturas escavadas na rocha isoladas ou em pequenos grupos, ilustra, porém uma alteração da forma de ocupação do espaço que expressa a nova mentalidade cristã.

Pese embora o pouco que se pode dizer sobre a Alta Idade Média, os poucos indicadores indiciam a continuidade de ocupação dos sítios romanos, sem que seja possível averiguar a continuidade ou o hiato entre um período e outro.

## 6.2.2 Época Medieval Muçulmana

Até ao momento, não foram identificados no concelho de Estremoz, vestígios arqueológicos do período muçulmano. Não obstante na bibliografia haver informações que alguns autores atribuem a este período, a verdade é que na prospeção não foi possível identificar quaisquer indícios que confirmem tais atribuições<sup>31</sup>.

Segundo Raul Proença é possível que se tenha constituído um pequeno povoado, onde mais tarde se viria a fundar o Castelo de Estremoz. Segundo este autor tratar-se-ia de um *aduar*<sup>32</sup> e, por isso, tenha sido objeto de conquista no reinado de D. Afonso Henriques (Proença, 2011, p. 100). Mas, para Crespo (1950) a primeira vez que o sítio é mencionado na documentação é já durante o reinado de D. Afonso II (Crespo, 1950, p.14).

Apesar da frequente alusão a lendas de "mouros e mouras encantadas" na tradição oral, e da multiplicação de topónimos com origem em palavras árabes, que alguns autores consideram como possíveis sítios com vestígios da ocupação islâmica<sup>33</sup>, no caso estremocense a ligação destes topónimos com vestígios de cultura muçulmana não parece existir. Apenas no Castelo de Veiros, foram encontrados vestígios que documentam a existência de construções anteriores ao século XIII, e que António Carvalho e Isabel Fernandes (1997) afirmam existir uma porta do castelo de origem muçulmana (Carvalho e Fernandes, 1997) (figura 6 e 7, anexo IV).

Entre os diversos topónimos é ainda possível individualizar um ou outro que remetem para o "tempo dos mouros", são disso exemplo a Mesquita (São Lourenço de Mamporcão), o Mouro da Faia (Santa Maria), a Fonte da Moura (Santa Vitória do Ameixial), o Mata Mouros (Evoramonte) e o Monte da Moura (São Domingos de Ana Loura). Nestes casos, os topónimos estão a sinalizar a existência de sítios arqueológicos, mas nem sempre os mesmo se enquadram na cronologia medieval. Outro tipo de topónimos enquadrável neste período é o topónimo "Atalaia". Estas referências toponímicas remetem-nos quase sempre para pontos de vigia, localizados em pontos

---

<sup>31</sup> António Henriques da Silveira em "*Memórias analíticas da vila de Estremoz*", refere que na Herdade da Coelha, freguesia de Nossa Senhora do Vidigão, termo da vila de Evoramonte (pertencente ao termo de Arraiolos entretanto extinta), foram encontradas "*muitas Sepulturas Árabes, que indicão que perto daquelle sitio houve alguma povoação de mouros*", vide Fonseca, 2003, p.193.

<sup>32</sup> *Aduar*, do árabe al-duvar, "grupo de tendas da população dos campos, formando povoações temporárias", vide a título de curiosidade Machado, 1991, p. 34.

<sup>33</sup> Veja-se a título de exemplo Vieira, 2005, p. 53-67.

altos e com um controlo visual sobre a paisagem. Mas em nenhum caso, foi identificar estruturas defensivas construídas, tendo-se apenas documentado a presença de cerâmicas de cronologias medievais e modernas, como é o caso de Atalaia (Ficha de sítio n.º 193, anexo II).

O que terá então, contribuído para esta ausência de testemunhos arqueológicos islâmicos no concelho de Estremoz? É difícil encontrar explicações, mas possivelmente, deve-se à forte identidade das comunidades cristãs, ao facto de haver um problema de visibilidade do registo, ou então pelo facto das populações com cultura islâmica terem ocupado áreas rurais e, por isso, serem mais difíceis de identificar. Podemos colocar também a possibilidade do mundo islâmico aqui ser feito por assimilação com as populações já existentes e não haver rutura no tipo de povoamento. Outra hipótese a ser levantada, seria o facto de Estremoz estar muito distante dos centros de poder islâmico e dos principais mercados de abastecimento e daí o motivo para que não se identifiquem nos trabalhos de campo materiais típicos das produções islâmicas. Todavia, sem documentação que ilustre estes factos, estamos infelizmente limitados ao universo das meras hipóteses que só poderão ser definitivamente esclarecidas através do contributo da arqueologia.

### 6.2.3. O povoamento Baixo-Medieval

O movimento da conquista territorial por parte do reino asturiano iniciou-se na segunda metade do século IX, no reinado de Afonso III e foi um longo e complexo processo de conquista, que encontrarão na *presúria* uma forma de ocupação de solos abandonados ou mesmo pertencentes a comunidades locais, cujos direitos não eram reconhecidos pelos recém chegados (Mattoso, 1992a, p.452). Todavia, até à conquista de Évora os pontos de contacto e conflito com as unidades políticas cristãs definiram-se sempre bastante mais a norte, pelo que possivelmente, as potencialidades defensivas das colinas de Estremoz, Evoramonte e Veiros não teriam interesse estratégico para os senhores do *Al-Andaluz*<sup>34</sup> (Liberato, 2006, p. 3).

---

<sup>34</sup> Afirmações comprovadas pela ausência de espólio atribuível ao período islâmico. A inexistência de notícias sobre comuna de mouros forros é outro indício a ser considerado.

Devido à proximidade geográfica em relação ao concelho de Estremoz, o melhor exemplo que temos para este momento histórico, é o caso de Évora. Dominada pelos árabes após a trágica Batalha de Guadalete (711), pertenceu a estes conquistadores até Novembro de 1165, data definitiva da sua integração na monarquia de D. Afonso Henriques. Antes de ser definitivamente tomada aos mouros por Geraldo Sem Pavor, Évora foi assaltada e saqueada de surpresa, pelos exércitos cristãos de Ordonho II, o rei asturo-leonês, em 18 de Agosto de 913 (Coelho, 2008, p. 51). Devido ao mau estado das muralhas, a cidade foi rapidamente tomada. No assalto, foi chacinada grande parte da população da cidade, entre os quais o governador de *Yabura*, *Marwān ibn' Adalmālik ibn Āhmad*, morto no interior da sua mesquita (Sidarus, 1988-1993, p. 19).

Em 1165, Geraldo Sem Pavor conquista a cidade de Évora, inserindo-se a urbe alentejana num plano tático de ocupação sucessiva dos pontos de apoio militar que rodeavam Badajoz (Torres, 1992, p. 387). À conquista militar da cidade e à entrega do núcleo à jurisdição de Afonso Henriques seguiu-se um processo de apropriação e de redistribuição dos espaços conquistados por diferentes protagonistas, diretamente intervenientes no movimento de conquista ou que dela usufruíram nos anos imediatos.

Como sabemos, a conquista cristã da cidade de Évora não levou a um súbito abandono da cidade e sua região por parte da população islâmica. Esta população muçulmana era vital para o seguimento de uma cidade povoada e rentável (Filipe, 2012, p. 61). Évora ao ganhar prestígio político e religioso na esfera de poder da coroa portuguesa, após a sua conquista definitiva, assume desta forma um lugar de destaque nas movimentações militares operadas pelo exército cristão (Mattoso, 1992b, p. 460).

Relativamente, ao concelho de Estremoz, dos acontecimentos anteriormente à Conquista Cristã pouco se conhece, pois a sua História só começa a materializar-se com a expulsão dos muçulmanos, que ocorreu, certamente por volta da tomada de Évora em 1165 por Giraldo o Sem Pavor, salteador a que a tradição dá também a conquista de Evoramonte e Estremoz (Guerreiro e Borges, 2008, p.6). Perdida a sua posse, só em meados do século XIII, no reinado de D. Sancho II (1223-1248), Estremoz voltaria a ser retomada, desta vez figurando em definitivo no mapa do Portugal cristão. Impulsionada pela pacificação geral do reino e delimitação fronteiriça, tem início o povoamento de Estremoz, Evoramonte e Veiros.

O aparecimento dos castelos medievais na Península Ibérica está intimamente ligado ao processo de "Reconquista" iniciado por Afonso III das Astúrias (Tente, 2007,

p.36). Os territórios conquistados são assim, objeto de uma reforma político-administrativa. É neste âmbito que surgem as primeiras fortificações em Estremoz.

A necessidade de assegurar a defesa das terras reconquistadas levou os primeiros monarcas a incentivar a fundação na região sul do reino, de diversas ordens religiosas militares<sup>35</sup>. É neste contexto que o território estremocense assiste a uma reorganização social e religiosa em torno de paróquias e da ação das Ordens Militares. No caso da área em estudo, a maior parte do território ficaria sob a tutela da Ordem de Avis.

Alguns autores fazem remontar a povoação estremocense ao início do século XIII, e de facto, se atendermos à fundação do Convento de São Francisco (entre 1213-1245), a origem da vila seria ligeiramente anterior<sup>36</sup>. Embora não haja uma data concreta para a fundação da vila, é durante o século XIII que Estremoz entra definitivamente na posse da Coroa Portuguesa, após uma sucessão de recuos e avanços por parte das forças cristãs. Terá sido no reinado de D. Sancho II, que se iniciaram os trabalhos de reedificação das muralhas do castelo medieval de Estremoz, tendo sido continuados por D. Afonso III. Entre estas obras destacamos a construção da Torre de Menagem, por volta de 1260 que terá sido obra de três reinados - D. Afonso IV, D. Pedro e D. Fernando, o que a designou de "Torre das três coroas", simbolizadas no remate marmóreo do cunhal no terraço superior.

Reconhecendo a importância geo-estratégica de Estremoz, D. Afonso III, deu-lhe o seu primeiro foral, em 1258<sup>37</sup>.

No reinado de D. Dinis, o castelo e a muralha da vila já estariam concluídos, tendo este monarca mandado edificar junto ao castelo, o Paço Real dionisíaco (atual Sala de Audiências)<sup>38</sup>. No restante concelho, no ano de 1306, D. Dinis manda erigir o castelo de Evoramonte, e ainda neste período, mas sendo mestre de Avis D. Lourenço

---

<sup>35</sup> Sobre esta questão, *vide* Mattoso, 1993, p. 76-134 e Oliveira, 2005, p. 453-502.

<sup>36</sup> Tendo em conta que os objetivos dos frades franciscanos era a prática das virtudes cristãs, assumindo a pobreza e destituição de quaisquer bens como princípio básico, praticando a mendicidade e pregando os seus sermões, procuravam as cidades e os centros populacionais para se fixarem; logo não seria lógico que a Ordem se instalasse num local isolado despovoado, pois não poderiam dar expressão à sua atividade.; *vide* Mendeiros, 1987 e Vermelho, 1983.

<sup>37</sup> A promulgação de inúmeras cartas de foral e aforamentos coletivos entre os anos de 1253 e 1258 assume-se como uma das medidas tomadas por D. Afonso III para superar a crise que se abateu sobre o País na segunda metade do século XIII. Só nesse período, promulgou mais de 31 cartas de foral destinadas, a maior parte, a fomentar povoações que em breve se tornariam importantes centros económicos, tais como Beja (1254) e Estremoz (1258). *Vide* respetivamente, Mattoso, 1993, p. 139.

<sup>38</sup> *Vide* Nunes, 1982, p. 61 e 62.

Afonso, é lançada a obra de construção da Torre de Menagem do castelo de Veiros, em 1308.

Desde muito cedo, Estremoz ficou a dever a sua grandeza à proteção régia, adquirindo uma importância significativa no contexto nacional, tendo a sua história ficado ligada à figura de D. Dinis e, sobretudo, da rainha Santa Isabel. A rainha veio a falecer no paço medieval de Estremoz em 1336, tendo sido aí erguida, posteriormente, uma capela. Em Estremoz viria também a falecer o rei D. Pedro I, em 1367. Foi deste local, que D. Afonso IV, partiu para a gloriosa Batalha do Salado que pôs fim ao período árabe na Península Ibérica, aqui regressando após o feito. Como testemunho deste feito, existe uma bandeira de armas sobre o portal do Paço da Audiência (Monteiro, 2007, p. 15).

A situação geográfica de Estremoz tornou esta cidade num dos pontos de passagem, acolhendo figuras importantes e sendo palco privilegiado da política régia durante o final da primeira dinastia. Estremoz transformou-se assim num dos principais centros políticos do reino que proporcionou um crescimento da vila. Surgem alguns dos mais belos exemplos do património arquitetónico que chegaram aos nossos dias e que genericamente podemos encontrar dentro da 1ª linha de muralhas. À torre de menagem estava associado o paço real, do qual pouco resta e, no terreiro do castelo, erguia-se a igreja matriz de Santa Maria<sup>39</sup>, os Paços do concelho, o Pelourinho e alguns edifícios onde habitava a nobreza local.

A proteger o burgo medieval, inclusivamente o arrabalde de São Tiago, erguem-se as muralhas, defendidas por vinte e duas torres, às quais se associava uma Couraça com caminho coberto que defendia a única nascente que podia valer aos sitiados em caso de cerco prolongado.

O bairro de Santiago seria a zona residencial, este foi programado ainda no reinado de D. Afonso III, e estava separado do castelo medieval, comunicando com este através da porta de Santarém. Este bairro insere-se na política de planeamento urbano de

---

<sup>39</sup> A primeira matriz talvez remontasse ao século XIII, à data do foral, substituída no século de quinhentos pelo formoso templo renascentista - século XVI). José Mendeiros, considera que a primeira paróquia de Estremoz foi Santiago, embora não haja registo de que essa freguesia fosse matriz. Uma vez que o Bairro de Santiago parece ser contemporâneo do primeiro recinto medieval, é provável que, aquando da construção da primitiva igreja dedicada a Santa Maria (cerca de 1258), tenha sido erguida a de Santiago, dado que a reconquista e o repovoamento cristão se fizeram, em Portugal, sob a proteção de Santa Maria e São Tiago. *Vide* Mendeiros, 1987.

D. Afonso III<sup>40</sup>, neste caso incluiu uma pequena expansão urbana constituída por uma malha ortogonal composta por ruas e travessas, com um eixo principal retilíneo, a rua Direita. Esta rua unia a porta de Santarém à capela de Santiago, que segundo Margarida Valla terá sido erguida no século XIII e reconstruída no século XVIII (Valla, 2007, p.873-874). Este bairro tinha duas portas para acesso ao exterior da muralha, a sul a Porta de Évora e a norte a porta da Lage (atualmente desaparecida), mas que se devia situar próximo da atual Rua Porta da Lage, junto ao Bairro de Santiago.

A sua estrutura medieval era assim composta por dois recintos murallados: o bairro do Castelo e o bairro de Santiago. A vila tende a expandir-se para fora dos muros da antiga cerca medieval, para a zona mais baixa, onde se localizava o convento de São Francisco que já existia desde 1213, e cuja igreja foi edificada por D. Afonso III.

Quanto a Evoramonte, na Idade Média a vila foi objeto de diversas trocas de senhorio. Foi-lhe atribuído o primeiro foral em 1248, posteriormente renovado em 1271, por D. Afonso III, procurando a fixação de população no território, garantindo a criação de um ponto defensivo de segunda linha, que assegurasse o controlo da estrada a partir de Badajoz à cidade de Évora<sup>41</sup>, na época uma das principais povoações do país e de grande importância político-administrativa (Guerreiro et al., 2006, p.14-16). O ressurgir do povoamento de Evoramonte, parece estar relacionado com a sua afirmação como ponto militar fundamental para a defesa do Reino de Portugal, materializado na construção de um castelo e cerca militar na vila, em 1306, por D. Dinis (Liberato, 2006, p. 4).

As muralhas medievais seguem a configuração da colina de Evoramonte, delimitando uma vasta área, na qual a vila antiga cresceu. Deste sistema defensivo conservam-se ainda as cinco portas: a principal, a Porta do Freixo, virada em direção a Évora, ladeada por dois torreões cilíndricos, encimada por uma placa em mármore com uma inscrição acerca da data de fundação deste sistema defensivo dionisino; a Porta de São Brás a SE; a Portal do Sol ou da Vila, virada a Nascente; a Porta de São Sebastião a ocidente, e por último a Porta do Postigo, uma porta de acesso secundário.

No século XIV, a vila de Evoramonte entra na posse de D. Nuno Álvares Pereira, a quem foi doada pelo rei D. João I. Por sua vez, o Condestável irá cedê-la a D.

---

<sup>40</sup> Esta política de planeamento urbano tinha como objetivo a "criação de pequenos burgos no reino para a fixação de população em determinados locais". *Vide* Teixeira e Valla, 1999, p. 156.

<sup>41</sup> O receio não era em relação aos mouros, mas sim aos vizinhos castelhanos, que ainda não tinham desistido de sujeitar o Rei português através das forças das armas.

Fernando, seu neto, passando este termo a fazer parte da Casa de Bragança (Guerreiro e Borges, 2008, p.6 e 7).

Quanto a Veiros, segundo Túlio Espanca e Pinho Leal, o castelo, após a ocupação pelos muçulmanos, teria sido conquistado, em 1217, por D. Afonso II. O seu povoamento terá sido entregue aos conquistadores, os cavaleiros da Ordem de Avis, então comandados por D. Fernão Anes (Pinho Leal, 1882, p. 257 e Espanca, 1975, p. 250). Terá sido no reinado de D. Dinis que em 1308, sob orientação do mestre de Avis, D. Lourenço, se inicia a obra de construção da torre de menagem do castelo (Carvalho e Fernandes, 1997, p. 192). Da grande torre de menagem, fixada no ponto mais elevado do castelo, ficaram apenas algumas cantarias, incluindo um bloco de mármore que esteve colocado sobre a porta de entrada da mesma, do qual constam inscrições medievais, ladeadas por uma cruz de Avis (a data desta construção, bem como o nome do mestre da Ordem de Avis, e do mestre Pêro Abrolho).

A cerca medieval foi destruída num dos ângulos, devido à implantação da Igreja Matriz de São Salvador. Era rasgada por quatro portas principais, orientadas segundo os pontos cardeais e flanqueadas por cubelos cilíndricos, das quais restam apenas três, a Sul, Oeste e Norte, esta com portal (em arco quebrado) de vão mais largo que as restantes.

No que resta dos muros destacam-se ainda duas torres, uma cilíndrica e uma de planta quadrada, sobre a muralha a Norte. Sobrevive ainda a torre do relógio, com campanário presumivelmente quinhentista. No perímetro do castelo fica a igreja matriz, dedicada a São Salvador, obra de finais de Quinhentos que veio substituir um primitivo templo do século XIII.

A ausência ou desconhecimento de mais vestígios arqueológicos que nos permitam caracterizar o povoamento deste período e a consequente inexistência de mais investigação nas povoações que possibilitem novos dados, inviabiliza uma mais profunda abordagem a este período. Muitos dos novos estão sob as atuais ruas das povoações, o que limita muito chegar a essa informação.

### *6.2.3.1 O final da Idade Média: comunidades eremíticas*

O eremitismo era um fenómeno religioso marcado essencialmente pela constante oração em retiro, desinteresse pelo mundo, penitência, busca pelo isolamento e uma vida ascética (Azevedo et al., 2000, p. 149). Através destas práticas culturais específicas da espiritualidade eremítica, estes indivíduos buscavam manter contacto com Deus. Os eremitas procuravam essencialmente refúgios em locais remotos e desabitados, como por exemplo grutas, dormindo no chão em cima da própria terra e usando apenas um madeiro ou uma pedra para pousar a cabeça na hora do descanso. Segundo Fr. Henrique de Santo António, estavam em constante jejum e a única refeição que tomavam era a água que as fontes da zona lhe ofereciam, algumas ervas que nasciam nos campos, frutos silvestres e frutos de árvore; tinham uma perpétua abstinência de todo o género de carnes. As suas vestes, eram apenas uma túnica de pano grosso de cor preta, e por vezes uma túnica feita de folhas de plameira ou juncos, cujos espinhos eram voltados para dentro da carne; usavam barba comprida e pés descalços (Henrique de Santo António, 1745, tomo I, p.149).

O início do cristianismo foi marcado pelo surgimento de várias correntes eremíticas que ressurgem aqui e ali durante as primeiras centúrias desta religião. O crescente esplendor da igreja enquanto instituição religiosa, leva a que amiúde, surjam também movimentos religiosos que procuram a pobreza inicial do cristianismo e despojamento, como prova de eleger a Deus.

Fr. António Brandão e os cronistas paulistas fazem retroceder as origens do eremitismo na Serra d'Ossa aos primeiros séculos do cristianismo, com a presença neste ermo de quatro anacoretas, Gil, Bento, Lázaro e Abraão, os dois últimos dos quais estariam na origem do nome dos Ermitérios de Vale de S. Lázaro (posterior Vale de Infante) e Vale Abraão (Franco, 2010, p.152). Estes relatos carecem, contudo, de comprovação documental, pois embora todos estes indícios apontem para a possibilidade da existência de Eremitas na serra d'Ossa e em outras regiões do Alentejo desde finais do século XI, os documentos mais antigos conhecidos referentes à vida eremítica no Alentejo datam apenas da segunda metade do séc. XIV. Só a partir de 1370 se pode comprovar uma efetiva expansão de fundações eremíticas no Alentejo (Franco,

2010, p.152)<sup>42</sup>. O primeiro testemunho que conhecemos sobre o assunto é de 1366, data em que Gil Afonso, vassalo do Infante D. Fernando e Maria Afonso, sua mulher, moradores e vizinhos em Estremoz, fazem uma doação aos eremitas Mateus e aos restantes companheiros pobres. A doação incluía "uma casa e pardieiro, um pedaço de chão e um poço". (Fontes, 2012, p. 41). Mas o documento mais importante e mais revelador data de 1378. Trata-se de uma sentença favorável aos eremitões da pobre vida, decorrente de uma visitação ordenada pelo papa Gregório XI com o objetivo de um controlo eclesiástico sobre um fenómeno que, pela sua natureza, podia suscitar suspeitas de eventual heterodoxia. (Azevedo et. al., 2000, p. 151 e Fontes, 2012, p. 31-40). Os visitantes atestam que "os pobres eremitões e cada um deles vivem em ditos lugares desertos e eremitérios e em outras muitas casas da Serra de Ossa, de quatro em quatro apartada e honesta e virtuosamente, e fazem as suas vidas em serviço de Deus como pobres eremitões, pela guisa que devem e são teúdos como fiéis cristãos crendo verdadeiramente toda a nossa fé católica" (Damásio, 1793, tomo II, p. 287). Ficava assim eliminada a suspeita de qualquer desvio doutrinário ou moral, não havendo motivo para uma correção.

Nas formas de vida religiosa que se praticava em Estremoz nos finais do século XIV estavam integrados os Eremitas de São Paulo da Serra d'Ossa, um movimento de cariz eremítico, que embora enquadrado na forma de vida monástica, foi fortemente influenciado por práticas mendicantes<sup>43</sup>.

Conhecidos como "homens da pobre vida", ocupam locais nas imediações de vilas e cidades, em espaços ermos apelidados na documentação de "oratórios" ou "provenças". Cada unidade reunia quatro ou cinco eremitas. Do ponto de vista da vida quotidiana, viviam da exploração das terras que recebiam em doação, como o cultivo em redor das provenças, a criação de gado, os trabalhos de apicultura e de aproveitamento dos recursos das matas e terras baldias, dedicando-se também, e especialmente, a uma intensa atividade de oração (Beirante, 2011, p. 132). Estes eremitas conseguiram uma impressionante expansão entre os finais do séc. XIV. Tal sucesso deriva, em larga medida, da proteção régia garantida aos Eremitas. Os reis tinham um enorme carinho por estas comunidades, que se manifestava não só pelas

---

<sup>42</sup> Vide também Espanca, 1972, p. 149-171.

<sup>43</sup> Sobre a forma de vida monástica veja-se: Mattoso, 2005, p. 37-39.

doações que lhes eram feitas, pela proteção régia, mas também ao nível dos privilégios que lhes eram concedidos (Beirante, 2011, p. 134).

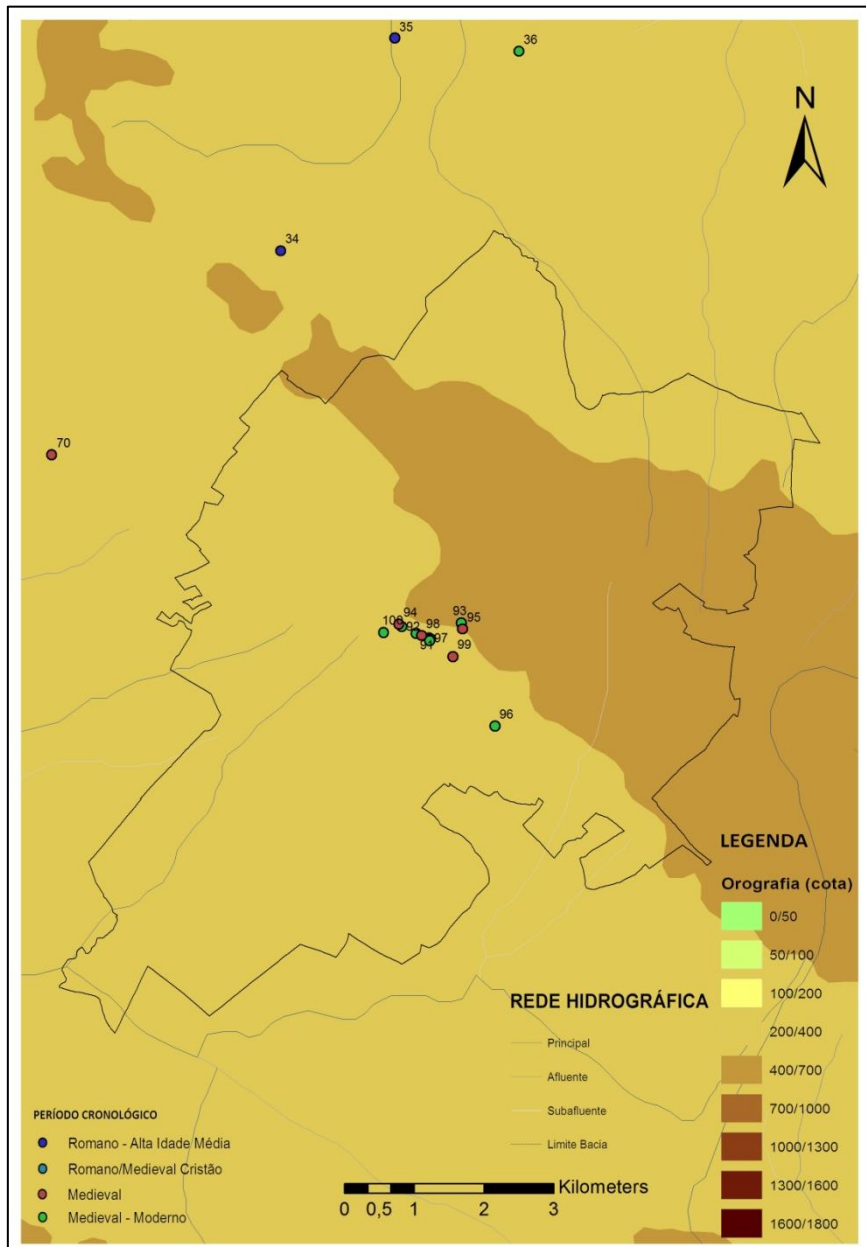
Com efeito, a partir de finais do século XIV e inícios da centúria seguinte, multiplicam-se as referências individualizadas a distintas comunidades instaladas na Serra d'Ossa. Estes grupos multiplicaram-se, sem dúvida, "graças ao afluxo de novos candidatos à vida eremítica" (Fontes, 2012, p. 73). O grupo instalado na Serra de S. Gens, no termo do Canal, em terras dadas aos pobres pela Infanta D. Beatriz cerca de 1374, começa a aparecer sob a designação de Vale da Infante (hoje Vale de Infante) a partir de 1397; Vale Abraão, pertencente ao termo do Redondo, surge claramente individualizado a partir de 1425, embora associado a dois eremitas – Álvaro Martins (I) e Afonsilho –. É possível que também tivesse existido, durante algum tempo, um eremitério junto à ermida de Santa Maria de Monte Virgem, também situada na Serra d'Ossa. As fundações, contudo, alastram bem para além da Serra d'Ossa, estendendo-se por todo o Alto Alentejo (Fontes, 2012, p. 73-77).

Ao termo de Estremoz teriam sido anexados outros pequenos eremitérios: O Eremitério da Amieira, situado segundo João Fontes, perto do Ameixial e junto à Água do Castelo, termo que, na Idade Média, designava a atual Ribeira da Vila, devendo, por isso, situar-se em S. Bento do Ameixial; e o Eremitério da Espadaneira, junto à Ribeira de Alcaraviça (S. Bento de Ana Loura) (Fontes, 2012, p. 532 e 544). O Eremitério da Amieira deve ter sido extinto antes de 1440 e o Eremitério da Espadaneira, terá sido abandonado possivelmente em finais do séc. XVI, e os seus bens unidos ao convento de S. Paulo de Elvas (Fontes, 2012, p. 16 e 20). Desconhecem-se quaisquer vestígios materiais destes eremitérios.

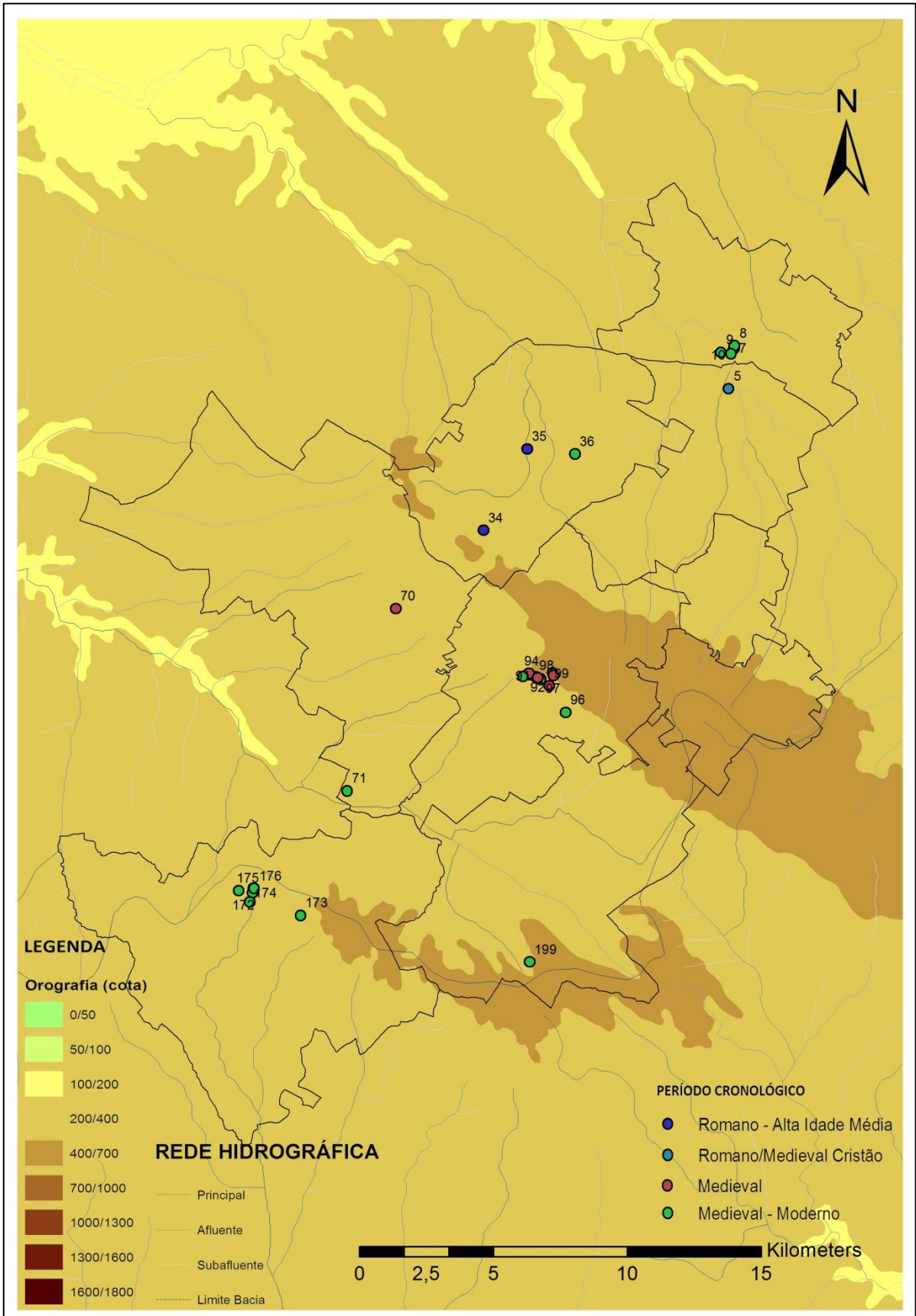
Durante os trabalhos de campo efetuados na zona da Serra d'Ossa, foi possível identificar um conjunto de abrigos escavados na rocha, a que a tradição oral chama de "grutas dos monges eremitas da serra d'Ossa" (Ficha de sítio n.º 200, anexo II). No entanto, a possibilidade de estes abrigos terem tido algum tipo de ocupação no passado, só poderá ser comprovada com uma investigação mais profunda ao local. Poderemos avançar a hipótese de se tratarem de abrigos correspondentes a uma fase inicial do eremitismo, dado ao que foi exposto nos parágrafos anteriores.

Do testemunho destas comunidades do século XIV no concelho de Estremoz, subsiste apenas o antigo Convento de Santo Antão de Vale de Infante (Ficha de sítio n.º 199, anexo II). O Convento de Santo Antão de Vale da Infante da Serra d'Ossa era

masculino, e pertencia à Ordem dos Eremitas de São Paulo, Primeiro Eremita. Este eremitério pertencia à Infanta D. Beatriz, filha do rei Pedro I e de Inês de Castro, razão pela qual o lugar ficaria conhecido por Vale da Infante. Manteve-se como comunidade monástica até pouco antes de 1642, ano em que o cartório deste mosteiro foi integrado no do mosteiro do Santíssimo Sacramento de Lisboa (Fontes, 2012, p. 590). Este conjunto monástico, é atualmente uma habitação particular.



**Mapa 3** - Localização dos sítios arqueológicos de ocupação medieval (pormenor da União das Freguesias de Estremoz - Santa Maria e Santo André).



Mapa 4 - Sítios arqueológicos com ocupação medieval no concelho de Estremoz.

### 6.3 A Época Moderna

No decurso da Restauração da Independência (1640-1668), o antigo paço medieval estremocense foi adaptado a armazém de munições. Aqui se recolheu o espólio militar da Batalha do Ameixial (1663), ao qual se juntou mais tarde, o de Montes Claros (1665), os quais foram perdidos na sequência da explosão, seguida de incêndio ocorrida em 1698. Tal acontecimento foi provocado por munições armazenadas numa dependência do castelo e cuja explosão destruiu todo o edifício medieval e o seu valioso recheio, arruinando também toda a área do castelo, alterando-lhe a fisionomia e a estrutura urbana. Salvou-se apenas a Torre de Menagem e a muralha (Guerreiro e Borges, 2008, p. 7). É importante entender que a atual estrutura urbana, em toda a primeira linha de muralhas não corresponde exatamente ao que existiu antes da violenta explosão do paiol, e que os edifícios em toda a zona próxima da Praça de Armas foram praticamente destruídos.

A construção das fortificações modernas iniciou-se já no reinado de D. João IV, provocando enormes alterações no rosto medieval da zona alta, sacrificando-lhe "mais de novecentas casas dos bairros exteriores que cresceram ao abrigo da cerca medieval a sul e sueste - os bairros de Fora, de Palhais, São Lázaro." (Vermelho, 2004, p. 13). Nesta época, toda a povoação, incluindo a zona baixa da cidade, foi protegida por fortes e muralhas, de tipo Vauban, com os seus baluartes, revelins e forte, que ainda hoje se conservam e dão forma à sua silhueta. Estremoz é uma das poucas cidades que ainda mantém quase na sua totalidade todo o sistema defensivo medieval e seiscentista. Dada a envergadura desta obra, a sua edificação levou algumas décadas a ser efetuada, prolongando-se até ao século XVIII. Foram muitos foram os engenheiros que nele intervieram (Ficha de sítio n.º 89, anexo II).

Entre o século XVI e até à primeira metade do século XVIII, assistimos a uma expansão urbana da vila para a zona baixa de Estremoz, ultrapassando-se assim os limites impostos pela barreira arquitetónica que a cerca medieval representava. A população e as principais atividades económicas tendem a transferir-se para a zona baixa, onde se instalam também o concelho político e as elites.

O acesso ao interior do núcleo urbano faz-se inevitavelmente através do atravessamento de uma das portas da cidade: Portas de Santa Catarina a Norte, Portas de

Santo António a Este, Portas dos Currais a Sul e a Sudoeste as Portas de Évora que impunham um percurso paralelo às muralhas, facilitando assim a defesa (Ficha de sítio n.º 91, anexo II).

Novos bairros vão surgindo, como são exemplo o Bairro dos Palhais, o Bairro do Espírito Santo, e o arrabalde da porta do Sol. Junto ao antigo terreiro das Covas, atualmente Praça Luís de Camões, vão-se implementar novos edifícios públicos, como os Paços do Concelho, casas dos burgueses da vila, novas igrejas, tal como as igrejas de S. Miguel (Ficha de sítio n.º 103, anexo II) e de Santo André (Ficha de sítio n.º 135, anexo II). Também o pelourinho é deslocado para este local (Ficha de sítio n.º 116, anexo II).

Esta praça para além de ser o centro administrativo da vila, e espaço de justiça assume também uma liderança como espaço de comércio, realizando-se também aqui as feiras e os mercados (Teixeira e Valla, 1999, p. 157).

No séc. XVI, também a nobreza e o clero veem na zona baixa da cidade um espaço privilegiado para construírem os seus palácios e erigirem diversos conventos. Estremoz vê assim surgir, bem ao gosto da época, outros equipamentos religiosos na parte baixa da cidade, são eles: o convento de Santa Clara (1428-1559), que após sofrer um incêndio foi substituído pelo convento dos Agostinhos nos finais do século XVII (1671-1834) (Ficha de sítio n.º 104, anexo II); o convento das Maltesas 1540/43- 1878 (Ficha de sítio n.º 107, anexo II); e o convento dos Congregados 1697-1834 (Ficha de sítio n.º 124, anexo II). Logo no início do século XVII, mais precisamente em 1610 assiste-se à instalação do Hospital da Misericórdia no Largo da Porta Nova, hoje Largo da República (Ficha de sítio n.º 123, anexo II).

Esta época determinou uma malha urbana diferente e um desenvolvimento ou expansão em direção ao Convento de São Francisco, datado do século XIII. Junto a este convento existia um tanque, mais tarde transformado no grande lago do Gadanha, construído em 1688, abastecido com água proveniente da Fonte Nova do Rossio (Ficha de sítio n.º 122, anexo II). O Largo de S. Bento, também conhecido por Terreiro de S. Brás vai ter sempre a função de fornecimento público de água. Neste largo, em 1581, ergueu-se a Fonte das Bicas (Ficha de sítio n.º 114, anexo II) e, em 1726, a Fonte das Oito Bicas, cujas águas se juntavam a um chafariz que servia para bebedouro dos animais. (Teixeira e Valla, 1999, p.157-158) (Ficha de sítio n.º 115, anexo II).

O Rossio Marquês de Pombal, que na sua origem foi de São João, e que outrora desempenhara um papel importante na história da vila e até mesmo do Reino, como praça de armas, transformou-se num local privilegiado para trocas comerciais, quer pela sua localização e acessibilidade, quer pelas suas dimensões. Atualmente é utilizado como área de estacionamento automóvel e principal área comercial da cidade. A Norte desta praça localiza-se o antigo convento de S. Francisco, hoje Regimento de Cavalaria n.º 3, ladeado pela Igreja de S. Francisco, onde se encontra a capela de D. Fradique de Portugal, arcebispo de Saragoça; a Este o convento das Maltesas, edifício que o rei D. Manuel mandara construir no princípio do século XV para o seu filho, o Infante D. Luís, e que mais tarde se transformaria no convento de São João da Penitência, acolhendo a única comunidade freirática da Ordem de Malta existente no País; a nascente, próximo deste edifício, podia observar-se um cruzeiro protegido por um gradeamento, o de Santo Cristo, uma escultura talhada em mármore da região, e que no século seguinte viria dar origem à capela, hoje de Santo Cristo (Fichas de sítio n.º 108 e 110, anexo II); a Sul, erguia-se o imponente palácio de D. Constantino de Bragança e Melo, que desapareceria no fim do século XVI para dar lugar ao Convento dos Congregados, cuja igreja esteve durante muitos anos inacabada e que atualmente serve de paços do concelho (Câmara Municipal). Estes "três conventos que delimitavam este grande terreiro representavam o poder religioso que mais uma vez se confrontava com o poder militar, que usufruía desse espaço para as suas manobras, enquanto os conventos asseguravam a sua delimitação, que ainda hoje é preservada. Os conventos eram instituições que eram parte integrante de uma Praça-Forte" (Valla, 2007, p. 884).

Estremoz por ser um local, que detêm um vasto domínio visual sobre o território envolvente, torna-se em meados do século XVII, numa das Praças-Fortes do Reino, assumindo uma posição importante na primeira linha de fronteira (Valla, 2007, p. 875).

Quanto a Evoramonte, em 1531, a vila é abalada por um violento terramoto que destrói a antiga torre de menagem. D. João III ordena a reconstrução do povoado, bem como o levantamento e restauro da estrutura defensiva. Em quinhentos, possivelmente por ordem do Duque de Bragança, D. Jaime, são levadas a cabo obras de fortificação moderna: construção dos baluartes e de uma nova torre, o Paço Ducal, que ainda hoje marca a vila e a paisagem evoramontense (Pereira, 2004, p. 5).

O Paço do castelo de Evoramonte é uma imponente construção de alvenaria de planta sensivelmente quadrada, com quatro torres ultra semi-circulares nos ângulos,

cada qual com uma estrutura de três tambores, que estreitam visivelmente de cima para baixo (Guerreiro, et al., 2006, p. 20). A torre é denticulada no topo, efeito conseguido pelas canhoeriras aí dispostas. No exterior, podemos ainda observar quatro pisos, marcados por um cordão boleado contínuo e com "nós" que decoram a fachada. Estes "nós", não são apenas um motivo decorativo, mas também a marca simbólica da heráldica do Ducado de Bragança (Pereira, 2004, p. 10).

O Paço de Evoramonte, residência, fortaleza e torre, surge assim "como uma solução original na confluência de várias modalidades arquitetónicas, entre a tradição e inovação, entre a arquitetura de aparato e a arquitetura militar" (Pereira, 2004, p. 28).

Os baluartes curvilíneos são os primeiros elementos de modernização defensiva de Evoramonte e segundo Paulo Pereira, encontram-se balizados entre os anos de 1525 e 1531 (Pereira, 2004, p. 12). Desenhados e levantados por Francisco de Arruda, estas estruturas refletem totalmente a nova tipologia de construção militar do século XVI. Para fazer face aos novos métodos de ataque, criaram-se novos elementos nas muralhas, que permitem uma defesa mais eficaz e efetiva do que as antigas torres quadradas ou redondas medievais (Guerreiro et al., 2006, p. 17).

Em Veiros, o início da época moderna é marcado pelo terramoto de 1531, que terá arruinado consideravelmente o castelo, reconstruído no reinado de D. João III. Mais tarde, em 1662, durante a Guerra da Restauração, a fortificação sofreu os desastrosos efeitos do ataque de D. João de Áustria. A explosão de pólvora causou a derrocada da Torre de Menagem trecentista, uma das mais altas de Portugal (Carvalho e Fernandes, 1997, p. 192).

A maior parte do património arquitetónico registado no concelho de Estremoz corresponde a construções de funcionalidade religiosa, como sejam capelas, ermidas, igrejas e conventos. Este património inventariado reporta-se, quase na totalidade, a uma época balizada entre os séculos XVI e XVIII, correspondente à Idade Moderna.

Numa zona essencialmente agrícola, como é o caso do concelho de Estremoz, a este conjunto de bens patrimoniais deve juntar-se também as expressões de arquitetura vernácula, ainda há poucos anos dita arquitetura tradicional ou popular, destacando-se entre estes, os moinhos e azenhas.

### 6.3.1 Edifícios Religiosos

É sem dúvida nenhuma, vasto, o conjunto de igrejas, ermidas e capelas que se encontram espalhadas pelo espaço rural e urbano de Estremoz. De entre este conjunto, destacam-se a Capela de D. Fradique de Portugal (Ficha de sítio n.º 106, anexo II), a Capela da Rainha Santa Isabel (Ficha de sítio n.º 117, anexo II) e a Ermida de Nossa Senhora dos Mártires (Ficha de sítio n.º 96, anexo II), classificados como Monumento Nacional, e ainda a Igreja de Santa Maria (Ficha de sítio n.º 90, anexo II) e a Igreja Matriz de São Salvador de Veiros (Ficha de sítio n.º 8, anexo II), classificadas como imóvel de interesse público.

Para além dos edifícios religiosos referidos, merecem destaque todo o conjunto de igrejas paroquiais, capelas, públicas e particulares que fazem parte do registo arquitetónico do concelho de Estremoz. São monumentos vivos de uma época que retrata os costumes e as crenças dos povos que a elas se deslocavam em busca de conforto e na procura de auxílio nos momentos mais difíceis das suas vidas.

O património religioso do concelho de Estremoz, contribui à primeira vista, claramente para a identificação dos principais aglomerados populacionais do concelho: Estremoz, Veiros e Evoramonte e que ilustra a maior antiguidade e dimensão dos mesmos. Como tal, são também das atuais freguesias do concelho, que têm um maior número de edifícios religiosos, que abrangem vários períodos da História. Não é de todo fácil saber qual terá sido a primeira igreja do concelho. Sem documentação que ilustre este facto, estamos, infelizmente, limitados ao emaranhado universo das probabilidades e hipóteses que só poderão ser definitivamente esclarecidas através do contributo da arqueologia. De uma forma geral, a grande parte das igrejas rurais do concelho, são já conhecidas aquando da visitação eclesiástica de 1534, onde a maioria delas já estaria aberta ao culto, e daí que as suas fundações se atribua ao século XVI.

Após o terramoto ocorrido nas primeiras décadas de quinhentos (1531), é provável que tivesse havido uma reconstrução total de um grande número de edifícios religiosos em todo o termo do concelho de Estremoz. Esta situação leva-nos a refletir acerca das datas fundacionais dessas igrejas. Não terão tido estas, a sua fundação em épocas anteriores e o facto de haver a necessidade de uma reconstrução total, causada pelo terramoto, se tivessem perdido os seus traços primitivos? Esta é uma hipótese

meramente especulativa, ficando em aberto, visto que não existem dados que comprovem esta situação.

Numa amostragem de 63 edifícios religiosos, foi possível identificar várias tipologias construtivas. Os séculos XVII e XVIII são os mais testemunhados, e de certa forma, aqueles que deixaram mais marcas no tecido arquitetónico concelhio.

Na segunda metade do século XVII e praticamente durante todo o século XVIII assiste-se a uma inovação dos padrões arquitetónicos, aqui manifestado na renovação de muitas igrejas e capelas. Pelo concelho, existem exemplares do chamado Estilo Chão nacional, solução arquitetónica onde se cruzam influências de vários estilos, do Maneirismo ao Neoclássico, com evidentes preferências por traços barrocos (Fontes e Roriz, 2007, p. 23). Especial destaque é dado à Igreja de Santa Maria de Estremoz e para a Igreja Matriz de São Salvador de Veiros (Fichas de sítio n.º 8 e 90, anexo II).

Na generalidade das igrejas paroquiais de Estremoz, as reformas e as obras de conservação que sofreram ao longo dos séculos, alteraram-lhe profundamente a traça de origem quer ao nível das fachadas, quer nos interiores, no que respeita a linhas e volumes. Poucas são aquelas que ainda conservaram os seus traços primitivos. Nas igrejas modernas localizadas em espaço rural, o tipo mais representativo é o das igrejas de alvenaria rebocada, com uma linha modesta e de paredes lisas, onde por vezes, os únicos traços característicos exteriores se vislumbram na assimetria das fachadas contrafortadas; nas galilés/alpendres de arcadas singelas e nos modestos campanários, que raramente atingem os dois andares, na maioria dos casos rompentes de frontões onde se abrem janelas/óculos que iluminam o coro; a capela-mor, pouco profunda, é também coberta de abóbadas de berço ou de uma cúpula. Nas igrejas localizadas em espaço urbano, dominam as naves retangulares e capelas-mor, também retangulares mas alongadas, os coros altos e uma maior profusão de altares colaterais, em concorrência com o altar-mor. Estes geralmente são enquadrados por retábulos de talha dourada, merecendo destaque os da Igreja Matriz de Veiros.

Dos vestígios arquitetónicos do ruralismo quinhentista, deixados pelas sucessivas reformas do século XVII e XVIII, podemos assinalar, os imóveis religiosos de São Lourenço e a Ermida de São Romão, no termo de São Lourenço (Fichas de sítio n.º 43 e 45, anexo II), as igrejas dos Arcos e São Bento do Ameixial, onde exteriormente, na cabeceira destes edifícios é possível observar cubelos cilíndricos, de gosto manuelino (Ficha de sítio n.º 73, anexo II). Na Igreja de Arcos, a porta de entrada

de mármore acusa também vestígios de traça quinhentista. Um especial destaque igualmente para a imagem de Santo António, em barro cozido policromado que se encontra na fachada da igreja, obra setecentista (Ficha de sítio n.º 164, anexo II). Na Igreja de São Domingos e na Igreja de Santo Estêvão, destaque para os lavabos de mármore da sacristia, claramente barrocos, estando um deles datado de 1677, e para alguns elementos do seu interior (Fichas de sítio n.º 37 e 147, anexo II); na Igreja de Nossa Senhora da Glória, destaque para o cruzeiro situado no adro da igreja, aparentemente do século XVII, decorado com crânios (Ficha de sítio n.º 201, anexo II). Na Igreja de São Lourenço, para a cobertura exterior da abside, de duas águas, que parece ter sido construída no século XVII, e para os altares laterais, onde se regista a presença de talha dourada datada de 1700 e que constitui um dos poucos exemplares do concelho (Ficha de sítio n.º 43, anexo II). A Ermida de Nossa Senhora das Relíquias, apesar de se encontrar atualmente num elevado estado de degradação e abandono, conserva ainda algumas características da arquitetura religiosa rural do século XVII, e alguns acrescentos do século XVIII (Ficha de sítio n.º 204, anexo II).

Os séculos XVII e XVIII foram igualmente uma época de florescimento do culto mariano que se materializou na reconstrução ou edificação de novos santuários de peregrinação dedicados ao culto da Virgem. Assim aconteceu também em Estremoz, onde se regista inúmeros santuários dispersos pelo seu vasto território, servindo uma população de grande fervor religioso. Entre estes destacam-se a Ermida de Nossa Senhora dos Olivais (Estremoz), a Ermida de Nossa Senhora da Assunção (São Domingos), a Igreja de Nossa Senhora das Relíquias do Canal (Glória) e a Ermida de Nossa Senhora da Conceição, na Glória (Fichas de sítio n.º 113, 149, 294 e 205, anexo II). Construídos quase sempre em lugares isolados, estes templos, são o testemunho da sacralização de espaços até então dominados por medos e superstições, pela floresta e espaços sombrios (Fontes e Roriz, 2007, p. 24).

As igrejas do concelho ilustram a fé dos seus habitantes, tornando-se marca bem visível da fé deste povo. Estas constituem, sem dúvida, a mais real prova, da vida religiosa e social deste concelho. A história nacional e local não se escreveria sem este património, por isso, como registo físico da nossa memória, é necessária e essencial a sua conservação, valorização e divulgação.

### 6.3.2 Edifícios Urbanos/ Edifícios Rurais

As quintas, os solares/palácios ou casas senhoriais rurais e urbanas são os exemplos mais expressivos nas modalidades arquitetónicas setecentistas do concelho de Estremoz.

As quintas, na sua grande maioria ligadas a domínios agrários mais ou menos extensos, tiveram origem no aumento da riqueza dos seus proprietários, proporcionada quer pelo maior rendimento da produção cerealífera no concelho, quer pelos benefícios do ouro e dos diamantes do Brasil, que a nobreza rural soube aproveitar e reinvestir nas suas propriedades e, conseqüentemente lhes gracejou maior influência na região (Fontes e Roriz, 2007, p. 24). A arquitetura destas quintas caracteriza-se, em regra geral, pela organização dos corpos dos edifícios retangulares em torno de um pátio central, desenhando plantas em "U" ou em "L". As casas senhoriais são construções de grande sobriedade arquitetónica, limitando-se à decoração arquitetónica dos vãos de portas e de janelas, às empenas, às capelas anexas e, principalmente, aos portais de aparato. Estas apresentam-se muito ornamentadas e recorrentemente ostentam a pedra com as armas da família proprietária (Fontes e Roriz, 2007, p. 24 e 25).

No âmbito desta dissertação, foram registados no território do atual município de Estremoz oito edifícios nobres de carácter rural (Quinta do Mouro, Quinta do Carmo, Solar das Meiras, Palácio dos Henriques e o Palácio dos Marqueses da Praia e Monforte em Estremoz, Quinta do Leão, Quinta de Santa Margarida e Palácio dos Coutinhos, em Veiros). Alguns estão ainda na posse das famílias originais, outros já não. Alguns estão bem conservados e habitados, outros estão encerrados (Fichas de sítio n.º 18, 20, 24, 137, 138, 139, 140 e 141, anexo II). Com exceção do Palácio dos Marqueses da Praia e Monforte, propriedade do Município de Estremoz, que o adaptou a equipamento de cariz cultural, todos os outros são propriedade privada, e de acesso reservado.

Todas estas construções de cariz aristocrático, seguem a mesma linha arquitetónica que domina no distrito. Edificações com carácter, resultado da graciosidade singela que apresentam, na traça ou erudição de um estilo vincadamente popular, e na natureza dos materiais empregues na sua construção.

### 6.3.3 Engenhos rurais

O concelho de Estremoz foi quase sempre marcadamente um concelho de cariz rural. A produção de farinha de trigo, produto indispensável na alimentação humana, dependeu, no concelho de Estremoz até há escassas décadas, da moagem em moldes artesanais. Esta era assegurada por instalações moageiras que aproveitavam as energias naturais, como a água e o vento.

Desse passado de transformação dos grãos do cereal, ficaram apenas as ruínas das antigas estruturas de moagem que se dividem em moinhos de vento, moinhos de água e azenhas. Testemunhos que foram desaparecendo nas últimas décadas, pois, infelizmente, para as comunidades e para os autarcas, estes não passam de "velharias", e a cada dia que passa, rumam a caminho do esquecimento total.

É neste sentido que se pode e deve conservar pelo menos a sua memória, integrando este tipo de testemunhos neste inventário do património estremocense. Esta é uma história que não queremos ver terminar, num concelho com um riquíssimo património molinológico. Cabe-nos a nós lembrar e dar a conhecer às próximas gerações a história das nossas gentes e da nossa terra. Mais do que preservar, importa salvaguardar e valorizar, e só é possível estabelecer uma política de gestão, de divulgação e de preservação do património histórico, sem antes se realizar um minucioso levantamento.

Estes engenhos rurais representam a identidade do concelho de Estremoz e das suas gentes e que importa divulgar.

#### 6.3.3.1 Moinhos de água (rodízio) e azenhas

Embora o concelho não possua um rio marcante que sirva como elemento estruturante do território, a rede hidrográfica do concelho de Estremoz é assinalada pela presença de alguns cursos de água. Os recursos hidrográficos de Estremoz integram-se na Bacia hidrográfica do Tejo, sendo a sua principal linha de água a ribeira de Tera, que corre no sopé dos contrafortes da Serra d'Ossa. Para além deste curso de água, no termo de Estremoz nascem ainda mais duas ribeiras com caudais consideráveis: a ribeira de

Ana Loura e a ribeira de Montalvo. A este conjunto de correntes naturais de água, há que acrescentar ainda, outras de caudais menos volumosos e por vezes temporários. Toda esta massa líquida assume um papel fundamental na irrigação dos campos, no entanto, não são apenas os campos a beneficiar com esta abundante provisão de água vivificadora. A força hidráulica era, em tempos não muito remotos, aproveitada para dar movimento às inúmeras azenhas e moinhos de água existentes no concelho (anexo II, fichas de sítio n.º 49 até à 62 e 151 até à 161 (Azenhas e Moinhos Ribeira de Ana Loura e fichas de sítio n.º 207 até à 2016 (Azenhas Ribeira de Montalvo)).

Edificados junto das margens dos ribeiros, a grande maioria das azenhas e moinhos de água do concelho de Estremoz dedicavam-se à moagem de cereais. Tal situação resulta da conjugação de dois fatores. Por um lado, a centralidade que o pão representava na dieta alimentar das populações e por outro lado a possibilidade da conversão do trigo e do milho, em cereais panificáveis. É neste contexto, marcado por uma economia essencialmente de subsistência, de fraca circulação monetária, que se enquadra a atividade dos sistemas de moagem (Silva, 2004, p.221).

Foi o avanço das técnicas, com processos de operar mais eficientes, que veio neutralizar ou reduzir a atividade de grande parte deste tipo de engenhos votando-os ao progressivo abandono. No entanto, a toponímia e as suas ruínas permitem ainda identificá-los.

Funcionalmente distribuídos em duas tipologias, moinhos de roda horizontal (vulgo de rodízio) e moinhos de roda vertical (vulgo azenhas), a função das azenhas e dos moinhos é exatamente a mesma, moer os grãos (Galhano, 1978, p. 41). Mas a sua arquitetura e aparelho de moagem têm diferenças. A principal, reside, precisamente, no sistema de transmissão da energia, da fonte até ao mecanismo que mói os grãos dos cereais, mas principalmente na roda motriz, que tal como já foi referido nos moinhos de água, encontra-se na posição horizontal e nas azenhas, na posição vertical (Silva, 2008, p. 20). Exceto isso a forma de moer os grãos é fundamentalmente igual.

De uma forma geral, os moinhos de roda horizontal (rodízio) do concelho de Estremoz funcionavam por jato de água, ou seja, a água, contida numa represa situada num nível superior, é despejada sobre o rodízio. Esta, quando caía, em forma de jato,

acionava o rodízio, com "penas", posicionado na horizontal<sup>44</sup>. O rodízio era considerado o motor da máquina, pois é o que inicia o movimento do sistema. Ao local de onde sai o jato de água chamamos o "cabouco", uma espécie de porta/buraco que se encontra por baixo do moinho. O jato de água, saindo da seteira do cubo<sup>45</sup>, é dirigido tangencialmente para o rodízio, de forma a bater em cheio contra as "penas", obrigando-o a executar um movimento de rotação contínuo, que depois é transmitido através de um veio<sup>46</sup>, que se encontra encaixado num eixo vertical, designado por "pela"<sup>47</sup> e que faz a ligação com a mó "andadeira" (mó de cima). Na "pela" encaixava-se o "lobete"<sup>48</sup> que, por estar solidário com a "segurelha"<sup>49</sup>, faz acionar a mó "andadeira" (Oliveira et. al., 1983, p. 98 e 106) (figura 8, em anexo IV).

Ao conjunto do mecanismo de moagem, de uma forma geral, é habitual dar-se o nome de "moenda". Esta é constituída por um par de pesadas mós circulares de pedra, uma móvel e outra fixa, respetivamente a "andadeira" (mó superior, móvel) e o "pouso" (mó inferior, fixa). Através do "olho" da mó<sup>50</sup>, os grãos dos cereais deslizam até ao interstício entre a mó fixa e a mó móvel. Por cima deste sistema encontramos a "moega"<sup>51</sup>, de onde saem os grãos que se deslocam para o "olho da mó", com o auxílio de uma caixa de madeira inclinada, chamada de "quelha"<sup>52</sup> (Oliveira, 1983, p. 105). A queda do grão pela "quelha" é facilitado pela trepidação que lhe é transmitida pelo "chamadouro"<sup>53</sup> ou "tramela", que é uma peça em madeira em forma de cruz; o braço horizontal apoia-se do lado esquerdo na estrutura fixa do moinho e do lado direito na "quelha"; o braço inclinado poisa na mó e quando esta se encontra em movimento o

---

<sup>44</sup> O Rodízio é uma espécie de cilindro com uma roda horizontal, provido de uma série muito numerosa de palas ou "penas" de madeira em forma de colher, dispostas radialmente, que recebem o jato de água. (Silva, 2008, p. 21).

<sup>45</sup> A "seteira" é a saída ou boca apertada do cubo. O cubo é o tubo que faz a descida da água da levada ao rodízio (Galhano, 1978, p.41).

<sup>46</sup> O veio é um ferro direito, determinando na parte inferior numa pá achatada que entra na fenda do "lobete" ou da "pela", na ponta superior tem uma espiga quadrangular que entra no orifício da "segurelha", e que desenha um ressalto no veio, formando um batente que aguenta a "segurelha" suportando a mó (Oliveira et. al., 1983, p. 164-165).

<sup>47</sup> A "pela" é o eixo vertical que o rodízio aciona (Oliveira et. al., 1983, p. 163).

<sup>48</sup> O "lobete" é o prolongamento da "pela" entre esta e o veio, que facilita a remoção e a montagem do rodízio (Oliveira, et. al., 1983, p. 164).

<sup>49</sup> A "segurelha" é uma peça robusta, achatada em ferro. A última peça do aparelho moto, que o liga ao aparelho de moagem propriamente dito (Oliveira, et. al., 1983, p. 165).

<sup>50</sup> Buraco redondo que se localiza a meio da mó.

<sup>51</sup> A "moega" é uma caixa de madeira, em forma de pirâmide invertida, onde se deita o grão que se pretende moer. Localiza-se por cima da mó, o vértice desta caixa encontra-se cortado e voltado para baixo, suspenso sobre a "quelha" (Oliveira et. al., 1983, p. 372-373).

<sup>52</sup> A "quelha" é uma caixa ou caleira alongada, de madeira, por onde corre o grão que vai da saída da "moega" até ao "olho" da mó (Oliveira et. al., 1983, p.376-377).

<sup>53</sup> O "chamadouro" é um dispositivo que provoca a vibração da "quelha" e, conseqüentemente a queda do grão (Oliveira et. al., 1983, p.378).

"chamadouro" trepida, fazendo com que o grão caia (Silva, 2008, p.27) (figura 9, anexo IV). A distância entre as mós, e conseqüentemente, a finura da farinhação, é feita através do "aliviadouro"<sup>54</sup>. Quando a farinha já se encontra transformada é recolhida através do "tremonhado"<sup>55</sup>, e colocada em sacas (Silva, 2008, p. 27). Quando o grão estava quase a acabar na "moega", o "chocalho"<sup>56</sup> provocava um barulho, prevenindo o moleiro. No sul do país, o trigo era sujeito a uma limpeza cuidada para lhe retirar as impurezas. Essa limpeza era feita pelos moleiros por processos manuais simples, a fim de o bandejar/poeirar na "bandeja", uma espécie de crivo (Oliveira et. al., 1983, p.386). Para parar a rotação da mó do moinho, o jato de água é simplesmente desviado das "penas" por meio de um dispositivo – o pejadouro<sup>57</sup> – que o moleiro manobra junto das mós.

Relativamente, às azenhas, de uma forma geral, estes engenhos encontram-se na tipologia de roda vertical, ou seja possuíam um roda gigante, que poderia ser de maior ou menor dimensão e que se localizava na parte exterior do edifício que contém o engenho. A sua posição em relação ao solo e à linha de água, era vertical. A maioria das azenhas possuíam ainda um sistema de propulsão superior, ou seja a água entrava pela parte superior da roda, pelo chamado "sistema de copos", através de um canal/algeroz estreito. A água ao incidir superiormente sobre a roda, os copos iam enchendo e auxiliavam a força gravítica a efetuar o movimento descendente fazendo assim rodar a roda. Uma vez que a roda nunca é alterada de local, a força da gravidade permanece constante com o decorrer do tempo. O que pode mudar é a ação mecânica do jato da água, uma vez que a sua potência pode variar de acordo com o caudal do curso de água. (Silva, 2008, p. 22-23) (figura 10, anexo IV).

No caso estremocense, as rodas gigante das azenhas giravam sempre, segundo o sentido dos ponteiros do relógio, pois os canais de água localizavam-se sempre numa posição superior e atrás da roda.

No que diz respeito aos mecanismos internos da azenha, a roda gigante, transmite o movimento a um eixo horizontal que, por sua vez, o transmite a uma

---

<sup>54</sup> O aliviadouro é uma haste, de madeira, que através de um sistema de alavanca, faz subir mais ou menos a mó andadeira.

<sup>55</sup> O "tremonhado" é a caixa que envolve as mós, espaço onde cai a farinha, delimitado por taipais de madeira (Oliveira et. al., 1983, p. 377).

<sup>56</sup> O chocalho estava pendurado de um fio, o qual, depois de passar por uma roldana colocada a um nível superior à moega, se vai amarrar a um taco de madeira ou cortiça. O taco é coberto pelo grão, e somente quando este está a acabar é que o peso do chocalho o levanta. O chocalho cai então sobre a mó andadeira, provocando um barulho (Oliveira et. al., 1983, p. 382).

<sup>57</sup> O "pejadouro" é uma tábua localizada junto da saída de água do cubo, que o moleiro manobra no andar superior, acionando um fio ou arame, de modo a desviar o jato de água (Oliveira et al., 1983, p.157).

engrenagem também vertical. Por fim, através de um eixo, a "entrosga" (roda dentada, em madeira, também colocada em posição vertical, que repete o movimento da roda de água) faz a ligação com a mó "andadeira", localizada no piso superior do edifício. O sistema de moagem, ou seja a "moenda", funcionada da mesma forma que nos moinhos de água (Silva, 2008, p. 25).

As azenhas de Estremoz laboravam praticamente todo o Inverno, à excepção de épocas com invernos mais rigorosos, cujo caudal das linhas de água causavam alguns problemas à moagem. Por vezes as enxurradas, que podiam, rebentar com os canais utilizados para transportar a água. Nos verões mais secos, os sistemas também paravam, devido à escassez da água.

A documentação histórica referente a Estremoz sobre este tipo de engenhos é relativamente escassa. Os moinhos de água e as azenhas, para auto-consumo, eram já bastante conhecidos nesta região em finais do século XVIII, merecendo diversas referências nas Memórias Paroquiais. Destaque também para as informações contidas no Arquivo Municipal de Estremoz, nas atas relativas a fundos judiciais da Câmara de Estremoz, nomeadamente, nos autos de inventários dos séculos XVIII, onde se recolheram informações sobre moinhos e azenhas existentes no concelho, algumas com referências expressas a moleiros. Existe ainda no Arquivo Municipal, um documento, datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz<sup>58</sup>.

Não foi possível recuar anteriormente a 1738 (referência mais antiga) no que respeita a referências a moinhos e azenhas, no entanto, a existência de engenhos de água para moagem e pisões deverá recuar mais no tempo, dado que esta tecnologia era já bastante generalizada na Idade Média Portuguesa (Silva, 2008).

No âmbito desta dissertação, foram identificados no concelho de Estremoz 3 moinhos de água e 35 azenhas. As azenhas existentes, como foi referido anteriormente são de propulsão superior, e os moinhos de água, são todos do tipo de moinho de rodízio.

---

<sup>58</sup> Cf. Registo Geral de Mercês de D. Maria I, liv. 4, f. 36v; PT-AMETZ-B/A-35. *Livro de Atas das Sessões da Câmara de Estremoz.1754-1756*; PT-AMETZ-JOE/A-39; PT-AMETZ-JOE/A-63; PT-AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

Sendo movidos com água, os moinhos e azenhas do concelho de Estremoz estão necessariamente situados junto de linhas de água que asseguram os caudais necessários ao seu funcionamento. Este facto condiciona a sua distribuição pelo território do concelho. Assim, os moinhos estendem-se ao longo das linhas de água mais importantes (ribeira de Tera, ribeira de Montalvo e ribeira de Ana Loura) em especial nas proximidades das povoações, por facilidade de acesso.

A maioria das azenhas e moinhos de água do concelho estavam integrados num conjunto mais alargado de construções destinadas simultaneamente a habitação do moleiro e dos seus familiares. Estas poderiam ter divisões, como os abrigos para o gado, o forno, etc. A maioria destes engenhos encontram-se em estado avançado de ruína. Muitos destes edifícios foram alvo de reparações ao longo dos tempos, mesmo depois de deixarem de trabalhar, que foram alterando o seu aspeto tradicional, sendo poucos aqueles, que ainda conservam os seus mecanismos internos. Algumas azenhas sofreram mesmo demolições para acréscimos da habitação pelo que, hoje o que resta delas são objetos mínimos ou apenas a memória das pessoas que as viram a trabalhar.

Os moinhos e azenhas estremocenses inserem-se num quadro de uma economia pobre, de subsistência, que pode entender-se devido à profusão de azenhas e moinhos existentes na região e o seu escasso significado económico, bem como a nível de aperfeiçoamento tecnológico e da escala arquitetónica que os caracteriza. Assim, entende-se que este património nunca tenha assumido verdadeiramente uma configuração industrial ou mesmo pré-industrial.

### 6.3.3.2 Moinhos de vento

A força hidráulica dos rios, ribeiros e represas, nem sempre era suficiente para assegurar a moagem necessária. Em muitas áreas do concelho de Estremoz, a força hidráulica não existia de todo, ou em determinadas alturas do ano, não era suficiente. Houve assim também a necessidade de utilizar a força motriz do vento para moer.

Os moinhos situam-se todos em pontos altos, cabeços ou em terrenos planos e abertos, de modo a conseguirem aproveitar a energia dos ventos dominantes. Foram

inventariados no concelho cinco moinhos de vento (Fichas de sítio n.º 26, 27, 39, 191 e 192, anexo I). A maioria dos moinhos de vento eram de tipo mediterrânico, de torre fixa, em que apenas o tejadilho/capelo era móvel, e se movia no sentido de procurar a melhor orientação da velas face ao vento. Segundo Colen, possuíam velas triangulares, segundo o modelo português (Colen, 2004, p. 183).

Os moinhos de vento estremocenses eram, de uma forma geral, compostos por uma estrutura cilíndrica, com grossas paredes, construída em pedra que podia variar em altura entre os quatro a cinco metros de altura e possuindo sensivelmente, o mesmo diâmetro. Possuíam uma porta e duas ou três janelas. Para além do rés de chão tinham pelo menos mais um piso e, muito raramente, dois. Estes pisos, eram suportado por vigas de madeira.

O "capelo"<sup>59</sup> apoiava-se numa estrutura de madeira, atravessado na diagonal por um mastro ou eixo, que se estendia por cerca de cinco metros para o exterior do edifício. Nesse prolongamento exterior, encontravam-se pregadas em forma de cruz as varas ou braços, onde se fixavam as velas, que na maioria dos moinhos eram em número de quatro, e de forma triangular, feitas em pano. Assim, permitiu-lhe o aproveitamento da ação do vento de modo a obter a tracção necessária ao trabalho de moagem (Colen, 2004, p. 183).

Dado que assenta sobre o "frechal"<sup>60</sup>, o capelo possui mobilidade rotacional, possibilitando ao moleiro orientar as velas na direção do vento. A rotação do capelo era feita utilizando um dispositivo existente no seu interior, ao qual se dá o nome de "sarilho"<sup>61</sup>. Este dispositivo, é composto por um eixo horizontal e em torno do qual se enrolava mecanicamente uma corda, com o auxílio de duas manivelas colocadas em posição oposta em cada uma das extremidades. Uma das pontas da corda estava fixa no eixo do sarilho e na outra existia um gancho que se prende a uma de várias argolas fixadas perto do topo do corpo do moinho. Enrolando o sarilho, a corda estica e obriga o capelo a rodar sobre si mesmo, para a dirigindo-o conveniente (Galhano, 1978, p. 91).

O movimento era transmitido pelo mastro para o veio da mó, através de um conjunto de engrenagens: a entrosga e o carreto. A primeira era uma grande roda dentada, normalmente com os dentes dispostos na lateral. O carreto, ligado à roda

---

<sup>59</sup> O "capelo" é uma cúpula móvel de forma cónica do moinho, ou seja, o teto do moinho.

<sup>60</sup> O "frechal" é a calha à volta da parte superior do moinho onde roda o capelo (Oliveira et al., 1983, p. 251).

<sup>61</sup> O "sarilho" é uma espécie de roldana que serve para o tejadilho e as velas na direção pretendida.

dentada, com os seus fuselos (dentes) está apoiado, em baixo e em cima, por dois discos de madeira axialmente atravessados pelo veio da mó, ligada à "segurelha" que por sua vez, se encontrava ligada à mó de cima, a mó andadeira (Colen, 2004, p.183).

O movimento ascendente ou descendente do "urreio"<sup>62</sup> regula o afastamento entre as duas superfícies de moagem bem como a preparação de farinha mais ou menos grosseira, pois para uma boa moagem, as mós tinham de estar reguladas e não podiam tocar uma na outra. O cereal é lançado no "tegão" ou "moega", que faz parte de um mecanismo automático que é acionado pelo movimento da mó superior. O grão é movido pela vibração e segue em direção ao centro da mó (figura 11, anexo IV).

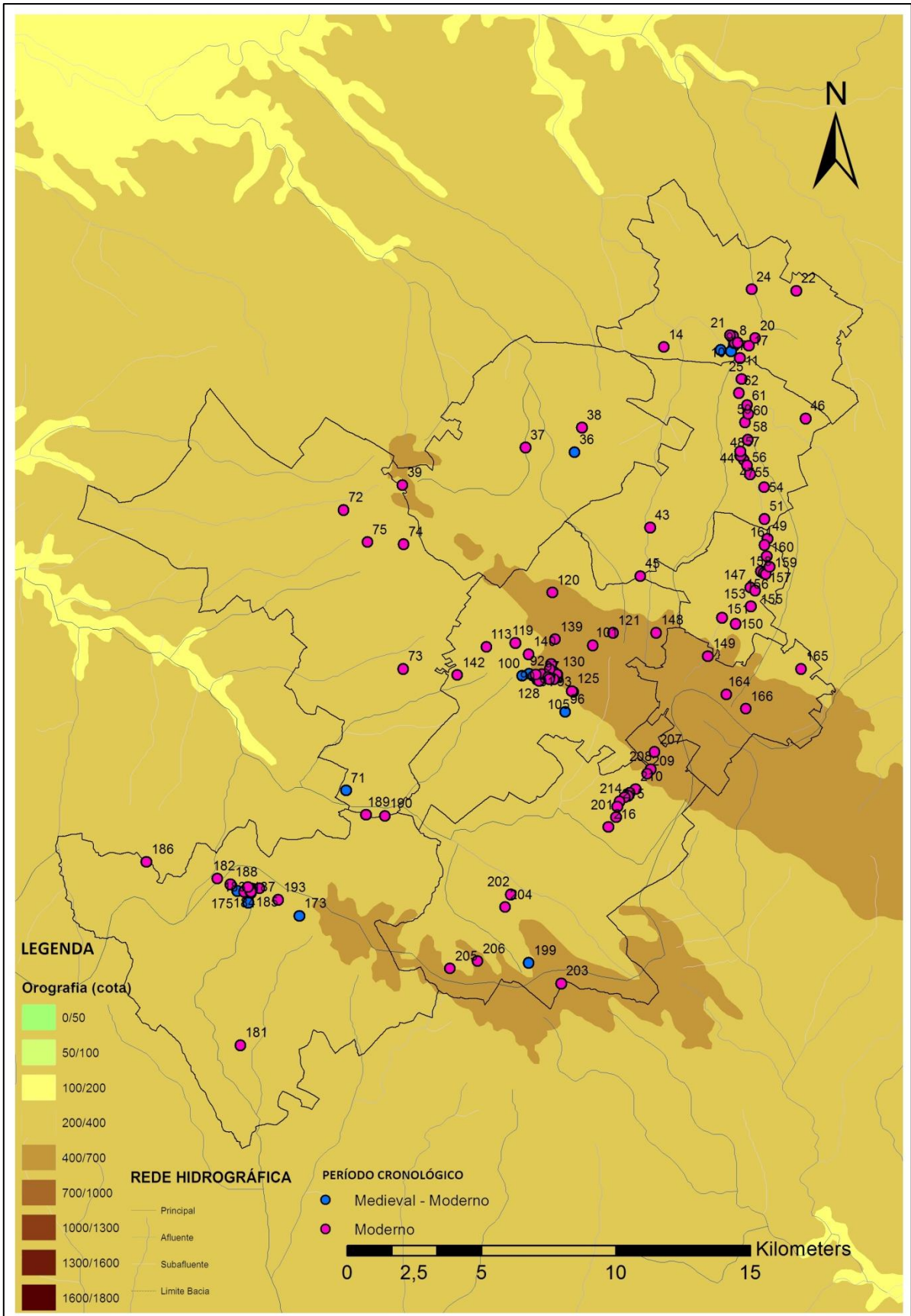
A vibração depende da rotação da própria mó e dependendo da sua velocidade impulsiona maior ou menor quantidade de grão. Este é esmagado entre as mós e a farinha conduzida até a periferia destas, por ação da força centrífuga, sendo recolhida para as sacas de farinha.

No âmbito desta dissertação, foram inventariados no concelho de Estremoz, cinco moinhos de vento (Fichas de sítio n.º 26, 27, 39, 192 e 193, anexo II). Este número reduzido de moinhos de vento deve-se possivelmente ao facto de a sua construção requer maiores investimentos e conhecimentos a nível do seu funcionamento. Atualmente, todos os moinhos inventariados encontram-se em estado avançado de ruína. Apenas subsiste a torre, o que significa que a cobertura (capelo), os mecanismos e outros componentes de madeira não sobreviveram às marcas do tempo.

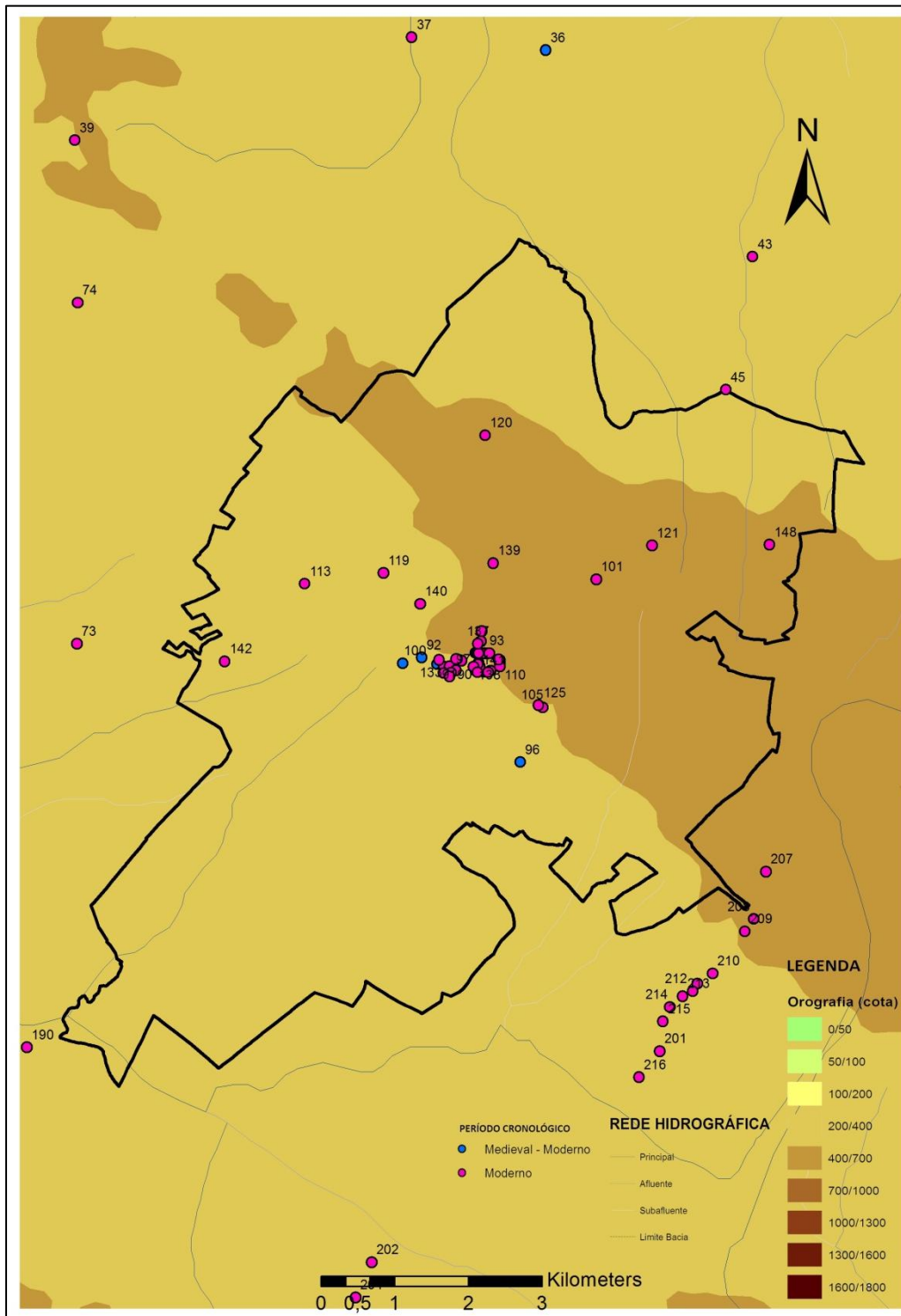
Apesar de não termos conseguido obter documentação histórica, que nos permitisse atribuir uma datação a este tipo de engenhos, é provável que se enquadrem numa cronologia de época moderna, visto que foi a partir do século XVII que se deu uma difusão dos "moinhos de torre", em Portugal (Bettencourt, 2008, p. 9). Todavia, por ser uma hipótese meramente especulativa, optámos por nas fichas de sítio, colocar a opção "cronologia indeterminada/ época moderna (?)".

---

<sup>62</sup> O "urreio" é uma peça em madeira em que se fixa num dos topos, onde está cravada a rela. O outro topo do urreio está ligado ao aliviadouro (Oliveira et. al., 1983, p. 166).



**Mapa 5** - Sítios arqueológicos com ocupação na Época Moderna no concelho de Estremoz.



**Mapa 6** - Localização dos sítios arqueológicos com ocupação na Época Moderna (pormenor da União das Freguesias de Estremoz - Santa Maria e Santo André).

**PARTE VII.**  
**Considerações Finais**



A elaboração desta dissertação foi orientada com o objetivo principal de proporcionar um documento, onde estivesse registado, os vestígios patrimoniais do concelho, com vista a contribuir para o conhecimento e salvaguarda do passado. Este inventário dos vestígios arqueológicos e patrimoniais do concelho, constitui-se ainda como um valioso instrumento que deve também influenciar as opções de planeamento e ordenamento territorial, bem como proporcionar informação relevante para uma política de valorização dos recursos culturais.

Ainda que o concelho de Estremoz possua um património histórico e arqueológico significativo, no entanto, o mesmo não é conhecido nem valorizado, quer pelas populações locais, quer pelos turistas que visitam o concelho. Mas mais grave é que este património que conta a História do concelho, não é conhecido, nem protegido adequadamente pelas próprias entidades municipais, detentoras dos poderes de decisão. Ao longo do século XX e XXI pouco tem sido o investimento na investigação e salvaguarda do património concelhio.

Os trabalhos de prospeção arqueológica efetuados no âmbito desta dissertação, no concelho de Estremoz, permitiram apenas identificar uma pequena parte do património arqueológico concelhio. Muito ainda ficou por descobrir e por investigar. Não obstante, o trabalho desenvolvido possibilitou numa área territorial de cerca de 513,7 km<sup>2</sup>, a realocização e a identificação de novos sítios que totalizam 218 ocorrências de interesse histórico, arqueológico e etnográfico.

Se na leitura dos sítios encontramos grandes dificuldades dada a natureza da informação tratada, a compreensão do território torna-se ainda mais complicada. Com efeito, nesta amostra de 218 sítios, mais de metade têm a sua localização confirmada, sendo que deste conjunto, 17 são considerados inéditos e outros 17 são localizados apenas a partir da bibliografia não tendo sido possível confirmá-los no terreno. Por esta razão, qualquer tentativa de relacionar os pontos neste mapa terá que ser necessariamente cautelosa.

Numa leitura genérica da área considerada, a primeira impressão é da extraordinária densidade de povoamento entre a época romana e moderna no território considerado. Existem algumas áreas onde este parece ser mais escasso, nomeadamente na área exterior da Serra d'Ossa, nos relevos xistosos a Oeste de Veiros, nos solos mais pobres a Oeste de Santa Vitória do Ameixial, e na zona oeste e sul de Evoramonte. Chamo a atenção, contudo, que estas áreas não foram prospetadas sistematicamente,

pelo que uma batida de terreno futura poderia alterar significativamente esta imagem e, eventualmente, revelar novos dados.

Ao analisarmos o povoamento em época romano, parece-nos possível concluir que esta região deverá ter sido alvo de uma ocupação sistemática durante o período romano. Verificamos que os principais sítios se distribuem-se essencialmente ao longo de algumas linhas de água, próximos de solos onde a prática agrícola é mais favorável. Os melhores exemplos são as *villae* de S. Domingos de Ana Loura - Monte do Reguengo, S. Bento de Ana Loura, Santa Vitória do Ameixial e Herdade da Coelha. Para além destes fatores, a passagem da via XII, representa também um atrativo para a implementação de sítios desta época, nomeadamente, locais de apoio à via ou unidades de povoamento de grande relevância estratégica, como é o caso de Fonte do Imperador, S. Marcos, Senhora dos Mártires e Alpalhão.

Relativamente ao povoamento tardo-medieval não existem a identificação de sítios novos, existem sim é espaços onde a ocupação se sobrepõe à romana, sugerindo uma continuidade de ocupação. As inscrições paleocristãs de Silveirona mostram claramente a intersecção destes dois mundos que se vão progressivamente combinando.

Quanto à Idade Média, identificaram-se, relativamente, poucos sítios arqueológicos, apenas 28. Esta pouca frequência de registos não significa ausência de povoamento medieval, explicando-se antes pelo facto de a estrutura atual de povoamento corresponder à matriz gerada no decurso dos séculos medievais. Portanto, o modelo de povoamento medieval permanece ativo, conhecendo atualmente um processo acelerado de transformação, ainda indefinido.

Castelos, igrejas e conventos, são as mais comuns expressões arquitetónicas da Idade Média. Das igrejas referenciadas pelo menos desde o século XIII, nenhuma manteve a sua arquitetura original. Distingue-se entre todas a igreja de Santa Maria, a primeira igreja de que há registo no concelho.

Ao contrário do que foi habitual nos levantamentos arqueológicos tradicionais, entendeu-se considerar também como vestígios arqueológicos as ruínas de construções que, não sendo suscetíveis de ser recuperadas para a sua função original, se configuram como testemunhos materiais importantes para a compreensão das paisagens modernas. Assim, registaram-se um total de 148 arqueossítios enquadráveis nesta época. O património inventariado revela um forte incremento de povoamento particularmente

notório no século XVIII. Igrejas, quintas e engenhos rurais são os exemplos mais significativos na arquitetura de época moderna.

Para além do óbvio interesse científico que cada um dos sítios encerra, os mesmos representam também um papel importante na história e na identidade das comunidades locais. Neste sentido, é fundamental conseguir-se promover um maior envolvimento da população com o seu património e o seu passado. Só desta forma é possível almejar um papel mais ativo das populações na proteção, conservação e valorização dos bens patrimoniais em geral e com os arqueológicos, em particular. Para se poder chegar a este objetivo é indispensável o desenvolvimento de programas de divulgação para o público não especializado, que permita o seu envolvimento e comprometimento nesta tarefa que é de todos, que é a de salvaguardar o nosso património. Estes programas terão de passar invariavelmente pela implementação de atividades de carácter pedagógico destinadas, sobretudo, às gerações mais novas (comunidade escolar). A este nível é possível desenvolver, por exemplo, a criação de um espaço de ocupação de tempos livres, dedicado à arqueologia, onde se promova não só a visita a museus, monumentos e sítios arqueológicos do concelho, como também permita realizar atividades manuais relacionadas com simulações de escavações arqueológicas e de trabalho de laboratório. Desta forma envolve-se os mais novos nesta atividade e desperta-se-lhes, através da sensação da descoberta e do rigor da aplicação de métodos científicos, o interesse por este património que é tão vulnerável.

Igualmente, é importante criar ações de divulgação e valorização do património arqueológico quer através, do Boletim Municipal, criando-se neste âmbito um espaço dedicado especificamente à arqueologia do concelho. Ali poderiam ser divulgados os resultados das atividades arqueológicas realizadas no concelho, numa linguagem que não fosse técnica e chegasse a toda a população. Por outro lado, é ainda possível criar outras publicações que apelassem à visita dos locais e expusessem aos habitantes e aos visitantes do concelho a riqueza do seu património. Tal é possível fazer com pequenos prospectos de sítios arqueológicos de destaque e com capacidade de receber visitas de não especialistas ou através da conceção de um roteiro arqueológico que envolva vários percursos de visita que poderão ser temáticos. A título de exemplo poderiam ser criados os Roteiro dos Monumentos Megalíticos da Serra d'Ossa (visita ao conjunto de Antas da Aldeia do Canal), o Roteiro das Igrejas e Ermidas (visita às igrejas e ermidas do concelho), o Roteiro do Património (visitas temáticas, com temas diferentes em cada

sessão, desde a arquitetura dos inúmeros edifícios de época moderna espalhados pela cidade de Estremoz, às fortificações da cidade, entre outros...), etc. A acompanhar estas iniciativas dever-se-ia promover um programa sistemático de sinalética que permitisse a identificação dos sítios arqueológicos passíveis de serem visitados. Para os sítios de maior importância científica e patrimonial pode ser explorada a possibilidade da criação de centros interpretativos, tal poderia ser por exemplo aplicado à *villa* romana de Santa Vitória do Ameixial. Todo este programa de divulgação promoveria não só a interação com a população concelha, ajudando ao seu envolvimento na salvaguarda deste património, como alavancaria à atividade turística no concelho.

Para tal, é ainda necessário levar a cabo ações de restauro nos monumentos que se encontrem em ruína e que sejam relevantes para o concelho, bem como promover exposições temporárias, em diferentes espaços, como por exemplo, no Museu Municipal de Estremoz, no Claustro da Igreja dos Congregados, no Claustro do Convento das Maltesas e nas Juntas de freguesia.

A criação de um mês dedicado ao Património no calendário concelhio poderia ser uma outra atividade a desenvolver neste âmbito, o qual haveria a possibilidade de entrada gratuita a todos os museus do concelho e a organização de um programa de atividades específicas sobre esta temática, destinadas à população e à comunidade escolar.

Em termos científicos, alguns dos sítios arqueológicos de Estremoz poderiam também ser mais valorizados. Tal passaria pelo desenvolvimento de projetos de investigação com equipas pluridisciplinares. Seria igualmente importante a continuação de um programa de prospeções, com o intuito de identificar o mais possível todas as ocorrências patrimoniais, de forma poder-se não só conhecer mais sobre o passado estremocense como possibilitar, um maior sucesso, a salvaguarda deste património.

Tendo em conta o potencial arqueológico do município de Estremoz, é fundamental uma melhor gestão do mesmo. Essa pode ser feita através do desenvolvimento de todos os projetos anteriormente referidos (conservação, restauro e investigação), mas também através da integração da carta de património nos instrumentos de ordenamento territorial do concelho. Só desta forma se potencializa o património também como recurso sustentável para o desenvolvimento cultural e económico da região.

A elaboração de uma Carta Arqueológica, não é de todo um produto acabado, está sempre em constante mudança. Os pontos que apresentamos nos mapas, não representam a totalidade do seu património arqueológico, representam sim o que em determinada altura foi identificado e se tornou conhecido. O facto de existirem áreas em que não se registou qualquer identificação de bens patrimoniais, não significa que não existam, apenas correspondem a espaços onde a acessibilidade era mais difícil e onde não foi possível fazer qualquer trabalho de prospeção.

Conscientes disso, este é apenas um primeiro passo, em prol do conhecimento e da preservação dos valores patrimoniais arqueológicos do concelho de Estremoz, sendo de nossa intenção, continuar a inventariar e proteger o património e simultaneamente criar condições para a sua divulgação e promoção turística.

*"O património arqueológico constitui um testemunho essencial sobre as actividades humanas do passado. A sua protecção e gestão cuidadas são, por conseguinte, indispensáveis para permitir aos arqueólogos e a outros especialistas o seu estudo e interpretação em nome e para benefício das gerações presentes e futuras".*

Carta de Lausanne, 1990



## **Bibliografia**



## **Fontes Manuscritas:**

### **I -Arquivo Nacional da Torre do Tombo**

1. CHR Chancelaria Régia 1211/1826

1.1 Chancelaria de D. João II, liv. 2, fl.152v.

2. RGM Registo Geral de Mercês 1639/1949

2.1 Registo Geral de Mercês de D. Maria I, liv. 4, f. 36v.

### **II - Arquivo Municipal de Estremoz**

1. PT-AMETZ-B/A-35. *Livro de Atas das Sessões da Câmara de Estremoz*.1754-1756

2. PT-AMETZ-JOE/A-39.

3. PT-AMETZ-JOE/A-63.

4. PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780]

## **Bibliografia geral:**

ALARCÃO, J. (1990) - *A produção e a circulação dos produtos*. In ALARCÃO, J. de, (ed.) - Portugal das origens à romanização. Lisboa: Presença (Nova História de Portugal; D).

ALARCÃO, J. (1998a) - Três níveis de aglomerados populacionais romanos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 16.

ALARCÃO, J. (1998b) - A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. Coimbra. XXXVII.

ALARCÃO, J. (2002) - *O domínio romano em Portugal*. 4ª edição. Mem Martins: Europa-América.

ALMEIDA, M. J. (2000) - *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Dissertação de mestrado em Arqueologia Romana apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.

ÁLVAREZ-OSSÓRIO, F. (1941) – Notícia acerca de uma joya posthallstática portuguesa que se conserva en el Museo Arqueológico Nacional (Madrid). *Corona de Estudios de la Sociedad de Antropología*. I. Madrid.

ARNAUD, J. M. (1968) - *O "Castelo Velho" de Veiros (Estremoz)*. Notícia da sua identificação. Separata da Revista Guimarães. Vol. 78.

ARNAUD, J. M. (1970) - *O "Castelo Velho" de Veiros (Estremoz)*. Campanha preliminar de escavações de 1969. Separata das Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969). Vol. II. Lisboa.

AZEVEDO, C. (dir.) (2000) - Eremitismo. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. C-I. Vol. 2 Lisboa: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.

BARKER, G. (1991) - Approches to archaeological survey. In *Roman landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*. Eds. 1-9. London.

BEIRANTE, M. (2011) - *Territórios do Sagrado. Crenças e comportamentos na Idade Média em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri.

BETTENCOURT, L. (2008) - *Moinhos de Vento dos Açores: novo papel na sociedade contemporânea*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

BICHO, N. (2006) - *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70.

CALADO, M. (2001) - *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Lisboa. IPA. Trabalhos de Arqueologia: 19.

CALADO, M.; ROCHA, L. (1997) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Reguengos de Monsaraz. 1.

CARDOSO, L. (1747-52) - *Diccionario Geografico, ou noticia histórica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeãs, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas*. Tomo I. Lisboa: Regia Officina Sylviana, e da Academia Real.

- CARNEIRO, A. (2002) - O fim do Império e a cristianização no território da civitas ammaiensis: mudança e continuidade no concelho de Fronteira. In *Separata de Ibn Maruan*. N.º 12. Marvão.
- CARNEIRO, A. (2004) - *Povoamento Romano no actual Concelho de Fronteira*. Lisboa/Cascais: Edições Colibri/Câmara Municipal de Fronteira.
- CARNEIRO, A. (2005) - *Carta Arqueológica do concelho de Fronteira*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Fronteira.
- CARNEIRO, A. (2009) - *Itinerários romanos do Alentejo. Uma releitura de "As Grandes Vias da Lusitânia - O Itinerário de António Pio" de Mário Saa, cinquenta anos depois*. Lisboa: Edições Colibri.
- CARNEIRO, A. (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora. Évora.
- CARNEIRO, A. (2013) - Poder e Território: O Alto Alentejo entre o Império e a Antiguidade Tardia. In *Saberes e poderes no Mundo Antigo. Estudos ibero-latino-americanos*. Vol. II - Dos poderes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- CARVALHO, A. R. e FERNANDES, I. (1997) - A Porta Muçulmana do Castelo de Veiros. In *Arqueologia Medieval*. N.º 5. Porto/Mértola.
- CARVALHO, A. (1993) - As *villae*. In MEDINA, J. (ed.) - *História de Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Ediclube.
- CARVALHO, H. (2008) - *O Povoamento romano na fachada ocidental do "Conventus Bracarensis"*. Vol. I. Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho. Minho.
- CARVALHO, P. (2006) - *Cova da Beira: ocupação e exploração do território na época romana*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Coimbra. Coimbra.
- CASTELO-BRANCO, F. (1970) - Subsídios para o estudo da actividade científica do Prof. Manuel Heleno. *Revista Ethnos*. Lisboa. Vol.7.
- CHAPELOT, J.; FOSSIER, R. (1980) - *Le village et la maison au Moyen Age*. Paris: Hachette littérature.

- CHAVARRÍA, A. (2004) - Interpreting the Transformation of Late Roman Villas: The Case of Hispania. In *Landscapes of Change: Rural Evolutions in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. England: Ashgate Scholar.
- CHAVES, L. (1932) - Acerca da "vila" luso-romana de Santa Vitória do Ameixial. *Revista de Arqueologia*. Lisboa. 1.
- CHAVES, L. (1916) - Asa de sítula. *O Arqueólogo Português*. Série 1. Vol. 21, n.º 1-12. Lisboa: Museu Ethnographico Português.
- CHAVES, L. (1922) - *Latifúndios de Romanos no Alentejo. Uma "villa" romana*. In Separata do Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa. 4. Lisboa.
- CHAVES, L. (1936) - Mosaicos Lusitano-Romanos em Portugal. "Antiquitates". *Revista de Arqueologia*. Lisboa. Vol. III.
- CHAVES, L. (1938) - Estudos Lusitano-Romanos – A Villa de Santa Vitória do Ameixial (Concelho de Estremoz), Escavações de 1915-1916. *O Arqueólogo Português*. Vol. XXX. Lisboa: Museu Ethnographico Português.
- COELHO, A. B. (2008) - *Portugal na Espanha Árabe*. 3ª Edição. Lisboa: Editorial Caminho.
- COLEN, J. A. (2004) - Moinho de vento do Gaio: proposta de recuperação da torre. In *Revista Monumentos*. N.º 20. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.
- CORTEZ, F. R. (1954) - O bracelete de Estremoz. In *Revista NVMMUS*. Porto.
- COSTA, M. A. (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Separata de Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Vol. 25. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
- CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo "regional"*. Estremoz: Marques Crespo.
- CUNHA, A. X.; NETO, M. A. (1952) - *Características da população da época visigótica de Silveirona (Estremoz). Estrutura e robustez dos ossos longos*. Separata de Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa. 6. Coimbra.

CUNHA, M. (2004) - *Silveirona: Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia: sete décadas depois*. Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

CUNHA, M. (2007) - As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz) - Reflexões sobre a Antiguidade Tardia. In *Vipasca*. 2ª Série. Nº 2. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel.

DAMÁSIO, Fr. M. (1793) - *Thebaida Portuguesa*. Tomo I. Lisboa.

DIAS, J.; OLIVEIRA, E.; GALHANO, F. (1959) - *Sistemas Primitivos de Moagem em Portugal (Moinhos, Azenhas e Atafonas)*. Vol. I. Porto: Instituto da Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

ESPANCA, T. (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

FABIÃO, C. (1998) - *O Mundo indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. Vol. I e II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

FABIÃO, C.; DIAS, M. S.; CUNHA, M. (2008) - *Sit tibi terra levis: rituais funerários romanos e paleocristãos em Portugal: catálogo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

FERREIRA, O., da Veiga. (1950) - Notas Arqueológicas de Estremoz e Vila Viçosa. In *A Cidade de Évora*. N.º 21/22. Évora.

FILIPE, V. (2012) - *Contributo para o conhecimento da presença islâmica em Yãbura - estudo do espólio exumado nas intervenções arqueológicas do Museu Municipal de Évora*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

FONSECA, T. (2003) - *António Henriques da Silveira e as memórias analíticas da vila de Estremoz*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz

FONTES, J. L. (2005) - Cavaleiros de Cristo, monges, frades e eremitas: um percurso pelas formas de vida religiosa em Évora durante a Idade Média (séculos XII a XV). In *Lusitânia Sacra*. 2ª Série. Tomo XVII.

FONTES, J. L. (2012) - *Da «Pobre Vida» à Congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)*. Dissertação de

doutoramento em História, especialidade de História Medieval, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

FONTES, L. e RORIZ, A. (2007) - *Património Arqueológico e Arquitectónico de Vieira do Minho*. Vieira do Minho: Município de Vieira do Minho.

FRANCO, J. E. (dir.) (2010) - *Dicionário Histórico das Ordens. Institutos religiosos e outras formas de vida consagrada católica em Portugal*. Lisboa: Gradiva.

GALHANO, F. (1978) - *Moinhos e Azenhas de Portugal*. Lisboa: Associação Portuguesa dos Amigos dos Moinhos e Secretaria de Estado da Cultura.

GIRÃO, A. (1960) - *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora.

GONÇALVES, F. (1974) - *Carta Geológica de Portugal, na escala de 1:50 000. Notícia Explicativa da Folha 36-B (Estremoz)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal

GONÇALVES, L. J.; SARANTOPOULOS, P. (2010) - Esculturas do fórum de Ebora: programa iconográfico. In *Studia Lusitana 4. Ciudad y Foro en Lusitania Romana (Cidade e Foro na Lusitânia Romana)* Mérida: Junta de Extremadura.

GONÇALVES, V. S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz: territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.

GORGES, J. G. (1979) - *Les Villas hispano-romaines: inventaire et problématique archéologiques*. Paris: De Boccard.

GUERRA, A. (2010) - A propósito dos conceitos "lusitano" e "lusitânia". In *Palaeohispanica*. 10. Zaragoza: Institución Fernando el Católico.

GUERREIRO, H. e BORGES, A. (2008) - *Arte sacra no concelho de Estremoz: Santa Maria, Santo André e Evoramonte: inventário artístico da Arquidiocese de Évora*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

GUERREIRO, H. et. al. (2006) - *Um castelo de histórias: sete séculos da história de Évora-Monte*. Estremoz: Câmara Municipal

HELENO, M. (1935) - Jóias Pré-Romanas. *Ethnos*. Lisboa. Vol. I.

HENRIQUE, de Santo António (Frei) (1745) - *Chrónica dos Eremitas da Serra de Ossa*. Tomo I. Lisboa: Oficina de Francisco da Silva.

LEISNER, G. (1949) - *Antas dos Arredores de Évora*. Évora: Edições Nazareth.

LEISNER, G. e V. (1959) - *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. II. Berlin: Walter de Gruyter.

LEISNER, G.; LEISNER, V. (1955) - *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança-Instituto para a Alta Cultura.

LE MOS, F. (1993) - *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho

LIBERATO, M. (2006) - *Imagens de Evoramonte Tardo-Medieval. Materiais e Quotidianos. Cadernos de Estremoz*. Nº 1. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz.

LOPES, L. (2007) - *O triângulo do Mármore – Estudo Geológico*. In *Revista Monumentos*. N.º 27. Lisboa: IPPAR/IRHU.

LÓPEZ QUIROGA, J. (2004) - *El final de la Antigüedad en la Gallaecia. La transformación de las estructuras de poblamiento entre Douro y Miño (siglos V al X)*. Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.

MACEDO, M. e GOMES, S. (2000) - *Apresentação dos trabalhos arqueológicos de 1997 na villa de Santa Vitória do Ameixial*. In *Era Arqueologia*. N.º 1. Lisboa.

MACHADO, J. P. (1991) - *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Lisboa: Editorial Notícias.

MACHADO, S. (1964) - *Subsídios para a História do Museu Etnológico do Doutor Leite Vasconcelos. O Arqueólogo Português*. Nova Série. Vol. 5. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

MACIEL, J. (1996) - *Antiguidade tardia e paleo-cristianismo em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri.

MACIEL, J. (1998) - *Arte romana e pedreiras de mármore na Lusitânia: novos caminhos de investigação*. In *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. N.º 11. Lisboa: Edições Colibri.

MATALOTO, R. (2002) - *Fortins e recintos-torre do Alto Alentejo: antecâmara da "romanização" dos campos*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 5., N.º 1.

- MATALOTO, R. (2004) - *Um “monte “ da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no Iº milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa. IPA. *Trabalhos de Arqueologia*: 37.
- MATALOTO, R. e ALVES, C. (2009) - *Relatório da Campanha 2/2009 - Evoramonte*. Redondo/Estremoz.
- MATALOTO, R. e ROQUE, C. (2010) - Um regresso, uma passagem, ao Castelo Velho de Veiros. In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar.
- MATTOSO, J. (1992a) - A formação da nacionalidade no espaço ibérico (1096-1325). In *História de Portugal*. Vol. II - *A Monarquia Feudal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MATTOSO, J. (1992b) – A Cidade Medieval na perspectiva da História das Mentalidade. In *Cidades e História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MATTOSO, J. (1993) - 1096-1325. In *História de Portugal*. Vol. 2. *A Monarquia Feudal (1096-1480)*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MATTOSO, J. (2005) - Nota histórica. In *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento - Guia Histórico*, (dir.) SOUSA, Bernardo. Lisboa: Livros Horizonte.
- MENDEIROS, J. F. (1987) - *A Epopeia de Estremoz*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz.
- MILAGROS, S. H. (2000) - *As imitações de moedas de bronze do século IV d.C. na Península Ibérica: o caso do Ae2 Reparatio Reipub*. Lisboa. IPA. *Trabalhos de Arqueologia*: 13.
- MONTEIRO, P. (2007) - *A Pintura Mural na Região do Mármore (1640-1750): Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Alandroal*. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- NUNES, A. L. (1982) - Reflexões sobre as fortalezas de Estremoz. In *Livro do 1º Congresso sobre momentos militares portugueses*. Vila Viçosa: Associação Portuguesa para a Protecção e Desenvolvimento da Cultura.
- OLIVEIRA, E.; GALHANO, F.; PEREIRA, B.; COSTA, M. (1983) - *Tecnologia Tradicional Portuguesa: sistemas de moagens*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia.

OLIVEIRA, J., OLIVEIRA, V., PIÇARRA, J. (1991) – *Traços gerais da evolução tectono-estratigráfica da Zona de Ossa Morena, em Portugal: síntese crítica do estado actual dos conhecimentos*. Tomo 77. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

OLIVEIRA, J.; SARANTOPOULOS, P.; BALESTEROS, C. (1997) - *Antas-capelas e capelas junto a antas no território português: elementos para o seu estudo*. Lisboa: Edições Colibri.

OLIVEIRA, L. F. (2005) - Ordens Militares. In *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento - Guia Histórico*. Lisboa: Livros Horizonte.

PEREIRA, P. (2004) - *Évoramonte: A Fortaleza*. Monografia. Catálogo da exposição fotográfica 1989 Set./Out.. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

PERESTRELO, M. S. G. (2003) - *A Romanização na bacia do rio Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico Vale do Côa.

PÉREZ LOSADA, F. (2002) - Entre a cidade e a aldeia. Estudio arqueohistórico dos "aglomerados secundarios" romanos en Galicia. In *Brigantion*, vol. 13. Coruña: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón.

PINHO LEAL, A. (1882) - *Portugal Antigo e Moderno*. Vol. X. Braga: Edições e Livreiros

PROENÇA, R. (2011) - *Guia de Portugal: Estremadura, Alentejo, Algarve*. Vol. II, 3ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

QUINTELA, A. C.; CARDOSO, J. L.; MASCARENHAS, J. (1987) - *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo. Contribuição para a sua inventariação e caracterização*. Lisboa: Ministério do Plano e da Administração do Território.

RENFREW, C., BAHN, P. (1991) - *Archaeology. Theories, Methods and Practice*. Londres: Thames and Hudson.

RIBEIRO, A., ANTUNES, M., FERREIRA, M., ROCHA, R., SOARES, A., ZBYSZEWSKY, G., MOITINHO DE ALMEIDA, F., CARVALHO, D., MONTEIRO, J. (1979) – *Introduction à la géologie générale du Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

RIBEIRO, O. (1991) - Aglomeração e dispersão do povoamento rural. In *Ópusculos Geográficos*. Vol. IV. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ROCHA, L. (2005) - *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Dissertação de doutoramento apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

ROCHE, J.; RIBEIRO, L.; VAULTIER, M. (1969) - *L'industrie du gisement d'Évoramonte (Alentejo)*. Separata de O Arqueólogo Português. Série 3., n.º 2. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

ROXO, M. (1994) - *A acção antrópica na degradação dos solos. A Serra de Serpa e de Mértola*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

SANTOS, H.; LIBERATO, M. (2009) - O Registo Arqueológico de uma produção cerâmica de âmbito local: os Bonecos de Estremoz, Portugal. In *Actas do IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva.

SHAFER, H. (1997) - *Research design and sampling techniques*. In *Field methods in Archaeology*. 8.ª Edição. Mountain Views: Mayfield Publishing Company

SIDARUS, A. (1988-1993) – Um texto árabe do século X relativo à nova fundação de Évora e aos movimentos Muladi e Berbere no Ocidente Andaluz. In *A Cidade de Évora*. 71, 76. Évora.

SILVA, L. (2004) - Moinhos e moleiros no Alentejo oriental: uma perspectiva etnográfica. In *Revista Etnográfica*. Vol.8.

SILVA, V. J. (2008) - *Sistemas hidráulicos de moagem: azenhas no tempo de D. Dinis*. Porto: Edições Ecopy.

TEIXEIRA, M.; VALLA, M. (1999) - *O urbanismo português: séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil*. Lisboa: Livros Horizonte.

TENTE, C. (2007) – *A ocupação alto-medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela*. Lisboa. IPA. Trabalhos de Arqueologia: 47.

TENTE, C.; LOURENÇO, S. (2002) - Sepulturas medievais do distrito de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 5. N.º 1.

TORRES, C. (1992) - O Garb al-Andaluz. In *História de Portugal* (dir.) José Mattoso, Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores.

VALA, M. (2007) - *Os engenheiros militares no planeamento das cidades: entre a restauração e D. João V, 1640-1750*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

VASCONCELOS, J. L. (1912) - Pelo Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Série 1. Vol. 21. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

VASCONCELOS, J. L. (1916) - Entre Tejo e Odiana. *O Arqueólogo Português*. Série 1. Vol. 21. N.º 1-12. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

VASCONCELOS, J. L. (1918) - Antigualhas de Evoramonte. *O Arqueólogo Português*. Série 1. Vol. 23. N.º 1-12. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

VASCONCELOS, J. L. (1925/26) - Hierologia lusitânica. *O Arqueólogo Português*. Série 1. Vol. 27. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

VASCONCELOS, J. L. (1927/28) - Hierologia lusitânica. *O Arqueólogo Português*. Série 1. Vol. 28. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

VASCONCELOS, J. L. (1929) - Antiguidades do Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Série 1. Vol. 28. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

VERMELHO, J. (1983) - A memória de Estremoz. 9. Ainda alguns considerandos sobre a fundação do Burgo. In *Brados do Alentejo*. Estremoz. 25-03-1983.

VERMELHO, J. (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz.

VIEIRA, M. A. (2005) – Subsídios toponímicos para o conhecimento da influência muçulmana a sul do Douro. In *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*. Palmela/Porto: Câmara Municipal de Palmela/ FLUP.

VIEIRA, M. A. (2005-2006) - *Formas de povoamento rural na região do Alto Paiva (séculos V-X)*. CuPAUAM 31-32. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.



# ANEXOS



# **ANEXO I**

## **Modelos de fichas de registro**



LEGENDA TIPOLOGICA			
<b>N- Número da sepultura</b>	<b>TGB – Tipologia B</b>	<b>p2- Plano da área dos pés</b>	<b>CC- Corte longitudinal</b>
<b>S- Situação da sepultura</b>	0-rectangular	0-leito e pés no mesmo plano	0-rectangular
0- isolada	1-sub-rectangular	1-leito e pés em planos diferentes	1-sub-rectangular
1-em grupos de dois ou três	2-trapezoidal	2-"almofada" rebaixada	2-plano inclinado
2-necrópole	3-sub-trapezoidal		3-assimétrico
<b>CS- Conservação</b>	4-assimétrica	<b>L- Largura máxima</b>	<b>M- Rocha de base</b>
0-inteira com tampa	5-simétricas		0-granito
1-inteira sem tampa	6-ombro esquerdo	<b>Lm- Largura a meio</b>	1-xisto
2-fracturada	7-ombro direito	<b>C- Comprimento</b>	
3-inacabada	8-curva de braços	<b>Pf- Profundidade média</b>	<b>A-Área</b>
<b>O- Orientação</b>	c1- Cabeceira	<b>c1'- Comprimento da cabeceira</b>	0-afloramento
0-Norte	0-arco ultrapassado	<b>c1"-Largura da cabeceira</b>	1-aproveitamento de diaclase
1-Sul	1-rectangular	<b>R1- Rebordo 1</b>	2-penedo isolado
2-Este	2-trapezoidal ou angulosa	0-total	3-"caixão"
3-Oeste	3-arco peraltado	1-parcial	<b>IG- Implantação</b>
4-Noroeste	4-volta perfeita	<b>R2- Rebordo-tipo</b>	0-vale
5-Nordeste	5-assimétrica	0-horizontais	1-encosta
6-Sudoeste	6-sub-rectangular	1-elevados	2-monte
7-Sudeste	7-cantos	2-rebaixados	3-esporão
<b>TG- Tipologia geral</b>	7.1- paralelepípedicos	<b>CL- Corte lateral</b>	4-planalto
A-não antropomórfica	7.2- arqueados	0-trapezoidal fechado	5-local ermo
B-antropomórfica	7.3- meia lua	1-trapezoidal aberto	6-terrenos agrícolas
<b>TGA – Tipologia A</b>	<b>c2- Plano da cabeceira</b>	2-rectangular	7-junto a caminhos
0-rectangular	0-cabeceira e leito no mesmo plano	3-sub-rectangular	7.1- romanos
1-trapezoidal	1-cabeceira e leito em planos diferentes	4-losânguico	7.2- medievais
2-ovalada	2-"almofada"	5-assimétrico	7.3- indeterminados
3-sub-rectangular	<b>p1- Pés</b>		<b>IC- Implantação cultural</b>
	0-não destacados		0-templo rupestre
	1-destacados		1-igreja
			2-capela
			3-outro

**Modelo 1** - Legenda tipológica para sepulturas escavadas na rocha (segundo Tente e Lourenço, 2002, p. 240)

LEGENDA TIPOLOGICA	
<b>N- Número do Ermitério</b>	<b>M- Rocha de base</b>
	0- granito
<b>S- Situação do Ermitério</b>	1- xisto
0- isolado	<b>A- Área</b>
1- em grupo de dois/três ou mais	0- afloramento
<b>CS- Conservação</b>	1- penedo isolado
0- Entrada conservada	<b>IG- Implantação geográfica</b>
1- Atulhado	0- vale
<b>O- Orientação</b>	1- encosta
0- Norte	2- monte
1- Sul	3- esporão
2- Este	4- planalto
3- Oeste	5- local ermo
4-Noroeste	6- terrenos agrícolas
5- Nordeste	7- junto a caminhos
6- Sudoeste	<b>G- Grafitos</b>
7- Sudeste	0- gravuras
<b>AI- Altura máxima interior</b>	1- inscrições
<b>AIE- Altura da entrada</b>	2- outros elementos
<b>L- Largura máxima interior</b>	<b>OB- Observações</b>
<b>LE- Largura da entrada</b>	
<b>Pf- Profundidade</b>	

**Modelo 2** - Legenda tipológica para os eremitérios (adaptado de Tente e Lourenço, 2002, p. 240)

# FICHA DE SÍTIO

---

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

Descrição do Sítio

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

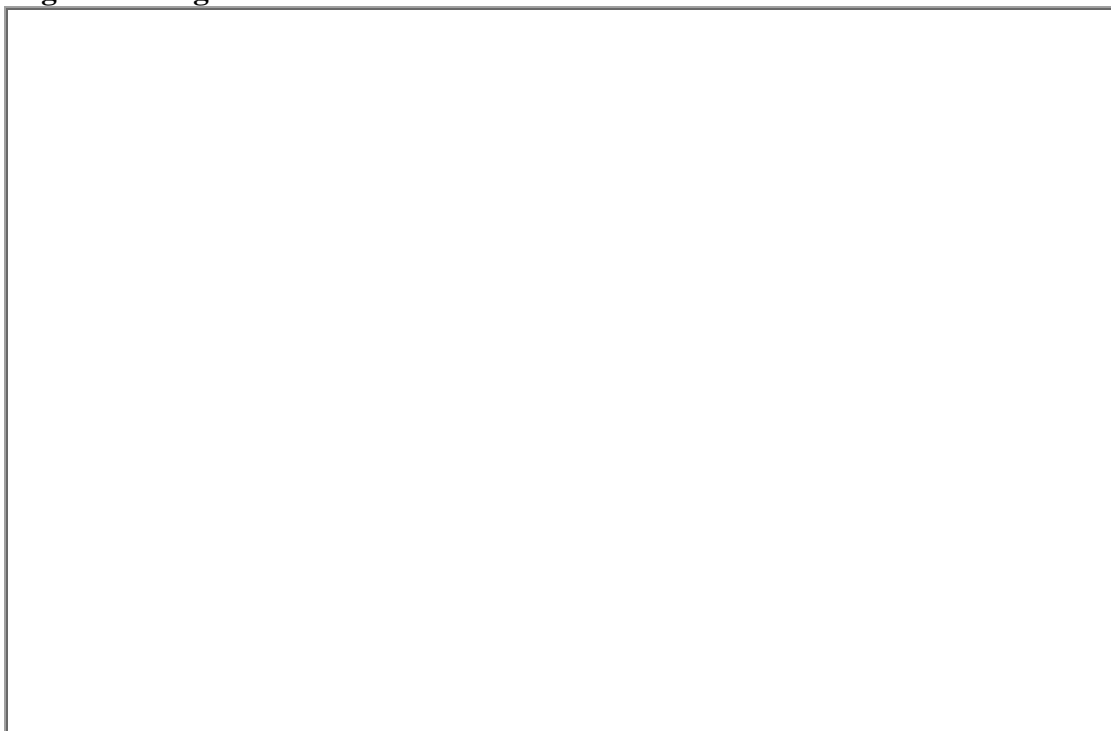
# FICHA DE SÍTIO

---

## Registo Fotográfico/Gráfico



## Registo Cartográfico



**Modelo 3 - Ficha de Sítio**

Ferramentas de Tabela BASE NOVA: Base de Dados (Access 2007) Microsoft Access utilização não comercial

Base Criar Dados Externos Ferramentas da Base de Dados Folha de Dados

Calibri 11

Novo Totais Seleção Avançadas Substituir  
 Guardar Ortografia Localizar Ir Para Localizar  
 Eliminar Mais Registos

Aviso de Segurança Determinados conteúdos na base de dados foram desactivados Opções...

Ficha de Sítio

Fict	Designação	Distrito	Concelho	Freguesia/L	Topónimo	CNS/ Nº IPA	CMP 1:25000	Altitude (m)	Coordenada	Coordenada	Tipo de Sítio	Período Cro
1	Herdade da Guardaria	Évora	Estremoz	Veiros		5686	398	281	38° 58.225'	007° 29.402'	Inscrição	Romano
2	Veiros	Évora	Estremoz	Veiros		5687	398	288	38° 57.344'	007° 30.518'	Inscrição	Romano
3	Portela I	Évora	Estremoz	Veiros	Portela	33821	398	250	38° 56.921'	007° 30.519'	Habitat	Romano
4	Quinta da Senhora dos Remédios	Évora	Estremoz	Veiros		16997	398	299	38° 57.179'	007° 29.765'	Vestígios Diver	Romano (?)
5	Caminho da Valeja	Évora	Estremoz	Veiros	Valeja	33828	412	275	38° 56.054'	007° 30.688'	Via	Romano/Med
6	Caminho Alvarrã	Évora	Estremoz	Veiros			398	282	38° 57.630'	007° 29.846'	Via	Indetermina
7	Castelo de Veiros	Évora	Estremoz	Veiros		3952	398	309	38° 57.162'	007° 30.520'	Castelo/Mural	Medieval/M
8	Igreja Matriz de São Salvador	Évora	Estremoz	Veiros		8897	398	309	38° 57.210'	007° 30.473'	Igreja	Medieval Crit
9	Ponte de Veiros	Évora	Estremoz	Veiros			398	250	38° 57.072'	007° 30.823'	Ponte	Medieval Crit
10	Fonte do Bom Nome	Évora	Estremoz	Veiros			398	271	38° 57.042'	007° 30.559'	Fonte	Medieval Crit
11	Ermida de Santa Catarina	Évora	Estremoz	Veiros		21902	398	285	38° 56.913'	007° 30.333'	Ermida	Moderno
12	Pelourinho de Veiros	Évora	Estremoz	Veiros		3832	398	319	38° 57.210'	007° 30.332'	Pelourinho	Moderno
13	Igreja da Misericórdia	Évora	Estremoz	Veiros		19688	398	309	38° 57.212'	007° 30.475'	Igreja	Moderno
14	Ermida de Santo Antão O Novo	Évora	Estremoz	Veiros	Santo Antão		398	276	38° 57.134'	007° 32.282'	Ermida	Moderno
15	Igreja do Espírito Santo	Évora	Estremoz	Veiros			398	309	38° 57.228'	007° 30.417'	Igreja	Moderno
16	Ermida de Nossa Senhora do Milieu	Évora	Estremoz	Veiros		19687	398	288	38° 57.344'	007° 30.518'	Ermida	Moderno
17	Igreja de Nossa Senhora dos Remédi	Évora	Estremoz	Veiros			398	302	38° 57.147'	007° 30.093'	Igreja	Moderno
18	Palácio dos Coutinhos	Évora	Estremoz	Veiros			398	319	38° 57.210'	007° 30.332'	Palácio	Moderno
19	Capela de Nossa Senhora da Conceiç	Évora	Estremoz	Veiros		31645	398	313	38° 57.214'	007° 30.466'	Capela	Moderno
20	Quinta de Santa Margarida	Évora	Estremoz	Veiros		10680	398	298	38° 57.305'	007° 29.935'	Quinta	Moderno
21	Chafariz de Nossa Senhora do Milieu	Évora	Estremoz	Veiros			398	277	38° 57.369'	007° 30.579'	Fonte	Moderno
22	Monte do Santíssimo Sacramento	Évora	Estremoz	Veiros			398	275	38° 58.247'	007° 28.866'	Inscrição	Moderno
23	Paços do Concelho de Veiros	Évora	Estremoz	Veiros			398	298	38° 57.212'	007° 30.391'	Edifício	Moderno

Registo: 1 de 218 Sem Filtro Procurar

Vista de folha de dados Num Lock

Fict	Designação	Distrito	Concelho	Freguesia/L	Topónimo	CNS/ Nº IPA
1	Herdade da Guardaria	Évora	Estremoz	Veiros		5686
2	Veiros	Évora	Estremoz	Veiros		5687
3	Portela I	Évora	Estremoz	Veiros	Portela	33821
4	Quinta da Senhora dos Remédios	Évora	Estremoz	Veiros		16997
5	Caminho da Valeja	Évora	Estremoz	Veiros	Valeja	33828
6	Caminho Alvarrã	Évora	Estremoz	Veiros		
7	Castelo de Veiros	Évora	Estremoz	Veiros		3952
8	Igreja Matriz de São Salvador	Évora	Estremoz	Veiros		8897
9	Ponte de Veiros	Évora	Estremoz	Veiros		
10	Fonte do Bom Nome	Évora	Estremoz	Veiros		
11	Ermida de Santa Catarina	Évora	Estremoz	Veiros		21902
12	Pelourinho de Veiros	Évora	Estremoz	Veiros		3832
13	Igreja da Misericórdia	Évora	Estremoz	Veiros		19688
14	Ermida de Santo Antão O Novo	Évora	Estremoz	Veiros	Santo Antão	
15	Igreja do Espírito Santo	Évora	Estremoz	Veiros		

**Modelo 4-** Aspeto da Grelha de Recolha de dados dos Sítios Arqueológicos - Base de dados (elaboração própria)

# **ANEXO II**

## **Catálogo de Sítios**



**VEIROS**



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

1

Designação

Herdade da Guardaria

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Veiros

Topónimo

CNS

5686

CMP 1:25 000 folha n.º

398

Altitude (m)

281m

Coordenada (N)

38° 58.225'

Coordenada (W)

007° 29.402'

Tipo de Sítio

Inscrição

Período Cronológico

Romano

## Descrição do Sítio

Local onde foi recolhida uma inscrição funerária em mármore branco de Estremoz de *Lucius Marcus Caprarius*, da tribo *Papiria* (Dias, 1983), atualmente depositada no Museu de Évora. No local do achado, dada a relevância do defunto, certamente existiu um monumento funerário, de tipo mausoléu. No terreno atualmente não se encontram restos visíveis de construções, apenas foi possível identificar uma grande mancha de dispersão de materiais, nomeadamente, fragmentos de cerâmica doméstica comum, cerâmica de construção e de armazenamento. No entanto, segundo Maria Dias, na altura em que a placa foi levantada, era possível verificar uma pequena elevação no solo, que poderia estar associada a uma estrutura sepulcral. Todavia, até ao momento, não foi descoberta qualquer construção antiga (Dias, 1983, p.325).

Segundo informações recolhidas, junto dos proprietários do terreno, as lavouras efetuadas no local onde foi descoberta esta peça e no local defronte que se encontra separado por um traçado viário, têm posto a descoberto ao longo dos anos, alguns materiais, nomeadamente "cerâmicas e telhas". O facto de existir um eixo viário entre estes dois sítios, fez com que se rompesse fortemente os traços da paisagem antiga neste sítio, apagando vestígios dessa ocupação.

Não deixa de ser curioso, o facto de esta inscrição ter sido encontrada, junto a um itinerário viário de grande importância que transita próximo do local. Segundo André Carneiro, poderá tratar-se de uma *villa*, tendo em conta a grande área de dispersão de vestígios de superfície (Carneiro, 2011, p.166).

Acessos

IP2 direcção: (Estremoz- Portalegre), Herdade da Guardaria, Veiros

Uso do Solo

Patoreio/Agrícola

Conservação/Ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ALMEIDA, Justino (1980) - Lúcio Mário Caprarius de AlémTejo (estudo de um epítáfio lusitanoromano). In *Arqueologia*. 2. Porto, p. 58-59; CUNHA, António (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; DIAS, Maria Manuela Alves (1984) - A propósito da inscrição funerária de L. Marius Caprarius encontrada em Veiros, Estremoz. In *O Arqueólogo Português*. 4ª Série: 1. Lisboa, p. 323-336; ENCARNAÇÃO, José d' (1984). *Inscrições romanas do Conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 vols., p. 941.

## Observações

Processo IPA 2002/1 (502)

## Registo Fotográfico



Figura 1- Inscrição encontrada na Herdade da Guardaria

Fonte: Dias, 1984, p. 327

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 398 com a localização do local onde foi recolhida a inscrição

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

2

Designação

Veiros

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Veiros

Topónimo

CNS

5687

CMP 1:25 000 folha n.º

398

Altitude (m)

288m

Coordenada (N)

38° 57.344'

Coordenada (W)

007° 30.518'

Tipo de Sítio

Inscrição

Período Cronológico

Romano

## Descrição do Sítio

SEX(*tus*) · AEBVTIV/S · SEX(*ti*) · F(*ilius*) · PAP(*iria tribu*) · RVF/INVS ·  
AN(*norum*) · XXXXV (*quinque et quadraginta*) / HIC · EST · S(*it*) · T(*ibi*) · T(*erra*) ·  
L(*evis*) · / F(*ilius*) · PATRI · P(*onendum*) · C(*uravit*) ·

Aqui jaz Sexto Ebúcio Rufino, filho de Sexto, da tribo Papiria, de quarenta e cinco anos. Que a terra te seja leve. O filho mandou fazer para o pai.

Inscrição funerária, indicando que o defunto "Sextus Aebutius Rufinus", estaria inscrito na tribo "Papiria", (Mérida). Em Veiros, foi também encontrada na Herdade da Guardaria outra placa funerária referente também a um membro desta tribo. Poderá tratar-se de um emeritense que se estabeleceu nestas paragens.

Acessos

Fachada da Igreja de Nossa Senhora do Mileu, Avenida do Barbadão, Veiros

Uso do Solo

Urbano

Conservação/Ameaças

Bom/ Sem ameaças

Bibliografia

Vide ENCARNAÇÃO, José d' (1984) - *Inscrições romanas do Conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização*. Vol. 1. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. p. 524-525.

Observações

A placa funerária encontra-se na fachada da Igreja de Nossa Senhora do Mileu.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico

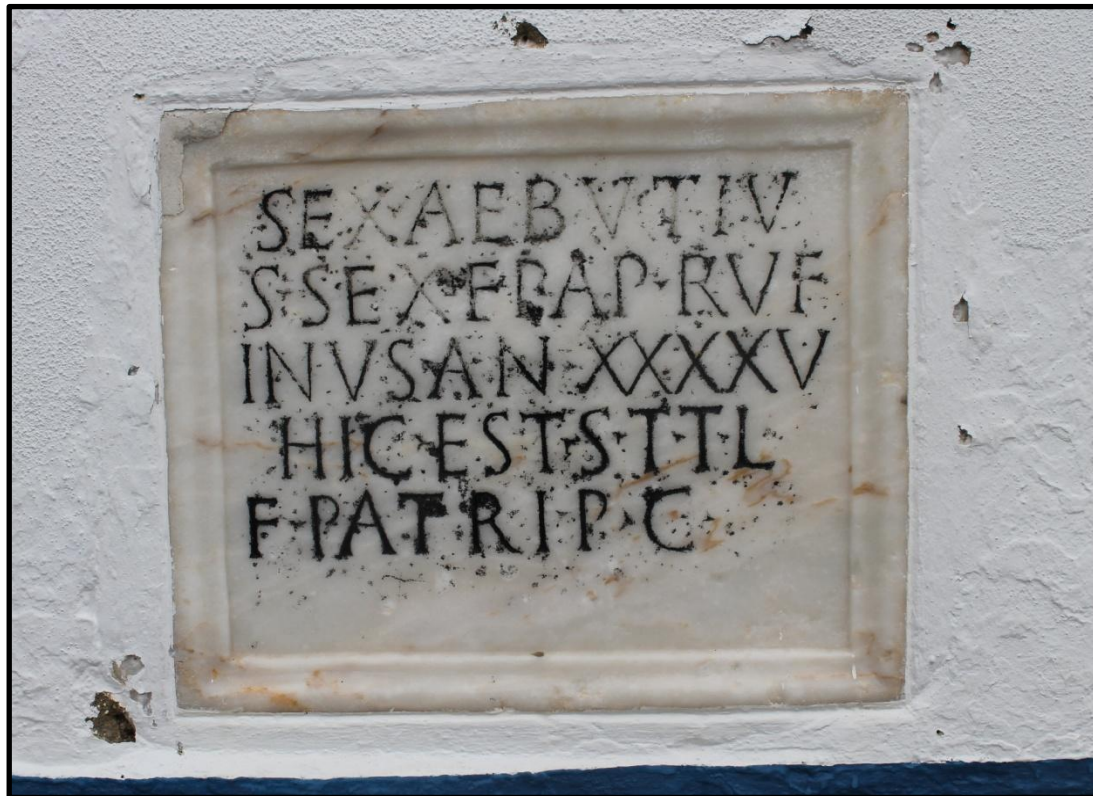


Figura 1- Lápide que se encontra na fachada da Ermida.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 398 com a localização da Ermida de Nossa Senhora do Mileu

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

3

Designação

Portela I

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Veiros

Topónimo

Portela

CNS

33821

CMP 1:25 000 folha n.º

398

Altitude (m)

250m

Coordenada (N)

38° 56.921'

Coordenada (W)

007° 30.519'

Tipo de Sítio

Habitat

Período Cronológico

Romano

## Descrição do Sítio

O sítio foi identificado numa intervenção arqueológica no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental - Barragem de Veiros, com vista a minimização dos impactes negativos que o prosseguimento da obra neste sítio provocaria sobre o património arqueológico uma vez que a construção do paredão da barragem, implicava a destruição total deste sítio.

Reproduzo a informação constante no relatório da escavação: "Após a realização da escavação arqueológica no sítio da Portela 1, não foi possível chegar a uma conclusão exata sobre a sua funcionalidade, uma vez que o estado de conservação em que se encontrava não o permitiu. A ausência total de materiais de construção cerâmicos poderia indicar estarmos na presença de uma necrópole. No entanto, a não existência de estruturas negativas e a grande quantidade de material anfórico parece pôr de parte essa hipótese. A alternativa de pequeno habitat parece ser a mais plausível, apesar de não existirem vestígios quer de materiais de construção, cerâmicos ou pétreos, quer de buracos de poste que indicassem estarmos na presença de um lugar construído em materiais perecíveis, como madeira ou colmo".

Acessos

Caminho de terra batida a partir do IP2. Difícil acesso.

Uso do Solo

Pastoreio

Conservação/Ameaças

Destruído

Bibliografia

Vide NISA, João; FALÃO, Tânia Maria e ROQUE, Conceição (2012) - *Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Execução da Barragem de Veiros. Relatório Final*. Veiros: Archeo'Estudos .

Observações

Outras referências: Processo IPA 2002/1(502)

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

4

Designação

Quinta da Senhora dos Remédios

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Veiros

Topónimo

CNS

16997

CMP 1:25 000 folha n.º

398

Altitude (m)

299m

Coordenada (N)

38° 57.179'

Coordenada (W)

007° 29.765'

Tipo de Sítio

Vestígios Diversos/ Indeterminado

Período Cronológico

Romano (?)

## Descrição do Sítio

O sítio foi identificado num estudo de impacte a nível patrimonial com a construção da barragem de Veiros.

Na visita efetuada ao terreno, podemos confirmar a presença de vestígios de superfície, nomeadamente materiais de construção (*tegulae* e imbrices) e cerâmica comum (fragmentos de *dolia*). Localiza-se próximo do leito de um pequeno ribeiro (Ribeiro da Alvarrã), usufruindo de boa visibilidade, e de bons solos agrícolas. Poderá tratar-se de um pequeno casal.

Acessos

Quinta de Nossa Senhora dos Remédios, Veiros

Uso do Solo

Agrícola

Conservação/Ameaças

Regular/ Agricultura

Bibliografia

Processo IPA 2002/1(502)

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 398 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

5

Designação

Caminho da Valeja

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Veiros

Topónimo

Valeja

CNS

33828

CMP 1:25 000 folha n.º

412

Altitude (m)

275m

Coordenada (N)

38° 56.054'

Coordenada (W)

007° 30.688'

Tipo de Sítio

Via

Período Cronológico

Romano/Medieval Cristão

## Descrição do Sítio

Este sítio foi identificado em trabalhos de prospeção realizados no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental - Barragem de Veiros.

Trata-se de um caminho parcialmente escavado no afloramento, apresentando marcas de carros e de muita utilização.

Acessos

Caminho de terra batida do Monte da Valeja para Nordeste, paralelo à margem esquerda da Ribeira da Valeja. Actualmente com acesso condicionado.

Uso do Solo

Agrícola/Pastoreio

Conservação/Ameaças

Regular / Vegetação

Bibliografia

Vide NISA, João; FALÃO, Tânia Maria e ROQUE, Conceição (2012) - *Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Execução da Barragem de Veiros. Relatório Final*. Veiros: Archeo'Estudos.

Observações

Outras referências: Processo IPA 2002/1(502)

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

6

Designação

Caminho Alvarrã

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Veiros

Topónimo

Alvarrã

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

398

Altitude (m)

282m

Coordenada (N)

38° 57.630'

Coordenada (W)

007° 29.846'

Tipo de Sítio

Via

Período Cronológico

Indeterminado / Romano (?)

## Descrição do Sítio

Caminho que apresenta vestígios de calçada, paralelo à antiga estrada - direcção Estremoz-Monforte. Na passagem da ribeira, encontramos um pontão, apresentando marcas de rodado e de muita utilização.

Poderá tratar-se de um itinerário secundário, nó de ligação a itinerários principais. O local identificado localiza-se próximo de sítios romanos.

Acessos

Estrada de terra batida que liga Veiros ao Monte da Guardaria, seguindo em direcção a Este.

Uso do Solo

Agrícola

Conservação/Ameaças

Mau / Vegetação

Bibliografia

Inédito

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Vestígios de calçada



**Figura 2 -** Pontão



**Figura 3 -** Vestígios de rodados no pontão

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 398 com a localização do sítio.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

7

Designação	Castelo de Veiros, composto pela cerca muralhada		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	Veiros	Topónimo	
N.º IPA	3952	CMP 1:25 000 folha n.º	398
		Altitude (m)	309m
Coordenada (N)	38° 57.162'	Coordenada (W)	007° 30.520'
Tipo de Sítio	Castelo / Muralha	Período Cronológico	Medieval - Moderno

## Descrição do Sítio

A vila de Veiros, antiga povoação de provável origem romana, conforme parece indicar o antigo topónimo *Valerius*, foi reconquistada em 1217, no reinado de D. Afonso II, auxiliado por cavaleiros da Ordem de Avis, comandados por D. Fernão Anes (Vermelho, 2002, p.133). Desconhece-se a data de construção do castelo de Veiros, sabendo-se apenas que a sua torre de menagem foi começada em 1308, em pleno reinado de D. Dinis, por ordem do então mestre da Ordem de Avis, D. Lourenço Afonso, e orientada pelo mestre de pedraria Pero Abrolheiro, conforme está inscrito na lápide comemorativa que estaria embutida sobre a porta de entrada da torre de menagem.

O terramoto de 1531 arruinou consideravelmente o castelo, que foi reconstruído no reinado de D. João III. Em 1662, durante a Guerra da Restauração, D. João de Áustria, mandou destruir a torre de menagem, considerada uma das mais altas de Portugal, implantada no ponto mais elevado do castelo, ficaram algumas cantarias, incluindo um bloco de mármore que esteve colocado sobre a porta de entrada da mesma, do qual constam as já citadas inscrições medievais, ladeando uma cruz de Avis.

O castelo, com planta de tendência triangular, mantém ainda a sua cerca medieval, embora uma parte esteja ocupada pela Igreja Matriz. Era rasgada por quatro portas principais, orientadas segundo os pontos cardeais, das quais restam apenas três (a Norte, com portal em arco quebrado de vão mais largo que as restantes, a Sul e Oeste), ladeadas cada uma, por duas torres cilíndricas. De referir também que a porta Norte, segundo António Rafael Carvalho e Isabel Fernandes (1997), aparenta ter sido construída em época muçulmana, durante os séculos VIII ou IX. Da desaparecida porta Este subsistiu uma torre que está, desde o século XVIII, ocupada pelo relógio, junto à Igreja Matriz. O Castelo está construído em alvenaria de xisto, com cunhais de granito e mármore. O adarve (caminho de ronda) foi reforçado durante as Guerras da Restauração, no reinado de D. Afonso VI, de forma a adaptar-se às novas práticas de guerra que incluíam a utilização de artilharia pesada.

Acessos

Largo do Castelo, Veiros

Uso do Solo

Urbano

Conservação/Ameaças

Regular / Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ALMEIDA, João de Almeida (1948) - *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, Vol.3, Lisboa: ed. do autor; CARVALHO, António, FERNANDES e Cristina (1997) - A porta muçulmana do castelo de Veiros. N.º5. In *Arqueologia Medieval*; CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo regional*; Estremoz: Marques Crespo; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes; MONTEIRO, João Gouveia, PONTES, Maria Leonor (2002) - *Castelos Portugueses*, Lisboa: IPPAR; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal.

## Observações

Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público

Decreto n.º 41 191, DG, I Série, n.º 162, de 18-07-1957

## Registo Fotográfico



Figura 1- Castelo de Veiros, vista geral



Figura 2 - Uma das portas do Castelo

# FICHA DE SÍTIO



Figura 3 - Lápide comemorativa da construção da Torre de Menagem



Figura 4- Caminho de ronda do castelo

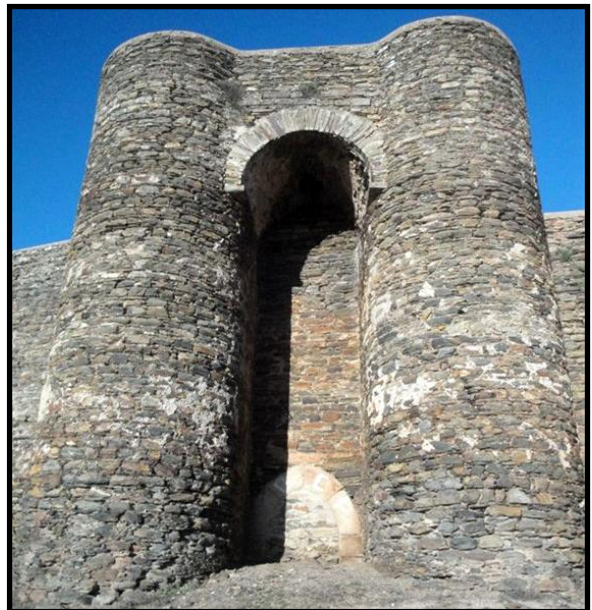


Figura 5- Portal Oeste

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 398 com a localização do Castelo de Veiros

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

8

Designação

Igreja de São Salvador/ Igreja Matriz/ Igreja de Santa Maria Madalena

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Veiros

Topónimo

N.º IPA

8897

CMP 1:25 000 folha n.º

398

Altitude (m)

309m

Coordenada (N)

38° 57.210'

Coordenada (W)

007° 30.473'

Tipo de Sítio

Igreja

Período Cronológico

Medieval Cristão - Moderno

## Descrição do Sítio

A Igreja Matriz de Veiros terá sido fundada nos primórdios medievais da vila, sendo já conhecida no ano de 1359, com a denominação de Santa Maria Madalena. Outro documento mais tardio, de 1368, indica que a sua propriedade já seria da Ordem de Avis. Em 1534 passa a denominar-se Salvador do Mundo, nome que hoje ainda mantém. Este templo primitivo manteve-se até meados do século XVI. Em 1559 é autorizada a construção de uma nova igreja, aquela que hoje existe, obras que só se finalizaram em 1595 (Espanca, 1975, p.253).

Desconhece-se o criador do projeto da Matriz de Veiros, sendo provável que a traça tenha sido executada pelo mestre João Álvares, imitando o modelo da igreja-salão de planta longitudinal, de que é exemplo a Igreja de Santo Antão de Évora. Interiormente é muito parecida também com a Igreja de Santa Maria (Estremoz). Apresenta uma planimetria retangular, composta por três naves cobertas por abóbada de nervuras assentes sobre colunas toscanas, e cabeceira constituída por capela-mor e capelas colaterais. Nas naves laterais foram edificadas quatro capelas. A capela-mor abre com um arco triunfal de mármore, sendo a abóbada de meio canhão, alterada na sua decoração com pinturas de tinta roxa e motivos rústicos, tornando-a bastante escura, exagerando porém as colunas setecentistas do altar-mor com um azul bastante forte (Mendeiros, 2001, p.160). O interior mostra uma grande variedade estilística, fruto da sua antiguidade: alguns elementos medievais e tardo-medievais (uma inscrição de 1322, o Altar de São Brás, do século XV, ou a Capela de São João Baptista, no subcoro, com o seu teto de abóbada nervurada), maneiristas (todo o seu volume exterior e toda a sua estrutura base interior), barrocos, rococó e neoclássicos (principalmente em vários altares reformados).

A fachada da igreja denuncia a estrutura interior, dividindo-se em três tramos marcados pela disposição de pilastras. A porta principal, de moldura retangular é toda decorada com motivos de ponta de diamante, no eixo do qual foi aberto um óculo, bastante grande para se admirar as belíssimas colunas jónicas de mármore. Nos tramos laterais estão inseridas duas janelas, que iluminam o coro-alto. Apenas o campanário e a empena exterior são de estilo rococó, da segunda metade do século XVIII.

Acessos

Largo da Matriz, Veiros

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo Urbano

Conservação/Ameaças Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.157-159; CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, pp.253-261; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.90; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 159-160;

## Observações

Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público

Decreto n.º 5/2002, DR, 1ª Série-B. Nº 42, de 19-02-2002

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO



Figura 2- Pórtico da entrada



Figura 3- Pormenor do óculo da Igreja



Figura 4- Pormenor da empena.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 398 com a localização da Igreja Matriz de São Salvador

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

9

Designação

Ponte de Veiros

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Veiros

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

398

Altitude (m)

250m

Coordenada (N)

38° 57.072'

Coordenada (W)

007° 30.823'

Tipo de Sítio

Ponte

Período Cronológico

Medieval Cristão/ Moderno

## Descrição do Sítio

Escondida ao nível dos pilares da ponte rodoviária do IP2, a ponte antiga de Veiros é apontada por Marques Crespo (1950), como sendo de origem romana. Todavia, a sua construção em grossa alvenaria (*opus incertum*), composta com três arcos plenos, atualmente desprovidos de guardas, com pavimento empedrado, apresenta características arquitetónicas civis ruralistas, da época quinhentista. A ponte tem cerca de três metros de largura e cinco metros de comprimento.

Acessos

IP2 (por baixo da Ponte sobre a Ribeira de Ana Loura), Veiros

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Regular

Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.270.

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Ponte de Veiros: vista a jusante



Figura 2- Ponte de Veiros: vista a montante

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **10**

Designação **Fonte do Bom Nome/ Fonte do Mau Nome/ Fonte do Barbadão**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Veiros**

Topónimo

CNS/ N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**398**

Altitude (m)

**271m**

Coordenada (N)

**38° 57.042'**

Coordenada (W)

**007° 30.559'**

Tipo de Sítio

**Fonte / Mina de água**

Período Cronológico

**Medieval Cristão / Moderno**

## Descrição do Sítio

Segundo Francisca Caeiro (1999), a Fonte do Bom Nome terá sido construída em finais do século XIV, inícios do século XV.

Encontra-se no subsolo e as suas paredes são de pedra solta de xisto.

Este local está associado a várias lendas, uma das quais conta que teria sido neste sítio que D. João I, mestre de Avis e D. Inês Pires se encontravam às escondidas e desses encontros amorosos nasceu D. Afonso, primeiro duque de Bragança, em 1377. O pai de Inês Pires com vergonha do sucedido isolou-se num monte e a partir daí nunca mais fez a barba, ficando conhecido pelo Barbadão (Caeiro, 1999, p.20). Provavelmente estas lendas deram azo a que hoje em dia a fonte seja também conhecida por "Fonte do Mau Nome" ou "Fonte do Barbadão".

Segundo informações recolhidas junto da população local, reza a lenda que existia uma passagem secreta do castelo até à fonte, para que os cavalos pudessem beber água em tempo de guerra.

Atualmente, a fonte encontra-se em elevado estado de ruína, coberta por vegetação densa.

Acessos

**Monte da Mina, Veiros**

Uso do Solo

**Urbano**

Conservação/Ameaças

**Mau / Vegetação**

Bibliografia

*Vide CAEIRO, Francisca (1999) - Fontes, chafarizes, fontanários e marcos fontanários do concelho de Estremoz. Vol. I, II e III. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora; CUNHA, António Maria (2000) - Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros, p.29*

# FICHA DE SÍTIO

## Observações

Devido á densa vegetação que cobria a entrada da fonte, não foi possível obter um registo fotográfico do local.

## Registo Gráfico



Figura 1- Ilustração da Fonte do Bom Nome (segundo Cunha , 2000, p.29).

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **11**

**Designação** Ermida de Santa Catarina

**Distrito** Évora **Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Veiros **Topónimo**

**N.º IPA** 21902 **CMP 1:25 000 folha n.º** 398 **Altitude (m)** 285m

**Coordenada (N)** 38° 56.913' **Coordenada (W)** 007° 30.333'

**Tipo de Sítio** Ermida **Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Situada muito próximo da vila de Veiros, está aconchegada nos penhascos que ladeiam a norte a Ribeira de Ana Loura.

A Ermida de Santa Catarina, apresenta características de meados do século XVI. Conserva ainda na abside a estrutura quinhentista, a abóbada nervurada da nave interior, com mísulas, que indiciam a arte tardo-manuelina, do reinado de D. João III (Espanca, 1975, p.267)

A frontaria, discreta, sem nártex, possui apenas uma portada de corda saliente, e um frontão triangular, centrado por campanário modesto. A nave, outrora de travejamento, era de duas águas, sendo atualmente de simples ripado a direito. O púlpito ainda é o de origem, apoiado em fuste toscano, granítico, contudo a ermida denuncia obras importantes nos séculos XVIII e XIX e XXI (Vermelho, 2004, p.141).

**Acessos** Santa Catarina, (ao lado da barragem de Veiros), Veiros

**Uso do Solo** Urbano **Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

**Bibliografia** Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.158; CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.267; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 141.

**Observações**

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício



Figura 2- Fachada

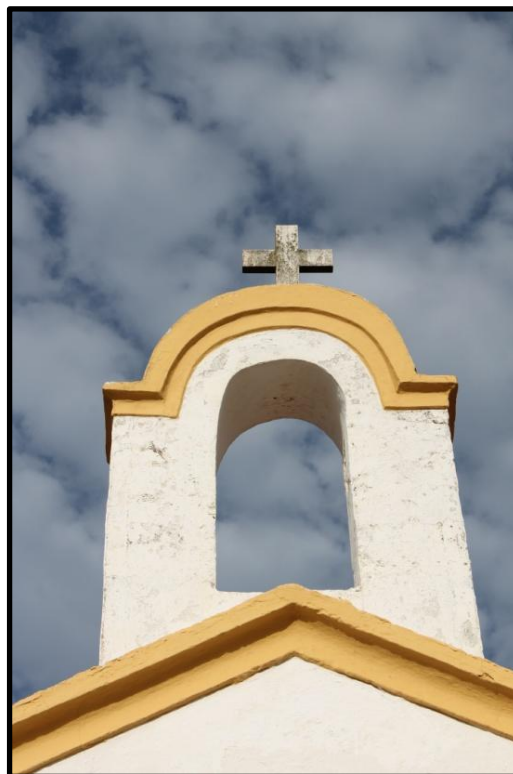


Figura 3- Pormenor do campanário da Ermida

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar n.º 398 com a localização da Ermida de Santa Catarina

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Símbolo de autonomia e simultaneamente local de tortura, o Pelourinho de Veiros terá sido construído no reinado de D João III, mais concretamente por volta de 1539. O monumento primitivo terá certamente sido destruído, pois o que hoje se ergue na antiga Praça do Município, é uma peça mais tardia, ao gosto renascentista, com a data gravada de 1739, assinalando possivelmente a data da sua reconstrução.

Trata-se de um interessante exemplar regional, todo feito em mármore branco de Estremoz, tal como todos os pelourinhos do concelho de Estremoz, revelando alguma delicadeza de talhe. A sua base assenta sobre três degraus, os dois primeiros de planta quadrada e o terceiro octogonal. Ao centro do degrau superior, ergue-se um pilar quadrangular monolítico, suportando o elegante capitel, onde estão esculpidas folhas de acanto e cabeças de anjos. Sobre o capitel destaca-se uma esfera armilar de boas dimensões, com anel moldurado, sobrepujada por uma outra esfera de menores dimensões, ao estilo de remate. No fuste está gravada uma inscrição. Nela pode ler-se a data do restauro, bem como a suposta data da construção original: M. D.º/ 1739/ 1539/ F. T.º.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

Vide CHAVES, Luís (1939) - *Os Pelourinhos - Elementos para o seu Catálogo Geral*, Lisboa: [s.n]; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, pp.252-253; MALAFAIA, E. B. de Ataíde (1997) - *Pelourinhos Portugueses: Tentâmen de Inventário Geral*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p.145.

# FICHA DE SÍTIO

## Observações

Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público

Decreto n.º 23 122, DG, I Série, n.º 231, de 11-10-1933

## Registo Fotográfico



Figura 1- Pelourinho de Veiros: vista geral



Figura 2- Pormenor dos elementos decorativos



Figura 3- Inscrição que se encontra no fuste do monumento

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **13**

Designação	Igreja da Misericórdia		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	Veiros	Topónimo	
N.º IPA	19688	CMP 1:25 000 folha n.º	398
		Altitude (m)	309m
Coordenada (N)	38° 57.212'	Coordenada (W)	007° 30.475'
Tipo de Sítio	Igreja	Período Cronológico	Moderno

## Descrição do Sítio

Não existem dados concretos relativos à data de fundação da Santa Casa da Misericórdia de Veiros. No entanto, sabe-se que em 1549 já existiam exumações na sua igreja, quando se sepultou o conselheiro de D. Manuel I e D. João III, o castelhano D. Guterre de Monroy. Por isso, as suas origens devem remontar às primeiras décadas do século XVI. Contudo, o templo que hoje existe é obra do século XVIII que, segundo Túlio Espanca, terá substituído a igreja original quinhentista (Espanca, 1975, p.261).

Na sua fachada possui um portal, de ombreiras em mármore, com cordas salientes. O frontão é circular e a janela com empena triangular de mármore; os corpos da nave e santuário, retangulares. O púlpito conserva ainda balaustres circulares de mármore, possivelmente ainda do primitivo templo.

A capela-mor sofreu profundas alterações em 1607 e na segunda metade do século XVIII. Antecipada por um grande arco triunfal redondo, está decorada com um retábulo faustoso, de mármore (Mendeiros, 2001, p.163).

No cemitério anexo ainda subsiste o mausoléu de Joaquim da Costa Zagalo, capitão-mor de Veiros e Provedor da Santa Casa em finais do século XVIII.

Acessos Largo da Matriz, Veiros

Uso do Solo Urbano

Conservação/Ameaças Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.158; CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, pp.261-263; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 163-164;

# FICHA DE SÍTIO

Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício



Figura 2 (lado esquerdo) - Torre sineira

Figura 3 (lado direito) - Pormenor da empena.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar n.º 398 com a localização da Igreja da Misericórdia

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **14**

**Designação** Ermida de Santo Antão O Novo/ Ermida de São Bento

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Veiros

**Topónimo** Santo Antão

**CNS/N.º IPA** **CMP 1:25 000 folha n.º** 398 **Altitude (m)** 276m

**Coordenada (N)** 38° 57.134'

**Coordenada (W)** 007° 32.282'

**Tipo de Sítio** Ermida

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Originalmente dedicada a São Bento, mudando de orago já depois de 1758, desconhece-se a data de construção da Ermida. No entanto, esta possui alguns elementos que a poderão ligar ao século XVI, como por exemplo, as gárgulas cilíndricas de gosto renascentista ou a fresta estreita que ilumina a capela-mor. De qualquer forma, são os séculos XVII e XVIII que têm maior expressão artística no templo (Espanca, 1975, p.268).

A frontaria da igreja é protegida por um adro e murete com bancos de repouso, para o descanso de peregrinos. Possui uma porta muito simples, de mármore, com linhas direitas, uma empena triangular e um pequeno campanário; os corpos laterais da ermida são apoiados por contrafortes de alvenaria grossa, sem quaisquer adornos artísticos.

O interior da nave seiscentista da ermida distribui-se em planta retangular, com alçados de três tramos de arcadas falsas e cobertura de meio canhão, constituída por um púlpito ainda de origem. A capela-mor é composta por um arco triunfal redondo e um teto cupular de forma hemisférica. O atual retábulo, com frontão semicircular e volutas com enrolamento, tinha no nicho central a imagem de Santo Antão.

**Acessos** Estrada Nacional 372, direcção: (Veiros-Sousel), Monte da Fonte Boa, Veiros

**Uso do Solo** Patoreio/Agrícola

**Conservação/Ameaças** Bom/ Abandono

## Bibliografia

Vide CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.267-268.

# FICHA DE SÍTIO

Observações

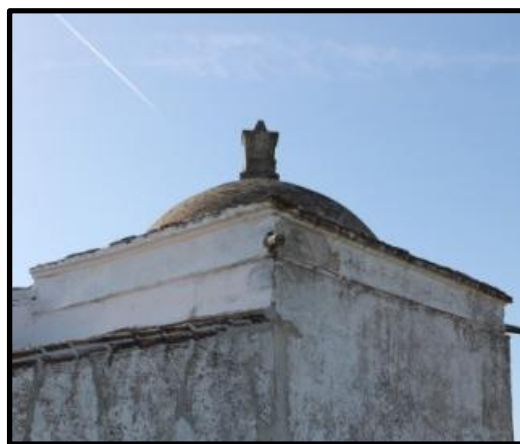
## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Enquadramento geral do edifício.



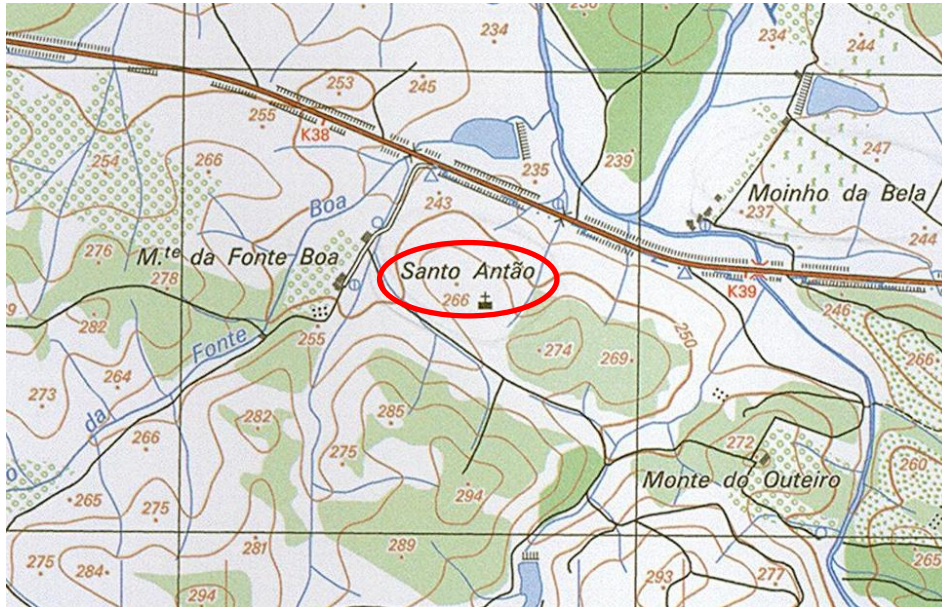
**Figura 2-** Pormenor dos contrafortes da Ermida



**Figura 3-** Pormenor da cúpula da Ermida

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar n.º 398 com a localização da Ermida de Santo Antão O Novo

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Igreja do Espírito Santo, de origem quinhentista, actualmente sede da Sociedade Filarmónica Veirense e Café Restaurante Nicolau, foi alvo de uma reforma no início do século XVII, que alterou toda a sua estrutura primitiva.

Exteriormente já não possui frontão, tendo sido substituído por platibanda com grelhas de tijolo e construindo-se sobre o portado, um balcão de sacada. Subsiste apenas a porta de entrada e uma janela de jambas e lintel cornijado, de mármore branco, que servia para iluminação do coro.

Interiormente, o corpo da nave era de planta retangular e o teto de meio canhão, dividido em dois vãos. A capela-mor, antecedida por arco mestre redondo, aparentemente do século XVII, possuía em tempos remotos, pinturas a fresco.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

*Vide CUNHA, António Maria (2000) - Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.265;*

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício, pórtico de entrada



Figura 2- Alçado lateral, sede da Banda Filarmónica



Figura 3- Pormenor do balcão de sacada

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

16

Designação

Ermida de Nossa Senhora do Mileu

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Veiros

Topónimo

N.º IPA

19687

CMP 1:25 000 folha n.º

398

Altitude (m)

288m

Coordenada (N)

38° 57.344'

Coordenada (W)

007° 30.518'

Tipo de Sítio

Ermida

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

Situada na ponta norte da Vila de Veiros, desconhecendo-se a data da sua fundação. Existem várias lendas que atribuem a sua origem ao período da Reconquista. No entanto, é consensual que esta igreja tem origens remotas, sendo das mais antigas do antigo termo de Veiros (Espanca, 1975, p.263).

Sabe-se, que desde 1609 era administrada pela Santa Casa da Misericórdia e que teve uma reforma estrutural em 1788, mantendo-se ainda hoje no chão da entrada da ermida essa data, que lhe terá eliminado quase todos os elementos primitivos.

No exterior existe um adro com bancos para peregrinos. Na frontaria da igreja vê-se uma lápide romana. A fachada apresenta uma porta e janela em mármore. A porta possui cornija ao estilo neoclássico, embora o frontão enrolado de invocação mariana ainda seja do estilo rococó. Contra o alçado norte, apresenta-se uma pequena torre com eirado e campanário, rematado por disco ornamentado de mármore.

O interior da igreja conserva a reforma de D. Maria I. A nave é retangular, com abóbada de meio canhão, possui um arco triunfal bastante largo na capela-mor, decorada pelo retábulo do altar (Mendeiros, 2001, p.168).

Acessos

Avenida do Barbadão, Veiros

Uso do Solo

Urbano

Conservação/Ameaças

Bom/ Sem ameaças

Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.158; CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.263-265; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 167-168;

Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício



Figura 2- Pormenor da empena da Ermida



Figura 3- Lápide que se encontra num dos alçados laterais da Ermida

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 398 com a localização da Ermida de Nossa Senhora do Miléu

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

17

Designação Igreja de Nossa Senhora dos Remédios

Distrito Évora

Concelho Estremoz

Freguesia/Lugar Veiros

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

398

Altitude (m)

302m

Coordenada (N)

38° 57.147'

Coordenada (W)

007° 30.093'

Tipo de Sítio

Igreja

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

Pelas evidências físicas que ainda hoje subsistem, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, parece ter sido construída em inícios do século XVII, sendo a primeira referência conhecida de cerca de 1700, quando se funda a Confraria de Nossa Senhora do Carmo, sedeada neste mesmo templo (Espanca, 1975, p.265).

Emoldurada com um adro, dotado de bancos de repouso para peregrinos e escada para o terreiro das romarias, possui também um frontão iluminado por um óculo moldurado, rematado com enrolamentos, centrado pela cruz e um pórtico de entrada marmoreado de ombreira molduradas.

O interior é bastante amplo, com uma nave elevada e abóbada de meio canhão, distribui-se em planta retangular e alçado de três tramos de arcos redondos. A capela-mor é de planta retangular e de abertura redonda, e o retábulo de alvenaria com frontão cortado. Possui uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios ao centro; nas mísulas, do lado da Epístola, o Altar de talha dourada com empena triangular, dedicado a Santiago; e do lado do Evangelho, o Altar das Almas, agora de São Benedito (Mendeiros, 2001, p.168).

Segundo Túlio Espanca, a sacristia é a dependência mais antiga da igreja. De planta quadrada com abóbada nervurada aparenta "arte seiscentista inicial" (Espanca, 1975, p.266).

Acessos

Rua da Nossa Senhora dos Remédios, Veiros

Uso do Solo

Urbano

Conservação/Ameaças

Bom/ Sem ameaças

Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.158; CUNHA, António Maria (2000)- *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, pp.265-266.

# FICHA DE SÍTIO

Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício



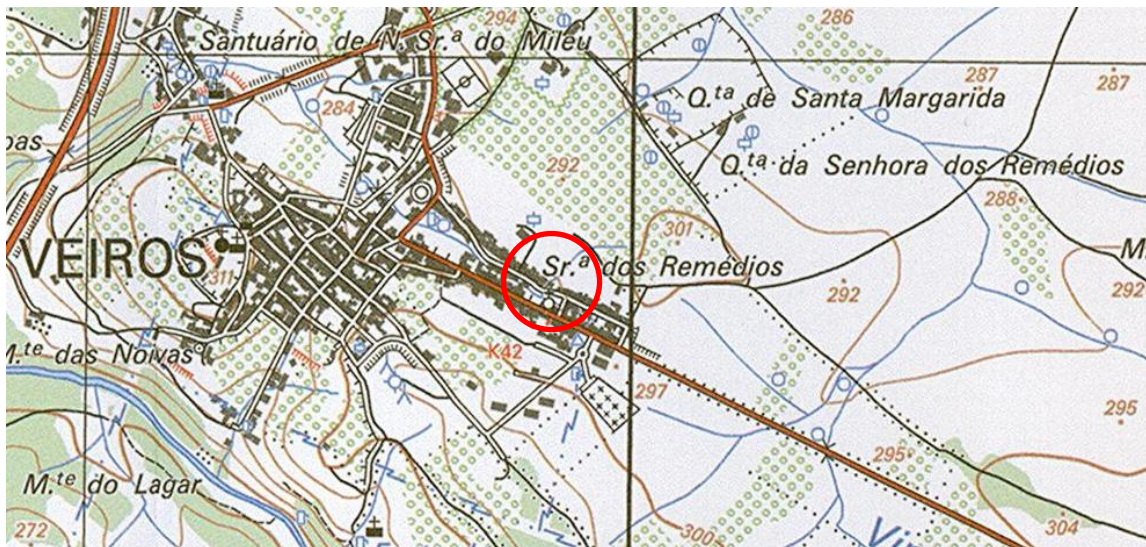
Figura 2- Fachada da Igreja



Figura 3- Pórtico de entrada da Igreja

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 398 com a localização da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação	<input type="text" value="Palácio dos Coutinhos"/>				
Distrito	<input type="text" value="Évora"/>	Concelho	<input type="text" value="Estremoz"/>		
Freguesia/Lugar	<input type="text" value="Veiros"/>	Topónimo	<input type="text"/>		
CNS/N.º IPA	<input type="text"/>	CMP 1:25 000 folha n.º	<input type="text" value="398"/>	Altitude (m)	<input type="text" value="319m"/>
Coordenada (N)	<input type="text" value="38° 57.210'"/>	Coordenada (W)	<input type="text" value="007° 30.332'"/>		
Tipo de Sítio	<input type="text" value="Palácio"/>	Período Cronológico	<input type="text" value="Moderno"/>		

## Descrição do Sítio

O Palácio dos Coutinhos é um bom exemplo de arquitetura regional alentejana da época barroca seiscentista. Segundo Túlio Espanca (1975), terá sido construído, por volta de 1700 e delineado pelo governador de Veiros, Luís Galvão Coutinho Freire, sendo a obra terminada já pelo filho Diogo Galvão Pegado Coutinho Freire de Andrade, coudel-mor de D. João V (Espanca, 1975, p.268).

O edifício caracteriza-se por apresentar uma fachada de dois pisos: térreo e nobre, o primeiro com portadas de jambas e lintel rectos em mármore, e o segundo, composto por seis janelas também de jambas e lintel rectos, resguardadas por grades de ferro forjado.

Atualmente o edifício pertence à Santa Casa da Misericórdia de Veiros e tem a função de habitação, no primeiro andar, e no rés-do-chão funciona como dependência bancária.

Acessos	<input type="text" value="Praça do Marquês da Praia e Monforte, Veiros"/>		
Uso do Solo	<input type="text" value="Urbano"/>	Conservação/Ameaças	<input type="text" value="Bom/ Sem ameaças"/>
Bibliografia	<input type="text" value="Vide ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 268; CUNHA, António Maria (2000) - Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros, p.144-145."/>		
Observações	<input type="text"/>		

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1** - Palácio dos Coutinhos

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Integrada no antigo paço dos capitães-mor da vila de Veiros com casa anexa, hoje ocupada pela Fundação do Asilo de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a Capela de Nossa Senhora da Conceição, é uma obra de possível encomendação de um fidalgo da casa dos Sande, a julgar pelo brasão desta família na fachada (século XVII), e com características bem marcadas do Rococó do reinado de D. Maria I (r. 1777-1816). A capela sofreu uma remodelação radical recente.

A fachada é notoriamente uma fusão dos estilos rococó e neoclássico, interpretação consistente com a estética da época da referida rainha. Possui uma portada de tipo usual de corda saliente e cornija retilínea, com escudo envieirado, e leão envolvido pelos quatro lises dos Sandes.

No seu interior também está bem evidente o estilo Rococó, nomeadamente no retábulo ao fundo do presbitério. Por cima do altar estão representados dois anjos do mesmo estilo arquitetónico, cercados em ramagens, grinaldas e segurando uma cartela de conchas, datado de 1795.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

*Vide CUNHA, António Maria (2000) - Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.266-267.*

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada do Edifício



**Figura 2 -** Brasão que se encontra na entrada do edifício.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Quinta de Santa Margarida, situa-se nos arredores da vila de Veiros. O acesso a esta quinta possivelmente construída em finais do século XVII, inícios do século XVIII, faz-se através de um portal de grande volume arquitetónico. Trabalhado em mármore da região é composto por duas colunas de ordem jónica, um arco abatido e um frontão decorado por volutas de enrolamento. Possui ainda um nicho, em tempos dedicado a Santa Margarida.

De alçados volumosos, tem piso térreo, sobrado e torre-mirante: "portal ornamentado, com escadaria singela, janelas de peito, emolduradas ao gosto do reinado de D. Maria I" (Espanca, 1975, p.270).

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

*Vide* ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.270; CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros, p.61-62.

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Portal de entrada do casario.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 398 com a localização da Quinta de Santa Margarida

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Considerado o chafariz mais antigo da vila de Veiros, este monumento é "constituído por grosso paredão de alvenaria apilastrada, tem frontão com enrolamento centrado pelo cronograma de 1737 e acrotérios rudes, de secção piramidal. No corpo posterior subsistem decorações de intenção artística, escaioladas, coetâneas" (Espanca, 1975, p.270).

O chafariz setecentista situa-se na denominada "baixa do Barbadão". Possui dois tanques retangulares construídos em pedra mármore, um deles dedicado à lavagem, e o outro servindo de bebedouro de animais, onde se pode encontrar a única bica em carranca com uma figura leonina.

Segundo Túlio Espanca, a sua função inicial seria o abastecimento de água, essencialmente, ao serviço de peregrinos e viajantes. O chafariz do arrabalde, encontra-se em elevado estado de degradação e numa inclinação próximo da derrocada.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

*Vide* CAEIRO, Francisca (1999) - *Fontes, chafarizes, fontanários e marcos fontanários do concelho de Estremoz*. vol. I, II e III. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora; CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.270.

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1** - Enquadramento geral do monumento



**Figura 2 (lado esquerdo)** - Vista lateral do chafariz

**Figura 3 (lado direito)** - Pormenor da bica em carranca, com uma figura leonina

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

22

Designação Monte do Santíssimo Sacramento

Distrito Évora

Concelho Estremoz

Freguesia/Lugar Veiros

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

398

Altitude (m)

275m

Coordenada (N)

38° 58.247'

Coordenada (W)

007° 28.866'

Tipo de Sítio

Inscrição

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

O Monte do Santíssimo, de carácter tipicamente rural, destaca-se por apresentar uma lápide de mármore afixada na frontaria da habitação com a seguinte inscrição:

MONTE DO / S.CACRAMTO/ DA MATRIS / DE ESTREMOZ / 1738.

Em tudo modesto, tanto no que diz respeito à habitação em si, com às outras instalações, sabe-se apenas que no seu interior existiu um oratório, decorado com pinturas a fresco.

Segundo Túlio Espanca (1975), este prédio rústico, seria propriedade da confraria do Santíssimo Sacramento da Matriz de Estremoz, ou antigo foro da irmandade deste título (Espanca, 1975, p.270).

Acessos

Monte do Santíssimo Sacramento, Veiros

Uso do Solo

Agrícola

Conservação/Ameaças

Bom/ Sem ameaças

Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.270; CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros, p.65

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Lápide de mármore que se encontra afixada na fachada do monte

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 398 com a localização do Monte do Santíssimo Sacramento

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Localizado na Praça Marquês da Praia e Monforte, aparenta ser uma obra do século XVIII. Segundo Túlio Espanca (1975), provavelmente do ano de 1739, data em que terá sido transferido o pelourinho da zona do castelo para esta praça e possivelmente também os próprios serviços camarários.

A sua fachada de dois pisos possui janelas e portadas de jambas e lintel retos, decorada por dois pináculos, e por um campanário. Na esquina do edifício, podemos ver o brasão da vila de Veiros, exemplar do Barroco joanino (D. João V).

Com a extinção do concelho de Veiros em 1855, este edifício, passa por várias utilizações: Escola de Instrução Primária, Escola de Música em 1880, Junta de Freguesia e Estação dos CTT e hoje em dia é um Clube de Caça e Pesca.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

*Vide* ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 252; CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros, p.143-144

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

---

## Registo Fotográfico



**Figura 1** - Paços do Concelho: enquadramento geral



**Figura 2**- Brasão da Vila de Veiros

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação	<input type="text" value="Quinta do Leão"/>		
Distrito	<input type="text" value="Évora"/>	Concelho	<input type="text" value="Estremoz"/>
Freguesia/Lugar	<input type="text" value="Veiros"/>	Topónimo	<input type="text"/>
N.º IPA	<input type="text" value="10679"/>	CMP 1:25 000 folha n.º	<input type="text" value="398"/>
		Altitude (m)	<input type="text" value="216m"/>
Coordenada (N)	<input type="text" value="38° 58.263'"/>	Coordenada (W)	<input type="text" value="007° 30.030'"/>
Tipo de Sítio	<input type="text" value="Quinta"/>	Período Cronológico	<input type="text" value="Moderno"/>

## Descrição do Sítio

A Quinta do Leão situa-se a cerca de três quilómetros da vila de Veiros e terá sido construída no século XVIII. Segundo Túlio Espanca, este casario apalaçado, terá sido residência de D. Luís Galvão Coutinho Freire, governador militar da praça de Veiros no reinado de D. Pedro II, tal como comprova o brasão que se encontra no portal de entrada do edifício (Espanca, 1975, p.268). O acesso a este casario apalaçado faz-se por uma estrada particular, ladeada por gigantescos eucaliptos. Ao chegarmos à sua entrada que apresenta um aspeto monumental, deparamo-nos com um amplo terreiro, e mais à frente uma torre mirante com ameias, com um nicho dedicado à imagem de Nossa Senhora da Conceição. Anexa à torre podemos encontrar uma fonte concelhia, conhecida como "Fonte Velha". A sua construção remonta ao século XVIII.

Do lado direito da entrada, encontramos um monumental chafariz, que se encontra adossado a um muro, composto por quatro janelas, protegidas por um gradeamento em ferro; ao centro, numa edícula, vemos a figura de um grande leão, dominado por um golfinho, que segundo Espanca (1975), será datável do 1º terço do século XVIII. Este local seria ponto de paragem por parte dos compradores e apreciadores de gado, quando se deslocavam à Feira do Gado de Estremoz. Ao lado do chafariz podemos ver também um portal apilastrado que dá acesso à horta, decorado por pináculos de influência barroca, com um nicho central dedicado a Madalena, e ao lado um pequeno painel de azulejos monocromos.

Antes de entrar no edifício, temos um opulento portal, também apilastrado e de arco redondo, com frontão guarnecido pelas armas, do fidalgo D. Luís Coutinho Freire e friso cronografado de 1729.

O palacete rústico terá sido construído nos alvares da mesma centúria e terminado no reinado de D. João V (Espanca, 1975, p.269). Trata-se de um edifício de dois pisos, possui um pequeno oratório, decorado por pináculos de secção piramidal e por um campanário. Junto da portada podemos ver algumas peças arqueológicas, nomeadamente fragmentos de mós e colunas, provenientes da Ermida de São Pedro de Almuro, situada no atual concelho de Monforte.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.268-269; CUNHA, António Maria (2000) - *Monografia Geral sobre a Freguesia de Veiros*. Borba: Associação de Desenvolvimento Montes Claros, p.53-60.

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Portal de entrada do casario, cronografado de 1729.

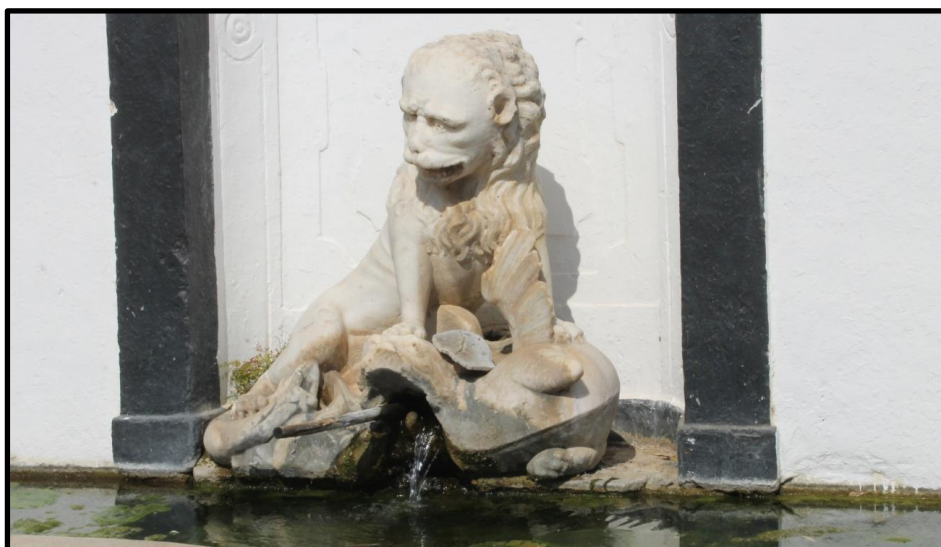


Figura 2- Pormenor do leão que se encontra no chafariz da quinta

# FICHA DE SÍTIO



Figura 3- Torre mirante da quinta



Figura 4- Portal que dá acesso à horta, dedicado a Madalena

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 398 com a localização da Quinta do Leão

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação	<input type="text" value="Moinho do Moleiro"/>				
Distrito	<input type="text" value="Évora"/>	Concelho	<input type="text" value="Estremoz"/>		
Freguesia/Lugar	<input type="text" value="Veiros"/>	Topónimo	<input type="text" value="Poço dos Moleiros"/>		
CNS/N.º IPA	<input type="text"/>	CMP 1:25 000 folha n.º	<input type="text" value="412"/>	Altitude (m)	<input type="text" value="256m"/>
Coordenada (N)	<input type="text" value="38° 56.479'"/>	Coordenada (W)	<input type="text" value="007° 30.298'"/>		
Tipo de Sítio	<input type="text" value="Moinho"/>	Período Cronológico	<input type="text" value="Moderno"/>		

## Descrição do Sítio

O Moinho de rodízio, conhecido como "Moinho do Moleiro", era um pequeno moinho de roda horizontal, de submersão, que se encontrava edificado na margem da Ribeira de Ana Loura. Do moinho propriamente dito, já pouco ou nada resta. O edifício apresenta uma planta retangular, construído em tijolo e pedra. Encontra-se bastante arruinado e o seu interior quase totalmente cheio de areia, acumulada pelas cheias da ribeira. A água era represada por um açude e conduzida por uma levada para a entrada nos caboucos. Para além das estruturas de apoio, constituídas por duas casas, destinadas a habitação do moleiro e família, a maior com quartos, cozinha e estábulo, destaque ainda para a casa do forno, separada da casa de habitação do moleiro. O moinho encontra-se no perímetro que será afetado pela Barragem de Veiros, pelo que ficará submerso pelas águas da albufeira.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção deste moinho de rodízio, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas, moinhos e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, e que faz referência a este engenho. Apesar de não ser um documento conclusivo, podemos ponderar que no século XVII, já estaria em laboração.

Acessos

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

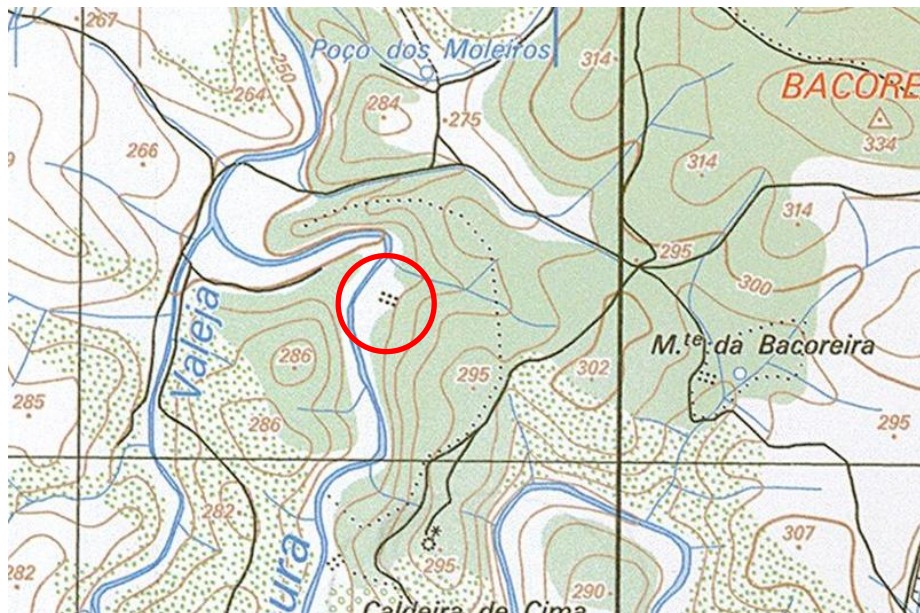
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do moinho.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

O Moinho da Caldeira de Cima trata-se de um moinho de vento, construído em alvenaria de pedra. Apresenta uma estrutura circular em forma de "torre", outrora encimada por uma cobertura cónica (capelo), que excedia o diâmetro do edifício, formando assim um pequeno beiral. O tejadilho, atualmente inexistente seria rotativo para adaptação do velame à direcção dos ventos. Este moinho de vento, bem como todos os outros existentes no concelho, foi concebido para funcionar em todas as direcções.

A fachada principal possui uma porta no piso térreo e uma janela no piso superior. O acesso ao piso superior era feito através de uma escada feita em pedra. No piso térreo podemos ver ainda um nicho que servia possivelmente de prateleira. Este moinho conserva várias mós originais no seu exterior.

Em relação às dimensões gerais do moinho, estas têm de altura - 4m (aprox.) e de diâmetro: 4m (aprox.).

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada principal do moinho.



**Figura 2-** Escada de acesso ao piso superior, e pequeno nicho para arrumação.



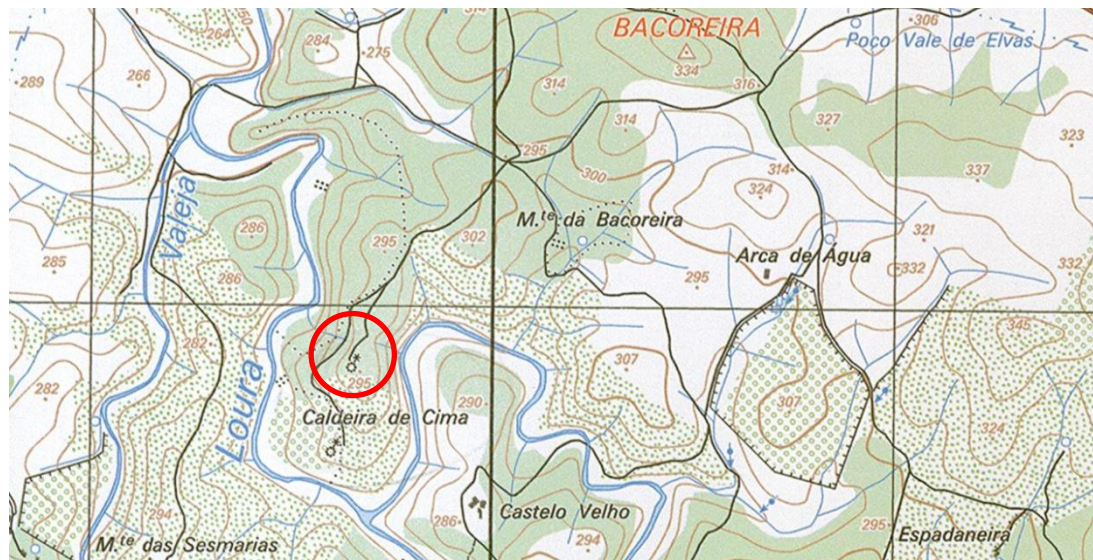
**Figura 3-** Interior do moinho



**Figura 4-** Janela lateral do moinho.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do moinho.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

O Moinho da Caldeira de Baixo trata-se de um moinho de vento, construído em alvenaria de pedra. Apresenta uma estrutura circular em forma de "torre", outrora encimada por uma cobertura cónica (capelo), que excedia o diâmetro do edifício, formando assim um pequeno beiral. O tejadilho, atualmente inexistente seria rotativo para adaptação do velame à direcção dos ventos. Este moinho de vento, bem como todos os outros existentes no concelho, foi concebido para funcionar em todas as direcções.

A fachada principal possui uma porta no piso térreo e uma janela no piso superior.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

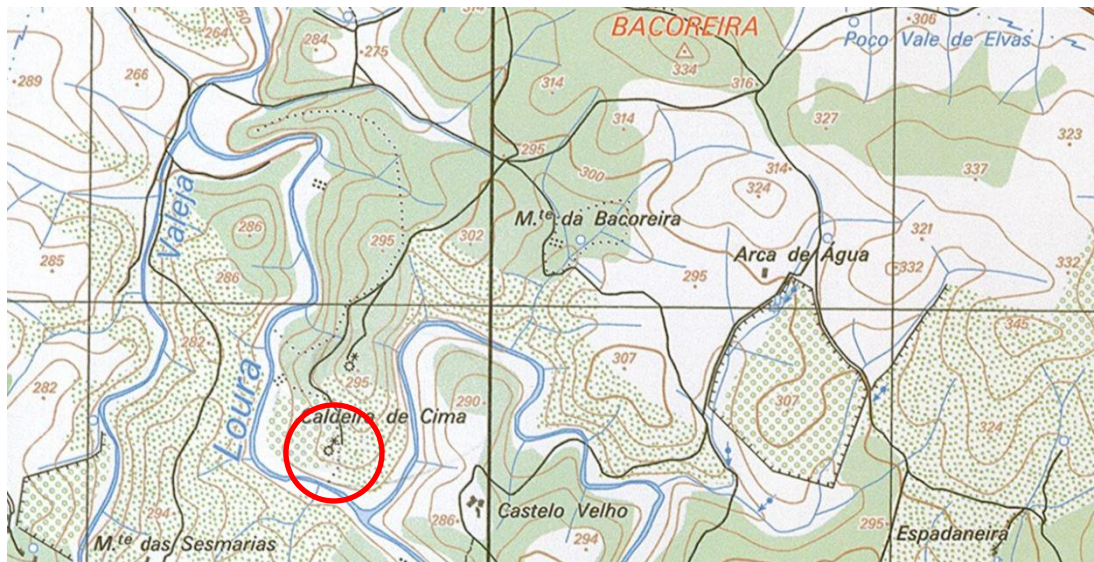
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral do moinho.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do moinho.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Reproduzo a informação constante na obra de António Cunha, visto que nos trabalhos de campo, nada foi observado: "Este outeiro tem no seu interior grandes reservatórios, parecendo gigantescos potes, cobertos por pedras de lage, sem até à data terem sido devidamente explorados".

O local foi percorrido na tentativa de verificarmos a presença quer de vestígios materiais, quer de estruturas, no entanto nada foi observado. Segundo uma informação oral, estes "buracos feitos na terra, tinham cerca de 2 a 3m de profundidade, e segundo o que as lendas dizem, eram os buracos onde os mouros se escondiam". Estas estruturas negativas terão sido entulhadas há alguns anos, para se proceder à prática agrícola no local.

Tudo indica tratar-se de silos de armazenamento de cereais, onde era feita a abertura de uma cova, ou buraco na terra, sendo as suas paredes protegidas da humidade, por vezes com barro, de forma a evitar a germinação das sementes. Os silos ganharam especial importância, durante a reconquista cristã, pois permitiam às populações guardarem as suas reservas alimentares, mais protegidas de saques e razias.

Curiosamente o local onde se encontravam até há pouco estes "silos", localiza-se próximo de um lugar, com o nome de "Alvarrã", palavra derivada do árabe, que significa o campo de cultivo.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico

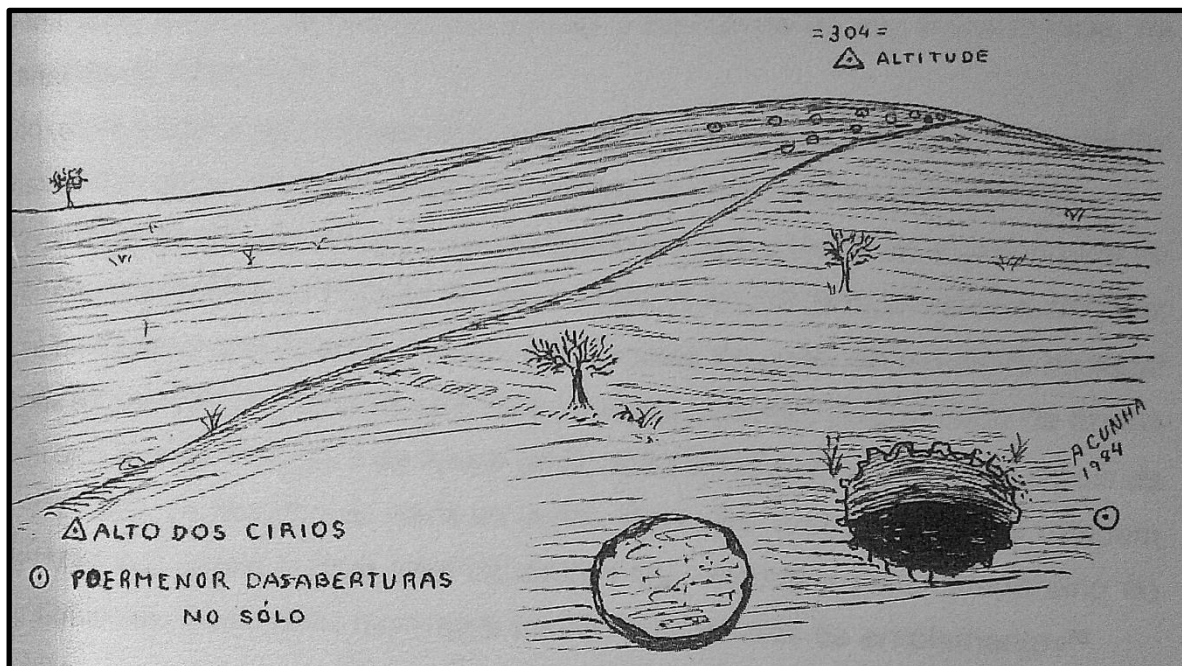


Figura 1- Ilustração do local.

Fonte: Cunha, 2000, p.141

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 398 com a localização toponímica do local.

**UNIÃO DAS  
FREGUESIAS DE SÃO  
BENTO DO CORTIÇO E  
SANTO ESTÊVÃO**



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS  CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Este sítio aparece mencionado num artigo de Saavedra Machado (1964) como "'villa" da Coelho". Trata-se de um local de povoamento, explorado pelas equipas que procederam às escavações arqueológicas no sítio de Silveirona em 1934, dirigidas por Manuel Heleno (Machado, 1964, 112-113). Nas sondagens realizadas foram detetados vestígios de "alicereces duma grande casa de habitação". Segundo dados bibliográficos "numa das divisões que se abria para o lado de SW havia um mosaico infelizmente já em grande parte destruído. Contudo, ainda foi possível observar alguns fragmentos. Um deles de tipo *opus tecelatum* era constituído por pedras brancas, pretas e vermelhas. (...). A par desta divisão havia outra, ligada ainda a outras, o que mostra a importância da habitação. O cemitério visigótico fica-lhe a poente a 200 m de distância e o romano a Sul a 100 m de distância" (Apud Cunha, 2004, p.19-20). Para além destes vestígios, segundo notícia do Jornal Brados do Alentejo "na mesma zona, numa pequena elevação cercada de pedras e tijolos soltos descobriu-se igualmente, uns metros abaixo do solo, o pavimento de um lagar de dois pisos, notando-se ainda no pavimento de argamassa de cimento o desgaste provocado pela vida que ali se viveu." (J. A. C., 07-01-1983, n.º 80, 3ª série, p. 8).

Segundo André Carneiro (2011), o sítio indicado "tem as características de implantação propícias para uma *villa*, com ampla exposição solar, voltada a este e a sul, dispendo de bons solos e de duas linhas de água que a rodeiam (uma hoje represada, situação que também seria possível na época)" (Carneiro, 2011, p.173).

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

# FICHA DE SÍTIO

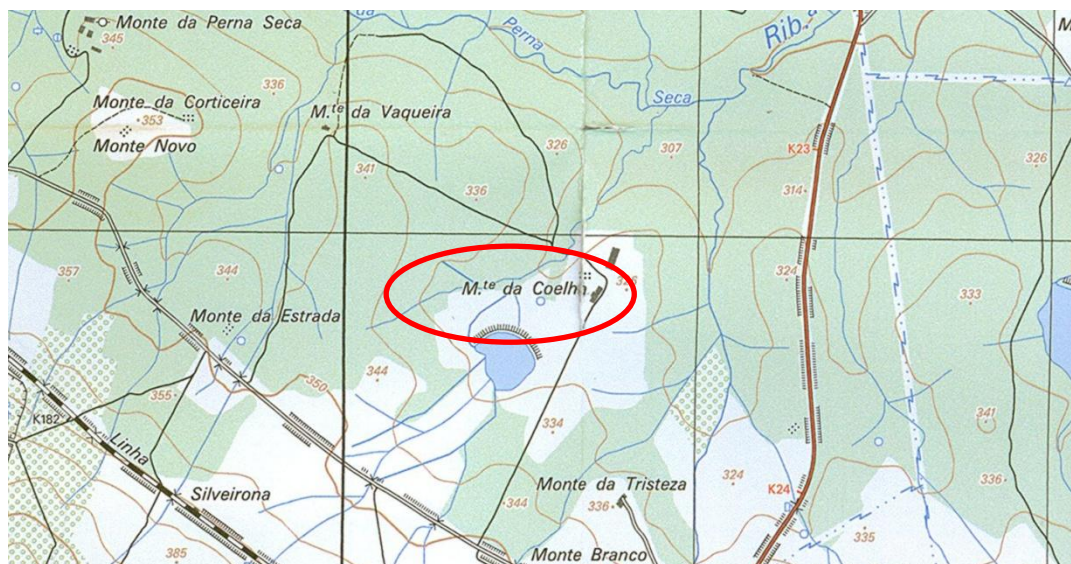
Vide CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora; CUNHA, Mélanie Wolfram Espanha da (2004) - *Silveirona. Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia - setenta anos depois*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; *Jornal Brados do Alentejo*, 07-01-1983, nº 80, 3ª série, p. 8

## Bibliografia

## Observações

Não existem dados sobre a localização exata do sítio, pelo que a relocalização foi feita através da toponímia.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Este sítio aparece mencionado nas anotações do caderno de campo n.º 5 de Manuel Heleno, como "Cemitério do Topete", trata-se de um local de povoamento, descoberto aquando das escavações arqueológicas no sítio de Silveirona, em 1934.

Manuel Heleno, refere que o sítio "Topete", "fica junto ao monte do mesmo nome, junto da cocheira nova. Eduardo José Serra, há cerca de dez anos, abriu duas sepulturas, encontrando numa um punhal e caveiras. Na outra só ossos." (Cunha, 2004, p.150).

A referência à descoberta de um "punhal", levanta a hipótese de ter existido neste sítio um povoamento de cronologia romana, contudo a ausência de informação mais sistematizada, impedem-nos de atribuir uma cronologia segura para este local.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

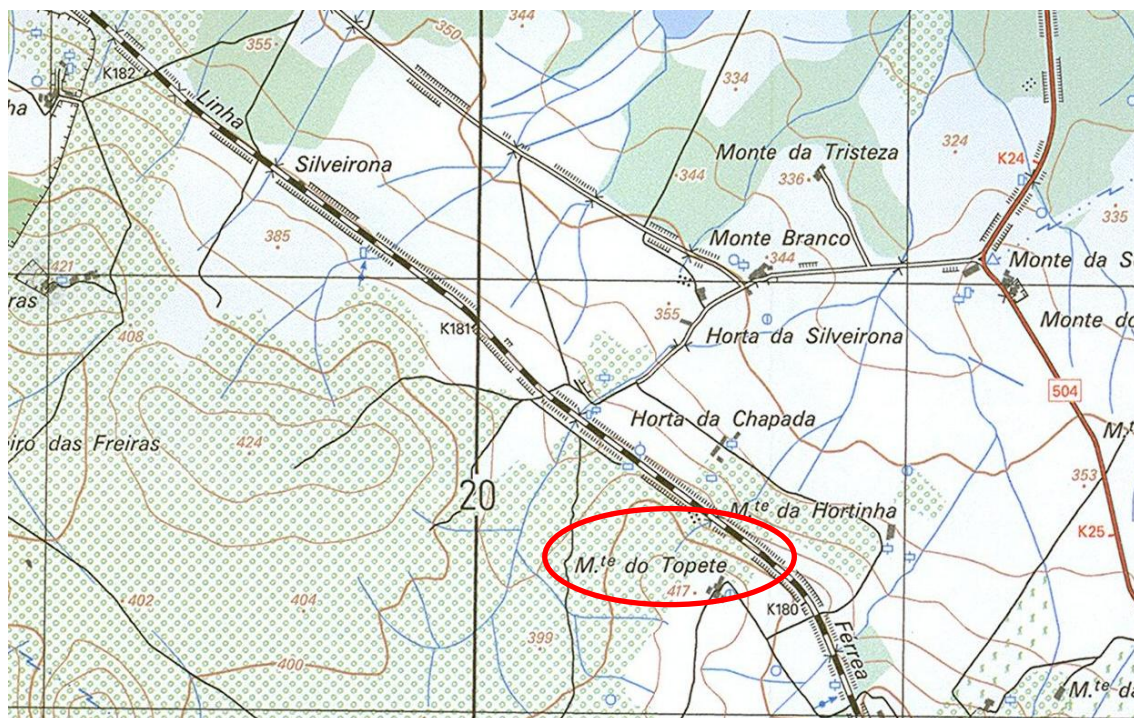
Vide CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora; CUNHA, Mélanie Wolfram Espanha da (2004) - *Silveirona. Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia - setenta anos depois*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

## Observações

Não existem dados sobre a localização exata do sítio, pelo que a relocalização foi feita através da toponímia.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Este sítio encontra-se inventariado pelo IGESPAR, como tendo sido recolhido neste local um "achado isolado", no entanto as informações acerca desta descoberta são muito escassas. O local indicado pela coordenada fornecida pelo IGESPAR, foi percorrido na tentativa de verificarmos a presença de vestígios de superfície, todavia, nada foi observado.

Sabe-se, que em intervenções arqueológicas dirigidas por Manuel Heleno e Saavedra Machado na freguesia de São Bento do Cortiço, em vários sítios foram exumadas sepulturas, que segundo os investigadores, estariam integradas em necrópoles de época romana, no entanto, a maior parte dos microtopónimos onde terão sido efetuadas estas intervenções, perdeu-se e não são hoje reconhecíveis (Heleno, 1956, p. 231) (Machado, 1964, p.112-113).

Segundo André Carneiro (2011), Manuel Heleno, no seu caderno de campo, menciona a existência de um conjunto de "21 sepulturas de inumação, quase todas sem espólio, no cemitério que fica situado junto ao Monte da Boa Vista, que fica a cerca de 150 m da igreja da aldeia de S. Bento do Cortiço para o lado do sul, "quer na frente do mesmo, quer na eira, aonde vi várias". Terão sido escavadas em Outubro de 1934, aproveitando os trabalhadores ocupados na escavação de Silveirona. No mesmo local, em Barreiros, "Existem aqui sepulturas com lajes laterais e nas cabeceiras e com cerâmica", mencionando-se ainda que "Na herdade da Amieira apareceu um vaso com ossos e na Cacharroeira, que fica junto, apareceram muitos", sem mais especificações." (Carneiro, 2011, p.166-167).

A falta de informação mais detalhada, não nos permite relacionar estes conjuntos funerários com o local inventariado pelo IGESPAR, de qualquer modo, encontra-se depositado no Museu Nacional de Arqueologia espólio numismático, atribuído genericamente a "S. Bento do Cortiço"(registo 2702).

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## FICHA DE SÍTIO

---

### **Bibliografia**

Vide CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora; MACHADO, Saavedra (1964) - *Subsídios para a História do Museu Etnológico do Doutor Leite Vasconcelos*. In *Archeologo Português*. N.s. Vol. 5. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

### **Observações**

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

32

Designação

Teixeiros

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

São Bento do Cortiço

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

411

Altitude (m)

250m

Coordenada (N)

38° 56.613'

Coordenada (W)

007° 35.315'

Tipo de Sítio

Inscrição

Período Cronológico

Romano

## Descrição do Sítio

Este sítio encontra-se identificado num artigo do suplemento da "revista Conimbriga", *Ficheiro Epigráfico*, por Maria Alves Dias (1986). Terá sido recolhido neste local uma inscrição funerária, denunciando a existência de uma necrópole (Dias, 1986, p.14-15). O local foi percorrido na tentativa de verificarmos a presença de vestígios de superfície, todavia, nada foi observado. Contudo, houve uma informação oral (antigo lavrador da Herdade), que nos confirmou o aparecimento de sepulturas neste sítio, nomeadamente aquando da realização de lavouras na zona, onde apareciam "lajes de pedra e ossos humanos".

Acessos

Herdade dos Teixeira, São Bento do Cortiço

Uso do Solo

Agrícola

Conservação/Ameaças

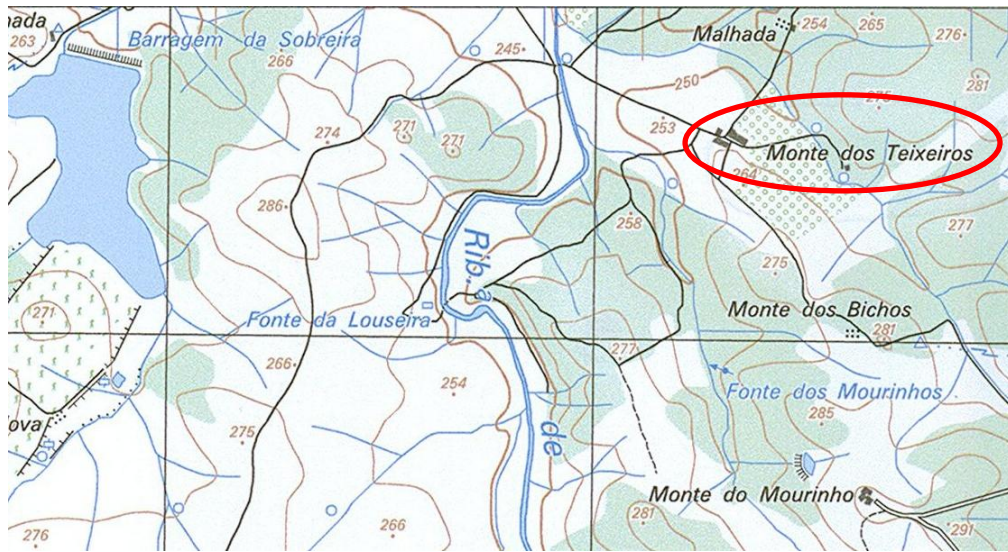
Bibliografia

Vide CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Évora: Universidade de Évora; DIAS, Maria Manuela Alves (1986) - *Inscrição funerária de São Bento do Cortiço (Estremoz)*. In *Ficheiro Epigráfico*, n.º 16, Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras.

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Este sítio encontra-se identificado na tese de doutoramento do Dr. André Carneiro (2011). Próximo do Monte do Espírito Santo, segundo o autor, " no lado direito da estrada, em ligeira elevação que se destaca na paisagem suave, virado a norte e sul, desfrutando de amplo panorama", podemos encontrar um sítio romano. Os testemunhos artefactuais encontrados pelo autor, nomeadamente "*imbrices* e *tegulas*, *dolia*, um peso de tear e várias asas de cerâmica comum, um bordo de Almagro 51c e bojos de ânfora importadas da *Baetica*", indicam que provavelmente o local terá sido "um casal agrícola com alguma expressão", devido à área de dispersão dos materiais ("2000 a 3000m<sup>2</sup>").

Acessos

Uso do Solo

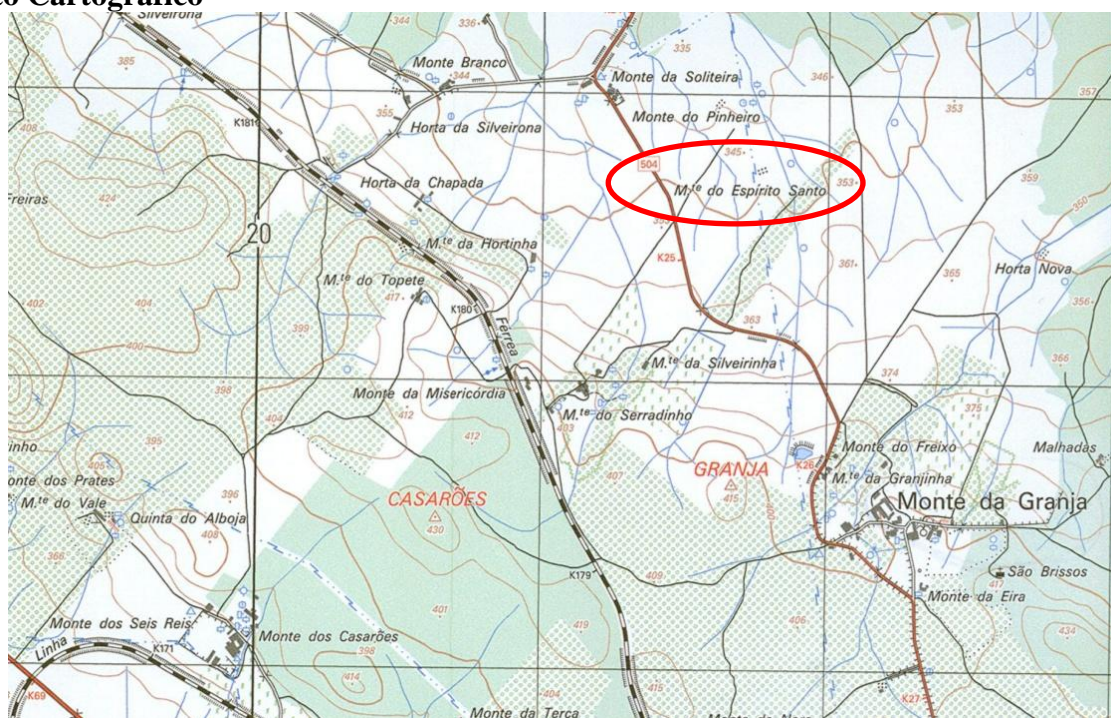
Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

As necrópoles de Silveirona localizam-se a escassos metros do que parecem ser as instalações de grande exploração agrária de época romana, "a villa da Coelho", identificada, por Manuel Heleno.

Trata-se de duas necrópoles descobertas no decurso de trabalhos agrícolas em maio de 1934 e escavadas por Manuel Heleno, entre maio e julho de 1934. Mais tarde, Mélanie Wolfram Cunha (2004/2008), dirigiu uma investigação que tinha como principal objetivo, analisar as peças depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, analisar a documentação fotográfica e cadernos de campo das escavações de 1934.

A posterior análise do espólio e da documentação realizada por Mélanie Cunha, permitiu separar os conteúdos funerários em dois ambientes: imperial ("Silveirona I") e tardo-antigo ("Silveirona II"). O primeiro conjunto funerário (do qual 86 inumações e incinerações foram intervencionadas) terá funcionado entre meados (ou finais) do século II e até ao século V d. C., altura em que se processaria a transferência, para a necrópole II, (do qual 35 sepulturas foram escavadas) datadas da primeira metade do século VI d. C., graças ao conjunto epigráfico recolhido neste local.

No conjunto funerário "Silveirona I", as sepulturas, eram na sua esmagadora maioria de inumação e "tinham orientações variadas, mas predominava a WNW-ESE. A sua forma era rectangular, muitas abertas directamente na rocha, sem qualquer revestimento lateral, algumas eram cobertas por uma ou mais lajes de pedra, outras estavam revestidas com ladrilhos e/ou pedras. A presença de elementos metálicos e pregos, em alguns enterramentos, constituíam prováveis vestígios do uso de caixões de madeira. O espólio era constituído por cerâmicas, não muito numerosas, outras oferendas ou objectos pessoais do defunto, raras pontas de lança e cardas de sandálias, em ferro. Normalmente, estava depositado junto à cabeça, aos pés ou ancas do inumado. Registaram-se alguns casos de espólio depositado imediatamente sob as tampas das sepulturas" (Fabião et al., 2008, p.27-28).

No conjunto funerário "Silveirona II", "tratava-se de inumações simples ou múltiplas, de forma trapezoidal, na sua maioria construídas com lajes de pedra e ladrilhos, todas cobertas por uma ou mais lajes de pedra. Identificaram-se dois sarcófagos monolíticos e dois casos de possíveis incinerações. Encontravam-se alinhadas e aparentemente dispostas em função de estruturas arquitectónicas (basílica?). (...) O espólio era escasso, constituído quase sempre por objectos pessoais (brincos, anéis, fivelas de cinturão), que os defuntos deveriam usar quando foram depositos. A presença de uma lucerna de origem norte-africana e moedas do antigo império romano, que continuariam em uso, sublinham a continuidade face à necrópole mais antiga" (Fabião et. al., p.39-40).

# FICHA DE SÍTIO

**Acessos**

Estrada Municipal 504 direção: Soltileira - São Bento do Cortiço, Santo Estêvão

**Uso do Solo**

Agrícola

**Conservação/Ameaças**

**Bibliografia**

Vide CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Évora: Universidade de Évora; CUNHA, Alberto Xavier da e NETO, Maria Augusta Maia (1955) - Características da população da época visigótica de Silveirona (Estremoz). III Esqueleto do tronco e dos membros. In *Contribuições para o estudo da Antropologia Portuguesa*. Coimbra. 6:1, p.564; CUNHA, Mélanie Wolfram Espanha da (2004) - *Silveirona. Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia - setenta anos depois*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; CUNHA, Mélanie (2008) - As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz) – Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia. In *O Arqueólogo Português*. Sup. 4. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; DIAS, Maria Manuela Alves e GASPAR, Catarina Isabel Sousa (2006) - *Catálogo das Inscricões Paleocristãs do Território Português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa; FABIÃO, Carlos; DIAS, Mafalda e CUNHA, Mélanie (2008) - *Sit Tibi Terra Levis – Rituais funerários romanos e paleocristãos em Portugal*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

**Observações**

## Registo Fotográfico



**Figura 1** - Material arquitetónico do cemitério paleocristão

Fonte: FABIÃO et al., 2008, p.26



**Figura 2** - Fotografia de uma das sepulturas intervencionadas Fonte: FABIÃO et al., 2008, p.41

# FICHA DE SÍTIO

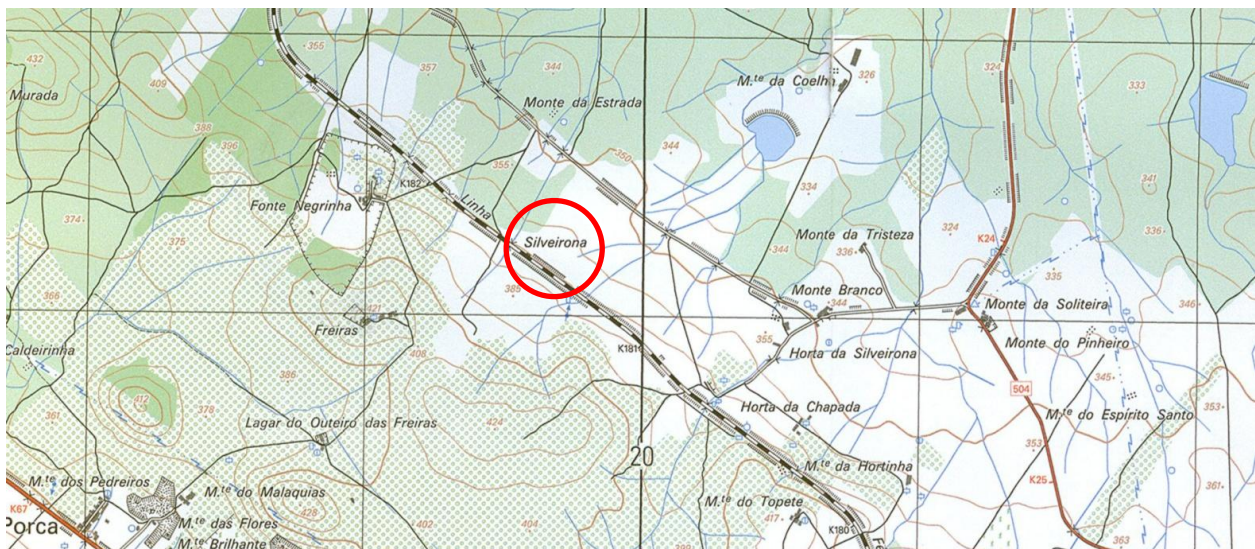


Figura 3 (lado esquerdo) - Espólio do cemitério paleocristão

Figura 4 (lado direito) - lápide romana

Fonte: FABIÃO et al., 2008, p.33 e 40

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização do sítio onde foram descobertas as duas necrópoles

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Trata-se uma peça muito rara, um baixo-relevo paleocristão, "*representando um sacerdote praticando o sacrifício ritual pagão num credo*" (Espanca, 1975, p.250); no entanto, atribuir a esta peça uma proveniência concerta, não é de todo, uma tarefa fácil, pois Túlio Espanca refere que "*a placa votiva, de mármore, hoje recolhida em Estremoz e que, durante anos esteve depositada na ermida de S. Romão, situada na vizinha freguesia de S. Lourenço de Mamporcão, poderia ter sido descoberta nesta mesma estação paleocristã*", referindo-se a Silveirona. Todavia, a mesma peça surge atribuída pelo IGESPAR a Santo Estêvão.

André Carneiro (2011) alerta-nos para a presença de vestígios de época romana mesmo atrás do templo cristão, numa extensa área que separa a igreja do curso da ribeira. "Um sítio de grandes dimensões, com quase um hectare, apresentando uma mancha abundante de cerâmica de construção (*imbrices*, incluindo alguns com digitações, tegulas, tijoleiras, incluindo uma com marcas de *caliga*), fragmentos de bojos de ânforas, cerâmica comum e um bordo de terra *sigillata* hispânica (de possível recipiente Dragendorff)" (Carneiro, 2011, p.167).

O mesmo autor propõe a classificação de "*villa*" para o local, tendo em conta o quadro de implantação fisiográfica, perfeitamente isolado no campo.

O sítio foi relocalizado no âmbito da dissertação de mestrado, confirmando-se a existência de um sítio romano. É perfeitamente possível que tenha existido aqui um local de culto, com alguma relevância simbólica, e que o baixo-relevo, esteja associado a esse local.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.222-223 e p.250; CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Évora: Universidade de Évora; MACHADO, Saavedra (1964) - Subsídios para a História do Museu Etnológico do Doutor Leite Vasconcelos. In *Archeologo Português*. N.s. Vol. 5. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

## Observações

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização do local identificado por André Carneiro

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Este sítio foi identificado num projeto do PNTA/2002- Estudo do Megalitismo Funerário no Alentejo Central.

A visita efectuada ao local nos trabalhos de campo, confirmou a presença de uma macha de vestígios de superfície, nomeadamente materiais de construção e cerâmica comum.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº412 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Situada a treze quilómetros de distância da sede de concelho, na antiga Horta do Cavaleiro, desconhece-se a data da sua fundação, graças também à sua total transformação ao longo dos tempos, especialmente no século XIX, que retirou muitos elementos primitivos. Contudo, o que é conhecido é que já existia em 1534, tendo como seu pároco Diogo Fernandes (Louro, 1974, p.71).

Na frontaria da igreja existem alguns bancos de arcadas, destinados para repouso dos peregrinos. A fachada é relativamente simples, de gosto popular rural, com empena de enrolamento decorado com um cronograma que indica a data de 1896. O campanário tem frontão triangular, com moldura bastante simples, rematado com uma cruz em ferro. No exterior podemos ainda ver o cruzeiro da igreja, decorado com crânios.

O edifício é contrafortado lateralmente por "*gigantes de alvenaria*", existindo, num deles, a servir de poial, uma campa de mármore branco (Espanca, 1975, p.222). Possui porta de ombreiras em mármore, simples, tendo na soleira da entrada, uma outra sepultura, já bastante gasta pelos pés dos fiéis que por ali passam. Por cima da entrada, encontra-se uma pequena janela, com grades em ferro.

O interior da igreja de planta retangular, ainda conserva alguns elementos seiscentistas, como por exemplo, o baptistério e a respetiva pia de grande simplicidade, à exceção da vieira decorativa da cúpula. O teto da igreja era de alvenaria mas com caixotões octogonais e coro, ambos de madeira. O púlpito é uma obra do século XIX, de base calcária e caixa de madeira ligeiramente trabalhada. A capela-mor, de arco triunfal de volta perfeita, foi restaurada em 1965, sendo dessa altura as pinturas do teto. Os altares colaterais são em alvenaria do estilo rococó da segunda metade do século XVIII, dedicados, do lado do Evangelho, a Nossa Senhora do Rosário; e nas mísulas, a Nossa Senhora de Fátima; do lado da Epístola, o Altar das Almas, com S. Miguel, Santo António e Santa Luzia. A sacristia mantém um lavabo de mármore de finais do século XVII, perfeitamente barroco, pré-joanino.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.152-153; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.222-223; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.71; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 127- 128.

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO



Figura 2 - Interior da igreja, altar



Figura 3 (lado direito, cima) - Pormenor da empena com um cronograma que indica a data de 1896.



Figura 4 (lado direito, em baixo) - Pormenor do lavabo da sacristia.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização da Igreja de Santo Estêvão

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Em 1424, já existia no lugar, então chamado S. Bento da Aldeia da Talha, uma ermida, decerto transformada como curado em épocas posteriores, dando origem a uma igreja paroquial. A igreja de São Bento do Cortiço foi fundada em época desconhecida, sabendo-se apenas, que já constava nas Visitações de 1534 (Espanca, 1975, p.219).

Apresentando uma fachada simples e comedida, assente num largo adro de degraus de pedra, esta igreja surpreende principalmente, no interior, pela grandeza desproporcionada dos seus altares colaterais, de mármore colorido de Estremoz, dedicados a Nossa Senhora do Rosário e às Almas. Concebidos na fase final do Rococó (1780), mostram-nos motivos variados, como águias estilizadas, aventais de palmas ou querubins engrinaldados.

A fachada da igreja tem portada com ombreiras em mármore e um pequeno óculo sobre o frontão. O campanário tem empena de pilastras duplas, rematado com enrolamento, contendo sino em bronze.

A capela-mor, com cúpula de meia laranja, tem o arco triunfal pintado de cinzento, enquanto que os vidros laterais, dedicados a Nossa Senhora do Rosário e S. Bento, estão pintados a azul e amarelo (Mendeiros, 2001,p.142).

Com as obras feitas pelo pároco, padre José Branco em 1979, a igreja foi quase totalmente transformada; o púlpito e o coro foram retirados e o teto de madeira, foi substituído por uma nova cobertura. No Baptistério, destacavam-se os medalhões com interpretações de temas do Batismo de Jesus, desaparecidos com estas obras (Espanca, 1975,p.220). Possui uma pia baptismal octogonal, levemente ornamentada, de mármore branco e um cruzeiro decorado com motivos funerários.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## FICHA DE SÍTIO

### Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.156; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 219-220; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.33; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 141-142.

### Observações

### Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Igreja de São Bento do Cortiço

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

O Moinho das Figueiras trata-se de um moinho de vento, construído em alvenaria de pedra. Apresenta uma estrutura circular em forma de "torre", outrora encimada por uma cobertura cónica (capelo), que excedia o diâmetro do edifício, formando assim um pequeno beiral. O tejadilho, atualmente inexistente seria rotativo para adaptação do velame à direção dos ventos. Este moinho de vento, bem como todos os outros existentes no concelho, foi concebido para funcionar em todas as direções.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

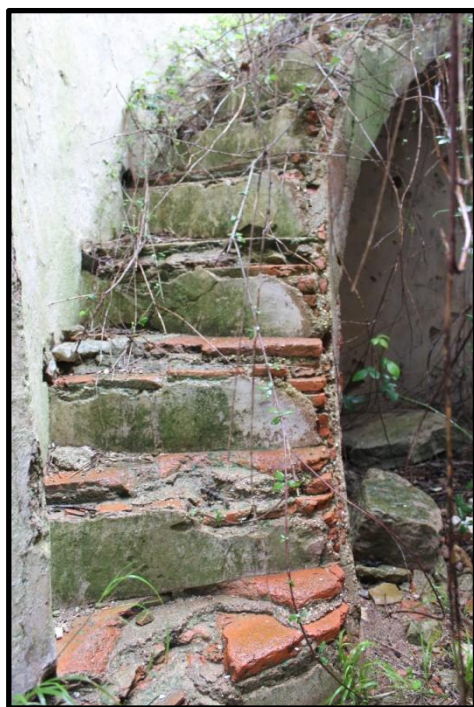
Bibliografia

Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada principal do moinho.



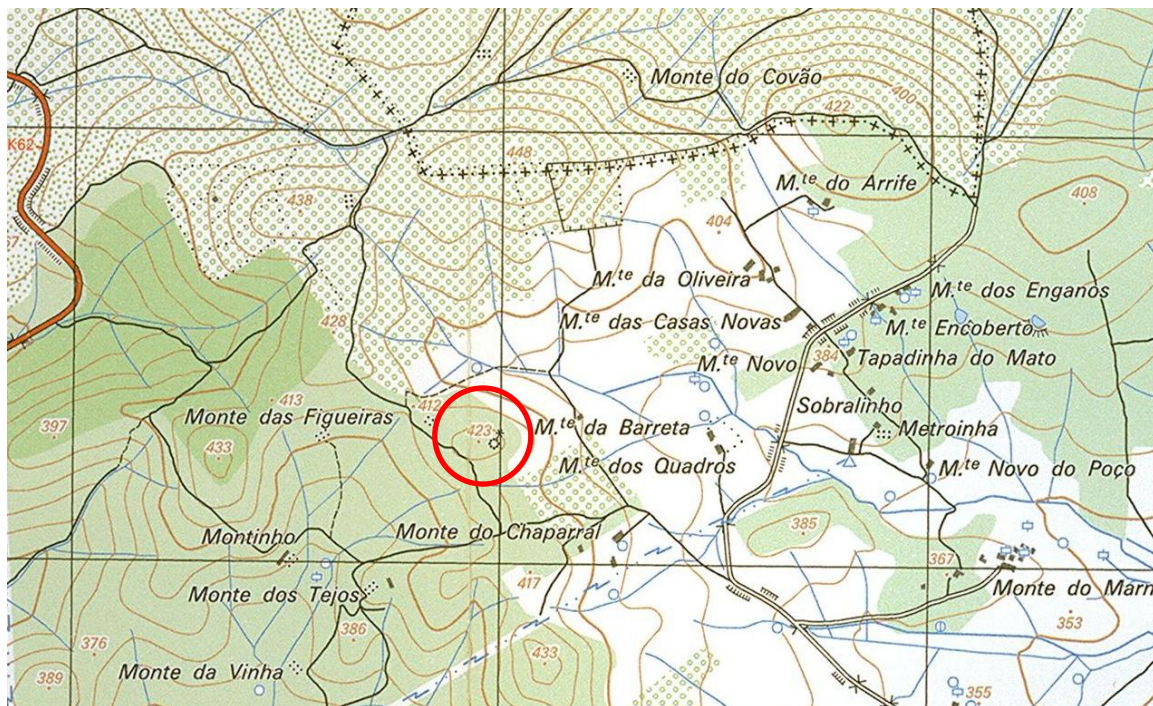
**Figura 2-** Escada de acesso ao piso superior.



**Figura 3-** Janela lateral do moinho.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização do moinho.

**UNIÃO DAS  
FREGUESIAS DE SÃO  
LOURENÇO DE  
MAMPORCÃO E SÃO  
BENTO DE ANA LOURA**



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação	<input type="text" value="Castelo Velho de Veiros/ Herdade do Castelo Velho"/>				
Distrito	<input type="text" value="Évora"/>	Concelho	<input type="text" value="Estremoz"/>		
Freguesia/Lugar	<input type="text" value="São Bento de Ana Loura"/>	Topónimo	<input type="text" value="Castelo Velho"/>		
CNS	<input type="text" value="16999/3427"/>	CMP 1:25 000 folha n.º	<input type="text" value="412"/>	Altitude (m)	<input type="text" value="311m"/>
Coordenada (N)	<input type="text" value="38° 55.896'"/>	Coordenada (W)	<input type="text" value="007° 29.868'"/>		
Tipo de Sítio	<input type="text" value="Povoado Fortificado"/>	Período Cronológico	<input type="text" value="Idade do Ferro/Romano"/>		

## Descrição do Sítio

O Castelo Velho de Veiros situa-se na freguesia de São Bento de Ana Loura, no cimo de um outeiro, ladeado pela ribeiras da Orada e de Ana Loura. Trata-se de um povoado fortificado que teve ocupação desde a Idade do Ferro prolongando-se até inícios da época imperial romana.

O Castelo Velho de Veiros, como sítio arqueológico, foi identificado por José Morais Arnaud em 1967 e só em 1969 foram iniciadas as escavações no sítio.

Nos trabalhos de campo realizados ao local foi possível identificar troços de muralha com cerca de 2m de altura, todavia a maior parte já se encontra bastante arruinada. A área de dispersão dos vestígios é de cerca de 4 hectares. Para além de muitos fragmentos cerâmicos à superfície, nomeadamente cerâmica comum e cerâmica de construção (fragmento de tijolo) e *tegulae*, são ainda visíveis alguns montes de pedra solta de xisto, provavelmente pertencentes à muralha.

No interior do povoado fortificado podemos encontrar duas construções de falsa cúpula. Uma delas encontra-se relativamente bem conservada, a outra já está bastante arruinada. São constituídas por lajes de xisto em fiadas, sem qualquer elemento ligante, numa delas podemos observar uma porta e uma janela. Não foi efetuada qualquer escavação ao local, pelo que não se sabe, qual seria a sua primitiva utilização.

Acessos

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Construções de falsa cúpula



**Figura 2 e 3 -** Troços de muralha



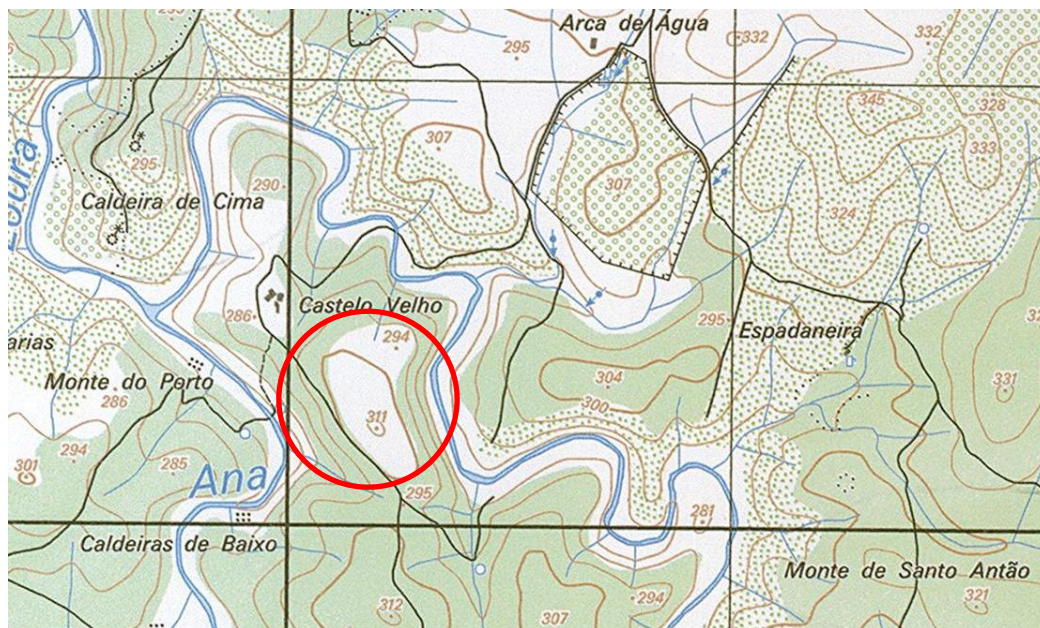
**Figura 4 (lado esquerdo) -** Vista aérea do povoado

Fonte: Google Earth

**Figura 5 (lado direito) -** Enquadramento geral do sítio

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 2- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do povoado

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Os vestígios encontram-se junto à Igreja de São Bento de Ana Loura, próximo de dois cursos de água: a Ribeira de Ana Loura, e um pequeno ribeiro, no entanto, sem desfrutar de um grande domínio visual.

Junto à estrada que dá acesso à Igreja, num grande amontoado de pedras, podemos encontrar vários elementos arquitectónicos de granito, como silhares e fragmentos de coluna muito fragmentados. No terreno, são visíveis fragmentos de *tegulae*, e *imbrices*, pequenos blocos de *opus signinum*, fragmentos de *dolia*, e alguma cerâmica comum. A área de dispersão dos materiais tem cerca de um hectare. Estes factores apontam claramente para a existência neste local de uma *villa* com alguma dimensão e importância.

Surgem algumas notícias que fazem referência a vestígios encontrados junto da sede de freguesia (igreja) e que podem estar ligadas a este sítio: "Também na freguesia de São Bento de Ana Loura (...), próximo da sede de freguesia, restos visíveis das ruínas de um tanque, que se fosse posto a descoberto nos daria demonstrações claras de uma piscina. Muito recentemente encontraram-se por aqui também algumas sepulturas quando se procedia a trabalhos agrícolas." (Crespo, 1950, p.9). Para além desta estrutura hidráulica, André Carneiro, faz referência há existência de uma pequena barragem, próxima do curso de água mais pequeno "aproveitando o afloramento, reforçado com blocos de quartzo unidos com terra húmida" (Carneiro, 2011, p.179).

Sair do IP2 em direcção à Freguesia de S. Lourenço de Mamporcão, seguir pela EM 505 em direcção a S. Bento de Ana Loura (atrás da igreja)

## Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

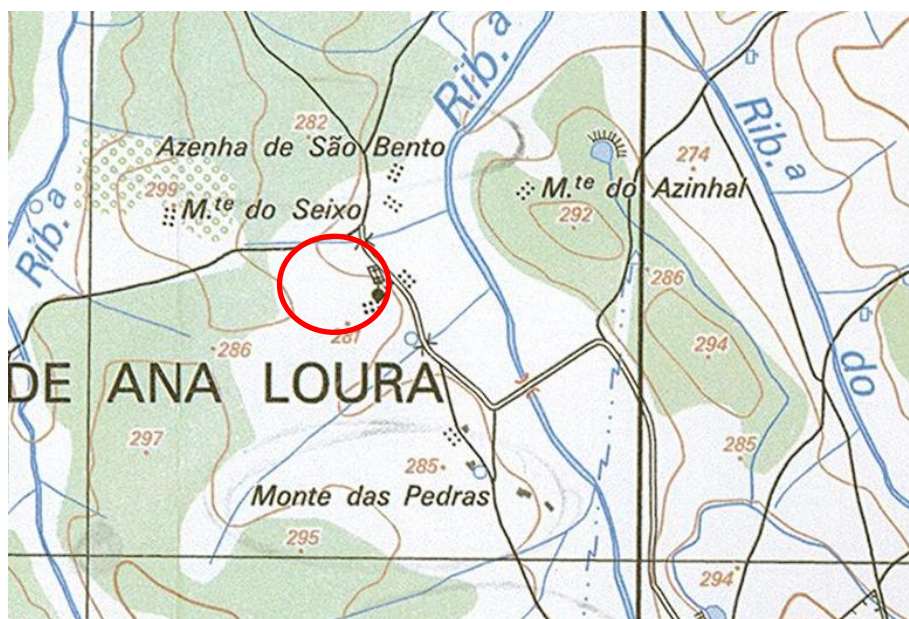
Vide CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora, p. 179; CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo "regional"*. Estremoz: Marques Crespo, p.9.

## Observações

Outras referências: Processo IGESPAR 2002/1(502).

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

O sítio foi identificado num acompanhamento arqueológico no âmbito do EIA - Barragem dos Veiros.

Localiza-se no topo de um cabeço com um declive ligeiramente acentuado a Nordeste, para a Ribeira de Ana Loura. Nos trabalhos de campo efetuados ao local foram identificados fragmentos de materiais cerâmicos de construção e comuns.

Acessos

Uso do Solo

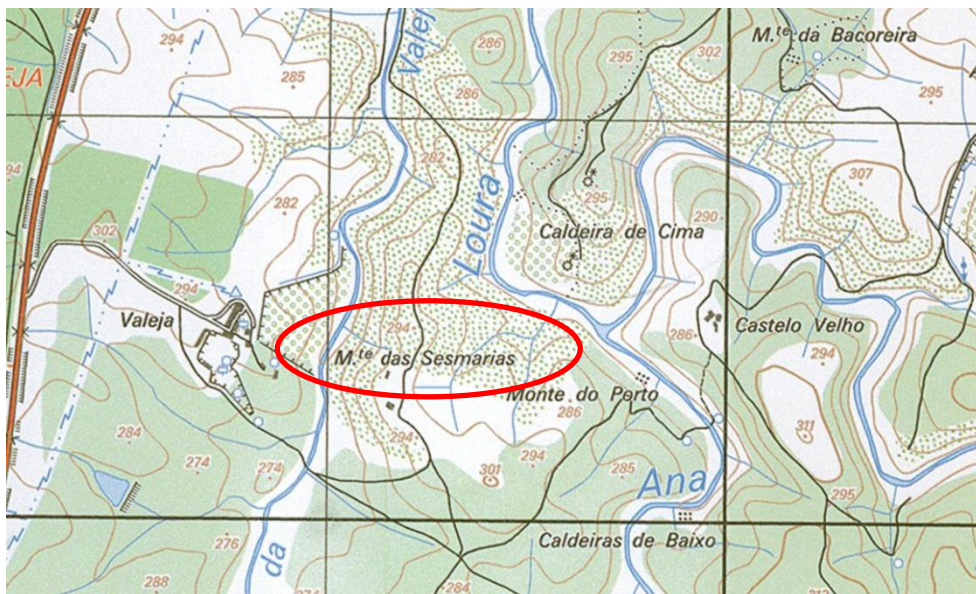
Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

43

Designação

Igreja de São Lourenço

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

São Lourenço de Mamporcão

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

412

Altitude (m)

348m

Coordenada (N)

38° 53.517'

Coordenada (W)

007° 32.675'

Tipo de Sítio

Igreja

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

Situada no alto de um outeiro, a Igreja de São Lourenço, já existia em 1519, na posse de João Nuno de Oliveira que a doou ao Convento de São Francisco de Estremoz. Reconstruída totalmente aquando da visitação de 1534, já era curada nesta altura, desconhecendo-se a data da sua fundação (Espanca, 1975, p.248).

A estrutura principal da igreja, o corpo, poderá indiciar, pela sua simplicidade, uma obra quinhentista pós-manuelina, mas é difícil de comprovar visto ser um modelo que ainda é utilizado posteriormente em construções de carácter popular. Além do mais, os indícios de obras estruturais nos séculos XVII-XVIII são tantos que se torna complicado apontar o que será do edifício original.

No exterior, a igreja apresenta na sua fachada um frontão triangular muito simples, com o campanário à esquerda e sino de inícios do século XIX. A cobertura exterior da abside, de duas águas, parece ter sido construída no século XVII.

O interior é também modesto, possui nave de alçados lisos, coro e teto arredondado, púlpito de caixa quadrada, ao gosto setecentista, e uma pia de água benta, de mármore. A capela-mor, de planta retangular, com retábulo de alvenaria barroco do reinado de D. João V (r. 1707-1750), apresenta também alguns elementos típicos do século XVIII, nomeadamente a abóbada decorada por caixotões, dispostos em três esteiras molduradas.

O altar central possui três nichos do estilo rococó; tendo ao centro a imagem do Padroeiro São Lourenço. Os altares laterais são dos poucos das igrejas rurais do concelho que ostentam talha dourada de 1700. O do lado do Evangelho, dedicado a Nossa Senhora do Rosário; o do lado da Epístola, o Altar das Almas, com S. Miguel.

Também barroco mas anterior, do reinado de D. Pedro II (r. 1675-1706), é o lavabo de mármore existente na sacristia, com volutas e máscara antropomórfica (Mendeiros, 2001, p.150).

Acessos

Rua de São Lourenço, São Lourenço de Mamporcão

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.97-98; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 248-249; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.51; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 149- 150.

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

## FICHA DE SÍTIO

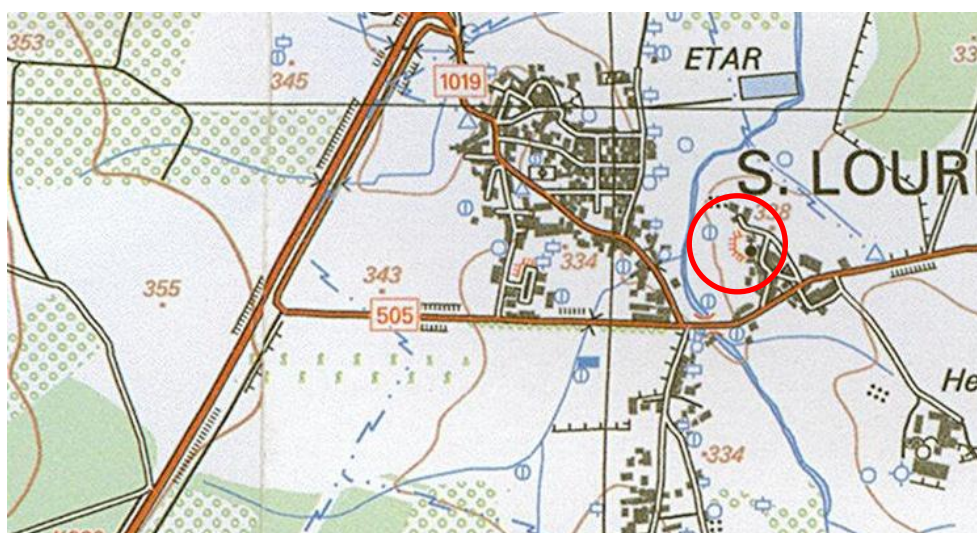


**Figura 2 (lado esquerdo, em cima)** -  
Decoração da abóbada em caixotões

**Figura 3 (lado esquerdo, em baixo)** -  
Pormenor da talha dourada de um dos altares.

**Figura 4 (lado direito)** - Lavabo da Sacristia.

### Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Igreja de São Lourenço

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

44

Designação Igreja de São Bento

Distrito Évora

Concelho Estremoz

Freguesia/Lugar São Bento de Ana Loura

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

412

Altitude (m)

284m

Coordenada (N)

38° 54.943'

Coordenada (W)

007° 30.360'

Tipo de Sítio

Igreja

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

A notícia mais antiga a respeito desta igreja é a visitação de 1534 pelo Bispo Infante D.Afonso, sendo seu pároco o padre Álvaro Rodrigues (Espanca, 1975, p.218).

Tal como outras igrejas do concelho, a Igreja de São Bento de Ana Loura, também foi alvo de várias mudanças profundas a partir do século XVII, e nos dois séculos seguintes.

A frontaria da igreja muito modesta, possui empena triangular sendo o campanário e respetivo frontão apilastrados, na altura munido de um sino de bronze, hoje inexistente. Todo o seu corpo indica simplicidade tipicamente rural; o pórtico de entrada muito simples, possui apenas uma ombreira direita de mármore, sem qualquer elemento decorativo. Nos alçados laterais da igreja podemos ver algumas cruces de mármore branco, representando a Via Sacra, uma em particular provavelmente em memória de uma figura importante daquela terra (AM. ° CORTES) e outra com as iniciais J.N.R.I.. Na entrada possui uma sepultura seiscentista do paroquiano (António Martins) e um cruzeiro adossado ao muro fronteiro (apenas restam vestígios).

A capela-mor mantém ainda a estrutura de inícios do século XVI. Poderá esta também ser originalmente uma cuba, acrescentada posteriormente por necessidade de albergar debaixo de teto os seus fiéis. Aliás, a tipologia arquitetónica deste sólido é bem diferente do resto da igreja, nomeadamente na falta de beirais trilobados ou na estética claramente renascentista das gárgulas, tal como a independência destas em relação ao resto do corpo. Possuía um relógio-de-sol, também de mármore, datado de 1795 (Espanca, 1975, p.218).

O interior da igreja é de grande simplicidade, com exceção apenas para alguma exuberância em talha ou decoração mural.

O cemitério é certamente de data posterior a 1854 (proibição dos enterramentos nas igrejas). A maior parte dos túmulos pertencem a elementos da família “Cortes”, ligados à Herdade da Valeja.

Acessos

Sair do IP2 em direcção à Freguesia de S. Lourenço de Mamporcão, seguir pela EM 505 em direcção a S. Bento de Ana Loura (a igreja encontra-se sinalizada).

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.106-107; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 217-218; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.17; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 137- 138.

## Observações

A igreja encontra-se parcialmente abandonada.

## Registo Fotográfico

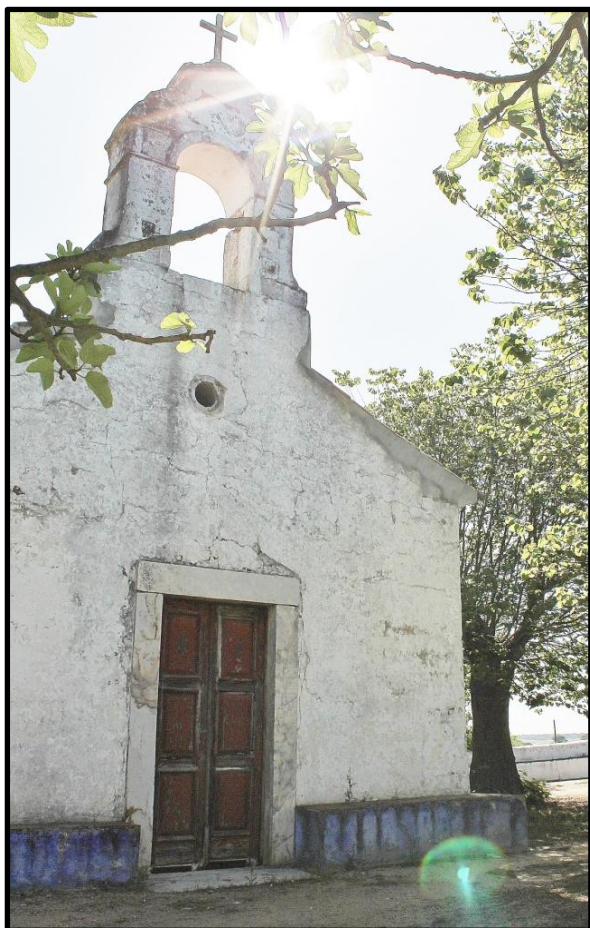


Figura 1- Fachada do Edifício



Figura 2- Cruz que se encontra no alçado lateral direito da igreja, provavelmente em memória de uma figura importante daquela terra (AM. ° CORTES).

# FICHA DE SÍTIO



Figura 3- Fachada do Edifício, pormenor do campanário e frontão

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Igreja de São Bento de Ana Loura

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

45

Designação Ermida de São Romão/ Ermida de Santa Cruz

Distrito Évora

Concelho Estremoz

Freguesia/Lugar São Lourenço de Mamporcão

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

412

Altitude (m)

389m

Coordenada (N)

38° 52.540'

Coordenada (W)

007° 32.933'

Tipo de Sítio

Ermida

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

Antigamente denominada de Santa Cruz, a ermida de São Romão pertence à Freguesia de São Lourenço de Mamporcão e encontra-se situada no alto de um monte, dominando toda a zona envolvente. Desconhece-se a data da sua fundação, sabendo-se apenas que terá sido reconstruída depois das Guerras da Restauração, nos finais do século XVII (Espanca, 1975, p.249).

Em redor do seu terreiro, realizava-se, antigamente, as festas em honra do seu padroeiro (São Romão). Hoje, ainda se mantém a tradição, com festividades nos finais de maio. Também tinha mercado franco, hoje inexistente.

O alpendre da ermida foi reconstruído em 1953, visto que o original se arruinou nesta altura. A fachada caracteriza-se por um frontão triangular, muito simples, decorado por um campanário que em tempos possuía um sino de bronze, estampilhado com as cinco chagas de Cristo; ao lado uma volumosa cruz de mármore branco assente numa base esculpida.

O telhado é de duas águas e cornija de friso trilobado, sendo a cobertura da ábside de linhas radiadas, ao uso tradicional da época seiscentista.

Ainda no exterior da ermida, no vasto adro, levanta-se o cruzeiro de pedra mármore regional, contemporâneo e com as habituais letras do Calvário: I.N.R.I.

No ano de 2004, a Ermida foi alvo de obras de restauro e conservação. A sua nave é de planta retangular, possuindo um teto de meio canhão e alçados divididos por duas arcadas falsas, redondas. O chão era de ladrilho vermelho, substituído por tijoleira contemporânea. Á entrada da ermida, construído de alvenaria muito simples encontramos o púlpito de planta retangular. A capela-mor antecedida de arco mestre redondo venerava a imagem de Jesus Crucificado, outrora revestida de pinturas a fresco, estando atualmente visíveis.

Acessos

São Romão, São Lourenço de Mamporcão

Uso do Solo

Pastoreio

Conservação/Ameaças

Bom/ Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.98-99; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.249.

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada do Edifício



**Figura 2-** Traseiras da Ermida, pormenor da cúpula



**Figura 3-** Campanário e cruz de remate fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO

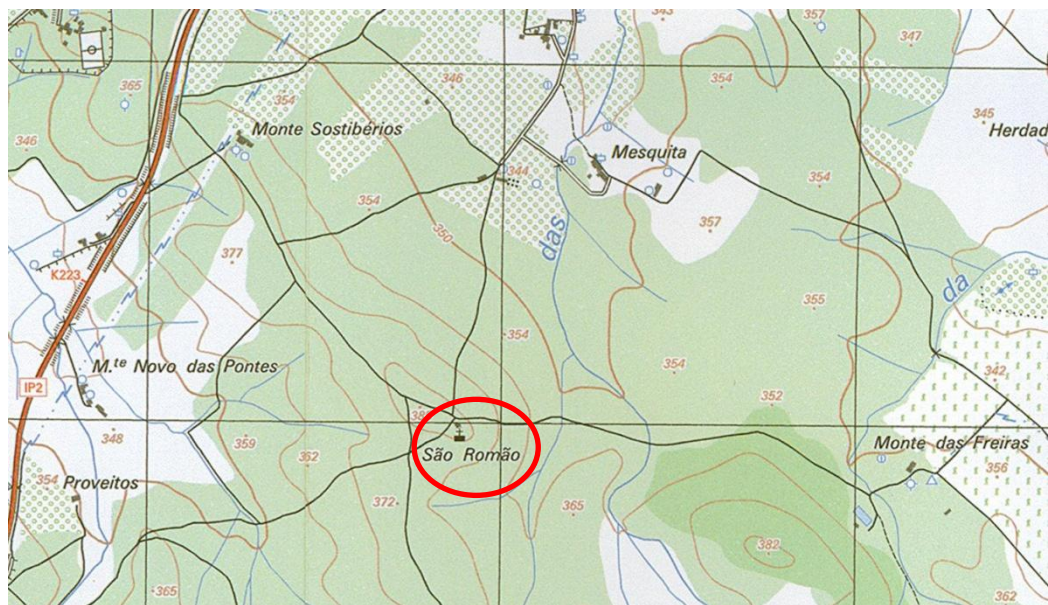


Figura 4- Pinturas murais do interior da capela



Figura 5 - Pormenor da talha dourada do altar

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar n° 412 com a localização da Ermida de São Romão

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Conhecida também, como Ermida de Santo Antão Abade, está situada a cerca de quatro quilómetros da freguesia de São Bento de Ana Loura. Desconhecendo-se a data da sua fundação, sabendo-se apenas que já existia nos inícios do século XVIII, uma vez que é feita uma descrição deste edifício nas *"Memórias Paroquiais de 1758"*.

Artisticamente e arquitetonicamente muito singela, denuncia arquitetura seiscentista ou setecentista de cariz claramente rural.

O edifício de cariz espiritual encontra-se apoiado por contrafortes grosseiros e a sua fachada está decorada com um discreto campanário, rodeado de volutas com enrolamento. Possuía um alpendre com telhado de duas águas, apoiado em três grosseiros pilares de alvenaria. A capela-mor era antecedida por um atarracado arco redondo, apresentando ainda vestígios de pinturas murais.

Hoje bastante arruinada, rodeada de vegetação e com o telhado da nave completamente abatido, a Ermida de Santo Antão O Velho, era um importante local de romaria da região, especialmente ligada à bênção do gado.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

*Vide* COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p. 107; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 218-219.

# FICHA DE SÍTIO

O acesso ao edifício é praticamente impossível, a ermida encontra-se abandonada, em elevado estado de degradação, rodeada de silvas.

Associado a esta ermida, ainda permanece na memória da população algumas lembranças ligadas aos rituais da bênção dos animais que era feita neste local. Os fiéis ofertavam enchidos e outras carnes de porco, pendurando-as numa figueira próxima da Ermida.

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Traseiras da Ermida (contrafortes).



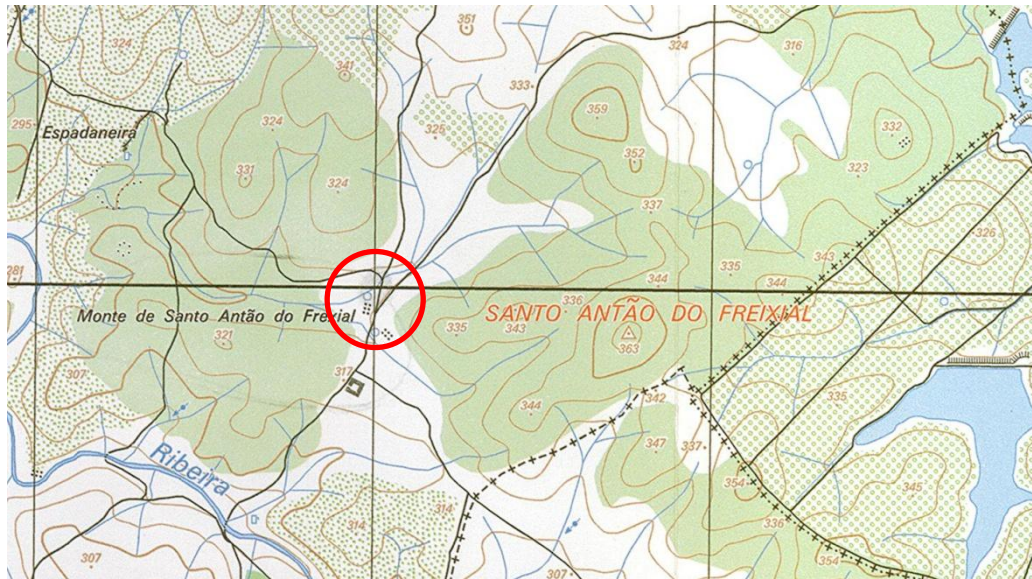
**Figura 2 -** Campanário da Ermida visto das traseiras.



**Figura 3-** Fachada da Ermida, pormenor do campanário visto de frente

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Igreja de Santo Antão O Velho

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

47

Designação

Portal Horta de São Bento

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

São Bento de Ana Loura

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

412

Altitude (m)

277m

Coordenada (N)

38° 54.859'

Coordenada (W)

007° 30.292'

Tipo de Sítio

Portal

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

Este portal encontra-se a cerca de 300m da igreja de S. Bento de Ana Loura e à mesma distância de outro portal (Portal de S.Bento).

Trata-se possivelmente de uma antiga entrada de uma herdade, construído em tijolo e alvenaria e coberto com estuque e pintado em tons azuis e brancos.

Acessos

Sair do IP2 junto ao Almagre, continuar no Caminho C1A até à Igreja/Cemitério de S. Bento de Ana Loura, seguir em frente e na bifurcação virar à esquerda.

Uso do Solo

Pastoreio/Agrícola

Conservação/Ameaças

Mau/ Abandono

Bibliografia

*Vide* NISA, João; FALÃO, Tânia Maria e ROQUE, Conceição (2012) - *Acompanhamento Arqueológico do Projecto de Execução da Barragem de Veiros. Relatório Final*. Veiros: Archeo'Estudos.

Observações

Encontra-se coberto de vegetação (silvas), em quase toda a sua totalidade.

# FICHA DE SÍTIO

---

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Enquadramento geral

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Trata-se de uma portal, possivelmente antiga entrada da Herdade de S. Bento, construído em tijolo e coberto com estuque. O frontão, adornado por volutas, possui no cimo um nicho onde ficaria situado o Santo Padroeiro da herdade (S. Bento), hoje desaparecido. Em época posterior foi-lhe adossada uma pequena construção, que veio a obstruir parte da entrada.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

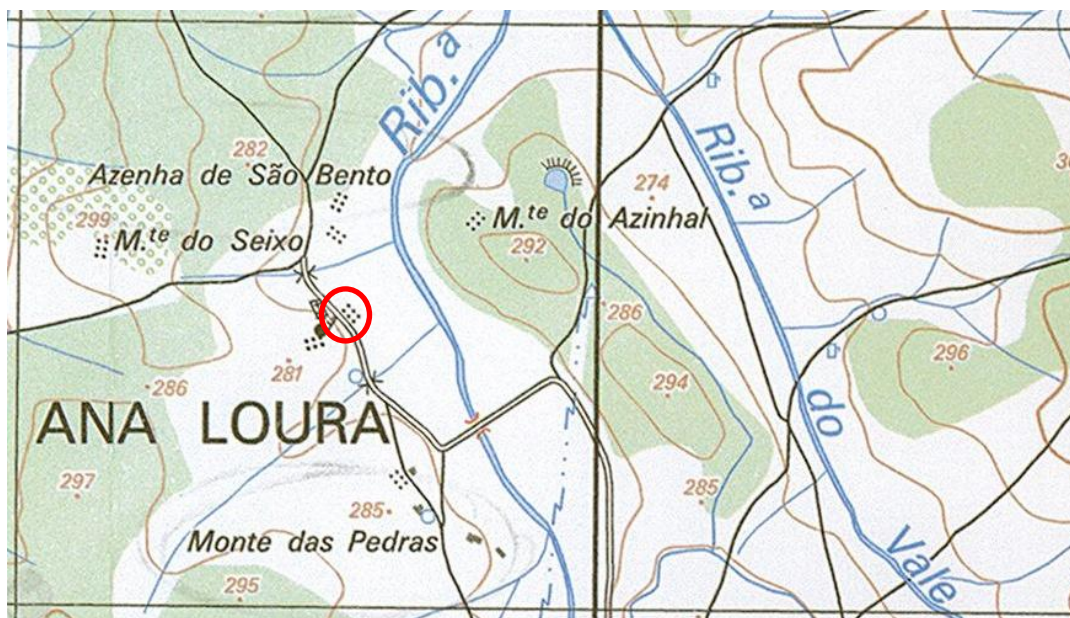
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do portal.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação	<input type="text" value="Azenha dos Aferidos/ Azenha dos dois Aferidos"/>		
Distrito	<input type="text" value="Évora"/>	Concelho	<input type="text" value="Estremoz"/>
Freguesia/Lugar	<input type="text" value="São Bento de Ana Loura"/>	Topónimo	<input type="text"/>
CNS/N.º IPA	<input type="text"/>	CMP 1:25 000 folha n.º	<input type="text" value="412"/>
		Altitude (m)	<input type="text" value="325m"/>
Coordenada (N)	<input type="text" value="38° 53.273'"/>	Coordenada (W)	<input type="text" value="007° 29.656'"/>
Tipo de Sítio	<input type="text" value="Azenha"/>	Período Cronológico	<input type="text" value="Moderno"/>

## Descrição do Sítio

A Azenha Nova, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, que faz referência a esta azenha. Apesar de não ser um documento conclusivo, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura, seguindo pela Estrada Municipal 1022 (caminho de terra batida), o local encontra-se do lado direito da estrada, próximo do Monte do Montinho.

## Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

## Observações

O local encontra-se em propriedade privada e vedado. Difícil acesso.

# FICHA DE SÍTIO

---

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fotografia área do local onde se encontra a azenha.  
Fonte: Virtual Earth

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha do Pisão dos Panos faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício foi mais tarde adaptado para habitação e por esse motivo já não conservam os elementos que faziam parte da azenha. A água era transportada por um algeroz, que ainda hoje se conserva, até chegar à roda vertical.

Esta azenha encontra-se apenas referenciada em PDM (1995), Poderá ter sido construída numa época posterior ao século XVIII, visto que também não aparece no mapa das azenhas e pisões que existiram no termo de Estremoz (1780).

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura, seguindo pela Estrada Municipal 1022 (caminho de terra batida), o local encontra-se do lado direito da estrada, no Monte do Pisão dos Panos.

## Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Parte do canal (algeroz) que conduzia a água até á roda vertical, e que ainda hoje se conserva junto á habitação.

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **51**

Designação **Azenha da Amoreira**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Bento de Ana Loura**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**412**

Altitude (m)

**309m**

Coordenada (N) **38° 53.667'**

Coordenada (W) **007° 29.706'**

Tipo de Sítio **Azenha**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A Azenha da Amoreira faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Esta azenha apresenta planta retangular com duas zonas térreas funcionalmente distintas: uma delas destinava-se ao aparelho motor da roda vertical de madeira, enquanto que na outra funcionava a moenda propriamente dita. A água era transportada por uma levada térrea e por um algeroz, que ainda hoje se conserva, até chegar à roda vertical. O edifício foi adaptado para habitação, no entanto ainda conserva alguns dos elementos que faziam parte dos mecanismos internos da azenha, nomeadamente a entrosga.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não ser um documento conclusivo, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura, seguindo pela Estrada Municipal 1022 (caminho de terra batida), o local encontra-se do lado direito da estrada.

Uso do Solo

**Agrícola**

Conservação/Ameaças

**Regular**

Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

Observações

O local é propriedade privada, e encontra-se vedado.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico

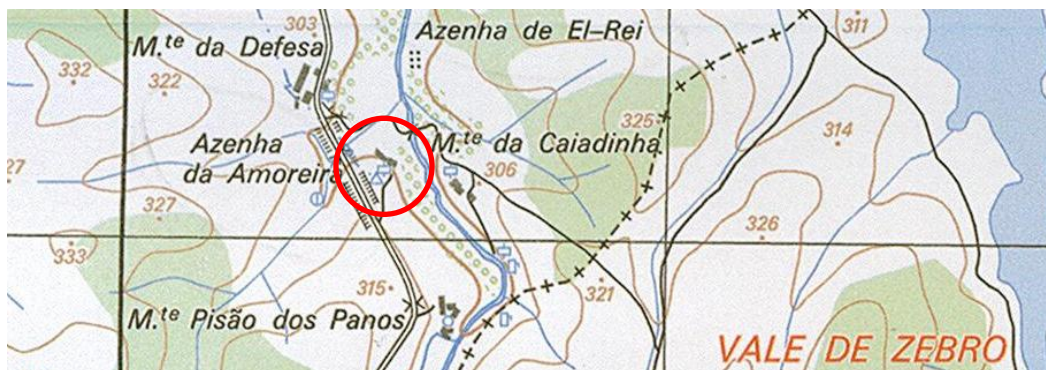


Figura 1- Mecanismo interno da azenha: "entrosga" (roda dentada, em madeira, também em posição vertical, que repete o movimento da roda de água)



Figura 2- Local onde se encontrava a roda vertical da azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha de El-Rei, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Os vestígios desta antiga azenha de propulsão superior, resumem-se aos alicerces de uma planta retangular e ao canal/algeroz que conduzia a água, que ainda se conserva em muito bom estado.

Esta azenha encontra-se apenas referenciada em PDM (1995). Poderá ter sido construída numa época posterior ao século XVIII, visto que não aparece no mapa das azenhas e pisões que existiram no termo de Estremoz (1780).

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura, seguindo pela Estrada Municipal 1022 (caminho de terra batida), o local encontra-se do lado direito da estrada, próximo do Monte da Defesa.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Parte do canal (algeroz) que conduzia a água até á roda vertical, e que ainda hoje se conserva junto á habitação.

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha das Romeiras faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Os vestígios desta antiga azenha de propulsão superior resumem-se aos alicerces de uma planta retangular e ao canal/algeroz que conduzia a água, que ainda se conserva em muito bom estado.

Esta azenha encontra-se apenas referenciada em PDM (1995). Poderá ter sido construída numa época posterior ao século XVIII, visto que não aparece no mapa das azenhas e pisões que existiram no termo de Estremoz (1780).

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura, seguindo pela Estrada Municipal 1022 (caminho de terra batida), o local encontra-se do lado direito da estrada, próximo do Monte da Hortinha.

## Acessos

Uso do Solo

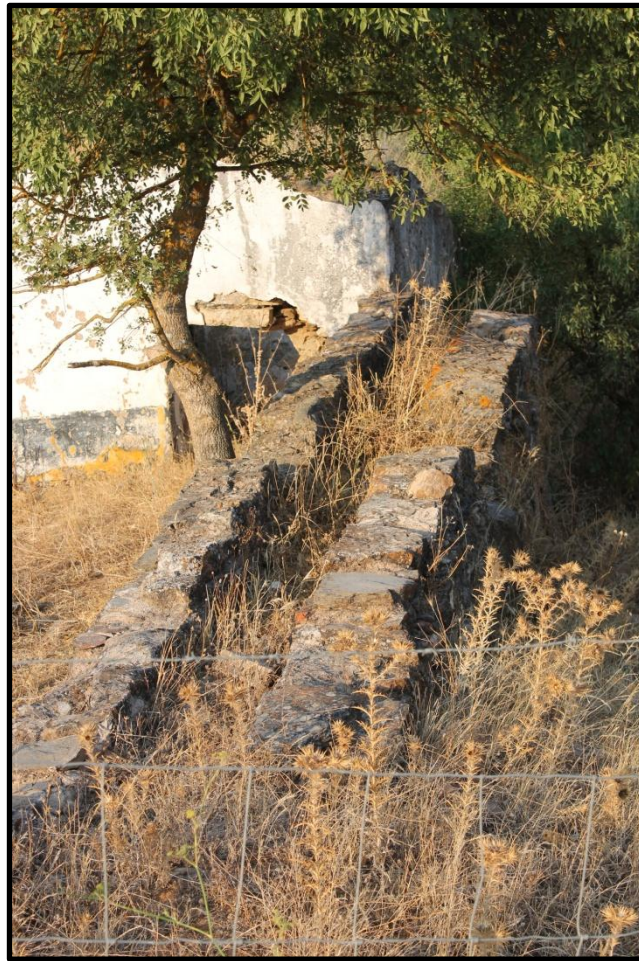
Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Parte do canal (algeroz) que conduzia a água até á roda vertical, e que ainda hoje se conserva junto á habitação.

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

54

Designação

Azenha das Janelas

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

São Bento de Ana Loura

Topónimo

Janelas

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

412

Altitude (m)

300m

Coordenada (N)

38° 54.310'

Coordenada (W)

007° 29.729'

Tipo de Sítio

Azenha

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

A Azenha das Janelas, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Os vestígios desta antiga azenha de propulsão superior resumem-se ao canal/algeroz que conduzia a água até à roda vertical da azenha. O edifício foi mais tarde adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, que faz referência a esta azenha. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura, seguindo pela Estrada Municipal 1022 (caminho de terra batida), o local encontra-se do lado direito da estrada, junto ao Monte das Janelas.

Uso do Solo

Agrícola

Conservação/Ameaças

Destruído

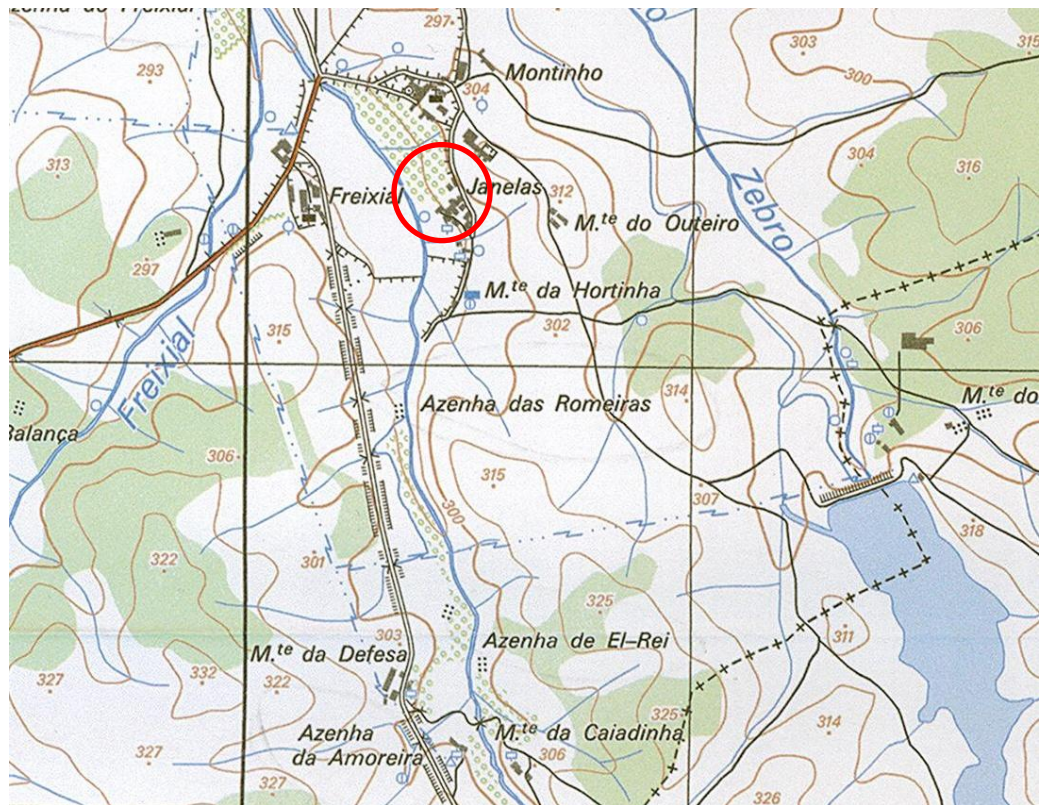
Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha do Freixial, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Os vestígios desta antiga azenha de propulsão superior resumem-se ao canal/algeroz que conduzia a água até à roda vertical. O edifício foi mais tarde adaptado para habitação e por esse motivo já não conserva os elementos que faziam parte da azenha.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, muitas das azenhas do concelho já estariam em laboração.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha Velha faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. O edifício encontra-se em elevado estado de derrocada. Os vestígios desta antiga azenha de propulsão superior resumem-se ao canal/algeroz que conduzia a água até à roda vertical. O edifício foi mais tarde adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, muitas das azenhas do concelho já estariam em laboração.

Acessos

Uso do Solo

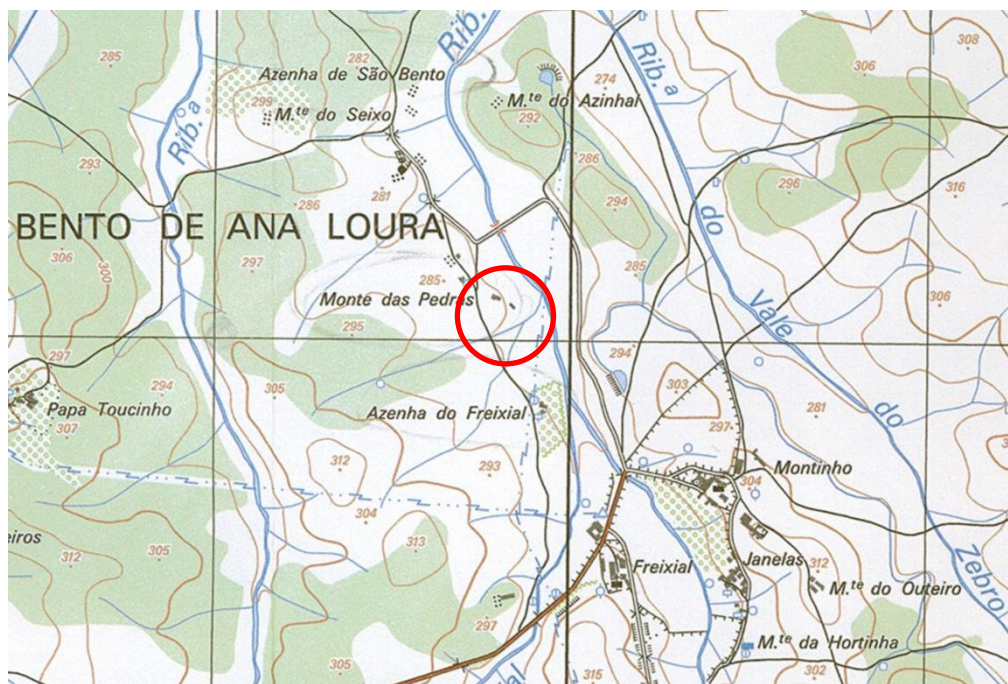
Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha de São Bento faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. O edifício encontra-se em ruína e coberto de vegetação, já pouco se pode aferir da planta do edifício. A água era transportada por uma levada térrea e por um algeroz, até chegar à roda vertical.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Local onde se encontrava a azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha das Roupadas faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício foi mais tarde adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha. A água era transportada por uma levada térrea que vinha da Azenha de São Bento, e por um algeroz, que ainda hoje se conserva, até chegar à roda vertical.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, que faz referência a esta azenha. Apesar de não ser um documento conclusivo, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Parte do canal (algeroz) que conduzia a água até á roda vertical, e que ainda hoje se conserva junto á habitação.

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha da Nogueira faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da azenha propriamente dita, já nada resta. O edifício encontra-se totalmente destruído. Encontra-se no perímetro que será afetado pela Barragem de Veiros, pelo que ficará submerso pelas águas da albufeira.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, que faz referência a esta azenha. Apesar de não ser um documento conclusivo, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fotografia aérea do local onde se encontrava a antiga azenha.  
Fonte: Virtual Earth

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha da Caldeira faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício encontra-se em ruína e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha. A água era transportada por uma levada térrea, e por um algeroz, que ainda hoje se conservam, até chegar à roda vertical. Encontra-se no perímetro que será afetado pela Barragem de Veiros, pelo que ficará submerso pelas águas da albufeira.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, que faz referência a esta azenha. Apesar de não ser um documento conclusivo, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Parte do canal (algeroz) que conduzia a água até á roda vertical, e que ainda hoje se conserva junto á habitação.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

61

Designação

Azenha do Porto

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

São Bento de Ana Loura

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

412

Altitude (m)

275m

Coordenada (N)

38° 55.956'

Coordenada (W)

007° 30.153'

Tipo de Sítio

Azenha

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

A Azenha do Porto faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. A água era transportada por uma levada térrea e por um algeroz, que ainda hoje se conservam, até chegar à roda vertical, que apesar de se encontrar em muito mau estado, ainda se conserva no local. O edifício localiza-se no perímetro afetado pela Barragem de Veiros, pelo que ficará submerso pelas águas da albufeira.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não ser um documento conclusivo, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Sair do IP2 junto ao Almagre, continuar no Caminho C1A até à Azenha da Roupada.

Uso do Solo

Agrícola

Conservação/Ameaças

Em perigo

Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

Observações

Submerso pelas águas da Barragem de Veiros.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico

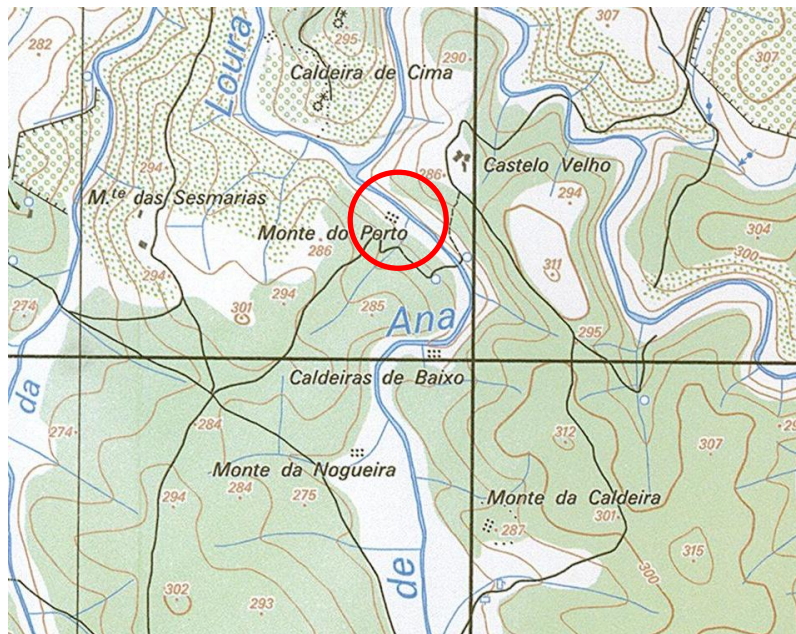


Figura 1- Algeroz



Figura 2- Roda vertical da azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha da Caldeira faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da azenha propriamente dita, já nada resta. O edifício encontra-se totalmente destruído. Encontra-se no perímetro que será afetado pela Barragem de Veiros, pelo que ficará submerso pelas águas da albufeira.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, que faz referência a esta azenha. Apesar de não ser um documento conclusivo, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

---

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fotografia aérea do local onde se encontrava a antiga azenha.  
Fonte: Virtual Earth

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **63**

Designação	Monte da Cortiça		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	São Lourenço de Mamporcão	Topónimo	
CNS/N.º IPA		CMP 1:25 000 folha n.º	412
		Altitude (m)	357m
Coordenada (N)	38° 52.845'	Coordenada (W)	007° 32.507'
Tipo de Sítio	Vestígios diversos	Período Cronológico	Indeterminado Romano/Medieval (?)

## Descrição do Sítio

Este sítio encontra-se próximo do Monte da Cortiça (S. Lourenço de Mamporcão), numa pequena elevação que se destaca na paisagem (374m de altitude), e próximo de um ribeiro.

O sítio identificado nos trabalhos de campo, encontra-se do lado direito da estrada, nas traseiras do monte, numa ligeira depressão no terreno. Os testemunhos artefactuais encontrados foram essencialmente material de construção, nomeadamente *tegulae*, e alguma cerâmica comum, bastante rolada. A área de dispersão dos materiais é de cerca de 400 m<sup>2</sup>. O proprietário do terreno refere que desde que tomou posse das terras, recolheu muitas "pedras que possivelmente faziam parte de uma construção que ali existiu", de forma a limpar o terreno para a prática agrícola.

No entanto, existem indicadores da existência de uma necrópole, que pode estar relacionada com a ocupação do sítio: o local referido, encontra-se a 200m do topónimo apresentado na carta militar como "Mesquita", onde, segundo informação oral, á cerca de 60 anos foram descobertas, aquando da realização de lavouras na zona, "algumas lajes de pedra, que pareciam de sepulturas", no entanto, "nunca foram encontrados ossos humanos". O local foi percorrido na tentativa de verificarmos a presença de vestígios, todavia o único elemento que pode estar relacionado com essa "necrópole" é uma laje que se encontra a fazer de pavimento, no Monte do Rei Simão.

## Acessos

Seguir pelo IP 2 em direcção a São Lourenço de Mamporcão. Ao entrar na freguesia, seguir em direcção à igreja de S. Romão (sinalizada), o Monte da Cortiça, encontra-se do lado esquerdo da estrada, já fora da povoação.

## Uso do Solo

Pastoreio/Agrícola

## Conservação/Ameaças

Mau/ Agricultura

## Bibliografia

*Inédito*

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Gráfico

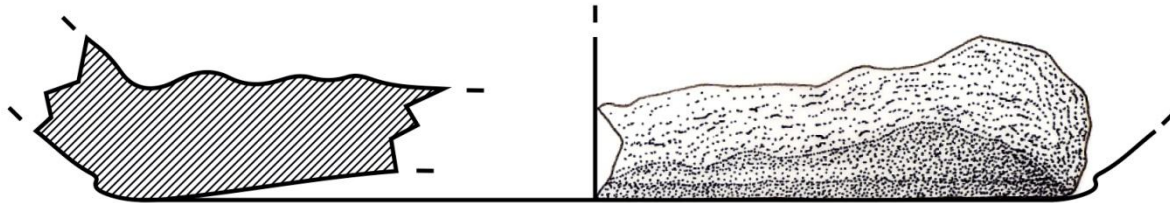
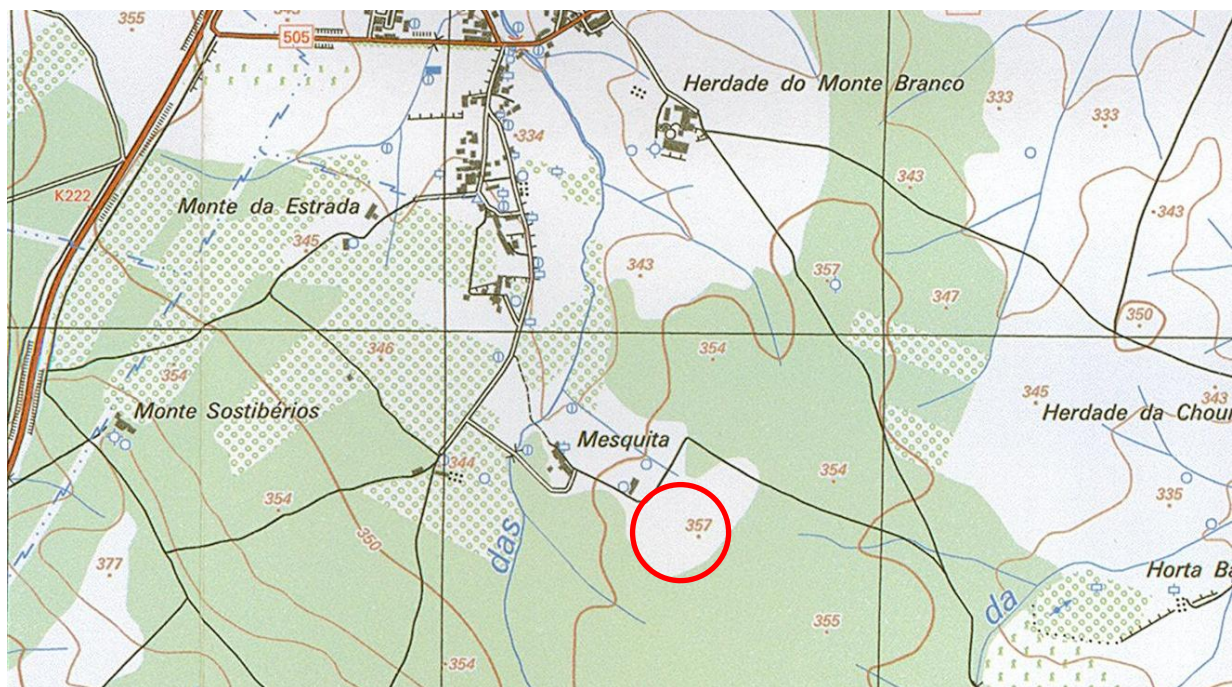


Figura 1- Fragmento cerâmico encontrado no local.



## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do sítio.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

64

Designação

Forno do Freixial

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

São Bento de Ana Loura

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

412

Altitude (m)

321m

Coordenada (N)

38° 55.667'

Coordenada (W)

007° 28.608'

Tipo de Sítio

Forno

Período Cronológico

Indeterminado / Moderno (?)

## Descrição do Sítio

O forno encontra-se a aproximadamente 150 metros da ermida de São Antão. Trata-se de um forno de cozer tijolo de estrutura quadrangular, em alvenaria de pedra e tijolo de burro, de época moderna ou contemporânea.

A base possui uma pequena entrada, onde possivelmente era ateado o fogo, servindo, também, para controlar a circulação do ar.

Acessos

Seguir pela Estrada Nacional n.º 372 em direcção a Santo Aleixo, ao quilómetro 46, virar à direita, seguindo a estrada de terra batida. O local encontra-se do lado esquerdo, próximo da Ermida de São Antão.

Uso do Solo

Agrícola

Conservação/Ameaças

Mau/ Abandono/ Vegetação

Bibliografia

*Inédito*

Observações

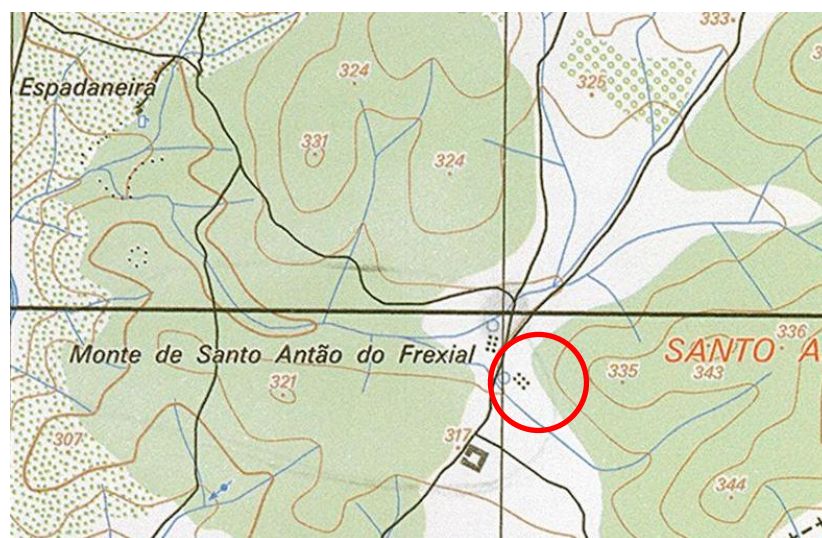
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada principal.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº412 com a localização do sítio



**UNIÃO DAS  
FREGUESIAS DO  
AMEIXIAL (SANTA  
VITÓRIA E SÃO BENTO)**



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A "villa" "lusitano-romana" terá sido construída entre finais do século I a. C. e inícios do IV d. C.. Antes de ser intervencionada a villa encontra-se muito destruída, devido ao reaproveitamento de pedra por parte da população local, em consequência do crescimento do núcleo urbano, pela erosão e pelo rompimento de uma estrada.

A villa romana de Santa Vitória do Ameixial surge documentada pela primeira vez nas "Memórias Paroquiais de 1758". Procedendo-se às primeiras escavações arqueológicas neste sítio entre 1915 e 1916, a cargo de Luís Chaves, onde se puseram a descoberto parte das termas, revelando na zona do *frigidarium* o mosaico de Ulisses, atualmente depositado no Museu Nacional de Arqueologia. Da parte residencial foi posto a descoberto o *peristilo* e um tanque central. Uma das salas em torno do *peristilo* apresentava um mosaico representando uma pantera bebendo de uma *cratera*. Nas décadas seguintes, o local permaneceu ao abandono. As investigações arqueológicas no local foram retomadas apenas entre 1970 e 1980.

Delimitada por um sólido muro de "opus incertum" (alvenaria), a "villa" era constituída por diversas estruturas tradicionalmente presentes neste género de edificação romana. Assim, além da imprescindível habitação dos proprietários, localizavam-se neste conjunto toda uma outra série de pequenas edificações destinadas, quer à habitabilidade dos próprios serviços, como às actividades naturalmente promovidas no âmbito de uma "villa".

Os materiais encontrados, nomeadamente o conjunto de mosaicos descobertos neste sítio arqueológico é um dos mais notáveis do nosso país, sublinhando a qualidade de execução visivelmente superior, em relação aos mosaicos encontrados noutras villae do Alentejo.

Entre 1996 e 1997 as empresas Arkhaios e Era-Arqueologia realizam diversos trabalhos de limpeza, valorização e sondagens em diversos pontos do sítio arqueológico.

Um dos elementos mais relevantes neste sítio reside na intensa utilização do mármore como elemento ostentatório. O rosto masculino que funcionou como carranca de uma fonte é um exemplo bem conhecido deste universo decorativo.

Do local conhecem-se um total de 3500 moedas. Para além disto, um dos elementos mais interessantes trazido pela escavação de 1997 reside na recolha de diversos fragmentos de *terra sigillata*, que segundo André Carneiro (2011), denunciam um contexto muito precoce de ocupação na área.

# FICHA DE SÍTIO

## Acessos

Seguir pela A6 ou pelo IP2 até Estremoz e daí até Santa Vitória do Ameixial, pela EN245 em direção Sousel/Fronteira. No extremo Noroeste da aldeia, no topo de uma elevação com dois topónimos, Courela da Fonte da Moura e Monte Furninho, encontramos a *villa* romana de Santa Vitória.

## Uso do Solo

Pastoreio

## Conservação/Ameaças

Regular/ Gado

## Bibliografia

Vide CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Évora; CHAVES, Luís (1922) - Latifúndio de romanos no Alentejo. Uma "villa" romana. In *Boletim da Associação Central de Agricultura Portuguesa*. Lisboa; CHAVES, Luís (1932) - Acerca da "villa" lusoromana de Santa Vitória do Ameixial. Ecos e notas de uma campanha arqueológica em 1915-1916 no Alentejo. In *Revista de Arqueologia*. 1. Lisboa, p. 250-255; CHAVES, Luís (1938) - Estudos lusitanoromanos. In *O Arqueólogo Português*. 1ª Série: 30. Lisboa, p. 14-17; GOMES, Sofia de Melo, MACEDO, Marta Lacasta e LOPES, Sandra Brazuna (2000) - Apresentação dos trabalhos arqueológicos de 1997 na villa de Santa Vitória do Ameixial. In *(Era) Arqueologia*. 1. Lisboa, p. 52-67; SIENES HERNANDO, Milagros (2000). As imitações de moedas de bronze do século IV d. C. na Península Ibérica: o caso do Ae2 Reparatio Reipub. *Trabalhos de Arqueologia* 13. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 195; TORRES CARO, Mercedes (1978) - *La escena de Ulises y las sirenas del mosaico de*

Classificado como MN - Monumento Nacional  
Decreto n.º 735/74, DG, I Série, n.º 297, de 21-12-1974

**Tipo de Trabalho:** Escavação

**Ano do Trabalho:** 1997

**Projeto:** Projeto de Valorização da *Villa* Romana de Santa Vitória do Ameixial

**Resultados:** Os trabalhos de escavação foram complementados pelo levantamento, inventariação e levantamento gráfico dos fragmentos de pintura mural postos a descoberto.

**Co-Responsáveis:** Marta Macedo, Sandra Lopes e Sofia Gomes

**Tipo de Trabalho:** Conservação e Restauro

**Ano do Trabalho:** 1996 **Data de Início:** 01/08/1996 **Data de Fim:** 30/11/1996

**Projeto:** Projeto de Valorização da *Villa* Romana de Santa Vitória do Ameixial

**Objetivos:** Trabalhos de restauro e conservação de mosaicos na zona sudeste.

**Tipo de Trabalho:** Sondagem

**Ano do Trabalho:** 1996 **Data de Início:** 18/10/1996 **Data de Fim:** 13/12/1996

**Projeto:** Projeto de Valorização da *Villa* Romana de Santa Vitória do Ameixial

**Objetivos:** Determinar a existência de estruturas arqueológicas, a sua dimensão, monumentalidade e interesse científico; Registrar os diversos níveis de ocupação e respetivas estruturas arqueológicas; Averiguar a possibilidade e compatibilidade de implantação de estruturas (pilares e esticadores de coberturas) sobre as ruínas.

## Observações

**Responsável:** Ana Maria Duarte Santos Gonçalves

## FICHA DE SÍTIO

**Tipo de Trabalho:** Estudo de Espólio

**Ano do Trabalho:** 1995

**Projeto:** Estudo Numismático do Tesouro de Santa Vitória do Ameixial

**Objetivos:** Catalogação do tesouro numismático de Santa Vitória do Ameixial.

**Responsável:** Milagros Sienes Hernando

**Tipo de Trabalho:** Conservação e Restauro

**Ano do Trabalho:** 1986 **Data de Início:** 25/08/1986 **Data de Fim:** 05/09/1986

**Projeto:** Trabalhos Arqueológicos na Estação de Santa Vitória do Ameixial - Estremoz

**Objetivos:** Limpeza da área dentro da vedação; definição das áreas previamente escavadas; elaboração da planta topográfica das estruturas existentes; reparo e consolidação de pavimentos, tanques e paredes.

**Responsável:** Amélia Canilho

**Tipo de Trabalho:** Escavação

**Ano do Trabalho:** 1970 **Data de Início:** 20/08/1970 **Data de Fim:** 20/09/1970

**Projeto:** Escavações Arqueológicas na *Villa Romana* de Santa Vitória do Ameixial

**Objetivos:** Abertura de duas valas, uma no sentido Norte-Sul e outra no sentido Este-Oeste obliquamente à orientação dos edifícios.

**Responsável:** José Luís Martins de Matos

**Tipo de Trabalho:** Escavação

**Ano do Trabalho:** 1915-16 **Data de Início:** 01/01/1915 **Data de Fim:** 31/12/1916

**Projeto:** Escavações Arqueológicas na *Villa Romana* de Santa Vitória do Ameixial

**Objetivos:** Reconhecimento e levantamento dos materiais de maior interesse da *Villa*.

**Responsável:** Luís Chaves

Observações

### Registo Fotográfico

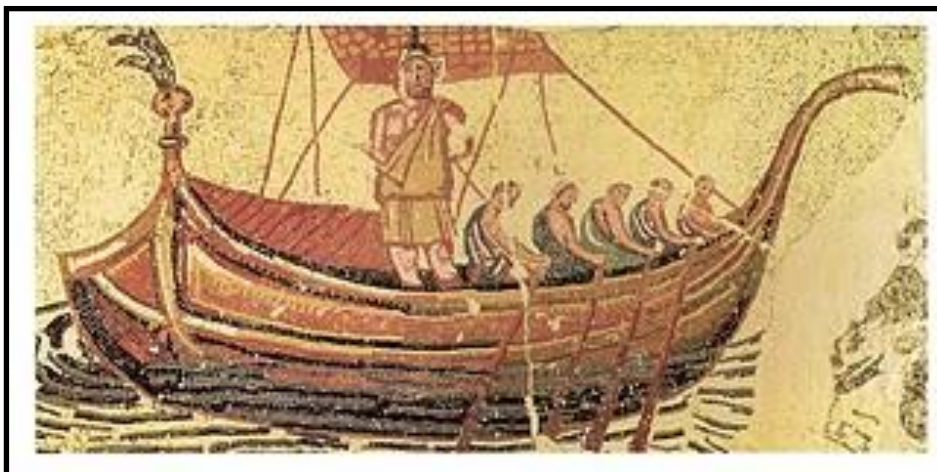


Figura 1- Enquadramento atual da *villa romana* de Santa Vitória do Ameixial

# FICHA DE SÍTIO



**Figura 2-** Enquadramento atual da *villa* romana de Santa Vitória do Ameixial



**Figura 3-** Pormenor da cena de Ulisses (mosaico de Santa Vitória do Ameixial)

*Fonte:* Maciel, Justino (2008) - *A Barca de Ulisses como imagem-signo*, in *Revista de História de Arte*, n.6, Lisboa: Instituto de História de Arte

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 411 com a localização da *Villa* Romana de Santa Vitória do Ameixial

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Os vestígios foram identificados nas proximidades do Monte dos Machados (Santa Vitória do Ameixial).

Junto à estrada que dá acesso ao Monte, podemos encontrar vários elementos arquitetónicos de granito: silhares fragmentados. Tudo indica que estes elementos tenham sido deslocados do seu local de origem. A área em redor do monte foi percorrida na tentativa de verificarmos a presença de vestígios de superfície que nos permitissem relacionar com os elementos identificados, todavia, nada foi observado.

Os vestígios encontram-se a cerca de 400m da *Villa Romana* de Santa Vitória do Ameixial.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico

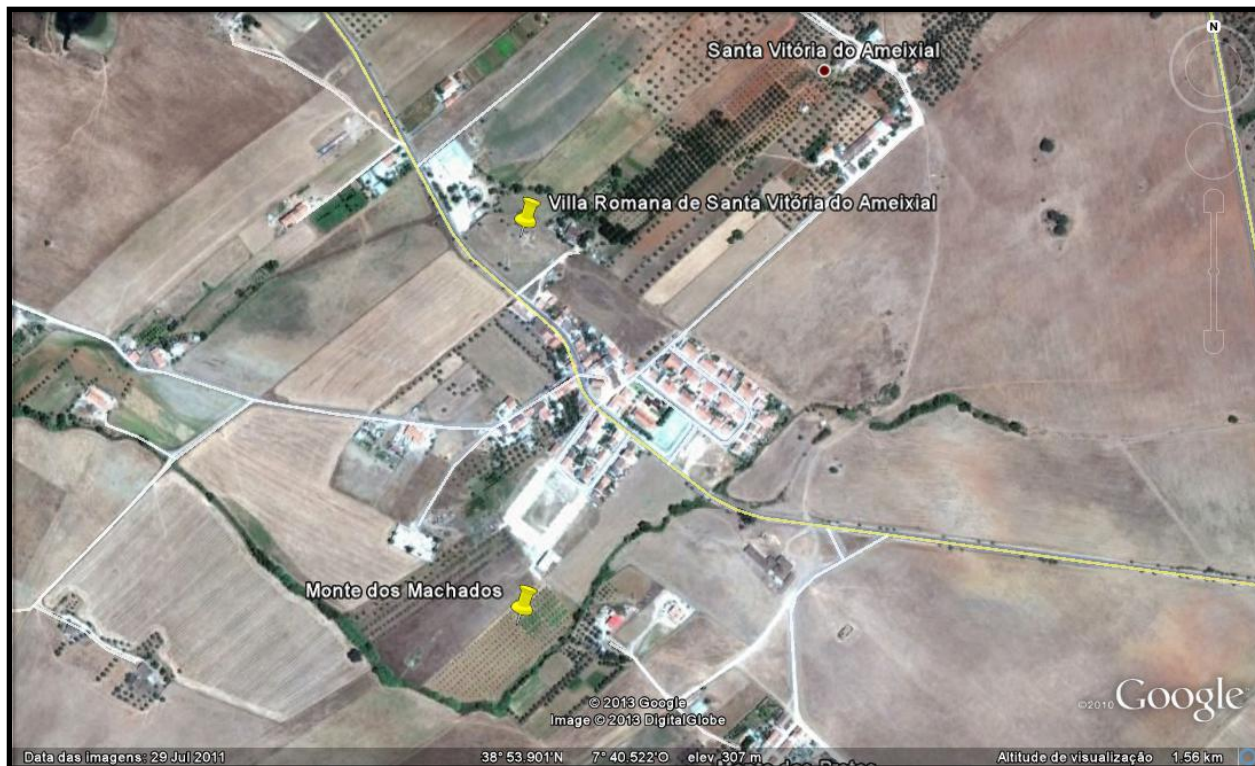


Figura 1- Proximidade entre sítios. Fonte: Google Earth



Figura 2 e 3- Silhares que se encontram junto ao Monte dos Machados

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização dos vestígios

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

O sítio identificado pelo IGESPAR, refere-se à Herdade onde foram feitas as descobertas da *villa* romana de Santa Vitória do Ameixial. "Herdade dos Ferreiros" trata-se de um microtopónimo que infelizmente com o passar do tempo, se acabou por perder.

Reproduzo a informação constante de um artigo que comprava a existência desse microtopónimo, referindo-se ao mosaico de Ulisses: "Este mosaico foi encontrado numa Villa Romana, em 1915, por Luís Chaves, nas suas escavações na Herdade dos Ferreiros, Santa Vitória do Ameixial, Estremoz." (Maciel, 2008, p.260).

Acessos

Seguir pela A6 ou pelo IP2 até Estremoz e daí até Santa Vitória do Ameixial, pela EN245 em direção Sousel/Fronteira. No extremo Noroeste da aldeia, no topo de uma elevação com dois topónimos, Courela da Fonte da Moura e Monte Furninho, encontramos a *villa* romana de Santa Vitória.

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

*Vide* Maciel, Justino (2008) - A Barca de Ulisses como imagem-signo. In *Revista de História de Arte*, n.6, Lisboa: Instituto de História de Arte

Observações

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

68

Designação

Monte da Viçosa

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

São Bento do Amexial

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

411

Altitude (m)

295m

Coordenada (N)

38° 52.079'

Coordenada (W)

007° 39.461'

Tipo de Sítio

Casal (?)

Período Cronológico

Romano/Medieval (?)

## Descrição do Sítio

Este sítio localiza-se próximo do Monte da Viçosa (Santa Vitória do Ameixial), numa ligeira elevação que se destaca na paisagem suave, virado a norte e sul, desfrutando de amplo panorama visual e próximo de uma pequena linha de água. Os testemunhos artefactuais encontrados durante os trabalhos de campo foram essencialmente *tegulae*, fragmentos de *dolium*, e de cerâmica comum. A área de dispersão dos materiais é de cerca de 400 m<sup>2</sup>, o que nos leva a ponderar estarmos perante um casal agrícola.

No entanto, existem indicadores da existência de uma necrópole medieval, que pode estar relacionada com uma ocupação posterior do sítio: a cerca de 400 m do local anteriormente referido, foi encontrada uma sepultura escavada na rocha.

Acessos

Monte Viçosa, Santa Vitória do Ameixial

Uso do Solo

Agrícola

Conservação/Ameaças

Mau/Agricultura

Bibliografia

*Inédito*

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral do sítio

## Registo Gráfico

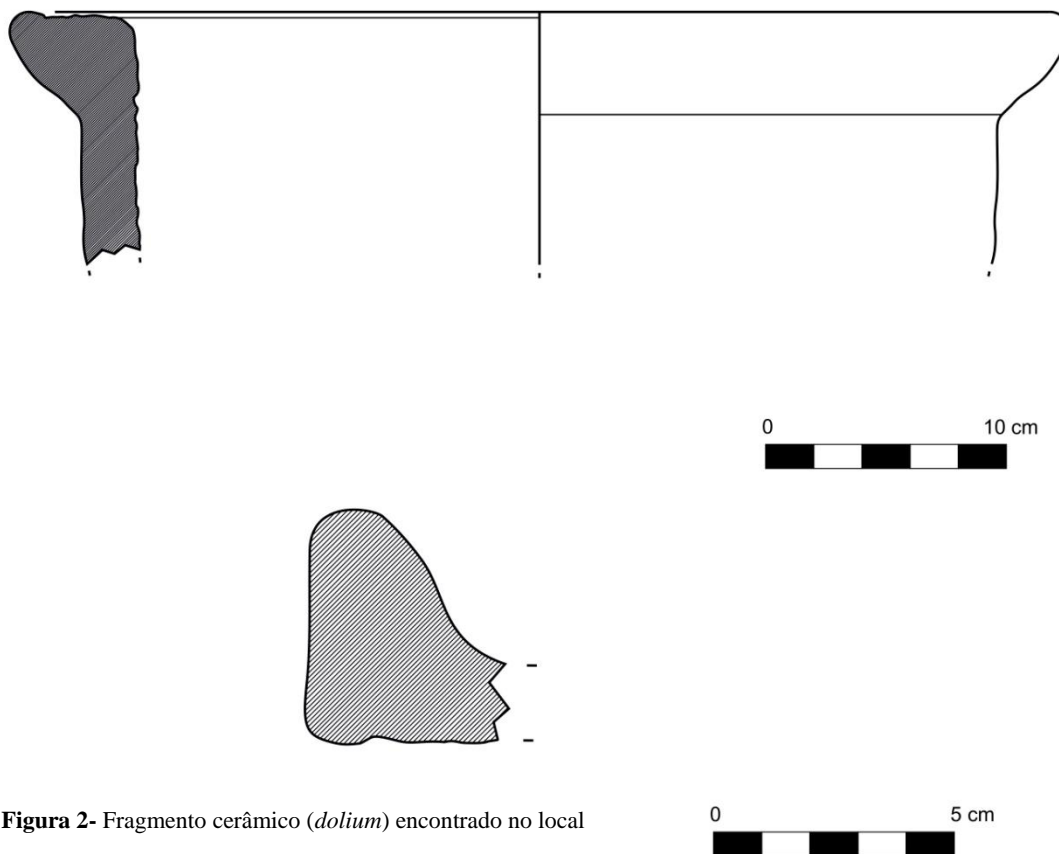
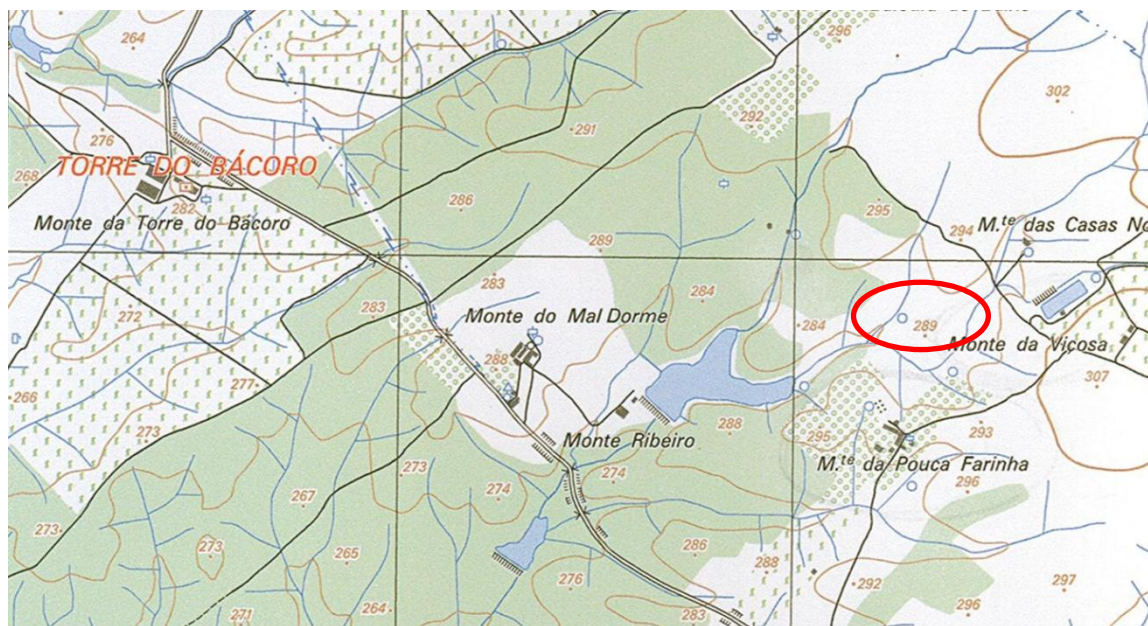


Figura 2- Fragmento cerâmico (*dolium*) encontrado no local

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 411 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

69

Designação

Malpique

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

São Bento do Ameixial

Topónimo

CNS

5684

CMP 1:25 000 folha n.º

425

Altitude (m)

287m

Coordenada (N)

38° 51.098'

Coordenada (W)

007° 39.351'

Tipo de Sítio

Vestígios Diversos

Período Cronológico

Romano

## Descrição do Sítio

O sítio não foi relocado durante os trabalhos de campo, no entanto num artigo de Saavedra Machado, é feita uma pequena referência a "investigações arqueológicas" "Em várias estações romanas, nos arredores de Estremoz", nomeadamente em "Malpique" (Machado,1964, p.112-113). Este sítio encontra-se registado em PDM, como tendo sido identificados neste local vestígios pertencentes à época romana.

O local "Malpique" e o topónimo próximo deste sítio, "Horta do Malpique" foram percorrido na tentativa de verificarmos a presença de vestígios de superfície que nos permitissem relocar este sítio, todavia, nada foi observado.

Acessos

Malpique, São Bento do Ameixial

Uso do Solo

Agrícola

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Vide MACHADO, Saavedra (1964) - Subsídios para a História do Museu Etnológico do Doutor Leite Vasconcelos. In *Archeologo Português*. N.s. Vol. 5. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

Observações

O local não foi relocado (recorreu-se apenas á toponímia)

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº425 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **70**

<b>Designação</b>	Sepultura Monte da Viçosa		
<b>Distrito</b>	Évora	<b>Concelho</b>	Estremoz
<b>Freguesia/Lugar</b>	São Bento do Ameixial	<b>Topónimo</b>	Monte da Viçosa
<b>CNS/N.º IPA</b>		<b>CMP 1:25 000 folha n.º</b>	411
		<b>Altitude (m)</b>	300m
<b>Coordenada (N)</b>	38° 51.937'	<b>Coordenada (W)</b>	007° 39.264'
<b>Tipo de Sítio</b>	Sepultura	<b>Período Cronológico</b>	Medieval

## Descrição do Sítio

A sepultura localiza-se relativamente perto do Monte da Viçosa (coordenadas geográficas 007° 39.461' / 38° 52.079', folha 411, Carta Militar de Portugal 1: 25 000, altitude de 295 m), junto a um caminho de terra batida, de cronologia indeterminada, e não muito distante (400m) de um sítio identificado como sendo de época romana (?). Na área envolvente são visíveis alguns fragmentos de cerâmica incaracterística e de telha grossa. Trata-se de uma sepultura escavada na rocha, não antropomórfica retangular que se encontra orientada no sentido Oeste-Este e possui um comprimento máximo de 1,80m.

### LEGENDA TIPOLOGICA

<b>N- Número da Sepultura</b>	<b>c2- Plano da cabeceira</b>	<b>R2- Rebordo-tipo</b>
1	2- "almofada"	0- horizontal
<b>S- Situação da Sepultura</b>	<b>p1- Pés</b>	<b>CL- Corte lateral</b>
0- isolada	0- não destacados	2- retangular
<b>CS- Conservação</b>	<b>p2- Plano da área dos pés</b>	<b>CC- Corte longitudinal</b>
1- inteira sem tampa	1- leito e pés em planos diferentes	2- plano inclinado
2- fraturada	<b>L- Largura máxima</b>	<b>M- Rocha de base</b>
<b>O- Orientação</b>	0,50m	1- xisto
2- Este	<b>L- Largura a meio</b>	<b>A- Área</b>
3- Oeste	0,50 m	0- afloramento
<b>TG- Tipologia Geral</b>	<b>NC- Comprimento</b>	<b>IG- Implantação geográfica</b>
A- não antropomórfica	1,80m	4-planalto
<b>TGA- Tipologia A</b>	<b>Pf- Profundidade média</b>	6- terreno agrícola
0- retangular	0,32m	<b>IC- Implantação cultural</b>
<b>TGB- Tipologia B</b>	<b>c1'- Comprimento da cabeceira</b>	3- outro
0- retangular	0,30m	
5- simétrica	<b>c1'' - Largura da cabeceira</b>	
<b>c1- Cabeceira</b>	0,42m	
0- arco ultrapassado	<b>R1- Rebordo 1</b>	
3- arco peraltado		
7- 7.1- paralelipipédicos		

# FICHA DE SÍTIO

<b>Acessos</b>	Monte Viçosa, São Bento do Ameixial		
<b>Uso do Solo</b>	Agrícola	<b>Conservação/Ameaças</b>	Mau/Agricultura
<b>Bibliografia</b>	Inédito		
<b>Observações</b>	A 400 m do local referido, foi identificado um sítio de época romana		

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral da sepultura na paisagem



Figura 2- Enquadramento geral.

## FICHA DE SÍTIO



Figura 3- Sepultura escavada na rocha



Figura 4- Sepultura

# FICHA DE SÍTIO

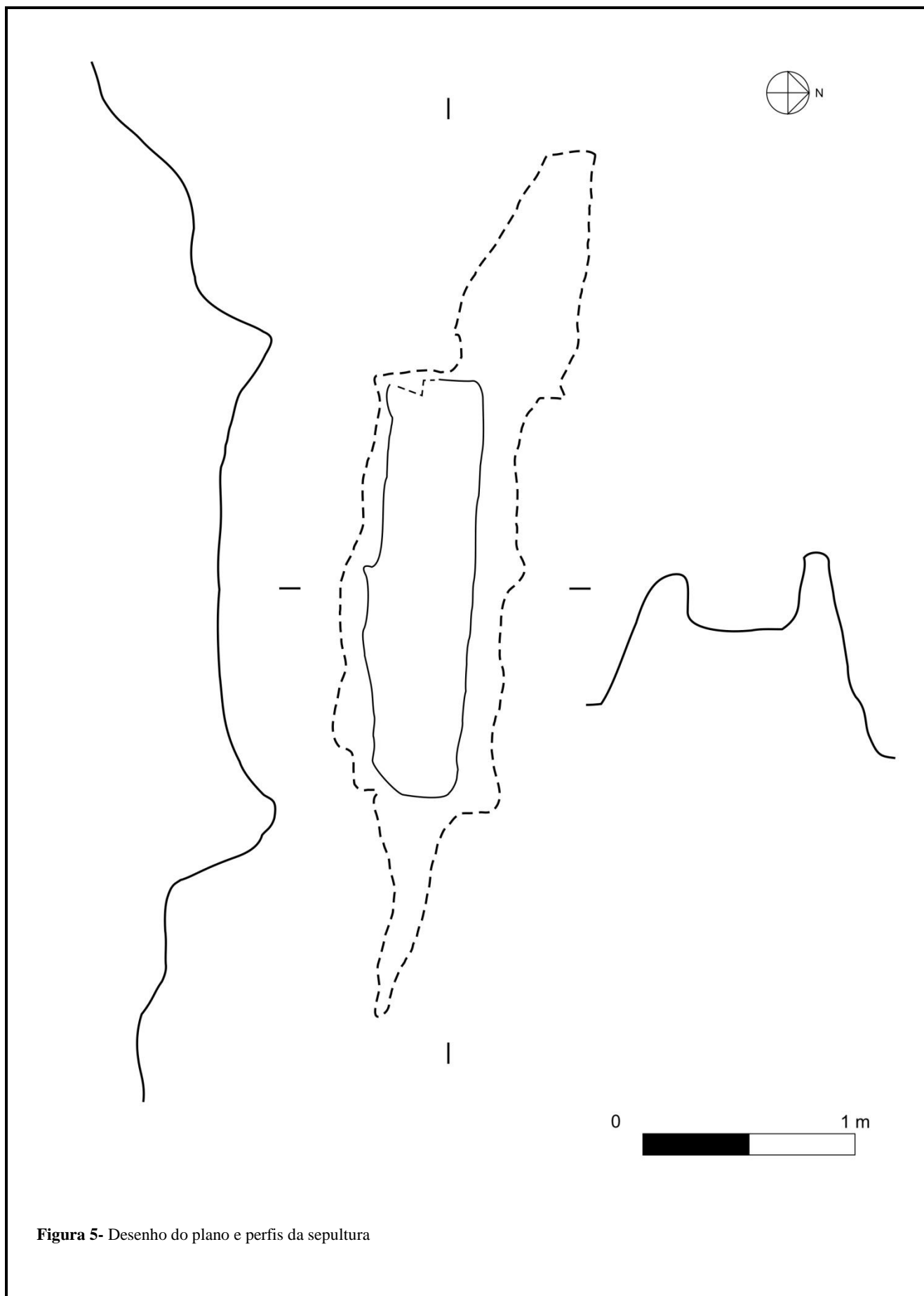
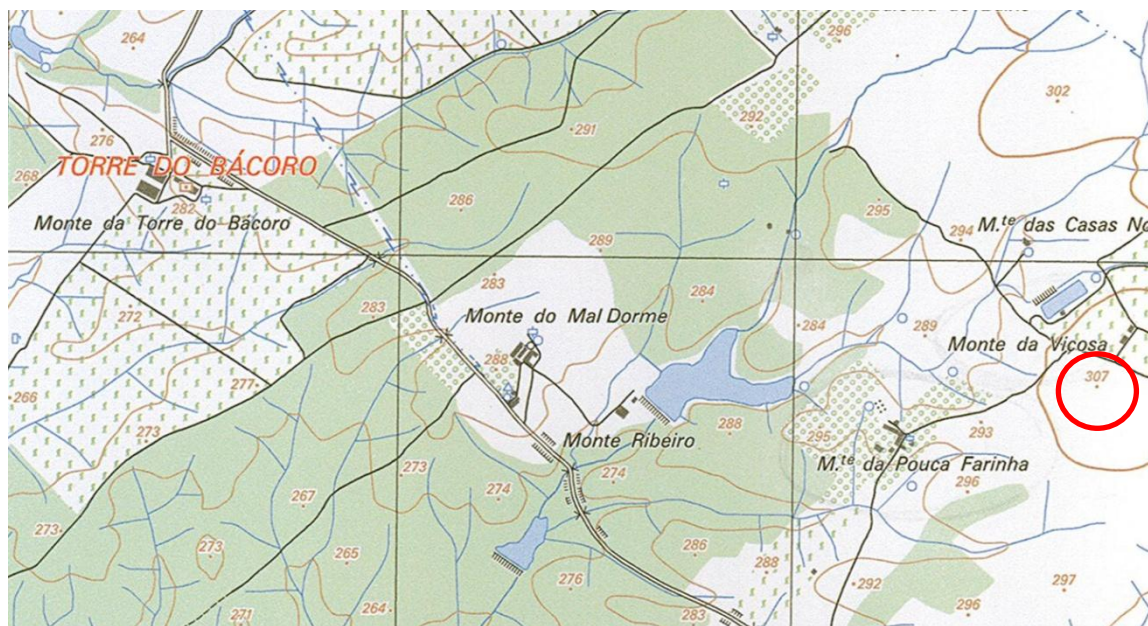


Figura 5- Desenho do plano e perfis da sepultura

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização do sítio.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **71**

**Designação** Monte dos Penedos 1

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** São Bento do Ameixial

**Topónimo** Penedos

**CNS** 19850

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 234m

**Coordenada (N)** 38° 48.268'

**Coordenada (W)** 007° 40.530'

**Tipo de Sítio** Povoado

**Período Cronológico** Idade Média e Moderno

## Descrição do Sítio

Este sítio foi identificado no âmbito do PNTA/2002 - Estudo do Megalitismo Funerário no Alentejo Central. Trata-se de um povoado da Idade Média/ Moderno.

No local verifica-se a presença de alguns materiais cerâmicos, essencialmente materiais de construção e cerâmica comum.

**Acessos** Seguir pela Estrada Nacional n.º 18, ao quilómetro 233 virar á direita em direção ao Monte dos Penedos

**Uso do Solo** Agrícola

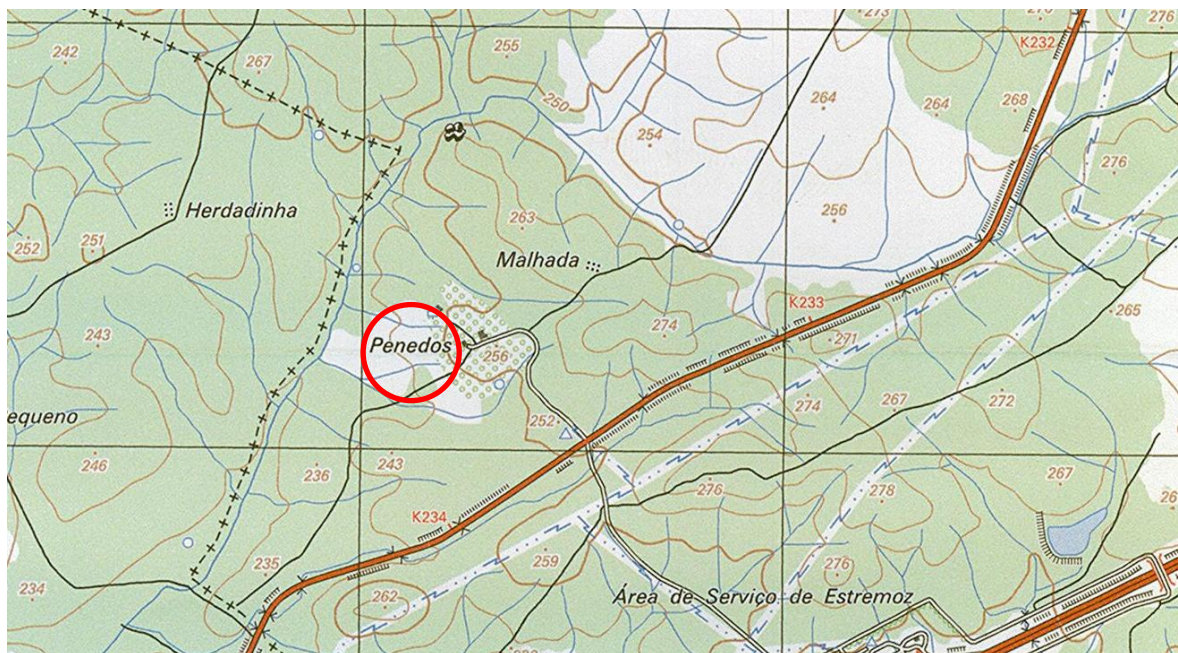
**Conservação/Ameaças** Regular/ Agricultura

**Bibliografia** Processo IGESPAR 2002/1(117)

**Observações** Próximo deste local nos afloramentos de xisto sobre a ribeira, afluente da Ribeira de Têra, foram encontradas gravuras (filiformes) . CNS 19851

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº425 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A igreja paroquial de Santa Vitória do Ameixial, foi comenda da Ordem de Avis e teve visitação eclesiástica em 1534, tinha nessa mesma data, como pároco, o padre Gomes Frazão.

Atualmente apresenta características arquitetónicas comuns ao século XVII, embora a capela-mor revele uma traça mais antiga. Na frontaria existiam alguns azulejos policromos igualmente seiscentistas, tal como no interior, no rodapé da nave, hoje inexistentes. Os corpos laterais da igreja eram antigamente apoiados por contrafortes rústicos, hoje em dia tem uma casa anexa. A capela-mor, de planta quadrada, possui atualmente adornos em tons azuis, pintados em 1982 (Espanca, 1975, p.271).

Não tem adro, mas possui uma cruz modesta de mármore ao fundo do pequeno largo, com alguns elementos decorativos; pode ver-se ainda um relógio do sol datado de 1767; inexistente é também o púlpito.

O corpo da nave, de planta retangular recebeu em 1963, nova cobertura de alvenaria, devido à primitiva ter ruído. Tem ainda um altar de relevante interesse artístico, com retábulo de talha dourada de finais do século XVIII, do estilo rococó; do lado oposto um altar dedicado a Nossa Senhora da Conceição (século XVII) (Mendeiros, 2001, p.154).

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.83; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.271-273; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.15; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 153-155;

# FICHA DE SÍTIO

Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada do Edifício



**Figura 2 -** Vista de frente do edifício



**Figura 3 -** Relógio de Sol que se encontra em frente à

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 411 com a localização da Igreja de Santa Vitória

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

73

Designação Igreja de São Bento

Distrito Évora

Concelho Estremoz

Freguesia/Lugar São Bento do Ameixial

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

425

Altitude (m)

299m

Coordenada (N)

38° 50.704'

Coordenada (W)

007° 39.052'

Tipo de Sítio

Igreja

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

Segundo Túlio Espanca, a igreja paroquial terá sido fundada em inícios do século XVI como comenda da Ordem de Avis, tendo já sido visitada eclesiasticamente em 1534 (Espanca, 1975, p.216).

A sua fachada é muito modesta, tem um frontão triangular, terminando em campanário, com ornamentos esferoides e no topo uma cruz em mármore. O seu aspeto atual é muito semelhante ao das construções rurais alentejanas do século XVII e XVIII, embora ainda se conserve as torres cilíndricas angulares exteriores do presbitério de período manuelino.

Junto da porta principal, possuía duas cruces laterais feitas em azulejos policromos típicos do século XVII, que foram substituídas por duas cruces de mármore, ficando na mesma a ladear a porta da igreja. Para além destes ornamentos, também o primitivo cruzeiro do adro se perdeu, sendo substituído por um novo. De interesse artístico é também o lavabo da sacristia de mármore, com empenas de volutas com enrolamento, datado de 1698.

As obras de recuperação realizadas em 1950 transformaram a igreja quase por completo, muitos elementos seiscentistas foram sacrificados, no entanto, ainda foi possível recuperar o púlpito de mármore (Mendeiros, 2001, p.132).

A capela-mor, de pequenas dimensões é antecedida por um arco triunfal redondo, e coberto por uma abóbada de berço. Possui as imagens de Nossa Senhora do Rosário, em roca; S. Bento e S. Gregório Papa, em mármore.

Nos altares laterais, o do lado do Evangelho, é dedicado a Santo António, e o do lado da Epístola, a S. Miguel e às Almas Santas.

O pavimento primitivo seria de madeira, sendo substituído mais tarde por tijoleira prensada, com uma passadeira de mármore, respeitando as sepulturas também de mármore.

Acessos

Rua 8 de Junho, São Bento do Ameixial

Uso do Solo

Urbano

Conservação/Ameaças

Bom/ Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.154; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 216-217; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.15; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 131- 133.

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO



Figura 2 (lado esquerdo) - Torres cilíndricas angulares exteriores do presbitério de período manuelino.

Figura 3 (lado direito) - Pormenor do campanário da igreja.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar n.º 425 com a localização da Igreja de São Bento do Ameixial

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **74**

**Designação** Padrão da Batalha do Ameixial/ Terreiro da Batalha do Ameixial

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Vitória do Ameixial

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º** 411

**Altitude (m)** 347m

**Coordenada (N)** 38° 53.209'

**Coordenada (W)** 007° 39.012'

**Tipo de Sítio** Padrão

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Este padrão comemorativo, encontra-se nos campos onde se deu a Batalha do Ameixial entre o exército espanhol e o exército português, ocorrida a 8 de Junho de 1663, que foi um dos palcos principais das refregas da Guerra da Restauração. Tudo indica que o nome da povoação, conhecida por Santa Vitória do Ameixial, testemunha a grande e fundamental vitória portuguesa diante das tropas espanholas.

Em 1663, o exército espanhol, comandado por D. João de Áustria, invadiu Portugal saindo de Badajoz enquanto se dirigiam de facto para Estremoz e daí para Évora. No entanto, na retaguarda do exército espanhol mantinha-se o português, sob o comando do Conde de Vila Flor, onde finalmente recebeu a investida, a 8 de Junho. Derrotados, os espanhóis retiraram-se e graças à vitória desta batalha, terminou um dos mais perigosos ataques espanhóis da Guerra da Restauração. No local onde decorreu, no sopé da Serra Murada, também conhecido como "outeiro dos ataques", na estrada para a Vila do Cano, foi levantado um padrão comemorativo da vitória. Foi mais tarde transferido para a Estrada Nacional 245, onde se encontra atualmente, rodeado por um gradeamento de ferro.

Ao longo do tempo o monumento foi alvo de alguns desmoronamentos, o primeiro em 1818, onde terá sido atingido por um raio; e o segundo, em 1931, por ter sido atingido por um furacão de grande violência (Espanca, 1975, p.273). Reerguido na berma da estrada, este padrão é composto por peanha de três degraus e pedestal quadrangular. A coluna tem base e capitel da ordem dórica e remate superior da coroa imperial, com almofada de borlas pendentes, tudo em mármore. Tem inscrição comemorativa e descritiva do evento.

**Acessos** Estrada Nacional 245 em direcção a Santa Vitória do Ameixial

**Uso do Solo** Agrícola

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

**Bibliografia** Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 273.

# FICHA DE SÍTIO

## Observações

Classificado MN - Monumento Nacional,

Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136 de 23 junho 1910 (Padrão do Ameixial)

Decreto n.º16/2011, DR, 1.ª série, n.º 101 de 25 maio 2011 (Terreiro da Batalha do Ameixial)

## Registo Fotográfico



Figura 1- Padrão do Ameixial: enquadramento geral

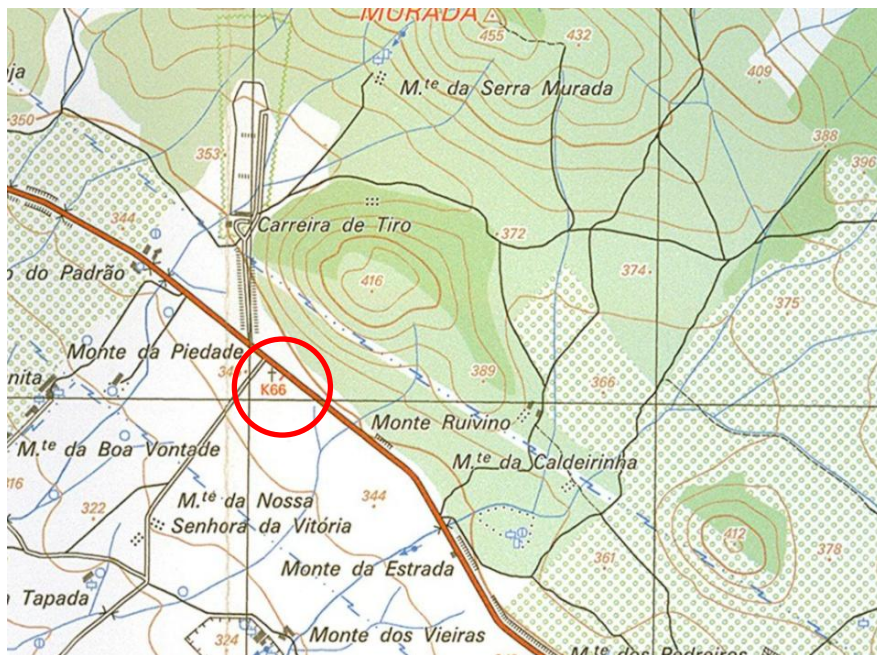


Figura 2 (lado esquerdo) - Vista geral do monumento

Figura 3 (lado direito) - Pormenor da inscrição comemorativa da Batalha

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 411 com a localização do Padrão do Ameixial

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Trata-se de um portal, possivelmente antiga entrada do Monte da Folgada, construído em mármore da região, rematado nos cunhais por dois fogaréus e encimado por uma cruz, onde podemos ver em relevo o desenho de uma árvore e o cronograma 1766.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



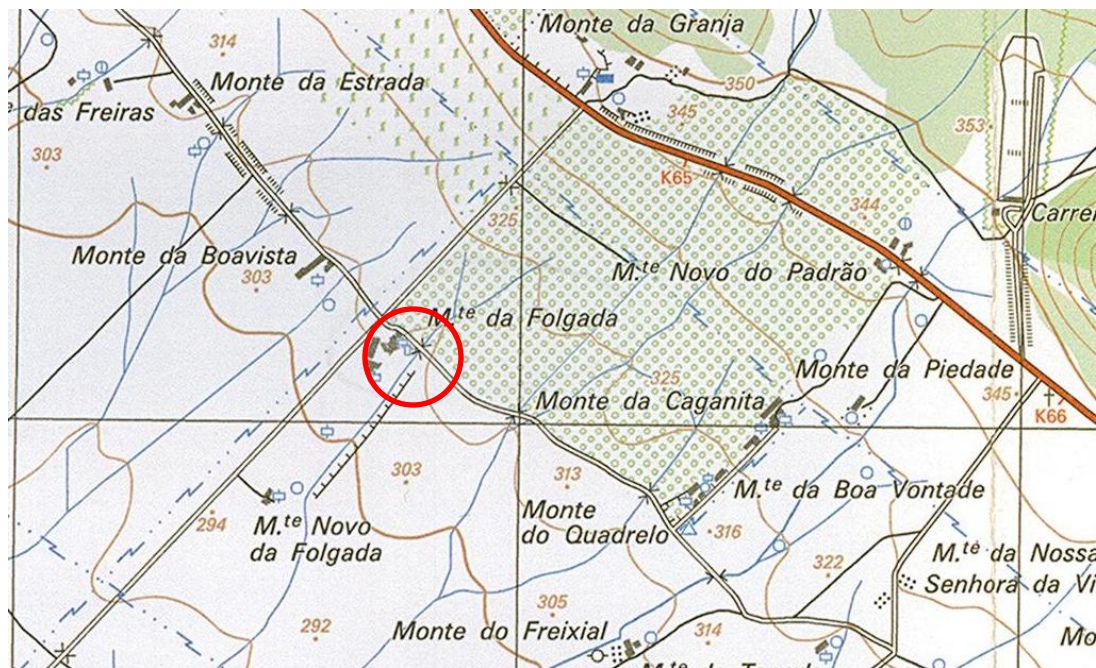
Figura 1- Enquadramento geral



Figura 2- Pormenor dos elementos decorativos.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 411 com a localização do portal.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Trata-se de um forno de cozer tijolo de estrutura quadrangular de época moderna ou contemporânea. Encontra-se em estado avançado de ruína, coberto por vegetação.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



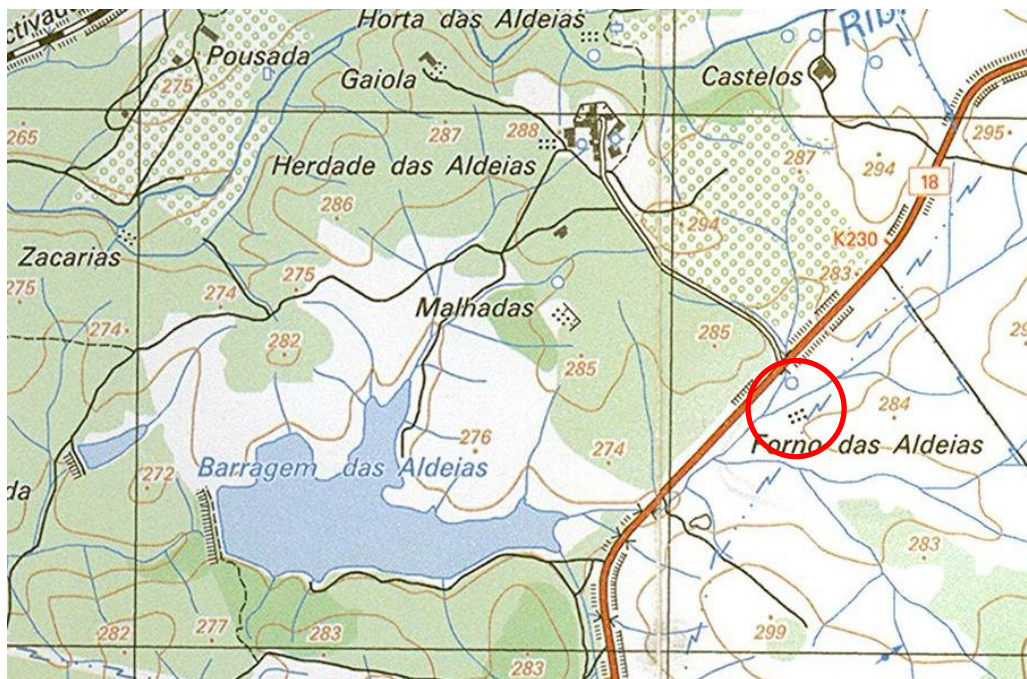
**Figura 1-** Fachada principal, coberta pela vegetação



**Figura 2-** Interior do forno de tijolo

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº425 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Este sítio terá sido identificado em março de 1990, num protocolo estabelecido entre o IPPC e a CELBI para florestação, com o objetivo de efetuar um levantamento de todo o património arqueológico que pudesse existir nesta área.

Neste local, existiram, numa área bastante plana, com aproximadamente 1,5 hectares a Nordeste do Monte do Montinho, um conjunto de sepulturas.

Reproduzo informação constante no relatório de trabalhos, visto que nos trabalhos de campo, nada foi observado: "cerca de 20 sepulturas, das quais já não se encontraram qualquer vestígio, resultado das intensivas lavouras mecânicas na área. Seriam formadas por grandes lajes de xisto, onde caberia um homem".

Acessos

Uso do Solo

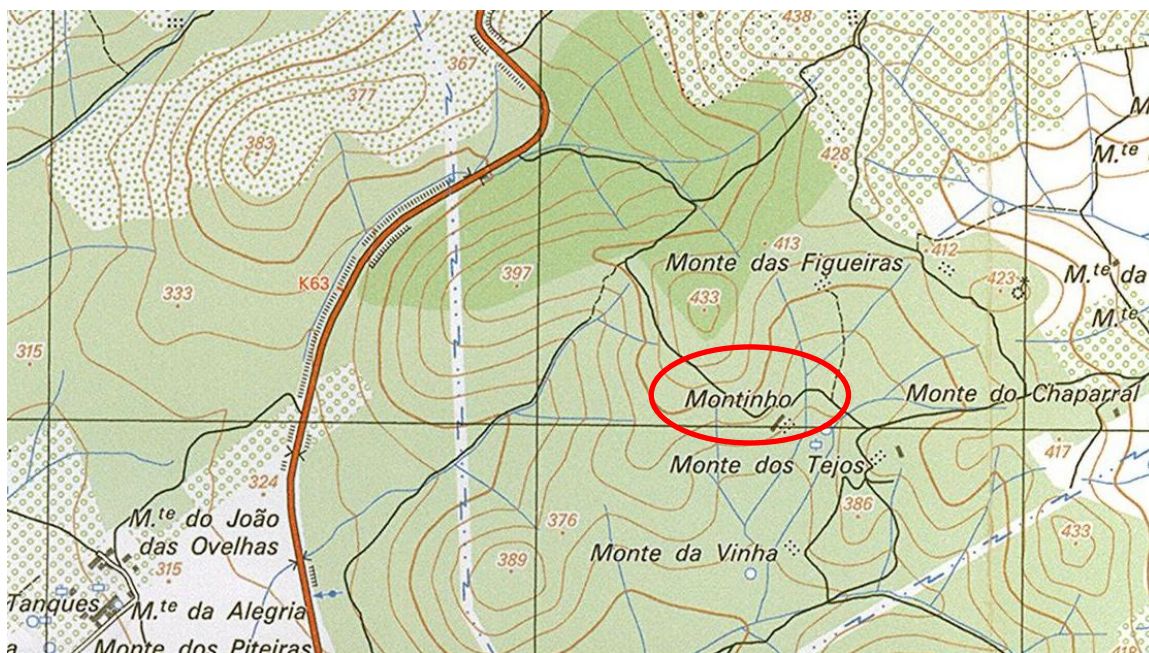
Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 411 com a localização toponímica do local



**UNIÃO DAS  
FREGUESIAS DE  
ESTREMOZ (SANTA  
MARIA E SANTO  
ANDRÉ)**



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **78**

Designação **Monte da Boa Vista**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santa Maria**

Topónimo **Boa Vista**

CNS **5287**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **376m**

Coordenada (N) **38° 48.761'**

Coordenada (W) **007° 35.370'**

Tipo de Sítio **Vestígios Diversos**

Período Cronológico **Romano**

## Descrição do Sítio

O sítio não foi relocalizado durante os trabalhos de campo, no entanto num artigo de Saavedra Machado, é feita uma pequena referência a "investigações arqueológicas", "Em várias estações romanas, nos arredores de Estremoz", nomeadamente em "Monte da Boa vista" (Machado,1964, p.112-113). Este sítio encontra-se registado em PDM, como tendo sido identificados neste local, vestígios pertencentes à época romana.

O local "Boa Vista" e o topónimo próximo deste sítio "Monte Novo da Boavista" foram percorridos na tentativa de verificarmos a presença de vestígios de superfície que nos permitissem relocalizar este sítio, todavia, nada foi observado.

Acessos **Boa Vista, Santa Maria**

Uso do Solo **Agrícola**

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

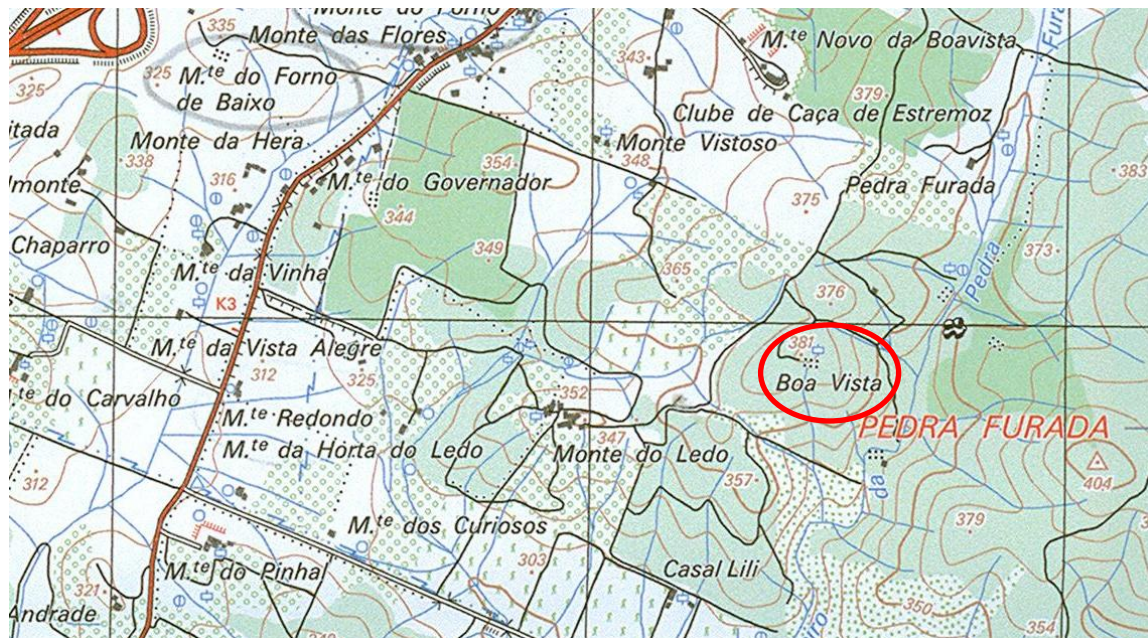
*Vide* MACHADO, Saavedra (1964) - Subsídios para a História do Museu Etnológico do Doutor Leite Vasconcelos. In *Archeologo Português*. N.s. Vol. 5. Lisboa: Museu Etnográfico Português

## Observações

O local não foi relocalizado (recorreu-se apenas á toponímia)

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº425 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Reproduzo a notícia constante na base de dados do IGESPAR: "A cidade de Estremoz assenta possivelmente sobre um povoado fortificado pré-romano. Em seu redor encontram-se no subsolo vestígios romanos".

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito  Concelho

Freguesia/Lugar  Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)  Coordenada (W)

Tipo de Sítio  Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Sítio que aparece referenciado na tese de doutoramento do Dr. André Carneiro (2011) e num relatório de prospeção: "Planalto suave com elementos pétreos (calcário), fragmentos de cerâmica de construção (telha, tijolo), de cerâmica comum (bordos, asas e fundos), dispersos numa área de 80 m2. Não foi identificada cerâmica manual à superfície. A cerâmica comum identificada apresenta pastas castanhas alaranjadas, com desengordurantes pequenos, sem vestígios de combustão e muito rolados. Os fundos são planos, os bordos apresentam-se ligeiramente exvertidos e as asas apresentam uma forma em "fita". De salientar ainda que nas imediações foram localizados vários morouços de pedras que poderão ter vindo deste sítio arqueológico."

O local não foi relocalizado nos trabalhos de campo.

Acessos

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

## Bibliografia

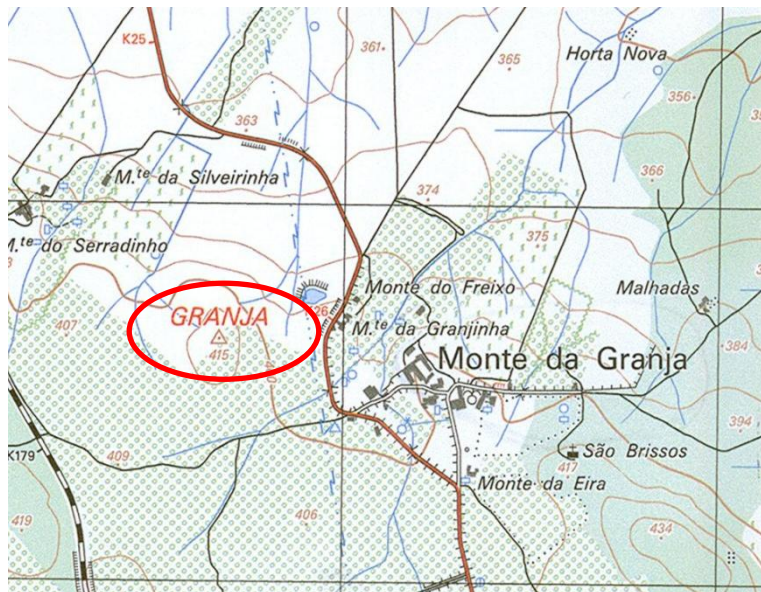
*Vide CARNEIRO, André (2011) - Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Évora: Universidade de Évora*

## Observações

Não existem dados sobre a localização exata do sítio, pelo que a tentativa de relocalização foi feita através da toponímia, no entanto não foram identificados quaisquer vestígios de presença humana neste local.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 411 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **81**

**Designação** Nossa Senhora da Conceição dos Olivais

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria

**Topónimo** Senhora da Conceição

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 352m

**Coordenada (N)** 38° 51.137'

**Coordenada (W)** 007° 36.898'

**Tipo de Sítio** Necrópole (?)

**Período Cronológico** Romano

## Descrição do Sítio

Situada a cerca de 2 km do centro de Estremoz na direção de São Bento do Ameixial, encontramos a Ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais que terá sido erguida junto da anta conhecida como "*Pedra da Ronca*". Trata-se, pois, de um local continuamente sacralizado, onde se regista o aparecimento neste sítio de "cerâmicas romanas e medievais" pertencentes provavelmente a uma "necrópole (que) deverá ter coexistido no mesmo espaço" com a anta e com a capela. "Materiais de construção medievais testemunham-nos que até à construção do templo cristão este local não deixou de ser humanizado" (Oliveira, Sarantopoulos e Ballesteros, 1997, p.31-33).

Nos trabalhos de campo efetuados ao local, verificou-se que o sítio tem boa visibilidade para sul e oeste, confirmou-se a existência de uma mistura de materiais de diversas épocas, bastante rolados, devido aos recentes trabalhos agrícolas efetuados nesta área, não nos permitindo determinar as épocas de ocupação e tipologias.

**Acessos** Senhora da Conceição, CM 1126 (Estremoz - São Bento do Ameixial), Estremoz

**Uso do Solo** Agrícola

**Conservação/Ameaças** Regular/ Agricultura

## Bibliografia

Vide CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo "regional"*. Estremoz: Marques Crespo; OLIVEIRA, Jorge, SARANTOPOULOS, Panagiotis, BALLESTEROS, Carmen (1997) - *Antas-Capelas e Capelas junto a antas no território português*, Lisboa: Edições Colibri, p. 31-33.

## Observações

Local onde coabita uma anta junto de uma capela

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral do sítio

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **82**

Designação **Fonte do Imperador**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santa Maria**

Topónimo

CNS **31490**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **325m**

Coordenada (N) **38° 50.553'**

Coordenada (W) **007° 37.368'**

Tipo de Sítio **Vestígios diversos/Mansio (?)**

Período Cronológico **Romano**

## Descrição do Sítio

Sítio identificado num acompanhamento arqueológico efetuado no âmbito da retificação da interseção da EN4 com acesso ao lugar de Fonte do Imperador.

Reproduzo a informação constante no processo IPA 2009/1(479): "Foram efectuadas sondagens manuais que revelaram a total ausência de estruturas arqueológicas. Detectou-se no entanto algum espólio, quase exclusivamente cerâmica comum, uma moeda romana datada de 282-285 d.C. O espólio observado remete para uma ocupação do espaço durante o Baixo Império Romano e durante a Idade Moderna/Contemporânea, esta última de natureza agrícola".

Na visita efetuada ao local, foi possível identificar claramente uma macha de vestígios de superfície, com aproximadamente meio hectare. André Carneiro, alerta-nos para o facto do sítio estar implantado numa "pequena elevação que domina o traçado da via XII. (...) podendo tratar-se de um casal agrícola ou de um ponto relacionado com a via (uma *mansio*?)" (Carneiro, 2011, p.181).

Acessos **Junto à EN 4, Fonte do Imperador**

Uso do Solo **Agrícola**

Conservação/Ameaças **Regular/ Agricultura**

## Bibliografia

*Vide CARNEIRO, André (2011) - Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectors estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora*

## Observações

Outras referências: Rectificação da intersecção da EN4 com o acesso ao lugar da Fonte do Imperador nas proximidades de Estremoz, *Archeoestudos* (Responsável científico Tânia Falcão), Alter do Chão, Julho 2009, Proc. IPA 2009/1(479), Processo de sítio S-31490.

## Registo Fotográfico



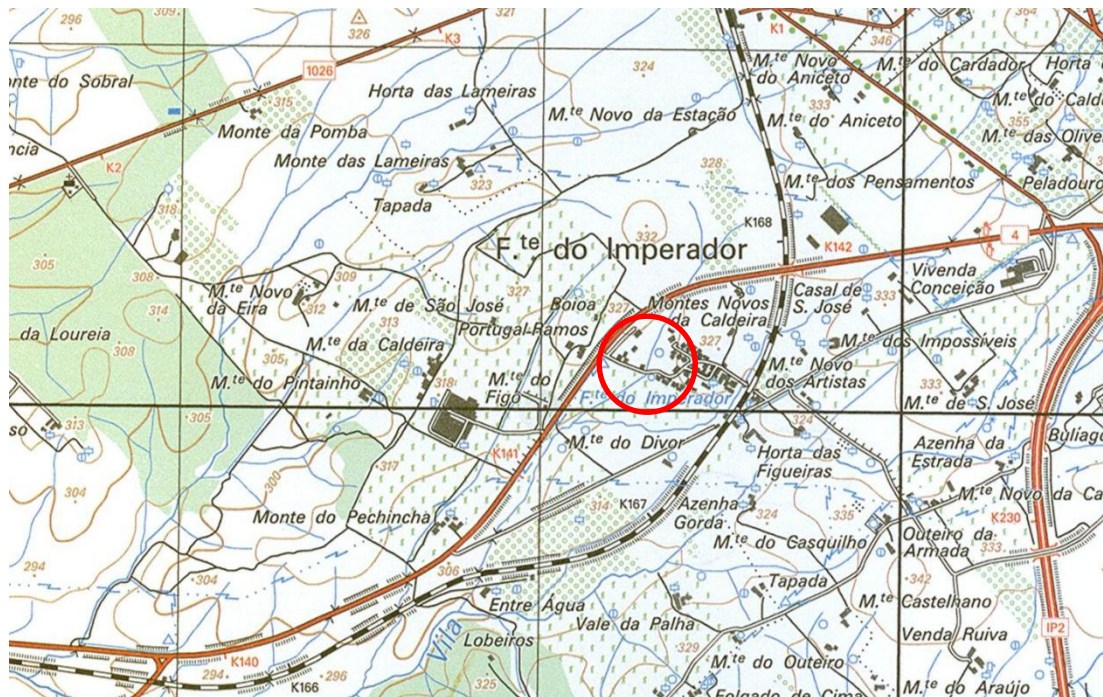
**Figura 1-** Moeda encontrada durante a intervenção arqueológica. Fonte: Falcão, 2009



**Figura 2-** Proximidade entre sítios  
*Fonte:* Google Earth

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 2- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **83**

Designação	Vinha da Fonte do Imperador		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	Santa Maria	Topónimo	
CNS	31491	CMP 1:25 000 folha n.º	425
		Altitude (m)	325m
Coordenada (N)	38° 50.459'	Coordenada (W)	007° 37.639'
Tipo de Sítio	Vestígios diversos	Período Cronológico	Indeterminado/Romano (?)

## Descrição do Sítio

Mancha de materiais de construção identificada aquando das prospeções arqueológicas efetuadas no âmbito da retificação da interseção da EN4 com acesso ao lugar de Fonte do Imperador.

O sítio encontra-se recenseado pelo IGESPAR, como sendo de cronologia "indeterminada". Na visita efetuada ao local, foi possível identificar claramente uma macha de vestígios de superfície de várias épocas. Foram identificados essencialmente, fragmentos de cerâmica comum e de construção.

Este sítio arqueológico pode estar relacionado com o sítio "Fonte do Imperador - CNS 31490 e Monte do Coelho 1 - CNS 33150" pelo facto de estarem muito próximos um do outro, tendo apenas a EN4 a estabelecer uma divisão entre estes três sítios.

O facto do sítio estar implantado próximo do traçado da via XII, existe a possibilidade de estarmos sobre um ponto de povoamento relacionado com a via (uma *mansio*?).

Acessos Junto à EN 4, Fonte do Imperador

Uso do Solo Agrícola

Conservação/Ameaças Regular/ Agricultura

## Bibliografia

## Observações

Outras referências: Rectificação da intersecção da EN4 com o acesso ao lugar da Fonte do Imperador nas proximidades de Estremoz, *Archeoestudos* (Responsável científico Tânia Falcão), Alter do Chão, Julho 2009, Proc. IPA 2009/1(479), Processo de sítio S-31490.

# FICHA DE SÍTIO

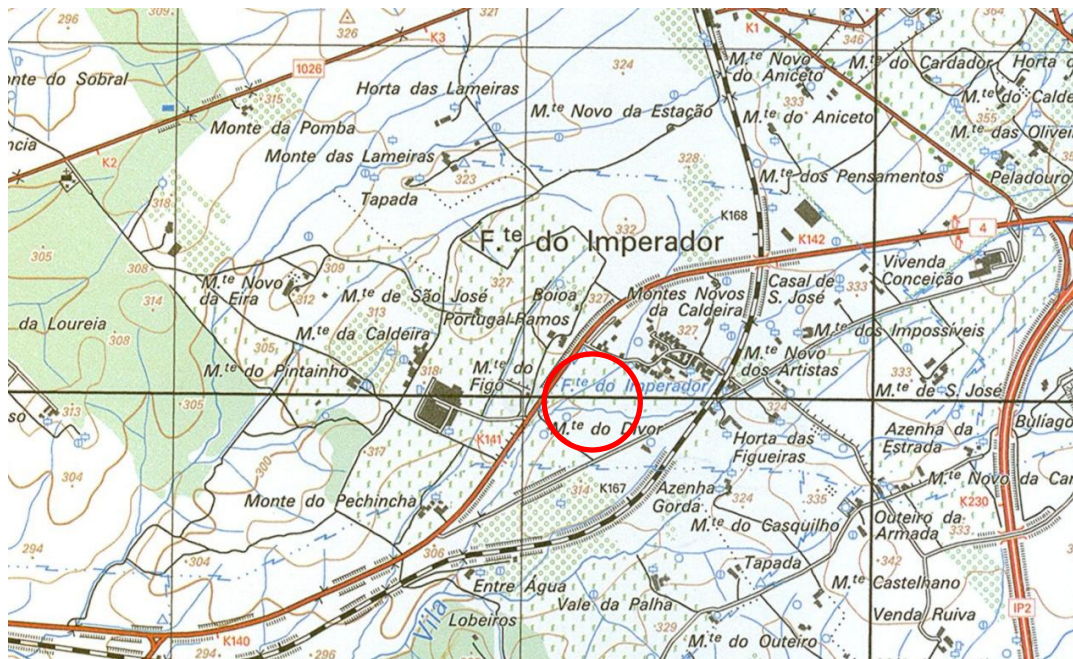
## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Proximidade entre sítios

Fonte: Google Earth

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar n° 425 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

84

Designação

Senhora dos Mártires

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Santa Maria/Mártires

Topónimo

CNS

5680

CMP 1:25 000 folha n.º

425/426

Altitude (m)

383m

Coordenada (N)

38° 49.818'

Coordenada (W)

007° 34.887'

Tipo de Sítio

Vestígios Diversos/ Vicus (?)

Período Cronológico

Romano

## Descrição do Sítio

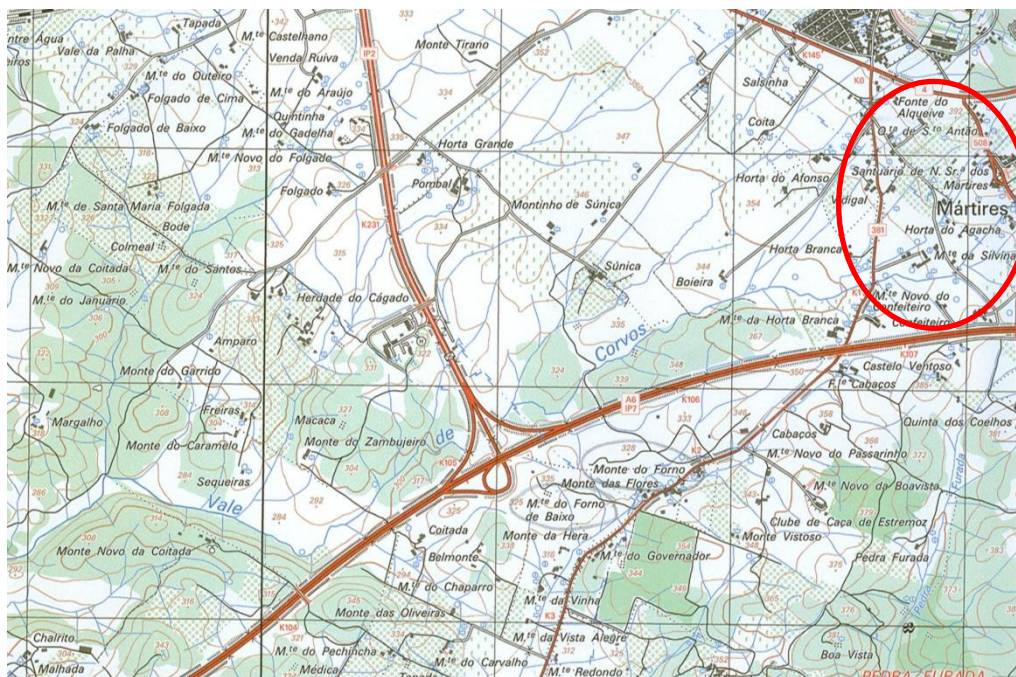
Este sítio deve ser entendido em contexto mais amplo, abrangendo elementos que lhe estão próximos, como o Tanque dos Mouros e os antigos vestígios nas proximidades do Convento de Santo António. Os vestígios identificados neste lugar estendem-se por vários hectares. Túlio Espanca, refere que na "Quinta de Santo Antão, vulgarmente chamada Quinta da Berlica. (...) No seu subsolo tem-se feito abundante colheita, através dos tempos, de objectos arqueológicos: um marco miliário de caracteres latinos, cerâmica, vidraria e moedas de ouro e cobre, de cunhagem romana." (Espanca, 1975, p.92). No entanto, é junto à Ermida de Nossa Senhora das Mártires que os vestígios são mais abundantes: "Em volta da igreja dos Mártires - freguesia de Santa Maria - têm-se encontrado muitas provas de que ficaram alguns romanos aí sepultados: pelas características das suas sepulturas, pelos vestígios de ruínas de casas de habitação, ou mesmo parcelas de arruamentos de edifícios de grande antiguidade. (...) Essas ruínas mostram ter ali existido qualquer "vila agrícola romana". Muitos alicerces das suas construções se encontram na Quinta da Berlica, e também ali se têm encontrado moedas romanas em grande quantidade. É mais de crer, porém, que sejam restos de uma aldeia a que chamavam, e ainda hoje lhe chamam, Aldeia dos Mártires." (Crespo, 1950, p.5) e ainda: "Ultimamente encontraram-se ainda naquele mesmo sítio, umas sepulturas romanas tendo uma delas uma campa com letreiro ilegível por apagado em parte. (...). Outra campa achada denota ter sido serrada de um bloco, conhecendo-se esse corte nessa pedra feito por serração. De dentro dessa sepultura tiraram - no dizer de uma testemunha ocular - uma espécie de garrafa de barro, uma tigela e uma garrafa de vidro a desfazer-se de «podre» e que teria a capacidade de uma garrafa vulgar. Seria este um lacrimatório que era de uso os parentes do defunto e as carpideiras encherem de lágrimas, que derramavam como justificação do seu carpir e sepultavam como último preito junto das cinzas do falecido?" (Crespo, 1950, p.6), e ainda: "Durante as vultuosas obras de 1732 e 1744, nos terrenos envolventes, descobriram-se dois túmulos romanos, de mármore, anepígrafos e objectos de adorno, da mesma civilização." (Espanca, 1975, p.90); e finalmente: "Neste Século se tem descobrido na vizinhança desta Igreja muitas medalhas Romanas, muitas sepulturas, que são claros indícios, de que não longe esteve alguma grande povoação Romana. Todas estas sepulturas parecem Gentílicas, e têm à cabeceira huma Almotolia de Barro, com hum prego dentro (...)" (Fonseca, 2003, p.180);

Na visita de campo efetuada ao terreno, foi possível identificar à superfície, a presença de numerosa cerâmica de construção e inúmeros blocos de mármore talhados e irregulares. A implantação do sítio parece de dimensões superiores a uma *villa*. Devemos ter em atenção também que nas imediações transitava o itinerário da via XII, por isso é provável que tivesse existido um sítio de grandes dimensões em íntima relação com a via, ou então a existência de um povoado dedicada à extração e exportação de mármore, tendo em conta os vários vestígios encontrados associados a esta indústria .

# FICHA DE SÍTIO

<b>Acessos</b>	Mártires, Estremoz		
<b>Uso do Solo</b>	Urbano/Agrícola	<b>Conservação/Ameaças</b>	Regular/Agricultura
<b>Bibliografia</b>	<p>Vide CARNEIRO, André (2011) - <i>Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia</i>. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora; CRESPO, Marques (1950) - <i>Estremoz e o seu termo "regional"</i>. Estremoz: Marques Crespo; ESPANCA, Túlio (1975) - <i>Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)</i>, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.89-92.</p>		
<b>Observações</b>	Outras referências: RP 6/208; Processo IGESPAR S-00989		

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar n° 425 com a localização da área de dispersão dos vestígios

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

M(atri) D(eum) S(acrum) // I(ulius) MAXIMI/ANVS A(nimo) L(ibens) P(osuit)/PROH(uius) M(onumentum)  
N(umini) E(rectionem) / PECVLIVM

Consagrado à Mãe dos Deuses. Júlio Maximiano concedeu de boa vontade um  
pecúlio para erecção deste monumento à divindade.

"Epígrafe de especial relevância, dado o facto de ser o único documento do culto à Deusa Cíbele, a *Magna Mater* geradora de prosperidade, que foi encontrado nesta região. Trata-se de um raro testemunho de um acto ervegético, visto que o dedicante – *Iulius Maximianus*, certamente um liberto com invejável poder financeiro – erigiu o monumento às suas custas" (Carneiro, 2010, p.254).

Ara votiva, em granito branco, trabalhada nas quatro faces. Sobre a cornija, uma espécie de plinto cuja face anterior se esculpiram um frontão triangular e os quartos de círculo para simular os toros; aí se gravaram as siglas MDS. Sob a cornija, uma moldura do tipo gola encurtada. O fuste contém a inscrição e separa-se da base por uma moldura do tipo gola reversa.

O seu local de proveniência é conhecido "Tanque dos Mouros", situado na envolvente da atual Igreja da Senhora dos Mártires.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

Vide ALMEIDA, J.M. e Ferreira, F.B. (1967) - "Varia epigraphica". In *Revista de Guimarães* LXXVII: 47; CARNEIRO, André (2010) - A cartografia dos cultos religiosos no Alto Alentejo em época romana: uma leitura de conjunto. In *HISPANIA ANTIQVA* XXXIII-XXXIV. Valladolid: Universidad de Valladolid

## Observações

Outras referências: IRCP nº 440; RP 6/208.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **86**

Designação **Tanque dos Mouros**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santa Maria/Mártires**

Topónimo

CNS **989**

CMP 1:25 000 folha n.º **425/426**

Altitude (m) **398m**

Coordenada (N) **38° 49.995'**

Coordenada (W) **007° 34.819'**

Tipo de Sítio **Represa**

Período Cronológico **Romano**

## Descrição do Sítio

O Tanque dos Mouros é uma das mais monumentais estruturas de contenção de água do território português. Situa-se a sul da cidade de Estremoz, junto à EN n.º 4, que infelizmente, lhe retirou um dos lados.

O Tanque dos Mouros, foi descrito por vários autores, nomeadamente Túlio Espanca (1975) que atribui esta obra ao século XIV.

Construído num grosso aparelho de *opus incertum*, é uma estrutura romana com grande capacidade de armazenamento de água; tem aproximadamente 90 metros de comprimento e 45 de largura. Segundo Marques Crespo (1950), a água que abastecia o tanque, provinha de "duas fontes, uma das quais próximo da Cerca de Santo António, bem como um riacho que as alimentava, (...) obstruídas por um terramoto em 1531." (Crespo, 1950, p.8). A água era conduzida por canais, e tudo indica ter existido próximo das fontes um pequeno aqueduto: "Das fontes vizinhas se encaminhava a sua água para este lago, e ainda hoje se descobrem alguns vestígios do aqueduto." (Fonseca, 2003, p.180).

A sua construção parece estar ligada ao aproveitamento de água para rega e para abastecimento de uma eventual *villa*, como parece apontar a evidência de um canal que conduziria a água desta estrutura até à ermida gótica de Nossa Senhora dos Mártires, local onde à superfície é visível abundante espólio romano.

Um dos aspetos mais relevantes desta estrutura, diz respeito aos dois orifícios do canto sudoeste, onde terão funcionado máquinas de elevação de água, que assim permitiriam a redistribuição para os pontos de consumo testemunhados pelos canais. "Em caso afirmativo, tratar-se-ia de dois moinhos de eixo vertical com rodízio, accionados pela água que saía directamente dos dois orifícios". (Quintela, Cardoso & Mascarenhas, 1986, pp. 135-138).

Pelas características apontadas, este imóvel merecia ser objeto de escavações arqueológicas que permitissem conhecer melhor o tipo de estrutura hidráulica romana, o seu funcionamento e os possíveis reaproveitamentos em épocas posteriores.

Atualmente, o tanque encontra-se em elevado estado de degradação, para além do pedaço da estrutura destruída em 1963, aquando da construção da já referida estrada nacional, foi-lhe retirado recentemente mais um pedaço, ao que parece para possibilitar o acesso de máquinas agrícolas.

Acessos **Mártires, junto à EN 4, Estremoz**

# FICHA DE SÍTIO

<b>Uso do Solo</b>	Agrícola	<b>Conservação/Ameaças</b>	Mau/Agricultura/Abandono
<b>Bibliografia</b>	<p>Vide CARNEIRO, André (2011) - <i>Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia</i>. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora, p. 181-183; CRESPO, Marques (1950) - <i>Estremoz e o seu termo "regional"</i>. Estremoz: Marques Crespo, p.8; ESPANCA, Túlio (1975) - <i>Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)</i>, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 92; QUINTELA, António; CARDOSO, João; MASCARENHAS, José (1986) - <i>Aproveitamentos Hidráulicos Romanos a Sul do Tejo. Contribuição para a sua inventariação e caracterização</i>. Lisboa: Ministério do Plano e Administração do Território, p.135-138</p>		
<b>Observações</b>	<p>Classificado como SIP - Sítio de Interesse Público</p> <p>Portaria n.º 740-CI/2012, DR, 2.ª série, n.º 248, de 24-12-2012</p>		

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral do sítio

## FICHA DE SÍTIO



**Figura 2** - Vista aérea do sítio.  
*Fonte:* Google Maps

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Reproduzo a informação constante no relatório de trabalhos arqueológicos de Ana Gonçalves, visto que nos trabalhos de campo, nada foi observado: "grande quantidade de fragmentos cerâmicos comuns e de materiais de construção, de origem romana". (Processo IPA 98/1(076). O sítio foi identificado num estudo de impacto ambiental (EIA - A6 - sublanços Estremoz/Borba e Elvas).

Acessos

Uso do Solo

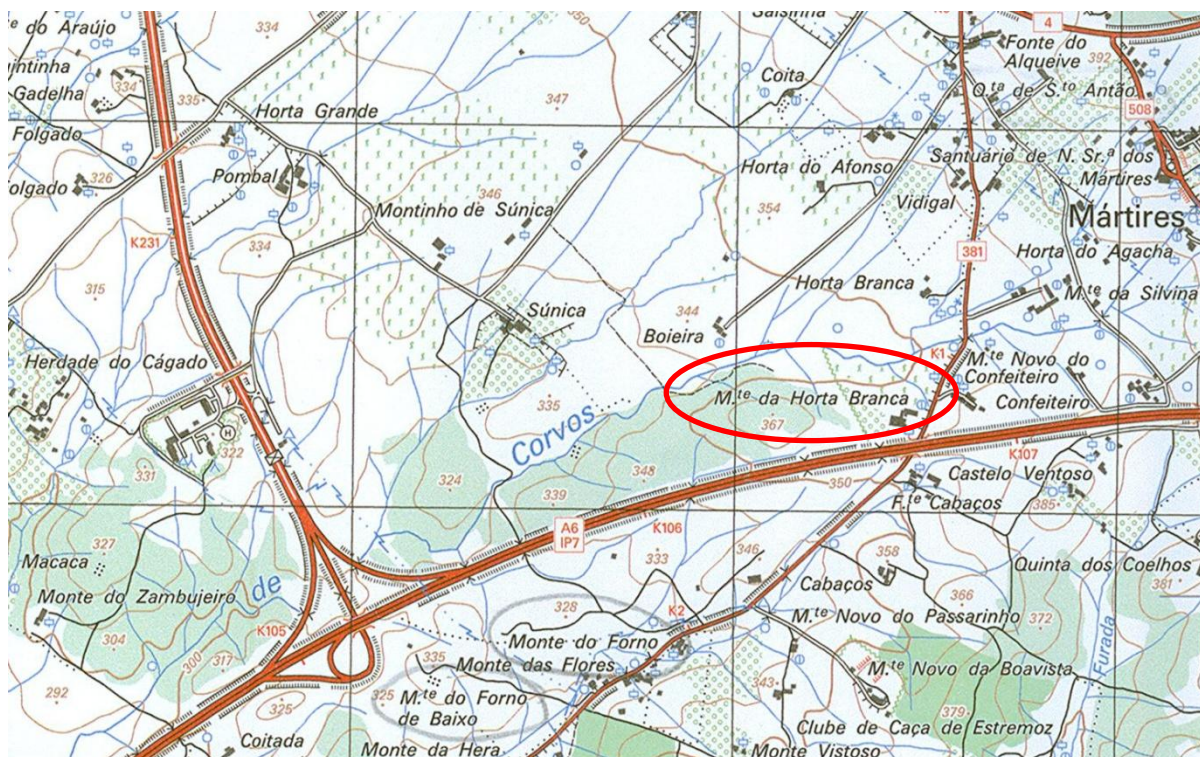
Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº425 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **88**

Designação **Monte do Coelho 1**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santa Maria**

Topónimo

CNS **33150**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **325m**

Coordenada (N) **38° 50.685'**

Coordenada (W) **007° 37.301'**

Tipo de Sítio **Vestígios Diversos**

Período Cronológico **Romano**

## Descrição do Sítio

Mancha de materiais identificada aquando das prospeções decorrentes dos trabalhos de beneficiação da passagem superior ao caminho de Ferro na EN4, ao km 142: "materiais, de cronologia romana, tardo-romana e contemporânea, integram fragmentos de cerâmica comum e de cerâmica de construção (tegulae)" (Processo IGESPAR 2011/1(040)).

Na visita efetuada ao local, foi possível identificar claramente uma macha de vestígios de superfície de várias épocas, com aproximadamente meio hectare. Foram identificados essencialmente, fragmentos de cerâmica comum e de construção.

Este sítio arqueológico pode estar relacionado com o sítio "Fonte do Imperador - CNS 31490 e Vinha da Fonte do Imperador - CNS 31491)" pelo facto de estarem muito próximos um do outro, tendo apenas a EN4 a estabelecer uma divisão entre estes três sítios.

O facto do sítio estar implantado próximo do traçado da via XII, existe a possibilidade de estarmos sobre um ponto de povoamento relacionado com a via (uma *mansio*?).

Acessos **Monte do Coelho, junto à EN4 , Estremoz**

Uso do Solo **Agrícola**

Conservação/Ameaças **Regular/Agricultura**

Bibliografia **Processo IGESPAR 2011/1(040).**

Observações **Próximo do local foi identificado outro sítio romano ("Fonte do Imperador- CNS 31490").**

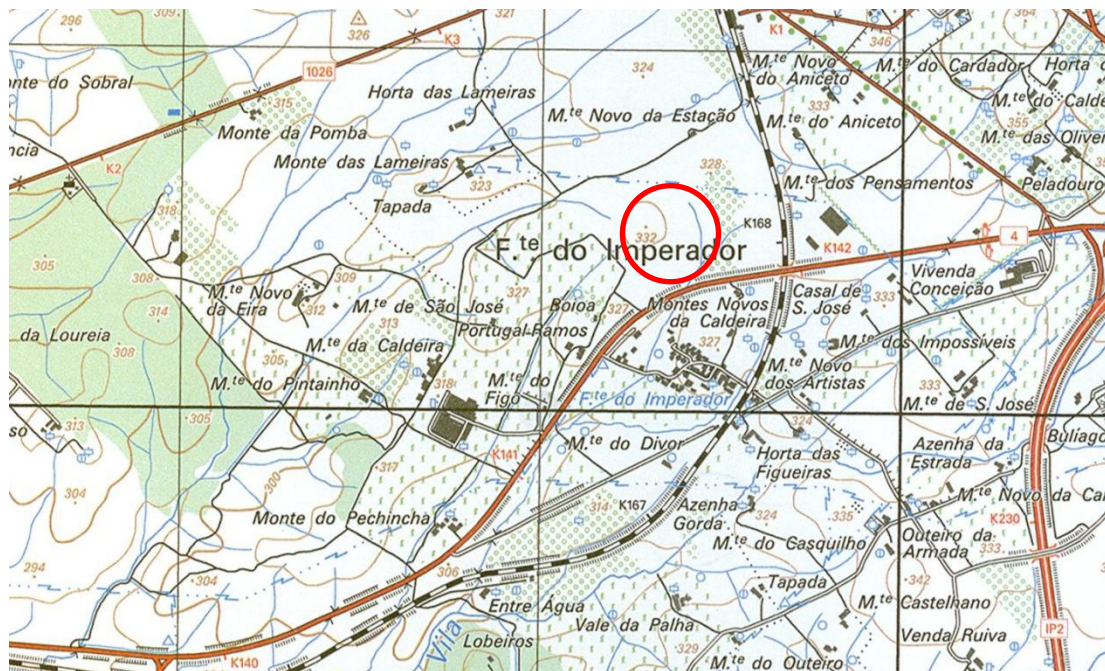
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Proximidade entre sítios  
*Fonte:* Google Earth

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº425 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

89

Designação

Castelo de Estremoz, composto pela muralha, portas e respetivos baluartes da primeira linha de fortificações do século XIII, pelas portas e baluartes da segunda linha de fortificações do século XVII e pela Torre das Couraças

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

Santa Maria

Topónimo

N.º IPA

1152

CMP 1:25 000 folha n.º

425

Altitude (m)

462m

Coordenada (N)

38° 50.504'

Coordenada (W)

007° 35.534'

Tipo de Sítio

Castelo/Muralhas/Torre

Período Cronológico

Medieval - Moderno

## Descrição do Sítio

Revelando-se como uma das mais importantes praças-fortes do Alentejo, o castelo da cidade de Estremoz esteve ligado a alguns dos mais decisivos acontecimentos da História de Portugal. Não existem dados concretos acerca das origens do castelo de Estremoz, mas acredita-se que terá sido durante o reinado de D. Sancho II (1223 - 1248) que se inicia a edificação das muralhas do Castelo, obra continuada no reinado de D. Afonso III (1248 - 1279); por volta de 1260, inicia-se a construção da Torre de Menagem. Os trabalhos de envolvimento de muralhas no perímetro desta urbe alentejana tiveram continuidade sob o reinado de D. Dinis, monarca que edificou nele o seu paço real. A cerca era defendida por 22 torres, e a população intramuros podia ser abastecida por cerca de 20 cisternas (Espanca, 1975, p.62). O Paço Real de Estremoz foi uma das moradas preferidas por D. Dinis e D. Isabel de Aragão - a Rainha Santa Isabel, que aqui viria a falecer no dia 4 de julho de 1336.

A torre de Menagem estava concluída no reinado de D. Fernando, por volta de 1370.

O castelo medieval apresenta uma planta pentagonal, adaptada à configuração do terreno. A Sul encontra-se a imponente Torre de Menagem, uma das mais bem conservadas do país, construída em mármore branco, de planta quadrangular, com cerca de vinte e sete metros de altura, organizada em três andares e coberta por um terraço ameado (as ameias foram quase todas incorporadas na torre aquando do restauro de 1940 pela DGEMN). A sala nobre do segundo piso é a única de interesse artístico, com a sua abóbada polinervada que arranca de colunas rematadas por capitéis com motivos vegetalistas, à exceção de um que apresenta, curiosamente, máscaras humanas. Enriquecem ainda o imóvel exteriormente, e ao nível da sala nobre, um trabalhado profundo baixo-relevo envolvido por moldura retangular plurinervada, representando dois anjos de joelhos, segurando o escudo de armas dos reis da Primeira Dinastia.

Deste conjunto faz ainda parte a cerca poligonal que terá sido iniciada em tempo do rei D. Afonso III, aberta por duas portas principais: a Porta do Sol, ou Porta da Frandina, e a Porta de Santarém, mais tarde conhecida como Porta de Santa Ana, que rasgavam o recinto fortificado de nascente a poente. A que melhor se conserva é a Porta de Santarém, defendida por alta torre quadrada, e acompanhada por uma legenda epigráfica testemunhando o início da edificação, no reinado de D. Afonso III. A Porta da Frandina, virada para Nascente, é ladeada por uma torre semicilíndrica, com portal rebaixado no exterior e redondo no interior. Por cima do arco, à entrada, está colocada uma lápide invocativa da Imaculada Conceição, padroeira

## FICHA DE SÍTIO

de Portugal, como é habitual no reinado de D. João IV (r. 1640-1656), depois da Restauração. Completa a estrutura medieval a Torre das Couraças, cujo nome deriva de um elemento de arquitetura militar de origem muçulmana adaptado pelos cristãos. Este sistema permitia um acesso mais seguro à água potável em caso de cerco prolongado. Possivelmente coeva da Torre de Menagem, defende um caminho muralhado que parte da cerca urbana e se estende até junto de um ponto de água, fazendo parte de uma estrutura destruída em finais do século XVII.

O sistema defensivo de Estremoz foi enriquecido nos finais da Idade Média com novos dispositivos e uma cisterna, junto da atual capela da Rainha Santa. Nos séculos seguintes a relevância da cidade no quadro militar do país acentuou-se, determinando o total amuralhamento do burgo durante as grandes obras de meados do século XVII, dirigidas pelo jesuíta João Cosmader, nomeado responsável pelas fortificações do Alentejo por D. João IV.

A segunda linha de muralhas estendeu-se ao bairro de Santiago, permanecendo a Porta de Santarém apenas como comunicação de Santiago com Santa Maria e já não como porta da vila. Na nova muralha foram abertas duas novas portas, uma para a encosta Sul, a Porta de Évora e outra, hoje desaparecida, para a encosta da levada, a Porta da Lage. Além destas, existiam ainda a Porta de Santo António, a Sudeste, desaparecida quando do restauro da fortaleza e a do Barô, a Noroeste, que mais tarde seria incluída na fortificação das Couraças (Teixeira e Valla, 1999, p.157).

As fortificações seiscentistas representam os baluartes incorporados à linha de muralha do Castelo e toda a cintura envolvente dos limites urbanos da cidade; composta por quatro baluartes, dois meio-baluartes e um revelim; a noroeste o Baluarte de Santa Isabel, defendendo a povoação; a norte o Baluarte de Santo Agostinho, protegendo o Castelo e que sacrificou a Porta do Barô e a estrada coberta da Couraça; a Este os baluartes mais importantes, Baluartes de S. Brás e da Rua Nova, protegendo a porta do Arco da Frandina; o Revelim de Santa Cruz, encostado aos muros do Assento; o Baluarte das Ferrarias, no ângulo sudoeste, guarnecido de guaritas (Mendeiros, 1987, p.26).

Este tipo de fortificações envolviam também a parte baixa da vila numa terceira cintura de muralhas num circuito de quase cinco quilómetros, apresenta uma planta irregular e sinuosa, constituída por aterro e parapeito de alvenaria, reforçada por silharia nos cunhais, envolvendo a área urbana da cidade pelos lados norte, oeste e sul.

Rasgada por quatro amplos vãos de acesso rematados pelas duas faces de composição ornamental emoldurante, conectando um sistema de fortes e baluartes de planta poligonal, pentagonal e compósita, apresenta dez baluartes, três meios baluartes, um reduto e vários revelins que envolviam e definiam os limites urbanos da cidade; a ala Este compreendida entre as Portas de Santa Catarina e Santo António, foi demolida no século XX, para a construção da linha de caminho de ferro; rasgadas na cintura defensiva exterior da cidade, as Portas de Santo António, de Santa Catarina, Dos Currais e de Évora, sendo estas as únicas entradas na cidade.

A porta de Santo António, desenhada por António Rodrigues, foi acabada em 1676 e mantém ainda um nicho dedicado ao orago do monumento, assim como uma lápide descritiva da empreitada.

A porta de Évora é a entrada exterior para o ancestral Bairro de Santiago, tendo como elemento mais relevante uma ponte levadiça, sendo reconstituídos posteriormente os seus elementos funcionais e grossas correntes de ferro.

A porta dos Currais foi desenhada em 1670 pelo sargento-mor de engenharia António Rodrigues e destaca-se pela sua monumentalidade e composição artística, com uma águia imperial e grifos a pisar peças de artilharia.

A Porta de Santa Catarina mantém um nicho de devoção à padroeira, tendo como elemento mais interessante a guarita da ronda militar, em estilização de canhão e enobrecida pelo escudo régio de Portugal.

Integrado neste polígono militar exterior, estava o Forte de São José, atualmente desprovido de quase toda a sua estrutura arquitetónica e dos materiais de construção, embora ainda seja visível a sua estrutura natural roqueira. Este forte era assistido pela guarnição dos aquartelamentos fixados nestes redutos, e ao que tudo indica, possuía um corredor subterrâneo de emergência. De planta quadrangular, flanqueado de quatro redentes, possuía parapeitos e guaritas angulares.

# FICHA DE SÍTIO

## Alcáçova do Castelo:

Torre de Menagem - Largo de D. Dinis, Estremoz

Torre da Couraça - Largo do Espírito Santo

## Muralhas Medievais:

Porta da Frandina - Calçada da Frandina

Porta de Santarém - Rua do Arco de Santarém

## Portas e Baluartes da 2ª linha de fortificações (séc. XVII):

Porta de Évora - Largo da Porta de Évora

Porta de Santa Catarina - Largo de Santa Catarina

Porta de Santo António - Rua Victor Cordon

Porta dos Currais - Rua da Restauração

Forte de São José - Avenida Dr. Marques Crespo, junto à mata.

### Acessos

**Uso do Solo** Urbano **Conservação/Ameaças** Bom/Sem ameaças

### Bibliografia

Vide ALMEIDA, João de Almeida (1948) - *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Vol.3. Lisboa: ed. do autor; CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo regional*. Estremoz: Marques Crespo; ESPANCA, Túlio (1962) - Fortificações da Cidade de Estremoz. In *A Cidade de Évora*, nº 51 e 52; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes; FONSECA, Teresa (2003) - *António Henriques da Silveira, e as Memórias analíticas da vila de Estremoz*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz; MENDEIROS, José Filipe (1972) - *A Epopeia de Estremoz*. Lisboa: Academia Portuguesa de História; MONTEIRO, João Gouveia, PONTES, Maria Leonor (2002) - *Castelos Portugueses*, Lisboa: IPPAR; TEIXEIRA, Manuel C e VALLA, Margarida (1999) - *O urbanismo Português, séculos XIII-XVIII Portugal - Brasil*, Vol. III. Lisboa: Livros Horizontes; VALLA, Margarida (2007) - *Os engenheiros militares no planeamento das cidades, entre a restauração e D. João V, 1640-1750*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; VERMELHO, Joaquim (1992) - *Pousada da Rainha Santa Isabel. História das histórias de um castelo*. Lisboa: ELO; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal.

### Observações

Classificado como MN - Monumento Nacional

Lei n.º 1 766, DG, I Série, n.º 78, de 11-04-1925 (muralhas da 1ª linha de fortificações, Portas de Santa Catarina, Santo António, Currais e Évora)

Decreto n.º 9 842, DG, I Série, n.º 137, de 20-06-1924 (Muralhas e baluartes do castelo, Torre das Couraças, portas e baluartes da 2ª linha de fortificações)

Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910 (Castelo)

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Torre de Menagem: vista geral



Figura 2 - Torre da Couraça

# FICHA DE SÍTIO



**Figura 3** - Porta da Frandina: 1ª linha de fortificação



**Figura 4**- Porta de Santarém: 1ª linha de fortificação



**Figura 5**- Porta de Santa Catarina: 2ª linha de fortificação

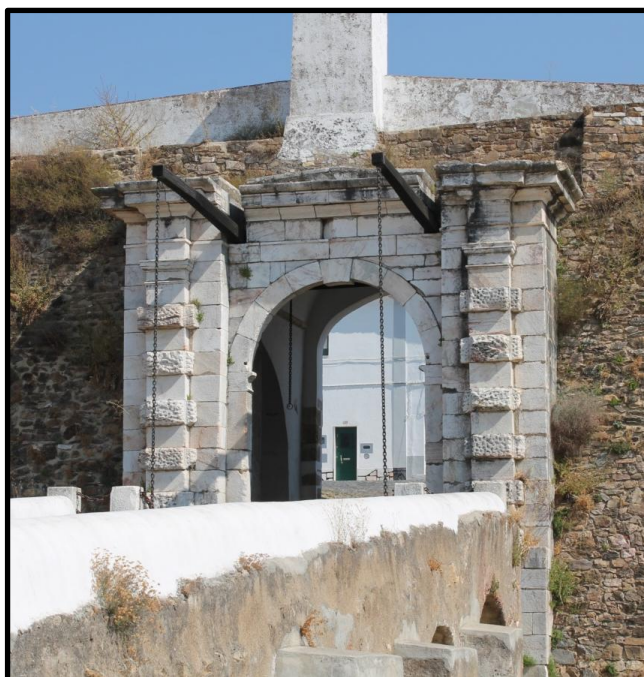


**Figura 6**- Porta de Santo António: 2ª linha de fortificação

## FICHA DE SÍTIO



**Figura 7-** Porta dos Currais: 2ª linha de fortificação



**Figura 8-** Porta de Évora: 2ª linha de fortificação



**Figura 9-** Forte de São José

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do Castelo de Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Situada no antigo terreiro do Castelo, é a primeira igreja de que há registo no concelho. O primeiro documento que lhe faz referência data de 1250, trata-se de um acordo entre o Bispo de Évora, e o Cabido da Sé, com o Mestre da Ordem de Avis Martinho Fernandes (Guerreiro, 2008, p.7). Atualmente, nada existe da antiga matriz medieva, que segundo Hugo Guerreiro, teria certamente uma traça dentro dos estilos arquitetónicos românico-góticos (Guerreiro, 2008, p. 7). A Igreja de Santa Maria de Estremoz é um dos mais interessantes exemplares de hallenkirchen de planta quadrangular, inserindo-se na tipologia de igrejas-salão edificadas por Miguel de Arruda nas primeiras décadas da segunda metade do século XVI no sul do País (Serrão, 2002, pp. 188-189). O atual templo foi fundado em 1560, sob o patronato do Cardeal D. Henrique. O mestre responsável pela obra terá sido Pero Gomes (Espanca, 1975, p. 75), embora esta se tenha prolongado até ao primeiro quartel do século XVII.

A planta da igreja é sensivelmente quadrada, e divide-se em três naves de igual altura. A fachada é marcada pela disposição de contrafortes, que formam três tramos. Esta estrutura ficaria incompleta, uma vez que no projeto original "(...) teria certamente um frontão central e duas torres (...)" a rematar o frontispício (Gomes, 2001, p. 40). No centro, foi rasgado o portal com frontão triangular destacado assente sobre colunas, e no seu eixo, no registo superior, foi colocado um óculo. Em cada um dos tramos laterais foi edificado um portal de moldura simples e uma fresta, e nas fachadas laterais foram dispostos três janelões retangulares.

O interior é um espaço quadrado unificado, onde foram dispostas seis colunas jónicas que simulam a existência de tramos, de onde arrancam feixes de nervuras simples, que sustentam as nove abóbadas que cobrem o espaço. A capela-mor é ladeada por duas sacristias, sendo também coberta por abóbada de arestas. Ao centro foi edificado o retábulo, de gosto maneirista, executado cerca de 1620 (Espanca, 1975, p.75) por uma oficina local. Teve grandes obras de restauro em 1969 e 1970 e, recentemente, houve também o restauro de uma pintura parietal da nave no tramo direito.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.45-48; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.75-85; GOMES, Paulo Varelavd (2001) - *Arquitectura, Religião e Política em Portugal no século XVII - A Planta Centralizada*; Porto: [s.n]; GUERREIRO, Hugo (2008) - *Arte sacra no concelho de Estremoz: Santa Maria, Santo André e Evoramonte: inventário artístico da Arquidiocese de Évora*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, p.7-11; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.40; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.13-19; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 31-32.

## Observações

Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público

Decreto n.º 47 508, DG, I Série, n.º 20, de 24-01-1967

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

## FICHA DE SÍTIO



**Figura 2** - Pormenor da Pintura mural que cobre o alçado interior



**Figura 3** - Pormenor dos sistemas de suporte e abobadamento

### Registo Cartográfico



**Mapa 1**- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Igreja de Santa Maria

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **91**

Designação	Núcleo Urbano da Cidade de Estremoz/ Núcleo Intramuros da cidade		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	Santa Maria	Topónimo	
N.º IPA	24130	CMP 1:25 000 folha n.º	425/426/411
		Altitude (m)	444m
Coordenada (N)	38° 50.536'	Coordenada (W)	007° 35.622'
Tipo de Sítio	Núcleo de povoamento	Período Cronológico	Medieval Cristão/Moderno

## Descrição do Sítio

O centro histórico de Estremoz possui duas zonas de características morfológicas e tipológicas distintas que formam a estrutura urbana da cidade: a vila velha (zona do Castelo e Bairro de Santiago) e a vila moderna. O bairro de Santiago funcionava com zona habitacional junto ao castelo, circundado também por muralhas com uma malha ortogonal, cujos eixos principais são a Rua Direita (rua directa) que une a porta do Arco de Santarém à capela de Santiago e a Rua Gonçalo Velho, inserindo-se na política de planeamento de D. Afonso III e D. Dinis (século XIII). Este bairro tinha duas portas para dar acesso ao exterior, a sul a porta de Évora e a norte a porta da Lage, atualmente já desaparecida.

No interior da linha de muralhas primitivas, predominam as casas de dois pisos, concentradas sobretudo na área da Rua Direita. As coberturas são na maioria de telha, com duas ou três águas, normalmente com pouca inclinação. Os paramentos são rebocados e de um modo geral pintados ou caiados de branco.

À medida que se desce para o centro da cidade, verifica-se uma organização em socalcos para superar as diferenças de cotas do terreno em que está implantado. Pela mesma razão são frequentes as escadas em travessas e ruas.

A partir do século XVI, a cidade começa a expandir-se, ultrapassando os limites impostos pela barreira arquitetónica que a muralha medieval representava. As atuais Ruas Alexandre Herculano e da Frandina funcionam como corredores que comunicam entre as duas zonas da cidade.

A vida ativa da vila foi descendo do Castelo para a parte baixa, onde se veio a formar a Praça Luís de Camões onde no séc. XVIII se centrava a vida comercial e cívica da população. Na Praça Luís de Camões, encontra-se ainda implantado o Pelourinho de Estremoz, vindo do Castelo. Na parte baixa da cidade a malha urbana consolida-se numa rede viária desenvolvida em função da estrutura defensiva, os baluartes exigiram a demolição de várias centenas de casas em torno do castelo, nomeadamente os bairros de Fora, Espírito Santo e Palhais, gerando-se assim uma zona sem edificações em seu redor destinada essencial para a defesa. Os baluartes para além de defenderem a parte construída, permitiam controlar as entradas da Vila, desviando os traçados convergentes das vias de acesso para vias de substituição que conduziam às portas colocadas nos paramentos das muralhas. O acesso ao interior do núcleo urbano faz-se inevitavelmente através do atravessamento de uma das portas da cidade, Portas de Santa Catarina a Norte, Portas de Santo António a Este, Portas dos Currais a Sul e a Sudoeste as Portas de Évora que impunham um percurso paralelo às muralhas, facilitando assim a defesa. A estrutura urbana existente na parte baixa da cidade é essencialmente marcada pelos edifícios de carácter religioso.

# FICHA DE SÍTIO

Junto ao convento de São Francisco em 1688, o Rossio de São Brás vê surgir um majestoso lago e fonte que Estremoz não poderia imaginar que este se tornaria um dos seus ex-líbris da cidade. Mandado construir pelo Senado de Estremoz, aproveita uma das mais importantes nascentes da zona baixa da cidade que se encontra no extremo Sudoeste do Rossio Marquês de Pombal, a nascente da Fonte Nova.

O Rossio Marquês de Pombal que outrora desempenhara um papel importante na história da vila e até mesmo do Reino, pois ali muitas vezes se juntaram exércitos, transformou-se num local privilegiado para trocas comerciais, quer pela sua localização e acessibilidade, quer pelas suas generosas dimensões.

No entanto o acontecimento que marcou a primeira metade do séc. XIX foi a construção da linha de caminho de ferro que sacrificou toda a linha de fortificações compreendida entre as Portas de Sta. Catarina e as de Sto. António. Parte desta zona foi ocupada por armazéns e indústrias ligadas à proximidade da via férrea possibilitando uma nova expansão do tecido urbano até então contido intramuros.

Após o 25 de Abril de 1974, a cidade atrai novas populações oriundas sobretudo das freguesias rurais. Aproveitando os terrenos disponíveis, são criadas zonas de expansão habitacional, de promoção habitacional, de promoção municipal e cooperativa, na Avenida de Santo António, Salsinha e Campo da Feira. Surgem também outras urbanizações de iniciativa privada, viradas para classes médias urbanas, localizadas em Mendeiros e no Monte da Razão.

Estremoz como vila fortificada representa a aplicação de uma teoria de fortificação ligada essencialmente ao urbanismo e à arte de fortificar, seguindo as regras gerais da fortificação. A cidade de Estremoz teve assim três períodos de expansão urbana. A primeira fase esteve estreitamente ligada a D. Afonso III e a D. Dinis que acabaram por criar dois núcleos medievais em que os espaços funcionais se localizavam no largo do castelo. A segunda fase corresponde ao séc. XVI em que os edifícios públicos se deslocam para o terreiro das Covas. Por último, a construção de um novo sistema de fortificações no séc. XVII que alarga a área urbana. Na segunda metade do séc. XIX o rossio, hoje rossio Marquês de Pombal passa a funcionar como gerador principal da parte administrativa da cidade, contudo dada a sua dimensão ainda hoje serve de terreiro para feiras e mercados.

## Acessos

Zona alta da cidade e zona baixa, Estremoz

## Uso do Solo

Urbano

## Conservação/Ameaças

Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.45-48; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.75-85; TEIXEIRA, Manuel; VALLA, Margarida (1999) - *O Urbanismo Português – séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil*. Lisboa: Livros Horizonte; GUERREIRO, Hugo (2008) - *Arte sacra no concelho de Estremoz: Santa Maria, Santo André e Evoramonte: inventário artístico da Arquidiocese de Évora*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, p.7-11; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.40; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.13-19; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 31-32.

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Bairro de Santiago (Rua Direita)



**Figura 2-** Vista área da cidade de Estremoz (imagem disponível em <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2011/07/estremoz.html>, acesso 24-01-2014)

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Segundo, P. Henrique Louro, a construção desta igreja atribui-se a D. Sancho II, tendo em 1260 como seu prior João Martins (Louro, 1974, p.40). Túlio Espanca, refere que a Igreja de Santiago já existia no reinado de D. Afonso III (1245-1279), como priorado da Ordem de Avis (Espanca, 1975, p.136), cuja cruz ostenta no alçado principal; e em 1341, aparece referenciada no Arquivo do Cabido da Sé de Évora (Mendeiros, 2001, p.25).

Da sua traça primitiva, nada se conservou, devido aos sucessivos restauros impostos por ruína ou por necessidade de expansão cultural. Todavia, existem ainda dois testemunhos góticos: na capela-mor, o resto de uma ogiva e, no corpo da igreja, um fragmento de ogiva.

Na fachada pode-se observar a torre sineira, a empena triangular de mármore com cruz com uma inscrição cronográfica de 1632, o janelão setecentista e, sobre a porta, a cruz da Ordem de Avis, cronografada de 1701. É uma igreja de tipo salão, com azulejos tricolores de composições geométricas, à entrada do lado esquerdo, situa-se a antiga capela batismal, atualmente desprovida de pia batismal. A capela-mor, é antecedida por um grande arco triunfal, possui um retábulo em talha dourada, tendo ao centro a imagem de Jesus na cruz.

A Paróquia de Santiago ainda perdurou até à primeira metade do século XIX, estando presentemente incorporada na paróquia de S. Francisco. Atualmente, a igreja de Santiago não se encontra aberta ao culto, funcionando nos anexos da igreja a sede do Centro Social Paroquial.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.101-104; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.136-139; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.40; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.25-27;

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO



**Figura 2 (lado esquerdo)** - Pormenor da torre sineira da Igreja

**Figura 3 (lado direito)** - Cruz da Ordem de Avis, que se encontra por cima da porta de entrada do edifício

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Igreja de Santiago

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **93**

**Designação** Igreja do Convento de São Francisco, compreendendo túmulo de Esteves Gatzuz

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**N.º IPA** 3833

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 409m

**Coordenada (N)** 38° 50.625'

**Coordenada (W)** 007° 35.207'

**Tipo de Sítio** Igreja/Convento/Túmulo

**Período Cronológico** Medieval Cristão/Moderno

## Descrição do Sítio

Apesar de não ser conhecida a data de fundação da igreja, existem referências que apontam para a sua construção na primeira metade do século XIII. A referência mais segura é a intervenção da rainha D. Beatriz, mulher de Afonso III, na construção da igreja do convento, como se depreende pela inclusão das suas armas na chave de abóbada do cruzeiro. Em 1255 já o edifício devia estar minimamente definido, uma vez que data desse ano o primeiro enterramento no claustro, do cavaleiro Nuno Martins.

Muitos são os vestígios materiais visíveis, desse período de vida da comunidade, em particular o corpo do templo, que obedece ao esquema mendicante vigente em Portugal nesse século XIII e que tanto marcou a arquitetura religiosa gótica nacional. Possui planta retangular de três longas naves e cinco tramos, cobertas com teto de madeira e suportadas por arcos formeiros de perfil apontado marcam simetricamente o espaço; três capelas à cabeceira e transepto de cruzeiro abobadado, tal como foi referido anteriormente, este é sustentado por artesoado cujos fechos ostentam as armas reais de D. Beatriz, de D. Afonso III, e um bocete de decoração em espiral. Os pilares que separam as naves têm capitéis com decoração fitomórfica, colunas fasciculadas de dois corpos formados por três fustes em cada face, apresentando pintura vegetalista policroma (Guerreiro, 2008, p.13).

Ainda do período gótico é o túmulo de D. Vasco Esteves Gatzuz, cavaleiro de D. Afonso III falecido em 1363. Neste monumental trabalho escultórico, o nobre é retratado em posição majestática, de grandes barbas em caneleto, de cabeça alteada por três almofadas, segurando a espada entre as duas mãos, com grande manto pregueado, amparado por anjo orante, de longa veste e ajoelhado, e guardado por dois lebréus, aos pés. Na face maior da arca ilustra-se uma cena de caçada, iconografia tipicamente nacional destinada a glorificar o carácter nobre do tumulado. Pensa-se que o monumento funerário foi mandado fazer pela sua viúva, D. Margarida Vicente, que instituiu capela no interior do convento e que também aí se fez sepultar. O túmulo foi concebido para uma edícula contígua à capela de Santo António, onde permaneceu até 1760, ano em que foi trasladado para o atual local, no segundo tramo da nave lateral Sul.

Desde o reinado de D. Manuel até à segunda metade do século XVIII o conjunto foi objeto de múltiplas reformas artísticas, que lhe conferem o aspeto híbrido em termos estilísticos. A mais importante obra de Quinhentos é a Capela de D. Fradique de Portugal (objeto de classificação autónoma), mas outros elementos subsistem, como o púlpito e o cruzeiro do adro da igreja.

Bastante mais importantes foram as obras da segunda metade do século XVII, iniciadas por Fr. Jerónimo do Rosário. Na primeira etapa construiu-se o coro-alto, estrutura que ocupa o primeiro tramo das naves e que é

# FICHA DE SÍTIO

suportada por abóbadas quase planas, de nervuras com o símbolo da Ordem de Cristo. De 1652 é a capela de Nossa Senhora do Rosário, onde se observa uma impressionante figuração escultórica consagrada à Árvore de Jessé, obra do reinado de D. João IV, em talha dourada e com inclusão de algumas esculturas já do século XVIII. Em 1666 edificou-se a capela de Nossa Senhora do Amparo, com retábulo posterior (de c. 1720) e, do final do século é o retábulo de Santo António (com obra de douramento já setecentista). Pouco depois, entre 1700 e 1705 edificou-se o atual retábulo-mor de talha dourada e, algumas décadas mais tarde, o absidiolo Sul foi transformado em Capela do Santíssimo Sacramento. O grande projeto barroco foi concluído já sob o signo do Neoclássico, por volta de 1770, com a reconstrução integral da nova fachada principal. Mais alta que o corpo da igreja medieval levanta-se a fachada principal, construção que veio substituir a antiga fachada medieva. Verifica-se um claro desequilíbrio relativamente ao corpo do templo, em que o alçado se ergue acima das naves. Está dividido em três corpos, separado por pilastras, com igual número de portas, sendo as laterais falsas, alinhadas com três janelas, sendo a central de maior dimensões, possui um frontão recortado, com emblema da ordem franciscana, realizado em 1777.

Em 1834, o convento foi extinto, dando-se início à separação entre a igreja (que ficou à guarda da Irmandade de São Francisco) e a área conventual (entregue ao exército). Passados mais de século e meio sobre a lei dos mata-frades, esta diferenciação ainda se mantém.

## Acessos

Largo dos Combatentes da Grande Guerra, Estremoz

## Uso do Solo

Urbano

## Conservação/Ameaças

Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.123-124; COSTA, Mário Alberto Nunes (1993) - *Vasco Esteves de Gatzuz e o seu túmulo trecentista em Estremoz*. Lisboa: Universidade de Coimbra; CHAVES, Luís (1917) - O Túmulo de Vasco Esteves de Gatzuz. In *Arqueologia Artística*. Lisboa: [s.n.]; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.111-136; GUERREIRO, Hugo (2008) - *Arte sacra no concelho de Estremoz: Santa Maria, Santo André e Evoramonte: inventário artístico da Arquidiocese de Évora*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, p.12-15; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.29-38; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 59.

## Observações

Classificado como MN - Monumento Nacional

Decreto n.º 9 842, DG, I Série, n.º 137, de 20-06-1924 (classificou a igreja)

Decreto n.º 8 228, DG, I Série, n.º 133, de 4-07-1922 (classificou o túmulo de Esteves da Gata)

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício



Figura 2- Interior da Igreja

## FICHA DE SÍTIO



Figura 3- Túmulo Esteves Gatzuz

### Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Igreja do Convento de São Francisco

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **94**

**Designação** Herdade do Bota Fora

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria

**Topónimo**

**CNS** 30438

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 400m

**Coordenada (N)** 38° 50.607'

**Coordenada (W)** 007° 35.858'

**Tipo de Sítio** Cemitério/ Necrópole

**Período Cronológico** Medieval Cristão

## Descrição do Sítio

Este sítio foi identificado no decurso de trabalhos de prospeção na Herdade da Bota Fora e Sequeiras, com o objetivo de identificar eventuais vestígios ao longo do terreno, antes de se iniciar a plantação de uma vinha no local. Terá sido identificada uma mancha de materiais osteológicos revolvidos, procedendo-se imediatamente à realização de sondagens manuais.

Foram postos a descoberto quatro enterramentos relacionados com o espaço funerário pertencente à Igreja de Santiago, cujas fundações remontam ao século XIII.

**Acessos** Herdade de Bota Fora e Sequeiras, próximo da Igreja de Santiago, Estremoz

**Uso do Solo** Agrícola

**Conservação/Ameaças** Mau/Agricultura

**Bibliografia** Processo IGESPAR S- 30438

**Observações**

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº425 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Este sítio foi identificado em 2001, durante os trabalhos de beneficiação da rede coletora de águas pluviais onde foram postas a descoberto três sepulturas, que motivaram a necessidade de se proceder a um acompanhamento arqueológico contínuo do local.

A intervenção iniciou-se com uma sondagem que pôs a descoberto uma tampa de sepultura (sepultura 1), constituída por lajes de xisto de forma irregular, que se encontrava truncada ao nível da bacia. Na sequência dos trabalhos foi posta a descoberto uma outra sepultura (sepultura 2). No seu interior foi posto a descoberto um esqueleto completo e em bom estado de conservação que se encontrava em decúbito dorsal.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1e 2-** Tampa das sepulturas Fonte: Processo S- 18027



**Figura 3-** Sepultura 2 - Fonte: Processo S- 18027

# FICHA DE SÍTI

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **96**

Designação **Ermida de Nossa Senhora dos Mártires**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santa Maria/Mártires**

Topónimo

N.º IPA **1240**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **383m**

Coordenada (N) **38° 49.818'**

Coordenada (W) **007° 34.887'**

Tipo de Sítio **Capela**

Período Cronológico **Medieval Cristão/Moderno**

## Descrição do Sítio

A Ermida de Nossa Senhora dos Mártires, é das poucas ermidas do concelho de Estremoz com características medievais. A construção deste templo está atribuída ao reinado de D. Fernando, devendo as obras ter arrancado por volta de 1371 (Espanca, 1975, p.89). A sua conclusão, todavia, ocorreu já durante a Dinastia de Avis, com o apoio do então senhor da vila de Estremoz, D. Nuno Álvares Pereira.

Apesar de relativamente pequeno, é um templo que ilustra bem o período final da arquitetura gótica plena nacional. Planimetricamente, esta capela-mor é um espaço composto por dois tramos, o primeiro retangular coberto por abóbada em cruzaria de ogivas simples, e o segundo de secção poligonal com abóbada de cadeias, cujo bocete principal apresenta uma cruz da Ordem de Avis. Em alçado, as arestas são reforçadas por contrafortes não escalonados, o que permitiu que, entre eles, se rasgassem amplas janelas verticais, geminadas, que inundam de luz o interior.

Ainda conotado com uma certa tradição, é o arco triunfal, de perfil apontado e suportado por colunas dotadas de capitéis vegetalistas algo arcaizantes, com folhagem agarrada ao cesto escultórico. O corpo do templo é retangular e denota também alguma deficiência na definição de vãos lumínicos, pois estes são escassos, não obstante as fachadas Norte e Sul serem amparadas por grandes arcobotantes de médio ponto que, na origem, permitiram o adocamento de um alpendre a estas faces do templo.

Sensivelmente um século depois de concluída a ermida, realizaram-se novas e importantes obras, sob o signo do Manuelino. O principal elemento então introduzido foi o coro-alto, anexo à fachada principal, estrutura de mármore definida por arcada abatida, que tem a particularidade de apresentar alguns grupos escultóricos antropomórficos de assinalável qualidade. Da mesma época é uma pia de água benta, moldurada e de perfil quadrilobado. Ainda mais importantes foram as obras realizadas no auge do período barroco (reinado de D. João V), por iniciativa de Fernão de Mesquita Pimentel, nobre da corte régia que aqui se decidiu sepultar, em campa rasa diante do altar, em enterramento enobrecido por composição em médio relevo e inscrição identificativa do nobre, falecido em 1744.

Nessa primeira metade do século XVIII refez-se a fachada principal, que passou a ser antecedida por galilé de cinco arcos sobre colunas toscanas e janelão do coro em substituição da anterior rosácea gótica. Ainda no exterior, realizou-se novo campanário, que apresenta volutas características do tempo barroco. Passando ao interior, realçam-se os painéis de azulejos azuis e brancos, datados de meados do século XVIII, cuja temática iconográfica é inteiramente dedicada a cenas da vida da Virgem e da Infância de Jesus.

# FICHA DE SÍTIO

Em 1912, a igreja foi profanada, perdendo-se, na altura, algumas imagens devocionais do interior. O conjunto foi restaurado em 1950, pela DGEMN, numa intervenção continuada em 1959, ano em que foi reerguido o cruzeiro barroco que marca o adro do conjunto.

**Acessos** Mártires, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

**Bibliografia** Vd. CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo "regional"*. Estremoz: Marques Crespo; vd. ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, pp.89-92; vd. MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, pp.89-91;

**Observações** Classificado como MN - Monumento Nacional

Decreto n.º 8 228, DG, I Série, n.º 133, de 4-07-1922 (abside gótica)

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada Principal do Edifício e pormenor do sistema de contrafortagem

# FICHA DE SÍTIO



Figura 2- Pormenor da cabeceira



Figura 3- Cobertura interior da capela-mor



Figura 4- Vista geral do edifício

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Ermida de Nossa Senhora dos Mártires

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Os Paços do Concelho medievais foram originalmente edificados, provavelmente, no século XIV, no reinado de D. Afonso IV, tendo passado no século XVI, no reinado de D. Manuel por uma profunda reforma.

O edifício tem três corpos distintos: a Galilé, a Torre do Relógio e a Sala do Concelho. A Galilé construída toda em pedra mármore da região, é constituída por cinco arcos quebrados que assentam em colunas sigladas e geminadas com capitéis decorados, onde se podem ver siglas dos mestres de cantaria. São ainda visíveis os modilhões que suportavam a cobertura primitiva que, como consequência da reforma manuelina, é agora construída em abóbada nervurada com chaves e mísulas vegetalistas, exibindo na chave central a cruz de Cristo. A Torre do Relógio é originária também da reforma do século XVI e tem telhado com azulejos vidrados verdes e amarelos. A Sala do Concelho, de porta ogival, tem por cima do arco a primeira bandeira de armas conhecida de Estremoz, do reinado de D. Afonso IV. No interior, a toda a volta da sala, corre um banco de alvenaria em tijolo, que teria provavelmente servido de assento nas reuniões do Concelho (Vermelho, 2004, p.25). O seu telhado é bastante apreciado por apresentar uma configuração octogonal

Atualmente neste local encontra-se a Galeria Municipal D. Dinis, uma sala de exposições temporárias, inaugurada em 1983.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

*Vide* ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 26-27.

# FICHA DE SÍTIO

Observações

Integrado na Zona Especial de Proteção do Castelo

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Enquadramento geral do edifício: Galilé e Torre do Relógio



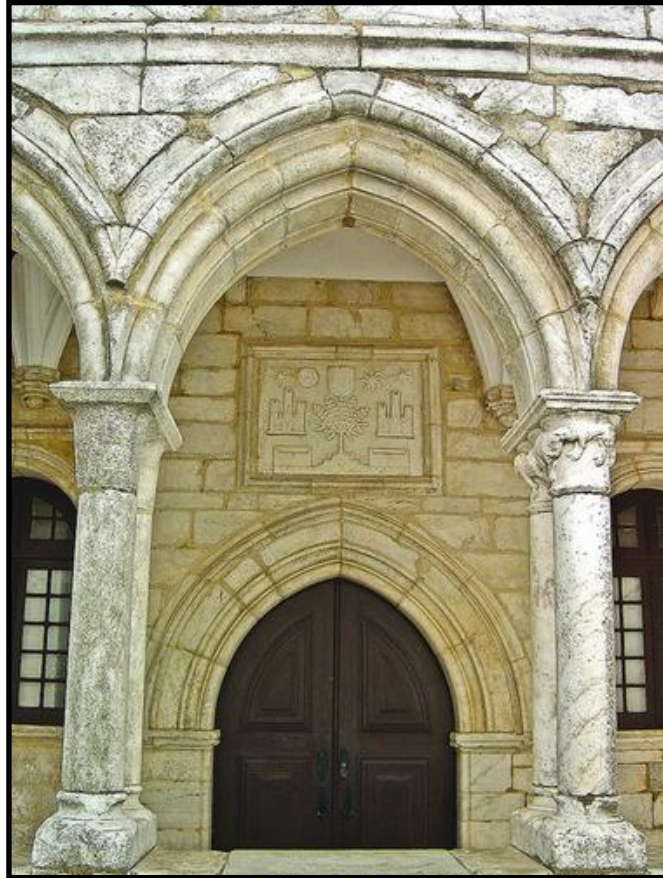
**Figura 2-** Pormenor do telhado da sala de concelho



**Figura 3-** Galilé

## FICHA DE SÍTIO

---



**Figura 4** - Entrada para a Sala de Concelho



**Figura 5** - Pormenor do Brasão de Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Intervenção arqueológica que teve como objetivo comprovar a existência de estruturas denominadas pela bibliografia como "covas do pão", junto às Portas de Santarém da muralha seiscentista de Estremoz. Tratam-se de silos medievais dos quais foi identificada uma estrutura destruída pela construção da muralha. Este sítio foi identificado em outubro de 2006, numa sondagem arqueológica realizada em Estremoz, junto das portas de Santarém, no âmbito do PNTA- Estremoz e o seu termo durante a Idade Média: produção, consumo e circulação de produtos cerâmicos.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Troço da muralha do Castelo de Estremoz, junto às Portas dos Currais. Identificado em 2001 e 2005 num acompanhamento de remoção de terras para abertura da muralha do Castelo de Estremoz, junto à Porta dos Currais, com a finalidade de ser construído um elevador para acesso ao hotel Pátio dos Solares.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico

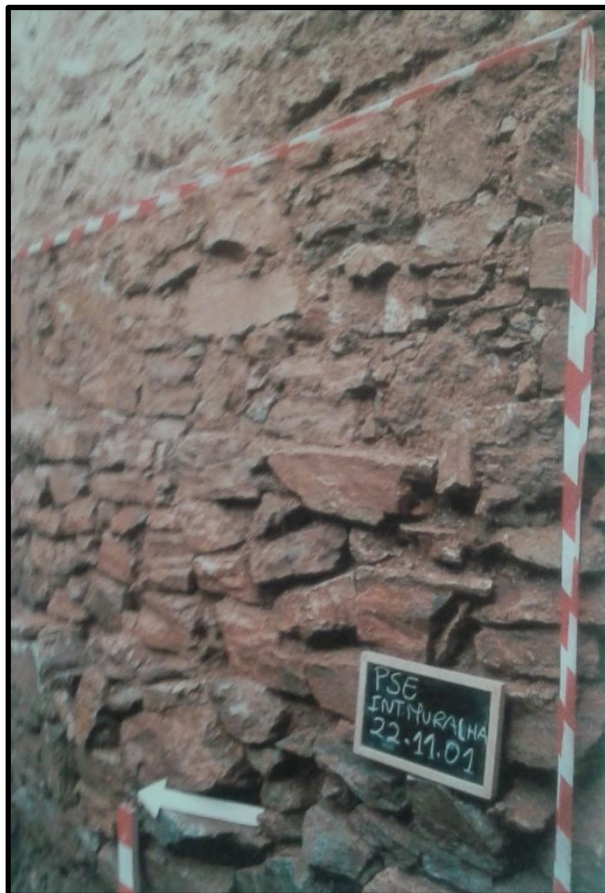


Figura 1- Pormenor do pano de muralha identificado. Fonte: Processo S- 32745

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **100**

Designação **Ermida de São Lázaro**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santa Maria**

Topónimo **São Lázaro**

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º **425** Altitude (m) **411m**

Coordenada (N) **38° 50.578'** Coordenada (W) **007° 35.979'**

Tipo de Sítio **Ermida**

Período Cronológico **Medieval /Moderno**

## Descrição do Sítio

Situada fora das muralhas medievais e seiscentistas, próxima do Bairro das Ferrarias, de fundação medieval, esta ermida arruinou-se por volta de 1650, sendo a atual, resultado da reconstrução de 1680. A julgar pelo seu orago, São Lázaro, estaria associada a uma leprosaria atestada documentalmente desde os finais do século XIV que, segundo algumas crónicas, esteve primeiramente instalada no Rossio de São Brás (atual Jardim Municipal) (Espanca,1975, p.97).

Do corpo da nave apenas subsistem as paredes mestras, e o arranque da abóbada e a capela-mor de planta quadrada, coberta por cúpula de meia laranja. Segundo Túlio Espanca (1975), teve um coro e uma empena central de frontão triangular, rematado por um campanário.

Encontra-se bastante degradada e totalmente despojada de recheio sumptuário. De qualquer forma, assinala-se a memória de uma instituição histórica local, a leprosaria.

Acessos **São Lázaro, próximo do Bairro das Ferrarias, Estremoz**

Uso do Solo **Agrícola**

Conservação/Ameaças **Em perigo**

## Bibliografia

Vide CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo "regional"*. Estremoz: Marques Crespo; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.97-98; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.97-98;

## Observações

A Ermida de São Lázaro, encontra-se em propriedade privada (terreno agrícola) e em elevado estado de degradação.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Interior da Ermida



**Figura 2-** Pormenor da cúpula da capela-mor

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Ermida de São Lázaro

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **101**

**Designação** Atalaia das Casas Novas/ Atalaia da Frandina/ Atalaia Grande

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria/ Frandina

**Topónimo** Cabeço da Forca

**N.º IPA** 31644

**CMP 1:25 000 folha n.º** 426

**Altitude (m)** 469m

**Coordenada (N)** 38° 51.158'

**Coordenada (W)** 007° 34.161'

**Tipo de Sítio** Atalaia

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

A Atalaia das Casas Novas, está situada num outeiro, conhecido pela tradição local, por Cabeço da Forca. Caracteriza-se por ser uma torre circular, construída num grosso aparelho de alvenaria em pedra que teria como função o controlo do território e comunicação entre atalaias e/ou castelos. O seu acesso fazia-se provavelmente por escadas de mão exteriores, até se alcançar uma abertura retangular em forma de balcão.

Segundo Túlio Espanca (1975), tem algumas características que a poderão localizar temporalmente no século XV. No entanto, segundo o mesmo autor terá sofrido obras de beneficiação no século XVII, no contexto das Guerras da Restauração. Hoje tem no cimo um marco geodésico.

**Acessos** Cabeço da Forca, Frandina, Estremoz

**Uso do Solo** Agrícola

**Conservação/Ameaças** Regular/ Abandono

**Bibliografia** Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 74.

**Observações**

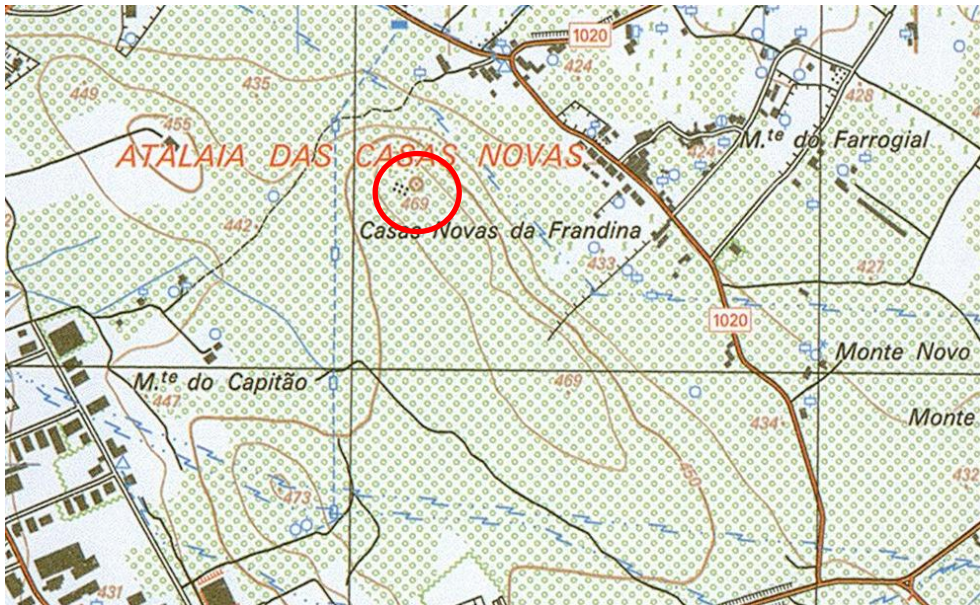
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1 e 2- Atalaia das Casas Novas: enquadramento geral

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Atalaia das Casas Novas

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **102**

**Designação** Cadeia Manuelina/ Cadeia Comarcã de Estremoz/ Cadeia quinhetista

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria

**Topónimo**

**N.º IPA** 16529

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 454m

**Coordenada (N)** 38° 50.500'

**Coordenada (W)** 007° 35.497'

**Tipo de Sítio** Cadeia

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Este edifício terá sido construído no reinado de D. Manuel I (1495-1521), a julgar pelas suas características arquitetónicas. Sabe-se apenas que já existia em 1497, tendo sido transferidos estes serviços para este imóvel diretamente do Paço Real (Liberato, 2007).

Obra de arquitetura civil manuelina, tem planta quadrangular e dois pisos, terraço e campanário virado a norte sobre o alçado principal, desprovido de sino. Apresenta cunhais aparelhados de mármore da região, e janelas fortemente gradeadas de ferro batido (correspondem às celas dos homens). Neste piso existem ainda duas celas, cuja iluminação e respiração se faziam por frestas. Todas as celas intercomunicavam com portas defendidas por gradeamento. A água e a alimentação eram fornecidas por alçapões abertos nas abóbadas.

Na fachada norte, no piso mais alto, podemos ver duas janelas de peitoril com arestas cortadas; a da direita correspondia à casa do guarda e a outra à prisão feminina. O acesso ao piso mais elevado faz-se por uma escadaria exterior, de mármore e o corrimão da escada é apoiado em cunhal de decoração discóide. No mesmo alçado há um balcão artisticamente também interessante, de verga polilobada e colchetes esculpidos.

A designação de Cadeia Comarcã recebeu-a já no século XX, mais concretamente em 1936, quando o governo cria esta figura jurídica no sistema prisional português, em que os condenados até ao máximo de 3 meses de pena de prisão seriam encarcerados neste tipo de cadeias.

As cadeias comarcãs são extintas em 1969, sendo que o último preso foi transferido para Évora já em inícios da década de 70, segundo informações orais de antigos presos locais.

Atualmente a cadeia de Estremoz é ocupada por um restaurante e um bar "A Cadeia Quinhetista".

**Acessos** Rua da Rainha Santa Isabel, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo regional*. Estremoz: Centro Social Paroquial Santo André - Estremoz; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.103; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 38-39

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Vista da Geral do Edifício



Figura 2- Pormenor dos alçapões para o fornecimento da comida e água



Figura 3 - Pormenor da decoração tardo-gótica da escadaria

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **103**

**Designação** Igreja de São Miguel/ Igreja do Anjo da Guarda/Igreja de São Pedro

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA** **CMP 1:25 000 folha n.º** 425 **Altitude (m)** 415m

**Coordenada (N)** 38° 50.556'

**Coordenada (W)** 007° 35.271'

**Tipo de Sítio** Igreja

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Situada na antiga rua que se intitulava da Misericórdia, hoje 5 de Outubro, a igreja de São Miguel terá sido construída ainda no século XIV, dedicada àquele orago e incluída na Santa Casa da Misericórdia de Estremoz aquando da sua fundação em torno do ano 1500. Assim ficou até 1610, data em que a Misericórdia muda as suas instalações para o Largo da Porta Nova (atual Largo da República). Quinze anos depois, a igreja é entregue à confraria do Anjo da Guarda e em inícios do século XVIII, passa para a irmandade dos Clérigos Pobres de São Pedro.

A sua fachada principal é muito simples, possui uma portada de ombreiras e lintel em mármore da região, com uma cornija saliente, onde se destaca o brasão de São Pedro; um janelão de ombreiras e lintel de volta redonda também em mármore, dois fogaréis ladeiam o frontão. A Igreja está implantada num vasto balcão que corre superiormente o arruamento. Possui uma planta retangular de uma só nave com abóbada em berço, decorada por painéis de azulejo azuis e brancos, de meados do século XVII.

**Acessos** Rua 5 de Outubro, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.181-185; GUERREIRO, Hugo e BORGES, Artur Goulart de Melo (2008) - *Arte Sacra no Concelho de Estremoz: Santa Maria, Santo André e Evoramonte: Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora*, Évora: Fundação Eugénio de Almeida, p 18-20; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.39-41;

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada do Edifício



**Figura 2-** Pormenor do janelão e da portada em mármore



**Figura 3-** Brasão de São Pedro

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **104**

**Designação** Igreja e Convento de Nossa Senhora da Consolação/ Convento dos Agostinhos

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA** **CMP 1:25 000 folha n.º** 425 **Altitude (m)** 418m

**Coordenada (N)** 38° 50.565'

**Coordenada (W)** 007° 35.431'

**Tipo de Sítio** Igreja/Convento

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Situado no Largo do Espírito Santo, encostado à antiga torre couraça da fortificação medieval, ergue-se o convento dos Ermitas Descalços de Santo Agostinho, sendo a igreja de invocação a Nossa Senhora da Consolação. Em 1669 D. Pedro autoriza a fundação de um convento da Ordem dos Agostinhos Descalços em Estremoz, iniciando-se um processo moroso e algo difícil para a implantação da ordem. O edifício terá sido construído no espaço anteriormente ocupado pelo Convento de Santa Clara, um convento de freiras, fundado em 1429, e extinto em 1553 (Mendeiros, 2001, p.68). A sua memória ainda se encontra bem presente na toponímia estremocense, pois passados vários séculos, o largo é ainda conhecido como "Rua das Freiras".

O Convento dos Agostinhos, passa por várias obras de melhoramento levadas a cabo pela mesma Irmandade, é só nos inícios do século XVIII que o edifício é alvo de grandes e benéficos trabalhos arquitectónicos, durante o final do reinado de D. Pedro II mas sobretudo, durante o reinado de D. João V.

O seu interior confina um conjunto artístico fenomenal, constituindo um dos mais importantes edifícios barrocos existentes no concelho de Estremoz, no entanto do ponto de vista artístico, a igreja possui sem dúvida nenhuma uma importância evidente. Implantada a nascente, a igreja faz ângulo com o convento, correndo por todo o monumento um grande adro lajeado em mármore. A fachada principal, sóbria, com portada em mármore, bem como as janelas e os nichos que a compõem, revela características da arquitetura barroca de inícios de setecentos. Ainda na fachada da igreja, são de assinalar os dois anjos a venerar a cruz, o coração em relevo trespassado por setas (alusivo aos Agostinhos) que se encontra por cima do janelão, num nicho em mármore, bem como o cronograma sobre o portal indicando a data de 1719, certamente a data que marca a conclusão das obras da igreja.

O interior da igreja é surpreendente quer pela incomum decoração da cobertura da nave e capela-mor, quer pela beleza dos retábulos dos altares e dos painéis de azulejos do primeiro quartel de setecentos, em azul e branco.

Em 1834 são extintas todas as ordens religiosas masculinas e acabando por ser vendido, e em finais do século XIX, transformado em fábrica de cortiça. Hoje no monumento está instalado o Lar de Santa Cruz ao cuidado das irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena e uma creche.

**Acessos** Largo do Espírito Santo, Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo	Urbano	Conservação/Ameaças	Bom/ Sem ameaças
Bibliografia	<p>Vide ESPANCA, Túlio (1975) - <i>Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)</i>, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.172-180; MENDEIROS, José Filipe (2001) - <i>Património Religioso de Estremoz</i>. Estremoz: Gráfica Eborense, p.67-72; GUERREIRO, Hugo e BORGES, Artur Goulart de Melo (2008) - <i>Arte Sacra no Concelho de Estremoz: Santa Maria, Santo André e Evoramonte: Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora</i>, Évora: Fundação Eugénio de Almeida</p>		
Observações			

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada da Igreja



Figura 2 - Pormenor da decoração em relevo alusiva à Ordem dos Agostinhos e cronograma

## FICHA DE SÍTIO

---



**Figura 3** - Interior da Igreja: decorações da nave e capela-mor

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **105**

Designação **Convento de Santo António dos Capuchos**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santa Maria**

Topónimo

N.º IPA **3829**

CMP 1:25 000 folha n.º **426**

Altitude (m) **419m**

Coordenada (N) **38° 50.239'**

Coordenada (W) **007° 34.683'**

Tipo de Sítio **Convento**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

O Convento de Santo António dos Capuchos, fica situado a pouco mais de 1km da Porta Militar de Santo António. Segundo José Mendeiros, o Convento de Santo Antonio de Religiozos Capuchos da Provincia da Piedade terá sido fundado em 1537 num outro local, um pouco mais a norte da vila de Estremoz, precisamente na extremidade do cemitério (Mendeiros, 2001, p.85). Do exterior distingue-se a fachada da igreja, modesta, composta pelo nártex, com arco de volta perfeita em mármore; um grande janelão que rasga a fachada para iluminação do coro-alto e, o frontão triangular, decorado por um óculo onde estaria o emblema da Ordem. O edifício é rematado por dois campanários com sinos e uma pequena cruz no vértice do frontão. O lado direito do edifício era onde se desenvolviam as dependências do convento.

A porta de entrada da igreja é ladeada por dois nichos, que exibem a inscrição: E A EMMACVLADA CPÇÃO [CONCEIÇÃO] DA VIRGEM. S. [SENHORA] NOSSA. LVVADO [LOUVADO] SEIA O SANCTISSIMO SACRAMENTO.

A igreja é composta por nave de planta retangular, assinalada por dois arcos pouco profundos rasgados nos alçados, um arco triunfal marcando o corte para a zona da capela-mor e cobertura em abóbada de berço; teve um revestimento azulejar de cerca de 1750, com uma temática alusiva à vida de Santo António, cuja grandeza ainda pode ser avaliada em dois painéis que foram destacados e recolocados nas atuais instalações da Biblioteca Municipal. Destes azulejos já não há nenhum *in situ*, subsistindo apenas no rodapé da igreja alguns azulejos de motivos geometrizes.

Típica construção franciscana rural seiscentista, e apesar do voto de pobreza a que a Ordem Capucha obriga, também aqui o Barroco conseguiu penetrar. Como exemplo apontamos alguns elementos artísticos nas portadas marmóreas que existem dentro do edifício, alguns estuques (os que ainda subsistem), os oratórios de talha onde estão as imagens de Santa Bárbara e de Nossa Senhora da Conceição. O teto do Presbitério é pintado também ao estilo barroco.

Acessos **Avenida de Santo António, contíguo ao cemitério, Estremoz**

# FICHA DE SÍTIO

<b>Uso do Solo</b>	Urbano	<b>Conservação/Ameaças</b>	Bom/ Sem ameaças
<b>Bibliografia</b>	<i>Vide</i> CRESPO, Marques (1950) - <i>Estremoz e o seu termo "regional"</i> . Estremoz: Marques Crespo; ESPANCA, Túlio (1975) - <i>Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)</i> , vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.92-97; MENDEIROS, José Filipe (2001) - <i>Património Religioso de Estremoz</i> . Estremoz: Gráfica Eborense, p.85-87;		
<b>Observações</b>			

## Registo Fotográfico



Figura 1 e 2- Fachada Principal do Edifício

## FICHA DE SÍTIO



**Figura 3-** Nicho que se encontra à entrada da Igreja do Convento



**Figura 4-** Pormenor dos campanários

### Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 426 com a localização do Convento de Santo António dos Capuchos

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **106**

**Designação** Capela de D. Fradique de Portugal

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria

**Topónimo**

**N.º IPA** 3833

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 409m

**Coordenada (N)** 38° 50.625'

**Coordenada (W)** 007° 35.207'

**Tipo de Sítio** Capela

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Esta pequena capela, situada dentro da Igreja de São Francisco, é a principal obra manuelina da atual cidade de Estremoz, não só pela qualidade artística que evidencia, mas, sobretudo, pela figura da história europeia que a mandou construir e no seu interior se fez sepultar (D. Fradique de Portugal - Vice-Rei da Catalunha e Arcebispo de Saragoça).

Também conhecida por Panteão dos Faros e Noronhas, a Capela apresenta exteriormente cunhais e gigantes de mármore da região, rematados por coruchéus torsos, curiosas gárgulas zoomórficas e um terraço ameadado, ao gosto gótico. Interiormente, é um espaço de dois tramos retangulares, cobertos por abóbadas nervuradas em mármore assentes em triplos colunelos e capitéis com motivos vegetalistas. Em cada tramo, ao centro, rasga-se uma janela, de arco de volta perfeita decorada exuberantemente com soluções manuelinas. Ao centro da capela, o bocete mostra a heráldica da família de D. Fradique, os Noronha.

O acesso à capela faz-se por uma elevada portada em mármore local de arco redondo, que segundo Túlio Espanca (1975) revela um estilo espanhol plateresco e na linha do francês Chanterene, no entanto de execução artesanal, certamente de artistas locais. Possui uma moldura retangular, constituída por pilares rematados por capitéis, as superfícies da moldura são decoradas com baixos-relevos dos mais diversos motivos (máscaras, anjos, leões, vieiras, rosetas). Podemos ainda observar dois medalhões de onde sobressaem, à direita, a cabeça de uma mulher, e à esquerda, a de um homem, muito provavelmente representando D. Álvaro de Noronha e sua mulher, Isabel de Melo.

Nos pilares situados a meio dos alçados laterais, podemos ver duas legendas gravadas, uma em caracteres góticos que indica provavelmente a data em que terá terminado a obra, a outra com caracteres romanos, gravada sobre uma base de mármore em forma de pergaminho, que aponta a data de 1534. Através do texto, deduz-se que D. Fradique já tivesse falecido, o que ocorreu em 1539, sendo, portanto, a construção da capela (ou somente a colocação da lápide comemorativa) posterior a essa data. No Panteão da Capela, jazem os Senhores de Vimeiro, de que se destaca o túmulo raso de D. Fernando de Noronha (falecido em 1552) e D. Isabel de Melo (1563).

A capela acolheu, a partir do século XVII, a Irmandade do Senhor Jesus dos Passos. Terá sido esta instituição que se encarregou pela construção do retábulo maneirista.

**Acessos** Igreja de São Francisco, Largo Dragões de Olivença, Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

<b>Uso do Solo</b>	Urbano	<b>Conservação/Ameaças</b>	Bom/ Sem ameaças
<b>Bibliografia</b>	Vide ESPANCA, Túlio (1975) - <i>Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)</i> , vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes; MENDEIROS, José Filipe (2001) - <i>Património Religioso de Estremoz</i> . Estremoz: Gráfica Eborense, p.29-38; VERMELHO, Joaquim (2004) - <i>Ler nas pedras</i> . Estremoz: Câmara Municipal. p. 67-68.		
<b>Observações</b>	Classificado como MN - Monumento Nacional Decreto n.º 8 228, DG, I Série, n.º 133, de 4-07-1922		

## Registo Fotográfico



Figura 1- Entrada da capela de D. Fradique de Portugal

# FICHA DE SÍTIO



Figura 2 - Interior da Capela

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Capela de D. Fradique de Portugal

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **107**

**Designação** Igreja e Convento das Maltezas/Igreja da Misericórdia (compreende o claustro)

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**N.º IPA** 2758

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 425m

**Coordenada (N)** 38° 50.563'

**Coordenada (W)** 007° 35.083'

**Tipo de Sítio** Igreja/Convento

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

O designado Convento das Maltesas, ou de São João da Penitência, foi instituído em 1519, sendo o único estabelecimento da Ordem de Malta, em Portugal (Vermelho, 2004, p.71) Divergem as informações sobre quem teria sido o mecenas da edificação do complexo conventual, sendo esta atribuída quer a D. Manuel, o que situaria o início das obras antes de 1521, quer ao Infante D. Luís, seu filho (Espanca, 1975, p.142). Quando o espaço conventual foi ocupado pelas instalações assistenciais da Misericórdia, a estrutura do edifício foi bastante alterada, subsistindo o claustro original.

Construído possivelmente no primeiro quartel do século XVI, apresenta uma estrutura "híbrida" "contrafortada e arcaizante" com elementos góticos e manuelinos no piso térreo. O seu Claustro é o mais amplo de todos os conventos da cidade e mostra-nos a arquitetura manuelina. Cada ala tem dez arcos, subdivididos em quatro arcadas geminadas e duas simples, todas sigladas pelos mestres canteiros que forneceram e afeioaram as pedras que as constituem. Os espaços interiores são cobertos por abóbadas de ogivas e arestas com decoração zoomórfica e antropomórfica. A cêrcea foi aumentada no século XVII com um segundo registo, de arcada apoiada em pilares toscanos. O Renascimento também por aqui passou, bem visível no tanque central do jardim, de planta quadrangular com uma taça maior de máscaras e uma mais pequena com cabeças de faunos.

Na fachada principal virada para o Rossio, observamos um curioso trabalho de pedreiro, constituído por cinco amplos arcos redondos, cujos vãos se abrem em cinco sacadas de gosto posterior setecentista. Na fachada podemos ainda observar, um alpendre, de cinco arcos abertos (hoje três), defendido por forte gradeamento de ferro. O Alpendre é rematado por um frontão, constituído por um painel retangular guarnecido por uma moldura em mármore, apresentando as armas de D. Manuel, em alto-relevo.

Em 1973, na sequência de obras de pintura dos alçados exteriores do claustro, colocou-se a descoberto o portal primitivo da Sala do Capítulo, do período manuelino. Deverá ter sido entaipado aquando da construção de um novo no século XVIII, mais pequeno. Voltou a tornar-se visível a inscrição em caracteres latinos alusiva ao episódio de "São João no Deserto" que a obra setecentista tinha tapado.

A Igreja do mosteiro insere-se bem na estrutura do Convento, cuja entrada é assinalada com a Cruz de Cristo. Como determinava a regra, possui entrada lateral, orientada a sul, composta por uma só nave de planta retangular, coberta por abóbadas de ogivas, dividida em dois tramos. No seu interior, apesar de não ser muito grande, possui linhas arquitetónicas quinhentistas, com abóbada em mármore. Está revestida por azulejos seiscentistas e azulejos decorados por motivos geométricos e vegetais. A igreja terá sido profanada após a implantação da República; servindo depois de sala de teatro, na capela-mor terá sido montado um palco.

# FICHA DE SÍTIO

## Acessos

Largo da República n.º 18 e 18A, Estremoz

## Uso do Solo

Urbano

## Conservação/Ameaças

Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.142-161; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.55-58; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal, p.71.

## Observações

Atualmente, o espaço do Convento das Maltesas é utilizado por diferentes entidades. O templo é utilizado para ofícios religiosos, parte das dependências conventuais continuam a ser tuteladas pela Misericórdia e o espaço do claustro recebeu em 2001 o Centro Ciência Viva de Estremoz, um museu interativo e pedagógico dedicado exclusivamente à Geologia.

Classificado como MN - Monumento Nacional

Decreto n.º 9 842, DG, I Série, n.º 137, de 20-06-1924 (claustro da Misericórdia)

## Registo Fotográfico



Figura 1- Entrada do Convento

## FICHA DE SÍTIO



Figura 2- Arcada da galeria



Figura 3- Arcaria



Figura 4- Porta neoclássica, aberta num vão quinzentista



Figura 5- Capitel de tradição tardo-gótica

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Igreja e Convento das Maltezas

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **108**

Designação **Cruzeiro da Misericórdia de Estremoz/ Cruzeiro de Santo Cristo**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santo André**

Topónimo

N.º IPA **2764**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **421m**

Coordenada (N) **38° 50.557'**

Coordenada (W) **007° 35.083'**

Tipo de Sítio **Cruzeiro**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

Esta peça de características marcadamente manuelinas, trata-se de um cruzeiro construído próximo do Convento das Maltezas, onde hoje se encontra a Ermida de Santo Cristo, provavelmente em inícios do século XVI, mais concretamente por volta de 1574, onde em tempos terá existido uma Cruz com a figura de Cristo Crucificado trabalhada na rocha e envolvida por um gradeamento. Segundo Túlio Espanca, em 1751, uma comissão de devotos, presidida por Miguel Borrhalho, transformaram este cruzeiro, numa capela fechada.

Trata-se de uma escultura talhada em mármore branco da região, formado por uma base octogonal dupla, sobre a qual se ergue um colunelo liso ao modo de fuste, compondo o braço inferior da cruz. Embora o fuste aparente ser obra mais recente, os braços são originais, com os motivos tipicamente manuelinos de laços encordoados e, no centro do cruzeiro, uma pietá em mármore, de bom talhe, representando a Virgem Maria com o corpo morto de Jesus nos braços, após a crucificação, nas traseiras, encontra-se a imagem de Jesus crucificado.

O cruzeiro encontra-se atualmente no edifício dos serviços da Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, junto ao Convento das Maltezas, no entanto está fechado ao público.

Acessos **Convento das Maltezas, Rossio Marquês de Pombal, Estremoz**

Uso do Solo **Urbano**

Conservação/Ameaças **Bom/ Sem ameaças**

## Bibliografia

*Vide ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.*

Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público

## Observações

Decreto n.º 42 007, DG, I Série, n.º 265, de 6-12-1958

## Registo Fotográfico



Figura 1- Vista geral do monumento



Figura 2- Pormenor dos elementos decorativos

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **109**

**Designação**

**Distrito**

**Concelho**

**Freguesia/Lugar**

**Topónimo**

**N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º**

**Altitude (m)**

**Coordenada (N)**

**Coordenada (W)**

**Tipo de Sítio**

**Período Cronológico**

## Descrição do Sítio

Implementado diante do adro do Convento de São Francisco, este cruzeiro foi construído na época de D. Manuel I, a julgar pelas características arquitetónicas que apresenta.

Assim, temos dois degraus de planta quadrangular, tendo metade da sua área imersa no lajeado do terreiro do adro. Sobre uma grande base, ergue-se o pedestal de enormes proporções em forma de jarra bolbosa, e o fuste de três pequenas colunas entrançadas como elementos originais de inícios do século XVI. A urna que está por baixo de uma base hexagonal é tipicamente barroca. A cruz que remata todo o conjunto também tem características mais modernas que o fuste, podendo ser datável do século XVIII.

**Acessos**

**Uso do Solo**

**Conservação/Ameaças**

## Bibliografia

*Vide ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.*

## Observações

Classificado IIP - Imóvel de Interesse Público

Decreto n.º 42 007, DG, 1.ª série, n.º 265 de 06 dezembro 1958

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Pelourinho de Estremoz: vista geral



**Figura 2-** Pormenor dos elementos decorativos

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **110**

Designação **Ermida de Santo Cristo/Capela de Santo Cristo**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santo André**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**425**

Altitude (m)

**414m**

Coordenada (N)

**38° 50.519'**

Coordenada (W)

**007° 35.055'**

Tipo de Sítio

**Ermida/Capela**

Período Cronológico

**Moderno**

## Descrição do Sítio

As origens deste edifício remontam a 1574, onde em tempos terá existido uma Cruz com a figura de Cristo Crucificado trabalhada na rocha e envolvida por um gradeamento. Em 1751, segundo Túlio Espanca uma comissão de devotos, presidida por Miguel Borralho, transformaram este cruzeiro, numa capela fechada.

A sua fachada é ocupada por um amplo pórtico de volta perfeita, emoldurado em mármore de estilo joanino. Dos lados podem ver-se duas janelas, que permitem que se veja o interior do edifício. O telhado da capela é rematado por uma espécie de torre, dominada por uma cruz de pequenas dimensões, nos vértices do conjunto possui fogaréus e do lado esquerdo podemos ver o campanário.

Acessos

**Rossio Marquês de Pombal, Estremoz**

Uso do Solo

**Urbano**

Conservação/Ameaças

**Bom/ Sem ameaças**

Bibliografia

*Vide ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.187-188; MENDEIROS, José Filipe (2001) - Património Religioso de Estremoz. Estremoz: Gráfica Eborense, p.81-82;*

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **111**

**Designação** Ermida de Nossa Senhora do Socorro/ Igreja de São Brás

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º**

425

**Altitude (m)**

422m

**Coordenada (N)** 38° 50.704'

**Coordenada (W)**

007° 35.250'

**Tipo de Sítio**

Ermida/Igreja

**Período Cronológico**

Moderno

## Descrição do Sítio

Situada no antigo Rossio de São Brás, atual Largo dos Combatentes, é conhecida pela população local, como Ermida de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Foi intensamente reformada na última metade do século XVIII, o que lhe descaracterizou uma particularidade pela qual era conhecida, a de ser a Ermida dos Seis Três por ter três portas exteriores, três campanários com três sinos, três altares, três santos bispos e três irmandades (São Brás, Senhora do Socorro e São Bartolomeu) (Espanca, 1975, p.185).

No exterior ergue-se um cruzeiro de mármore. A fachada é muito pobre em elementos rematada por um frontão em alvenaria, com dois fogaréus em mármore, encimado por uma cruz; possui uma portada também em mármore de ombreiras e lintel lisos, rasgando-se no eixo uma janela. Em cada um dos lados da porta estão duas janelas com gradeamento.

A Igreja possui uma planta retangular de uma só nave, com cobertura nervada. Ainda mantém elementos do reinado de D. João III, nomeadamente nas abóbadas nervuradas, cuja chave central está decorada pela cruz de Avis e a inscrição de 1546, data que poderá ser a conclusão da igreja, bem como algumas características renascentistas.

**Acessos** Rua 5 de Outubro, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças**

Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.185-187; GUERREIRO, Hugo e BORGES, Artur Goulart de Melo (2008) - *Arte Sacra no Concelho de Estremoz: Santa Maria, Santo André e Evoramonte: Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora*, Évora: Fundação Eugénio de Almeida, p. 20-22; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.43-46;

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada principal do Edifício

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **112**

**Designação** Antiga Casa da Câmara/ Casa Alcaide-Mor

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria

**Topónimo**

**N.º IPA** 1232

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 445m

**Coordenada (N)** 38° 50.527'

**Coordenada (W)** 007° 35.588'

**Tipo de Sítio** Edifício

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

A ausência de documentos não permite, seguramente, refazer a história das sucessivas ocupações do seu espaço desde as suas origens. Mas a tradição oral persiste em afirmar que a partir da segunda metade do século XV, com a pacificação generalizada do território português e com a grande apetência de D. Afonso V pela caça, o Paço Real estremocense passa a albergar o monarca e a sua numerosa corte durante longos períodos, obrigando o alcaide-mor e a sua família a abandonar ciclicamente o Paço. É neste contexto que D. Sancho de Noronha (alcaide-mor de Estremoz) manda construir esta casa nobre para sua residência privada em 1448. Defende-se também que este imóvel terá sido residência da filha de Febo Moniz, fidalgo da corte de D. Sebastião e procurador nas Cortes de Almeirim em 1580.

Arquiteticamente a Antiga Casa da Câmara é um conjunto de dois edifícios do século XVI-XVII que apresenta características e soluções típicas da arquitetura tradicional alentejana de aglomerado. Enquadra-se nas características arquitetónicas de um novo tipo de edifícios que aparecem no século XVI em Portugal, que se caracterizava pela implantação de um edifício baixo, rés-do-chão e 1º andar, de alvenaria e com a fachada plana; num lote comprido, no qual a distribuição da casa era feita no sentido longitudinal.

Este imóvel é constituído por dois pisos sobradados e lojas, iluminados de um pórtilo gótico-manuelino de vão retangular e moldura de cantaria esquadriada de mármore, com um pequeno punhal rasgado na verga a sugerir um arco requebrado e as ombreiras com chanfradura rematada. Na fachada principal do edifício, no piso nobre, podemos encontrar uma janela de gosto manuelino/múdejar; uma pequena janela de peito, que possui uma verga reta e um capitel com decorações de grinaldas de flores (datadas de c.1560). Possui ainda uma sacada de balcão com colunata cilíndrica de gosto barroco; a meia altura do alçado, num pano recortado, levanta-se a chaminé de prumada, bem típica no Alentejo no século XVI. No outro edifício, podemos ver também um portal de chanfros de vão retangular e moldura de cantaria esquadriada de mármore, embora tenha dimensões inferiores é muito idêntico ao pórtilo de entrada principal, tem apenas como diferença a existência de uma vieira em relevo na verga. É ainda visível, duas janelas com balcões de sacada com cornijas direitas, marmoreadas, decoradas por grades de ferro forjado, discoides (datadas do século XVII-XVIII).

**Acessos** Rua do Arco de Santarém, n.º 13 e 15, Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo Urbano

Conservação/Ameaças Em perigo/ Abandono

## Bibliografia

Vide COUVINHA, António e BILOU, Francisco (1995) - *Estremoz - Terra de Encantos, Roteiro histórico-cultural*, Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz; CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo regional*. Estremoz: Centro Social Paroquial Santo André - Estremoz; CUNHA, Susana (2002) - *Antiga Casa da Câmara de Estremoz - Projecto de Recuperação e Reabilitação*; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 49

## Observações

Classificado como MN - Monumento Nacional

Decreto n.º 9 842, DG, I Série, n.º 137, de 20-06-1924

## Registo Fotográfico



Figura 1- Vista da Rua do Arco de Santarém

## FICHA DE SÍTIO

---



**Figura 2** - Pormenor da janela do piso nobre



**Figura 3** - Uma das entradas do edifício

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **113**

Designação **Ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santa Maria**

Topónimo **Senhora da Conceição**

N.º IPA **1035**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **352m**

Coordenada (N) **38° 51.137'**

Coordenada (W) **007° 36.898'**

Tipo de Sítio **Ermida**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

Situada a cerca de 2 km do centro de Estremoz na direção de São Bento do Ameixial, a Ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais foi erguida junto da anta conhecida como “*Pedra da Ronca*”. Não se conhece a data da sua construção, mas a avaliar pelo tipo de arquitetura deve remontar a finais do século XVI, todavia ao longo do tempo foi alvo de inúmeras obras de beneficiação que lhe alteraram um pouco a fisionomia original.

O facto de se localizar próximo dos campos, onde se travou a Batalha do Ameixial contra as tropas espanholas em 1663, albergou temporariamente soldados e armamento, tendo servido também de refúgio a feridos durante a batalha. A Ermida de Nossa Senhora da Conceição serviu então de Quartel General às Forças Armadas portuguesas.

O seu exterior é simples, possuindo adro com cruzeiro de base decorada com crâneos, bastante usual neste tipo de construção e outra cruz mais pequena, do mesmo material e decoração, do lado sul da ermida. Na fachada rematada por uma cruz, pode ver-se o óculo, o campanário com sino de bronze e o portal, adintelado e cornijado. Tem também um conjunto de gárgulas cilíndricas lisas, que despontam dos beirais, semelhantes às da Igreja de Santa Maria de Estremoz. O corpo interno da ermida possui planta de uma só nave, retangular, apresenta abóbada de meio canhão no corpo e alçados lisos. O coro é assente em duas colunas toscanas, tem púlpito construído em mármore e a pia batismal tem formato de vieira. O interior revela-nos também a existência de dois óculos, estando um deles obstruído.

A capela-mor apresenta-nos um arco triunfal de volta perfeita, com as armas reais portuguesas. É de planta quadrada e possui cúpula com motivos geométricos, de influência renascentista. Os alçados apresentam um conjunto de painéis azulejares seiscentistas dedicados ao culto mariano.

Acessos **Senhora da Conceição, CM 1126 (Estremoz - São Bento do Ameixial), Estremoz**

Uso do Solo **Agrícola**

Conservação/Ameaças **Bom/ Sem ameaças**

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo "regional"*. Estremoz: Marques Crespo; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.98-99; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 93-94;

## Observações

Local onde se indicam “cerâmicas romanas e medievais” supostamente pertencentes a uma provável necrópole que deverá ter coexistido no mesmo espaço com uma anta e com a capela homónima (Carneiro, 2011,p.181).

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada principal da Ermida



Figura 2- Pormenor do adro da Ermida composto por cruzeiro em mármore.

# FICHA DE SÍTIO



Figura 3- Enquadramento geral da Ermida

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **114**

<b>Designação</b>	Fonte das Bicas/ Chafariz das Bicas		
<b>Distrito</b>	Évora	<b>Concelho</b>	Estremoz
<b>Freguesia/Lugar</b>	Santo André	<b>Topónimo</b>	
<b>CNS/N.º IPA</b>		<b>CMP 1:25 000 folha n.º</b>	425
		<b>Altitude (m)</b>	420m
<b>Coordenada (N)</b>	38° 50.622'	<b>Coordenada (W)</b>	007° 35.297'
<b>Tipo de Sítio</b>	Fonte	<b>Período Cronológico</b>	Moderno

## Descrição do Sítio

O Chafariz das Bicas, antigamente conhecido como Fonte Redonda, é uma estrutura arquitetónica de grande envergadura, enobrecida por oito gárgulas leoninas (oito bicas), que jorram água para um tanque octogonal. Construído possivelmente no século XVI, é o chafariz mais antigo da cidade. Ao longo dos tempos, sofreu várias obras que lhe alteraram a sua feição original. Dos seus traços primitivos, apenas parece ter sobrevivido a taça, com as suas oito bicas, onde sobressaem "elementos de mármore brancos e negros antigos e recentes: peanha e pira de ornatos naturalistas, e colunelo estriado sotoposto a cubo cronografado de 1868-69" (Spanca, 1975, p.190) com a inscrição: Câmara Municipal de Estremoz.

O Chafariz ergue-se sobre quatro lances de escadas, com seis degraus, intercalados por quatro rampas, protegidas nos cantos com um gradeamento em ferro e por quatro pilares em mármore. A água que brotava do chafariz era de uso exclusivo ao abastecimento público, inclusive era nesta fonte que os aguadeiros se abasteciam (Caeiro, 1999, p.41).

Segundo Francisca Caeiro (1999), a água do chafariz provinha de uma nascente próxima da atual Ermida de Nossa Senhora do Socorro (Ermida de São Brás), conhecida como Fonte do Palácio de D. Roberto.

<b>Acessos</b>	Largo General Graça, Estremoz		
<b>Uso do Solo</b>	Urbano	<b>Conservação/Ameaças</b>	Bom/ Sem ameaças
<b>Bibliografia</b>	<i>Vide ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.190; CAEIRO, Francisca (1999) - Fontes, chafarizes, fontanários e marcos fontanários do concelho de Estremoz, vol. I, II e III, tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora, Évora: Universidade de Évora.</i>		
<b>Observações</b>			

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fonte das Bicas: enquadramento geral



Figura 2- Pormenor dos elementos decorativos



Figura 3- Pormenor de uma das oito gárgulas leoninas

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **115**

Designação **Chafariz dos Cavalos**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santo André**

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º **425** Altitude (m) **415m**

Coordenada (N) **38° 50.622'**

Coordenada (W) **007° 35.286'**

Tipo de Sítio **Fonte**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

O chafariz dos Cavalos está adossado à parede contígua à Fonte e Lago do Gadanha. Construído possivelmente em meados do século XVII, e reconstruído em 1865 pela Câmara Municipal de Estremoz, o chafariz apresenta grandes dimensões.

Conhecido pela população local, como o bebedouro dos cavalos, a sua principal função terá sido a de saciar a sede dos animais, nomeadamente dos cavalos do exército, mercadores e forasteiros que se deslocavam à cidade. Uma outra função prende-se com o abastecimento público, pois muitas pessoas terão recorrido às suas bicas para encherem os seus cântaros de barro que usavam para consumo doméstico. No lado esquerdo do chafariz, atualmente, ainda podemos ver vestígios de marcas deixadas pelas populações, devido à força que exerciam para puxarem as suas bilhas cheias de água.

A sua construção é essencialmente de alvenaria e ornamentado em pedra mármore da região, possui seis gárgulas de meia-cana elaboradas pelo mesmo material e apresenta uma lápide central decorada com o escudo da Casa Real Portuguesa, reforçado com as armas de Estremoz; o friso contém uma inscrição cronografada: Câmara Municipal de Estremoz, 1865, data da sua reconstrução. Outro elemento que se destaca na fachada do chafariz é o gradeamento de nove pilares de mármore que percorrem toda a sua extensão.

Acessos **Largo General Graça, Estremoz**

Uso do Solo **Urbano**

Conservação/Ameaças **Bom/ Sem ameaças**

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.190; CAEIRO, Francisca (1999) - *Fontes, chafarizes, fontanários e marcos fontanários do concelho de Estremoz*, vol. I, II e III, tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora, Évora: Universidade de Évora.

## Observações

# FICHA DE SÍTI

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Chafariz dos cavalos: enquadramento geral



**Figura 2-** Pormenor do Escudo da Casa Real

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **116**

Designação Pelourinho de Estremoz

Distrito Évora

Concelho Estremoz

Freguesia/Lugar Santa Maria

Topónimo

N.º IPA 2737

CMP 1:25 000 folha n.º 425

Altitude (m) 409m

Coordenada (N) 38° 50.499'

Coordenada (W) 007° 35.308'

Tipo de Sítio Pelourinho

Período Cronológico Moderno

## Descrição do Sítio

Símbolo de autonomia e simultaneamente local de tortura, o Pelourinho de Estremoz foi construído em inícios do séc. XVI, no reinado de D. Manuel I. A sua primitiva localização seria certamente junto ao Senado (dentro do castelo da vila), todavia em 1698 com a explosão do paiol instalado nos Paços de D. Dinis, o pelourinho é removido da frente daquele edifício e transferido para o terreiro de Santo André (local muito próximo da localização atual), para junto dos novos Paços Municipais, e no qual permaneceu pelo menos até à segunda metade do séc. XVIII (Espanca, 1975, p.102). Entre 1867-1871, o Senado local mandou desmontar o monumento, acabando por se dispersarem a maior parte dos fragmentos, ficando alguns elementos mais característicos, como parte do fuste e o remate, guardados nas instalações do Museu Municipal.

Em 1916, o arqueólogo Luís Chaves foi encarregado pela Câmara Municipal de acompanhar o projeto do seu restauro e remontagem, no local onde hoje se encontra (atual Largo Luís de Camões). O desenho da sua reconstituição foi realizado por Saavedra Machado e a execução de novas peças, pelo canteiro António Silva, de forma a permitir inclusivamente a reconstrução do pedestal em estilo manuelino, devolvendo, a imagem original do monumento.

Mantém original o fuste, bem como o capitel e o coruchéu de remate, todos estes elementos de estilo manuelino, que haviam sido dotados, na intervenção seiscentista, de uma bandeira com cruz e coroa em ferro, certamente a substituir o remate primitivo. De modo a preservar a integridade quinhentista do pelourinho, estes elementos não foram colocados aquando da sua remontagem.

A base do monumento é composta por de três degraus octogonais, sobre os quais se ergue o pedestal com cerca de 6,15m de altura. O pelourinho é de tipo picota (pau de sujeição), compondo-se de fuste com caneluras helicoidais, ajustado a meia altura por anel moldurado, e rematado por capitel circular composto por sucessão de anéis torsos e festonados; a coroar o conjunto, um coruchéu igualmente torso, terminando em boleados e encimado por esfera armilar de pequenas dimensões, detalhe já moderno (Vermelho, 2002, p.53).

Acessos Praça Luís de Camões, Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

## Bibliografia

Vide CHAVES, Luís (1916) - O Pelourinho de Estremoz. N.º3. In *Terra Nossa*. Lisboa, p.51-55; CHAVES, Luís (1939) - *Os Pelourinhos - Elementos para o seu Catálogo Geral*, Lisboa: [s.n]; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.102-103; MALAFAIA, E. B. de Ataíde (1997) - *Pelourinhos Portugueses: Tentâmen de Inventário Geral*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 53-54.

## Observações

Classificado como MN - Monumento Nacional

Decreto de 11-07-1920, DG, II Série, n.º 167, de 30-07-1920

## Registo Fotográfico



Figura 1- Pelourinho de Estremoz: vista geral



Figura 2- Pormenor dos elementos decorativos

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do Pelourinho de Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **117**

Designação	Capela da Rainha Santa Isabel		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	Santa Maria	Topónimo	
CNS/N.º IPA		CMP 1:25 000 folha n.º	425
		Altitude (m)	449m
Coordenada (N)	38° 50.533'	Coordenada (W)	007° 35.537'
Tipo de Sítio	Capela	Período Cronológico	Moderno

## Descrição do Sítio

Segundo a tradição local, terá sido neste sítio que terá falecido D. Isabel de Aragão a 4 de Julho de 1336. Túlio Espanca, refere que terá sido construído neste local um oratório em 1659, por ordem de D. Luísa de Gusmão, viúva de D. João IV (r. 1640-1656) em ação de graças pela vitória portuguesa na Batalha das Linhas de Elvas (Espanca, 1975, p.85). Em 1680, durante o reinado de D. Pedro II (r. 1675-1706) e por iniciativa deste, realizam-se obras que estiveram a cargo do Padre Francisco Tinoco da Silva, beneficiando consideravelmente o templo. Inevitavelmente, 18 anos depois, em 1698, depois da explosão do paiol de pólvora do castelo, novas obras foram necessárias, apesar de, segundo um relato da época, esta capela não ter sofrido grandes danos, dando a entender que terá sido mais um milagre da Rainha Santa (Espanca, 1975, p. 85).

Os painéis de azulejo e as telas a óleo, ambos claramente joaninos, são atribuíveis os primeiros a Teotónio dos Santos (cerca de 1725), segundo José Meco, e os segundos a André Gonçalves (década de 1730), segundo Maria de Lourdes Cidraes. Os painéis a azulejo e as telas a óleo são representativos da vida e imaginário lendário da Rainha Santa Isabel, nomeadamente os milagres que lhe são atribuídos, que foram a causa da sua canonização em 1625 pelo papa Urbano VIII. O exuberante coro construído em mármore branco exhibe uma inscrição latina, de 1808, de agradecimento da população de Estremoz a Santa Isabel por tê-la protegido dos saques resultantes das Invasões Francesas.

Acessos	Largo de D. Dinis, Estremoz	
Uso do Solo	Urbano	Conservação/Ameaças
		Bom/ Sem ameaças

**Bibliografia**  
Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.53-54; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.85-88; GUERREIRO, Hugo (2008) - *Arte sacra no concelho de Estremoz: Santa Maria, Santo André e Evoramonte : inventário artístico da Arquidiocese de Évora*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, p.10-12; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.47-50.

# FICHA DE SÍTIO

Integrado no conjunto monumental da alcáçova de Estremoz

Classificado como MN - Monumento Nacional

## Observações

Lei n.º 1 766, DG, I Série, n.º 78, de 11-04-1925

## Registo Fotográfico



Figura 1 - Interior da Capela: Coro, com inscrição dedicado à Rainha Santa Isabel



Figura 2 - Portão de entrada da capela

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **118**

**Designação** Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º**

425

**Altitude (m)**

454m

**Coordenada (N)** 38° 50.501'

**Coordenada (W)**

007° 35.491'

**Tipo de Sítio** Capela

**Período Cronológico**

Moderno

## Descrição do Sítio

A Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso era um pequeno templo destinado apenas para servir espiritualmente os presos da cadeia que lhe fica imediatamente defronte. Não se sabe ao certo a data da sua fundação, embora apresente alguns elementos que indiciam construção de finais do século XVI ou inícios do século XVII.

De planta sensivelmente quadrada e constituída por um torreão de alvenaria, está dividida em dois pisos. Edifício já muito profanado e ocupado para diversas utilizações, mantém alguns aspetos artísticos interessantes como sejam o emolduramento, de estilo rococó, da porta lateral esquerda. A sacristia, em baixo, tem teto de penetrações com mísulas simples. Subindo pela escada para o piso superior ainda se pode descobrir a pia de água benta de mármore, sendo o templo propriamente dito suportado por uma abóbada de cúpula hemisférica de trompas angulares lisas. O pináculo do corpo posterior mostra vestígios de pintura a tinta de água, de ornamentação cósmica, e cronograma (Espanca, 1975, p.89).

**Acessos** Rua da Rainha Santa Isabel, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças**

Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.89; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.13-19; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 23.

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

---

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **119**

Designação	Ermida de Nossa Senhora da Cabeça/Ermida de São Pedro				
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz		
Freguesia/Lugar	Santa Maria	Topónimo	Senhora da Cabeça		
N.º IPA	1036	CMP 1:25 000 folha n.º	425	Altitude (m)	420m
Coordenada (N)	38° 51.213'	Coordenada (W)	007° 36.166'		
Tipo de Sítio	Ermida	Período Cronológico	Moderno		

## Descrição do Sítio

Situada num alto de um cabeço, a Ermida de São Pedro, tomou o nome de Nossa Senhora da Cabeça, desde que para ali foi transferida a imagem desta invocação. Posteriormente em 1758, depois de receber obras, custeadas pelos pastores da zona, os quais, ao que parece, foram os responsáveis pela nova denominação, a imagem escolhida foi uma que teria sido para aqui transferida da Capela de Santa Ana, esta arruinada por volta de 1663 e localizada nas imediações da Ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Espanca, 1975, p.99). Desconhece-se a data da sua fundação, mas já existia em inícios do século XVII.

A sua fachada apresenta um frontão triangular, com três arcos redondos e estreitos, e um alpendre que dá acesso ao coro. O lado direito do edifício é suportado por gigantes de alvenaria, rematado por um campanário com sino de bronze. O interior de uma nave possui planta retangular, com cobertura abatida, um santuário pequeno revestido de pinturas com motivos geométricos. No eixo da abóbada, destaque para uma pintura do século XVIII, representando a Assunção da Virgem. A capela-mor antecedida por arco de volta abatida encontra-se também decorado com pinturas, de época neoclássica, com a temática da Sagrada Eucaristia. Possui retábulo em talha dourada e fundo azul, composto por motivos naturalistas ao estilo barroco (última décadas de reinado de D. João V).

Atualmente está um pouco degradada mas ainda são visíveis as interessantes pinturas parietais do coro alto, típicas do século XIX.

Acessos Quinta de São Pedro, próximo da urbanização de Mendeiros, Estremoz

Uso do Solo Agrícola/Pastoreio Conservação/Ameaças Regular/Abandono

## Bibliografia

Vide CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo "regional"*. Estremoz: Marques Crespo; vd. ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.99-100; vd. MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense. p.95:

# FICHA DE SÍTIO

Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada Principal da Ermida



**Figura 2-** Alçado lateral da Ermida, pormenor do sistema de contrafortagem e do campanário

# FICHA DE SÍTIO



Figura 3- Pintura que se encontra ao centro da abóbada da



Figura 4- Capela-mor, pormenor do arco de volta abatida e do retábulo em talha dourada

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Ermida de Nossa Senhora da Cabeça

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **120**

**Designação** Ermida de São Brissos

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria

**Topónimo** São Brissos

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º**

411

**Altitude (m)**

414m

**Coordenada (N)**

38° 52.220'

**Coordenada (W)**

007° 35.199'

**Tipo de Sítio**

Ermida

**Período Cronológico**

Moderno

## Descrição do Sítio

Situada num ponto altaneiro da Herdade da Granja, a cerca de quatro quilómetros de distância da cidade, a Ermida de São Brissos, segundo Túlio Espanca, aparenta ter sido fundada nos finais do século XVII, se considerarmos que a cruz de mármore existente sobre o campanário foi erguida na mesma época. Esta tem marcado o ano de 1682, ao que nos é permitido ler à distância.

A fachada da Ermida é composta por frontão triangular, rematado ao centro por um campanário; o edifício é suportado por gigantes de alvenaria. A abside poligonal e o pequeno alpendre frontal foram erguidos pelos proprietários em 1939, durante a reforma estrutural por eles efetuada.

**Acessos**

Herdade da Granja, EM 504 (Estremoz - Sotileira), Estremoz

**Uso do Solo**

Agrícola

**Conservação/Ameaças**

Regular/Abandono

**Bibliografia**

Vide CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo "regional"*. Estremoz: Marques Crespo; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.100.

**Observações**

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



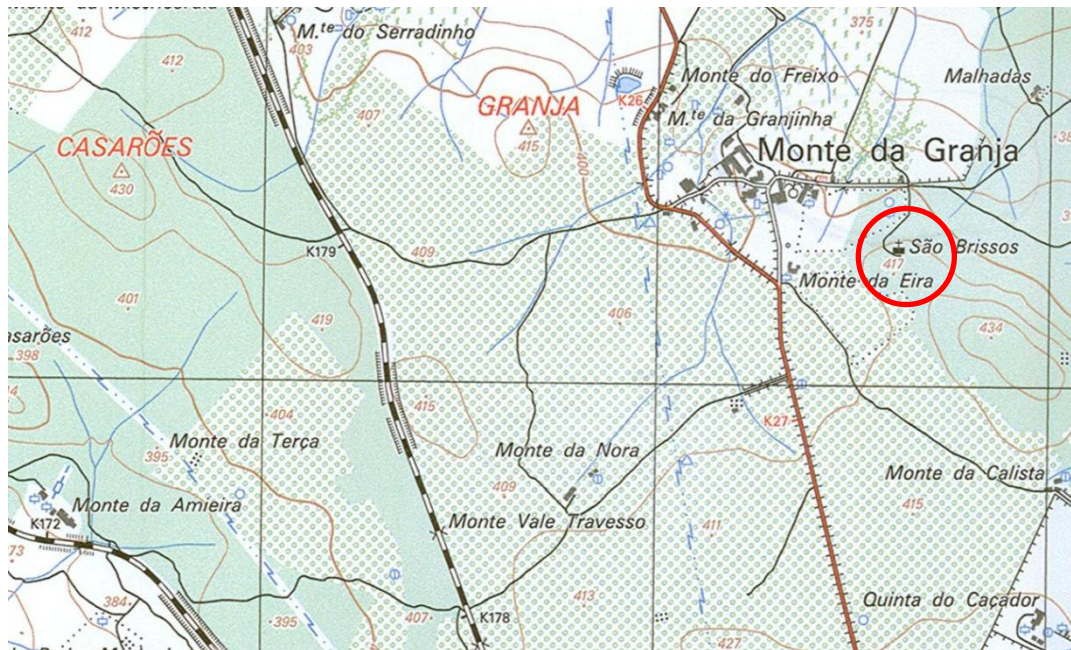
**Figura 1-** Pormenor da abside e do sistema de contrafortagem



**Figura 2-** Pormenor da fachada principal

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 411 com a localização da Ermida de São Brissos

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **121**

**Designação** Fonte da Margarida Mentira

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria/ Frandina

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º**

412

**Altitude (m)**

422m

**Coordenada (N)**

38° 51.404'

**Coordenada (W)**

007° 33.638'

**Tipo de Sítio**

Fonte

**Período Cronológico**

Moderno

## Descrição do Sítio

A Fonte da Margarida Mentira situa-se em terreno particular. Terá sido mandada construir em 1646, tal como comprova a inscrição cronografada da sua fachada:

*ESTA. OBRA. MANDARAÔ FAZER. OS OFICIAIS DA CAMARA NO ANNO DE 1646. SEMDO. JVIS. DE FORA.  
AMTONIO. FREIR.E. DA FOMCEQA*

Da sua construção primitiva, resta apenas o seu frontão decorado no centro com o escudo da Casa Real Portuguesa e ladeado por volutas, único elemento aproveitado pela Câmara nas obras efetuadas entre 1940 e 1950 (Caeiro, 1999, p.137).

A Fonte da Margarida Mentira servia de bebedouro para os animais, mas a sua função principal era o abastecimento público, inclusive a rega das hortas circundantes.

**Acessos**

Horta Grande, Frandina, Estremoz

**Uso do Solo**

Agrícola

**Conservação/Ameaças**

Bom/ Sem ameaças

**Bibliografia**

*Vide CAEIRO, Francisca (1999) - Fontes, chafarizes, fontanários e marcos fontanários do concelho de Estremoz, vol. I, II e III, tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora, Évora: Universidade de Évora.*

**Observações**

Apesar de se localizar em propriedade privada, a fonte pode ser visitável.

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Enquadramento geral da fonte

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **122**

Designação **Fonte e Lago do Gadanha**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santo André**

Topónimo

N.º IPA **1028**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **414m**

Coordenada (N) **38° 50.623'**

Coordenada (W) **007° 35.256'**

Tipo de Sítio **Fonte**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

O Lago do Gadanha é um dos ex-libris da cidade de Estremoz. Esta obra monumental mandada construir pelo Senado de Estremoz em 1688, aproveita uma das mais importantes nascentes da zona baixa da cidade que se encontra no extremo Sudoeste do Rossio Marquês de Pombal, a nascente da Fonte Nova.

Tal como a maior parte das fontes do concelho de Estremoz, também o Lago do Gadanha é construído em pedra mármore da região e possui cerca de 40 metros de comprimento. Ao centro possui uma pedra quadrangular, ornamentada por quatro carrancas antropomórficas, por onde brotava a água, e onde ainda se pode ler as seguintes inscrições: "1852" (possivelmente a data da sua implantação no tanque) e "Reparado em Agosto de 1932". No topo está colocada a conhecida estátua do "Gadanha", representando o deus Saturno, originária do Convento dos Congregados, tendo sido transposta para o centro do lago só em meados do século XIX. Nas quatro faces do pedestal podemos registar a seguinte quadra, simbolizando o efémero e fugacidade da vida:

*" CORRE O TEMPO VELOZMENTE  
COMO A ÁGUA DA CORRENTE  
NÓS TAMBÉM DA MESMA SORTE  
CORRÊDO VAMOS À MORTE"*

Marca importante do período barroco em Estremoz, a fonte e lago do Gadanha tinha como principal função o abastecimento público, nomeadamente a rega de hortas próximas; o fornecimento de água ao lavadouro municipal, bem como também a algumas fábricas da cidade.

Acessos **Largo General Graça, Estremoz**

Uso do Solo **Urbano**

Conservação/Ameaças **Bom/ Sem ameaças**

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.190; CAEIRO, Francisca (1999) - *Fontes, chafarizes, fontanários e marcos fontanários do concelho de Estremoz*, vol. I, II e III, tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora, Évora: Universidade de Évora.

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fonte e Lago do Gadanha: enquadramento geral



**Figura 2 (lado esquerdo)** - Estátua vista ao pormenor

**Figura 3 (lado direito)** - Pormenor das bicas da Fonte

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar n° 425 com a localização da Fonte e Lago do Gadanha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **123**

**Designação** Hospital da Misericórdia/ Antiga Santa Casa da Misericórdia

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 405m

**Coordenada (N)** 38° 50.489'

**Coordenada (W)** 007° 35.222'

**Tipo de Sítio** Igreja

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Primeiramente instalada na Igreja de São Miguel (ou do Anjo da Guarda) a partir de inícios do séc. XVI, a Misericórdia de Estremoz foi transferida para o imóvel existente no Largo da República em 1610, que é hoje ocupado pela Sociedade Recreativa Popular Estremocense e Sociedade Filarmónica Artística Estremocense (SFAE), fixando-se definitivamente no Convento de São João da Penitência em 1881.

O imóvel, pelas várias reutilizações que sofreu até hoje, perdeu muitos dos seus atributos artísticos, sendo os seus painéis de azulejo existentes no local da antiga igreja (Virtudes Cardeais e Teologais) e no piso superior (sala de ensaios e salão da SFAE) o melhor testemunho de que o Barroco também passou por aqui. De referir também a escadaria de mármore e o seu teto que dá acesso do claustro ao primeiro piso do antigo hospital. O claustro, de gosto renascentista, talvez do fim do século XVI, com decoração de tipo gótico-manuelina é o elemento mais significativo deste edifício.

Os azulejos do primeiro piso (sala de ensaios) apresentam-se em vários painéis ilustrativos das “obras da Misericórdia”, um dos 15 que ainda existem em todo o país, enquanto que o salão oposto tem o rodapé forrado de azulejos de figura avulsa.

De notar também o Oratório de Nossa Senhora da Guia, hoje dedicado às Almas Santas, que está junto ao alçado direito do convento, na Rua das Almas. Fundado na segunda década do século XVIII, apresenta-nos alguns elementos barrocos como as volutas laterais ou o tímpano redondo. Ainda mantém um painel azulejar das Alminhas do Purgatório com a recorrente insígnia latina P.N.A.M. (em português “Pai Nosso Avé Maria”).

A Fachada do templo foi completamente alterada. As janelas do coro transformadas em sacadas; e o remate superior triangular com a cruz desapareceu, apenas o adro apresenta ainda a configuração inicial.

**Acessos** Largo da República n.º 18 e 18A, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.140-141; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.55-58;

## Observações

Ocupado pela Sociedade Recreativa Popular Estremocense e Sociedade Filarmónica Artística Estremocense (SFAE),

## Registo Fotográfico

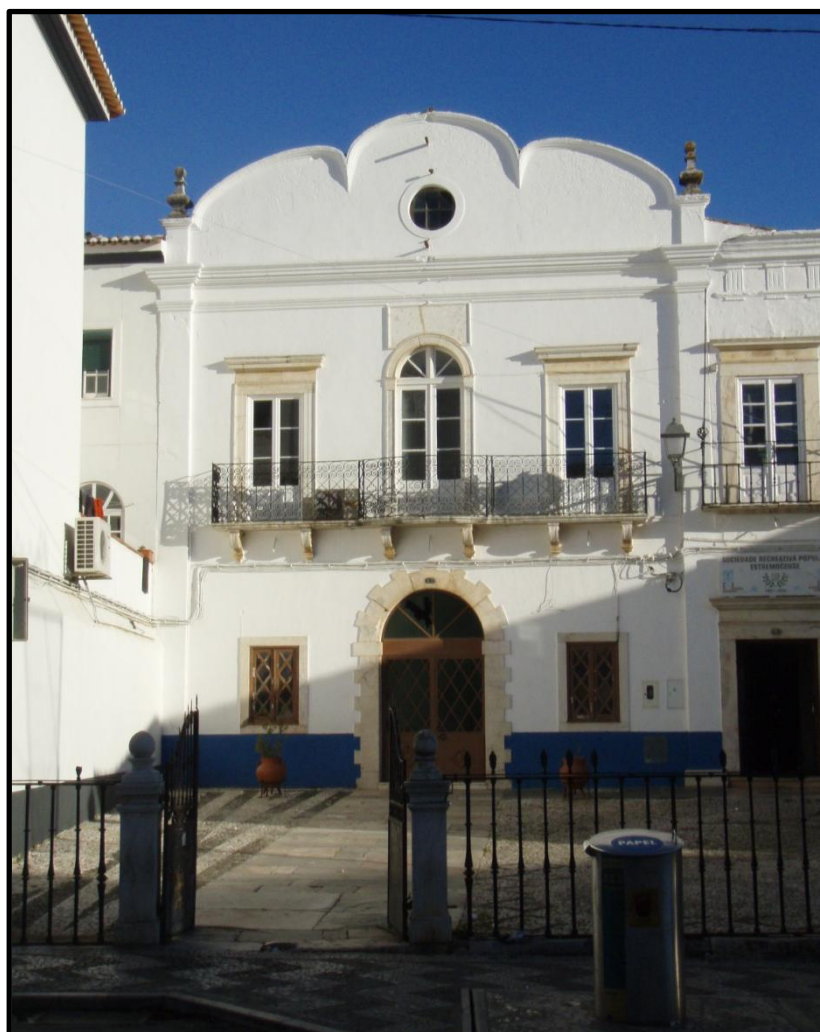


Figura 1- Fachada do Edifício

## FICHA DE SÍTIO



Figura 2- Claustro da Misericórdia



Figura 3- Azulejos

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **124**

**Designação** Igreja e Convento dos Congregados/ Convento N.ª Sr.ª da Conceição

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**N.º IPA** 3948

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 414m

**Coordenada (N)** 38° 50.497'

**Coordenada (W)** 007° 35.143'

**Tipo de Sítio** Igreja/Convento

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

O Convento era dedicado a Nossa Senhora da Conceição, e propriedade dos Padres Congregados do Oratório de São Filipe Néri. A fundação do convento em 1697, teve ordem régia de D. Pedro II. Os trabalhos de adaptação às necessidades dos Oratorianos tiveram início logo de seguida, devendo estar concluídos em 1703, pois no ano seguinte já se ministravam aulas no convento (Espanca, 1975).

A igreja deverá ter sido objeto, nessa época, de um primeiro plano que, em todo o caso, nunca chegou a ser concluído, até 1961, ano em que se recomeçou a empreitada de construção do restante da fachada, concluída em 1967, e cujo autor permanece por esclarecer. Depois de alguns anos sem trabalhos, o edifício foi cedido à Paróquia de Santo André e esta inaugurou a igreja completa em 1995, praticamente três séculos depois de ter sido começada.

A fachada do templo de grande interesse arquitetónico; divide-se em cinco panos (através de pilastras), sendo o central convexo e os laterais côncavos, reproduzindo uma sinuosidade ao conjunto que destaca, naturalmente, a zona ao centro. Este efeito dinâmico aparece como oposição à veia clássica renascentista e maneirista, mais estática e estável. As torres laterais são unidas através de uma balaustrada que acompanha o ritmo do alçado.

Denota-se uma clara adoção deste tipo de fachada na igreja lisboeta de Santa Engrácia, chegando mesmo a ser atribuído o seu plano a João Antunes (Pereira, 1986, p.45).

O complexo conventual desenvolve-se ao lado da igreja, estruturando-se em torno de um claustro de cinco tramos, com arcaria a pleno centro, e cuja edificação remonta a 1705-1706, sob a responsabilidade do mestre de pedraria Manuel Simões (Espanca, 1975). No seu interior ganham especial importância os diferentes revestimentos de azulejos dedicados à Vida e Milagres de São Filipe Nery, cuja cronologia remonta à primeira metade do século XVIII; precisamente o conjunto azulejar pertencente à Portaria-Mor, juntamente com os da escadaria e salas diversas, da mesma época e com temáticas profanas de caçadas e batalhas; os do ante-coro com episódios variados dos Evangelhos; e os da antiga capela, hoje Biblioteca, atribuídos a António de Oliveira Bernardes.

Após a extinção das Ordens Religiosas, o convento acolheu a Câmara Municipal, a que se juntou, mais tarde, a Biblioteca, o Museu de Arte Sacra, e uma série de outras dependências municipais.

**Acessos** Rossio Marquês de Pombal, Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.162-172; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborensis, p.73-79; PEREIRA, José Fernandes (1986) - Resistências e aceitação do espaço barroco: a arquitectura religiosa e civil. in *História da Arte em Portugal*, vol.8, Lisboa: Publicações Alfa

## Observações

Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público

Decreto n.º 516/71, DG, I Série, n.º 274, de 22-11-1971

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO



Figura 2 - Pormenor do claustro: arcaria



Figura 3 - Interior da Igreja: nave e capela-mor



Figura 4 - Fotografia tirada em 1891 por C.J. Walowski

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar n.º 425 com a localização da Igreja e Convento dos Congregados

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **125**

Designação **Fonte de Santo António**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santa Maria**

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º **426** Altitude (m) **415m**

Coordenada (N) **38° 50.238'**

Coordenada (W) **007° 34.704'**

Tipo de Sítio **Fonte**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A fonte de Santo António encontra-se junto ao Cemitério Municipal de Estremoz, muito próximo do Convento do mesmo nome, em plano inferior do solo da Rua de Santo António e terá sido construída possivelmente em início do século XVIII, como comprova a inscrição que se encontra na sua fachada.

Adossado á cerca de Santo António, podemos encontrar um belíssimo trabalho de cantaria, decorado por um arco de volta perfeita, apoiado por duas pilastras, ladeado por volutas e desenhos geométricos em relevo. Possui um frontão triangular, composto por dois pináculos e uma cartela que contém a seguinte inscrição cronografada:

"1702

*PE. N° AVE MA POR QVEM:"*

No paramento inferior, repete-se a decoração com outro arco perfeito, no entanto este é encimado por uma inscrição, escrita em latim, e de índole religioso e alusiva á qualidade da água da fonte:

*EN. PRO. FONTES TIBI JUGIS PAPAGOCIA. MANAT:*

*NON. SITIAS. PRIMAM. SICCEA. VIATOR. AQUAM.*

*CONSECRAT. I~ANC. DIVUS: QUI. [...]. REGNA. SACRAVIT.*

*NUMINE. SUB. TANTO. CERTE. SALUBRIS. ERIT.*

A Fonte de Santo António foi durante muitos anos um dos principais sítios de abastecimento público de água para as populações, no entanto a nascente acabou por secar devido à atividade nas pedreiras de mármore que se encontram nas proximidades.

Acessos **Rua de Santo António, junto do Cemitério Municipal, Estremoz**

Uso do Solo **Urbano**

Conservação/Ameaças **Mau/ Abandono**

## Bibliografia

*Vide CAEIRO, Francisca (1999) - Fontes, chafarizes, fontanários e marcos fontanários do concelho de Estremoz, vol. I, II e III, tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora, Évora: Universidade de Évora.*

# FICHA DE SÍTIO

## Observações

Atualmente, a fonte encontra-se em elevado estado de degradação e em mau estado de conservação, necessita de obras de limpeza a nível de pedraria e da zona envolvente.

## Registo Fotográfico



Figura 1 e 2- Enquadramento geral da fonte



Figura 3 - Pormenor da decoração do frontão do paramento

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **126**

**Designação** Ermida do Senhor Jesus dos Inocentes/ Capela do Senhor dos Inocentes

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 459m

**Coordenada (N)** 38° 50.483'

**Coordenada (W)** 007° 35.530'

**Tipo de Sítio** Ermida

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Situada ao lado dos antigos Paços do Concelho, começou a ser construída em 1726, embora trinta anos depois ainda estivesse por concluir. Seria provavelmente dedicada aos expostos ou órfãos, dada também a proximidade de um hospício para crianças abandonadas, hoje sede do Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.

Voltada a ocidente, a Ermida possuía uma empena de gosto setecentista, triangular, ladeada por volutas (Espanca, 1975, p.88). Estando completa em inícios do século XX, já só subsiste a capela-mor, por ruína da fachada.

É bastante notório o estilo barroco de D. João V (1707-1750) em vários elementos, especialmente no lavabo de mármore situado na sacristia.

**Acessos** Largo de D. Dinis, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.88; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.13-19; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 21.

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Edifício antes de entrar em ruína

*Fonte:* [www.cm-estremoz.pt](http://www.cm-estremoz.pt)



**Figura 2-** Edifício como se encontra actualmente

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Segundo Túlio Espanca (1975), o Paioi de Santa Bárbara terá sido construído entre 1736 e 1739, e delineado por Carlos Andreis, futuro sargento-mor de engenharia. Este edifício de carácter militar veio substituir o antigo paioi situado na alcáçova que explodiu em 1698.

Exemplar do reinado de D. João V, caracteriza-se por apresentar um portal barroco cronografado de 1739, com frontispício de mármore, decorado com as armas do rei. Tem ainda um nicho onde estaria a imagem da padroeira da arma de artilharia (Santa Bárbara), decorado com pilastras envolvidas com grinaldas de flores, com colchetes e modilhões palmares.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

*Vide ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.74*

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura1-** Fachada do edifício

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **128**

Designação **Assento Real**

Distrito **Évora** Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santa Maria** Topónimo

N.º IPA **31635** CMP 1:25 000 folha n.º **425** Altitude (m) **444m**

Coordenada (N) **38° 50.465'** Coordenada (W) **007° 35.556'**

Tipo de Sítio **Armazém** Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

Segundo Túlio Espanca (1975), o Assento Real terá sido edificado em 1740, pelo Marquês de Tancos, e inicialmente concebido para Armazém de Fardas do Exército da Província do Alentejo. O imóvel é de planta retangular, disposta em dois pisos, com cobertura homogénea em telhado de duas águas. Tem grandes arcobotantes de alvenaria no alçado sudoeste, no alçado inferior rasgam-se janelas quadrangulares, com grades de ferro. No alçado oposto, muito transformado, virado para a Rua do Assento, existe ainda o brasão de armas do imóvel, do Reino Unido Portugal-Brasil (1816-1822), da época de D. João VI (1816-1826). Este brasão tem forma circular, envolvido por composição emblemática de estuque. Falta-lhe a coroa real, apeada intencionalmente pelos revolucionários republicanos depois de 1910. Também serviu de Padaria Militar, chegando a cozer 40 000 pães por dia para todo o exército alentejano (Espanca, 1975, p.67).

Acessos **Rua do Assento, Estremoz**

Uso do Solo **Urbano** Conservação/Ameaças **Em perigo/ Abandono**

Bibliografia **Vide ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.67**

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Vista geral do edifício



Figura 2- Brasão de D. João VI

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **129**

**Designação** Capela dos Passos - Igreja de São Francisco

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 420m

**Coordenada (N)** 38° 50.614'

**Coordenada (W)** 007° 35.180'

**Tipo de Sítio** Capela

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

As Capelas dos Santos Passos foram mandadas construir em inícios do século XVIII, pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, sedeadada na igreja conventual de São Francisco, na capela de D. Fradique de Portugal, arcebispo de Saragoça (Espanca, 1975, p.188). Inicialmente cinco, desapareceu, em 1960, a que estava junto da extinta Igreja de Santo André. As restantes, que são bastante semelhantes, estão situadas na Rua da Porta da Lage (no Bairro de Santiago), na Rua Alexandre Herculano, no alçado exterior direito da Igreja de São Francisco e, finalmente, do lado esquerdo da frontaria do Convento das Maltesas. Os locais escolhidos para a fixação destas capelas, correspondem aos pontos de passagem do percurso da Procissão do Senhor dos Passos, que se realizava com pompa e grandeza através destas artérias de Estremoz e que actualmente ainda se realiza no domingo anterior ao Domingo de Ramos.

No que diz respeito à sua conceção estética, estas capelas são praticamente todas iguais, e a sua beleza muito se deve ao mármore utilizado na sua construção, onde se destacam os brancos e os raiados com veios negros. As suas fachadas mostram-nos volutas enroladas, ao centro o emblema da Ordem Franciscana e as Chagas de Cristo. Outros elementos característicos do exterior são os pináculos piramidais ou os batentes de madeira almofadada, compostos por ferragem batida, certamente das suas origens. No interior destacam-se os altares de mármore decorados com vieiras e, não esquecendo os belos retábulos seiscentistas, enfeitados com flores, empenas triangulares e decoração geométrica. Um especial destaque, terá que ser dado aos frescos que representam a Paixão de Cristo, com os versos em latim correspondentes, e aos painéis de azulejo. A temática varia de capela para capela, sendo no entanto toda referente aos momentos finais da vida de Jesus Cristo.

- 1ª Estação da Igreja/convento de São Francisco- Dedicada a Jesus Cristo caído sob o peso da cruz a caminho do Calvário.

**Acessos** Rossio Marquês de Pombal, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.188-190; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.83-84;

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **130**

**Designação** Capela dos Passos - Convento das Maltesas

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º**

425

**Altitude (m)**

439m

**Coordenada (N)**

38° 50.576'

**Coordenada (W)**

007° 35.087'

**Tipo de Sítio**

Capela

**Período Cronológico**

Moderno

## Descrição do Sítio

As Capelas dos Santos Passos foram mandadas construir em inícios do século XVIII, pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, sedeadada na igreja conventual de São Francisco, na capela de D. Fradique de Portugal, arcebispo de Saragoça (Espanca, 1975, p.188). Inicialmente cinco, desapareceu, em 1960, a que estava junto da extinta Igreja de Santo André. As restantes, que são bastante semelhantes, estão situadas na Rua da Porta da Lage (no Bairro de Santiago), na Rua Alexandre Herculano, no alçado exterior direito da Igreja de São Francisco e, finalmente, do lado esquerdo da frontaria do Convento das Maltesas. Os locais escolhidos para a fixação destas capelas, correspondem aos pontos de passagem do percurso da Procissão do Senhor dos Passos, que se realizava com pompa e grandeza através destas artérias de Estremoz e que actualmente ainda se realiza no domingo anterior ao Domingo de Ramos.

No que diz respeito à sua conceção estética, estas capelas são praticamente todas iguais, e a sua beleza muito se deve ao mármore utilizado na sua construção, onde se destacam os brancos e os raiados com veios negros. As suas fachadas mostram-nos volutas enroladas, ao centro o emblema da Ordem Franciscana e as Chagas de Cristo. Outros elementos característicos do exterior são os pináculos piramidais ou os batentes de madeira almofadada, compostos por ferragem batida, certamente das suas origens. No interior destacam-se os altares de mármore decorados com vieiras e, não esquecendo os belos retábulos seiscentistas, enfeitados com flores, empenas triangulares e decoração geométrica. Um especial destaque, terá que ser dado aos frescos que representam a Paixão de Cristo, com os versos em latim correspondentes, e aos painéis de azulejo. A temática varia de capela para capela, sendo no entanto toda referente aos momentos finais da vida de Jesus Cristo.

- 2ª Estação do Convento das Maltesas- Dedicada ao encontro de Nossa Senhora com Jesus.

**Acessos**

Rossio Marquês de Pombal, Estremoz

**Uso do Solo**

Urbano

**Conservação/Ameaças**

Bom/ Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.188-190; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.83-84;

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **131**

Designação **Capela dos Passos - Santo André**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santo André**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**425**

Altitude (m)

**418m**

Coordenada (N)

**38° 50.535'**

Coordenada (W)

**007° 35.280'**

Tipo de Sítio

**Capela**

Período Cronológico

**Moderno**

## Descrição do Sítio

As Capelas dos Santos Passos foram mandadas construir em inícios do século XVIII, pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, sedeadada na igreja conventual de São Francisco, na capela de D. Fradique de Portugal, arcebispo de Saragoça (Espanca, 1975, p.188). Inicialmente cinco, desapareceu, em 1960, a que estava junto da extinta Igreja de Santo André. As restantes, que são bastante semelhantes, estão situadas na Rua da Porta da Lage (no Bairro de Santiago), na Rua Alexandre Herculano, no alçado exterior direito da Igreja de São Francisco e, finalmente, do lado esquerdo da frontaria do Convento das Maltesas. Os locais escolhidos para a fixação destas capelas, correspondem aos pontos de passagem do percurso da Procissão do Senhor dos Passos, que se realizava com pompa e grandeza através destas artérias de Estremoz e que actualmente ainda se realiza no domingo anterior ao Domingo de Ramos.

No que diz respeito à sua conceção estética, estas capelas são praticamente todas iguais, e a sua beleza muito se deve ao mármore utilizado na sua construção, onde se destacam os brancos e os raiados com veios negros. As suas fachadas mostram-nos volutas enroladas, ao centro o emblema da Ordem Franciscana e as Chagas de Cristo. Outros elementos característicos do exterior são os pináculos piramidais ou os batentes de madeira almofadada, compostos por ferragem batida, certamente das suas origens. No interior destacam-se os altares de mármore decorados com vieiras e, não esquecendo os belos retábulos seiscentistas, enfeitados com flores, empenas triangulares e decoração geométrica. Um especial destaque, terá que ser dado aos frescos que representam a Paixão de Cristo, com os versos em latim correspondentes, e aos painéis de azulejo. A temática varia de capela para capela, sendo no entanto toda referente aos momentos finais da vida de Jesus Cristo.

- 3ª Estação da Igreja de Santo André - Dedicada a Jesus Cristo caído sob o peso da cruz a caminho do Calvário.

Acessos

**Praça Luís de Camões, Estremoz**

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

Bibliografia *Vide* ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.188-190; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.83-84;

Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Igreja de Santo André, capela dos passos no alçado lateral

Fonte: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=29757](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29757)

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **132**

**Designação** Capela dos Passos - Espírito Santo

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º**

425

**Altitude (m)**

420m

**Coordenada (N)** 38° 50.583'

**Coordenada (W)** 007° 35.476'

**Tipo de Sítio** Capela

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

As Capelas dos Santos Passos foram mandadas construir em inícios do século XVIII, pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, sedeadada na igreja conventual de São Francisco, na capela de D. Fradique de Portugal, arcebispo de Saragoça (Espanca, 1975, p.188). Inicialmente cinco, desapareceu, em 1960, a que estava junto da extinta Igreja de Santo André. As restantes, que são bastante semelhantes, estão situadas na Rua da Porta da Lage (no Bairro de Santiago), na Rua Alexandre Herculano, no alçado exterior direito da Igreja de São Francisco e, finalmente, do lado esquerdo da frontaria do Convento das Maltesas. Os locais escolhidos para a fixação destas capelas, correspondem aos pontos de passagem do percurso da Procissão do Senhor dos Passos, que se realizava com pompa e grandeza através destas artérias de Estremoz e que actualmente ainda se realiza no domingo anterior ao Domingo de Ramos.

No que diz respeito à sua conceção estética, estas capelas são praticamente todas iguais, e a sua beleza muito se deve ao mármore utilizado na sua construção, onde se destacam os brancos e os raiados com veios negros. As suas fachadas mostram-nos volutas enroladas, ao centro o emblema da Ordem Franciscana e as Chagas de Cristo. Outros elementos característicos do exterior são os pináculos piramidais ou os batentes de madeira almofadada, compostos por ferragem batida, certamente das suas origens. No interior destacam-se os altares de mármore decorados com vieiras e, não esquecendo os belos retábulos seiscentistas, enfeitados com flores, empenas triangulares e decoração geométrica. Um especial destaque, terá que ser dado aos frescos que representam a Paixão de Cristo, com os versos em latim correspondentes, e aos painéis de azulejo. A temática varia de capela para capela, sendo no entanto toda referente aos momentos finais da vida de Jesus Cristo.

- 4ª Estação da Rua Alexandre Herculano (Espírito- Santo) - Representando Verónica

**Acessos** Rua Alexandre Herculano, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.188-190; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.83-84;

# FICHA DE SÍTIO

---

Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **133**

**Designação** Capela dos Passos - Porta da Lage

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º**

425

**Altitude (m)**

436m

**Coordenada (N)**

38° 50.576'

**Coordenada (W)**

007° 35.642'

**Tipo de Sítio**

Capela

**Período Cronológico**

Moderno

## Descrição do Sítio

As Capelas dos Santos Passos foram mandadas construir em inícios do século XVIII, pela Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, sedeadada na igreja conventual de São Francisco, na capela de D. Fradique de Portugal, arcebispo de Saragoça (Espanca, 1975, p.188). Inicialmente cinco, desapareceu, em 1960, a que estava junto da extinta Igreja de Santo André. As restantes, que são bastante semelhantes, estão situadas na Rua da Porta da Lage (no Bairro de Santiago), na Rua Alexandre Herculano, no alçado exterior direito da Igreja de São Francisco e, finalmente, do lado esquerdo da frontaria do Convento das Maltesas. Os locais escolhidos para a fixação destas capelas, correspondem aos pontos de passagem do percurso da Procissão do Senhor dos Passos, que se realizava com pompa e grandeza através destas artérias de Estremoz e que actualmente ainda se realiza no domingo anterior ao Domingo de Ramos.

No que diz respeito à sua conceção estética, estas capelas são praticamente todas iguais, e a sua beleza muito se deve ao mármore utilizado na sua construção, onde se destacam os brancos e os raiados com veios negros. As suas fachadas mostram-nos volutas enroladas, ao centro o emblema da Ordem Franciscana e as Chagas de Cristo. Outros elementos característicos do exterior são os pináculos piramidais ou os batentes de madeira almofadada, compostos por ferragem batida, certamente das suas origens. No interior destacam-se os altares de mármore decorados com vieiras e, não esquecendo os belos retábulos seiscentistas, enfeitados com flores, empenas triangulares e decoração geométrica. Um especial destaque, terá que ser dado aos frescos que representam a Paixão de Cristo, com os versos em latim correspondentes, e aos painéis de azulejo. A temática varia de capela para capela, sendo no entanto toda referente aos momentos finais da vida de Jesus Cristo.

- 5ª Estação da Rua da Porta da Lage- Evocando a cena das Santas Mulheres chorando pelo sofrimento de Cristo.

**Acessos**

Rua da Porta da Lage (Bairro de Santiago), Estremoz

**Uso do Solo**

Urbano

**Conservação/Ameaças**

Bom/ Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.188-190; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.83-84;

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1 e 2- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **134**

**Designação** Rossio Marquês de Pombal/ Mercado Coberto de Estremoz

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**CNS** 24119

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 407m

**Coordenada (N)** 38° 50.487'

**Coordenada (W)** 007° 35.184'

**Tipo de Sítio** Necrópole

**Período Cronológico** Moderno/Contemporâneo

## Descrição do Sítio

A intervenção arqueológica realizou-se junto ao edifício do convento dos congregados e próximo do local da antiga misericórdia. No decurso do acompanhamento terá sido identificada uma área de necrópole, possivelmente associada à antiga misericórdia da cidade de Estremoz. Reproduzo a informação constante no relatório de trabalhos: "Nas acumulações de terras, junto à ala Sul da obra, provenientes da abertura de valas para as sapatas, executada em momento anterior do início do acompanhamento arqueológico, foram identificados abundantes despojos osteológicos de proveniência humana. Uma verificação do restante terreno da obra confirmou a presença de grande quantidade de vestígios osteológicos, já muito fragmentados, devido à acção das máquinas na abertura das valas".

**Acessos** Rossio Marquês de Pombal, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças**

**Bibliografia** Processo IGESPAR S- 24119

**Observações**

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Cócix humano encontrado durante os trabalhos arqueológicos  
Fonte: Processo S- 24119

## Registo Cartográfico



**Mapa 2-** Pormenor da carta militar n° 425 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **135**

Designação	Igreja de Santo André		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	Santo André	Topónimo	
N.º IPA	29757	CMP 1:25 000 folha n.º	425
		Altitude (m)	418m
Coordenada (N)	38° 50.535'	Coordenada (W)	007° 35.280'
Tipo de Sítio	Igreja	Período Cronológico	Moderno

## Descrição do Sítio

A antiga Igreja Paroquial de Santo André era um dos edifícios mais imponentes, tipicamente barrocos da cidade de Estremoz, pertencente à Ordem de Avis. Foi mandada construir por D. Pedro de Lencastre em inícios do século XVIII, mais concretamente em 1705, acabando por ser concluída em 1724.

Segundo as descrições apresentadas nas *Memórias Paroquias*, a imponente igreja, totalmente ao gosto barroco setecentista veio substituir o primitivo templo gótico e, seria uma “obra majestosa”, com “sete altares todos majestosos e de talha dourada”, separados do corpo da igreja, e dominada por um coro alto (Costa,1961, p.131).

A sua fachada era semelhante à Igreja de São Francisco, nomeadamente nas janelas e portas exteriores. Possuía duas torres sineiras, que ladeavam a empena marmórea, centrada pela imagem de Santo André, cuja grandeza ainda se pode apreciar, no local da antiga igreja onde a estátua do santo lá está presente em memória da desaparecida igreja (atual Rua 5 de Outubro).

Por ser uma igreja muito rica, mas demasiado pesada, começou a ruir em 1940, assistindo-se à queda do seu telhado. A tentativa de restauro por parte da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), em nada ajudou, acabando mesmo por causar um progressivo desmoronamento da igreja e o seu posterior derrubamento, em 1960.

A Igreja foi demolida e no local foi construído o Palácio da Justiça.

Dela restam algumas fotografias mas também elementos artísticos que a constituíam e que ainda podem ser vistos em diversas zonas da cidade. Alguns desses exemplos são os elementos escultóricos que se encontram no claustro do Convento dos Congregados bem como os sinos que hoje se encontram na igreja do mesmo convento.

Acessos **Praça Luís de Camões, Estremoz**

Uso do Solo **Urbano**

Conservação/Ameaças **Destruído**

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.131; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p.63-66;

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Igreja de Santo André vista do Pelourinho

*Fonte:* coleção da autora

## FICHA DE SÍTIO



**Figura 2-** Início da demolição da Igreja

*Fonte:* <http://dotempodaoutrasenhora.blogspot.pt/2010/04/igreja-de-santo-andre-historia-dum.html>



**Figura 3-** Estátua de Santo André, um dos elementos que sobreviveu e que presta homenagem à igreja desaparecida

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **136**

**Designação** Hospital Real de São João de Deus

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 437m

**Coordenada (N)** 38° 50.778'

**Coordenada (W)** 007° 35.233'

**Tipo de Sítio** Igreja/Convento

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

O edifício, que hoje se localiza na Rua de Santa Catarina em Estremoz, atual Casa de Sargentos do Regimento de Cavalaria 3 é um imóvel mandado construir pelo rei D. João V.

O Hospital Real de São João de Deus, nome pela qual é conhecido, teve ao longo dos tempos vários locais; foi D. Afonso VI que, em 1669/70 autorizou a construção deste hospital militar, funcionando, nessa altura, no local onde hoje se encontra o Convento “dos Congregados”. Anos mais tarde, esta mesma instituição é deslocada para um edifício que se situa na antiga Rua dos Currais, hoje Rua Brito Capelo. Mudou-se definitivamente para a Rua de Santa Catarina em 1720, mandado construir aquele imóvel pelo próprio rei D. João V, utilizando-se a já existente Ermida de Santa Catarina como igreja do convento.

A gestão do convento foi entregue logo de início à Ordem Hospitaleira de São João de Deus, estabelecendo-se a partir de 1732/35 a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo.

A extinção do convento deu-se em 1834 com a extinção das ordens religiosas, mas apesar disto o Hospital Militar continua oficialmente a trabalhar até ao ano de 1939.

Edifício claramente da época Barroca da qual subsiste principalmente uma arquitetura Joanina e “severa”. As várias utilizações do edifício ao longo dos anos mantiveram-no de pé mas infelizmente, descaracterizaram-no interiormente. O edifício é de planta quadrada e mantém da sua arquitetura Barroca inicial, a sua cúpula octogonal com pináculos, um pequeno nicho na igreja ornado com mísulas com motivos florais e um estuque que ornamenta a sacristia, datado aproximadamente de 1725, decorado segundo os cânones artísticos da época.

Em relação às riquezas artísticas do edifício, o seu recheio de grande valor foi distribuído pelas igrejas de São Francisco, de São Miguel (Anjo da Guarda) e de Santo André.

O edifício possuía também um Escudo de Armas marmóreo que na década de 1970 passou para a posse do Museu Municipal de Estremoz.

**Acessos** Largo de Santa Catarina e Rua São João de Deus, Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo	Urbano	Conservação/Ameaças	Bom/ Sem ameaças
Bibliografia	Vide ESPANCA, Túlio (1975) - <i>Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)</i> , vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.180-181; MENDEIROS, José Filipe (2001) - <i>Património Religioso de Estremoz</i> . Estremoz: Gráfica Eborense, p.59-61;		
Observações			

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício



Figura 2 - Interior da capela

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do Hospital Real de São João de Deus

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **137**

<b>Designação</b>	Palácio dos Henriques/Palácio Tocha		
<b>Distrito</b>	Évora	<b>Concelho</b>	Estremoz
<b>Freguesia/Lugar</b>	Santo André	<b>Topónimo</b>	
<b>N.º IPA</b>	21896	<b>CMP 1:25 000 folha n.º</b>	425
		<b>Altitude (m)</b>	431m
<b>Coordenada (N)</b>	38° 50.697'	<b>Coordenada (W)</b>	007° 35.276'
<b>Tipo de Sítio</b>	Palácio	<b>Período Cronológico</b>	Moderno

## Descrição do Sítio

O Palácio dos Henriques, também conhecido em Estremoz por Palácio Tocha, é um imponente imóvel setecentista, e um bom exemplar do estilo barroco, construído em meados do século XVIII. Foi residência do Capitão Barnabé Henriques, casado com D. Josefa Maria da Silveira, fundadora da capela do Menino Jesus, na Igreja de São Francisco. No início do século XIX, a casa era propriedade do Eng. José Rodrigues Tocha, ainda herdeiro da família Henriques, e fundador do Jardim Municipal de Estremoz (Jardim Tocha). No solar chegou a pernoitar, em 1860, o rei D. Pedro V e a sua comitiva (Túlio Espanca, 1975, 1911).

A sua fachada é de três pisos, rematados nos cunhais por grandes fogaréus, rasgada por vãos emoldurados com mármore da região. As janelas do piso térreo e do piso superior apresentam uma decoração muito idêntica, recorrendo-se a volutas, enrolamentos e formas ainda barrocas, já as janelas de sacada do piso nobre, estão protegidas por grades de ferro forjado, apresentando frontões triangulares, tríglifos e pilastras já neoclássicos. Sobre a portada principal destaca-se o escudo de armas da família fundadora.

A casa dispõem-se em planta retangular, e no seu interior, ao qual se acede através de vestíbulo calcetado com pedrinhas brancas e pretas, destacam-se as salas e corredores cobertos por painéis azulejares setecentistas. Antes destes, merece menção particular a escadaria de dois patamares, em mármore, coberta com teto de estuques. Logo aí se encontram as primeiras paredes forradas a azulejo azul e branco, representando cenas galantes ou de caça. O primeiro piso oferece-nos uma bela amostra do que foi a azulejaria portuguesa, barroca e rococó, nomeadamente a Sala das Batalhas que tem a particularidade de apresentar silhares alusivos a importantes campanhas militares da história regional. Em outras dependências encontram-se cenas mitológicas e alegóricas, mais cenas campestres, e painéis decorativos avulsos, de qualidades díspares, como por exemplo, a Sala de Neptuno (que representa o Triunfo de Poseidon e Amprítite) e a Sala de Hércules (Hércules Matando a Hidra de Lerna e vida quotidiana da época de D. José).

**Acessos** Largo Dragões de Olivença, n.º 100, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano **Conservação/Ameaças** Bom/Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.191- 192.

## Observações

Em vias de classificação

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral do edifício

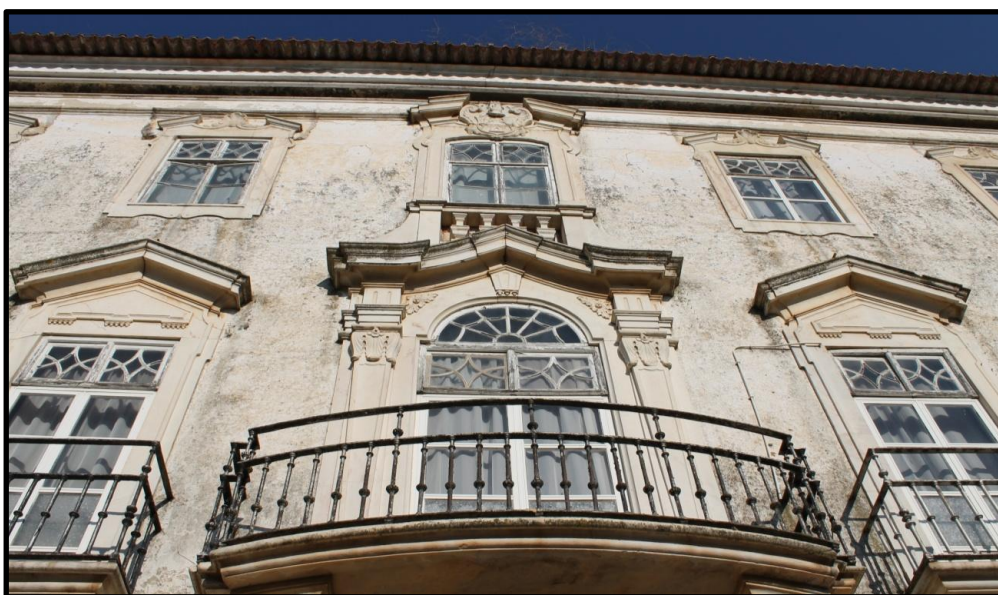


Figura 2- Pormenor das janelas de sacada do piso nobre

## FICHA DE SÍTIO

---



**Figura 3-** Pormenor dos azulejos de uma das salas do Palácio, alusivos á Batalha do Ameixial

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **138**

**Designação** Palácio dos Marqueses da Praia e Monforte

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santo André

**Topónimo**

**N.º IPA** 21899

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 424m

**Coordenada (N)** 38° 50.511'

**Coordenada (W)** 007° 35.317'

**Tipo de Sítio** Palácio

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Edifício construído durante o reinado de D. João V, foi inicialmente utilizado como Paços do Concelho e posteriormente adquirido pelos marqueses da Praia e Monforte para sua habitação.

A fachada é composta por dois pisos: térreo e nobre, rematada nos cunhais por dois grandes fogaréus, rasgada por três janelas de sacada de jambas e lintel em mármore, apresentando decorações vegetalistas, grinaldas de flores, vierias. A encimar a fachada, o brasão dos Freire de Andrade, Soares de Albergaria, Galhardos e Pegados.

Atualmente o imóvel é propriedade da Câmara Municipal de Estremoz e recentemente reabilitado.

**Acessos** Rua Vasco da Gama, n.º 13, Estremoz

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/Sem ameaças

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.207

## Observações

Reabilitado recentemente pela Câmara Municipal de Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral do edifício



Figura 2- Pormenor do Brasão

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **139**

**Designação** Quinta do Carmo/ Quinta Dona Maria

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria

**Topónimo**

**N.º IPA** 1234

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 421m

**Coordenada (N)** 38° 51.279'

**Coordenada (W)** 007° 35.132'

**Tipo de Sítio** Quinta

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Situada a cerca de 1Km da cidade de Estremoz, esta casa apalaçada do séc. XVIII, segundo Túlio Espanca (1975), terá sido fundada em 1718, por Garcia Pestana de Brito, e terminada pelo seu irmão, Diogo Pestana de Brito Casco de Mesquita, em 1756.

“Trata-se da melhor e mais bela casa de campo da região, conservada nas linhas originais de arquitectura Barroca e Joanina...” (Espanca, 1975, p.105). Totalmente envolvida por um muro, destaca-se o portal de entrada com as armas dos seus fundadores e duas estátuas que representam simbolicamente a abundância e a justiça.

O seu interior é rico em azulejos da época de D. João V, que revestem as diferentes divisões, nomeadamente do vestíbulo e a sala de jantar, onde surgem representadas cenas históricas, cenas amorosas, cenas de caça, cenas pastoris, sugestões orientais, entre muitas outras que mostram uma grande diversidade temática e composicional.

Segundo conta a história, a Quinta foi adquirida em tempos por D. João V para oferecer a uma cortesã, chamada D. Maria (nome que foi dado à Quinta).

Hoje em dia a Quinta é conhecida como Quinta do Carmo, pois numa época posterior à edificação da casa, construiu-se uma capela datada de 1752, que foi dedicada e consagrada a Nossa Senhora do Carmo. A Capela, construída ao estilo joanino, mantém ainda a sua volumetria evidente, a fachada imponente, e no seu interior, as magníficas pinturas a fresco do teto, os painéis de azulejo, e a escultura, em tamanho real, da santa.

No final do pátio de entrada encontramos o jardim. Possui um pequeno lago com uma cascada de pedra e ainda um antigo tanque de rega, hoje transformado em piscina, que apresenta uma estátua de Neptuno em mármore branco, empunhando o tridente, dominando uma nereida de monstros marinhos.

A Quinta do Carmo é hoje um ponto de referência, não só pela sua beleza como também pela sua história e qualidade dos vinhos que produz.

**Acessos** Quinta do Carmo, Estrada Municipal 504 (Estremoz-Sotileira), Estremoz

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo	<input type="text" value="Urbano/Agrícola"/>	Conservação/Ameaças	<input type="text" value="Bom/ Sem ameaças"/>
Bibliografia	<input type="text" value="Vd. ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, pp. 105-109."/>		
Observações	<input type="text"/>		

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral do edifício

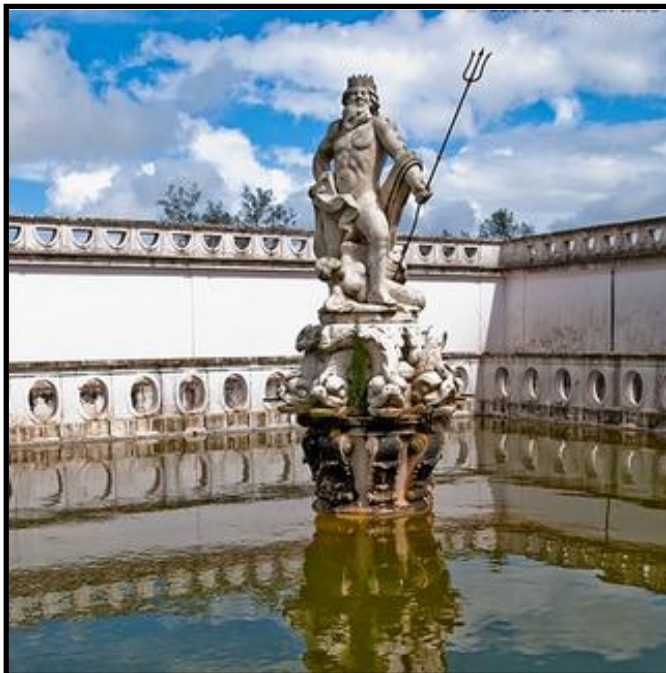


Figura 2- Estátua de Neptuno



Figura 3- Entrada da Quinta

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Quinta de Dona Maria

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **140**

**Designação** Quinta do Mouro

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Santa Maria

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA** **CMP 1:25 000 folha n.º** 425 **Altitude (m)** 396m

**Coordenada (N)** 38° 50.987'

**Coordenada (W)** 007° 35.813'

**Tipo de Sítio** Quinta

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

A Quinta do Mouro é um solar rústico de grande valor artístico, construído em meados do século XVIII, onde predominam os estilos rococó e neoclássico.

O Edifício apalaçado está apoiado por contrafortes, possui um portal decorado com pináculos piramidais, que nos conduz até a um pátio, onde se pode ver a fachada principal da habitação, composta por janelas de jambas e lintel retos de mármore da região. O acesso ao piso nobre faz-se através de uma escadaria com dois lanços. O elemento que lhe confere maior antiguidade é uma janela de arco abatido, tipicamente manuelina.

A capela palaciana possui um nicho dedicado ao padroeiro de Praga (S. João Nepomuceno), imagem de terracota policroma, de 1700. Sobre o beiral do edifício um pequeno campanário, decorado por volutas e frontão triangular.

**Acessos** Quinta do Mouro, junto à urbanização de Mendeiros, Estremoz

**Uso do Solo** Agrícola

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

**Bibliografia** Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.110

**Observações**

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Capela



**Figura 2-** Traseiras da Quinta



**Figura 3-** Janela típica manuelina



**Figura 4-** Fachada principal da habitação

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Quinta do Mouro

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **141**

Designação **Solar Rua das Meiras**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Santo André**

Topónimo

N.º IPA **21897**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **403m**

Coordenada (N) **38° 50.482'**

Coordenada (W) **007° 35.281**

Tipo de Sítio **Edifício**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

O Solar da Rua das Meiras é um edifício do século XVIII, onde esteve instalada em 1815, a primeira Estação de Correios de Estremoz.

O edifício caracteriza-se por apresentar uma fachada de dois pisos: térreo e nobre, dividida por três corpos, alternados por janelas de sacada, resguardadas por um gradeamento em ferro forjado. O corpo principal do edifício apresenta um portal com moldura em mármore decorada por motivos vegetalistas; superiormente, uma varanda, com evidentes traços do reinado de D. Maria I.

Acessos **Rua das Meiras, n.º 4, Estremoz**

Uso do Solo **Urbano**

Conservação/Ameaças **Bom/ Sem ameaças**

## Bibliografia

*Vide ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.202.*

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do edifício



Figura 2- Pormenor das janelas de sacada.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Este sítio encontra-se recenseado na base de dados do IGESPAR, como tendo sido identificados neste local, vestígios pertencentes à época moderna. Reproduzo a informação constante no relatório de prospeção: "Foram detectados alguns fragmentos de cerâmica comum de cronologia moderna, muito dispersos e em número muito reduzido".

Acessos

Uso do Solo

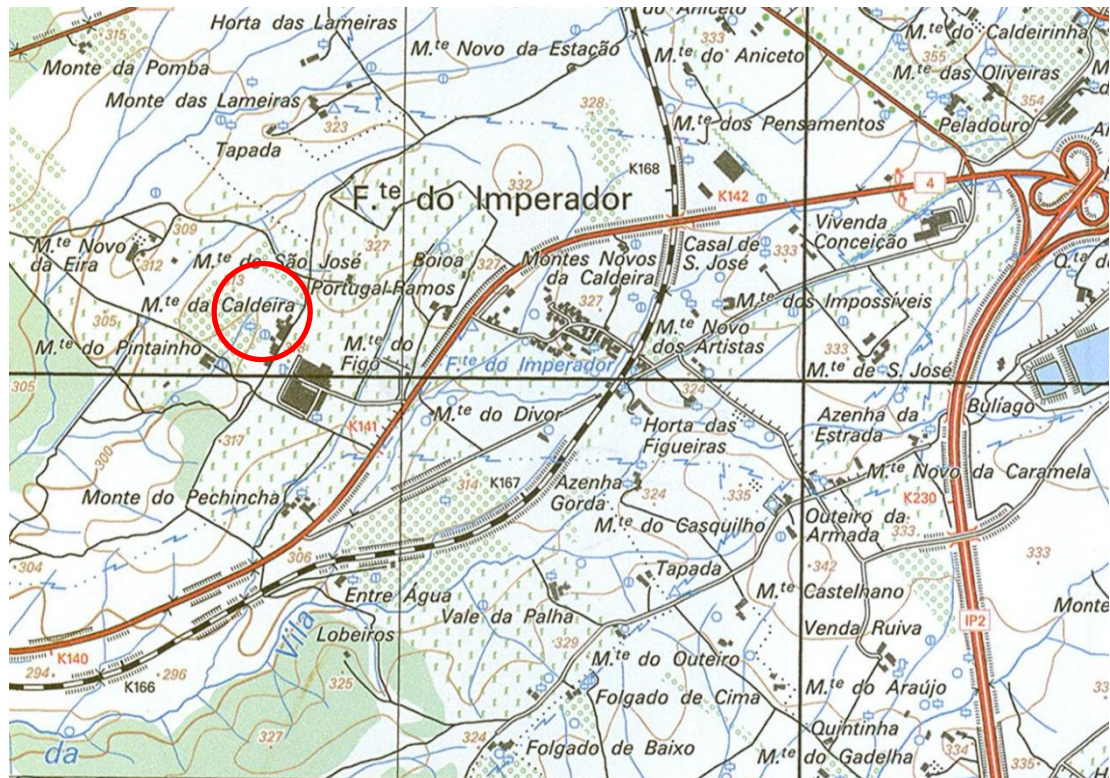
Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº425 com a localização toponímica do sítio



**SÃO DOMINGOS DE  
ANA LOURA**



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **143**

Designação **Monte do Reguengo**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Domingos de Ana Loura**

Topónimo

CNS **18570**

CMP 1:25 000 folha n.º **412**

Altitude (m) **350m**

Coordenada (N) **38° 52.180'**

Coordenada (W) **007° 30.099'**

Tipo de Sítio **Villa**

Período Cronológico **Romano**

## Descrição do Sítio

Este sítio localiza-se na freguesia de São Domingos de Ana Loura, junto ao Monte do Reguengo que se encontra próximo da igreja de S. Domingos de Ana Loura. A implantação do sítio é característica de uma *villa*: próxima do leito da ribeira, usufruindo de boa visibilidade, com bons solos agrícolas nas proximidades e voltada a sul e este, no entanto também existem indicadores da existência de uma necrópole: aqui foram encontradas também sepulturas.

Sobre os vestígios arqueológicos aqui existentes, reproduzo a informação constante na tese de doutoramento de André Carneiro (2011): ""Duzentos passos ao Sul da Parochial Igreja de Sam Domingos d' Anna Loira, demora o Oiteiro do Castello, no vertice do qual se fez huma escavação em o mez d' Agosto de 1798 por ordem e curiosidade de João Vasco e Manoel de Braun Governador da Praça d' Estremoz, com a qual se principiou logo a descobrir a sinco palmos de profundidade, hum edificio d' abobeda com seu terrasso superior, ladrilhado este, e formada aquella com pequenos tijollos em figura Rhomboide. Debaixo do mesmo terrasso, se acharão alguns ossos carcomidos, que parecião de Carneiro, e huma Bilha, ou Urna de barro branco, que por materialidade dos excavantes, se lhe não pode haver mais, q huma aza, e diferentes pedaços. Com estes indubitaveis Vestigios, fez o dito Governador parar a escavação, bastante a poder com toda a identidade representar ao competente Tribunal esta descoberta, na referida terra, de que he Senhorio Dom Francisco d' Almeyda. Na falda do mesmo Oiteiro do Castello, pelo Rumo do N. E. junto, e exterior ao vallado d' Assenha das Ferrarias, se acharão tambem duas campas de pedra muito clara e pollida, tendo em pé, e à cabeceira hum pedestal d' Oleos, com a inscripção vista, cuja pedra fez guardar o dito Governador no seu Quartel d' Estremoz."" (Apud Carneiro, 2011, p.179-180).

As notícias de âmbito local sobre este sítio são variadas e importantes para conhecer o núcleo de povoamento outrora aqui existente: Marques Crespo, num artigo para o jornal local, refere o aparecimento de " (...) pedras trabalhadas de mármore, tejos oblongos, tubos para canalização de barro, etc. (...) Da estrada ao sítio, numa extensa e fértil várzea, com um ribeiro à ilharga, limitando-a por terras vizinhas, logo à simples vista, apresentava-se-nos uma cova, assim como que um cano que saísse de um tanque (ou balneário?) soterrado a pequena distância. Mas as enxadas arrancavam as lapas e identificavam prestes o molde de uma sepultura de pessoa de grande estatura, já feita terra de ótimos humus, pó e nada. Na varzea, retiravam-se dessa cova macabra, ossos de femures humanos, grossos e quebrados que deviam ter pertencido a

# FICHA DE SÍTIO

homem ossudo e forte. Craneo? Só apareceu um noutra cova dentre muitas que naquela várzea constituíam certamente aglomerado de jazidas de romanos (...) O dr. Assis guardara um pedaço de tejolo de cimalha e um trôço de cano cilíndrico de tejolo vermelho e bem cosido - com luz de 0,10 (...)." (Crespo, 1946, p.7); "

No terreno, são visíveis fragmentos de *tegulae*, e *imbrices*, pequenos blocos de *opus signinum*, fragmentos de *dolia*, fragmentos de *sigillata*, alguma cerâmica comum, materiais arquitectónicos, nomeadamente, fragmentos de silhares. Junto às casas do monte, podemos observar lajeados e canalizações que aparentam ser de épocas muito anteriores, e alguns materiais, nomeadamente um peso de tear, como tal, é provável que uma parte das casas se sobreponham às estruturas antigas. "Junto à ribeira, as informações apontam para a existência de uma estrutura que, pela descrição, seria em *opus signinum*" (Carneiro, 2011, p.181). Estes factores apontam claramente para a existência neste local de uma *villa* com alguma dimensão e importância.

Do lado oposto, junto ao Monte das Ferrarias, chamou-nos à atenção a coloração enegrecida do local, onde possivelmente terá existido uma forja, sendo abundantes as escórias que se encontram no terreno. Marques Crespo refere-se ao sítio como sendo o sítio de " (...) fundição de sinos (...) Também se vê (...) muito escumalho de bronze espalhado à volta de duas circunferências de cavidades que existiram e muito fazem pensar na forma da boca de sinos" (Crespo, 1950, p.9-10).

Verificámos também que a uns metros do local, no topo de uma elevação conhecida pelo microtopónimo como "Outeiro do Castelo", são visíveis no terreno, fragmentos de cerâmica comum, *tegulae*, pequenos blocos de *opus reticulatum*. A implantação do sítio remete-nos para o facto de estarmos muito provavelmente perante um fortim de época romana republicana.

## Acessos

Seguir em direcção ao cemitério de São Domingos de Ana Loura, do lado esquerdo encontramos o Monte do Reguengo, São Domingos de Ana Loura

## Uso do Solo

Agrícola/Pastoreio

## Conservação/Ameaças

Regular/ Agricultura

## Bibliografia

Vide CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora, p. 179; CRESPO, Marques (1950) - *Estremoz e o seu termo "regional"*. Estremoz: Marques Crespo. p-9-10.

## Observações

Outras referências: RP 6/206.

Outeiro do Castelo (coordenadas) - N 38° 52. 096' W 007° 29.956'

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Silhares



Figura 2- Peso de tear



Figura 3- Reconstituição de um pavimento em *opus reticulatum*



Figura 4- Proximidade entre sítios

Fonte: Google Earth

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

144

Designação

Monte da Marinela

Distrito

Évora

Concelho

Estremoz

Freguesia/Lugar

São Domingos de Ana Loura

Topónimo

Marinela

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

412

Altitude (m)

325m

Coordenada (N)

38° 52.998'

Coordenada (W)

007° 31.008'

Tipo de Sítio

Villa (?)

Período Cronológico

Romano

## Descrição do Sítio

Reproduzo a informação constante de uma referência de Henriques Silveira, visto que nos trabalhos de campo, o local não foi relocalizado: "A Parrochia de S.Domingos de Annaloura (...) No districto della está a Herdade da Marinella, que pertense ao Morgado de Bem lhe Quero (...) Nesta Herdade se descobrem muitas Ruinas de povoação antiga, sepulturas, e Medalhas do tempo dos Romanos." (Fonseca, 2003, p.197).

Acessos

Monte da Marinela, São Domingos de Ana Loura

Uso do Solo

Agrícola/Pastoreio

Conservação/Ameaças

Bibliografia

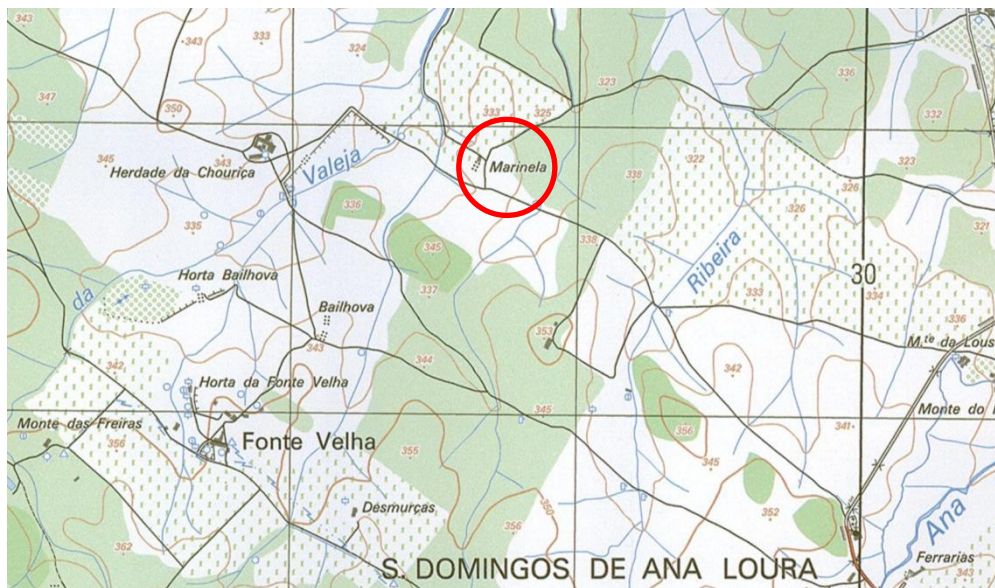
Vide CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora, p. 179; FONSECA, Teresa (2003) - António Henriques da Silveira e as memórias analíticas da vila de Estremoz. 1a ed. Lisboa: Colibri. n.197.

Observações

O local não foi relocalizado (recorreu-se apenas á toponímia)

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **145**

Designação **Monte da Igreja**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Domingos de Ana Loura**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**426**

Altitude (m)

**401m**

Coordenada (N) **38° 50.988'**

Coordenada (W)

**007° 31.312'**

Tipo de Sítio

**Villa (?)**

Período Cronológico

**Romano**

## Descrição do Sítio

Reproduzo as informações constante numa referência de Túlio Espanca, e de André Carneiro, visto que nos trabalhos de campo, o local não foi relocalizado: " Ermida de N. Sr.ª da Assunção. Situada na antiga quinta de recheio dos frades congregados de S. Filipe Néri, de Estremoz, foi construída no ponto mais elevado do cabeço em cujo sopé se anichou a aldeia do Espinheiro e em sítio onde, através dos tempos se têm assinalado vestígios relativamente importantes de casario antigo, talvez do domínio romano, como alicerces de um balneário, sepulturas, fragmentos de colunas de mármore, cerâmica e outros elementos arqueológicos. No lugar nasce a ribeira de Ana Loura." (Espanca, 1975, p.221). " No terreno encontraram-se apenas alguns materiais, muito rolados e pouco expressivos, na zona baixa, permanecendo contudo a memória de uma antiga povoação em torno do referido monte, no topo". (Carneiro, 2011, p.184).

Acessos

**Monte da Igreja, Espinheiro, São Domingos de Ana Loura.**

Uso do Solo

**Agrícola**

Conservação/Ameaças

**/Agricultura**

Bibliografia

*Vide CARNEIRO, André (2011) - Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora, p. 184; ESPANCA, Túlio (1975) - Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte), vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.221.*

Observações

**O local não foi relocalizado nos trabalhos de campo.**

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 426 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **146**

Designação **São Domingos de Ana Loura**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Domingos de Ana Loura**

Topónimo

CNS **5681**

CMP 1:25 000 folha n.º **412**

Altitude (m) **350m**

Coordenada (N) **38° 52.273'**

Coordenada (W) **007° 30.134'**

Tipo de Sítio **Inscrição**

Período Cronológico **Romano**

## Descrição do Sítio

Reproduzo a informação constante no Catálogo de inscrições romanas de José d'Encarnação: "Cenáculo descreve o monumento como sendo «um pedestal de óleos», que foi achado em pé e à cabeceira duma sepultura. Deveria ser uma ara, com fóculo.

*D (is) · M (anibus) · S (acrum) / MINATIA · FAV/STINA · AN (norum) · XXXX  
(quadraginta) / H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis) · / ANTONIVS ·  
RO/MVLVS · MARI/TAE · PIENTISSI/MAE · F(aciendum) · C(uravit)*

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Minácia Faustina, de quarenta anos.  
Que a terra te seja leve. António Rómulo mandou fazer para a mulher, modelo de piedade.

Pela presença da invocação aos Manes e do superlativo, é texto datável do séc. III" (Encarnação, 1984, p.545) / IRCP n.º 464.

É provável que esta inscrição esteja associada ao sítio "Monte do Reguengo - CNS 18570", tendo em conta a proximidade com a área onde foi encontrada a inscrição, devido às características do sítio (*villa*) e também a diversos indicadores da existência de uma necrópole próxima.

Acessos **Seguir em direcção ao cemitério de São Domingos de Ana Loura, São Domingos de Ana Loura**

Uso do Solo **Agrícola/Pastoreio**

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

*Vide ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - Inscrições romanas do Conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização. Coimbra: Instituto de Arqueologia da FLUC, p.545*

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **147**

**Designação** Igreja de São Domingos

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** São Domingos de Ana Loura

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º** 412

**Altitude (m)** 353m

**Coordenada (N)** 38° 52.297'

**Coordenada (W)** 007° 30.111'

**Tipo de Sítio** Igreja

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Segundo Túlio Espanca, a freguesia de São Domingos de Ana Loura terá sido fundada em inícios do século XVI, sendo também dessa altura a sua igreja paroquial. Foi visitada também em 1534 pelo bispo de Évora, sendo igualmente comenda da Ordem de Avis (Espanca 1975,p.220).

De uma forma geral, as igrejas paroquiais rurais do concelho, possuem portais de grande simplicidade, e a Igreja de São Domingos não é exceção. A traça atual da igreja revela grandes reformas seiscentistas, com acrescentamentos posteriores, especialmente na empena e torre sineira, centrado por estrela de dez raios e cúpula bolbosa. Da primitiva igreja, restam apenas dois contrafortes exteriores cilíndricos da capela-mor, apresentando traços do período manuelino. De qualquer forma, é das igrejas rurais do concelho de Estremoz mais equilibrada esteticamente.

O interior da igreja é pobre em decoração, dispõe-se em nave de planta retangular revelando-nos, possivelmente, a dimensão das reformas oitocentistas e, talvez, novecentistas que a igreja sofreu. Alçados caiados de branco, coro com teto estucado colorido ou púlpito pentagonal de alvenaria (Apud,1975,p.220).

A capela-mor sustenta a abóbada de barrete de clérigo, aberto por arco mestre redondo. O altar-mor é centrado por um Crucifixo setecentista e tem nas mísulas as imagens de Nossa Senhora do Rosário, de roca; e de madeira almofadada, S. João Baptista e Santa Luzia. Na Capela das Almas, S. Miguel, S. Gregório Papa e S. Cornélio, peças do século XVIII (Mendeiros, 2001, p.146).

O Batistério tem ainda uma pia de mármore cilíndrica e lisa. A igreja possui ainda algumas sepulturas do século XVII, aliás como o lavabo de mármore da sacristia, datado de 1677.

**Acessos**

Estrada Municipal 545, direcção São Domingos de Ana Loura - São Bento de Ana Loura, São Domingos de Ana Loura

**Uso do Solo** Urbano/Agrícola

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.104-105; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.220-221; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.17; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 145- 146.

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

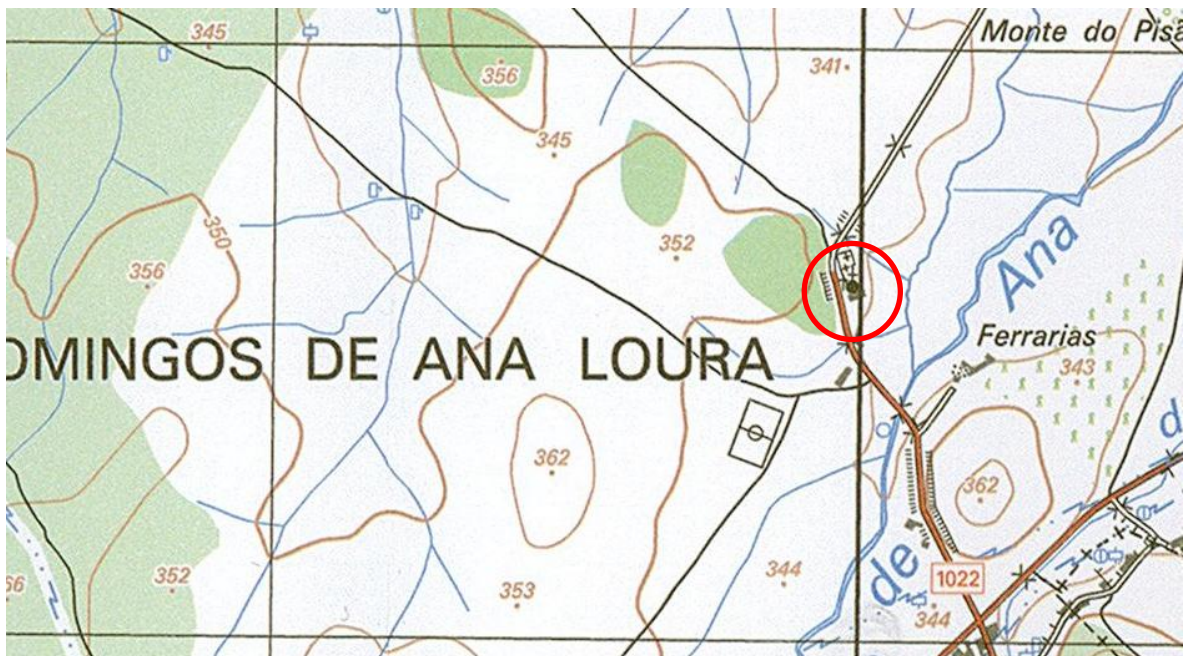
# FICHA DE SÍTIO



Figura 2 (lado esquerdo) - Torre sineira da igreja

Figura 3 (lado direito) - Pormenor da fachada da igreja, com o cruzeiro.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Igreja de São Domingos de Ana Loura

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **148**

Designação **Monte do Paço**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Domingos de Ana Loura**

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º **412** Altitude (m) **400m**

Coordenada (N) **38° 51.402'**

Coordenada (W) **007° 32.536'**

Tipo de Sítio **Vestígios diversos**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

Reproduzo as informações constantes na obra de Túlio Espanca, visto que nos trabalhos de campo, nada foi observado: "Ao ocidente da aldeia, a cerca de dois quilómetros de distância mas pertencente à parte rural da freguesia de Santa Maria de Estremoz e situada mesmo na berma do caminho vicinal, fico o antigo Monte de Mamporcão, que nos fins do século XVI pertencia ao fidalgo-lavrador D. João de Vargas, que nele fundou um oratório destinado à celebração da santa missa, mas que não chegou a ser visitado por ordem do prelado de Évora D. Teotónio de Bragança. (...) a inauguração do templete... foi concedida em 7 de Abril de 1605, pelo arcebispo D. Alexandre, estando no paço ducal de Vila Viçosa e após a visita do arcipreste da vara de Estremoz. (...) Perdida no séc. XIX, da ermida subsistem, no monte, além da tradição locativa, vestígios de alicerces e outros materiais arquitectónicos." (Espanca, 1975, p.222).

Atualmente, da antiga Ermida, já não existem quaisquer vestígios, no entanto, o caseiro da herdade, confirmou-nos a existência de material religioso, nomeadamente santos, hoje desaparecidos. Para além disso, relatou-nos também o aparecimento de sepulturas em volta do monte, aquando da realização de lavouras na zona, onde apareciam "lajes de pedra e ossos humanos, estátuas de mármore e objectos de cerâmica". O local foi percorrido na tentativa de verificarmos a presença de vestígios de superfície, todavia, nada foi observado.

## Acessos

Seguir em direcção a São Domingos de Ana Loura, Monte do Paço, São Domingos de Ana Loura

Uso do Solo **Agrícola/Pastoreio**

Conservação/Ameaças **Regular/ Agricultura**

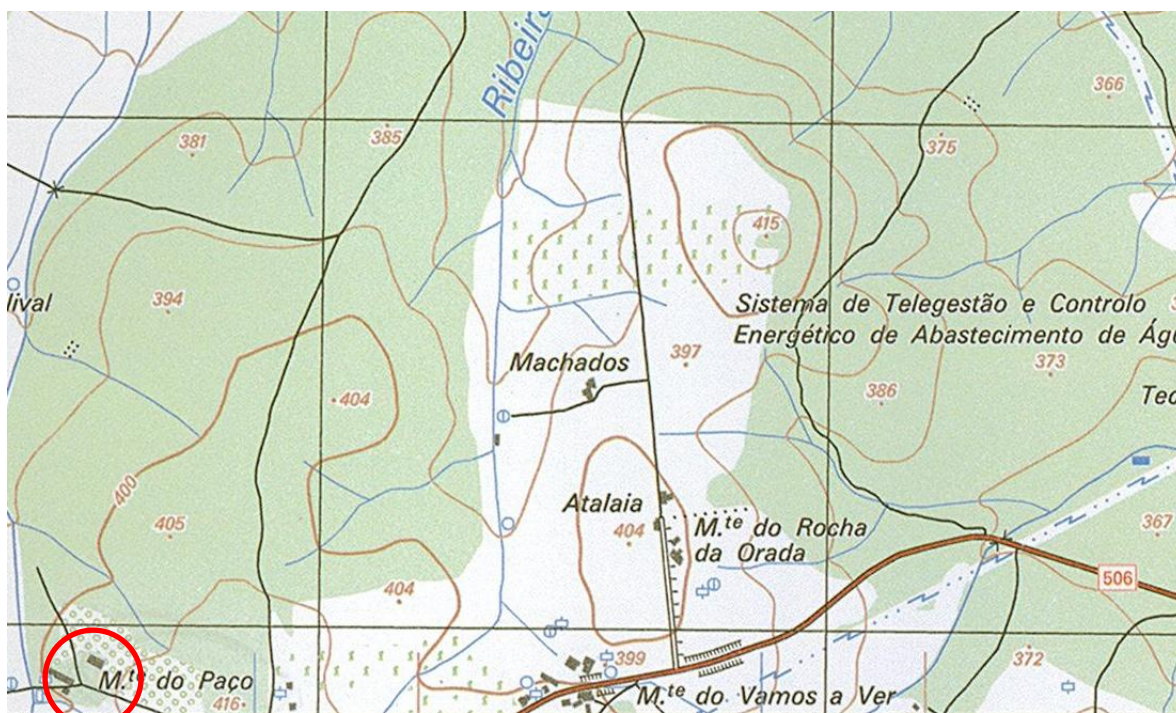
## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.221-222.

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **149**

**Designação** Ermida de Nossa Senhora da Assunção/Convento da Igrejinha

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** São Domingos de Ana Loura/ Espinheiro

**Topónimo** Mte da Igrejinha

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º** 426

**Altitude (m)** 428m

**Coordenada (N)** 38° 50.921'

**Coordenada (W)** 007° 31.214'

**Tipo de Sítio** Ermida

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

A Ermida de Nossa Senhora da Assunção terá sido construída em meados do século XVIII, com elementos característicos da arte do tempo de D. João V (r. 1707-1750), serviu simultaneamente de hospício aos frades oratorianos de Estremoz.

Situada na aldeia do Espinheiro, na freguesia de São Domingos de Ana Loura, foi anexada aos bens nacionais aquando da extinção das ordens religiosas em 1834, sendo hoje propriedade privada.

A igreja, agora desprovida de campanário e profanada, conserva ainda a fachada na sua forma primitiva. Alçados caiados de branco, portal e janela adossados, de mármore da região, esculpidos ao estilo joanino de meados do século XVIII, com ombreiras em corda saliente e frontão triangular. Possui empena semicircular, rematada por volutas com enrolamento, ao centro em forma elíptica, a imagem da padroeira, Nossa Senhora da Assunção. Encontra-se em bom estado de conservação, devido às obras ocorridas em 2009, levadas a cabo pelo proprietário do local.

**Acessos** Monte da Igrejinha, Espinheiro, São Domingos de Ana Loura

**Uso do Solo** Turismo

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.221.

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício



Figura 2- Pormenor da empena do edifício

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Ermida de Nossa Senhora da Assunção

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Trata-se de um portal, possivelmente antiga entrada da Estalagem da Raposa, construído em tijolo e coberto com estuque. No cimo do frontão, adornado por volutas, ficaria situado uma imagem da Nossa Senhora da Assunção, atualmente desaparecida.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

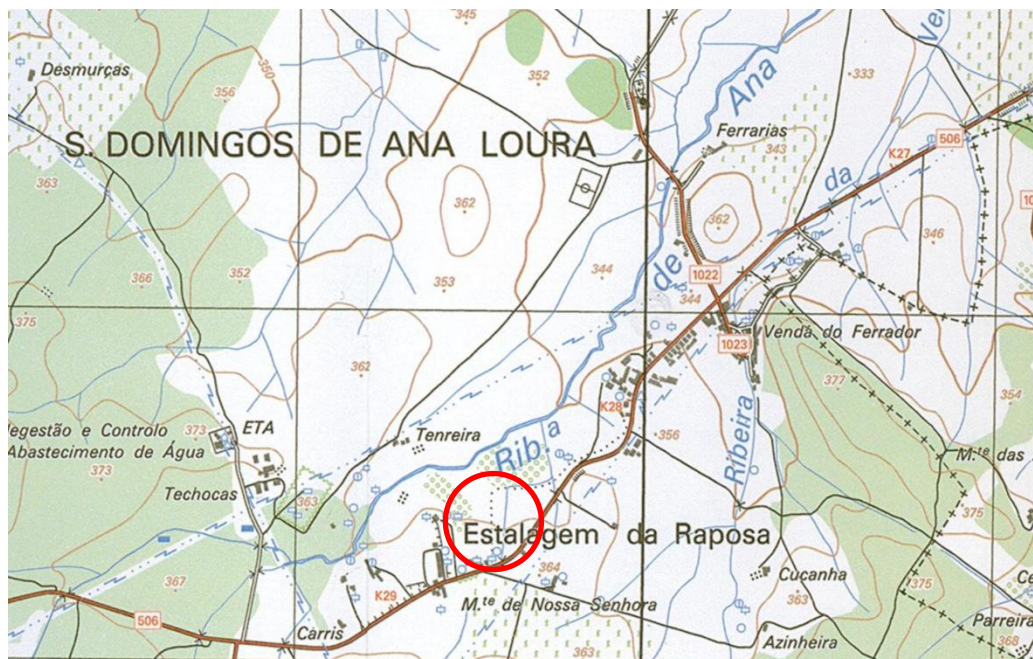
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização do sítio.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **151**

Designação **Azenha Primeira/Azenha das Chocas**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Domingos de Ana Loura**

Topónimo **Techocas**

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**412**

Altitude (m)

**358m**

Coordenada (N) **38° 51.691'**

Coordenada (W) **007° 30.575'**

Tipo de Sítio **Azenha**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A Azenha Primeira, também conhecida como Azenha das Chocas, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da antiga azenha pouco ou nada resta. Os vestígios existentes resumem-se apenas aos alicerces de uma planta retangular e de um algeroz que permitia a condução da água até à roda vertical, que se encontra em mau estado.

Acessos Seguir pela Estrada Nacional 506 em direcção a São Domingos de Ana Loura, ao quilómetro 30, no cruzamento, virar à esquerda, em direcção ao Monte das Techocas.

Uso do Solo **Agrícola**

Conservação/Ameaças **Destruído**

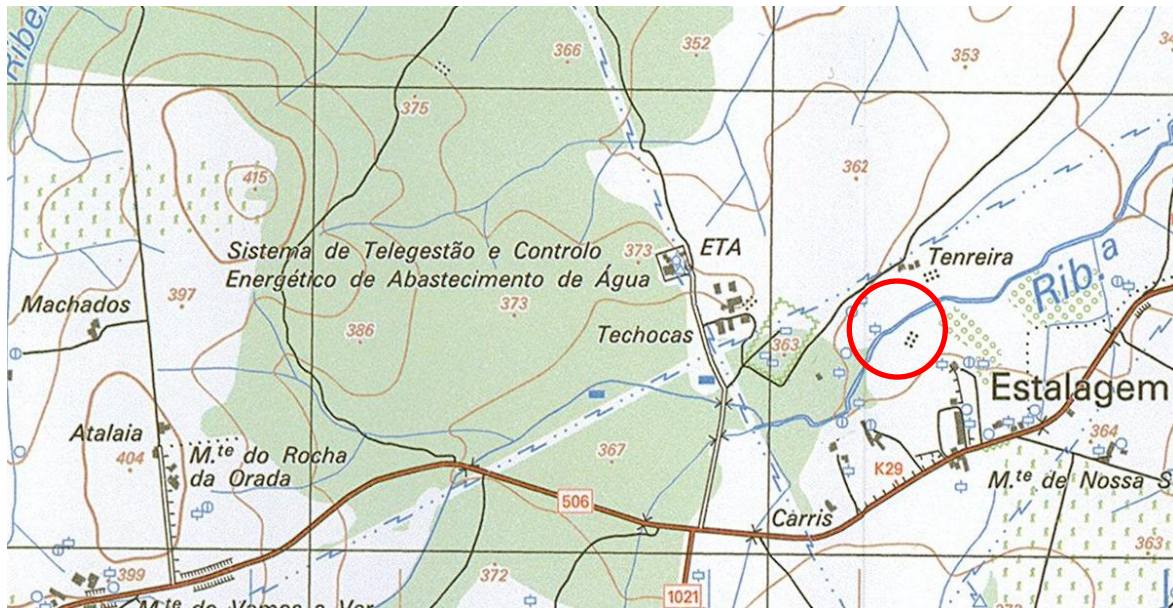
## Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha das Grilas, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Esta azenha apresenta planta retangular com dois pisos funcionalmente distintos: o piso inferior destinava-se ao aparelho motor da roda vertical de madeira, enquanto que no piso superior funcionava a moenda propriamente dita. As paredes encontram-se caiadas de branco e o telhado é apenas de uma água. A água era transportada por uma levada térrea e por um algeroz, que ainda hoje se conservam, até chegar à roda vertical. A azenha deixou de funcionar há cerca de vinte anos e o edifício foi adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha.

Esta azenha não se encontra referenciada, apenas é conhecida pelos proprietários da casa e pelos habitantes da freguesia. Poderá ter sido construída numa época posterior ao século XVIII, visto que não aparece no mapa das azenhas e pisões que existiram no termo de Estremoz (1780).

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

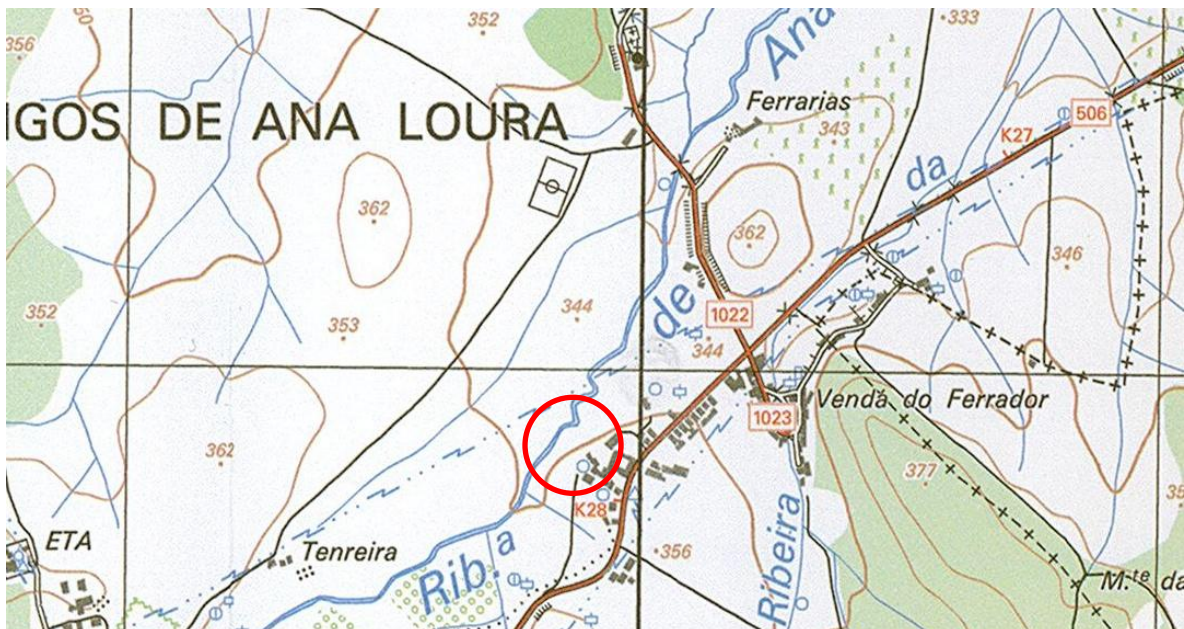
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Local onde estaria instalada a roda vertical da azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar n° 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **153**

**Designação**

**Distrito**

**Concelho**

**Freguesia/Lugar**

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º**

**Altitude (m)**

**Coordenada (N)**

**Coordenada (W)**

**Tipo de Sítio**

**Período Cronológico**

## Descrição do Sítio

A Azenha das Padeiras faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício construído em bloco, foi mais tarde adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha. A água era transportada por uma levada térrea e por um algeroz, que ainda hoje se conservam, até chegar à roda vertical.

## Acessos

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direcção a São Domingos de Ana Loura, ao quilómetro 28, virar à esquerda, em direcção ao Monte da Horta da Venda.

## Uso do Solo

## Conservação/Ameaças

## Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

## Observações

## Registo Fotográfico



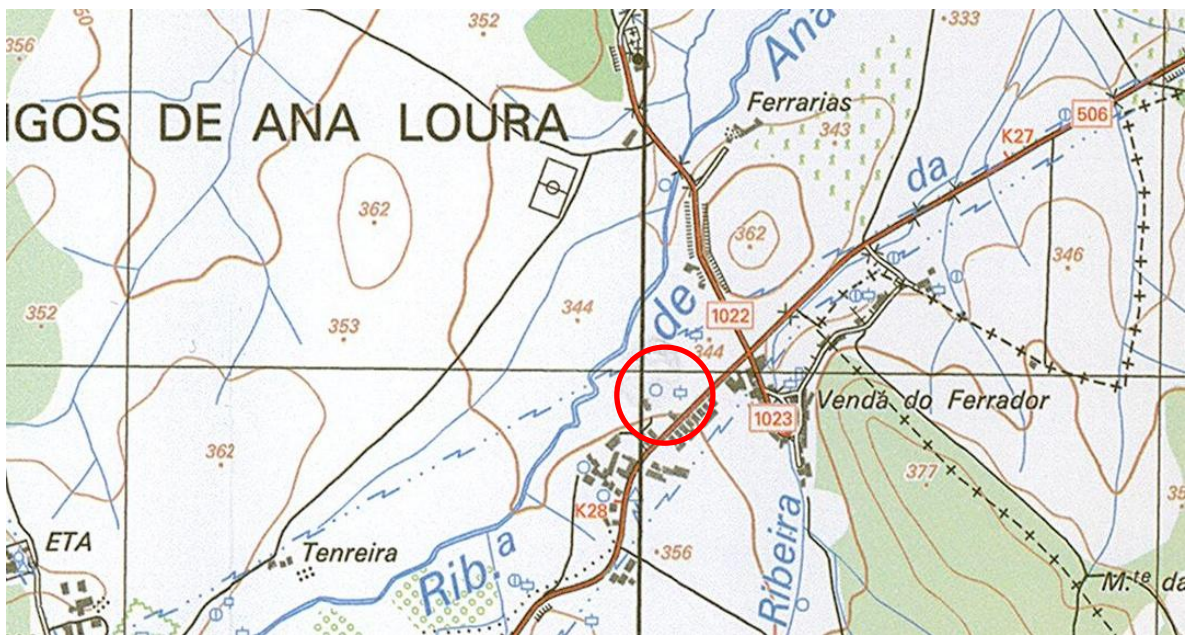
**Figura 1-** Parte do canal (algeroz) que conduzia a água até á roda vertical, e que ainda hoje se conserva junto á habitação.



**Figura 2-** Local onde estaria instalada a roda vertical da azenha.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **154**

Designação **Azenha das Figueiras**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Domingos de Ana Loura**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**412**

Altitude (m)

**350m**

Coordenada (N) **38° 52.082'**

Coordenada (W) **007° 30.015'**

Tipo de Sítio **Azenha**

Período Cronológico **Moderno ?**

## Descrição do Sítio

A Azenha das Figueiras faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício foi mais tarde adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha. Os vestígios desta antiga azenha resumem-se ao algeroz que transportava a água até à roda vertical.

## Acessos

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direcção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direcção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura. O local encontra-se a poucos metros do lado esquerdo da estrada.

Uso do Solo **Agrícola**

Conservação/Ameaças **Destruido**

Bibliografia **PDM de Estremoz (1995).**

Observações **Referenciada apenas em PDM.**

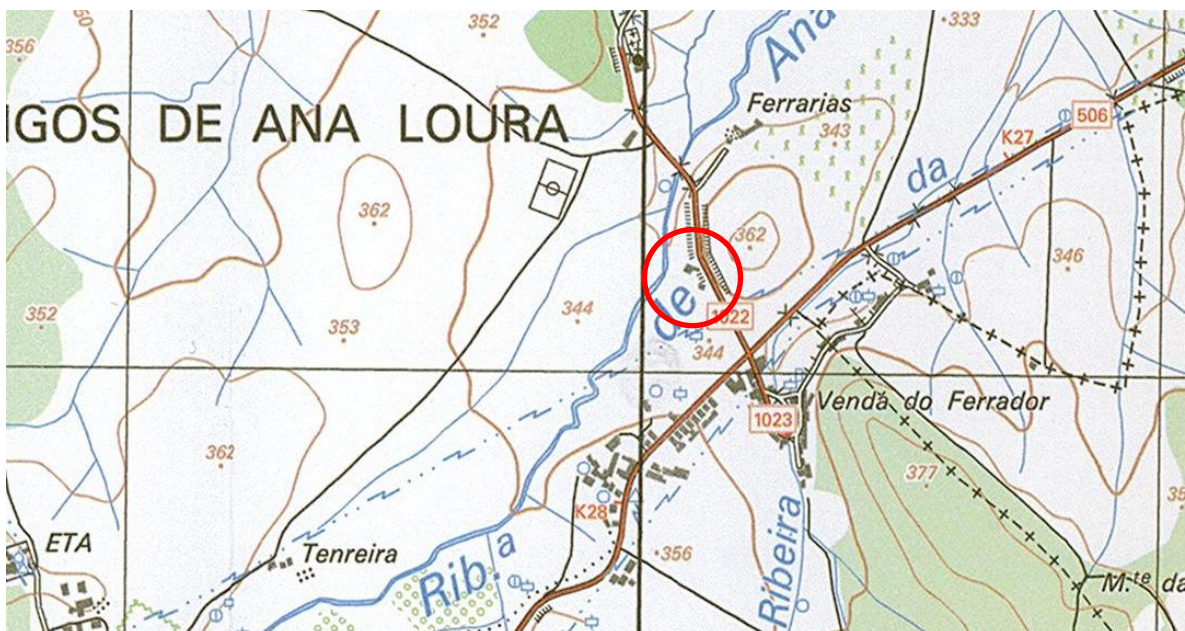
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral do sítio.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **155**

Designação **Azenha das Ferrarias**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Domingos de Ana Loura**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**412**

Altitude (m)

**347m**

Coordenada (N) **38° 52.223'**

Coordenada (W) **007° 29.989'**

Tipo de Sítio **Azenha**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A Azenha das Ferrarias, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício construído em bloco foi mais tarde adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha.

## Acessos

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direcção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direcção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura. O local encontra-se a poucos metros do lado direito da estrada.

Uso do Solo **Agrícola**

Conservação/Ameaças **Destruido**

## Bibliografia

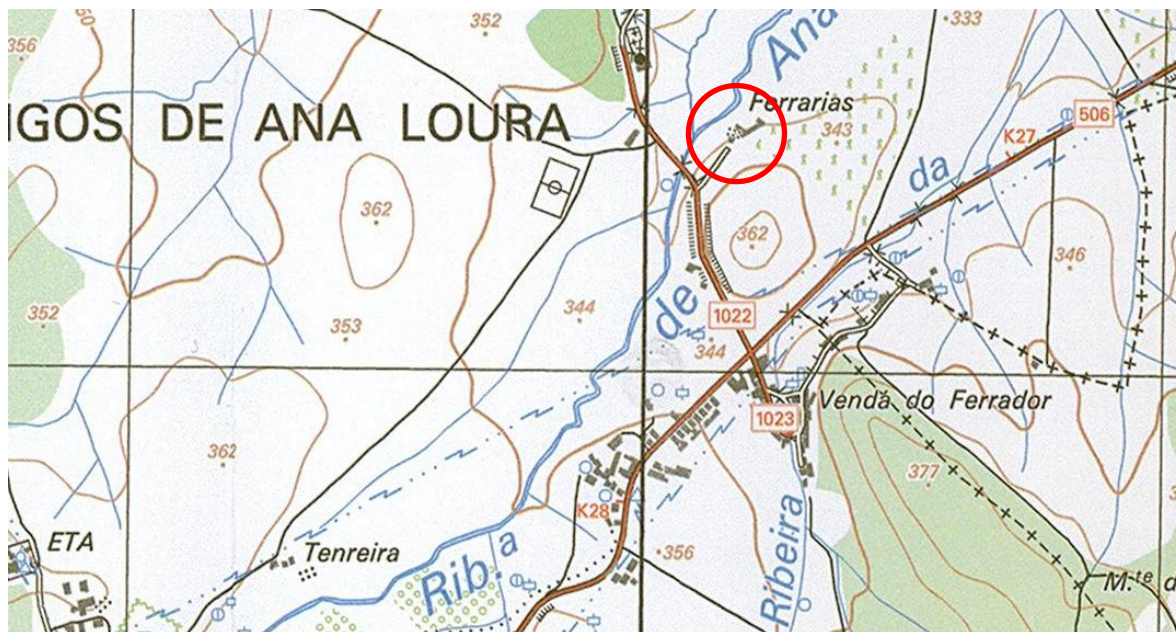
PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

## Observações

O local é propriedade privada.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **156**

Designação **Azenha Nova**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Domingos de Ana Loura**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º **412**

Altitude (m) **325m**

Coordenada (N) **38° 52.620'**

Coordenada (W) **007° 29.832'**

Tipo de Sítio **Azenha**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A Azenha Nova faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício foi mais tarde adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha á exceção do canal que conduzia a água até à roda vertical da azenha.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, que faz referência a esta azenha, e outro datado de 1785 (auto de inventário), onde se faz o levantamento dos bens, por falecimento de Rosa Maria, moleira e moradora na Azenha Nova. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

## Acessos

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direcção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direcção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura. O local encontra-se a poucos metros do lado direito da estrada.

## Uso do Solo

**Agrícola**

## Conservação/Ameaças

**Destruido**

## Bibliografia

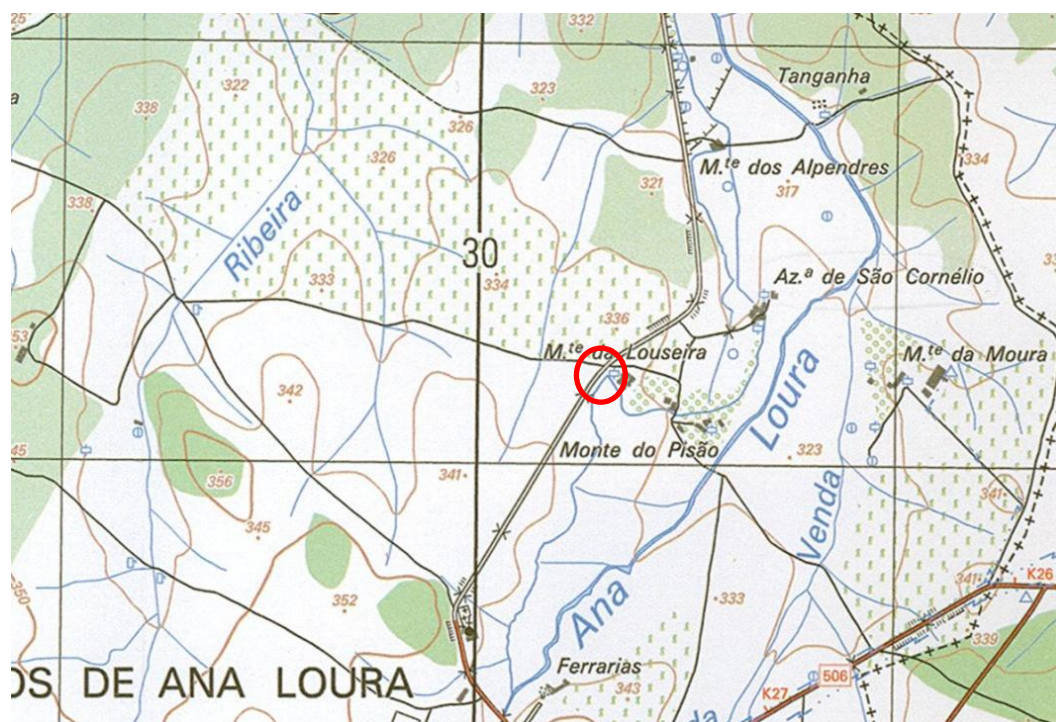
PDM de Estremoz (1995);  
PT-AMETZ-JOE/A-63. *Autos de Inventário de bens de Rosa Maria, mulher de Francisco Gomes, moleiro na Azenha Nova da Ribeira de Ana Loura*.1746; PT-AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780]

## Observações

O local é propriedade privada.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **157**

Designação **Azenha da Louseira**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Domingos de Ana Loura**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**412**

Altitude (m)

**325m**

Coordenada (N)

**38° 52.579'**

Coordenada (W)

**007° 29.750'**

Tipo de Sítio

**Azenha**

Período Cronológico

**Moderno**

## Descrição do Sítio

A Azenha da Louseira faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Os vestígios desta antiga azenha de propulsão superior resumem-se aos alicerces de uma planta retangular e de um canal/ algeroz que conduzia a água até á azenha.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho, e outro datado de 1754 (livro de atas das Secções da Câmara), onde se regista a obrigação dos moleiros da Azenha da Louseira, distribuírem farinha à vila. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, muitas das azenhas do concelho já estariam em laboração.

Acessos

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direcção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direcção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura. O local encontra-se a poucos metros depois de se passar o cemitério.

Uso do Solo

**Agrícola**

Conservação/Ameaças

**Destruído**

Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780]; PT-AMETZ-B/A-35.  
*Livro de Atas das Sessões da Câmara de Estremoz.1754-1756.*

Observações

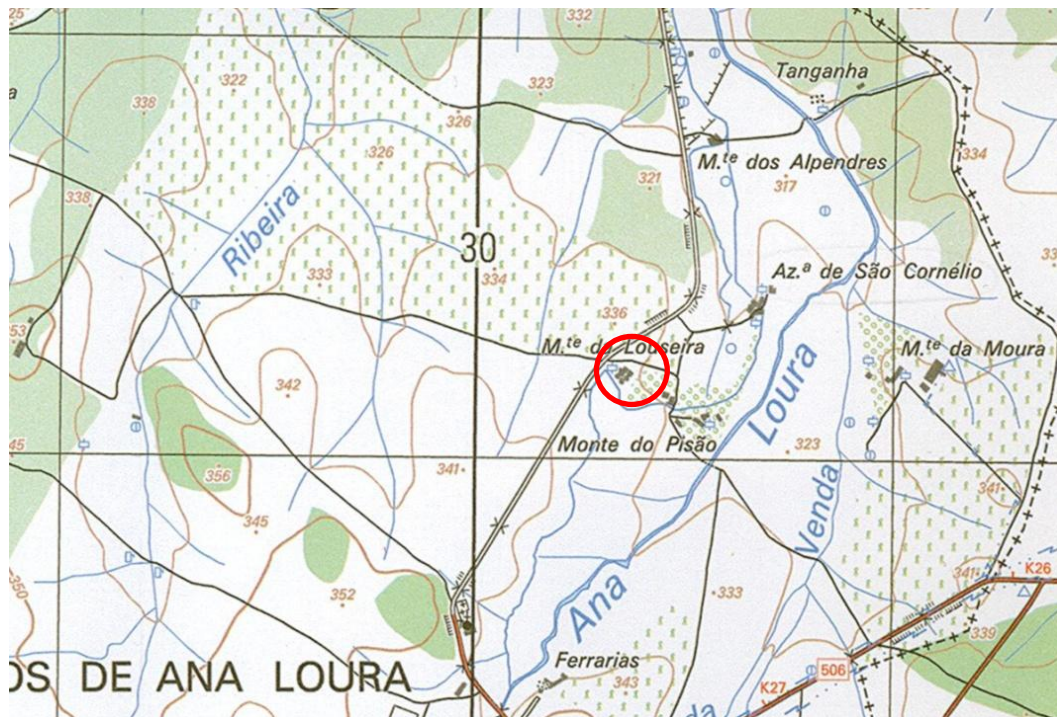
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Vestígios do algeoz, que conduzia a água até à roda vertical da azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar n.º 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **158**

Designação **Azenha do Pisão**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **São Domingos de Ana Loura**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**412**

Altitude (m)

**325m**

Coordenada (N)

**38° 52.572'**

Coordenada (W)

**007° 29.690'**

Tipo de Sítio

**Azenha**

Período Cronológico

**Moderno**

## Descrição do Sítio

A Azenha do Pisão faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Esta azenha apresenta planta retangular com dois pisos funcionalmente distintos: o piso inferior destinava-se ao aparelho motor da roda vertical de madeira, enquanto que no piso superior funcionava a moenda propriamente dita. As paredes encontram-se caiadas de branco e o telhado é apenas de uma água. A água era transportada por uma levada térrea e por um algeroz, que ainda hoje se conservam, até chegar à roda vertical. A azenha deixou de funcionar há cerca de vinte anos e o edifício foi adaptado para habitação, no entanto ainda conserva a maior parte dos elementos que faziam parte do mecanismo da moagem (a moenda).

## Acessos

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direcção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direcção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura. O local encontra-se a poucos metros depois de se passar o cemitério.

## Uso do Solo

**Agrícola**

## Conservação/Ameaças

**Regular**

## Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

## Observações

O local é propriedade privada.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Algeroz que conduzia a água até à roda da azenha.



**Figura 2-** Local onde estava instalada a roda vertical.



**Figura 3-** Moenda



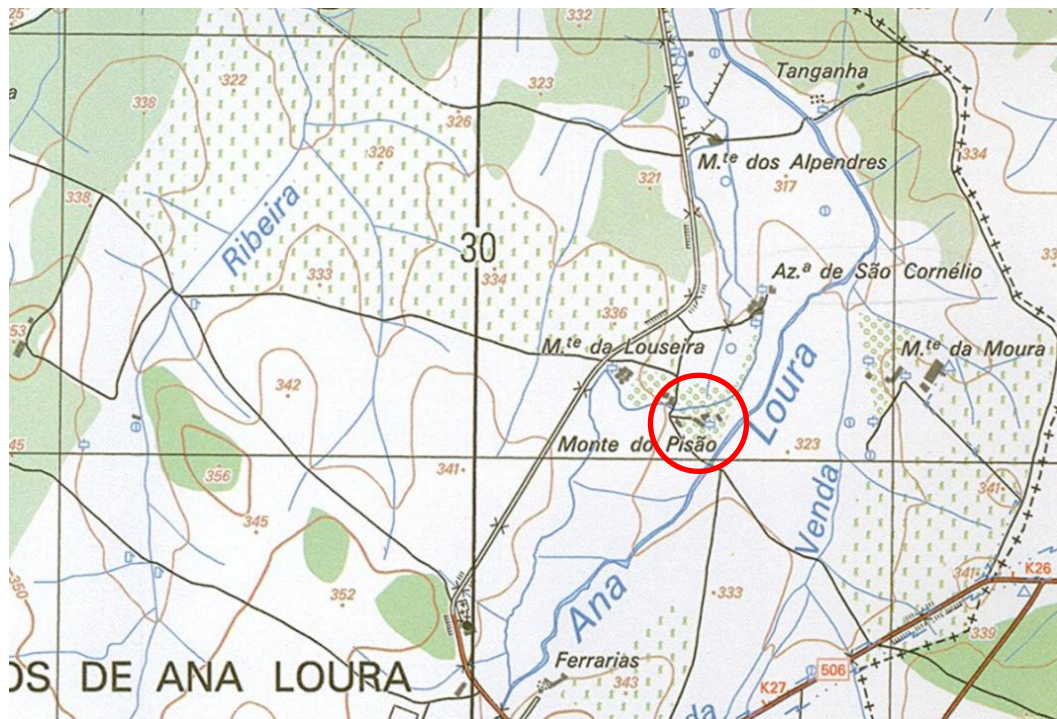
**Figura 4-** Par de pesadas mós circulares de pedra, uma móvel e outra fixa, respetivamente a "andadeira" e o "pouso".



**Figura 5-** Mecanismo da moenda: "moega", de onde saem os grãos que se deslocam para o "olho da mó", com o auxílio de uma caixa de madeira inclinada, chamada de "quelha".

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha de São Cornélio faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. O edifício foi adaptado para habitação, no entanto possuía dois pisos funcionalmente distintos: o piso inferior destinava-se ao aparelho motor da roda vertical de madeira, enquanto que no piso superior funcionava a moenda propriamente dita. Conserva ainda no exterior, algumas das mós que faziam parte da moenda. A roda vertical era alimentada atrás de um canal/algeroz feito em pedra, que ainda hoje se conserva.

Acessos

Seguir pela Estrada Nacional 506 em direcção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direcção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura. O local encontra-se a poucos metros depois de se passar o cemitério.

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

Observações

O local é propriedade privada.

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Algeroz que conduzia a água até à roda da azenha e vestígios de mó que pertenciam à moenda.



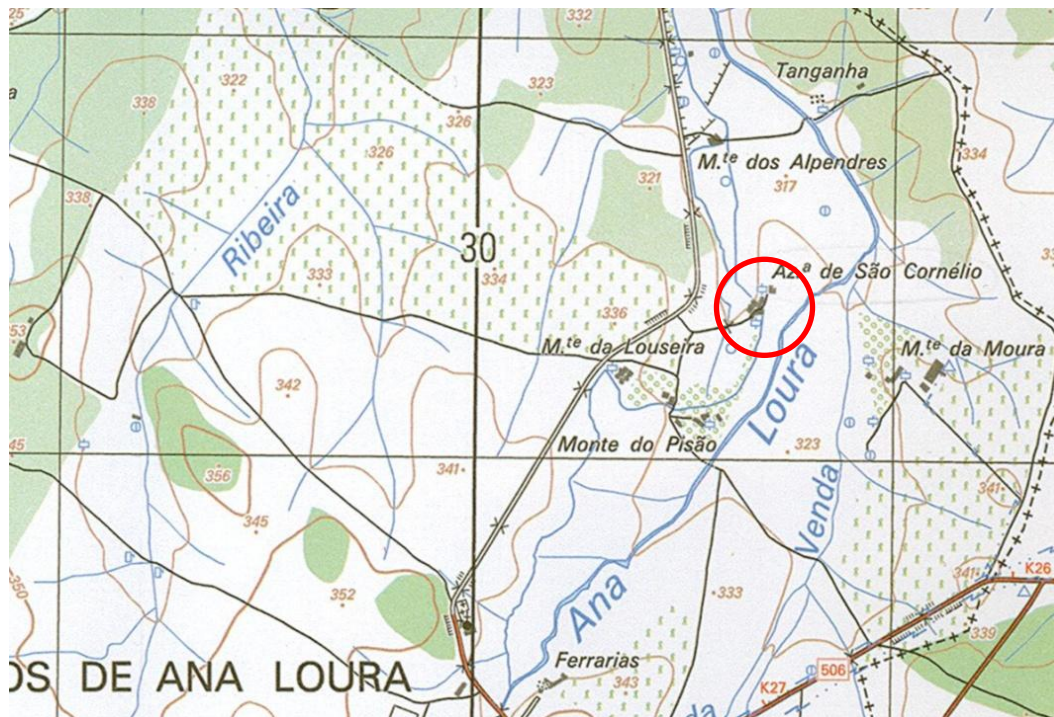
**Figura 2-** Algeroz



**Figura 3-** Local onde se encontrava a roda vertical da azenha.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **160**

Designação	Azenha dos Alpendres		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	São Domingos de Ana Loura	Topónimo	
CNS/N.º IPA		CMP 1:25 000 folha n.º	412
		Altitude (m)	326m
Coordenada (N)	38° 52.920'	Coordenada (W)	007° 29.680'
Tipo de Sítio	Azenha	Período Cronológico	Moderno

## Descrição do Sítio

A Azenha dos Alpendres faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Esta azenha apresenta planta retangular com dois pisos funcionalmente distintos: o piso inferior destinava-se ao aparelho motor da roda vertical de madeira, enquanto que no piso superior funcionava a moenda propriamente dita. As paredes encontram-se caiadas de branco e o telhado é apenas de uma água. A água era transportada por uma levada térrea e por um algeroz, que ainda hoje se conserva, até chegar à roda vertical. O edifício foi adaptado para habitação, no entanto ainda conserva alguns dos elementos que faziam parte dos mecanismos internos da azenha, nomeadamente a entrosga.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 10-06-1778, onde se faz o registo da doação da azenha, denominada dos Alpendres ao Mosteiro de São João da Penitência de Estremoz. Provavelmente esta azenha já estaria em laboração, no século XVII.

**Acessos** Seguir pela Estrada Nacional 506 em direcção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direcção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura, seguindo pela Estrada Municipal 1022 (caminho de terra batida), o local encontra-se do lado direito da estrada.

**Uso do Solo** Agrícola **Conservação/Ameaças** Regular

**Bibliografia** PDM de Estremoz (1995);  
Registo Geral de Mercês de D. Maria I, liv.4, f. 36v.

**Observações** O local é propriedade privada, e encontra-se vedado.

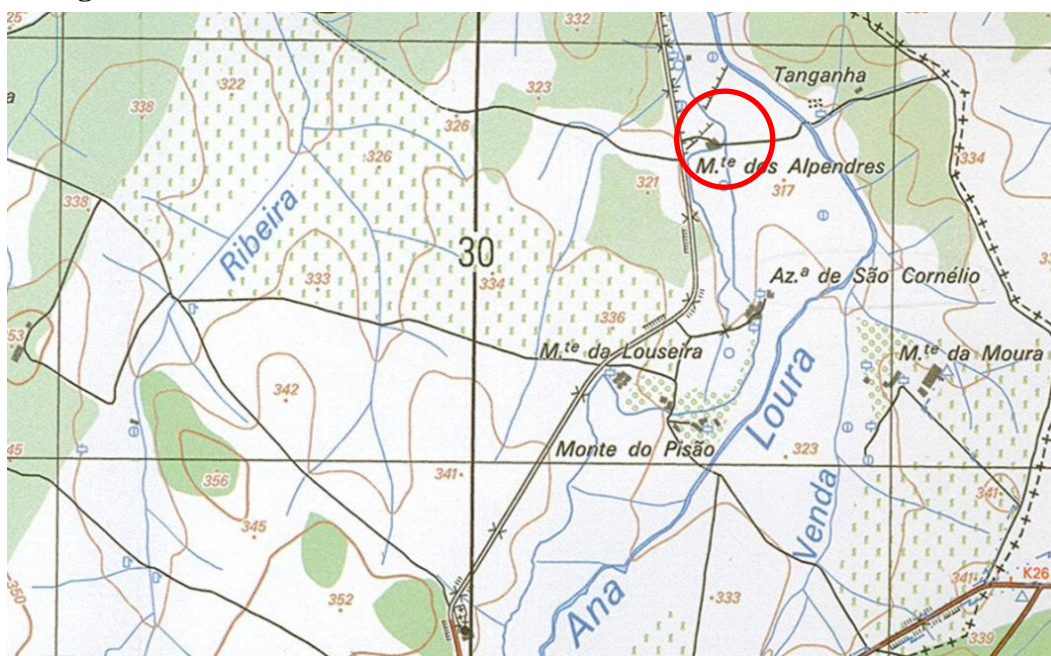
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Mecanismo interno da azenha: "entrosga" (roda dentada, em madeira, também em posição vertical, que repete o movimento da roda de água)

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **161**

Designação	Azenha do Forte		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	São Bento de Ana Loura	Topónimo	
CNS/N.º IPA		CMP 1:25 000 folha n.º	412
		Altitude (m)	324m
Coordenada (N)	38° 53.145'	Coordenada (W)	007° 29.742'
Tipo de Sítio	Azenha	Período Cronológico	Moderno

## Descrição do Sítio

A Azenha do Forte faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Ana Loura. Da antiga azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. A água era transportada por uma levada térrea e por um algeroz feito em pedra, que ainda hoje se conservam, até chegar à roda vertical.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, que faz referência a esta azenha, e outro documento datado de 1738 (auto de inventário), onde se faz o levantamento dos bens, por falecimento de Manuel Martins, moleiro e morador da Azenha do Forte. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

**Acessos** Seguir pela Estrada Nacional 506 em direcção a São Domingos de Ana Loura. Virar no cruzamento em direcção ao cemitério/ São Bento de Ana Loura, seguindo pela Estrada Municipal 1022 (caminho de terra batida), o local encontra-se do lado direito da estrada.

**Uso do Solo** Agrícola **Conservação/Ameaças** Regular

**Bibliografia** PDM de Estremoz (1995);  
PT-AMETZ-JOE/A-39. *Autos de Inventário que se fizeram por morte e falecimento de Manuel Martins, moleiro, morador que foi na Azenha da Fonte no termo de Estremoz, Ribeira de Ana Loura.* 1738

**Observações** O local é propriedade privada, e encontra-se vedado.

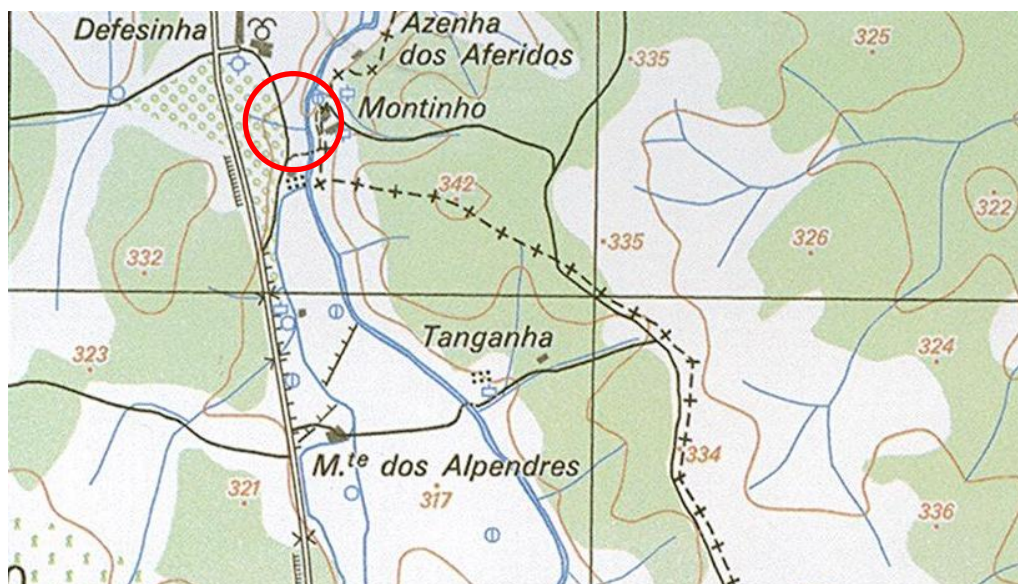
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Local onde se encontrava a roda vertical da azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 412 com a localização da Azenha

**ARCOS**



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **162**

Designação **Arcos**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Arcos**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**426**

Altitude (m)

**412m**

Coordenada (N)

**38° 49.957'**

Coordenada (W)

**007° 29.562'**

Tipo de Sítio

**Vestígios de superfície**

Período Cronológico

**Romano**

## Descrição do Sítio

Notícia apenas referida por André Carneiro: "Na saída oeste da localidade encontram-se dois topónimos sugestivos: o Monte dos Arcos Velhos e o Monte da Fornalha. No primeiro, encontra-se a memória da existência de um aqueduto e, defronte da casa, de um cemitério antigo (outro habitante, no entanto, indicou a encosta do Monte do Outeiro para estes achados). As prospeções feitas nos dois locais não foram inteiramente conclusivas, mas permitiram identificar uma extensa, e muito dispersa, mancha de cerâmica de construção, unicamente constituída por imbrices e telhas, sem que fosse possível definir uma área central" (Carneiro, 2011, p.184).

Na visita efetuada ao terreno, apenas podemos confirmar a presença de vestígios de superfície, nomeadamente materiais de construção, no entanto, não conseguimos efetuar uma prospeção mais intensa porque muitas das propriedades encontram-se fechadas, e o terreno encontra-se muito dividido.

Acessos

**Freguesia dos Arcos, Arcos**

Uso do Solo

**Agrícola**

Conservação/Ameaças

**Regular/Agricultura**

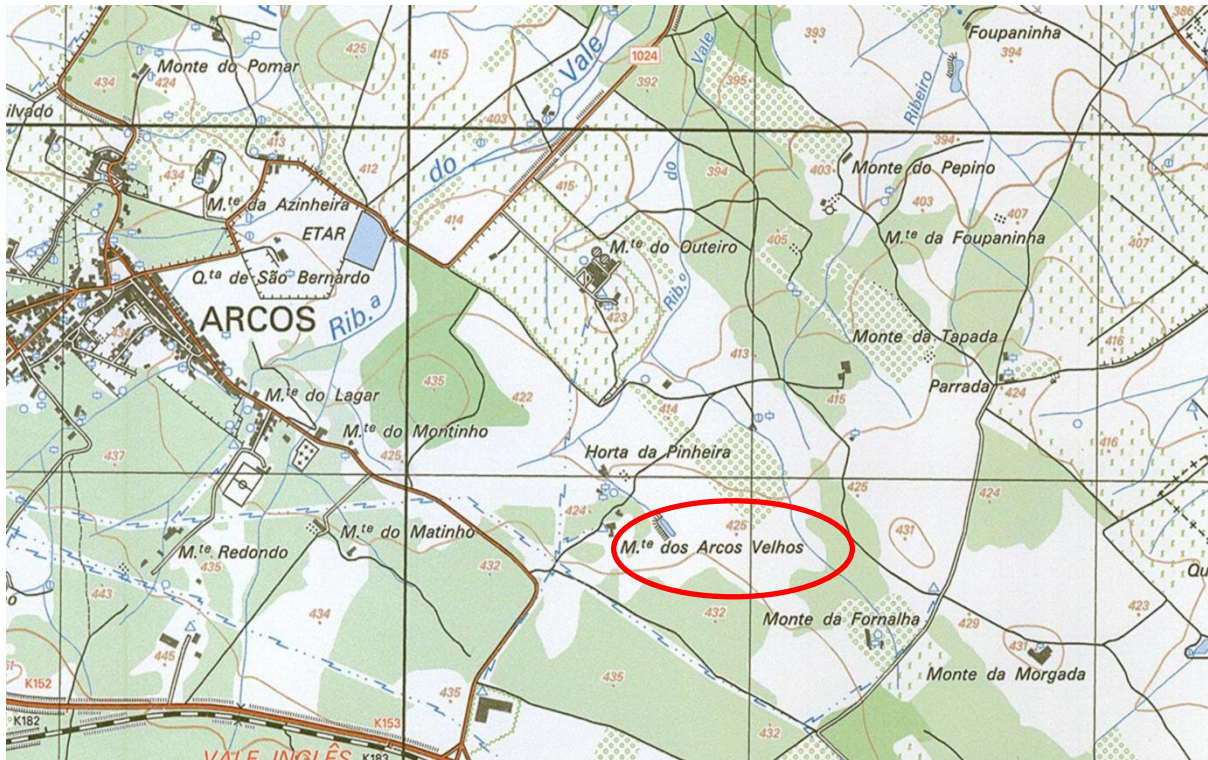
Bibliografia

*Vide CARNEIRO, André (2011) - Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora, p. 184.*

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **163**

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Notícia apenas referida por André Carneiro: "No topo da elevação suave (...) encontra-se uma mancha de materiais com imbrices, fragmentos de *dolium*, tijolos de hipocausto e tegulas. Área de cerca de 1000m<sup>2</sup>." (Carneiro, 2011, p.184).

Na visita efetuada ao terreno, confirma-se a presença de uma grande mancha de vestígios de superfície, principalmente materiais de construção.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

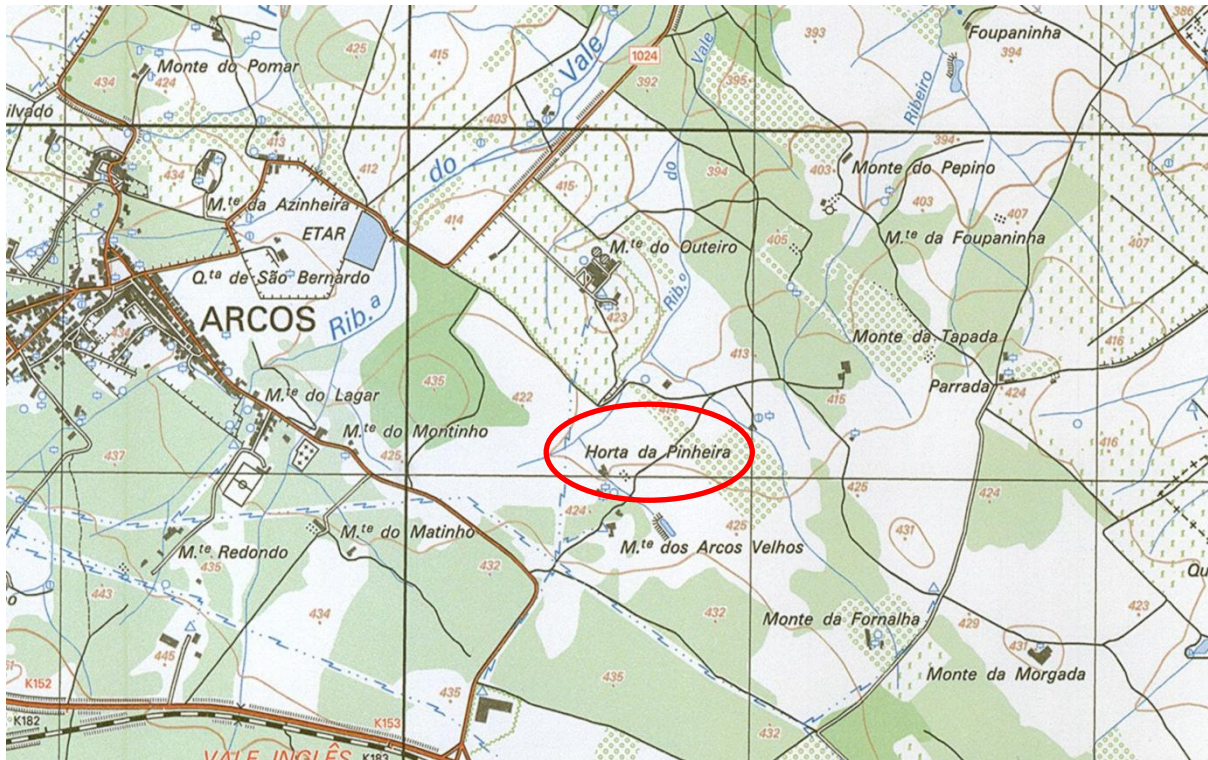
## Bibliografia

*Vide CARNEIRO, André (2011) - Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora, p. 184.*

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **164**

Designação **Igreja de Santo António dos Arcos**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Arcos**

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º **426** Altitude (m) **444m**

Coordenada (N) **38° 50.155'**

Coordenada (W) **007° 31.214'**

Tipo de Sítio **Igreja**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A notícia mais antiga a respeito desta igreja é de 1534, data em que a mesma foi doada ao Cabido da Sé de Évora, por D<sup>a</sup>. Constança Esteves, de Estremoz (Espanca,1975, p.213).

Segundo P. Henrique da Silva Louro, no ano de 1564, tinha como pároco o Padre Sebastião Aires e, em 1570 terá recebido a visitação eclesiástica do bispo D. João De Melo e Castro (Louro,1934, p.18).

Túlio Espanca avança a hipótese de ter sido construída nos finais do século XV, inícios do XVI, baseando-se no contraforte exterior cilíndrico da capela-mor, de características tipicamente manuelinas (Espanca, 1975,213). Outro elemento que terá sobrevivido às sucessivas transformações da igreja, é o portal principal da entrada, trabalhado em mármore da região, de estilo renascentista.

Todavia, o atual edifício é claramente uma reforma do século XVII, tendo alguns elementos posteriores. A sua fachada é composta por um alpendre com uma abertura em arco; ocupando todo o lado direito da fachada, uma alta torre sineira, de coroa bulbosa, do século XVIII, que possui quatro sinos de bronze, do século XIX e XX; junto à torre encontramos um relógio de sol que terá sido colocado em 1976 pela Paróquia da freguesia; do lado esquerdo da fachada podemos observar o campanário de frontão circular, decorado com um nicho envidraçado, mostrando a imagem de Santo António, padroeiro da Paróquia dos Arcos.

Devido às duas substanciais obras de remodelação da capela-mor (1829 e 1889), muitos foram os elementos anteriores à reforma seiscentista que se perderam, sendo desta altura apenas os retábulos das capelas laterais, o lambril de azulejos policromos da nave, o púlpito de mármore, e a curiosa sacristia de teto pintado a fresco. Da altura das obras, são os estuques policromos alusivos ao Santo Sacramento e o retábulo, também em estuque, sobre fundo de alvenaria (Mendeiros,2001,p115).

Possui uma pia batismal muito simples, lisa, redonda e de mármore branco.

Na igreja, conservam-se boas esculturas de madeira almofadada, a título de curiosidade: Cristo Crucificado na Cruz, no oratório central a imagem de Nossa Senhora da Conceição e nas consolas laterais a imagem de Santo António (peças do século XVII). Nas capelas laterais, do lado do Evangelho: Nossa Senhora do Rosário; e do lado da Epístola: a Capela das Almas Santas do Purgatório.

Acessos **Largo 1º de Maio, Arcos**

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo Urbano

Conservação/Ameaças Bom/ Sem Ameaças

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.93-94; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 213-215; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.18; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 115- 116.

## Bibliografia

Existe uma lenda local, associada a esta igreja, segundo a qual Santo António teria aparecido perante uma mãe que chorava pelo seu filho, por este se encontrar gravemente doente. O Santo teria dito à mulher para regressar a casa, que o seu filho estava salvo, em virtude da sua fé. Segundo a lenda nesse local ter-se-ia construído a igreja de Santo António dos Arcos.

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1 e 2- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO



**Figura 3-** Porta de entrada da igreja, de estilo renascentista



**Figura 4-** Campanário decorado com nicho envidraçado, mostrando imagem de Santo António

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Igreja de Santo António dos Arcos

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **165**

Designação **Ermida de S.Dominginhos**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Arcos**

Topónimo **Foupana**

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º **426** Altitude (m) **376m**

Coordenada (N) **38° 50.661'**

Coordenada (W) **007° 28. 791'**

Tipo de Sítio **Ermida**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A aproximadamente quatro quilómetros do limite da freguesia dos Arcos, em terras circunvizinhas com o concelho de Borba, segundo relato feito nas Memórias Paroquiais de 1758, terá existido na Herdade da Foupana, uma pequena ermida, dedicada a S.Dominginhos.

Deste pequeno espaço sagrado, desconhecemos por completo qualquer referência documental a respeito da sua data de fundação, sabendo-se apenas que pertencia ao antigo património das religiosas do Convento das Chagas de Vila Viçosa, e que possuía um altar, sendo pouco frequentada nas romarias, (Costa,1961, p.94).

Segundo Túlio Espanca, na visita que fez ao local no início do século XX, ainda foi possível documentar a presença de alguns vestígios, nomeadamente "(...) *duas colunas de mármore, toscanas, e espaçoso pavimento de placas do mesmo material, na entrada da quinta, voltada para o caminho da Aldeia de Sande (elementos que poderiam ter pertencido ao templo), e no começo dos jardins, alto e opulento portal, também de mármore branco, lavrado no estilo D.João V, com os habituais ornatos envieirados e palmares, e nicho central, moldurado, onde existiu uma imagem de Santo António(?)*" (Espanca, 1975, p.216).

Atualmente destruída, da ermida conservam-se apenas, para além da tradição locativa, vestígios dos seus alicerces. De pé, encontra-se parte do que resta de uma parede da ermida onde ainda é possível identificar algumas marcas de pintura, em tom azul, mas muito baço. Dos vestígios relatados por Túlio Espanca, soube-se através de informações prestadas pela caseira da Herdade, que muitos desses elementos arquitetónicos terão sido vendidos a colecionadores da região, nomeadamente o portal em mármore trabalhado, composto por um nicho central.

Acessos

Chegando à Freguesia dos Arcos, seguir em direção à Aldeia de Sande (Estrada Municipal 1024). No cruzamento virar à direita (Estrada Municipal 1040) em direção à Herdade da Foupana que se encontra a poucos metros do cruzamento.

## FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo	Agrícola	Conservação/Ameaças	Destruído
Bibliografia	Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - <i>Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"</i> . Coimbra: [s.n.], p. 94; ESPANCA, Túlio (1975) - <i>Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)</i> , vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.216.		
Observações	A Herdade da Foupana possui uma enorme casa apalaçada, que terá sido totalmente reconstruída em finais do século XIX (Espanca, 1975).		

### Registo Fotográfico



**Figura 1 (lado esquerdo)**-Vestígios do que resta de uma parte da parede da Ermida.

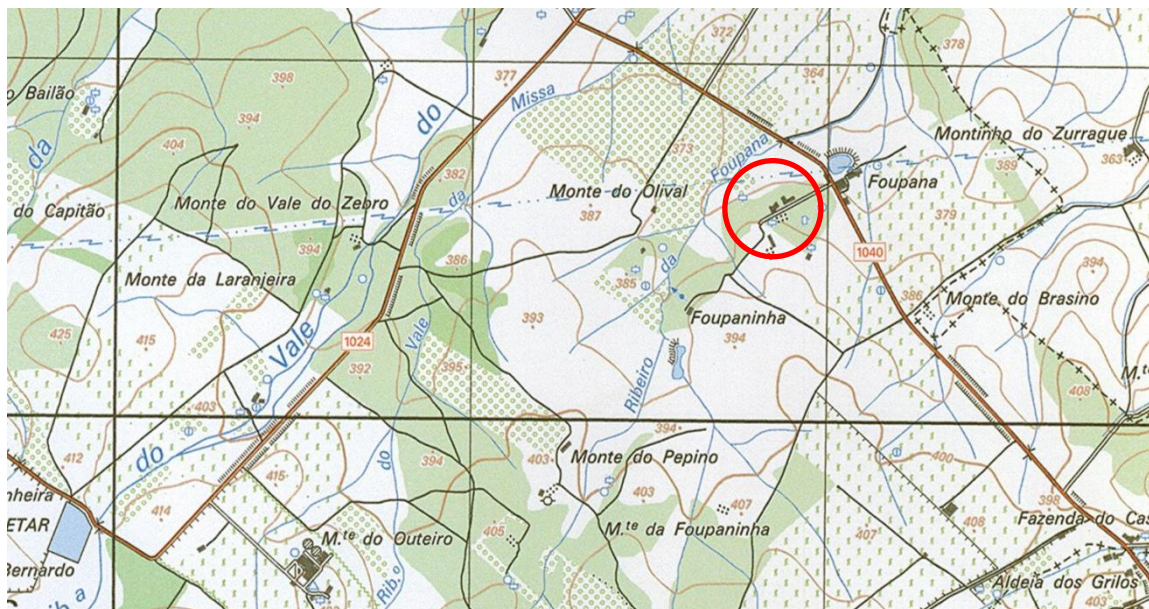
**Figura 2 (lado direito)**- Pormenor da parede, apresentando marcas de pintura em tons azuis.

# FICHA DE SÍTIO



**Figura 3-** Aglomerado de pedras aparelhadas, mas que já não se encontram em conexão. Podem ter pertencido à Ermida.

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 426 com a localização do local onde terá existido a Ermida de S. Dominginhos

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **166**

Designação Portal Monte do Montinho

Distrito Évora

Concelho Estremoz

Freguesia/Lugar Arcos

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

426

Altitude (m)

425m

Coordenada (N)

38° 49.864'

Coordenada (W)

007° 30.243'

Tipo de Sítio

Portal

Período Cronológico

Moderno

## Descrição do Sítio

Trata-se de um volumoso portal, possivelmente antiga entrada da Horta do Montinho, construído em grossa alvenaria, "capeado de escaiolas" e cronografado de 1778 (Espanca, 1975, p.216). Possui uma entrada com ombreiras e lintel retos, e no cimo um nicho onde possivelmente ficaria situado o Santo Padroeiro da Herdade.

Acessos

Monte do Montinho, junto à estrada, próximo do cemitério dos Arcos, Arcos.

Uso do Solo

Agrícola

Conservação/Ameaças

Bom/Sem ameaças

Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes; p.216.

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **167**

Designação **Vila Augusta II**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Arcos**

Topónimo **Vila Augusta**

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º **426** Altitude (m) **468m**

Coordenada (N) **38° 49.473'**

Coordenada (W) **007° 31.673'**

Tipo de Sítio **Vestígios de superfície**

Período Cronológico **Indeterminado Medieval/Moderno (?)**

## Descrição do Sítio

Este sítio localiza-se próximo da Estrada Nacional n.º 4. As prospeções efetuadas ao local permitiram identificar a presença de vestígios de superfície, nomeadamente materiais de construção e cerâmica utilitária. A área de dispersão dos materiais é de cerca de 400m<sup>2</sup>.

Acessos

Seguir pela EN n.º4 em direção à freguesia de Glória. O sítio encontra-se do lado direito da estrada.

Uso do Solo **Agrícola**

Conservação/Ameaças **Mau/Agricultura**

Bibliografia

**Inédito**

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Gráfico

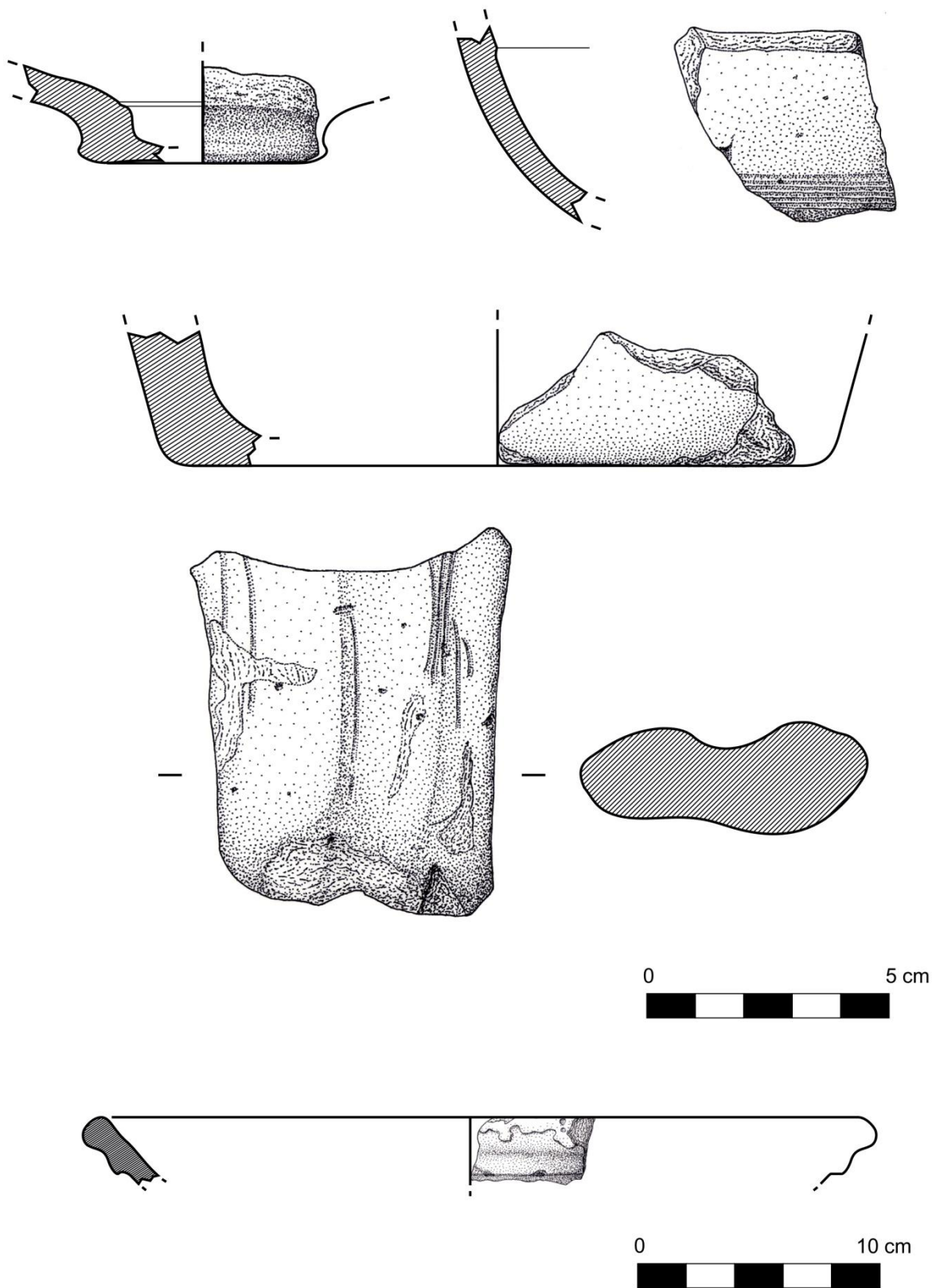
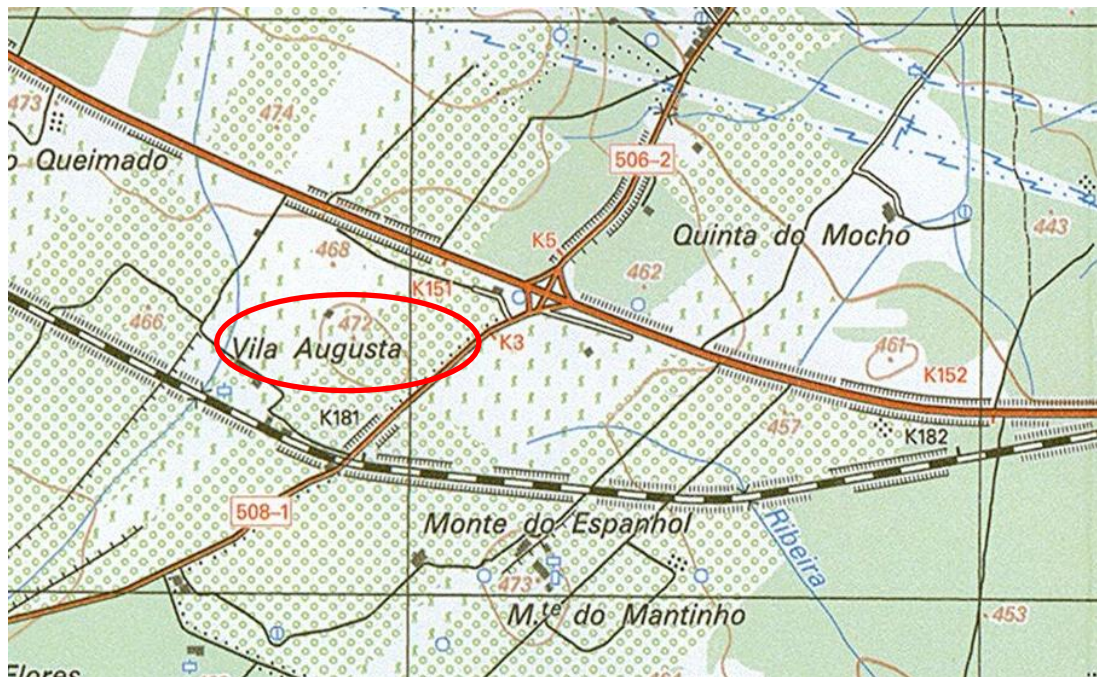


Figura 1- Fragmentos cerâmicos recolhidos durante os trabalhos de prospeção

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 2- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização do sítio



**EVORAMONTE**



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **168**

Designação **São Marcos**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Evoramonte**

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º **425** Altitude (m) **285m**

Coordenada (N) **38° 46.511'**

Coordenada (W) **007° 43.653'**

Tipo de Sítio **Mansio (?)**

Período Cronológico **Romano**

## Descrição do Sítio

Reproduzo a informação constante numa referência de André Carneiro: "Bifurcação viária sinalizada por uma pequena ermida onde até recentemente existia a tradição de, no adro, se proceder a uma bênção de gado. A capela encontra-se sobre um sítio romano, de assinaláveis dimensões (cerca de meio hectare), com numerosa cerâmica de construção (imbrices, tegulas e uma tijoleira intacta, depositada sob uma oliveira) e fragmentos de grandes contentores. (...) Dada a relação com a via, poderemos ter uma *mansio* no sopé da dominante elevação de Evoramonte." (Carneiro, 2011, p.182-183).

## Acessos

Na Estrada que liga Evoramonte ao Vimeiro, Estrada das Hortas, Evoramonte (seguir pela sinalização - Ermida de São Marcos)

## Uso do Solo

**Urbano/Agrícola**

## Conservação/Ameaças

**Regular/**

## Bibliografia

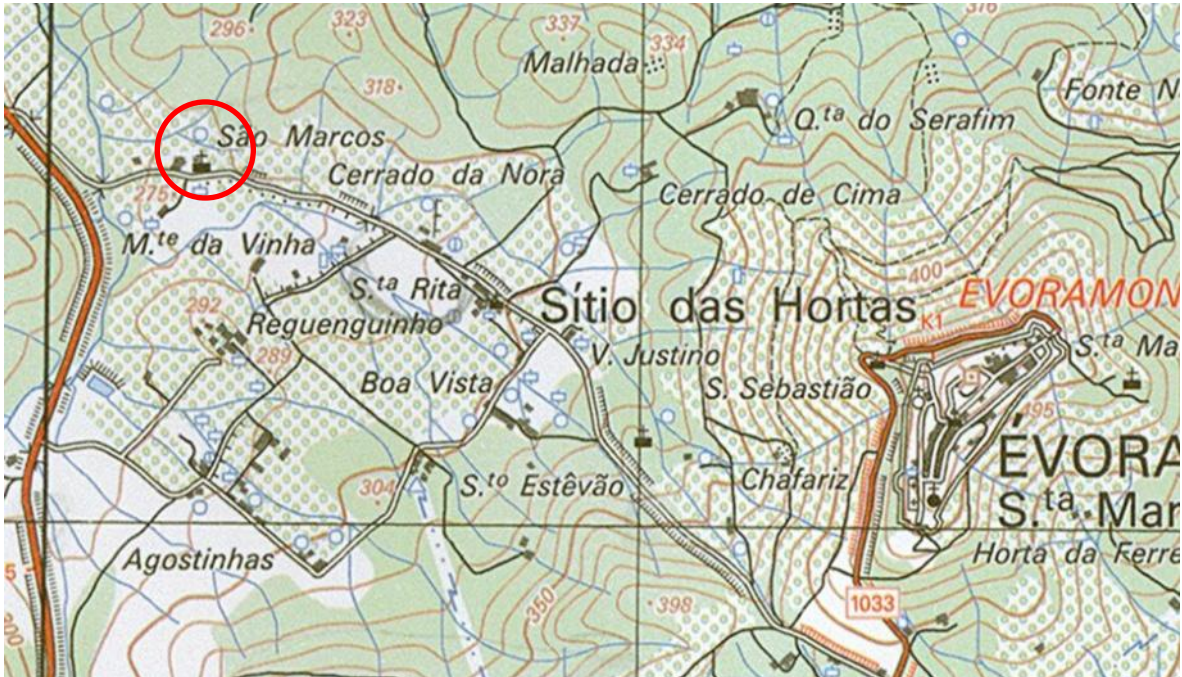
Vide CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora.

## Observações

O local foi realocado, confirmando-se a presença de vestígios de superfície, nomeadamente, cerâmica de construção (*tegulae*). As vedações de propriedade, não permitiram efetuar uma prospeção mais intensa que nos permitisse identificar mais elementos.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **169**

Designação

Distrito  Concelho

Freguesia/Lugar  Topónimo

CNS  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)  Coordenada (W)

Tipo de Sítio  Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Este sítio encontra-se registado em PDM, como tendo sido identificados neste local vestígios pertencentes à época romana. Para além disso, foi recenseado neste local também o aparecimento de uma moeda do período romano. O local não possui registo de coordenadas, pelo que não foi possível fazer a sua relocalização.

Acessos

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **170**

Designação	Évoramonte		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	Evoramonte	Topónimo	
CNS	5837	CMP 1:25 000 folha n.º	425
		Altitude (m)	450m
Coordenada (N)	38° 46.221'	Coordenada (W)	007° 42.986'
Tipo de Sítio	Miliário	Período Cronológico	Romano

## Descrição do Sítio

Túlio Espanca, faz referência pela primeira vez a este marco miliário, considerando tratar-se de uma "inscrição em português, de letra romana, alusiva a um judeu converso de apelido Tinoco (séc. XVI)" (Espanca, 1975,p.228).

Mais tarde, surge uma informação mais detalhada sobre este monumento, constante no Catálogo de inscrições romanas de José d'Encarnação: "Marco em mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, incompleto.

[D (*ominis*) N (*ostris*) FLAVIO IVL][?]IO / [VALE]RIO LICINIO IVN(*iori*) / [ET ?]  
FLAVIO <C>LAVDIO / [CONSTA]NTINO CONSVL(*i*) / NOB (*ilissimis*) CAES(*aribus*)  
Aos nossos senhores, Flávio Júlio Valério Licínio Júnior e Flávio Cláudio Constantino,  
cônsul, mui nobres Césares.

(...) O miliário pertenceria à via que ligava Évora à via principal Lisboa-Mérida." (Encarnação, 1984, p.732) (IRCP n.º 674).

Actualmente, o marco miliário pode ser visitável na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, servindo de base à pia de água benta.

Acessos Rua de Santa Maria, Evoramonte

Uso do Solo Urbano

Conservação/Ameaças Regular/

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.228; ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - *Inscrições romanas do Conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da FLUC, p.732.

## Observações

Servindo de base à pia de água benta, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **171**

<b>Designação</b>	Castelo de Evoramonte, composto pelo paço e pela cerca muralhada		
<b>Distrito</b>	Évora	<b>Concelho</b>	Estremoz
<b>Freguesia/Lugar</b>	Evoramonte	<b>Topónimo</b>	
<b>CNS/N.º IPA</b>	21137/2720	<b>CMP 1:25 000 folha n.º</b>	425
		<b>Altitude (m)</b>	470m
<b>Coordenada (N)</b>	38° 46.306'	<b>Coordenada (W)</b>	007° 42.969'
<b>Tipo de Sítio</b>	Castelo/Muralha	<b>Período Cronológico</b>	Medieval - Moderno

## Descrição do Sítio

A cerca medieval de Evoramonte foi mandada construir em 1306, no reinado de D. Dinis, restando dessa campanha a cerca amuralhada e as portas dionisinas. O perímetro amuralhado forma um triângulo isósceles cujo lado maior segue a linha NE-SO, delimitando uma vasta área, na qual a vila antiga cresceu. Mantém ainda as suas quatro portas principais e um postigo: a principal é a porta do Freixo, virada para Évora, com arco gótico sem impostas e ladeada por dois torreões cilíndricos, e tem uma inscrição que corresponde ao início da construção da cerca; a porta do Sol ou da Vila, virada para nascente, como o nome indica, possui um arco gótico com torres flanqueantes; a porta de São Brás está orientada no sentido da ermida com o mesmo nome e ainda mantém os encaixes para o eixo de um canhão; a porta de São Sebastião tem acesso direto por estrada à ermida do mesmo orago e possui um portal gótico muito amplo; e por último o Postigo que é uma porta secundária, sem qualquer interesse arquitetónico.

Com a subida ao trono de D. João I, o Castelo passou para a posse de D. Nuno Álvares Pereira. Com o terramoto de 1531, a vila é destruída quase por completo, arruinando as fortificações e a Torre de Menagem. O monarca da altura (D. João III), ordena o levantamento e o restauro das estruturas defensivas consideradas necessárias. De forma a adaptar-se às novas práticas de guerra que incluíam a utilização de armas de fogo, são levadas a cabo obras de fortificação modernas: iniciou-se a construção de baluartes redondos nos ângulos das muralhas medievais e a construção de uma nova torre: o Paço de Evoramonte.

O Paço Ducal é um bom exemplar de arquitetura quinhentista, construído, em princípio depois do terramoto de 1531, pelos mestres Diogo e Francisco de Arruda, sendo o senhor da vila, na altura, D. Jaime, duque de Bragança possui quatro torreões cilíndricos definindo um perímetro quadrangular, de eminente gosto italianizante, e decorado nos panos com nós pétreos, marca simbólica da heráldica do Ducado de Bragança. O corpo principal do edifício possui quatro pavimentos: o piso térreo, o primeiro e segundo piso e o terraço, este monumento possui duas portas que permitem o acesso ao seu interior.

Em 1755, a fortaleza é afetada pelo terramoto, em algumas ameias, dando-se o desmoronamento das coberturas das duas torres. O elevado estado de degradação da estrutura leva a que em 1944 se iniciem obras de restauro dirigidas pela DGEMN.

**Acessos** Largo do Castelo, Evoramonte

# FICHA DE SÍTIO

<b>Uso do Solo</b>	Urbano	<b>Conservação/Ameaças</b>	Bom/Sem ameaças
<b>Bibliografia</b>	<p>Vide ALMEIDA, João de Almeida (1948) - <i>Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses</i>, Vol.3, Lisboa: ed. do autor; CRESPO, Marques (1950) - <i>Estremoz e o seu termo regional</i>; Estremoz: Marques Crespo; ESPANCA, Túlio (1975) - <i>Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)</i>, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes; MONTEIRO, João Gouveia, PONTES, Maria Leonor (2002) - <i>Castelos Portugueses</i>, Lisboa: IPPAR; PINA, Maria do Carmo (1989) - <i>Evoramonte: A Fortaleza, monografia</i>, Lisboa: Instituto Português do Património Cultural; VERMELHO, Joaquim (2004) - <i>Ler nas pedras</i>. Estremoz: Câmara Municipal.</p>		
<b>Observações</b>	<p>Classificado como MN - Monumento Nacional</p> <p>Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910</p>		

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Castelo de Evoramonte, vista geral

# FICHA DE SÍTIO



**Figura 2** - Paço Ducal de Evoramonte, vista principal



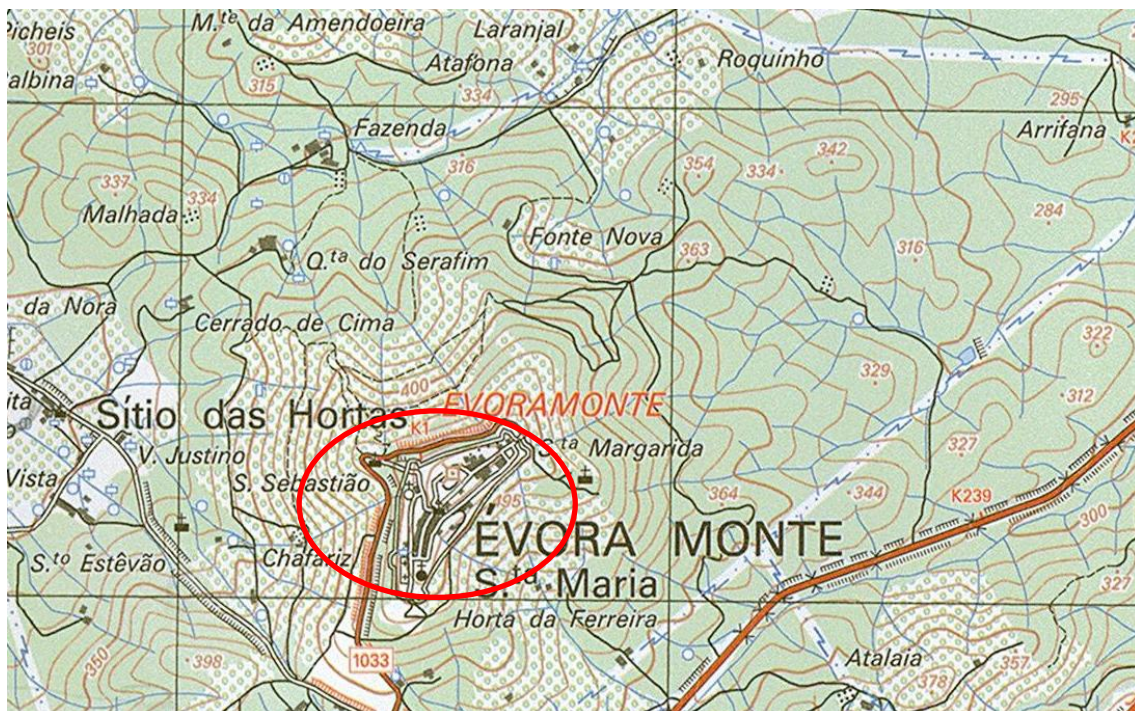
**Figura 3** - Interior do Paço



**Figura 4** - Uma das portas do Castelo

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do Castelo de Evoramonte

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **172**

**Designação** Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição/ Igreja de Santa Maria

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Evoramonte/ Santa Maria

**Topónimo**

**N.º IPA** 4353

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 464m

**Coordenada (N)** 38° 46.223'

**Coordenada (W)** 007° 43.006'

**Tipo de Sítio** Igreja

**Período Cronológico** Medieval Cristão/Moderno

## Descrição do Sítio

A primeira referência relativa à Igreja de Santa Maria, remonta a 1271, altura em que é estabelecido entre D. Afonso III e o Bispo de Évora um acordo relativo à posse de algumas igrejas alentejanas, encontrando-se esta sob a tutela da Sé de Évora. Terá sido a primeira igreja da vila e é provável que já existisse antes desta data (Louro, 1974, p.44).

Em 1289 foram fundados os cargos de beneficiados da Igreja de Santa Maria do Castelo de Evoramonte, por causa da devoção que D. Domingos Anes Jardo, na altura bispo da diocese de Évora, tinha pela imagem de Santa Maria (Mendeiros, 2001, p.103).

Após o terramoto ocorrido nas primeiras décadas de quinhentos, assiste-se a uma reconstrução total da igreja, obra que ficou a dever-se ao infante D. Afonso, irmão de D. João III, embora ainda não totalmente reconstruída, já estava reaberta ao culto em 1534, aquando da visitação eclesiástica eborense.

Em 1748 é apelidada de Igreja de Nossa Senhora da Conceição, denominação essa que ainda hoje possui.

A igreja levanta-se junto à porta do Freixo, frente ao cemitério, que lhe sacrificou o adro e o cruzeiro. De traça maioritariamente quinhentista, tem duas portas ogivais góticas: na fachada e no alçado lateral esquerdo, ambas feitas em granito e desprovidas de impostas. Na fachada principal abre-se o nártex, com três arcadas, defendidas por volumosos botaréus quadrangulares de granito, de onde saem gárgulas com volutas. O alpendre, é rematado por abóbada encruzada, na correspondência do eirado, composto pelo campanário de dois olhais (Espanca, 1975, p.227). Em volta de todo o imóvel, existem cruces da Via Sacra, em azulejos policromos.

No interior da igreja, a sua planta é retangular, possui três naves e três tramos, pilares de granito chanfrados e bases quadradas. Possui ainda pia batismal e púlpito do séc. XVI.

Nos alçados laterais da igreja foram descobertas recentemente algumas pinturas a fresco. Do lado esquerdo, no local onde se situava o Altar de Santo António, está representado o Episódio de Santo António e o milagre de Pádua, salvando o pai da forca. Neste painel estão ainda presentes as imagens de São Gregório, Santa Maria.

A capela-mor, da invocação de Santa Maria, abre em arco pleno.

**Acessos** Rua de Santa Maria, Evoramonte

# FICHA DE SÍTIO

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

Vide CAEIRO, Sandra Isabel Correia (2005) - *Évora-Monte: contributos para preservar a autenticidade da sua imagem*. Évora: [s.n.]; COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.66-67; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.227-230; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.44; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 103- 106; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 119

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO



Figura 2 (lado esquerdo, cima) - Porta gótica, alçado lateral

Figura 3 (lado esquerdo, em baixo) - Pormenor do campanário da igreja

Figura 4 e 5 (lado direito) - Pormenor das pinturas murais existentes no interior da igreja.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar n° 425 com a localização da Igreja da Igreja Matriz

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **173**

Designação **Ermida de São Brás**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Evoramonte**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**439**

Altitude (m)

**356m**

Coordenada (N)

**38° 45.754'**

Coordenada (W)

**007° 41.756'**

Tipo de Sítio

**Ermida**

Período Cronológico

**Medieval Cristão/Moderno**

## Descrição do Sítio

A Ermida de São Brás, tem como primeira referência a data de 1289. A tradição local refere que terá sido fundada pela Ordem do Templo em inícios do século XIII. O padre João Rosado Adão, pároco de Santa Maria de Evoramonte refere, em 1758, que ainda existiam numa dependência da ermida as armas dos Templários (Espanca, 1975, p.236).

Orientada na linha canónica do ocidente, a Ermida de São Brás, possui empena triangular ladeada por duas agulhas cónicas; a portada trata-se de um vão gótico, com uma moldura de cantaria esquadriada em mármore, contendo um chanfro bastante evidente. Do lado esquerdo da Ermida, apresenta-se uma outra porta de arco quebrado, à escala humana. Adossadas à capela-mor duas torres de remate cónico, do estilo manuelino, obras do século XV. Túlio Espanca refere também uma campanha de obras no século XVI, durante o reinado de D. João III (1521-1557), que teriam reconstruído de raiz a ermida, mas não nos parece credível esta afirmação, porque o seu interior denuncia ainda notáveis características medievais anteriores (Idem, 1975, p.236)

O seu interior, de grandes proporções, possui uma planta retangular, e é constituído por três naves de três tramos apoiados em pilares de pedra rebocada, com chanfradura e bases quadradas. Arcos góticos-manuelinos dividem os vãos das naves. O presbitério é de planta retangular, possui um arco redondo e uma cobertura nervurada, de cruzaria simples (Vermelho, 2004, p. 127).

Em 1907 o templo sofreu obras de grande volume que, aparentemente, o descaracterizou bastante.

Acessos

**Monte da Faíinha, Evoramonte**

Uso do Solo

**Pastoreio/Agrícola**

Conservação/Ameaças

**Bom/ Abandono**

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.68-69; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.235; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 127.

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada do Edifício

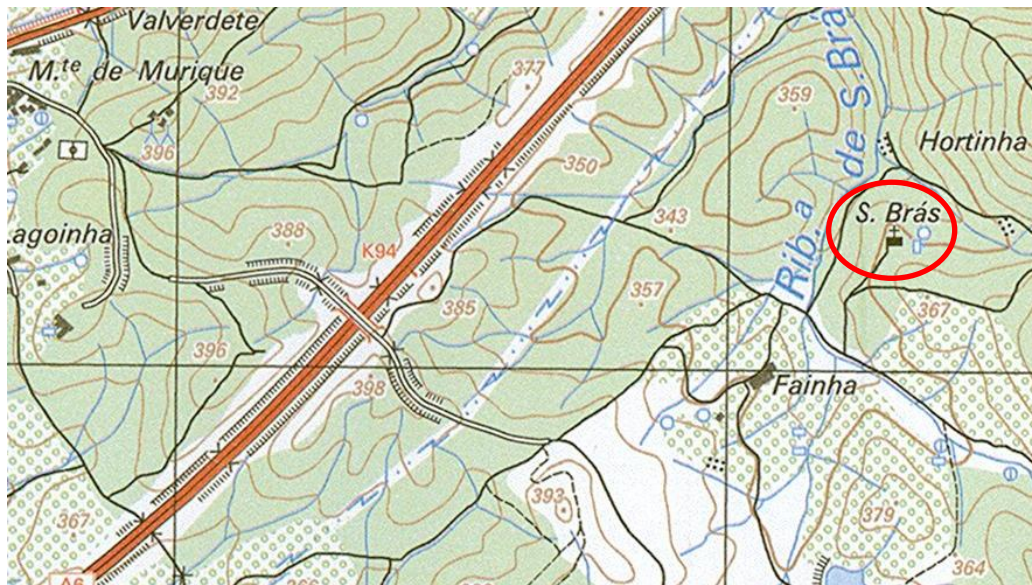
# FICHA DE SÍTIO



Figura 2 e 3 (lado esquerdo) - Interior da Ermida, em cima pormenor do altar, em baixo, pormenor do teto.

Figura 4 - Torres adossadas à capela-mor.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 439 com a localização da Ermida de São Sebastião de Evoramonte

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **174**

**Designação** Igreja de São Pedro/ Igreja de São Pedro de Fora

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Evoramonte

**Topónimo**

**N.º IPA** 34602

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 384m

**Coordenada (N)** 38° 46.028'

**Coordenada (W)** 007° 43.063'

**Tipo de Sítio** Igreja

**Período Cronológico** Medieval Cristão/Moderno

## Descrição do Sítio

Conhecida também como Igreja de São Pedro de Fora, a primeira referência à sua existência, data de 1320, portanto inicialmente era uma igreja gótica, modificada com alpendre no século XV e com nova capela-mor no século XVI, após o terramoto de 1531 (Mendeiros, 2001, p. 107). Uma outra referência conhecida é de 1342, altura em que o prelado de Évora, D. Martinho, cria dois cargos de porcionários para Evoramonte (Guerreiro, 2008, p.22).

O Adro da Igreja possui um cruzeiro em mármore, decorado com crânios, tendo no topo a inscrição I.N.R.I. A portada da igreja é antecedida por um alpendre formado de arcos redondos, nascidos de planos de granito e rematado por delgadas colunas de mármore. Na fachada sobressai a escultura de São Pedro, em mármore estremocense, provavelmente do século XIV, e à esquerda um interessante Signo de Salomão, tradicionalmente usado como amuleto, tendo como objectivo exorcizar, ou impedir que o mal, que os demónios, interferissem com a comunidade de fiéis. O pórtico de entrada já não é gótico, mas maneirista. Nas traseiras do imóvel, do lado esquerdo, distingue-se a torre sineira quinhentista com frontão, volutas e remates em forma de disco e de pirâmide. O telhado foi recuperado em 1929 e em 1959, muito ao gosto da época, retirando-se o reboco dos arcos das naves e do presbitério para colocar a cantaria de granito visível.

O interior ainda apresenta arcaria ogival nas naves e no presbitério. A pia batismal é redonda, de mármore branco quinhentista. A capela-mor abre com um arco triunfal gótico, de granito.

A igreja foi alvo de trabalhos de recuperação na fachada em 2013.

**Acessos** Largo da Igreja de São Pedro, Evoramonte

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

## FICHA DE SÍTIO

### Bibliografia

Vide CAEIRO, Sandra Isabel Correia (2005) - *Évora-Monte: contributos para preservar a autenticidade da sua imagem*. Évora: [s.n.]; COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p. 67; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.230-233; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia; GUERREIRO, Hugo e BORGES, Artur Goulart de Melo (2008) - *Arte Sacra no Concelho de Estremoz: Santa Maria, Santo André e Evoramonte: Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora*, Évora: Fundação Eugénio de Almeida, p 22-23; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 107-109; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal, p. 123.

### Observações

No cemitério contíguo à igreja, que já existia também no templo primitivo, têm-se vindo a encontrar várias estelas baixo-medievais, grande parte delas expostas no Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho, em Estremoz.

### Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

## FICHA DE SÍTIO



**Figura 2** - Pormenor da torre sineira



**Figura 3** - Signo de Salomão



**Figura 4** - Cruzeiro



**Foto 5** - Escultura de São Pedro, em mármore

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **175**

**Designação** Ermida de Santo Estêvão

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Evoramonte

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA** **CMP 1:25 000 folha n.º** 425 **Altitude (m)** 317m

**Coordenada (N)** 38° 46.253'

**Coordenada (W)** 007° 43.347'

**Tipo de Sítio** Ermida

**Período Cronológico** Medieval Cristão/Moderno

## Descrição do Sítio

Antigamente de boas dimensões e orientada para ocidente, com o passar dos tempos acabou por perder o corpo da nave, revelando apenas alguns vestígios da sua existência, hoje em dia, transformado em adro, onde abunda a vegetação.

Aparentemente parece ter origem medieval, pela tipologia construtiva, com extradorso roqueiro e embasamento de grosso aparelho granítico, em feiras irregulares que denunciam aproveitamento de construção recuada da Idade Média (Espanca, 1975, p.237).

Apenas a capela-mor subsiste. O púlpito é o mais importante desses vestígios, permanecendo o seu uso no exterior. A fachada é composta por empena triangular, rematada por uma cruz, com a inscrição titular (S. Estêvão).

Nas Memórias Paroquiais de 1758 já a descreviam como estando em ruína, havendo boa probabilidade de ter sido alvo de grandes danos no terramoto de 1531.

De alçados caiados de branco, de cariz muito popular, apenas mantém um pequeno nicho redondo, liso, para a colocação em tempos, da imagem do padroeiro. Foi alvo de um projeto de restauro, em 2010, levado a cabo pelo proprietário do imóvel.

**Acessos** Na Estrada que liga Evoramonte ao Vimeiro, Estrada das Hortas, Evoramonte (a ermida encontra-se sinalizada)

**Uso do Solo** Pastoreio/Agrícola

**Conservação/Ameaças** Bom/ Abandono

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide CAEIRO, Sandra Isabel Correia (2005) - *Évora-Monte: contributos para preservar a autenticidade da sua imagem*. Évora: [s.n.]; COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.68; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.237; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO



Figura 2 e 3- Interior da Ermida



Figura 4- Pormenor da cruz com a inscrição referente a Santo Estêvão



Figura 5 - Pormenor do púlpito

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Ermida de Santo Estêvão

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **176**

**Designação** Évoramonte - Rua da Convenção

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Evoramonte

**Topónimo**

**CNS** 31773

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 463m

**Coordenada (N)** 38° 46.328'

**Coordenada (W)** 007° 42.902'

**Tipo de Sítio** Silo

**Período Cronológico** Idade Média/Moderno/Contemporâneo

## Descrição do Sítio

Trata-se de um sítio arqueológico que se desenvolve no interior do recinto muralhado da vila de Evoramonte. Foi identificado no decorrer do acompanhamento arqueológico de aberturas de valas para a colocação de infraestruturas na Rua da Convenção.

A intervenção arqueológica colocou a descoberto 26 estruturas negativas (silos) distribuídas de maneira mais ou menos uniforme pela Rua da Convenção, dos quais se destacam, elementos artefactuais bastante significativos e representativos da ocupação medieval e moderna da vila de Evoramonte.

Tratam-se de estruturas escavadas no substrato geológico (xistos desagregados) com formas destacadas pela secção radial elíptica com afunilamento no sentido da boca. Apresentam formas típicas do género "gota" e comportam, até ao limite da intervenção, uma cultura material bastante variada a nível de recipientes cerâmicos.

**Acessos** Porta do Sol, Rua da Convenção, Evoramonte

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças**

**Bibliografia** Processo sítio S- 31773

**Observações**

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **177**

**Designação** Chafariz de Santo Estêvão/ Chafariz Antigo/ Chafariz Conde D. Fernando

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Evoramonte

**Topónimo** Chafariz

**CNS/N.º IPA**  **CMP 1:25 000 folha n.º** 425 **Altitude (m)** 420m

**Coordenada (N)** 38° 46.248'

**Coordenada (W)** 007° 43.163'

**Tipo de Sítio** Fonte

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

O Chafariz de Santo Estêvão de Evoramonte situa-se na Quinta do Chafariz e é provavelmente o chafariz mais antigo do concelho de Estremoz. Foi mandado construir em 1423 pelo conde de Arraiolos e Marquês de Vila Viçosa, D. Fernando, que, por sua vez, era filho de D. Afonso, o futuro 1º Duque de Bragança.

O chafariz é todo construído em granito e encontra-se protegido por robustos muros de grossa alvenaria. Possui um bebedouro, embora este já não seja o original também em granito e do lado esquerdo uma fonte de época mais recente. Segundo Túlio Espanca (1975) durante vários séculos esteve "coroadado de cortina de merlões rectangulares, típicos dos amuramentos militares coevos, terminados, angularmente, por pináculos mais decorativos, obra que existe quase integralmente, mas afogada em falso parapeito elevado, que se ergueu na intenção de proteger viandantes, crianças e animais de carga, pois corre paralelo com a actual carreira pública" (Espanca, 1975, p.242).

Sensivelmente a meio do alçado principal, subsiste em mármore branco, a lápide comemorativa da sua construção, moldurada pelo brasão da família de Bragança, que tem a particularidade de estar numa posição invertida, que diz o seguinte: ESTA OBRA MÃDOU FAZ:R FENAM ROIZ: OVIDOR D+DÕ FERNANDO: NETO DEL REY: E+FILHO DO CONDE: D: BARCELOS: E: DO NACIMENTO+D+MIL: E+CCCCXXIII ANOS: O sinal da cruz, encerra a última palavra.

No muro foi aberta uma passagem, que dá acesso ao interior da rocha, onde se localiza o poço. Segundo Túlio Espanca, sofreu alguns estragos no Terramoto de 1755, facto que, alegadamente, o secou por completo.

**Acessos** Monte do Chafariz, Estrada da Hortas, Estremoz

**Uso do Solo** Agrícola

**Conservação/Ameaças** Mau/ Abandono

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

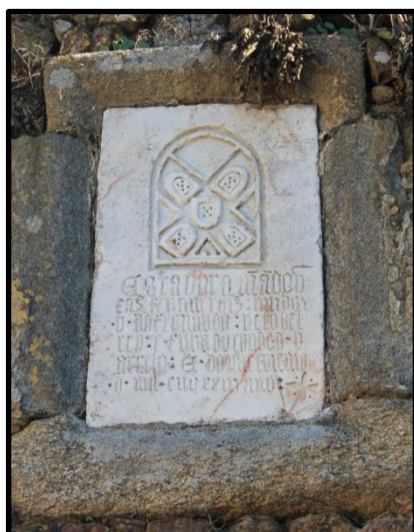
Vide CARMO, António Maria do (1916) - *Apontamentos para a Monografia de Évoramonte coligidos por um antigo ferroviário*. Évora: Tipografia Minerva, p. 27-28; vd. ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.242; CAEIRO, Francisca (1999) - *Fontes, chafarizes, fontanários e marcos fontanários do concelho de Estremoz*, vol. I, II e III, tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora, Évora: Universidade de Évora.

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Chafariz de Santo Estêvão: enquadramento geral



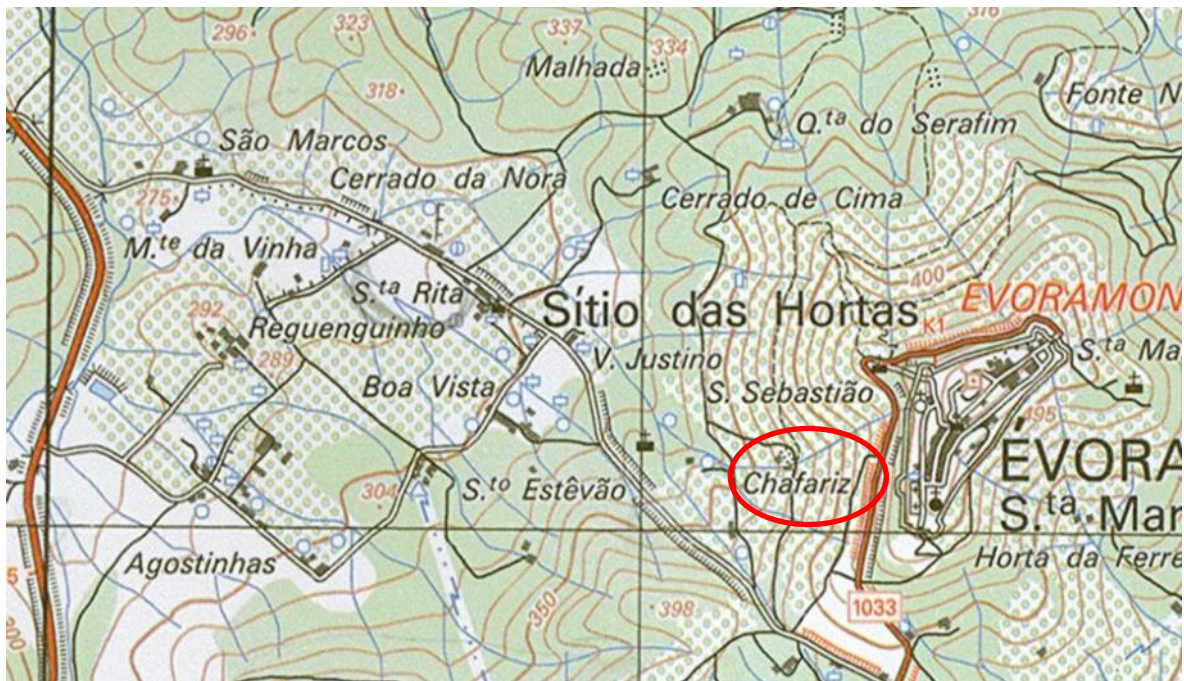
**Figura 2 (lado esquerdo)** - Lápide comemorativa da construção do chafariz



**Figura 3 (lado direito)** - Pormenor da abertura que dá acesso ao poço

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do Chafariz de Santo Estêvão

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **178**

**Designação** Igreja da Misericórdia de Evoramonte

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Evoramonte

**Topónimo**

**N.º IPA** 14296

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 460m

**Coordenada (N)** 38° 46.289'

**Coordenada (W)** 007° 43.006'

**Tipo de Sítio** Igreja

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Não se conhece a data da fundação da Misericórdia de Evoramonte e o documento mais antigo existente no seu arquivo é uma cópia do Compromisso da Misericórdia de Lisboa de 1516 (Paiva, 2005, p.276). É possível que a confraria estivesse em funcionamento já em 1527, pois remonta, a este ano, um documento entretanto desaparecido, mas que comprovava as atividades da misericórdia, pelo menos, nesse tempo sendo regida, muito possivelmente, pelo Compromisso de 1516 (Espanca, 1975, p.233).

A igreja, certamente erguida entre o final do século XV e o início do XVI, denota características gótico-manuelinas, mas nada indica que tenha sido construída especificamente para a Misericórdia (Paiva, 2005, p. 276).

Situada perto da muralha medieval de Evoramonte, o edifício ostenta bastante simplicidade arquitetural, apenas com um pequeno alpendre de arcada redonda que assenta em meios colunelos marmoreados, de capitéis lisos. O campanário, de frontão com enrolamento e sineta, ergue-se a nascente, sobrepujante à cúpula do varandim de acesso às enfermarias do hospital (Espanca, 1975, p.233). Também simples, mas de granito, é a porta principal, encimada por um óculo ovalado.

Por sua vez, o interior surpreende-nos pela riqueza dos painéis de azulejo. Este conjunto, que é o ex-libris da igreja, representa temáticas das obras da Misericórdia, a Vida da Virgem Maria, o Casamento de Ester e a Decapitação de Holofernes. O púlpito assente em pilar marmoreado, tem esculpido uma cartela, com o símbolo das Misericórdias: o ramo de oliveira e a espada da caridade, com as cinco chagas de Cristo. A capela-mor apesar de pequena na sua dimensão, abre-se com um arco triunfal com azulejos amarelos e roxos, característicos das produções italianas (Siena) (Mendeiros, 2001, p.111).

De acordo com as Memórias Paroquiais de 1758, a igreja da Misericórdia era a única, para além da matriz, que se encontrava no interior das muralhas, exibindo uma imagem de Nossa Senhora da Visitação.

**Acessos** Rua da Misericórdia, Evoramonte

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

## FICHA DE SÍTIO

Vide CAEIRO, Sandra Isabel Correia (2005) - *Évora-Monte: contributos para preservar a autenticidade da sua imagem*. Évora: [s.n.]; COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p. 67; vd. ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.233-235; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 111-112; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 127.

### Bibliografia

### Observações

### Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

## FICHA DE SÍTIO



Figura 2, 3 e 4 - Interior da Igreja da Misericórdia, pormenor dos azulejos

### Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Igreja da Misericórdia de Evoramonte

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **179**

**Designação** Cisterna Pública/ Cisterna de Evoramonte

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Evoramonte

**Topónimo**

**CNS** 11173

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 451m

**Coordenada (N)** 38° 46.238'

**Coordenada (W)** 007° 43.007'

**Tipo de Sítio** Cisterna

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

A Cisterna Pública de Evoramonte situa-se junto das muralhas, na rua da Misericórdia. Os dois bocais cilíndricos salientes do restante terreno mostram-nos a sua localização, pois não fosse a existência destes dois elementos, mal daríamos por esta, já que a Cisterna é subterrânea.

Terá sido construída no séc. XVI, possivelmente após o terramoto de 1531, com o intuito de prevenir uma queda demográfica nesta zona, pois é sabido que até essa data não havia nenhuma fonte de água potável intramuros.

A entrada para o interior da Cisterna, foi desobstruída em 2002 pela Junta de Freguesia de Evoramonte, possui uma pequena porta de ombreiras e lintel retos, tudo em granito, através da qual os habitantes poderiam ir buscar a água.

Segundo informações prestadas pela Junta de Freguesia de Evoramonte, a base da cisterna fica situada a cerca de 3m abaixo do nível da rua. Possui uma abóbada suportada por 6 arcos, sendo as suas dimensões de 20m de comprimento, 8m de largura e 6m de altura.

A água aqui armazenada provém das águas pluviais e não de nascente, portanto não faz sentido que esta Cisterna servisse para consumo humano durante o ano todo, pois a água armazenada não deveria ter a qualidade necessária para ser potável. Tudo indica, que esta água só seria usada em caso de cerco prolongado, ou então talvez fosse utilizada para a rega de pequenas hortas que se localizam nesta zona, ou até mesmo para os animais beberem.

**Acessos** Rua da Misericórdia, Evoramonte

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide CARMO, António Maria do (1916) - *Apontamentos para a Monografia de Évoramonte coligidos por um antigo ferroviário*. Évora: Tipografia Minerva, p.12-13; vd. ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 240-241; RUAS, João (2006) - *Um Castelo de Histórias. Sete Séculos da História de Evoramonte*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz, p.36-37.

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Bocais da cisterna



**Figura 2-** Entrada da cisterna

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **180**

Designação **Ermida de Santa Margarida**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Evoramonte**

Topónimo

N.º IPA **11747**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **451m**

Coordenada (N) **38° 46.309'**

Coordenada (W) **007° 42.769'**

Tipo de Sítio **Ermida**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A Ermida de Santa Margarida é uma das mais simples e, ao mesmo tempo, curiosas construções deste tipo no concelho de Estremoz. Situada num cabeço, não muito distante da Porta do Sol do Castelo de Evoramonte, caracteriza-se por uma arquitetura bastante simples, baseada em formas geométricas.

À primeira vista aparenta ser um exemplar tardio, dos fins do período filipino, considerada por alguns autores como uma ermida incompleta, apenas com a abside, de planta quadrangular (Espanca, 1975, p.235), ou uma unidade arquitetónica autónoma, de origem ou influência muçulmana, porém a sua pureza e simplicidade geométrica poderá dar a entender também uma interpretação rural do Renascimento.

O corpo é um verdadeiro cubo, e a cúpula uma meia esfera, rematada por um paralelepípedo e uma pirâmide. No adro a ocidente, ergue-se um pequeno púlpito quadrangular; possui uma porta simples, e do lado direito uma pequena janelinha para esmolas. Como decoração, possui uma cruz de azulejo, disposta em forma de losângulos, em tons azuis.

Acessos **Na encosta do castelo, próximo da Porta do Sol, Evoramonte**

Uso do Solo **Pastoreio**

Conservação/Ameaças **Bom/ Abandono**

## Bibliografia

Vide CAEIRO, Sandra Isabel Correia (2005) - *Évora-Monte: contributos para preservar a autenticidade da sua imagem*. Évora: [s.n.]; COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.68-69; vd. ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.235; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar n° 425 com a localização da Ermida de Santa Margarida de Evoramonte

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **181**

Designação **Ermida de Santa Vitória**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Evoramonte**

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º **439** Altitude (m) **298m**

Coordenada (N) **38° 43.153'**

Coordenada (W) **007° 43.274'**

Tipo de Sítio **Ermida**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

Antiga dependência religiosa de S. Pedro do Campo, mas de domínio particular, que servia a "*paramentos e azeite*", (Espanca, 1975, p.239), a Ermida de Santa Vitória, localiza-se a sete quilómetros de distância da Freguesia de Evoramonte, num alto cabeço rodeada de montado. Desconhece-se a data da sua fundação, no entanto o imóvel, apresenta características da arquitetura regional de finais do século XVI.

É constituída pela primitiva capela-mor, decorada por esferas nos acrotérios, destaque no interior para o presbitério aberto em arco de volta perfeita; possui telhado de duas águas, alpendre modesto, de três arcadas redonda, com empena triangular.

A porta de entrada possui um vão com cornija saliente, bastante mais recente. A nave tem planta retangular, alçados caiados de branco, sem quaisquer adornos, apenas mantém o púlpito, do lado do Evangelho.

Herdade da Castelhana, Estrada Nacional 18, direcção: Evoramonte- Azaruja, Evoramonte

Acessos

Uso do Solo **Agrícola/ Pastoreio**

Conservação/Ameaças **Bom/ Abandono**

Bibliografia

Vide CAEIRO, Sandra Isabel Correia (2005) - *Évora-Monte: contributos para preservar a autenticidade da sua imagem*. Évora: [s.n.]; COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.68; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.239; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 128.

# FICHA DE SÍTIO

Observações

A Ermida encontra-se em estado de abandono

## Registo Fotográfico



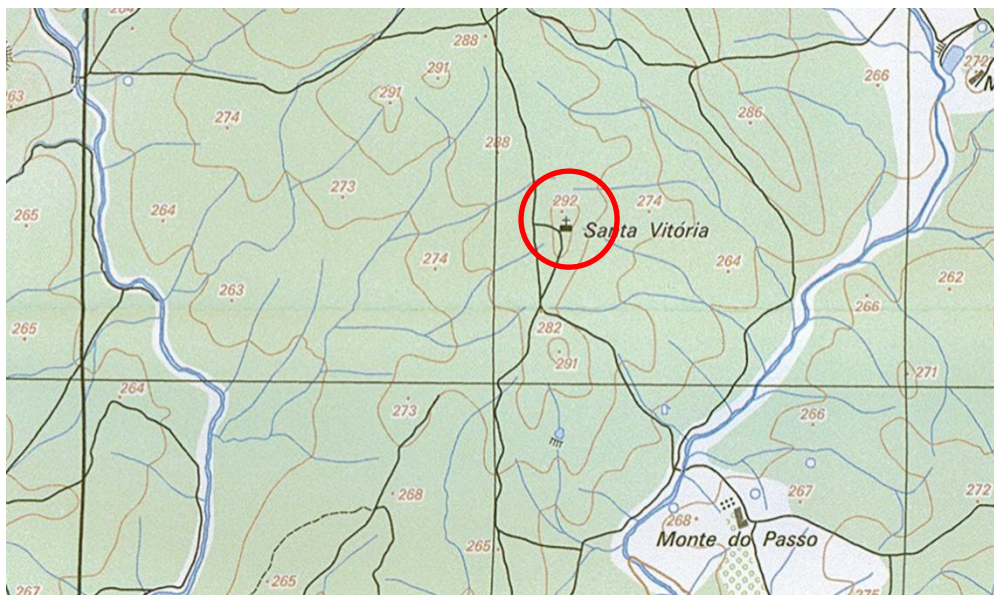
**Figura 1-** Aspeto exterior da Ermida



**Figura 2-** Corpo da Ermida

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 439 com a localização da Ermida de Santa Vitória

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **182**

**Designação** Ermida de São Marcos

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Evoramonte

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º** 425

**Altitude (m)** 285m

**Coordenada (N)** 38° 46.511'

**Coordenada (W)** 007° 43.653'

**Tipo de Sítio** Ermida

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

A Ermida de São Marcos, é toda construída de alvenaria, caiada de branco. Desconhece-se a data da sua fundação, no entanto apresenta características bem marcadas do século XVI, nomeadamente a capela-mor, o elemento mais antigo da ermida.

Dividia em três corpos: alpendre de três arcos redondos, com teto de madeira; nave, com cobertura de duas águas e capela-mor, com uma cobertura de linhas radiantes e remate em forma de pirâmide. Todo o resto indicia construção mais recente, talvez do século XVII ou XVIII (Espanca, 1975, p.238).

Junto à ermida, realizava-se um mercado franco, ainda existente em 1932. O dia da sua festa é 25 de Abril, festa que em 2001 ainda se realizava. No nicho central da ermida, venerava-se o padroeiro, São Marcos.

A Capela encontra-se sob um sítio de época romana. No local encontramos vestígios arqueológicos romanos, essencialmente material de construção, facto também comprovado em vários outros sítios do vale cortado pela antiga estrada que ligava Evoramonte ao Vimieiro (Carneiro, 2011, p.183).

**Acessos**

Na Estrada que liga Evoramonte ao Vimeiro, Estrada das Hortas, Evoramonte (a ermida encontra-se sinalizada)

**Uso do Solo**

Urbano/Agrícola

**Conservação/Ameaças**

Bom/ Abandono

## FICHA DE SÍTIO

### Bibliografia

Vide CAEIRO, Sandra Isabel Correia (2005) - *Évora-Monte: contributos para preservar a autenticidade da sua imagem*. Évora: [s.n.]; COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.69; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.238; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal, p. 127.

### Observações

A Capela encontra-se sob um sítio de época romana.

### Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

# FICHA DE SÍTIO

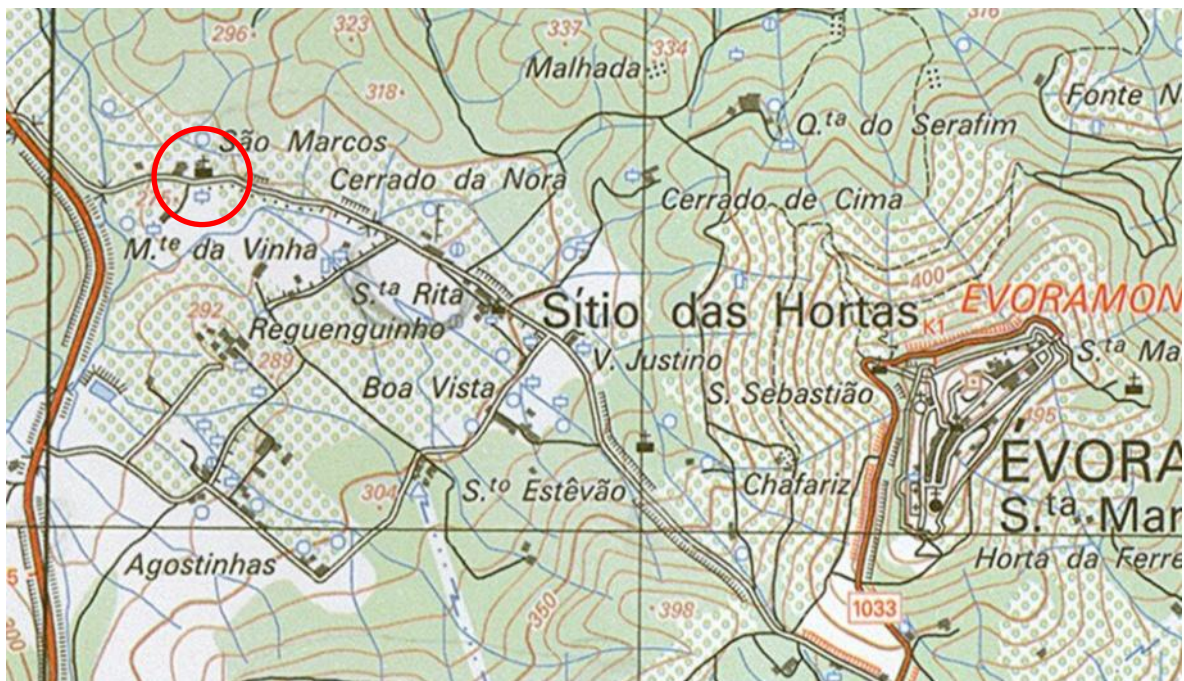


**Figura 2** - Pormenor da cúpula da Ermida



**Figura 3**- Alpendre da Ermida, em cima pormenor do teto em madeira

## Registo Cartográfico



**Mapa 1**- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Ermida de São Marcos

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **183**

Designação **Pelourinho de Evoramonte**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Evoramonte**

Topónimo

N.º IPA **3938**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **465m**

Coordenada (N) **38° 46.281'**

Coordenada (W) **007° 42.970'**

Tipo de Sítio **Pelourinho**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

Do antigo pelourinho de Evoramonte, que segundo Túlio Espanca, foi destruído em época incerta do século XIX, após a instauração definitiva do Constitucionalismo neste Reino, nada resta senão o plinto paralelepípedo de mármore, sito em frente dos antigos Paços do Concelho (Espanca, 1975, p.240). Era simplesmente um marco que simbolizava a autonomia judicial dos concelhos.

Estilisticamente apresenta sinais de ser peça do século XVI. É um bloco de silharia esquadriada, solidário com a base da coluna, em mármore branco de Estremoz, sem qualquer elemento artístico.

Acessos **Rua da Convenção, Evoramonte**

Uso do Solo **Urbano**

Conservação/Ameaças **Destruído**

## Bibliografia

Vide CHAVES, Luís (1939) - *Os Pelourinhos - Elementos para o seu Catálogo Geral*, Lisboa: [s.n.]; vd. ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 240-241; MALAFAIA, E. B. de Ataíde (1997) - *Pelourinhos Portugueses: Tentâmen de Inventário Geral*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda; RUAS, João (2006) - *Um Castelo de Histórias. Sete Séculos da História de Evoramonte*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz, p.40-41.

## Observações

Classificado IIP - Imóvel de Interesse Público,

Decreto n.º 23 122, DG, 1.ª série, n.º 231 de 11 outubro 1933

## FICHA DE SÍTIO

### Registo Fotográfico



**Figura 1 e 2** - Pelourinho de Evoramonte, de que apenas subsiste a base do fuste da coluna.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **184**

<b>Designação</b>	Paços do Concelho de Evoramonte		
<b>Distrito</b>	Évora	<b>Concelho</b>	Estremoz
<b>Freguesia/Lugar</b>	Evoramonte	<b>Topónimo</b>	
<b>CNS/N.º IPA</b>		<b>CMP 1:25 000 folha n.º</b>	425
		<b>Altitude (m)</b>	465m
<b>Coordenada (N)</b>	38° 46.283'	<b>Coordenada (W)</b>	007° 42.961'
<b>Tipo de Sítio</b>	Edifício	<b>Período Cronológico</b>	Moderno

## Descrição do Sítio

Os Paços do Concelho de Evoramonte localizam-se na Rua da Convenção. Desconhece-se a data em que o imóvel começou a servir para as sessões da Câmara de Evoramonte, mas segundo Ruas (2006), terá sido a partir do século XVI, logo após o terramoto de 1531.

Símbolo da autonomia municipal evoramontense, neste imóvel ergue-se a Torre do Relógio, estrutura de planta quadrada, telhado de quatro águas e igual número de olhais, onde se encontram dois sinos de bronze fundidos, os quais serviam para avisar a população das vereações e audiências a decorrer neste edifício.

A fachada de dois pisos possui janelas e portadas de jambas e lintel retos, com exceção do lintel da porta que permite o acesso ao piso superior, que é curvo. A encimar esta entrada temos o brasão de armas do Reino de Portugal em mármore, tendo por baixo ornatos de palma em relevo e a data de 1787 (data em que o edifício foi amplamente reparado).

Este imóvel, além das vereações, que se deviam realizar no segundo piso, servia também de prisão. Os condenados eram então presos em divisões pequenas e separadas por sexos, estando a cela masculina no rés-do-chão e a feminina no primeiro piso (Ruas, 2006, p.38).

Actualmente, neste imóvel, está instalado o Posto de Turismo de Evoramonte.

**Acessos** Rua da Convenção, Evoramonte

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 240-241; RUAS, João (2006) - *Um Castelo de Histórias. Sete Séculos da História de Evoramonte*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz, p.38-39.

## Observações

# FICHA DE SÍTIO

---

## Registo Fotográfico



**Figura 1** - Paços do Concelho: enquadramento geral

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **185**

<b>Designação</b>	Celeiro Comum de Evoramonte		
<b>Distrito</b>	Évora	<b>Concelho</b>	Estremoz
<b>Freguesia/Lugar</b>	Evoramonte	<b>Topónimo</b>	
<b>CNS/N.º IPA</b>		<b>CMP 1:25 000 folha n.º</b>	425
		<b>Altitude (m)</b>	453m
<b>Coordenada (N)</b>	38° 46.238'	<b>Coordenada (W)</b>	007° 42.985'
<b>Tipo de Sítio</b>	Armazém	<b>Período Cronológico</b>	Moderno

## Descrição do Sítio

Este imóvel possui uma fachada artisticamente pobre, destacando-se apenas a portada do século XVII/XVIII de ombreiras retas, feita em mármore da região e a inscrição que tem no seu lintel – CELEIROS DO C<sup>o</sup>MU.

Segundo António Maria do Carmo, o Celeiro Comum foi fundado a 21 de Janeiro de 1642, por alvará de D. João IV, a pedido da população evoramontense, apoiados pelo Corregedor da Comarca de Vila Viçosa (Carmo, 1916, p.12). A administração e posse deste imóvel eram propriedade da Casa de Bragança (Pestana, 1982,p.43)

O Celeiro tinha como principal função, proteger os lavradores, principalmente os que tinham culturas cerealíferas (trigo, centeio e cevada) contra danos que arruinassem a sua atividade agrícola, emprestando a crédito os seus cereais. Os lucros e os excedentes de cereais revertiam a favor do município ou da Comarca (Ruas, 2006, pp.32-33).

Esta instituição foi extinta por alvará passado a 31 de Julho de 1915, tendo os fundos aí acumulados revertido para a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Evoramonte (Carmo, *op. cit.*, 13).

Actualmente o Celeiro Comum de Evoramonte é um pequeno museus, um espaço onde podemos encontrar inúmeros peças de artesanato que veio dar vida ao Centro Histórico evoramontense.

**Acessos** Rua de Santa Maria, n.º 11, Evoramonte

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide CARMO, António Maria do (1916) - *Apontamentos para a Monografia de Évoramonte coligidos por um antigo ferroviário*. Évora: Tipografia Minerva, p.12-13; vd. ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 240-241; RUAS, João (2006) - *Um Castelo de Histórias. Sete Séculos da História de Evoramonte*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz, p.32-35.

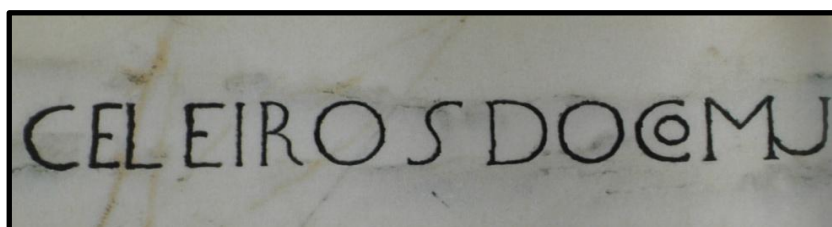
# FICHA DE SÍTIO

Observações

## Registo Fotográfico



**Figura1-** Celeiro Comum de Evoramonte: enquadramento geral



**Figura 2-** Inscrição que se encontra na porta de entrada

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **186**

Designação **Ermida de São Lourenço**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Evoramonte**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **422m**

Coordenada (N) **38° 46.854'**

Coordenada (W) **007° 45.670'**

Tipo de Sítio **Ermida**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A Ermida de São Lourenço, encontra-se situada na Herdade da Pedra Alta, muito próximo do limite do concelho de Estremoz, em tempos recuados era um lugar de muita devoção e concorrência de peregrinos do termo e de fora da área. É uma capela com características muito semelhantes à Ermida de São Marcos. Aparece ser obra de finais do século XVI ou já do século XVII, pela capela quadrada e cúpula hemisférica.

Hoje em dia, propriedade privada, caracteriza-se pelos habituais elementos contrafortados, de alvenaria, no corpo da nave; possui um alpendre, telhado de linhas radiadas, ultrapassado por um marco geodésico. A capela-mor quadrada, parece ser ainda a de origem da ermida, antecedida por arco mestre, emoldurado e apilastrado, suporta uma cúpula de meia laranja assente em trompas, abraçadas de molduras e faixas concêntricas (Espanca, 1975, p.239).

No interior conserva ainda, algumas pinturas murais. No exterior um cruzeiro, rematado por uma cruz de ferro, bastante mais recente.

Herdade da Pedra Alta, Estrada Nacional 372-1 direcção: (N18-Vimieiro), Evoramonte

## Acessos

Uso do Solo **Agrícola**

Conservação/Ameaças **Bom/ Abandono**

## Bibliografia

Vide CAEIRO, Sandra Isabel Correia (2005) - *Évora-Monte: contributos para preservar a autenticidade da sua imagem*. Évora: [s.n.]; COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.68; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.239; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia; vd. VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 127.

# FICHA DE SÍTIO

Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Aspeto exterior da Ermida



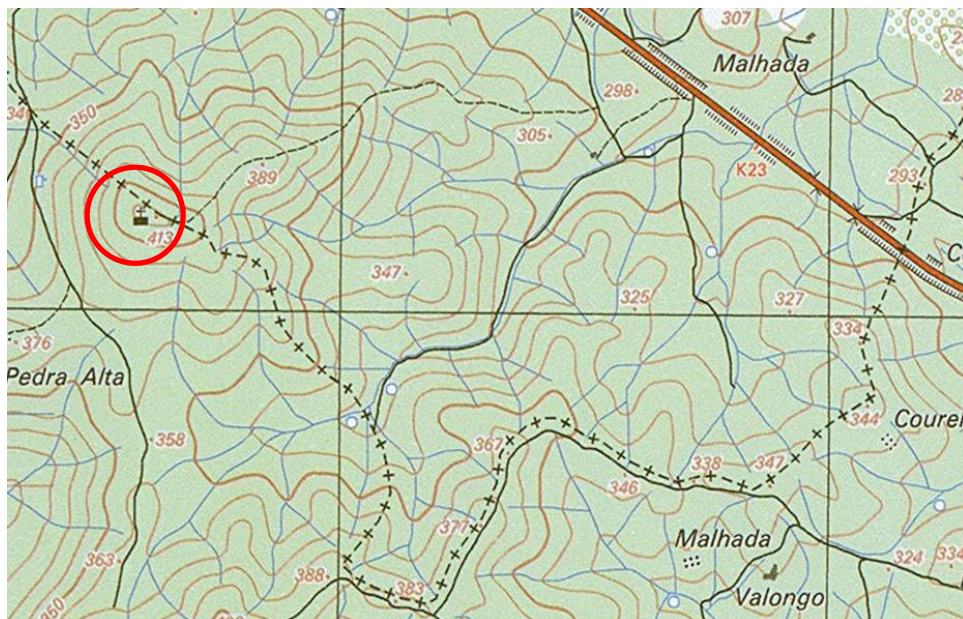
**Figura 2 (lado esquerdo)** - Pormenor da cúpula da Ermida



**Figura 3 (lado direito)** - Cruzeiro, rematado por cruz de ferro

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Ermida de São Lourenço

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **187**

Designação **Ermida de São Sebastião**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Evoramonte**

Topónimo

N.º IPA **21901**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **443m**

Coordenada (N) **38° 46.338'**

Coordenada (W) **007° 43.075'**

Tipo de Sítio **Ermida**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A Ermida de São Sebastião, apresenta aparentemente características da arquitetura barroca de transição dos séculos XVI-XVII.

Situada próximo da Porta de São Sebastião, na rampa de acesso, em terreno amplo, sofreu uma total reparação em 1779. A Capela-mor quadrada e de cúpula hemisférica, aparenta ser o elemento mais antigo do imóvel. De alvenaria caiada a branco, apresenta na sua fachada, virada a ocidente, uma empena triangular, protegida por cunhais apilastrados, dominada por uma cruz de pedra, gótica e de pontas trilobadas (Vermelho, 2004, p.127).

O presbitério, com beiral de cornija saliente, é rematado por cúpula esférica, de acabamento boleado, ao gosto popular, sem telhas.

Um especial destaque para as pinturas murais e esgrafitados da abóbada da capela-mor onde, que segundo Túlio Espanca, poderão figurar cruzes da Ordem de Malta, juntamente com outros motivos (Espanca, 1975, p.235).

Acessos **São Sebastião, Caminho Municipal 1033, (Baixa de Evoramonte - Castelo de Evoramonte), Evoramonte**

Uso do Solo **Pastoreio**

Conservação/Ameaças **Bom/ Abandono**

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.68-69; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.235; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 127.

# FICHA DE SÍTIO

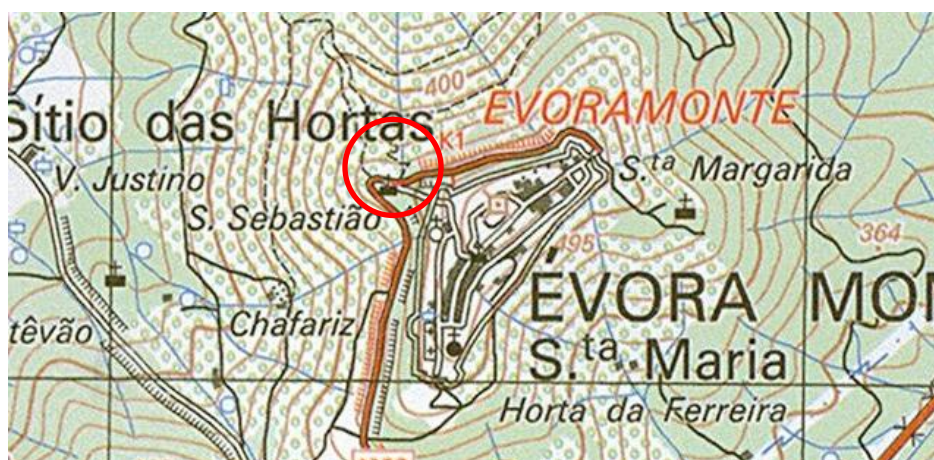
Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização da Ermida de São Sebastião de Evoramonte

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **188**

**Designação** Ermida de Santa Rita/ Hospício de Santa Rita de Cássia

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Evoramonte

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA** **CMP 1:25 000 folha n.º** 425 **Altitude (m)** 306m

**Coordenada (N)** 38° 46.390'

**Coordenada (W)** 007° 43.515'

**Tipo de Sítio** Ermida

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Fundado pela Ordem da Descalcez de Santo Agostinho de Estremoz, em 1746, durante o priorado de Fr. Domingos da Conceição, é um dos modelos tradicionais da arquitetura de Seiscentos e Setecentos. Anexado aos bens nacionais aquando da extinção das ordens religiosas em 1834, é hoje propriedade privada (Espanca, 1975, p.237).

Possuía área de repouso, residência para caseiros, adega, cavalaria e horta.

O Pátio fechado era dominado pela capela, cunhada de pilastras e acrotérios simples: tímpano triangular, centrado pela cruz. Teve alpendre, que com o passar do tempo, acabou por ruir.

Destaca-se o seu interior coberto de pinturas, características do século XVIII, onde estão representadas cenas do imaginário religioso, como Cristo Crucificado, Anjos, Santo Agostinho, Santa Mónica ou São João.

De planta retangular, alçados caiados de branco, possui capela-mor antecedida por um elegante arco mestre, com ornamentos salientes. O retábulo, de nicho envidraçado, mantém a imagem de Santa Rita de Cássia, obra de 1746.

A sacristia, abobadada e de planta quadrangular, mantém o lavabo dos finais do setecentismo, feito em mármore regional, era todo emoldurado por volutas, anjo e cruz esculpidos.

**Acessos** Na Estrada que liga Evoramonte ao Vimeiro, Estrada das Hortas, Evoramonte (a ermida encontra-se sinalizada)

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

# FICHA DE SÍTIO

Vide CAEIRO, Sandra Isabel Correia (2005) - *Évora-Monte: contributos para preservar a autenticidade da sua imagem*. Évora: [s.n.]; COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.68; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.237; GUERREIRO, Hugo Alexandre Nunes (2001) - *Evoramonte: um contributo para a sua história e património cultural edificado*. Evoramonte: Junta de Freguesia; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 127.

## Bibliografia

## Observações

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício



Figura 2, 3,4 e 5 - Interior da Ermida



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **189**

Designação **Moinho das Janelas**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Evoramonte**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **233m**

Coordenada (N) **38° 47.776'**

Coordenada (W) **007° 40.022'**

Tipo de Sítio **Moinho**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

O Moinho de rodízio, conhecido como Moinho das Janelas, era um pequeno moinho de roda horizontal, de submersão, que se encontrava edificado na margem da Ribeira de Tera. O edifício, embora bastante descaracterizado, apresenta uma planta retangular. Atualmente, encontra-se bastante arruinado e o seu interior encoberto pela vegetação, tendo-se apenas acesso à casa do moleiro, onde ainda se conservam as mós que faziam parte da moenda..

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção deste moinho de rodízio, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas, moinhos e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, e que faz referência a este engenho. Apesar de não ser um documento conclusivo, podemos ponderar que no século XVII, já estaria em laboração.

Seguir pela Estrada Nacional n.º 18 direção (Estremoz-Evoramonte), ao quilómetro 235, próximo da ponte da Ribeira de Tera, virar à esquerda em direção a uma estrada de terra batida. O moinho localiza-se junto à A6. Difícil acesso.

## Acessos

Uso do Solo **Agrícola/Pastoreio**

Conservação/Ameaças **Em perigo**

## Bibliografia

PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

## Observações

O Moinho encontra-se em elevado estado de degradação.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Vestígios de uma das mós que fazia parte da moenda.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do Moinho.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **190**

Designação **Moinho do Campo**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Evoramonte**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**425**

Altitude (m)

**231m**

Coordenada (N)

**38° 47.751'**

Coordenada (W)

**007° 39.541'**

Tipo de Sítio

**Moinho**

Período Cronológico

**Moderno**

## Descrição do Sítio

O Moinho de rodízio, conhecido como Moinho do Campo, era um pequeno moinho de roda horizontal, de submersão, que se encontrava edificado na margem da Ribeira de Tera. Esta estação de moagem era composta por moinho, pequeno açude, casa do moleiro e pela casa do forno (corpo independente).

O edifício, que se encontra relativamente em bom estado, apesar de alguma vegetação intrusiva, apresenta uma planta retangular com paredes em alvenaria de pedra e tijolo rebocadas e caiadas e telhado de uma água. A água era desviada a partir do açude e conduzida por levada para a entrada nos caboucos, em arcos de volta perfeita. O açude, que ainda hoje se conserva, alterna blocos de pedra irregular de razoável dimensão com outros mais pequenos e alguma pedra miúda, sendo provável a presença de junça como elemento consolidante da sua estrutura.

O interior do edifício encontra-se quase totalmente cheio de areia acumulada pelas cheias da ribeira, e dos mecanismos internos, pouco ou nada se conserva, à excepção de algumas pedras que faziam parte da moenda do moinho.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção deste moinho de rodízio, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas, moinhos e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, e que faz referência a este engenho. Apesar de não ser um documento conclusivo, podemos ponderar que no século XVII, já estaria em laboração.

Seguir pela Estrada Nacional n.º 18, direção (Estremoz- Evoramonte), ao quilómetro 235, virar à esquerda em direção a uma estrada de terra batida. O Moinho encontra-se a aproximadamente 200m de distância da A6. Difícil acesso.

Acessos

Uso do Solo

**Agrícola/Pastoreio**

Conservação/Ameaças

**Regular/ Abandono**

# FICHA DE SÍTIO

**Bibliografia**

PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

**Observações**

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada principal do edifício. Casa do Moleiro e forno.



**Figura 2-** Açude

# FICHA DE SÍTIO



Figura 3- Pormenor dos caboucos.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do Moinho

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **191**

Designação **Moinho da Cova Funda I**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Evoramonte**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**425**

Altitude (m)

**375m**

Coordenada (N)

**38° 46.020'**

Coordenada (W)

**007° 43.347'**

Tipo de Sítio

**Moinho**

Período Cronológico

**Indeterminado/ Moderno (?)**

## Descrição do Sítio

O Moinho da Cova Funda I, trata-se de um moinho de vento, construído em alvenaria, rebocado e caiado que terá sido restaurado no ano de 2008. Apresenta uma estrutura circular em forma de "torre", que é encimada por uma cobertura cónica (capelo), formando um beiral. A fachada principal possui uma janela no piso superior, e no piso térreo, uma porta, alinhadas verticalmente.

Em relação às dimensões gerais do moinho, estas têm de altura - 4,50m (aprox.) e de diâmetro: 4 m (aprox.). Este moinho de vento, bem como todos os outros existentes no concelho, foi concebido para funcionar em todas as direções. O capelo, atualmente em alvenaria, não corresponde ao original, que seria rotativo para adaptação do velame à direção dos ventos.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção de determinado moinho de vento, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas, moinhos e pisões que existiam no termo de Estremoz, que apesar de não ser um documento conclusivo, indica-nos que a maior dos moinhos de vento já existiam no século XVIII e avançando a hipótese sem certezas, de que no século XVII, já estariam em laboração.

Acessos

Seguir em direção ao Castelo de Evoramonte; junto da Igreja de São Pedro, virar à esquerda, seguindo a direção Sítio das Hortas; na bifurcação virar à direita, por um caminho de terra batida, o moinho encontra-se a pouco metros.

Uso do Solo

**Pastoreio**

Conservação/Ameaças

**Regular**

Bibliografia

*Inédito*

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada principal do moinho.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 425 com a localização do moinho.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **192**

Designação	Moinho da Cova Funda II		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	Evoramonte	Topónimo	
CNS/N.º IPA		CMP 1:25 000 folha n.º	439
		Altitude (m)	374m
Coordenada (N)	38° 45.990'	Coordenada (W)	007° 43.418'
Tipo de Sítio	Moinho	Período Cronológico	Indeterminado/ Moderno (?)

## Descrição do Sítio

O Moinho da Cova Funda II, trata-se de um moinho de vento, construído em alvenaria de pedra. Apresenta uma estrutura circular em forma de "torre", outrora encimada por uma cobertura cónica (capelo), que excedia o diâmetro do edifício, formando assim um pequeno beiral. O tejadilho, atualmente inexistente seria rotativo para adaptação do velame à direção dos ventos. Este moinho de vento, bem como todos os outros existentes no concelho, foi concebido para funcionar em todas as direções.

A fachada principal possui uma janela no piso superior, e no piso térreo, uma porta, alinhadas verticalmente. Este moinho conserva várias mós originais no seu exterior.

Em relação às dimensões gerais do moinho, estas têm de altura - 3m (aprox.) e de diâmetro: 3m (aprox.).

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção de determinado moinho de vento, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas, moinhos e pisões que existiam no termo de Estremoz, que apesar de não ser um documento conclusivo, indica-nos que a maior dos moinhos de vento já existiam no século XVIII e avançando a hipótese sem certezas, de que no século XVII, já estariam em laboração.

## Acessos

Seguir em direção ao Castelo de Evoramonte; junto da Igreja de São Pedro, virar à esquerda, seguindo a direção Sítio das Hortas; na bifurcação virar à direita, por um caminho de terra batida, o moinho encontra-se a pouco metros.

## Uso do Solo

Pastoreio

## Conservação/Ameaças

Regular/ Abandono

## Bibliografia

*Inédito*

## Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Fachada principal do moinho.



**Figura 2-** Vestígios de uma das mós originais do moinho.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 439 com a localização do moinho.

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **193**

**Designação**

**Distrito**  **Concelho**

**Freguesia/Lugar**  **Topónimo**

**CNS/N.º IPA**  **CMP 1:25 000 folha n.º**  **Altitude (m)**

**Coordenada (N)**  **Coordenada (W)**

**Tipo de Sítio**  **Período Cronológico**

## Descrição do Sítio

Este sítio localiza-se a cerca de 1000m do Castelo de Evoramonte, numa acentuada elevação que se destaca na paisagem, desfrutando de amplo panorama visual. Os topónimos de Atalaia remetem-nos para a presença de pontos de vigia, em contacto directo com estruturas castelares, no entanto não foi possível identificar estruturas defensivas construídas neste local. Os testemunhos artefactuais encontrados durante os trabalhos de campo foram essencialmente cerâmica comum. A área de dispersão dos materiais é de cerca de 400 m<sup>2</sup>.

**Acessos**

**Uso do Solo**  **Conservação/Ameaças**

**Bibliografia**

**Observações**

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Gráfico

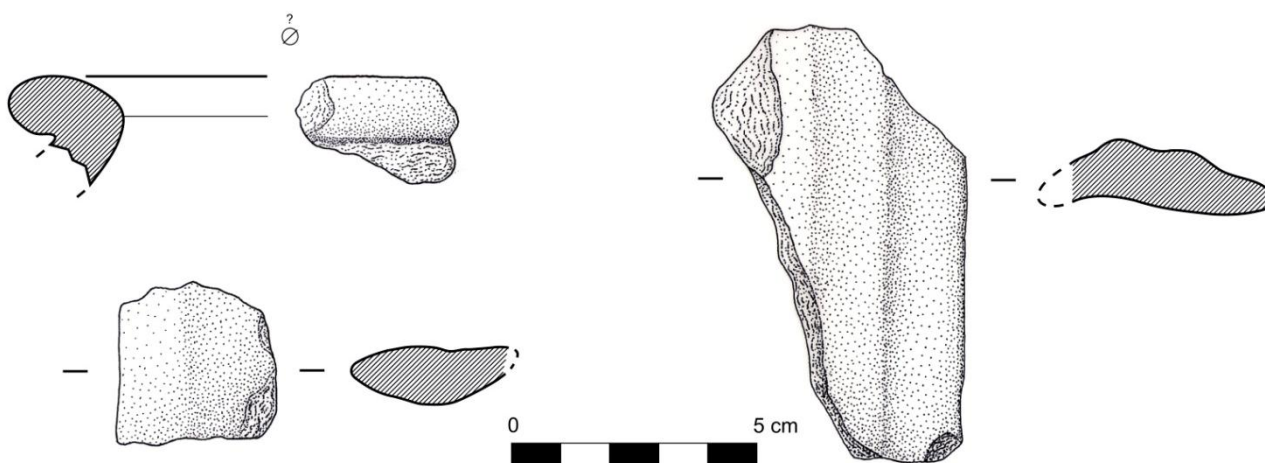
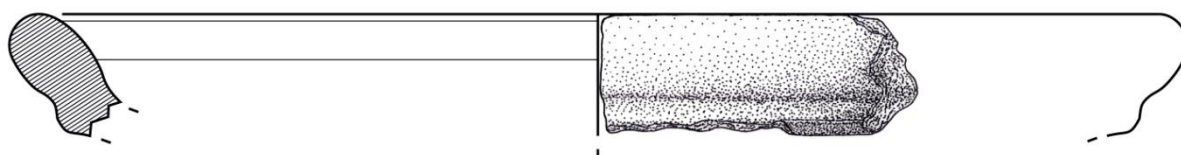
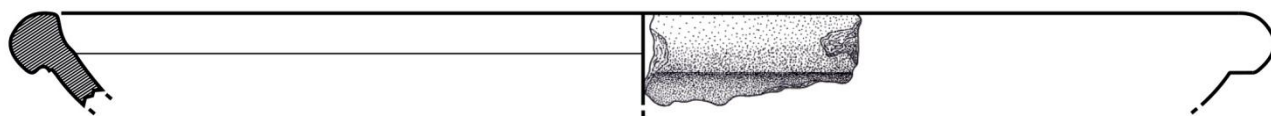
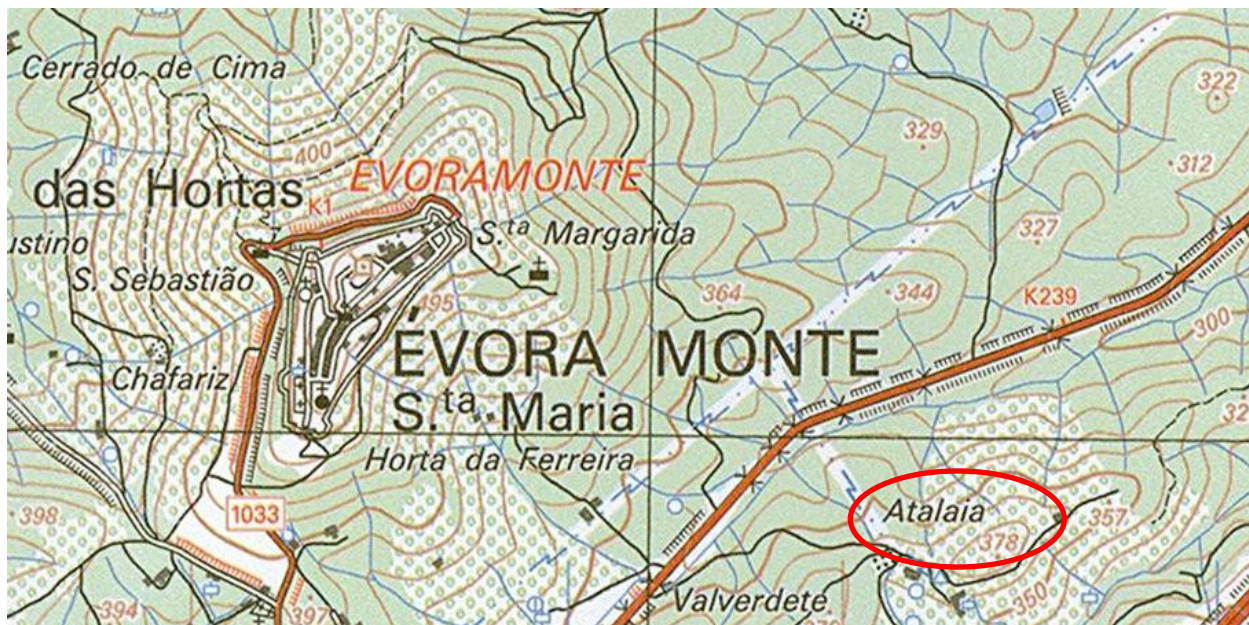


Figura 1- Fragmentos cerâmicos identificados nos trabalhos de prospeção

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 2- Pormenor da carta militar nº425 com a localização do sítio

**GLÓRIA**



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **194**

**Designação** Cortes

**Distrito** Évora **Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Glória **Topónimo** Cortes

**CNS** 19650 **CMP 1:25 000 folha n.º** 439 **Altitude (m)** 406m

**Coordenada (N)** 38° 44.832' **Coordenada (W)** 007° 38.253'

**Tipo de Sítio** Fortim **Período Cronológico** Romano

## Descrição do Sítio

O Fortim das Cortes foi inicialmente englobado por Manuel Calado, no conjunto dos "recintos ciclópicos" (Calado, 1994, p.95); no entanto, Rui Mataloto, não rejeita esta hipótese, no entanto caracteriza este sítio como "fortim" (Mataloto, 2002, p.172).

O Fortim das Cortes "implanta-se num destacado esporão que domina visualmente o vale homónimo, situado na encosta Norte da serra d'Ossa; sendo um dos pontos privilegiados de passagem da serra no sentido N-S, poderá aí resultar a sua instalação neste local. No topo do esporão encontra-se uma estrutura de planta quadrangular com 12 m de lado, construída em grandes blocos de xisto, cujos muros exteriores apresentam perto de 0,90 m de espessura e 1m de altura máxima visível. Em torno desta estrutura principal desenvolvem-se duas plataformas artificiais, visíveis apenas nas encostas mais declivosas - Norte, Sul e Este - que visam, certamente, ampliar a reduzida área habitável" (Mataloto, 2002, p.173).

No trabalho de campo efetuado ao local, foi possível identificar restos da estrutura de planta quadrangular, referida anteriormente e alguns materiais, embora em número muito reduzido, nomeadamente fragmentos de grandes contentores.

**Acessos**

A 6km da Estrada Nacional n.º 381, na cota mais alta, próximo Monte das Cortes (difícil acesso)

**Uso do Solo**

Montado

**Conservação/Ameaças**

Regular/ Florestação

**Bibliografia**

Vide MATALOTO, Rui (2002) - Fortins e recintos-torre do Alto Alentejo: antecâmara da "romanização" dos campos. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 172-173; CALADO, M. (1994) - Recintos ciclópicos do Alentejo central. In *A Cidade de Évora*. Évora. 2ª Série. 1, p-275-285.

**Observações**

# FICHA DE SÍTIO

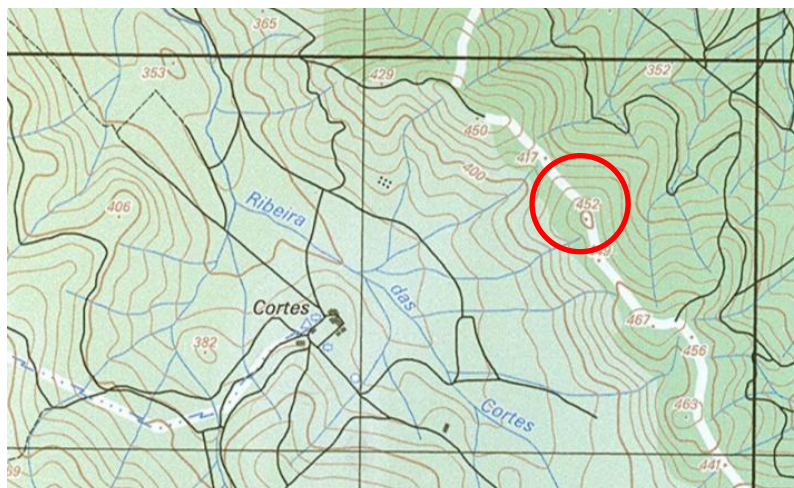
## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Vista do lado Oeste da estrutura principal das Cortes

*Fonte:* MATALOTO, Rui (2002) - Fortins e recintos-torre do Alto Alentejo: antecâmara da "romanização" dos campos. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 439 com a localização do Fortim das Cortes

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **195**

Designação Casas do Canal 7

Distrito Évora

Concelho Estremoz

Freguesia/Lugar Glória

Topónimo

CNS 8514

CMP 1:25 000 folha n.º 425

Altitude (m) 275m

Coordenada (N) 38° 46.069'

Coordenada (W) 007° 36.781'

Tipo de Sítio Sepultura

Período Cronológico Romano

## Descrição do Sítio

Segundo dados do IGESPAR, trata-se de uma "sepultura de estrutura individual construída com diversas lajes brancas da região aparelhadas nas faces visíveis, formando uma caixa paralelepípedica fechada no sentido transversal por um ferro que encaixava em outros dois colocados verticalmente". Após a limpeza e decapagem dos primeiros 10cm, foi detetado que uma das lajes laterais longitudinais havia sido furtada e começando a aparecer alguns ossos humanos. A tampa da sepultura encontra-se atualmente na posse do Sr. Engº Ernesto Goes e não possuía qualquer inscrição. Na área envolvente existem fragmentos de cerâmica manual e cerâmica de construção: *tegulae*, *imbrices* e tijolos

A sepultura terá sido descoberta no decorrer dos trabalhos mecânicos de preparação do terreno no âmbito do protocolo IPPAR/PORTUCEL.

Surgem algumas notícias dispersas, que podem estar relacionadas com esta descoberta: "O que há de antiguidade conhecida, é terem aparecido, no Canal, restos romanos: aureos, argenteos, argolas de ouro (pulseiras), e instrumentos de ferro (ferramental)" (Chaves, 1917, p.224). Para além desta referência também Abreu e Jaffe (1993), documentam a presença romana neste local "Por outro lado na freguesia do Canal, sempre na propriedade da Fundação Bragança foi-nos mostrada uma sepultura rectangular, feita com blocos de mármore bem talhados e que é muito provavelmente também de época romana. À sua volta, encontramos em total estado de abandono, alguns fragmentos de mármore e até cerâmica. Pensamos que talvez não se tratar de uma sepultura isolada mas de uma verdadeira necrópole".

Até ao momento apenas foi aqui recenseada uma sepultura, pelo que estas informações podem estar ou não relacionadas com esta descoberta.

Acessos Estrada Nacional n.º 381 (direcção Estremoz- Redondo), Casas do Canal, Glória

Uso do Solo Florestal

Conservação/Ameaças Destruído

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide ARNAUD, J., MARTINS, A., RAMOS, C. (1990) - *Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do protocolo estabelecido entre o IPPAR e a Portucel*. Lisboa: IGESPAR; DUARTE, Cidália (1996) - Sepultura romana das Casas do Canal (Estremoz): estudo bio-antropológico. In *Vipasca*. Aljustrel. 5, p. 121-125.

## Observações

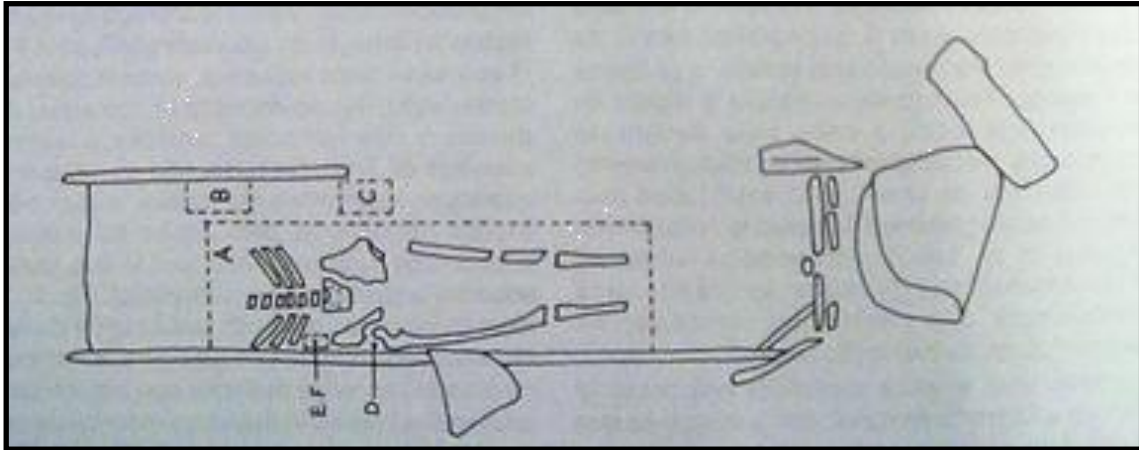
Identificação da Sepultura:

**Tipo de Trabalho:** Prospeção

**Ano do Trabalho:** 1992

**Data de Início:** 01/01/1992 **Data de Fim:** 31/12/1992

## Registo Fotográfico



**Foto 1** - Sepultura identificada

*Fonte:* DUARTE, Cidália (1996) - Sepultura romana das Casas do Canal (Estremoz): estudo bio-antropológico. In *Vipasca*. Aljustrel. 5, p. 121-125

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **196**

Designação **Alpalhão**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Glória**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**426**

Altitude (m)

**417m**

Coordenada (N)

**38° 48.623'**

Coordenada (W)

**007° 32.852'**

Tipo de Sítio

**Villa (?) / Casal (?)**

Período Cronológico

**Romano**

## Descrição do Sítio

O sítio foi identificado num estudo de impacto ambiental (EIA - A6 - sublanços Estremoz/Borba e Elvas - Ecosistema): "trata-se de uma villa romana, situada no cimo de uma pequena encosta; foi detectada uma grande quantidade de materiais cerâmicos, comuns e *sigillata*, e de construção; não são visíveis estruturas à superfície." (Processo IPA 99/1(99): EIA - A6 - sublanços Estremoz/Borba e Elvas - Ecosistema, 1996, p. 88).

Na visita efetuada ao terreno, podemos confirmar a presença de vestígios de superfície, nomeadamente materiais de construção e cerâmica comum.

Acessos

**Estrada Municipal 508, direcção Estremoz- Glória, do lado esquerdo, junto à A6.**

Uso do Solo

**Agrícola**

Conservação/Ameaças

**Regular/Agricultura**

Bibliografia

*Vide CARNEIRO, André (2011) - Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia. Vol. II. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora, p. 185.*

Observações

**Processo IPA 99/1(99): EIA - A6 - sublanços Estremoz/Borba e Elvas - Ecosistema, 1996 (p. 88).**

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **197**

**Designação** Cerca

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Glória

**Topónimo**

**CNS** 5301

**CMP 1:25 000 folha n.º** 439

**Altitude (m)**

**Coordenada (N)** 38° 45.466'

**Coordenada (W)** 007° 35.673'

**Tipo de Sítio** Vestígios Diversos

**Período Cronológico** Romano

## Descrição do Sítio

O sítio não foi relocalizado durante os trabalhos de campo, no entanto num artigo de Saavedra Machado, é feita uma pequena referência a "investigações arqueológicas", "Em várias estações romanas, nos arredores de Estremoz", nomeadamente em "Cerca" (Machado,1964, p.112-113). Este sítio encontra-se registado em PDM, como tendo sido identificados neste local, vestígios pertencentes à época romana.

O local não possui coordenadas, pelo que não foi possível a sua relocalização. No entanto, nas proximidades da freguesia da Glória existe o topónimo "Monte da Cerca", esta área foi percorrida na tentativa de encontrar vestígios de superfície, todavia nada foi identificado.

**Acessos**

Estrada Nacional 381 - direcção Estremoz-Redondo, Monte da Cerca

**Uso do Solo**

Agrícola

**Conservação/Ameaças**

**Bibliografia**

PDM Estremoz

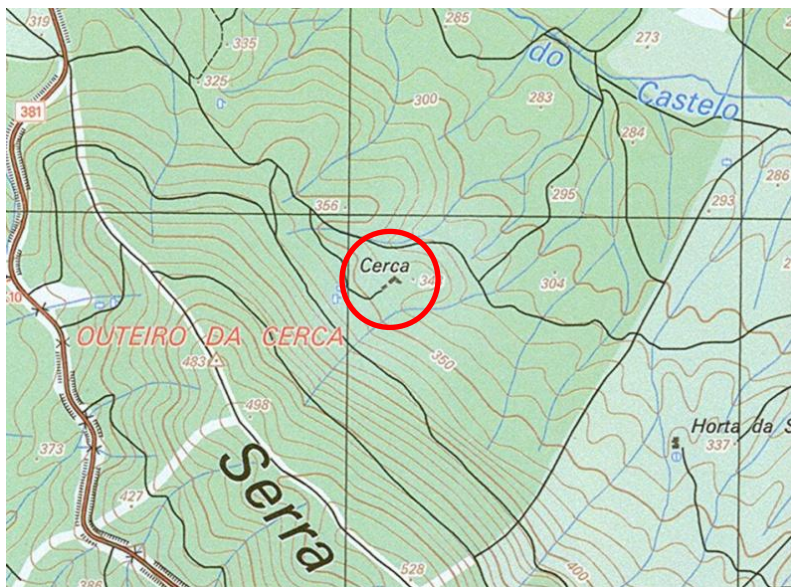
Vide MACHADO, Saavedra (1964) - Subsídios para a História do Museu Etnológico do Doutor Leite Vasconcelos. In *Archeologo Português*. N.s. Vol. 5. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

**Observações**

O local não foi relocalizado.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 439 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **198**

Designação Mourinhos

Distrito Évora

Concelho Estremoz

Freguesia/Lugar Glória/ Aldeia de Mourinhos

Topónimo

CNS 5297

CMP 1:25 000 folha n.º 426

Altitude (m)

Coordenada (N) 38° 47.855'

Coordenada (W) 007° 32.723'

Tipo de Sítio Vestígios Diversos

Período Cronológico Romano

## Descrição do Sítio

O sítio não foi relocalizado durante os trabalhos de campo, no entanto num artigo de Saavedra Machado, é feita uma pequena referência a "investigações arqueológicas", "Em várias estações romanas, nos arredores de Estremoz", nomeadamente em "Mourinhos" (Machado, 1964, p.112-113). Este sítio encontra-se registado em PDM, como tendo sido identificados neste local, vestígios pertencentes à época romana.

Não se conhece nenhum Mourinhos na zona. Todavia, nas proximidades da freguesia da Glória (CMP 426) encontra-se o lugar Aldeia de Mourinhos. O local registado não apresenta coordenadas, pelo que não foi possível a sua relocalização.

Acessos Glória

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

## Bibliografia

Vide MACHADO, Saavedra (1964) - Subsídios para a História do Museu Etnológico do Doutor Leite Vasconcelos. In *Archeologo Português*. N.s. Vol. 5. Lisboa: Museu Ethnographico Português.

## Observações

O local não foi relocalizado.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº426 com a localização toponímica do sítio

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **199**

**Designação** Convento de Santo Antão de Vale de Infante da Serra D'Ossa/ Hospício

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Glória

**Topónimo** Vale de Infante

**CNS/N.º IPA** **CMP 1:25 000 folha n.º** 439 **Altitude (m)** 409m

**Coordenada (N)** 38° 44.790'

**Coordenada (W)** 007° 35.863'

**Tipo de Sítio** Mosteiro/Capela/Fonte

**Período Cronológico** Medieval Cristão/Moderno

## Descrição do Sítio

O Convento de Santo Antão de Vale da Infante da Serra de Ossa era masculino, e pertencia à Ordem dos Eremitas de São Paulo, Primeiro Eremita. Também era conhecido por Mosteiro de Santo Antão de Vale de Infante ou Vale de Lázaro da Serra de Ossa.

As primeiras notícias da presença de homens da pobre vida neste local remontam apenas a 1366, ano em que Gil Afonso, vassalo do infante D. Fernando e Maria Afonso, sua mulher, moradores em Estremoz, doaram diversas casas e terras na Serra de Ossa a Mateus e seus companheiros pobres. Em 1577, D. Sebastião pernitoou neste mosteiro antes de partir para África (Espanca, 1975, p.246).

O convento foi reconstruído em 1578 e a igreja conventual reformada em 1798.

O aglomerado construtivo, agora casa de habitação, conserva parcialmente, os volumes externos da arquitetura rural, civil e religiosa da região, dos séculos XVI e XVII. Voltado a ocidente, possui ainda uma porta (entrada da capela) de ombreiras e lintel granítico, onde é possível ver a seguinte inscrição: LOVVADO + IHS•XPO•P•S; sobrepujante podemos ver ainda a marca de posse do edifício: D•B• (Duque de Bragança).

O casario é fortemente amparado por gigantes de alvenaria, possui um terreiro espaçoso, composto por bancos de repouso, tanques, canteiros, e uma fonte de arco abatido, com a seguinte inscrição: I H S • A M •.

Em 1834, no âmbito da "Reforma geral eclesiástica" empreendida pelo Ministro e Secretário de Estado, Joaquim António de Aguiar, executada pela Comissão da Reforma Geral do Clero (1833-1837), pelo Decreto de 30 de Maio, foram extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas de religiosos de todas as ordens religiosas, ficando as de religiosas, sujeitas aos respetivos bispos, até à morte da última freira, data do encerramento definitivo.

**Acessos** Estrada Nacional 381 - direcção Estremoz-Redondo -; Vale de Infante

# FICHA DE SÍTIO

<b>Uso do Solo</b>	Agrícola/ Pastoreio	<b>Conservação/Ameaças</b>	Bom/ Sem ameaças
<b>Bibliografia</b>	Vide ESPANCA, Túlio (1975) - <i>Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)</i> , vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.245-246.		
<b>Observações</b>	O Mosteiro é propriedade privada, servindo de casa de habitação.		

## Registo Fotográfico



Figura 1- Aspeto exterior do Mosteiro



Figura 2 - Inscrição que se encontra numa das portas do Convento

# FICHA DE SÍTIO

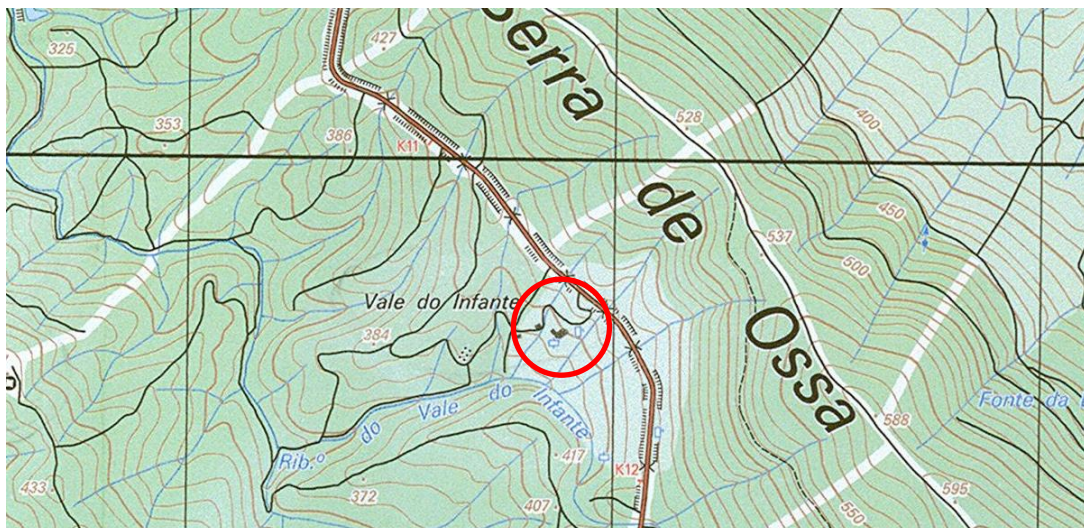


Figura 3- Porta da capela do Convento



Figura 4 e 5- Fonte do Convento de Santo Antão, pormenor da inscrição da fonte

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 439 com a localização do Convento/Mosteiro de Santo Antão de Vale de Infante

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Na Carta de Frei Martinho publicada na *Crónica dos Eremitas da Serra de Ossa*, em meados do século XVIII, o texto refere a existência de um conjunto de 22 cenóbios dispersos pela Serra D'Ossa, alguns já desaparecidos na época em que esta obra foi redigida, assim como inúmeros eremitérios escavados na rocha.

O local identificado como eremitério, é até ao momento, o único conjunto que se conhece. Trata-se de um conjunto de quatro grutas, abertas no xisto, uma delas totalmente soterrada, localizadas em plena Serra D'Ossa, num local ermo e longe da povoação; é possível, que este local tenha sido utilizado como refúgio de vários anacoretas.

Os cronistas paulistas fazem retroceder as origens do eremitismo na serra de Ossa aos finais do séc. XI, com a presença neste ermo de quatro anacoretas, Gil, Bento, Lázaro e Abraão, os dois últimos dos quais estariam na origem do nome dos Ermitérios de Vale de S. Lázaro (posterior Vale de Infante) e Vale Abraão (Franco, 2010, p.152). Embora todos estes indícios apontem para a possibilidade da existência de Eremitas na serra de Ossa e em outras regiões do Alentejo desde finais do século XI, os documentos mais antigos conhecidos sobre o assunto datam apenas da segunda metade do séc. XIV (1366). (Franco, 2010, p.152).

Posto isto, é possível, que este local tenha sido ocupado entre o século XII/XIII, ainda que não existam dados que o comprovem.

## FICHA DE SÍTIO

### LEGENDA TIPOLOGICA

<b>N- Número do Eremitério</b>	<b>M- Rocha de base</b>
Eremitério 1	1- xisto
<b>S- Situação do Eremitério</b>	<b>A- Área</b>
1- em grupo de dois/três ou mais	0- afloramento
<b>CS- Conservação</b>	<b>IG- Implantação geográfica</b>
0- Entrada conservada	1- encosta
<b>O- Orientação</b>	5- local ermo
4- Noroeste	7- junto a caminhos
<b>Al- Altura máxima interior</b>	<b>G- Grafitos</b>
1,30m	não apresenta
<b>AIE- Altura da entrada</b>	<b>OB- Observações</b>
1m	Possui uma pequena fresta a meio da gruta
<b>L- Largura máxima interior</b>	
2,40m	
<b>LE- Largura da entrada</b>	
2m	
<b>Pf- Profundidade</b>	
5m (mas prolonga-se)	

### LEGENDA TIPOLOGICA

<b>N- Número do Eremitério</b>	<b>M- Rocha de base</b>
Eremitério 2	1- xisto
<b>S- Situação do Eremitério</b>	<b>A- Área</b>
1- em grupo de dois/três ou mais	0- afloramento
<b>CS- Conservação</b>	<b>IG- Implantação geográfica</b>
1- Atulhado	1- encosta
<b>O- Orientação</b>	5- local ermo
4- Noroeste	7- junto a caminhos
<b>Al- Altura máxima interior</b>	<b>G- Grafitos</b>
Não foi possível determinar	não apresenta
<b>AIE- Altura da entrada</b>	<b>OB- Observações</b>
Não foi possível determinar	
<b>L- Largura máxima interior</b>	
Não foi possível determinar	
<b>LE- Largura da entrada</b>	
1,82m	
<b>Pf- Profundidade</b>	
Não foi possível determinar	

## FICHA DE SÍTIO

### LEGENDA TIPOLOGICA

<b>N- Número do Eremitério</b> Eremitério 3	<b>M- Rocha de base</b> 1- xisto
<b>S- Situação do Eremitério</b> 1- em grupo de dois/três ou mais	<b>A- Área</b> 0- afloramento
<b>CS- Conservação</b> 0- Entrada conservada	<b>IG- Implantação geográfica</b> 1- encosta
<b>O- Orientação</b> 4- Noroeste	5- local ermo 7- junto a caminhos
<b>Al- Altura máxima interior</b> 1,14m	<b>G- Grafitos</b> não apresenta
<b>AIE- Altura da entrada</b> 1m	<b>OB- Observações</b>
<b>L- Largura máxima interior</b> 2,30m	
<b>LE- Largura da entrada</b> 2m	
<b>Pf- Profundidade</b> 8m (mas prolonga-se)	

### LEGENDA TIPOLOGICA

<b>N- Número do Eremitério</b> Eremitério 4	<b>M- Rocha de base</b> 1- xisto
<b>S- Situação do Eremitério</b> 1- em grupo de dois/três ou mais	<b>A- Área</b> 0- afloramento
<b>CS- Conservação</b> 0- Entrada conservada	<b>IG- Implantação geográfica</b> 1- encosta
<b>O- Orientação</b> 4- Noroeste	5- local ermo 7- junto a caminhos
<b>Al- Altura máxima interior</b> 1,25m	<b>G- Grafitos</b> não apresenta
<b>AIE- Altura da entrada</b> 1,20m	<b>OB- Observações</b>
<b>L- Largura máxima interior</b> 1,80m	
<b>LE- Largura da entrada</b> 1,65m	
<b>Pf- Profundidade</b> 6m	

# FICHA DE SÍTIO

## Acessos

Difícil acesso. Seguir pela Estrada Nacional N.º 381, direcção Estremoz-Redondo, ao quilómetro 10. A partir daí seguir coordenadas GPS pedestre. Aproximadamente duas horas de caminho.

## Uso do Solo

Florestal

## Conservação/Ameaças

Mau/ Erosão

## Bibliografia

Inédito

## Observações

Coordenadas:

Eremitério 1 - N 38° 44. 279' / W 007° 36. 870' (altitude- 454m)

Eremitério 2 - N 38° 44.278' / W 007° 36. 871' (altitude- 455m)

Eremitério 3 - N 38° 44.777 / W 007° 36. 876' (altitude - 452m)

Eremitério 4 - N 38° 44.276' / W 007° 36. 877' (altitude - 451m)

## Registo Fotográfico



Figura 1- Enquadramento geral do sítio

# FICHA DE SÍTIO



Figura 2- Entrada Eremitério 1



Figura 3- Interior Eremitério 1

## FICHA DE SÍTIO



**Figura 4-** Entrada Eremitério 2, atulhado



**Figura 5-** Entrada Eremitério 3

## FICHA DE SÍTIO



Figura 6- Interior Eremitério 3



Figura 7- Entrada Eremitério 4

## FICHA DE SÍTIO



**Figura 8-** Interior do Eremitério 4

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **201**

Designação	Igreja de Nossa Senhora da Glória		
Distrito	Évora	Concelho	Estremoz
Freguesia/Lugar	Glória	Topónimo	
CNS/N.º IPA		CMP 1:25 000 folha n.º	426
		Altitude (m)	336m
Coordenada (N)	38° 47.701'	Coordenada (W)	007° 33.597'
Tipo de Sítio	Igreja	Período Cronológico	Moderno

## Descrição do Sítio

Situada já bem próxima da Serra D'Ossa, a igreja de Nossa Senhora da Glória foi fundada em época desconhecida. A primeira referência à sua existência chega-nos através da Visitação Episcopal de 1534 (Espanca, 1975, p.242).

A fachada da Igreja possui um alpendre quadrangular de três arcos redondos, de frontaria simples, tem no cimo da fachada, uma cruz de mármore datada de 1740. Aparentemente do século XVII, subsiste ainda o cruzeiro, ornamentado na base de crânios. O campanário da igreja ergue-se no lado setentrional, tendo junto a ele, umas pequenas escadas que dão acesso à torre sineira.

Internamente, a Igreja é também muito simples, com alguns altares que aparentemente foram executados no século XIX. A capela-mor é a parte mais antiga do edifício (XVI), antecedida por arco mestre redondo e de cobertura de um só tramo de cruzamento nervurado e aresta viva. A pia batismal é também de mármore, seiscentista, lisa e simples (Mendeiros, 2001, p.123).

Os altares colaterais são dedicados, do lado do Evangelho, a Nossa Senhora do Rosário; nas mísulas, Nossa Senhora da Conceição e S. João Baptista; do lado da Epístola; o Altar das Almas.

Acessos

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.148-149; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 242-243; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.18; MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 123- 124.

# FICHA DE SÍTIO

Observações

## Registo Fotográfico



**Figura 1** - Fachada do Edifício



**Figura 2** - Pormenor da decoração da base do cruzeiro



**Figura 3** - Cruz da fachada da Igreja (século XVIII)

# FICHA DE SÍTIO



**Figura 4 (lado esquerdo)**- Pormenor do campanário da Igreja

**Figura 5 (lado direito)**- Alçado lateral da Igreja, mostrando uma das cruzes.

## Registo Cartográfico



**Mapa 1**- Pormenor da carta militar n° 426 com a localização da Igreja de Nossa Senhora da Glória

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **202**

Designação **Pelourinho de Canal**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Glória**

Topónimo **Canal/ Casas**

N.º IPA **3936**

CMP 1:25 000 folha n.º **425**

Altitude (m) **349m**

Coordenada (N) **38° 46.161'**

Coordenada (W) **007° 36.310'**

Tipo de Sítio **Pelourinho**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

O curioso monumento, certamente símbolo de posse senhorial dos duques da Casa de Bragança, localiza-se no lugar Monte das Casas, pertencente à freguesia da Glória. Estará ligado ao território do Canal, que tem gerado bastantes discussões quanto ao facto de ter sido ou não um Concelho, à semelhança de Redondo, Estremoz e Evoramonte, seus vizinhos.

Trata-se de um pelourinho bastante simples, constituído apenas por uma base larga e alta, sem degraus. A superfície é lajeada e as faces caiadas sobre a qual assenta o conjunto de base, coluna e remate, sem capitel. A coluna é de fuste cilíndrico, ligeiramente mais estreita no topo, e encimada por esfera lisa, assente diretamente sobre o fuste. É rematado por uma cruz de ferro muito simples, tendo possuído em tempos uma bandeirola de catavento. Por ser um monumento que possui poucos elementos artísticos, é difícil atribuir-lhe uma data específica. No entanto, Túlio Espanca refere que apresenta características de inícios do século XVI, podendo ter sido construído nesta época (Espanca, 1975, p.245).

Acessos **Monte das Casas, Canal, Glória**

Uso do Solo **Florestal**

Conservação/Ameaças **Bom/ Abandono**

## Bibliografia

Vide CHAVES, Luís (1939) - *Os Pelourinhos - Elementos para o seu Catálogo Geral*, Lisboa: [s.n]; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 245; MALAFAIA, E. B. de Ataíde (1997) - *Pelourinhos Portugueses: Tentâmen de Inventário Geral*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda; VERMELHO, Joaquim (2004) - *Ler nas pedras*. Estremoz: Câmara Municipal. p. 155-156.

## Observações

Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público  
Decreto n.º 23 122, DG, I Série, n.º 231, de 11-10-1933

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Pelourinho de Canal: vista geral



Figura 2- Pormenor dos elementos decorativos

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar n° 425 com a localização do Pelourinho de Canal

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **203**

**Designação** Ermida de São Gens

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Glória

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA** **CMP 1:25 000 folha n.º** 439 **Altitude (m)** 649m

**Coordenada (N)** 38° 44.366'

**Coordenada (W)** 007° 35.029'

**Tipo de Sítio** Ermida

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

A Ermida de São Gens situa-se, estranhamente, a meio da divisão geográfica municipal dos concelhos de Redondo e Estremoz, no ponto mais alto da Serra D'Ossa. Segundo a tradição renascentista, teria existido neste local um templo dedicado à Deusa Vénus, o mítico Monte de Vénus.

Apresentando características da arquitetura religiosa do século XVII, está orientada a ocidente e divide-se por um corpo principal de pórtico apenas de uma arcada redonda, para evitar a violência dos temporais. Possuía um alpendre abobadado, hoje inexistente, e um frontão triangular, com um óculo.

O interior da ermida, é composto por nave retangular; na capela-mor antecedida por arco mestre redondo, existiam algumas pinturas a fresco, hoje perdidas. A Ermida, encontra-se em ruínas, possui um marco geodésico no topo e encontra-se ladeada por uma “floresta” recente de antenas de telecomunicações.

**Acessos** Estrada Nacional 381 - direcção Estremoz-Redondo -; São Gens

**Uso do Solo** Florestal

**Conservação/Ameaças** Em perigo

**Bibliografia** Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.146; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.246-247.

**Observações** A Ermida encontra-se em elevado estado de ruína.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Aspeto exterior da Ermida



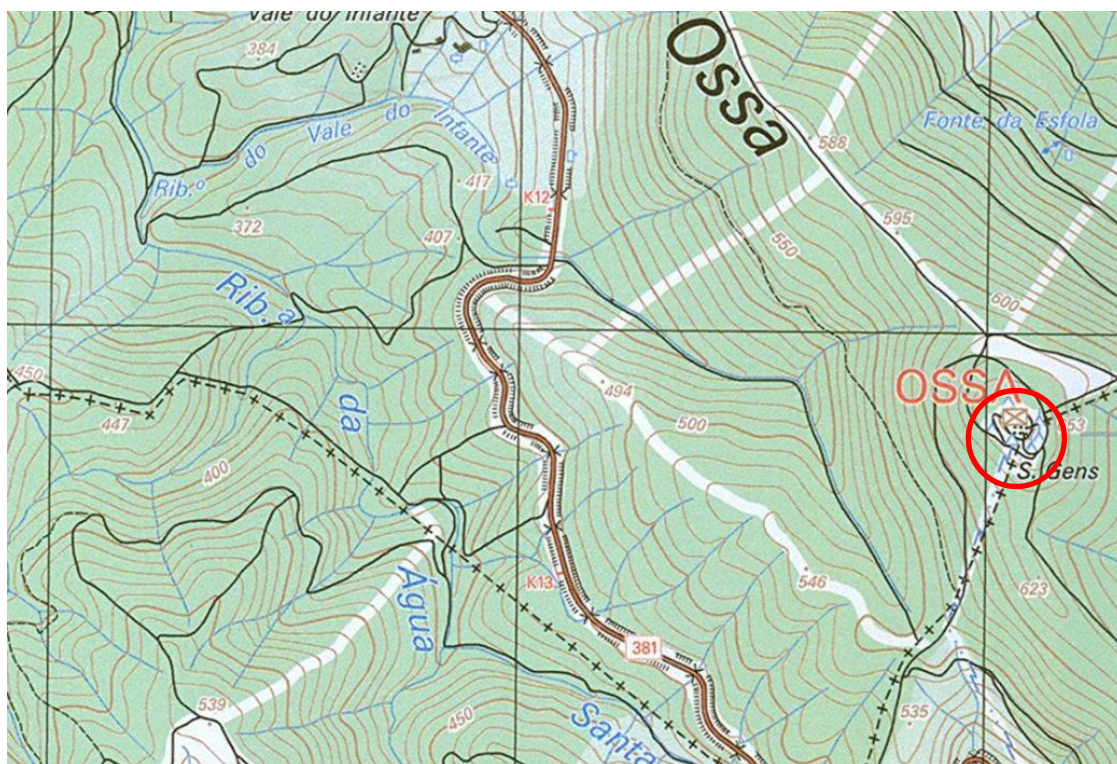
**Figura 2 -** Interior da Capela

# FICHA DE SÍTIO



Figura 3- Alçado lateral da Ermida

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 439 com a localização da Ermida de São Gens

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **204**

**Designação** Igreja de Nossa Senhora das Relíquias do Canal

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Glória/Canal

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA** **CMP 1:25 000 folha n.º** 439 **Altitude (m)** 306m

**Coordenada (N)** 38° 45.906'

**Coordenada (W)** 007° 36.467'

**Tipo de Sítio** Igreja

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Situada na Herdade das Casas, pertencente à Casa de Bragança, em plena Serra D'Ossa, desconhece-se qualquer referência à data da fundação da Igreja, sabendo-se apenas, que já existia em 1534, aquando da visitação eclesiástica eborense. Nesse mesmo ano, o visitador ordenou grandes reparações no edifício, o que supõe que a igreja já teria origens mais antigas (Espanca, 1975, p.244).

O edifício atual, conserva características da arquitetura religiosa rural do século XVII, e acrescentos do século XVIII. Anexado a este, encontramos o cemitério.

A fachada da Igreja possui, empena circular, com uma decoração ovoide; uma porta de mármore e por cima desta, um janelão gradeado, que ilumina a nave.

Nas traseiras do edifício, podemos encontrar ainda um cruzeiro. No adro da igreja, existia outro em calcário, com a sigla INRI, com crânios esculpidos, hoje existem apenas vestígios.

O interior do edifício é modesto, a capela-mor de planta quadrangular, com alçados caiados de branco, é aberta por arco redondo e teto abatido, decorado a tinta-de-água; possui um nicho setecentista sobre o altar onde estaria a imagem de Nossa Senhora das Relíquias. Nas mísulas laterais, duas imagens renascentistas: Nossa Senhora das Neves com o Menino, do lado do Evangelho, e Santo António de Lisboa, do lado da Epístola.

Atualmente, encontra-se em elevado estado de degradação e abandono; no interior já não possui pia sacramental, nem qualquer outro elemento marmoreado.

Próximo da Herdade da Fazenda, Estrada Nacional 381, Canal, Glória

**Acessos**

**Uso do Solo** Pastoreio

**Conservação/Ameaças** Regular/ Abandono

# FICHA DE SÍTIO

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p.144-145; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p. 243-245; LOURO, P. Henrique da Silva (1934) - *Freguesias e Capelas Curadas da Arquidiocese de Évora: séculos XII a XX*. Évora: Gráfica Eborense, p.29; vd. MENDEIROS, José Filipe (2001) - *Património Religioso de Estremoz*. Estremoz: Gráfica Eborense, p. 119- 120.

## Observações

A igreja encontra-se parcialmente abandonada.

## Registo Fotográfico



Figura 1- Fachada do Edifício



Figura 2- Campanário



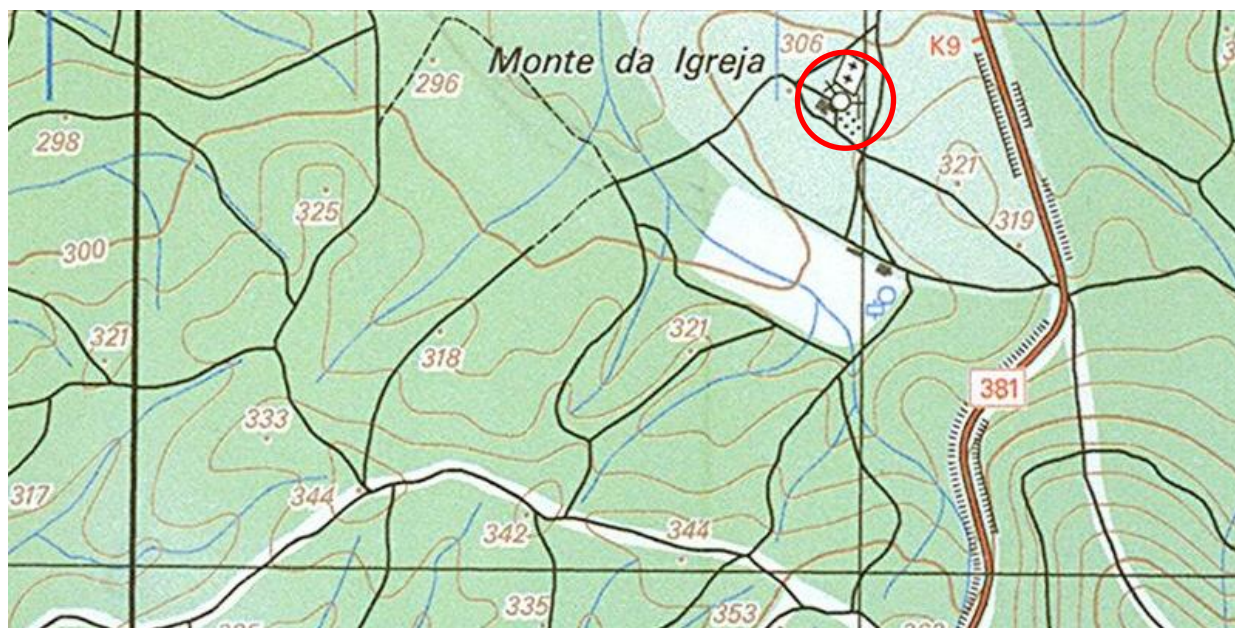
Figura 3- Decoração da fachada da Igreja

# FICHA DE SÍTIO



Figura 4- Vestígios do que resta do cruzeiro, traseiras da Igreja

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 439 com a localização da Igreja de Nossa Senhora das Relíquias do Canal

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **205**

**Designação** Ermida de Nossa Senhora da Conceição

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Glória/Monte das Cortes

**Topónimo** Cortes

**CNS/N.º IPA**  **CMP 1:25 000 folha n.º** 439 **Altitude (m)** 388m

**Coordenada (N)** 38° 44.674'

**Coordenada (W)** 007° 37.887'

**Tipo de Sítio** Ermida

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

Integrada no Monte das Cortes, antigo feudo da ordem dos eremitas de S. Paulo, a Ermida de Nossa Senhora da Conceição, aparentemente apresenta características de inícios do século XVIII.

Implantada num alto de um cabeço, no meio do casario, de frontaria dirigida a sul e com alçados de alvenaria comum da região, compõe-se de alpendre (hoje utilizado como divisão de casa, encontrando-se em recuperação), com frontão triangular e cabeceira com friso superior de tijoleiras cortadas em forma trilobada.

No seu interior, conserva a estrutura seiscentista da arte barroca. A nave, de planta retangular e teto redondo, tem alçados lisos. A capela-mor, antecedida por arco mestre, possui um nicho recortado, retilíneo, onde se venerou a imagem de Nossa Senhora da Conceição (perdida) (Espanca, 1975, 248).

**Acessos** A 6km da Estrada Nacional n.º 381, na cota mais alta, próximo do Monte de Pero Crespo, Serra D'Ossa, Monte das Cortes (difícil acesso)

**Uso do Solo** Agrícola/ Pastoreio

**Conservação/Ameaças** Bom/ Sem ameaças

## Bibliografia

Vide COSTA, Mário Alberto Nunes (1961) - *Estremoz e o seu concelho nas "Memórias Paroquiais de 1758"*. Coimbra: [s.n.], p. 146; ESPANCA, Túlio (1975) - *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (zona norte)*, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, p.247-248.

**Observações** A Ermida, é propriedade privada, servindo de casa de habitação.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico

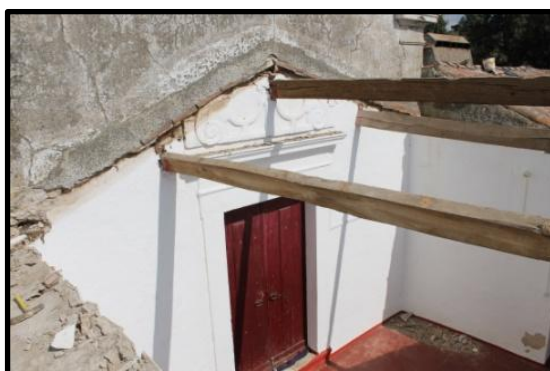


Figura 1, 2 e 3- Frontaria da Ermida



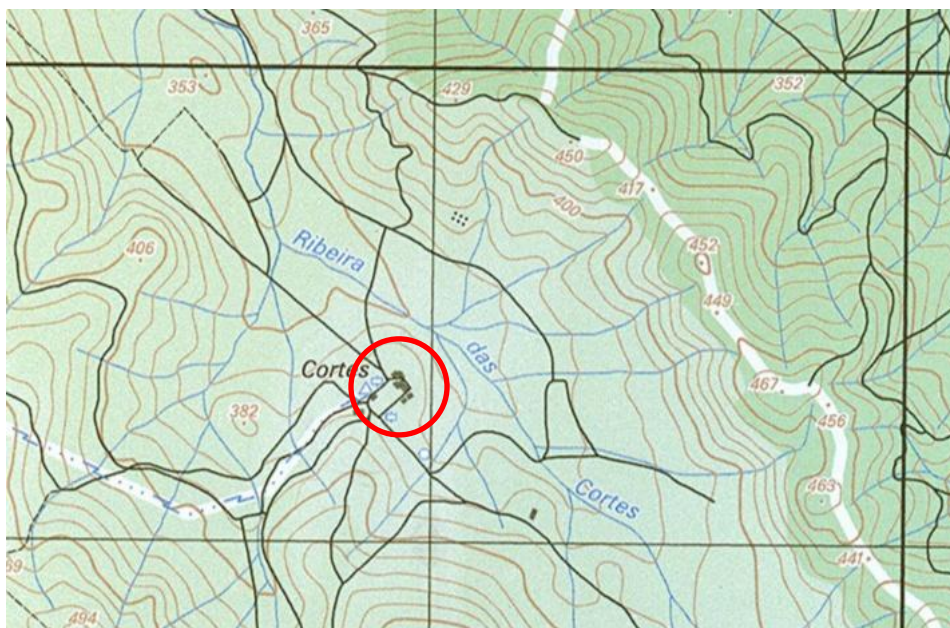
Figura 4 - Interior da Ermida



Figura 5- Nicho recortado, onde se venerou a imagem de Nossa Senhora da Conceição

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 439 com a localização da Ermida de Nossa Senhora da Conceição

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

Reproduzo a informação constante nos relatórios de trabalhos arqueológicos, visto que nos trabalhos de campo, nada foi observado: "Mancha de cerâmica de construção na encosta suave que forma o vale da margem esquerda do Barranco de Santa Luzia".

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha da Morgada, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Montalvo. O edifício foi restaurado, para ser adaptado a habitação, conservando apenas alguns elementos que faziam parte da azenha propriamente dita, nomeadamente o algeroz que conduzia a água até à roda vertical, e as mós que faziam parte da moenda.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. A Azenha da Morgada aparece apenas registada em PDM (1995), não aparecendo na listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz, podendo ter sido construída numa época posterior ao século XVIII.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

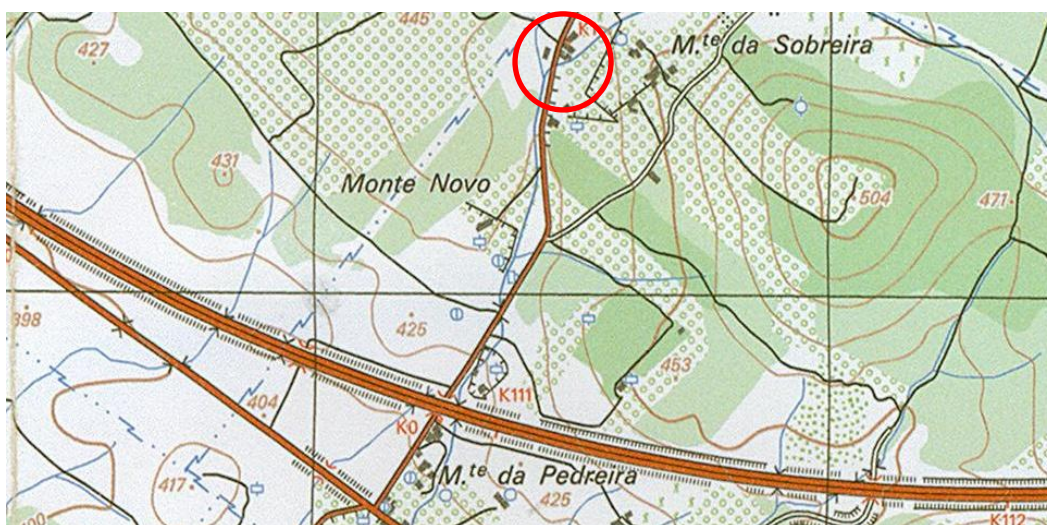
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Azulejo que se encontra à entrada da habitação, com a representação da azenha, ainda com a roda vertical.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha da Bandeira, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Montalvo. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício foi restaurado, para ser adaptado a habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha, à exceção de algumas das mós que faziam parte da moenda, que atualmente se encontram a decorar o exterior da casa.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

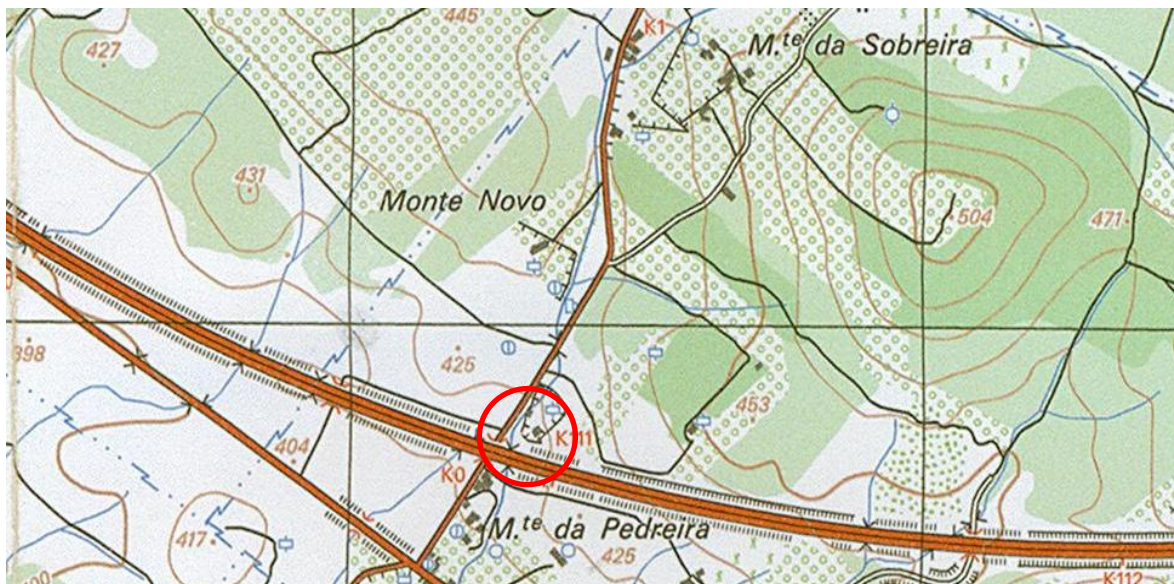
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Vestígios de mó que pertenciam à moenda da azenha.

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha da Pedreira, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Montalvo. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício construído em bloco, foi adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha. A água era transportada por uma levada térrea e por um algeroz, que ainda hoje se conserva, até chegar à roda vertical.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

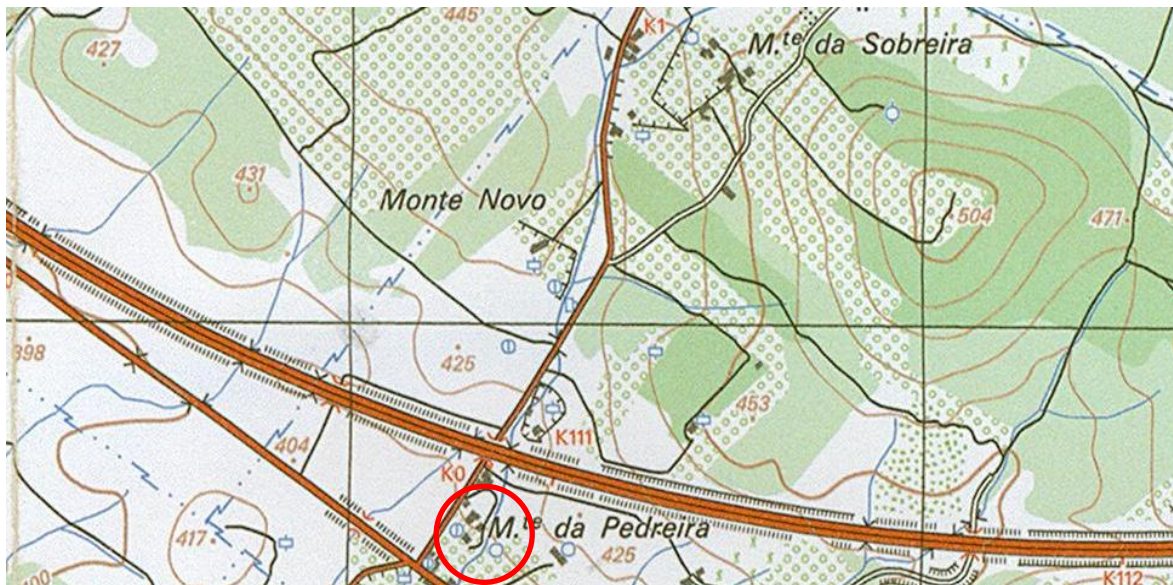
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



**Figura 1-** Vestígios do algeroz que conduzia a água até à roda vertical da azenha.

## Registo Cartográfico



**Mapa 1-** Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **210**

**Designação** Azenha da Laranjeira/ Azenha das Laranjeiras

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Glória

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º**

426

**Altitude (m)**

392m

**Coordenada (N)** 38° 48.268'

**Coordenada (W)** 007° 33.102'

**Tipo de Sítio** Azenha

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

A Azenha das Laranjeiras, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Montalvo. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício foi restaurado, para ser adaptado a habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha, à excepção de algumas das mós que faziam parte da moenda, que atualmente se encontram a decorar o exterior da casa.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

**Acessos** Estrada Municipal 508-2, direção Glória (igreja), do lado esquerdo da estrada.

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Destruído

## Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

## Observações

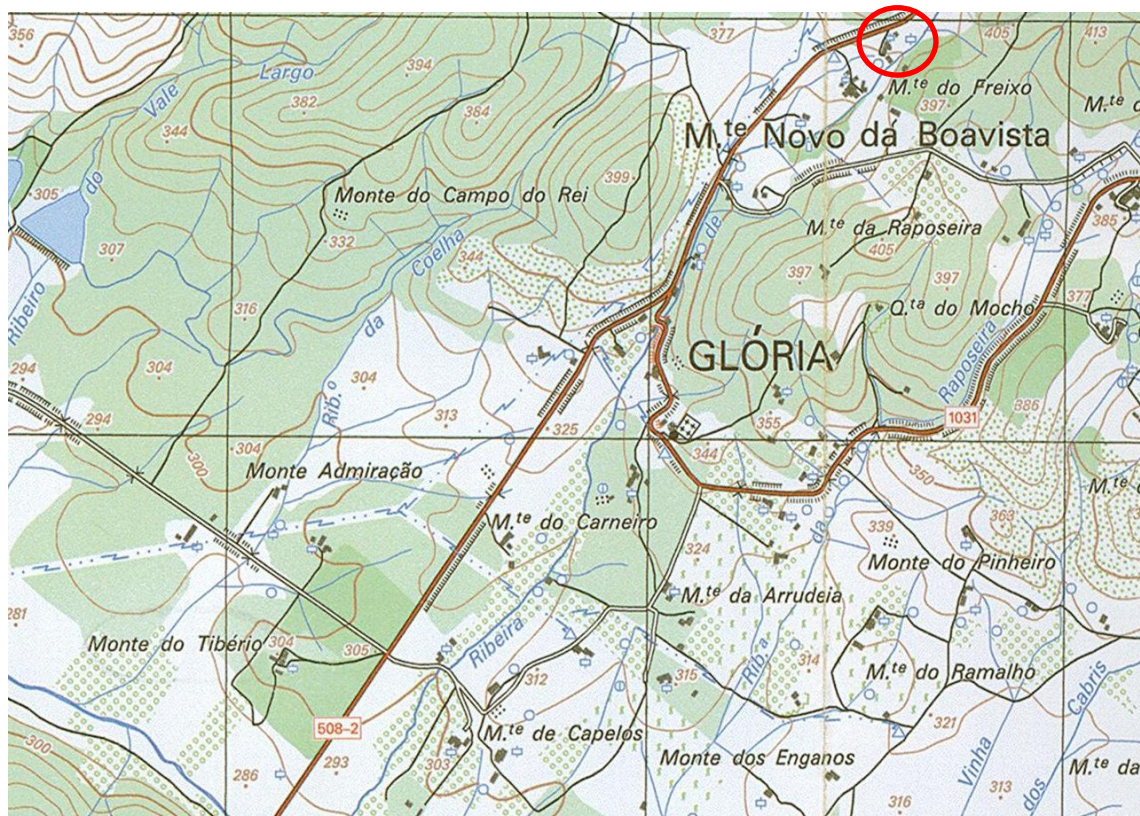
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Vestígios de mós que pertenciam à moenda da azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **211**

**Designação** Azenha Nova/ Azenha do Cabaço

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Glória

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA**

**CMP 1:25 000 folha n.º** 426

**Altitude (m)** 375m

**Coordenada (N)** 38° 48.195'

**Coordenada (W)** 007° 33.102'

**Tipo de Sítio** Azenha

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

A Azenha Nova, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Montalvo. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício, foi adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha. A água era transportada por uma levada térrea e por um algeroz, que ainda hoje se conserva, até chegar à roda vertical.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

**Acessos** Estrada Municipal 508-2, direção Glória (igreja), do lado esquerdo da estrada.

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Em perigo

**Bibliografia** PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

**Observações**

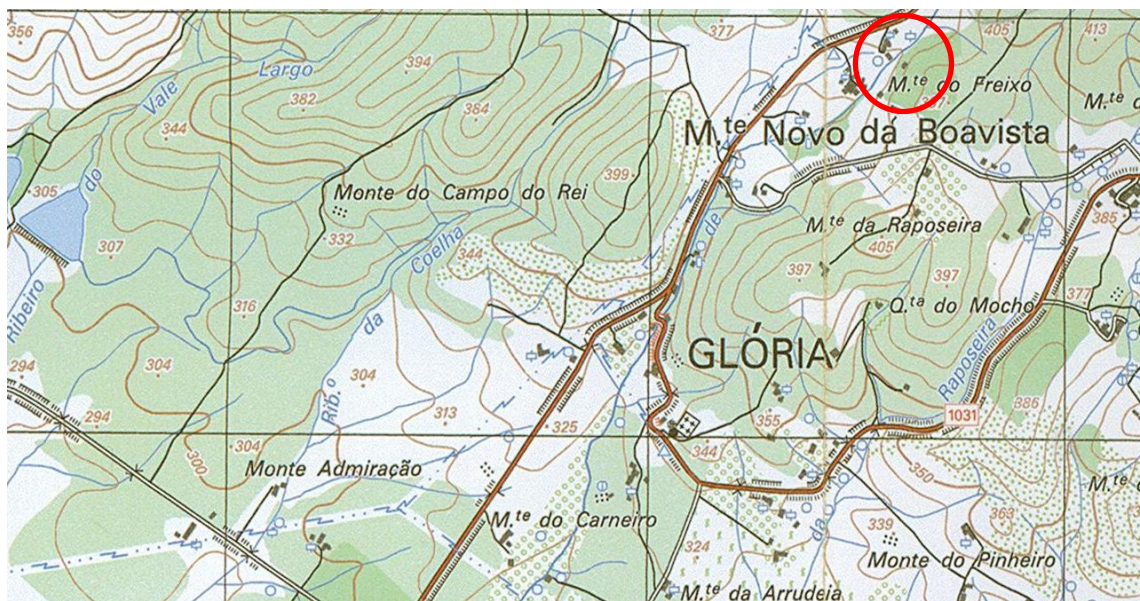
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Vestígios do algeroz que conduzia a água até à roda vertical da azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha da Parreira, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Montalvo. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício, foi adaptado para habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha. A água era transportada por um algeroz feito em pedra, que ainda hoje se conserva e em muito bom estado, até chegar à roda vertical.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



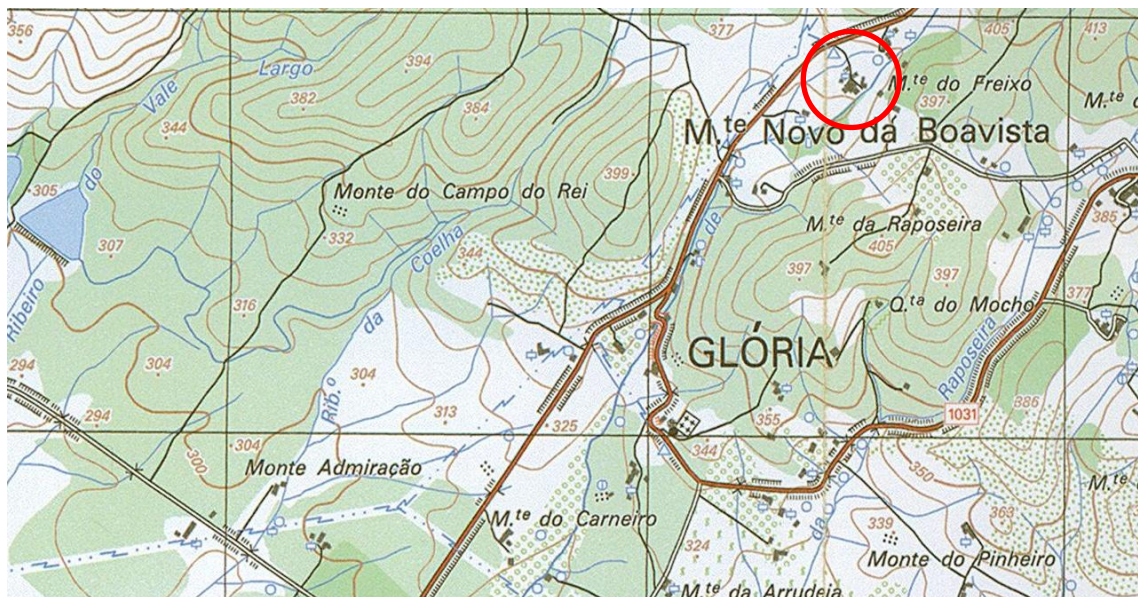
**Figura 1-** Vestígios do algeroz que conduzia a água até à roda vertical da azenha.



**Figura2-** Local onde se encontrava a roda vertical da azenha.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar n.º 426 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha do Cerrado de Montalvo, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Montalvo. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício foi adaptado a habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha, à exceção de algumas das mós que faziam parte da moenda, que atualmente se encontram a decorar o exterior da casa.

Esta azenha não se encontra referenciada, apenas é conhecida pelos proprietários e pelos habitantes da freguesia. Poderá ter sido construída numa época posterior ao século XVIII, visto que não aparece no mapa das azenhas e pisões que existiram no termo de Estremoz (1780).

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

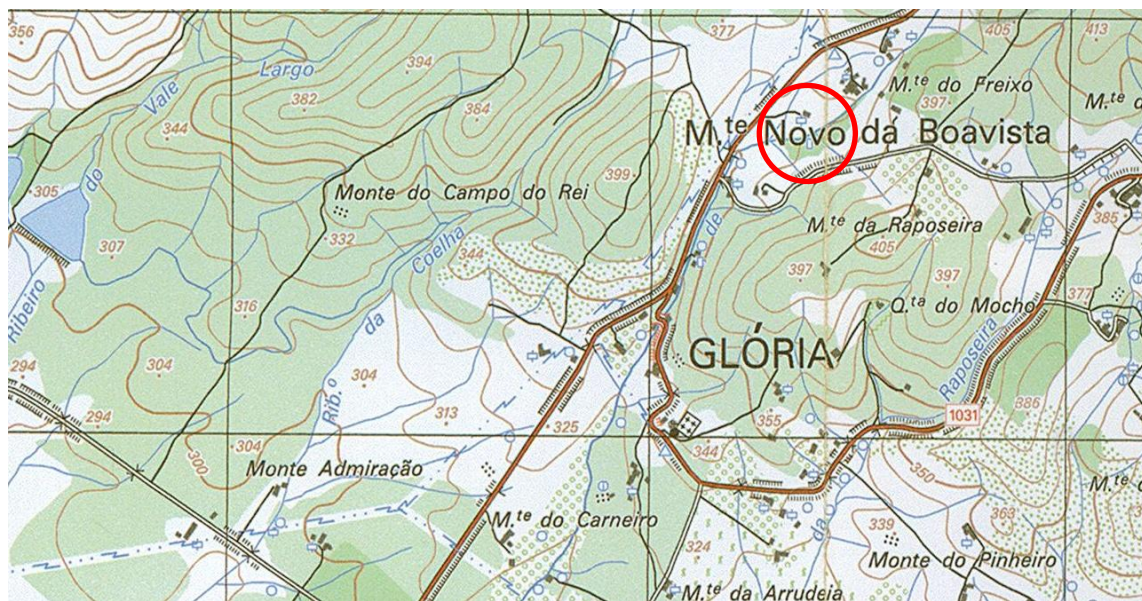
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Vestígios de mó que pertenciam à moenda da azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **214**

Designação **Azenha das Janelas**

Distrito **Évora**

Concelho **Estremoz**

Freguesia/Lugar **Glória**

Topónimo

CNS/N.º IPA

CMP 1:25 000 folha n.º

**426**

Altitude (m)

**351m**

Coordenada (N) **38° 48.016'**

Coordenada (W) **007° 33.496'**

Tipo de Sítio **Azenha**

Período Cronológico **Moderno**

## Descrição do Sítio

A Azenha das Janelas, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Montalvo. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício foi restaurado, para ser adaptado a habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha, à exceção do algeroz que conduzia a água até à roda vertical e algumas das mós que faziam parte da moenda.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos **Estrada Municipal 508-2, direcção Glória (igreja), do lado esquerdo da estrada.**

Uso do Solo **Urbano**

Conservação/Ameaças **Destruido**

## Bibliografia

PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

## Observações

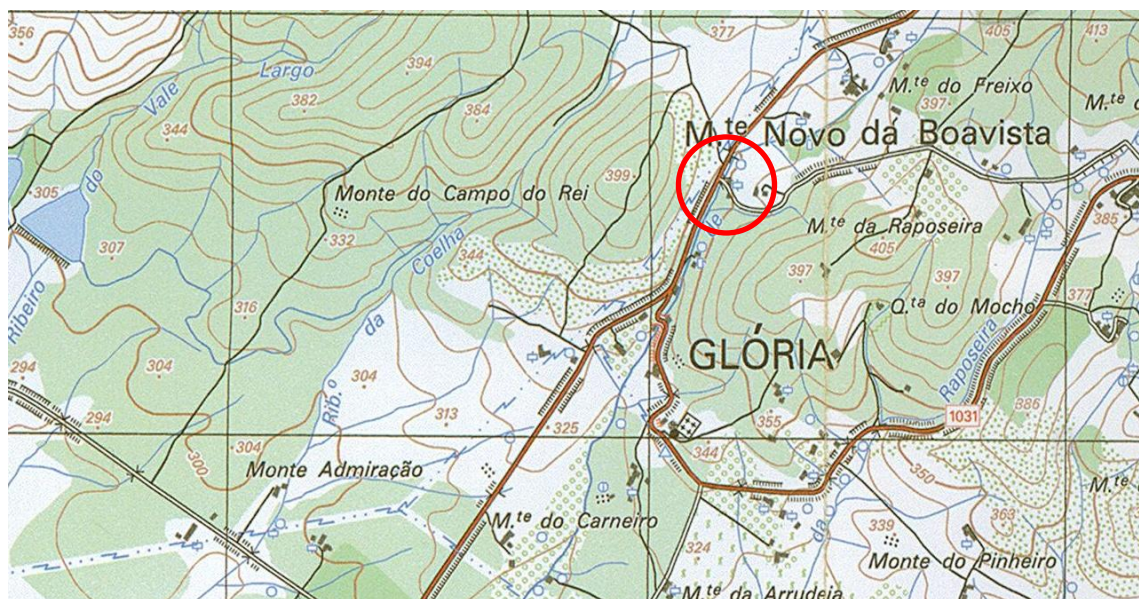
# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1 e 2- Vestígios das mós que pertenciam à moenda da azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS/N.º IPA  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

A Azenha da Fonte, faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Montalvo. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício foi restaurado, para ser adaptado a habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha, à exceção de algumas das mós que faziam parte da moenda.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



Figura 1- Vestígios das mós que pertenciam à moenda da azenha.

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Azenha

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º **216**

**Designação** Azenha do Matamouros

**Distrito** Évora

**Concelho** Estremoz

**Freguesia/Lugar** Glória

**Topónimo**

**CNS/N.º IPA** **CMP 1:25 000 folha n.º** 426 **Altitude (m)** 317m

**Coordenada (N)** 38° 47.515'

**Coordenada (W)** 007° 33.786'

**Tipo de Sítio** Azenha

**Período Cronológico** Moderno

## Descrição do Sítio

A Azenha do Matamouros faz parte de um conjunto de engenhos hidráulicos que se localizam ao longo do leito da Ribeira de Montalvo. Da azenha propriamente dita, pouco ou nada resta. O edifício foi adaptado a habitação e por esse motivo já não se conservam os elementos que faziam parte da azenha, à exceção do algeroz que conduzia a água até à roda vertical e de algumas das mós que faziam parte da moenda.

A partir da documentação estudada, não nos foi possível chegar a uma conclusão devidamente fundamentada, sobre a época de construção desta azenha, isto porque a maior parte da documentação não é clara quanto a esta matéria. No entanto, existe um documento datado de 1780, onde se faz a listagem das azenhas e pisões que existiam nas ribeiras do termo de Estremoz que faz a referência a este engenho. Apesar de não serem documentos conclusivos, podemos ponderar que no século XVII, esta azenha já estaria em laboração.

**Acessos** Estrada Municipal 508-2, direção Glória (igreja), do lado esquerdo da estrada.

**Uso do Solo** Urbano

**Conservação/Ameaças** Destruído

**Bibliografia** PDM de Estremoz (1995);  
PT- AMETZ/CMETZ/D – 1, Série: *Azenhas e Pisões* [1780].

**Observações**

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Fotográfico



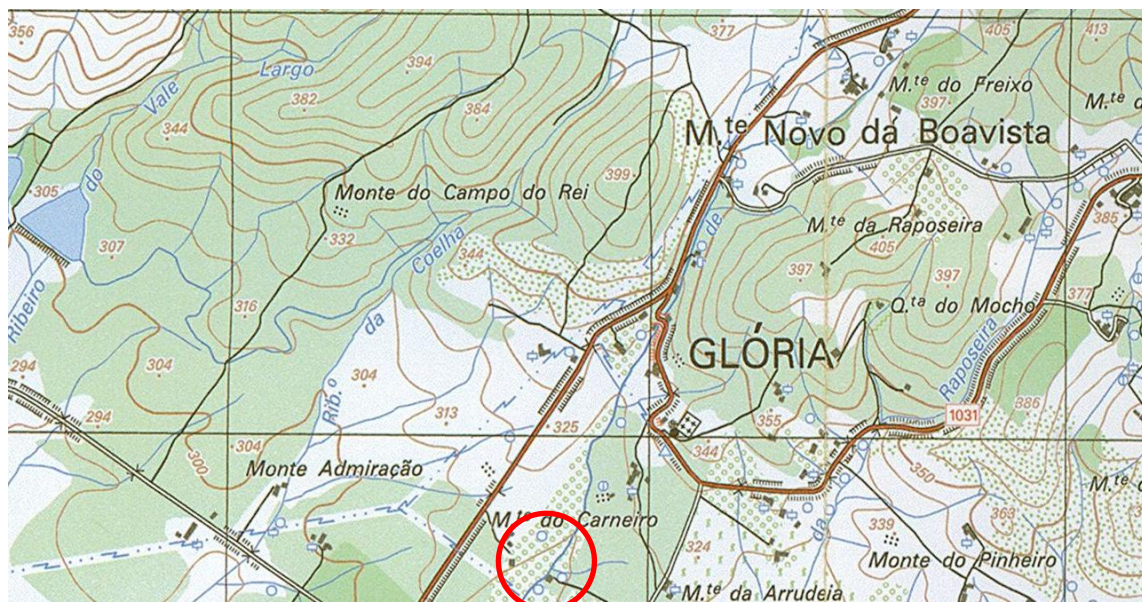
**Figura 1-** Vestígios do algeroz que conduzia a água até à roda vertical.



**Figura 2-** Vestígios das mós que pertenciam à moenda da azenha.

# FICHA DE SÍTIO

## Registo Cartográfico



Mapa 1- Pormenor da carta militar nº 426 com a localização da Azenha

**LOCAL  
INDETERMINADO**



# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito  Concelho

Freguesia/Lugar  Topónimo

CNS  CMP 1:25 000 folha n.º  Altitude (m)

Coordenada (N)  Coordenada (W)

Tipo de Sítio  Período Cronológico

## Descrição do Sítio

O sítio não foi relocalizado durante os trabalhos de campo, no entanto num artigo de Saavedra Machado, é feita uma pequena referência a "investigações arqueológicas", "Em várias estações romanas, nos arredores de Estremoz", nomeadamente na "Eira do Madruga" (Machado,1964, p.112-113). Este sítio encontra-se registado em PDM, como tendo sido identificados neste local, vestígios pertencentes à época romana. O local não possui coordenadas, pelo que não foi possível a sua relocalização.

Acessos

Uso do Solo  Conservação/Ameaças

Bibliografia

Observações

# FICHA DE SÍTIO

FICHA N.º

Designação

Distrito

Concelho

Freguesia/Lugar

Topónimo

CNS

CMP 1:25 000 folha n.º

Altitude (m)

Coordenada (N)

Coordenada (W)

Tipo de Sítio

Período Cronológico

## Descrição do Sítio

O sítio não foi relocalizado durante os trabalhos de campo, no entanto num artigo de Saavedra Machado, é feita uma pequena referência a "investigações arqueológicas", "Em várias estações romanas, nos arredores de Estremoz", nomeadamente na "Freixeirinha" (Machado,1964, p.112-113). O local não possui coordenadas, pelo que não foi possível a sua relocalização.

Acessos

Uso do Solo

Conservação/Ameaças

Bibliografia

*Vide MACHADO, Saavedra (1964) - Subsídios para a História do Museu Etnológico do Doutor Leite Vasconcelos. In Archeologo Português. N.s. Vol. 5. Lisboa: Museu Ethnographico Português.*

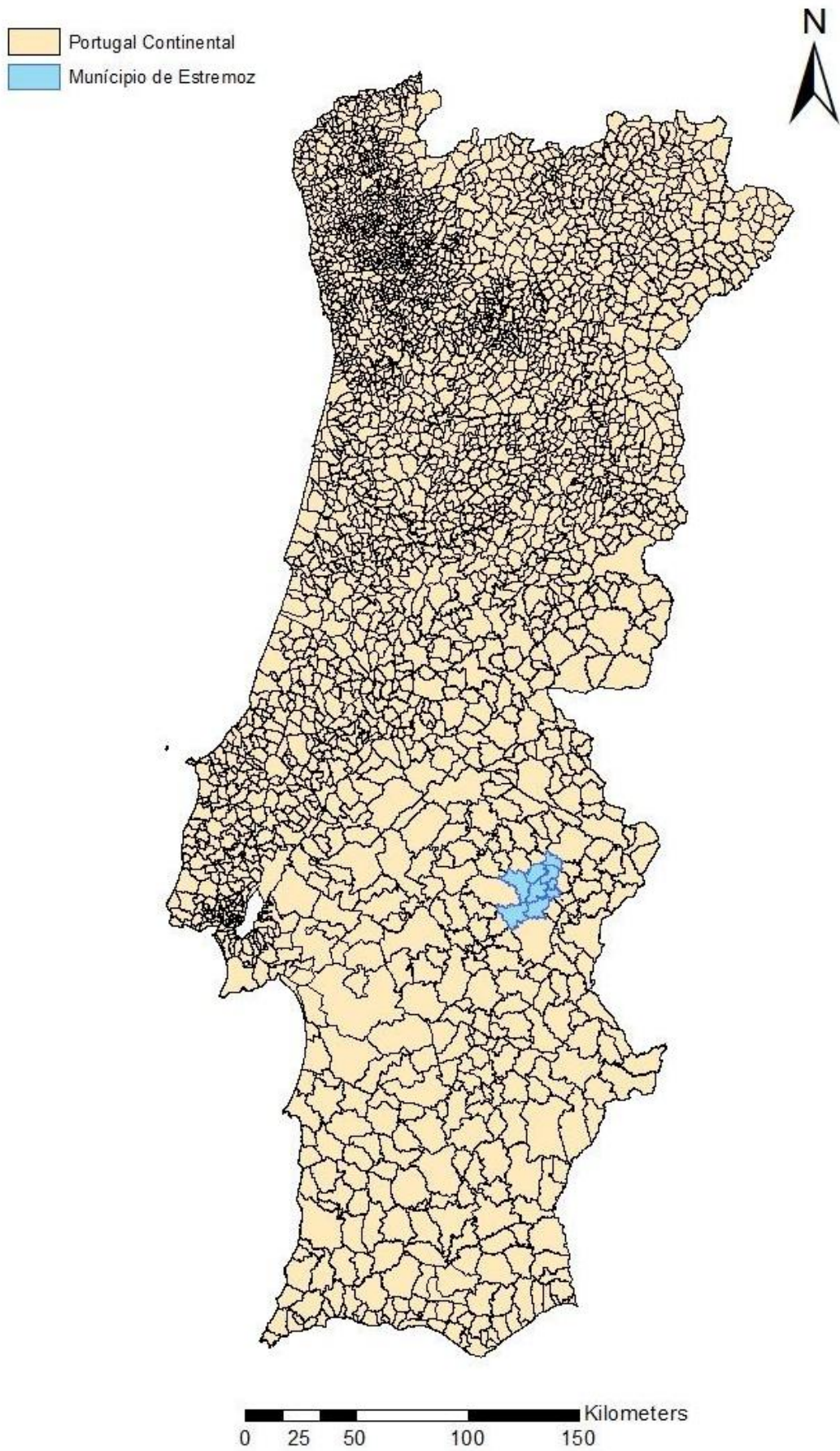
Observações

O local não foi relocalizado

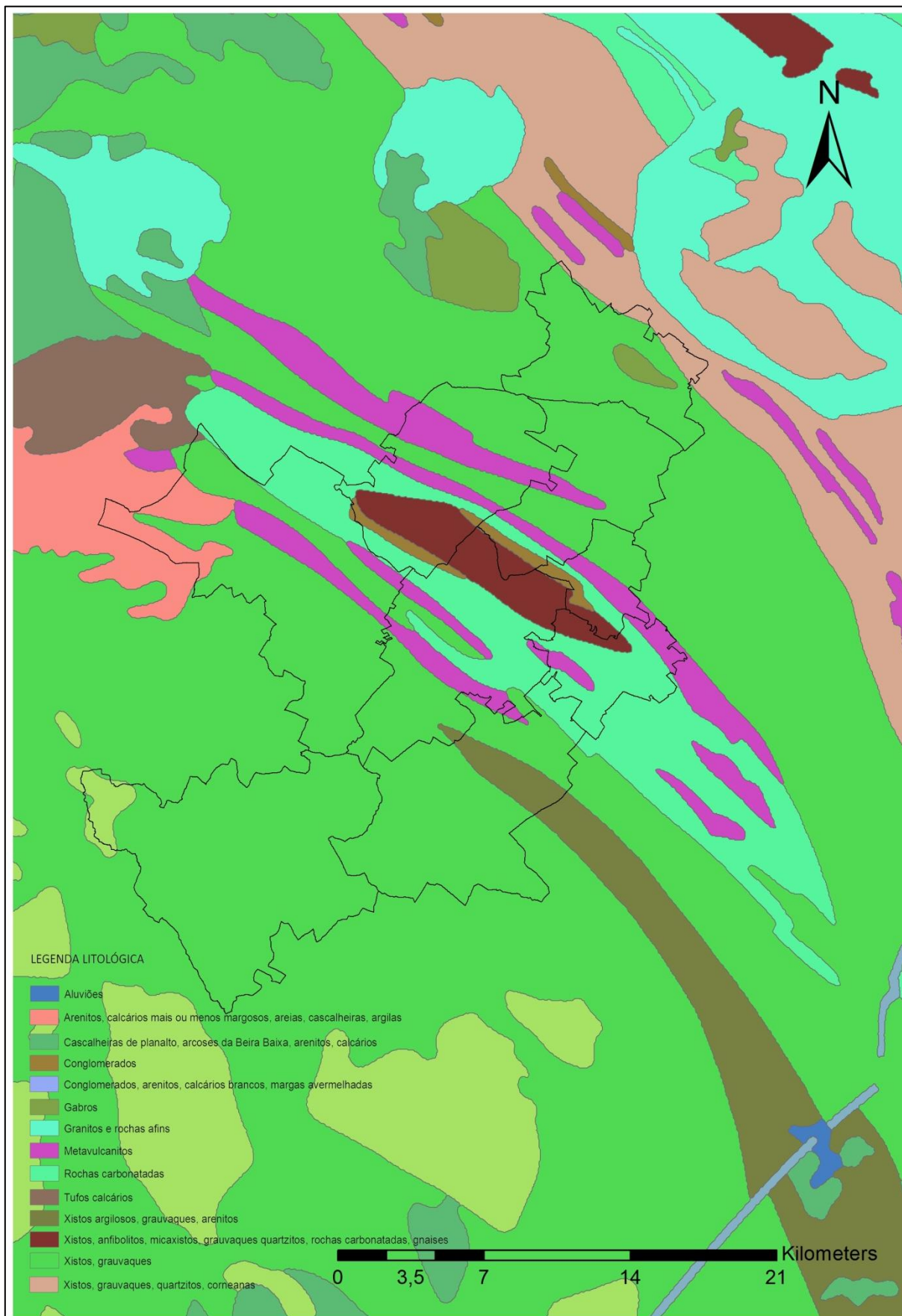
# **ANEXO III**

## Cartografia

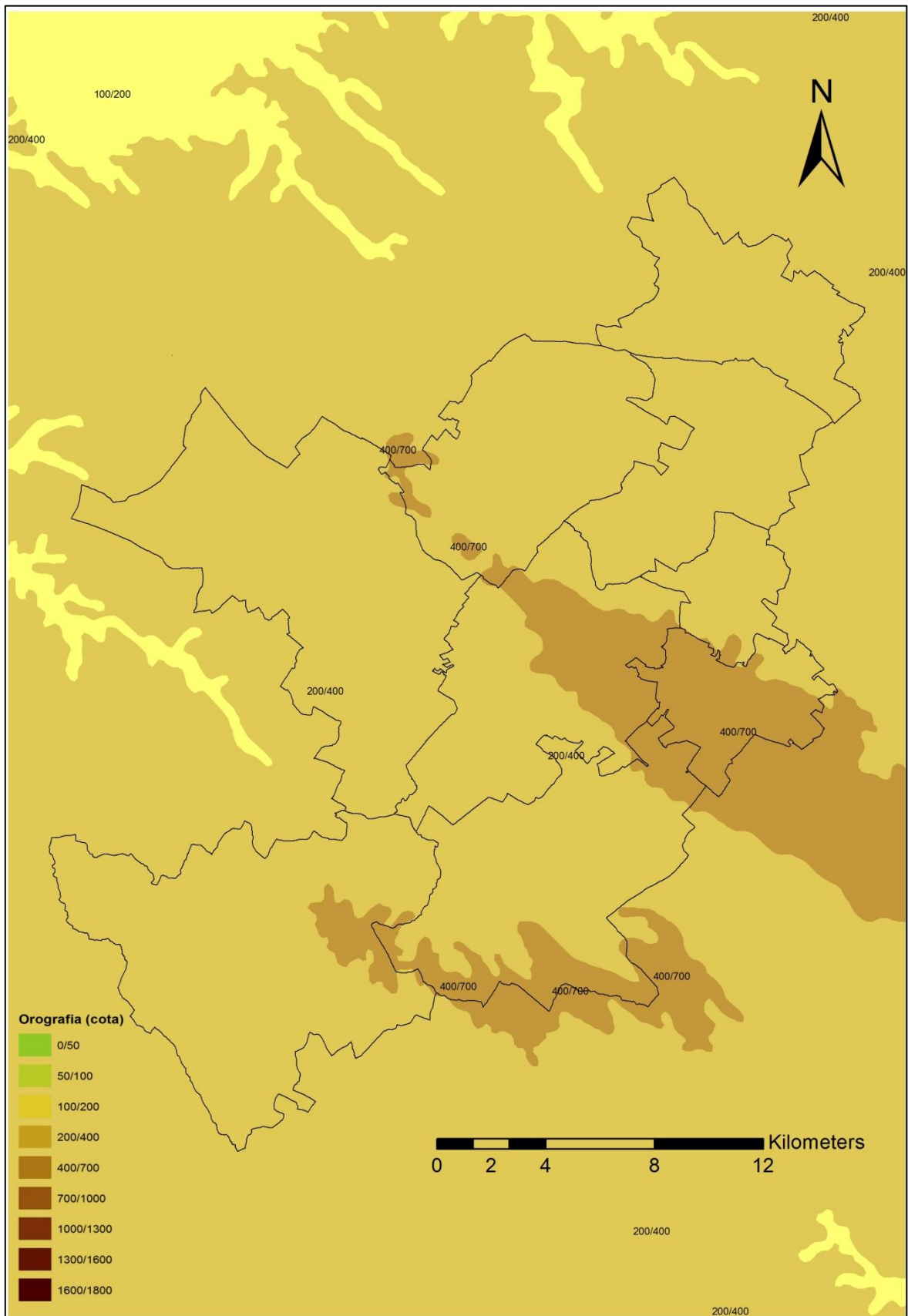




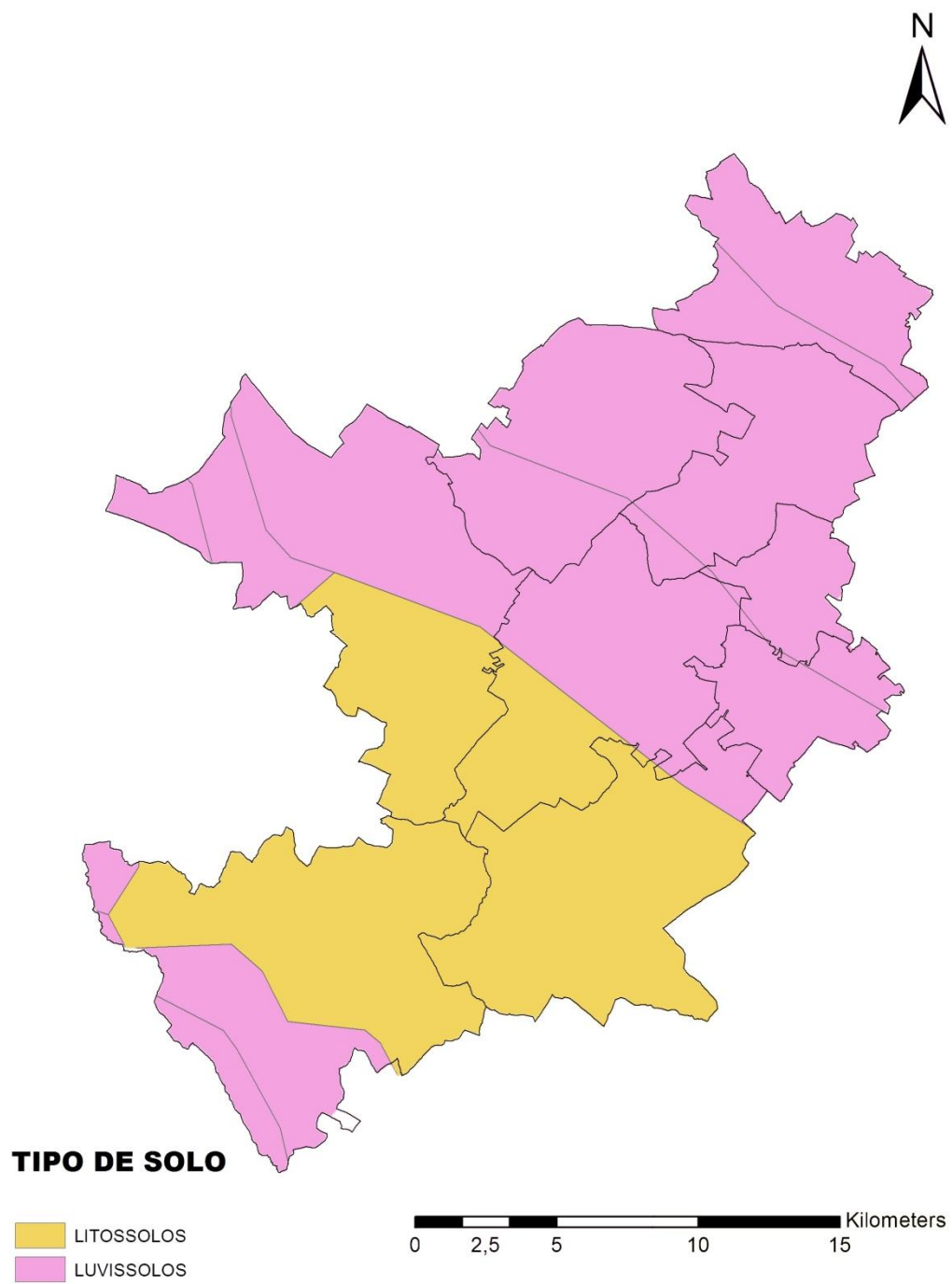
**Mapa 1** - Localização do Município de Estremoz no mapa de Portugal



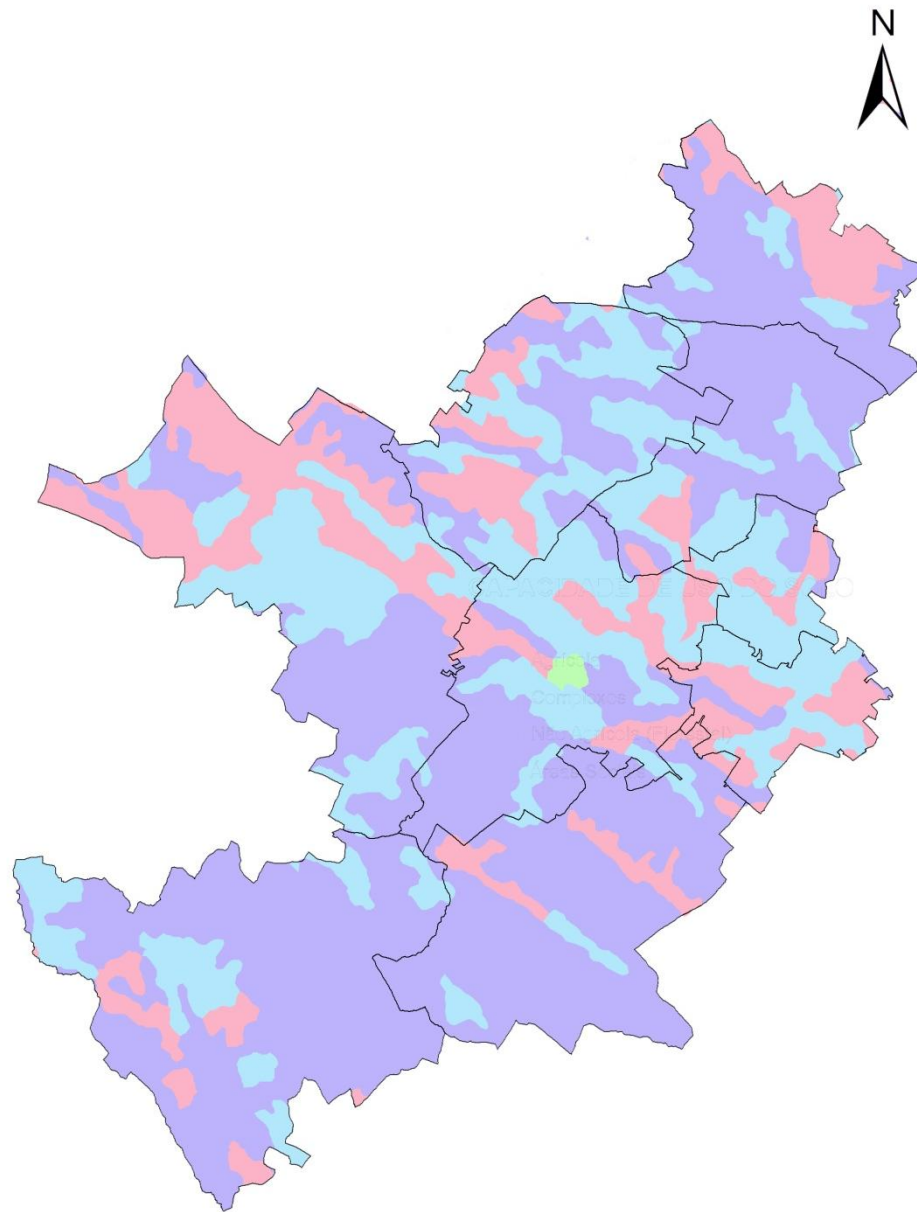
**Mapa 2-** Litologia do concelho de Estremoz



**Mapa 3-** Hipsometria do concelho de Estremoz



**Mapa 4-** Tipologias de solos



**CAPACIDADE DE USO DO SOLO**

- Agrícola
- Complexos
- Não Agrícola (Florestal)
- Áreas Sociais



**Mapa 5 - Capacidade de uso do solo**



**Mapa 6-** Hidrografia do município de Estremoz

# **ANEXO IV**

## Documentação gráfica e fotográfica





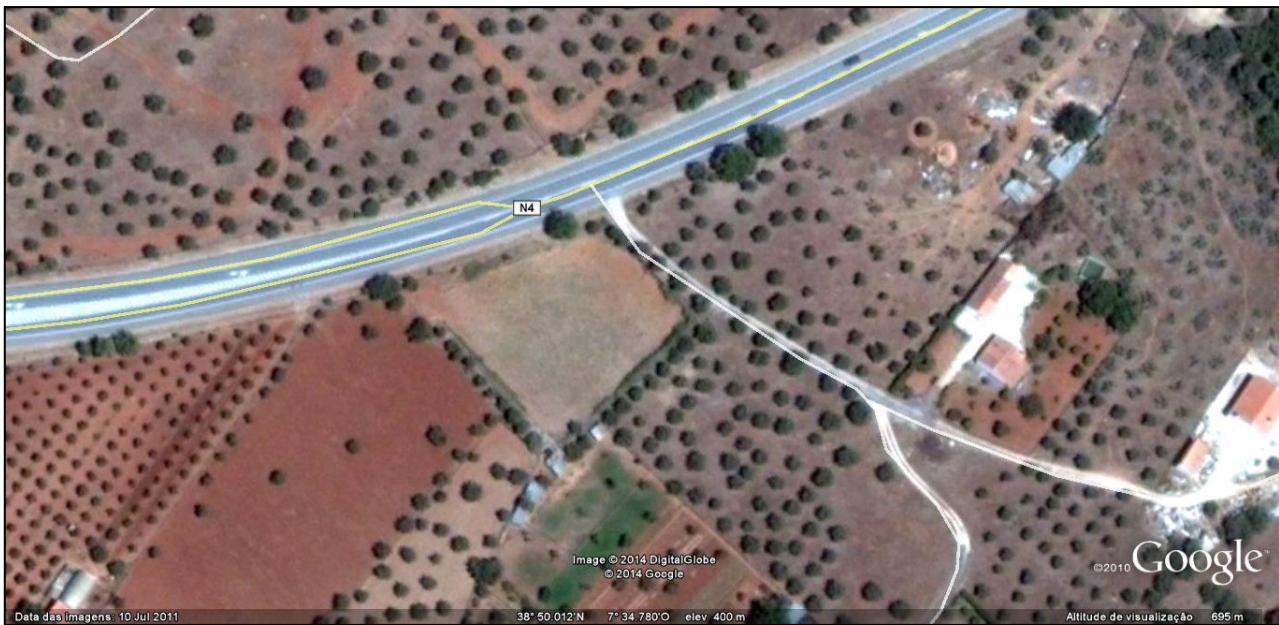
**Figura 1** - Bracelete de ouro encontrado em Estremoz, pertencente ao Museu Arqueológico de Madrid (imagem disponível no site: <http://ceres.mcu.es/pages/Main>, acesso 12-12-2013)



**Figura 2** - Vista geral da área da escavação - Campanha arqueológica realizada em Evoramonte no ano de 2009 (segundo Mataloto e Alves, 2009, p. 2)



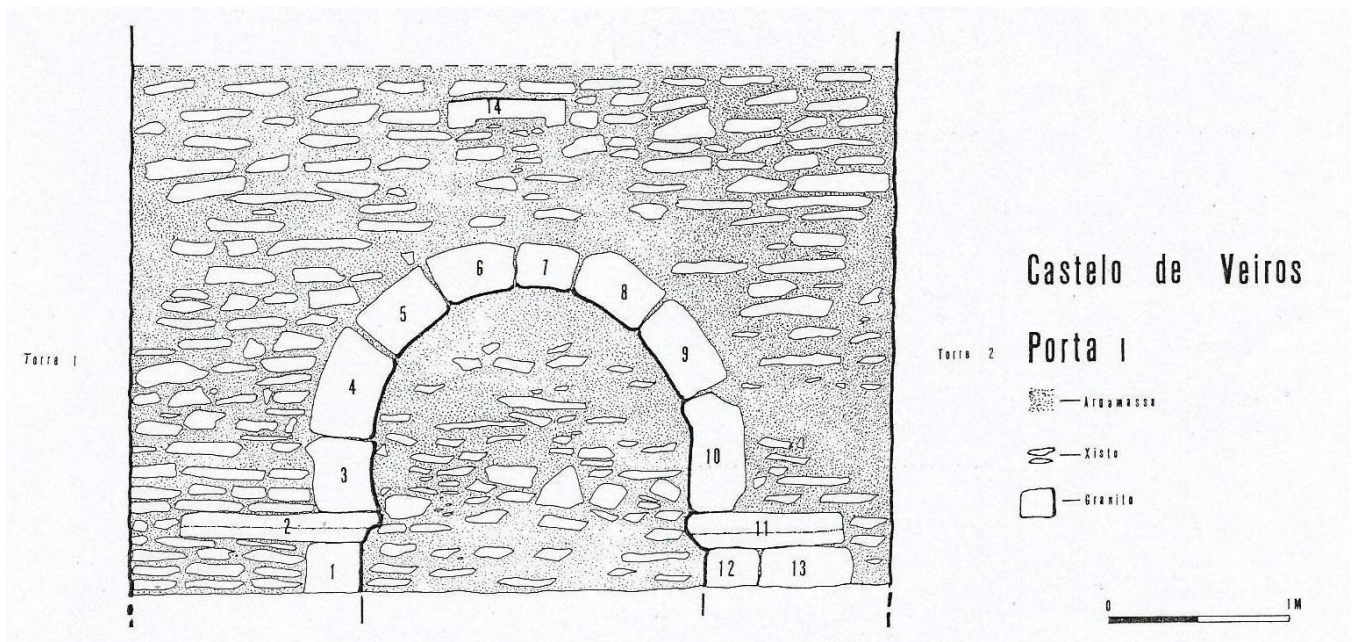
**Figura 3 - Fotografia satélite do povoado do Castelo Velho**



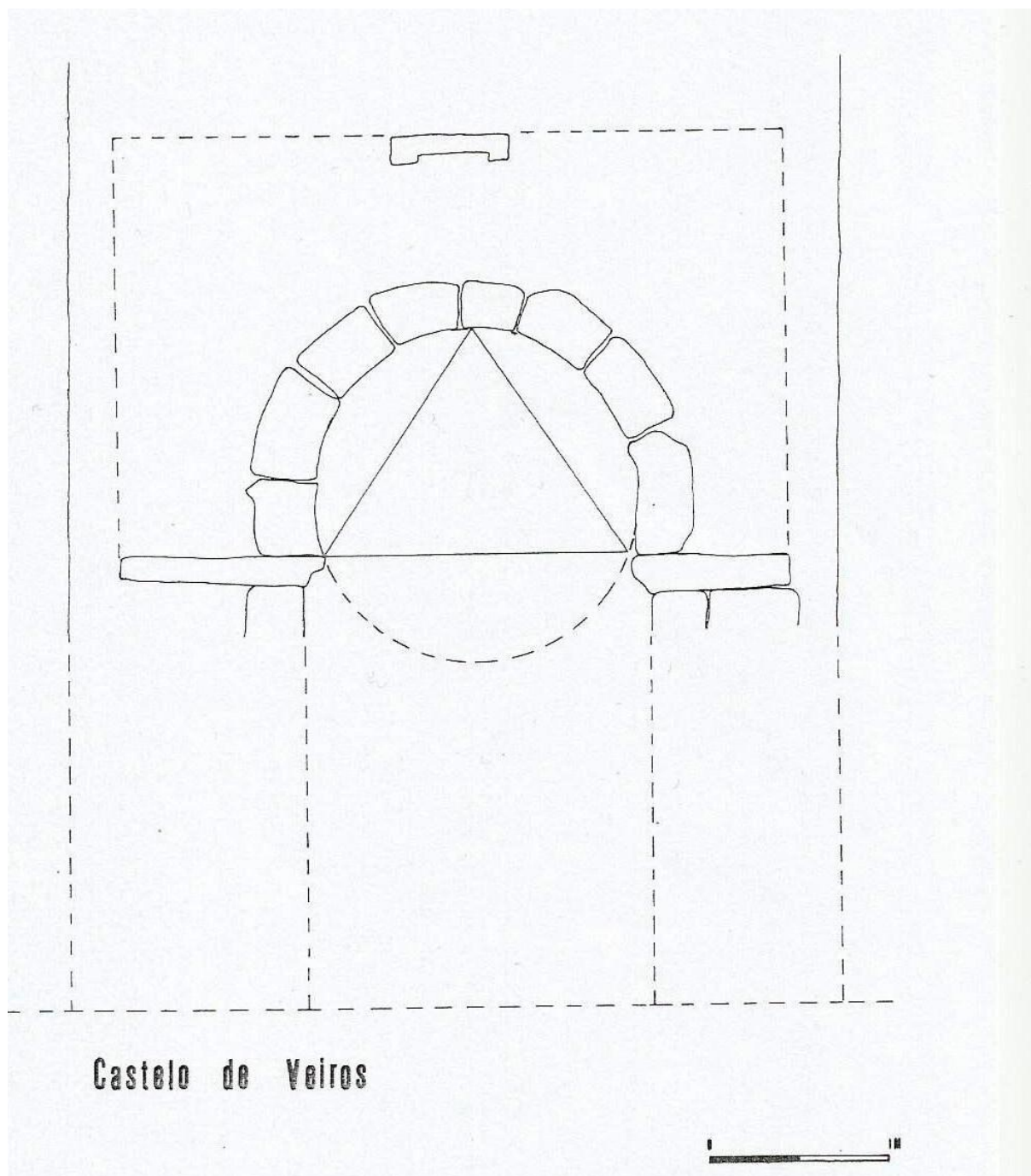
**Figura 4 - Fotografia satélite do Tanque dos Mouros**



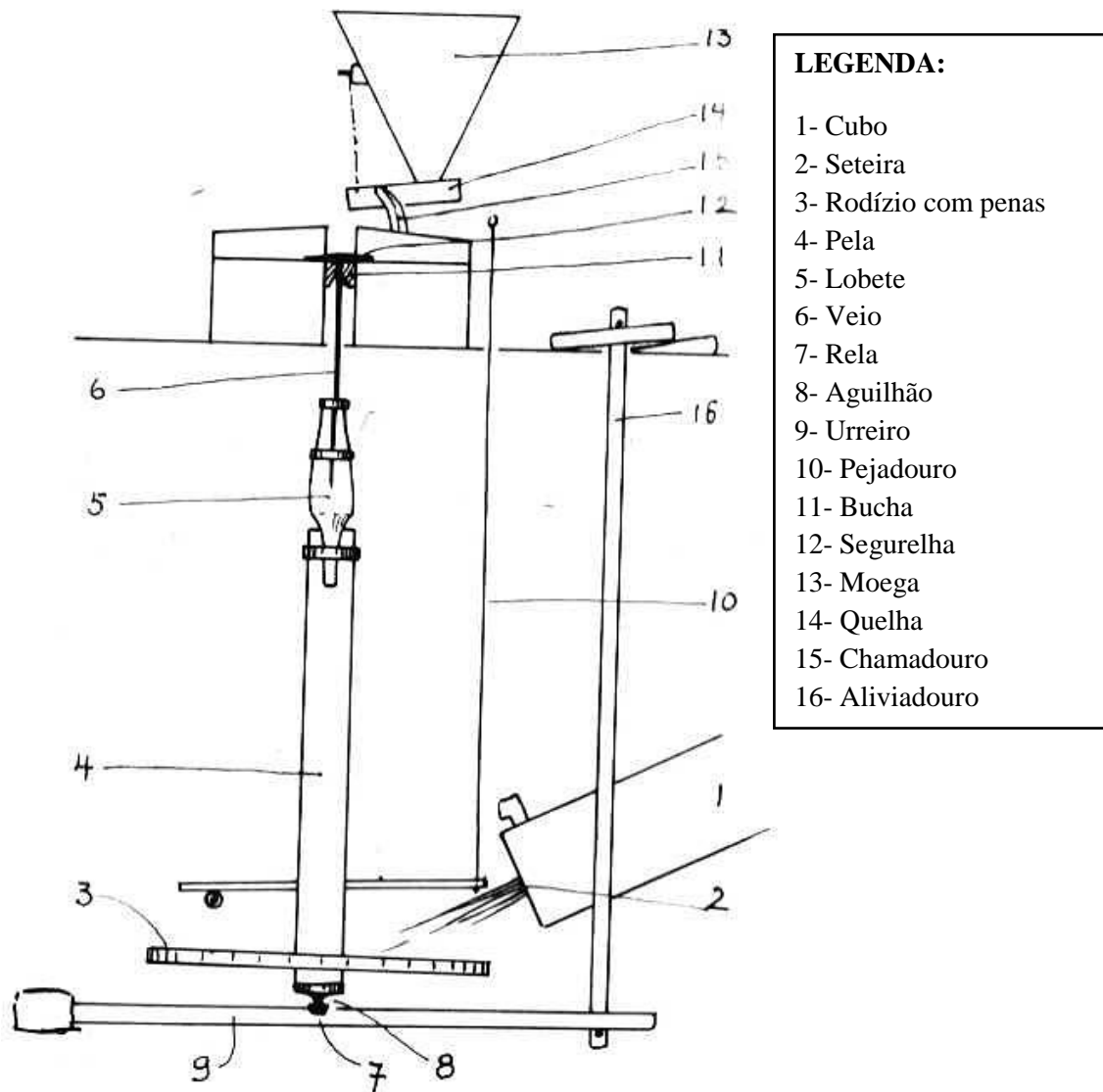
**Figura 5** - Sondagem arqueológica realizada em Estremoz - Portas de Santarém (segundo Santos e Liberato, 2009)



**Figura 6** - Porta Muçulmana do Castelo de Veiros (segundo Carvalho e Fernandes, 1997, p.195).

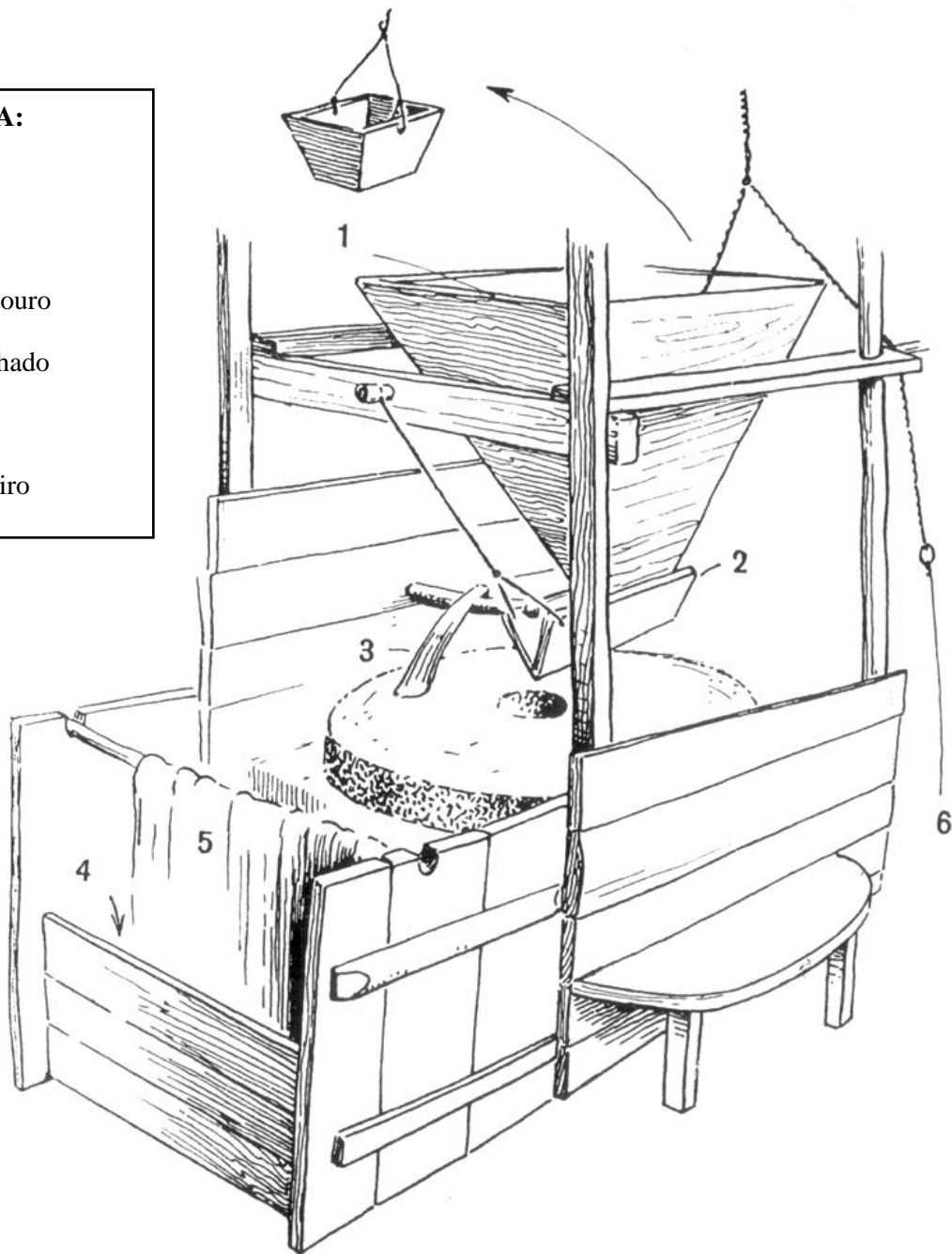


**Figura 7** - Arco da Porta Muçulmana do Castelo de Veiros (segundo Carvalho e Fernandes, 1997, p.196)

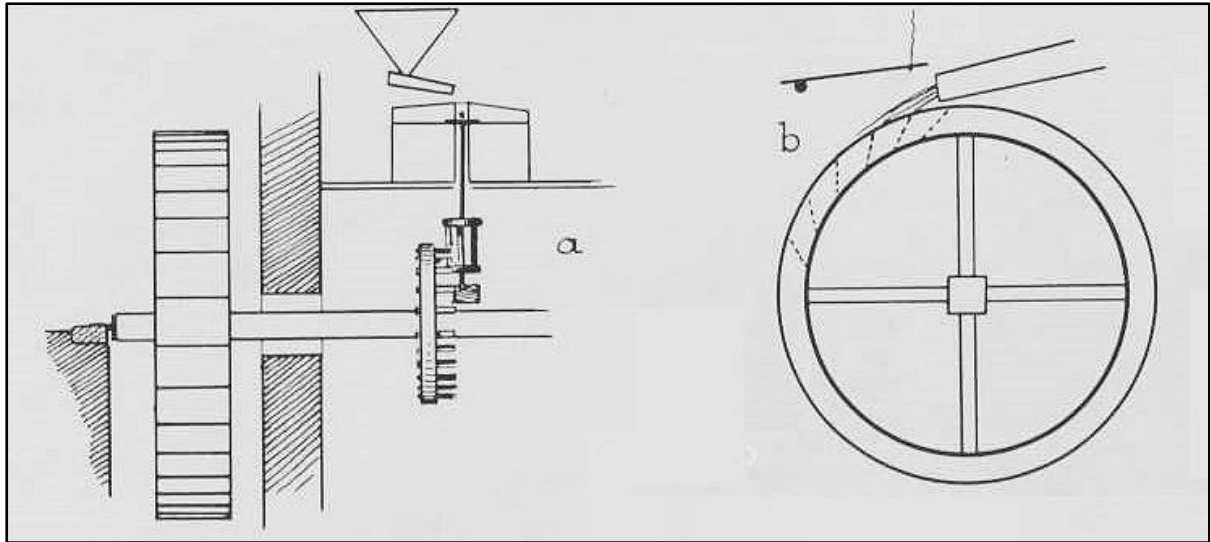


**Figura 8** - Esquema de funcionamento de um moinho de rodízio (segundo Dias, Oliveira e Galhano, 1959, p. 10).

- LEGENDA:**
- 1- Moega
  - 2- Quelha
  - 3- Chamadouro
  - 4- Tremonhado
  - 5- Taleiga
  - 6- Telhedoiro



**Figura 9-** Sistema de Moagem (segundo Dias, Oliveira e Galhano, 1959, p. 15)

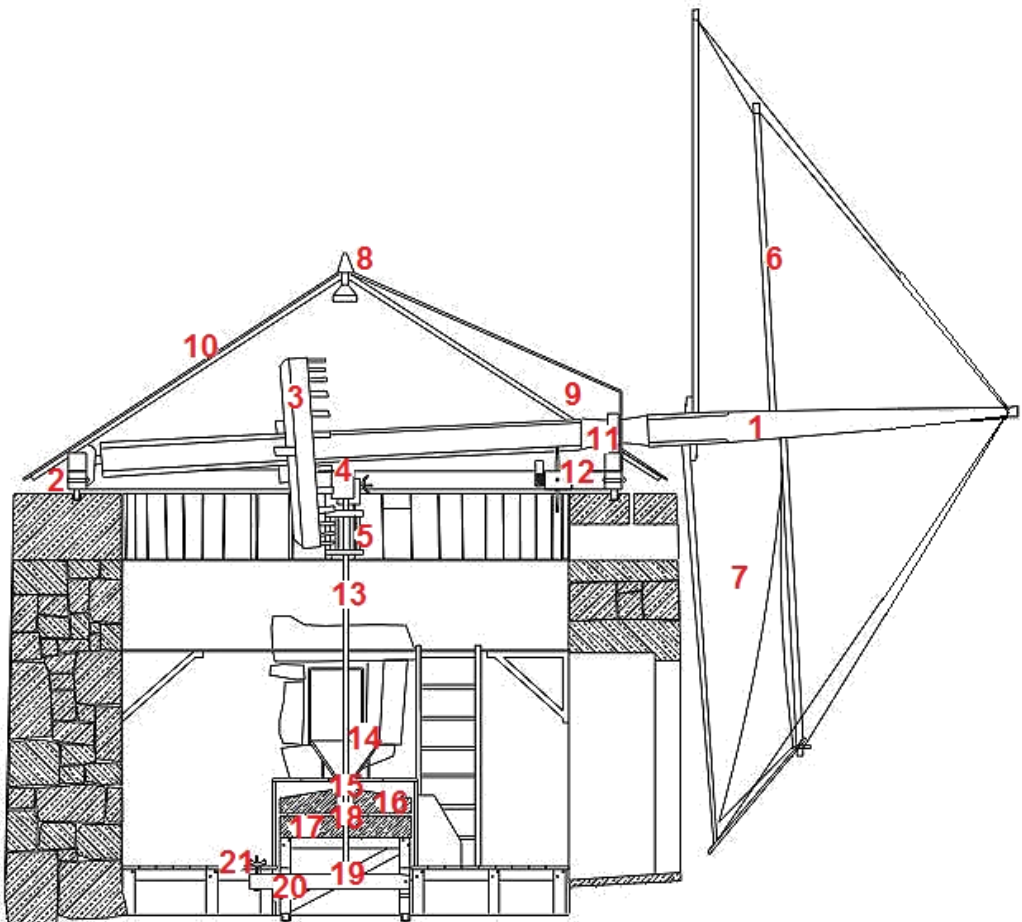


**LEGENDA:**

**a-** Desenho esquemático de uma azenha **b-** Roda de azenha de copos

**Figura 10-** Esquema de funcionamento de uma azenha (segundo Dias, Oliveira e Galhano, 1959, p. 51).

- Legenda :**
- 1- Mastro
  - 2- Fechal
  - 3- Entrosga
  - 4- Ponte
  - 5- Carreto
  - 6- Vara
  - 7- Velas
  - 8- Peão
  - 9- Cavalete
  - 10- Capelo
  - 11- Malhais
  - 12- Sarilho
  - 13- Veio
  - 14- Tremonhado
  - 15 - Quelha
  - 16- Mó (andadeira)
  - 17- Mó (pouso)
  - 18- Segurelha
  - 19- Rela
  - 20- Urreiro
  - 21- Aliviadouro



**Figura 11-** Esquema de funcionamento de um moinho de vento ( imagem disponível no site <http://www.cm-carradadeansiaes.pt>, acesso 03-02-2014)